UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade De Filosofia E Ciências Humanas
Programa De Pós-Graduação Em Antropologia

Mariana Oliveira e Souza

A BELEZA DA FARTURA
NA REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE

Belo Horizonte
2024

Mariana Oliveira e Souza

A BELEZA DA FARTURA
NA REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de doutora em Antropologia.

Orientador (a): Profa. Dra. Deborah de Magalhães Lima

Belo Horizonte
2024

306
S729b
2024

Souza, Mariana Oliveira e.
A beleza da fartura na região metropolitana de Belo Horizonte [manuscrito] / Mariana Oliveira e Souza. - 2024.
337 f. : il.
Orientadora: Deborah de Magalhães Lima.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
Inclui bibliografia.

1.Antropologia – Teses. 2. Agricultura urbana – Teses. 3.Alimentos - Teses. I. Lima, Deborah. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Ficha catalográfica elaborada por Vilma Carvalho de Souza - Bibliotecária - CRB-6/1390

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

ATA DA DEFESA DE TESE DE DOUTORADO EM ANTROPOLOGIA DE MARIANA OLIVEIRA E SOUZA (MATRÍCULA N.º 2019650848)

Aos 08 (oito) dias do mês de novembro de 2024 (dois mil e vinte e quatro), reuniu-se às 08:30 horas, por meio da plataforma virtual *Google Meet*, a Comissão Examinadora para julgar em exame final a Tese intitulada: **"A BELEZA DA FARTURA NA REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE"**, requisito final para a obtenção do Grau de Doutor(a) em Antropologia, área de concentração: Antropologia Social - linha de pesquisa: Antropologia da Arte, da Ciência e da Tecnologia. A Comissão Examinadora foi composta pelos(as) professores(as) doutores(as): **Déborah de Magalhães Lima – Orientadora, Magda dos Santos Ribeiro, Sibelle Cornélio Diniz da Costa, Emmanuel Duarte Almada, Laure Emperaire, Joana Cabral de Oliveira**. Abrindo a sessão, a Presidente da Comissão, Profa. Déborah de Magalhães Lima, após dar a conhecer aos(às) presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra à doutoranda, Mariana Oliveira e Souza, para apresentação da sua Tese. Seguiu-se a arguição pelos(as) examinadores(as), com a respectiva defesa da candidata. Logo após a arguição dos(as) examinadores(as), a Comissão se reuniu, sem a presença da doutoranda, para julgamento e expedição do resultado final. Concluída a reunião, os membros da Comissão Examinadora aprovaram a Tese por unanimidade e o resultado foi comunicado publicamente à candidata pela Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, a Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente ATA, que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora. Belo Horizonte, 08 de novembro de 2024.

Membros da Comissão Examinadora:

Déborah de Magalhães Lima (PPGAn/UFMG) – Orientadora

Magda dos Santos Ribeiro (PPGAn/UFMG)

Sibelle Cornélio Diniz da Costa (Cedeplar-FACE/UFMG)

Emmanuel Duarte Almada (UEMG)

Laure Emperaire (Institut de Recherche pour le Développement)

Joana Cabral de Oliveira (Unicamp)

Documento assinado eletronicamente por **Emmanuel Duarte Almada**, **Usuário Externo**, em 11/11/2024, às 20:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Laure Emperaire**, **Usuária Externa**, em

12/11/2024, às 06:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Magda dos Santos Ribeiro**, **Professora do Magistério Superior**, em 12/11/2024, às 16:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Sibelle Cornelio Diniz da Costa**, **Professora do Magistério Superior**, em 13/11/2024, às 10:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Deborah de Magalhaes Lima**, **Professora Magistério Superior - Voluntária**, em 13/11/2024, às 17:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Joana Cabral de Oliveira**, **Usuária Externa**, em 21/11/2024, às 16:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3629471** e o código CRC **C9B50B55**.

Referência: Processo nº 23072.258927/2024-74 SEI nº 3629471

Às minhas avós Tereza e Tuta, ao meu avô Raymundo;
À dona Catarina.

AGRADECIMENTOS

Agradeço minha orientadora, Deborah, pelo carinho, generosidade e rigor.

Ao PPGAn, especialmente Karenina, Magda, Rubinho e Andrei, agradeço não apenas pela formação oferecida, mas também pela compreensão em relação à minha condição discente. À Magda agradeço ainda pelas contribuições generosas em minha banca de qualificação.

Ao Espaço do Conhecimento da UFMG, agradeço a oportunidade oferecida na exposição Mundos Indígenas. Agradeço a Ana, Deborah, Sibelle, Renata, Dânia, Aninha, Robertinho, Aninha, Célia Xakriabá, Davi Kopenawa, Dona Liça, Seu Kanatyo e demais participantes pelas conexões entre antropologia e educação experimentadas.

À UEMG, agradeço pelos projetos de pesquisa e extensão financiados nos últimos anos na RMBH, fundamentais para a elaboração desta tese (editais de apoio à atividade extensionista - PAEx e Proex; e programa institucional de apoio à pesquisa - PAPq). Às turmas de licenciatura, agradeço a atenção e experiências de vida compartilhadas. Aos colegas de trabalho, agradeço a convivência e contato cotidiano com outras áreas de conhecimento e perspectivas teóricas.

Ao Kaipora – Laboratório de Estudos Bioculturais (UEMG - Ibirité), em especial ao professor Emmanuel e aos participantes e/ou bolsistas Yan, Geisa, Carine, Karine, Jaqueline, Bruna, Lorena, Letícia, Maíra, Lucas, Cátia, Márcio, Flávio, Ana, Mãe Rita (em memória), Dona Dalva e outros, agradeço pelas parcerias e partilhas. Agradeço ainda Emmanuel pelos importantes apontamentos em minha banca de qualificação.

À Fundação Helena Antipoff (FHA), agradeço por ceder um pequeno espaço para plantio e experimentação ao Kaipora.

Ao Encontro de Saberes UEMG, agradeço o empenho e a participação dos mestres e mestra das edições 2021 e 2022. Agradeço, em especial, Dona Catarina (em memória), Seu Altino, Tantinha, Alexandra, Dona Vera, Seu Adão, Nelita, Xia, Lúcia, Seu Luiz e Cleciana.

À AMAU, meu agradecimento por contribuir para a construção da agroecologia e agricultura urbana na RMBH nos últimos anos. Agradeço, em especial, Marina, Sãozinha, Cris, Fernando, Bráulio, Cibele, Isabel, Laura, Neide e tantos outros que me fizeram conhecer uma cidade que ainda cultiva a terra.

Agradeço as amizades especiais Érica, Ju, Júlia, Marina, Tainah, Paulo, Bela, Mario, Matheus, Isis e Manu pelos anos compartilhados.

À minha família, meus pais e irmãos, agradeço o apoio incondicional. Ao meu amor, Matheus, pelo carinho e parceria cotidiana; ao meu filho João, pela alegria e humor; à minha sogra, Gisele, pela presença; à minha mãe, Augusta, pela força de viver contagiante.

Agradeço às professoras Laure, Joana, Sibelle e Magna e ao professor Emmanuel por comporem minha banca examinadora e contribuírem com o meu trabalho e com a minha trajetória acadêmica.

“*(...) precisamos de uma ideia nova, e é provável que muito simples.*
Seremos capazes de reconhecê-la?”

Susan Sontag (2015:79).

RESUMO

Ainda que a urbanização, a impermeabilização do solo e a verticalização sejam tendências dominantes, o desejo de plantar e cuidar persiste e se reinventa em quintais, canteiros, hortas, terreiros e outros pequenos espaços nas cidades e periferias da região metropolitana de Belo Horizonte (RMBH). Para seus cuidadores e cuidadoras, compõem o sentido de habitar um lugar e assim marcam a paisagem urbana e periurbana com a beleza da fartura. Neste contexto, esta tese procura destacar histórias, práticas e saberes que encorajam a vida e a sua recuperação ao lado de cuidadores e cuidadoras de pequenos espaços em contexto urbano e periurbano da RMBH que, em comum, cultivam em relação à terra e aos seres que nela vivem uma atenção apaixonada. Sem perder de vista a relevância da questão produtiva privilegiada pelas políticas públicas voltadas à agricultura urbana e periurbana de base agroecológica, em diálogo com a antropologia e outras áreas do conhecimento procuro apresentar dimensões associadas ao tema e reiterar fortunas e farturas possíveis em pequenos espaços onde as plantas são cultivadas, cuidadas e colhidas, com destaque às que combinam uma variedade de espécies e que perpetuam um modo de existir em comunidade. Marcada pela pandemia da Covid 19, esta tese foi produzida a partir de um conjunto heterogêneo de experiências, temporalidades e *bibliografias*. Combinou uma atenção prolongada ao tema, relacionada à minha trajetória pessoal e profissional, a atividades de campo em 2022 e início de 2023 junto a cuidadores e cuidadoras de pequenos espaços situados em contexto urbano e periurbano da RMBH, reconhecidos em escala local e/ou regional por suas práticas e saberes agrícolas. De modo geral, os pequenos espaços cuidados de forma pessoal e cotidiana são percebidos por seus cuidadores e cuidadoras como uma extensão de si e são refúgios para uma variedade de plantas e outros seres. Suas atividades mobilizam conhecimentos e criatividades com atenção às múltiplas relações tecidas entre pessoas e plantas, das plantas entre elas, delas com outros seres; sentem prazer em plantar e cuidar, em sentir as plantas, em criar histórias com elas, em reunir "*um pouco de tudo*" em suas coleções e em doar parte do que a terra dá para nutrir suas comunidades e redes de relacionamentos. Ao se relacionar com a terra e com as plantas com intimidade, paciência e dedicação, favorecem a beleza da fartura e a produção de paisagens biodiversas. A agricultura urbana e periurbana de base agroecológica aliada à reforma agrária popular, ao acesso à moradia, à recampesinação, ao planejamento urbano e metropolitano pode capturar o desejo de plantar que ainda persiste para desenhar paisagens biodiversas, colaborar com a organização da fartura e oferecer remuneração justa aos cuidadores e cuidadoras da terra. Além disso, podem reforçar belezas desconectadas da padronização da agricultura industrial e ampliar o repertório do que emociona. Em contraponto às catástrofes, monoculturas e extrativismos de nosso tempo, esta tese defende a comida e reitera o potencial estético e criativo que saberes e fazeres agrícolas afins à diversidade, à generosidade e à solidariedade oferecem para a construção de mundos habitáveis.

Palavras-chave: agricultura urbana e periurbana; soberania alimentar; encontro de saberes; paisagem biodiversa; atenção apaixonada.

ABSTRACT

Even though urbanization, verticalization, soil compaction and waterproofing are dominant trends, the desire to grow and care for plants persists and reinvents itself in backyards, raised beds, vegetable gardens, terraces and other small spaces in the cities and outskirts of the metropolitan region of Belo Horizonte (RMBH). For their dedicated gardeners, plants create the meaning of inhabiting a place and thus mark the urban and peri-urban landscape with the beauty of plenty. In this context, this thesis seeks to highlight stories, practices and knowledge that encourage life and its recovery alongside gardeners of small spaces in the urban and peri-urban context of RMBH who, in common, cultivate the land and the beings that live in it with passionate attention and care. Without losing sight of the relevance of the productive issue privileged by public policies aimed at urban and peri-urban agriculture with an agroecological basis, and in dialogue with anthropology and other areas of knowledge, I seek to present different dimensions associated with the theme and reiterate the fortunes and abundance possible in small spaces where plants are cultivated, cared for and harvested, with emphasis on those that combine a variety of species and that perpetuate a way of existing in community. Marked by the Covid 19 pandemic, this thesis was produced from a heterogeneous set of experiences, temporalities and bibliographies. It combined prolonged attention to the topic, related to my personal and professional trajectory, with field activities in 2022 and early 2023 with caregivers of small spaces located in the urban and peri-urban context of the RMBH, recognized on a local and/or regional scale for their agricultural practices and knowledge. In general, small spaces cared for on a personal and daily basis are perceived by their gardeners as extensions of themselves and are refuges for a variety of plants and other beings. Its activities mobilize knowledge and creativity with attention to the multiple relationships woven between people and plants, between plants, between them and other beings; they take pleasure in planting and caring, in feeling the plants, in creating stories with them, in bringing together “um pouco de tudo” (a little bit of everything) in their collections and in donating part of what the earth gives to nourish their communities and networks of relationships. By relating to the land and plants with intimacy, patience and dedication, they promote the beauty of abundance and the production of biodiverse landscapes. Agroecological-based urban and peri-urban agriculture combined with popular agrarian reform, access to housing, repeasantization process, urban and metropolitan planning can capture the desire to plant that still persists to design biodiverse landscapes, collaborate with the organization of abundance and offer remuneration fair to the gardeners and caretakers of the earth. Furthermore, they can reinforce beauties disconnected from the standardization of industrial agriculture and expand the repertoire of what excites. In contrast to the catastrophes, monocultures and extractivism of our time, this thesis defends food and reiterates the aesthetic and creative potential that agricultural knowledge and practices related to diversity, generosity and solidarity offer for the construction of livable worlds.

Keywords: urban and peri urban agriculture; food sovereignty; meeting of knowledges; biodiverse landscape passionate attention.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Níveis de integração da RMBH e Colar Metropolitano: Fonte: Observatório das Metrópoles (2012). Disponível em: Agência de Desenvolvimento da RMBH (2013:19)..... 33

Figura 2: Assentamento Terra Vista em 1998..... 41

Figura 3: Assentamento Terra Vista em 2014..... 41

Figura 4: Fartura de um dia na roça, para Dona Catarina (giz pastel seco). 2022. Autoria: Mariana Oliveira..... 49

Figura 5: Crianças do futuro desenham suas comidas favoritas (aquarela e nanquim). 2014. Autoria: Mariana Oliveira..... 56

Figura 6: Floresta e cortisol (aquarela e nanquim). 2014. Autoria: Mariana Oliveira. 56

Figura 7: Máscaras no futuro (aquarela e nanquim). 2014. Autoria: Mariana Oliveira..... 56

Figura 8: Crianças do futuro levantam com seus avôs frutas que não existem mais (aquarela e nanquim). 2014. Autoria: Mariana Oliveira..... 56

Figura 9: Crianças ainda brincam na rua (aquarela e nanquim). 2014. Autoria: Mariana Oliveira..... 58

Figura 10: Regra geral (aquarela e nanquim). 2014. Autoria: Mariana Oliveira..... 58

Figura 11: A agricultura que desejo (giz pastel oleoso). 2021. Autoria: Mariana Oliveira..... 58

Figura 12: Embaúba (lápis de cor). 2022. Autoria: Mariana Oliveira..... 61

Figura 13: Quintal (aquarela e guache). 2016. Autoria: Mariana Oliveira..... 66

Figura 14: Peça de divulgação do curso de extensão. Na imagem, Dona Catarina, Pedrina e Seu Altino. 2021. Autoria: GT de Comunicação do Encontro de Saberes UEMG..... 75

Figura 15: Peça de divulgação do curso de extensão. 2022. Autoria: GT de Comunicação do Encontro de Saberes UEMG..... 76

Figura 16: Mestres e mestras: Tantinha, Seu Luiz, Lúcia e Alexandra. 2022. Autoria das fotos: Mariana Oliveira e Lucas Bois..... 77

Figura 17: Mestres e mestras: Shirlene, Nelita, Seu Adão e Dona Vera. 2022. Autoria das fotos: Shirlene, Nelita e Mariana Oliveira..... 77

Figura 18: Capas dos livretos 1, 2 e 3. Montagem: Mariana Oliveira..... 78

Figura 19: Capas dos livretos 4 e 5. Montagem: Mariana Oliveira..... 79

Figura 20: Capas dos livretos 6 e 7. Montagem: Mariana Oliveira..... 79

Figura 21: área da entrada roçada em abril de 2022. Foto: Mariana Oliveira..... 81

Figura 22: área da entrada em novembro de 2022. Foto: Mariana Oliveira..... 81

Figura 23: área da entrada em setembro de 2023. Foto: Mariana Oliveira..... 81

Figura 24: área posterior em setembro de 2023. Foto: Mariana Oliveira..... 81

Figura 25: área posterior em setembro de 2023. Foto: Mariana Oliveira..... 81

Figura 26: Amostras do quintal. 2020. Autoria: Mariana Oliveira..... 82

Figura 27: Pandemia (aquarela e nanquim). 2020. Autoria: Mariana Oliveira..... 82

Figura 28: Na cidade, por Davi Kopenawa (2015:421)..... 89

Figura 29: Jacobina e e tansagem brotando na calçada e na rua. 2023. Foto: Mariana Oliveira..... 131

Figura 30: Amora brotando na rua. 2023. Foto: Mariana Oliveira..... 131

Figura 31: Goiabeiras brotando em estacionamento. 2024. Foto: Mariana Oliveira.. 131

Figura 32: Municípios em destaque (lápis de cor). 2024. Autoria: Mariana Oliveira. 132

Figura 33: Hortas e quintais RMBH (lápis de cor). 2022. Autoria: Mariana Oliveira.. 133

Figura 34: Encontro Promotoras da Agroecologia na horta da Dona Catarina. Foto: REDE, 2019..... 136

Figura 35: Dona Catarina. 2019. Foto: Mariana Oliveira..... 136

Figura 36: Encontro Promotoras da Agroecologia na horta da Dona Catarina. Foto: REDE, 2019..... 137

Figura 37: Compostagem na horta da Dona Catarina. Foto: REDE, 2018..... 137

Figura 38: Árvore dando um passo. Foto: Dona Catarina 2021..... 138

Figura 39: Ninho do João Graveto. Foto: Dona Catarina 2021..... 138

Figura 40: Ervanário São Francisco, Sabará, 2022. Foto: Mariana Oliveira..... 140

Figura 41: Ervanário São Francisco, Sabará, 2022. Foto: Mariana Oliveira..... 140

Figura 42: Ervanário São Francisco, Sabará, 2022. Foto: Mariana Oliveira..... 140

Figura 43: Horta na ocupação Paulo Freire, Belo Horizonte, 2022. Foto: Mariana Oliveira..... 144

Figura 44: Horta na ocupação Paulo Freire, Belo Horizonte, 2022. Foto: Mariana Oliveira..... 144

Figura 45: Horta dos Borges, Sabará, 2022. Foto: Mariana Oliveira..... 146

Figura 46: Horta dos Borges, Sabará, 2022. Foto: Mariana Oliveira..... 146

Figura 47: Horta dos Borges, Sabará, 2022 Foto: Mariana Oliveira..... 146

Figura 48: Horta na ocupação Tomás Balduíno, Ribeirão das Neves, 2022. Foto: Cátia Oliveira..... 150

Figura 49: Horta na ocupação Tomás Balduíno, Ribeirão das Neves, 2022. Foto: Mariana Oliveira..... 150

Figura 50: Horta do Petrovale, Betim, 2022. Foto: Mariana Oliveira..... 152

Figura 51: Horta do Petrovale, Betim, 2022. Foto: Mariana Oliveira..... 152

Figura 52: Horta do Petrovale, Betim, 2022. Foto: Mariana Oliveira..... 152

Figura 53: Quintal da Dona Vera, Belo Horizonte, 2022. Foto: Mariana Oliveira..... 155

Figura 54: Quintal da Dona Vera, Belo Horizonte, 2022. Foto: Mariana Oliveira..... 155

Figura 55: Quintal da Dona Vera, Belo Horizonte, 2022. Foto: Mariana Oliveira..... 155

Figura 56: Horta na comunidade Vitória, Belo Horizonte, 2022. Foto: Mariana Oliveira..... 156

Figura 57: Horta na comunidade Vitória, Belo Horizonte, 2022. Foto: Mariana Oliveira..... 157

Figura 58: Horta na comunidade Vitória, Belo Horizonte, 2022. Foto: Mariana Oliveira..... 157

Figura 59: Plantas de vaso mais vendidas no Brasil em 2021 – CNA (montagem com banco de imagens do Canva)..... 169

Figura 60: Espécies mais cultivadas para paisagismo e jardinagem em Minas Gerais - Sebrae 2016. (montagem com banco de imagens do Canva)..... 170

Figura 61: Flores e plantas envasadas mais comercializadas em Minas Gerais - Sebrae 2016 (montagem com banco de imagens do Canva)..... 171

Figura 62: Plantas mais procuradas no Google em 2020. (montagem com banco de imagens do Canva)..... 172

Figura 63: Plantas de uniforme nos bairros Lourdes e Padre Eustáquio (Belo Horizonte). 2023. Fotos: Mariana Oliveira..... 173

Figura 64: Plantas de uniforme nos bairros Funcionários, São Luiz, Funcionários e na regional do Barreiro (Belo Horizonte). 2023. Fotos: Mariana Oliveira..... 173

Figura 65: Plantas de uniforme nos bairros Funcionários e Lourdes (Belo Horizonte). 2023. Fotos: Mariana Oliveira..... 173

Figura 66: Plantas de uniforme nos bairros Funcionários (Belo Horizonte). 2023. Fotos: Mariana Oliveira..... 173

Figura 67: Horta da FHA. 2022. Fotos: Mariana Oliveira..... 178

Figura 68: Horta da FHA. 2022. Fotos: Mariana Oliveira..... 178

Figura 69: Quintal (aquarela e guache). 2017. Autoria: Mariana Oliveira..... 183

Figura 70: Paisagens (giz pastel seco). 2022. Autoria: Mariana Oliveira..... 190

Figura 71: Croquis de hortas e quintais manejados na RMBH (espaços 1 a 8) (lápis de cor). 2024. Autoria: Mariana Oliveira..... 191

Figura 72: Algumas plantas levantadas na RMBH (lápis de cor). 2022 e 2023. Autoria: Mariana Oliveira..... 217

Figura 73: Áreas preferenciais para uso, recuperação e conservação na RMBH. Disponível em: Leitão et. al. 2019:11..... 266

Figura 74: "A fartura que a terra dá" (lápis de cor). 2024. Autoria: Mariana Oliveira. 271

Figura 75: Desenhamos na Terra (aquarela). 2024. Autoria: Mariana Oliveira..... 276

Figura 76: Futuros habitáveis 1 (fotomontagem, lápis de cor). 2024. Autoria: Mariana Oliveira..... 278

Figura 77: Futuros habitáveis 2 (fotomontagem, lápis de cor). 2024. Autoria: Mariana Oliveira..... 278

SUMÁRIO

Introdução..... 16
i) (Re)aprender a ter cuidado..... 16
ii) Agricultura urbana e periurbana, agroecologia e o contexto da RMBH..... 21
iii) As histórias que contamos..... 43
iv) Esta tese..... 49

Capítulo 1 – Percursos..... 51
1.1. Atenção às plantas..... 51
1.2. De Belo Horizonte a Ibirité e de Ibirité para outros pontos da RMBH..... 59
1.3. Antropologia, educação e encontro de saberes..... 70
1.4. Virada vegetal..... 81

Capítulo 2: Defender a comida..... 88
2.1. Monoculturas urbanas e rurais..... 88
2.2. "*O supermercado vende mais a morte do que dá vida*"..... 109
2.3. Se apaixonar por *në ropë*..... 125

Capítulo 3 – A beleza da fartura na RMBH..... 132
3.1. Cuidar, plantar e sentir as plantas..... 133
3.2. "*É preciso ter histórias com as plantas*"..... 168
3.3. "*Aqui tem um pouco de tudo*"..... 190
3.4. A beleza da fartura..... 228
3.5. "*O princípio é a terra*"..... 249

Considerações finais: desenhar paisagens biodiversas..... 272

Referências bibliográficas..... 279

Anexos..... 299
Anexo I – livreto: Sentir as plantas..... 299
Anexo II – Coleção Cuidar e Plantar a Terra – livretos..... 310
Livreto II.1 – As plantas oferecem um cuidado..... 310
Livreto II.2 – Vou fazer uma horta ali..... 314
Livreto II.3 As plantas são uma história..... 318
Livreto II.4 – As hortas nos dão confiança..... 322
Livreto II.5 – A gente reparte..... 326
Livreto II.6 – Nunca parei de plantar..... 330
Livreto II.7 – Cada pedacinho é bem aproveitado..... 334

Introdução

i) (Re)aprender a ter cuidado

No bairro Padre Eustáquio, em Belo Horizonte (RMBH), onde vivo, um senhor borracheiro insiste em plantar banana, mandioca e feijão guandu em uma área sem uso criada pela implantação de grandes vias que recebe a poeira que sobe pelos incontáveis veículos que passam por ali diariamente. Uma vizinha que gosta de plantas comenta das amoras e acerolas que escapam para fora do muro e são comidas por quem passa, e vez ou outra traz uma muda que ainda não tenho e que deveria ter, como penicilina, pelo seu poder medicinal, e begônia, para comer sua flor branca na salada. Mais à frente uma senhora que benzia crianças (e apenas elas) também cultivava algumas plantas.

Outro vizinho conserta bicicletas, vende coxinhas, troca pneus e produz mudas de couve, hortelã, salsinha, manjericão e taioba para vender; vende também terra que melhora com compostagem e esterco de galinha no seu quintal. Terça é dia de feira livre e uma rua do bairro é fechada pela manhã para receber feirantes que vêm de diferentes regiões da região metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) e que há anos alimentam o bairro. Em um sacolão mais antigo o dono exalta os ovos caipira "*de verdade*" de Ibirité (RMBH) e que às vezes vem acompanhados de hortaliças frescas. Em algumas ruas as árvores ainda disputam espaço com passeios apertados e outras, em nome da segurança e dos fios dos postes, foram removidas ou mutiladas. Nos poucos quintais que sobrevivem à especulação imobiliária, em geral cuidados por moradores e moradoras mais antigos, nota-se a presença de espécies ornamentais e em menor escala frutíferas, medicinais e hortaliças voltadas ao consumo próprio e doações para vizinhos, amigos e parentes.

O que vejo guarda continuidades com o que vivi nos quintais cuidados pelas minhas avós e do que minha mãe conta de seu tempo de criança no mesmo bairro. Minhas avós, cada uma à sua maneira, eram íntimas das plantas e suas relações com seus quintais trazem algo de seus mundos.

Minha avó materna veio do Paraopeba (MG) para Belo Horizonte e nunca aprendeu a ler e escrever. Teve quatro filhos que criou sozinha como lavadeira e nunca tive notícias do meu avô materno. Seu quintal enchia de verde uma pequena casa alugada que ficava na margem direita do rio Arrudas. Ali cultivava banana, goiaba, cana de chupar, chuchu,

abacate, mandioca e criava galinhas e patos. As galinhas mais velhas iam parar na panela "*ao molho pardo*". Depois do almoço sempre cortava cana com uma destreza invejável, que logo enchia uma bacia. Às vezes, no fim da tarde, se animava de fritar biscoitos de polvilho que espocam no óleo quente feito com ovos dali mesmo. Muitas vezes me levava para benzer na sua amiga que morava a duas ruas acima, pois era preocupada com *aguamento*. Minha mãe conta que quando criança no quintal se plantava ainda mais como uma garantia contra a fome. Plantavam cenoura, beterraba, milho, mandioca. E tinha goiaba, fruta do conde, mamão, romã, figo e quase sempre tiveram galinhas. Plantas que cresciam espontaneamente, como serralha e azedinha, também eram consumidas. Do quintal minha mãe viu o entorno se transformar com as obras de canalização do rio Arrudas para abrir a Via Expressa. Na mesma época, muitos outros rios e córregos de Belo Horizonte foram canalizados em nome dos veículos, da higiene e do progresso.

Minha avó paterna nasceu em Contagem (RMBH) e logo cedo se mudou para São Gonçalo do Rio Abaixo (MG). Era filha de professor e muito nova perdeu tanto o pai quanto a mãe. Cresceu cuidada pelos irmãos mais velhos em Belo Horizonte e depois ajudou a criar seus sobrinhos. Só foi se casar perto dos 30 anos, o que não era comum para a época, e teve com meu avô cinco filhos. Meu avô paterno nasceu em uma fazenda em Catas Altas (MG) e sempre temeu roça, cobras e onças. Como filho mais novo foi obrigado pelo pai a estudar para ser padre no Caraça, um costume da região, mas essa nunca foi sua vontade.

O quintal dos meus avós paternos ficava no bairro Caiçara, em Belo Horizonte, para onde se mudaram no final da década de 1950. Como o Padre Eustáquio, era um bairro ainda pouco habitado e sem infraestrutura urbana. Meu avô participou, por vários anos, inclusive como presidente, da associação do bairro que reivindicou a chegada de água encanada, asfalto, luz, calçamento e transporte regular. Na entrada da casa estavam principalmente plantas ornamentais, como a grevílea que atraia beija-flor, as cinerárias marítimas, azulzinhas e roseiras de muitas cores, essas últimas uma paixão da minha avó. Era um quintal ordenado que contava com a visita periódica de jardineiro para manter o pingo de ouro em topiaria e cortar a grama. No começo da década de 1990 uma área nos fundos da casa foi cimentada, poupando apenas algumas frutíferas: maçã, romã e limão taiti. Nesse quintal procurava tatu bolinha (hoje escassos) e disputava com meu irmão quem ia molhar as plantas no fim do dia enquanto meu avô controlava a quantidade de água e nos fazia usar a mangueira espalhando bem. Minha avó paterna era muito católica e rezava para a família. Com minha avó e minha tia saímos muitas vezes pelo bairro para pegar e pedir mudas, o que hoje faço com a minha mãe.

O quintal da minha avó materna foi vendido pelo proprietário e virou uma grande loja de carros na Via Expressa no começo dos anos 2000. Ela se mudou para uma casa em um bairro periférico, na divisa com Contagem, com um quintal cimentado que poupou apenas uma goiabeira; ela ainda fez geleia de goiaba antes de falecer, como sempre fazia em sua casa antiga. O quintal da minha avó paterna virou um prédio de três andares, o empreendimento imobiliário mais comum na regional noroeste. Nenhuma árvore foi mantida. A especulação imobiliária não deixa espaço para a terra, para os bichos, para as plantas e para as memórias inscritas nelas.

Meu avô paterno quis passar um tempo ao lado da família que deixou ao sair de Catas Altas e depois se mudou para Araxá (MG). Quando minha avó paterna faleceu, minha tia trouxe mudas que ela cuidava para plantar em São José da Lapa (RMBH), onde foram morar, e tempos depois ganhei algumas de presente. De tudo a repartir, então, estavam também as plantas. Entre as que vingaram estão as mudas de íris, tinhorão e uma roseira pequena. Com a chegada da primavera a íris floresce e o tinhorão sai de sua dormência, um pouco antes da data em que se comemoraria seu aniversário. Além de companheiras, algumas plantas são boas lembranças.

O desaparecimento dos quintais está longe de ser uma história isolada. Como em outras capitais brasileiras, são espaços que têm cedido lugar às habitações mais densas, aos pátios cimentados e às garagens. Essas últimas protegeriam o grande símbolo do progresso, o automóvel, um item que nasceu restrito às elites e que passou a ser universalizado com a ajuda de um urbanismo que privilegiou, nas últimas décadas, "*abrir largas avenidas, construir viadutos, espraiar as cidades em novos bairros periféricos*" (Andrés 2020:3). Tal modo de planejar o urbano piorou as condições de vida dos pedestres, o que por sua vez tornou "*a compra de um carro a melhor maneira para se escapar dos problemas gerados pelo excesso de carros*" (Andrés 2020:3). Para além dos efeitos na paisagem das cidades, ao restringir ou expulsar do lar seres que coexistiam nos quintais, aprendizados que aconteciam a partir da convivência com eles e com os ciclos naturais também ficaram comprometidos e outras lógicas ganharam projeção, principalmente as voltadas ao desperdício, ao consumo, à padronização.

No entanto, ainda que a urbanização, a impermeabilização do solo e a verticalização sejam tendências dominantes, o desejo de plantar e cuidar persiste e se reinventa em quintais, canteiros, hortas, lotes abandonados, terreiros e outros pequenos espaços nas cidades e periferias da região metropolitana de Belo Horizonte (RMBH). Para seus cuidadores e cuidadoras, compõe o sentido de habitar um lugar e remete a fazeres, saberes e histórias

que vinculam pessoas e plantas e produzem a beleza da fartura. Expressa, no entanto, um modo de existir pouco tratado na antropologia. De modo geral, os saberes e práticas agrícolas nas cidades e suas periferias têm sido abordados por disciplinas relacionadas ao planejamento urbano e metropolitano, como a geografia e a arquitetura, além de ser tema consagrado na agronomia. Tais estudos se dedicam, em especial, à agricultura urbana e periurbana[1] institucionalizada pelas políticas públicas em diferentes níveis administrativos. Abordagens multidisciplinares, como a etnobiologia, apresentam práticas agrícolas espontâneas que acontecem em quintais e outros espaços em contexto urbano e periurbano (*cf.* Gomes 2009; Almada 2010; Almeida 2016).

Marcada pela etnologia indígena e estudos voltados ao campesinato em contextos rurais, distantes das cidades ou pouco conectados a elas, a preocupação com a teorização do urbano na antropologia é comparativamente mais recente em relação aos seus domínios originais. Nesse sentido, embora a contribuição de agricultores familiares, povos e comunidades tradicionais para a conservação ambiental e produção da biodiversidade seja tema de destaque na disciplina, poucos trabalhos se dedicam a abordar modos de ser, viver e existir que produzem paisagens biodiversas em contexto urbano e periurbano.

O pequeno interesse da antropologia pelo tema parece reforçar a ideia de que pessoas e "natureza" não se relacionam e nem teriam como se relacionar nas cidades e suas periferias. No entanto, como já assinalava o arquiteto e urbanista Roberto Monte-Mór em 1994 (:6-8), ainda que exista uma dificuldade em "*pensar a ecologia e a biodiversidade a nível do ambiente construído*", a diversidade cultural e biológica em contexto metropolitano e de urbanização extensiva ainda existe, se reinventa e pode ser aliada tanto "*para enfrentar problemas urbanos e ambientais ao nível micro, da vida quotidiana*" como "*para enfrentar questões globais da crise ambiental e societal*".

Urbanização extensiva

A urbanização extensiva remete ao derramamento das metrópoles nas regiões circunvizinhas e nas periferias distantes em todo território nacional. Esse processo, que varia em grau e intensidade, promove transformações que repercutem até mesmo na distante fronteira agrícola. Ainda que aconteçam em diferentes locais, são expressões de uma lógica comum de expansão da produção e do consumo. Para maiores informações, consultar: Monte-Mór (1994, 2005).

[1] As áreas periurbanas ocupam uma posição de transição entre espaços rurais e urbanos. Uma breve contextualização do termo agricultura urbana e periurbana será apresentado no item a seguir.

A partir de diferentes relações que tenho tecido na RMBH, onde nasci e vivo, procuro nesta tese destacar histórias, práticas e saberes que encorajam a vida e a sua recuperação ao lado de cuidadores e cuidadoras de pequenos espaços em contexto urbano e periurbano que, em comum, cultivam em relação à terra e aos seres que nela vivem uma atenção apaixonada. Seus pequenos mundos aqui em destaque são refúgios[2] que combinam plantas alimentícias, medicinais, aromáticas, ornamentais e abrigam pássaros, insetos, galinhas, patos, vacas, cabras, cavalos, coelhos, gatos, micos, teiús, cachorros, minhocas e muitos outros seres. Os locais que plantam e cuidam são referidos quase como uma extensão de si (*cf.* Cabral de Oliveira 2020:89): neles reconhecem diferentes presenças e as histórias que carregam. Ao se relacionar com a terra e com as plantas com intimidade, paciência e dedicação marcam a paisagem com a beleza da fartura e ativam nossa sensibilidade para mundos possíveis, outras maneiras de existir, alternativas que surgem ou que insistem em resistir (*cf.* Gan *et. al.* 2017).

A fartura remete à abundância e está em nítido contraste com a escassez. É, fundamentalmente, um conceito relativo, e seu contraste semântico remete a noções como fome e privação. A fartura é a ausência da falta.

Atenção apaixonada

Esta expressão é usada por Claude Lévi-Strauss (1989:20) para se referir à atenção com a qual diferentes povos se valem na produção de conhecimentos sobre os ambientes em que vivem e sobre o conjunto de espécies ali presentes. Uso em contexto diverso, mas para me referir à atenção apaixonada como uma maneira de produzir conhecimento e paisagens. A discussão sobre o termo será retomada no item 3.4.

Se por um lado o capitalismo tem avançado na defesa de um crescimento a qualquer custo a partir da liberdade de empreender e pelo direito de não se responsabilizar por suas ações, a reação passa por reaprender a ter cuidado, em especial junto aos que seguem ativos e inventivos nesta arte (Stengers 2015:71). Em diálogo com a antropologia e outras áreas do conhecimento, procuro nesta tese reiterar fazeres, emoções e farturas possíveis em pequenos espaços onde as plantas são cultivadas, cuidadas e

Paisagem

Nesta tese recorro à noção de paisagem da antropóloga Anna Tsing (2022:226): "*Enquanto local para dramas mais que humanos, as paisagens são ferramentas radicais para descentralizar a arrogância humana. As paisagens não são apenas cenários para a ação histórica: elas são ativas. Observar paisagens em formação mostra humanos se articulando com outros seres vivos no processo de modelar mundos*".

[2] Donna Haraway (2016), em diálogo com Anna Tsing, ressalta como a degradação de nosso tempo se relaciona à perda das 'áreas de refúgio': ainda que no Holoceno fosse notável a destruição e extinções de espécies, ainda era possível encontrar locais para humanos e não-humanos atingidos, enquanto o contexto atual marca uma era de 'refugiados' humanos e não-humanos. Ela ressalta como é importante reconstituir e cultivar refúgios, "*uns com os outros, em todos os sentidos imagináveis*" (Haraway 2016:18).

colhidas, com destaque às que combinam uma variedade de espécies e que perpetuam um modo de existir em comunidade (ou com expectativa de ser comunidade), bem como reconhecer os saberes e fazeres de seus cuidadores e cuidadoras. Para tanto, mobilizo dimensões sociopolíticas, urbanísticas, ecológicas e sensíveis vinculadas à agricultura urbana e periurbana a partir de uma escrita acadêmica que também incorpora elementos estéticos e artísticos. Nos itens a seguir apresento o tema, o contexto da RMBH e elementos que guiaram a realização deste trabalho.

ii) Agricultura urbana e periurbana, agroecologia e o contexto da RMBH

Desde as décadas de 1970-80, em diálogo com um novo pensamento ambiental, o termo agricultura urbana e periurbana tem sido mobilizado para abarcar práticas agrícolas que acontecem nas cidades e suas periferias. O sociólogo Alain Santandreu e a bióloga Ivana Lovo, na publicação *Panorama da agricultura urbana e periurbana no Brasil...* (2007:5), a definem como um:

> "*[...] conceito multidimensional que inclui a produção, o agroextrativismo e a coleta, a transformação e a prestação de serviços, de forma segura, para gerar produtos agrícolas (hortaliças, frutas, ervas medicinais, plantas ornamentais, etc) e pecuários (animais de pequeno, médio e grande porte) voltados ao autoconsumo, trocas, doações ou comercialização, (re)aproveitando-se, de forma eficiente e sustentável, os recursos e insumos locais (solo, água, resíduos sólidos, mão-de-obra, saberes etc.). Essas atividades podem ser praticadas nos espaços intra-urbanos ou periurbanos, estando vinculadas às dinâmicas urbanas ou das regiões metropolitanas e articuladas com a gestão territorial e ambiental das cidades"*.

Trata-se, assim, de um termo recente em referência à produção agrícola nas cidades, uma prática que é, na verdade, tão antiga como elas. Difere-se das agriculturas rurais por serem realizadas em espaços menores e "*por acessar com mais facilidade os consumidores, reduzir a necessidade de transporte e possibilitar a reutilização de resíduos*" (Santos *et. al.* 2016:3).

Em contextos marcados pela pobreza, migrações e crises locais, a agricultura urbana e periurbana tem sido incentivada localmente e por agências de desenvolvimento mundiais, como a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), para

promover cidades mais inclusivas, sustentáveis e produtivas (Egziabher *et al*. 1994; Mougeot 2005; Mougeot 2006; Drescher, Holmer, Iaquinta 2006; Almeida 2006; Santandreu, Lovo 2007; Parrot *et. al.* 2008; Almada 2010; Coutinho 2010; Pinheiro, Ferrareto 2010; Castelo Branco, Alcântara 2011; Coutinho, Costa 2011; FAO 2012; Paixão, Almeida 2012; Almeida, Morais, Paixão 2012; Costa, Santos, Costa 2013; Rostichelli 2013; Paül, McKenzie 2013; Melgaço 2014; Almeida, Costa 2014a; Almeida *et al.* 2014b; Silva 2015; Mattos *et al.* 2015; Costa 2015; Tupy, Almeida, Melgaço 2015; Zaar 2015; Almeida 2016; Ornelas 2017; Alencar 2018; Müller 2016; ONU 2017; Alves, Moura, Schultz 2019; McClintock, Simpsom 2018; Alencar, Ornelas, Costa 2020; Araújo 2020; Santos *et. al.* 2020; Kern 2021; Savian, Boff, Boff 2021 entre outros). Embora não realize uma revisão sistemática sobre o termo[3], a partir de diferentes trabalhos destaco a seguir características da agricultura urbana e periurbana no norte e sul globais, bem como suas motivações e particularidades. Tais práticas compõem paisagens, vizinhanças, envolvem relações entre pessoas e plantas e estão em maior ou menor grau relacionadas ao mercado.

Axumite Egziabher e colaboradores (1994), a partir de experiências em cidades da Tanzânia, Uganda, Quênia e Etiópia, reiteram como a agricultura urbana pode ser fonte de alimentos e empregos, além de reduzir a necessidade de importação de alimentos. Com exemplos na América Latina, Caribe, África e Oriente Médio, Luc Mougeot (2005; 2006) assinala aspectos sociais, históricos, políticos e ambientais relacionados à agricultura urbana. Realizada tanto em pequenos jardins e quintais como em sistemas de maior escala e produção, a agricultura urbana é defendida por apresentar efeitos positivos à segurança alimentar, renda e sustentabilidade.

A partir de exemplos em cidades das Filipinas, América Latina e sul da África, Drescher, Holmer e Iaquinta (2006) abordam práticas agrícolas que acontecem em jardins urbanos, hortas em lotes alugados e hortas comunitárias, espaços que demandam atenção do poder público e do planejamento urbano por suas especificidades e potencialidades. Ao mensurar as transformações na agricultura periurbana de 1995 a 2004 em Muea (Camarões), Laurent Parrot e colaboradores (2008) destacam como a urbanização e a escassez de terras são obstáculos para a produção e geração de renda. Como indicam, a promoção e expansão da prática requer compromisso político e institucional para ofertar infraestrutura e serviços adequados, o que é válido também para outras cidades do sul global.

[3] Para maiores informações, ver Almeida 2016.

Em Dar-es-Salaam (Tanzânia), a agricultura urbana cresceu a partir da década de 1970 em quintais, parques, áreas públicas, terrenos abandonados e próximos às encostas das montanhas tanto para consumo familiar como para comercialização em mercados locais (Schmidt *et. al.* 2011:6). A produção nesses moldes garante o abastecimento de cerca de 90% dos vegetais folhosos mas, sem apoio institucional, enfrenta dificuldades como a falta de água, terra e infraestrutura de transporte e comercialização (Lee-Smith, Lamba 2012:59). Como em outros contextos, a especulação imobiliária tem empurrado a agricultura urbana para áreas perigosas, como ao longo das linhas ferroviárias, beiras de estrada, áreas abertas (públicas ou não) e mesmo cemitérios, o que demanda atenção do poder público (Schmidt *et. al.* 2011:6).

Com uma estimativa reveladora do grau de importância da agricultura urbana e periurbana no continente africano, Diana Lee-Smith e Davinder Lamba (2012) destacam que cerca de 40% de todas as famílias na África praticam a agricultura urbana para complementar a alimentação (renda indireta), com destaque ao trabalho das mulheres. A criação de animais consorciada tem efeito importante nos rendimentos diretos, em especial com a venda de leite e ovos (Maganga 2022). Como indicam Lee-Smith e Lamba (2012:61), mudanças significativas poderiam acontecer se as políticas públicas se voltassem ao acesso à terra para a agricultura, com prioridade aos que vivem na pobreza e às famílias lideradas por mulheres.

Em levantamento amostral em diferentes áreas urbanas no Zâmbia e no Quênia, Julia Davis e colaboradores (2021:6) enfatizam que em 33% dos domicílios a agricultura estava presente, sendo cultivados em especial folhas verde-escuras e milho. As famílias de baixa renda e média-baixa têm mais barreiras para praticar a agricultura urbana pois vivem em assentamentos densos, informais, alugados, sem infraestrutura e sem espaço para o cultivo na terra. Ainda que levantem benefícios que o apoio institucional poderia conferir ao desenvolvimento local, ressaltam como na amostra analisada a agricultura urbana contribui apenas marginalmente à segurança alimentar (Davis *et. al*. 2021). Nesse sentido, como indicam os autores, as políticas voltadas à segurança alimentar precisam contemplar aspectos como a formalização dos assentamentos, garantia da terra, desenvolvimento residencial, infraestrutura de transportes e caminhos concretos para a comercialização. Os mercados, tanto formais quanto informais, devem ser levados em consideração no planejamento urbano por terem efeitos socioculturais que extrapolam sua dimensão econômica (Davis *et. al.* 2021).

No norte global, a defesa da agricultura urbana se intensificou nas últimas décadas em resposta às mudanças no estilo de vida do pós-guerra e seus supermercados, produtos congelados e produtos industrializados[4]. Hoi-Fei Mok e colaboradores (2013), ao comparar a agricultura urbana em cidades do Canadá, Austrália, Reino Unido, Estados Unidos e Japão, destacam que seus benefícios só se concretizam com apoio institucional, acesso a políticas públicas, integração aos sistemas alimentares periurbanos e rurais e monitoramento da qualidade do solo, água e alimento produzido.

No Reino Unido, as práticas agrícolas em contexto urbano e periurbano têm sido revigoradas a partir do interesse da população pelo alimento e sua origem. Como destacam Mok e colaboradores (2013), a produção tem crescido em *allotment*[5]*,* fazendas urbanas, hortas comunitárias, hortas particulares, hortas escolares e parques públicos. Em Londres, os *allotmant* são a forma mais comum de agricultura de subsistência[6].

Além dos caminhos oficiais, Michael Hardman e Peter Larkham (2014) apresentam a agricultura urbana que acontece em Birmingham, no Reino Unido, sem apoio ou autorização. Os "*guerrilla gardeners*", como destacam, transformam espaços para acessar alimentos frescos e desenvolver senso de comunidade. Vale ressaltar que se trata, na verdade, de uma prática espontânea relativamente comum em lotes vagos, espaços vazios e canteiros em vias e grandes vias de diferentes cidades e periferias que experimentaram crescimento rápido. Para que prosperem, seus cuidadores e cuidadoras enfrentam desafios como acesso a água e descarte irregular de lixo.

Em sentido próximo, Christa Müller (2016) ressalta como a jardinagem urbana tem transformado terrenos abandonados em refúgios em Berlim, na Alemanha, a partir de arranjos tecidos entre agricultores urbanos, locais e imigrantes (como turcos e sírios). Como descreve Müller (2016:1):

---

[4] No item 2.2 esse tema será retomado.

[5] Terreno urbano dividido em pequenos lotes, disponíveis para aluguel, destinado ao cultivo de vegetais e flores. Criados em contexto de expressivo êxodo rural devido ao cercamento das terras comuns e industrialização em séculos passados, os allotmant eram espaços onde camponeses migrantes podiam cultivar alimentos na cidade. Na I e II guerras foram revitalizados para aumentar a autossuficiência alimentar na escala doméstica, reduzir a demanda comercial de abastecimento e elevar a moral nacional. Em 1944, estima-se que contribuíam com cerca de 10% dos alimentos do país e 50% de frutas e vegetais. No pós-guerra, em cenário de população crescente, muitos deram lugar a empreendimentos imobiliários (Mok et. al. 2013).

[6] Em 2006 existiam 737 allotmant (estatutários, temporários e privados) nos 33 distritos da Grande Londres (Mok et. al 2013). As inscrições nas listas de espera por allotmant cresceram 81% nos últimos 12 anos: foram de 86.787 a 157.820 inscritos. Disponível em: Waiting list for allotments in England almost doubles in 12 years: https://www.theguardian.com/environment/2023/oct/11/waiting-list-for-allotments-in-england-almost-doubles-in-12-years. Acesso em: 15/11/2023.

> "*Nos anos 60, com o crescimento da economia, pessoas da Alemanha Ocidental desistiram de suas hortas urbanas por razões de status social; muitas delas queriam mostrar, por exemplo, que podiam comprar comida, não precisando mais plantá-la ou conservá-la. Hoje, de forma contrastante, uma 'Geração Jardim' vem criando raízes no meio de modernos bairros urbanos, e as pessoas não sentem nenhuma vergonha de mostrar suas unhas – pretas por causa da jardinagem – em público*".

Atentas aos ciclos temporais que marcam o cuidado com a terra, envolvem práticas simples que, devagar, "*transformam um espaço concreto no aqui e agora*" em locais propícios a experimentar a cooperação criativa que tanto precisamos (Müller 2016:3).

Valerià Paül e Fiona McKenzie (2013), a partir da agricultura praticada na região metropolitana de Barcelona, mostram como redes entre autoridades, agricultores e comunidades locais podem ampliar a oferta de alimentos frescos em circuitos curtos, o que tem efeitos na renda e segurança alimentar e na manutenção das paisagens agrícolas tradicionais. Nesse sentido, argumentam que as áreas periurbanas são fundamentais à subsistência de pequenos agricultores e suas famílias, à agricultura sustentável, à construção de redes alternativas de alimentos e à própria biodiversidade e, portanto, devem ser apoiadas por políticas públicas específicas (Paül, McKenzie 2013).

A publicação *Urban and peri-urban agriculture sourcebook* (FAO, Rikolto e RUAF 2022), a partir de exemplos do norte e sul globais - Quito (Equador), Leuven (Bélgica), Dakar (Senegal), Arusha (Tanzânia), Surakarta (Indonésia) e Tegucigalpa (Honduras) -, apresenta práticas, políticas e desafios das iniciativas locais no que diz respeito à disponibilidade de terra, acesso à água e irrigação, regimes de trabalho, apoio financeiro, cadeias de valor e assistência técnica. Os benefícios da agricultura urbana e periurbana incluem melhorias na renda, no acesso a alimentos diversificados e nutritivos, na coesão social e na saúde do ambiente. Assim, em diferentes graus, tais práticas prestam serviços ambientais aos vizinhos e concidadãos.

No Brasil, no que diz respeito à institucionalização de políticas públicas voltadas a sua promoção, vale destacar o projeto de lei (PL) 606 proposto em 2015 pelo deputado Padre João (PT-MG) destinado a instituir a *Política Nacional de Agricultura Urbana*[7]. O PL ressalta

[7] O PL0906/2015 está disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=1150824. Projeto de Lei da Câmara n° 182, de 2017. Ver: https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/132006. Acesso em 18/03/2024.

que a "*agricultura urbana envolve a agricultura intraurbana, aquela desenvolvida no interior das cidades, e a agricultura periurbana, feita nas periferias*", com produção destinada ao consumo próprio e/ou comercialização em pequena escala. Recebido pelo Senado Federal em 2017, em maio de 2024 o PL encontrava-se em tramitação[8].

Em setembro de 2023, como parte das ações de enfrentamento à fome agravada pelo governo de extrema direita de Jair Bolsonaro (2019-2022), foi publicado pelo presidente Lula o decreto nº 11.700/2023 que institui o *Programa Nacional de Agricultura Urbana e Periurbana*[9], a ser executado pelos Ministérios do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar; do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome; do Meio Ambiente e Mudança do Clima; e do Trabalho e Emprego. Uma das ações prioritárias do programa é estimular a "*produção agroecológica de alimentos nas cidades, aproveitando as áreas ociosas urbanas e periurbanas para promover a produção sustentável, o processamento e a comercialização de alimentos saudáveis*". Para que tais práticas sejam de fato escaladas, no entanto, é fundamental que estejam alinhadas aos movimentos sociais firmados à terra.

Agricultura urbana e periubana no decreto 11.100/2023

A agricultura urbana e periurbana é caracterizada no decreto como: *"atividades agrícolas e as pequenas criações de animais desenvolvidas nas áreas urbanas ou nas regiões periurbanas, que contemple: I - as etapas de produção, processamento, distribuição e comercialização de alimentos, de plantas medicinais, de plantas aromáticas e ornamentais, de fitoterápicos e de insumos, para o autoconsumo ou a comercialização; e II - os processos de gestão de resíduos orgânicos"* (Art.2º).

Assim, a agricultura urbana e periurbana é uma atividade multifatorial presente em diferentes cidades do Brasil e do mundo, sendo realizada com ou sem apoio institucional. Apresenta perspectivas divergentes, diversidade de praticantes e variedade de objetivos.

Uma classificação de suas motivações é realizada por Nathan McClintock e Michael Simpson (2018) a partir das agriculturas presentes em regiões metropolitanas nos Estados

[8] Ver: Projeto de Lei da Câmara n° 182, de 2017. Disponível: https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/132006. Acesso em 15/05/2024.
[9] O Programa Nacional de Agricultura Urbana e Periurbana está disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-026/2023/decreto/D11700.htm#:~:text=DECRETO%20N%C2%BA%2011.700%2C%20DE%2012,de%20Agricultura%20Urbana%20e%20Periurbana. Acesso em: 21/11/2023.

Unidos e no Canadá[10]. Ainda que o quadro construído se refira a um contexto distante ao abordado nesta tese, o destaco por enfatizar potencialidades e fragilidades relacionadas à agricultura urbana e periurbana que demandam atenção.

Segundo McClintock e Simpson (2018), a sustentabilidade é a motivação mais mencionada no âmbito da agricultura urbana, ainda que compreendida por seus participantes de diferentes maneiras. Trata-se de um termo que tem sido despolitizado à medida que se refere a questões muito diversas e não aborda a ruptura radical com as estruturas socioeconômicas necessárias para promover grandes transformações. Nesse sentido, tem sido um conceito "seguro" ao capitalismo, um sistema econômico que, embora tenha incluído as questões ambientais em suas propagandas, "*se opõe a qualquer noção de sustentabilidade*" e está "*destinado a destruir as condições ecológicas das quais dependem o ser humano*" (Fisher 2009). Além disso, como observa a antropóloga Anna Tsing, a noção de sustentabilidade tem se preocupado em seus planos e programas com as condições para perpetuação da vida humana sem levar em consideração que tal perpetuação depende das condições para a vida e ressurgimento de outras espécies. A sustentabilidade, defende, precisa ser um assunto multiespécie[11], já que a habitabilidade depende da diversidade de vidas presentes e das relações que estabelecem umas com as outras (Tsing 2017).

Outro termo que merece atenção para McClintock e Simpson (2018) é a segurança alimentar e nutricional, que remete ao direito humano à alimentação adequada. Como indicam, trata-se de um termo mobilizado com maior frequência pela vertente empresarial e assistencial da agricultura urbana, enquanto a noção de soberania alimentar é mobilizada por grupos de orientação mais radical. Vale ressaltar que a soberania alimentar remete ao:

> "*(…) direito dos povos definirem suas próprias políticas e estratégias sustentáveis de produção, distribuição e consumo de alimentos que garantam o direito à alimentação para toda a população, com base na pequena e média produção, respeitando suas próprias culturas e a diversidade dos modos camponeses, pesqueiros e indígenas de produção agropecuária, de comercialização e gestão dos espaços rurais, nos quais a mulher*

[10] O trabalho foi realizado a partir de uma pesquisa online com os seguintes segmentos: empresa privada com fins lucrativos, organização sem fins lucrativos/não governamental (ONG), organização de base comunitária, escola ou universidade, organização ou agência governamental envolvidos com práticas de agricultura urbana, jardinagem urbana e agricultura urbana. A maioria das respostas vieram de Portland, local de origem do estudo, mas também são significativas as respostas de São Francisco, Oakland, Berkeley, Montreal, Vancouver, Toronto, Seattle, Chicago e Nova York.

[11] Felipe Süssekind (2018:162), em artigo sobre a virada multiespécie, destaca como a abordagem redefine noções de vida e natureza. Ao mesmo tempo que não define a vida nos "*termos exclusivistas da vida social humana*", procura não tomar "*a natureza como uma realidade objetiva exterior compartilhada por qualquer cultura ou por qualquer organismo*".

> *desempenha um papel fundamental (…). A soberania alimentar é a via para se erradicar a fome e a desnutrição e garantir a segurança alimentar duradoura e sustentável para todos os povos*" (Declaração do Fórum Mundial sobre Soberania Alimentar realizado em Havana, em 2001).

Assim, os conceitos de segurança alimentar e soberania alimentar dialogam, mas apresentam diferenças. Usado pela Via Campesina[12] em 1996 em uma agenda da FAO, a noção de soberania alimentar vai além do enfrentamento à insegurança alimentar ao reiterar "*o direito dos povos de definir as suas próprias políticas agrárias, de modo que se adaptem social, ecológica, econômica e culturalmente ao âmbito local e/ou regional*" e traz implícita "*a garantia de acesso aos meios de produção e aos bens comuns, como a terra, a água e as sementes, indispensáveis ao cultivo de produtos que compõem a dieta alimentar das populações excluídas*" (Zaar 2015:62). Nesse contexto, o planejamento urbano, as políticas voltadas à agricultura familiar e o acesso à terra são fundamentais para que a segurança alimentar e a soberania alimentar se concretizem.

Outra motivação à agricultura urbana apontada por McClintock e Simpson (2018) é a ecocêntrica, preocupada com a biodiversidade urbana e mitigação/adaptação às mudanças climáticas. Com frequência seus grupos e organizações mobilizam a redução da distância entre o alimento e o consumidor para criar uma sociedade "resiliente" e adaptada ao clima em mudança, sem maiores questionamentos ao próprio capitalismo e seus impactos ambientais.

Agricultura familiar

A agricultura familiar é uma categoria criada para implementar políticas públicas específicas ao grupo no Brasil e abriga uma diversidade de práticas de produtores rurais, povos e comunidades tradicionais, assentados da reforma agrária, silvicultores, aquicultores, extrativistas e pescadores que em comum praticam em família atividades no meio rural em áreas de até quatro módulos fiscais, com renda principal vinculada ao próprio estabelecimento. A Lei 11.326 de julho de 2006 define as diretrizes para formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e os critérios para identificação desse público. O Decreto n9064 31 de maio de 2017 regulamenta a Lei da Agricultura Familiar, definindo o módulo fiscal como unidade de classificação fundiária do estabelecimento rural. O módulo fiscal é um índice relacionado às particularidades do uso da terra em cada município e que pode ser consultado no Sistema Nacional de Cadastro Rural. O tamanho do módulo fiscal recebe tratamento diferente quando se trata de territórios de povos e comunidades tradicionais. Mais informações estão disponíveis em: https://www.embrapa.br/codigo-florestal/area-de-reserva-legal-arl/modulo-fiscal#:~:text=M%C3%B3dulo%20fiscal%20%C3%A9%20uma%20unidade,de%20explora%C3%A7%C3%A3o%20predominante%3B%20(c) e https://www.gov.br/incra/pt-br/acesso-a-informacao/indices_basicos_2013_por_municipio.pdf. Acesso em: 07/07/2021.

[12] SILVA, 2020. Aliança dos movimentos sociais do campo. Para maiores informações, consultar: https://journals.openedition.org/configuracoes/8626. Acesso em: 05/05/2023.

As motivações “faça você mesmo“ (DIY) e a radical também são apresentadas pelos autores. A primeira traz o desejo de experimentar formas independentes para transformar a ordem vigente. Em seu discurso, mobiliza a autossuficiência em termos de autoconfiança e autodeterminação da comunidade, ou seja, a partir do esforço em ampliar a ajuda mútua, as relações sociais e o vínculo comunitário. McClintock e Simpson (2018) destacam que com mais frequência mobilizam a noção de soberania alimentar aliada à segurança alimentar, o que está alinhado ao interesse que possuem de criar e recuperar espaços e bens comuns perdidos pela avançada urbanização e especulação imobiliária. O quadro radical defende justiça social, justiça alimentar, justiça ambiental, soberania alimentar e troca anticapitalista, com ênfase às preocupações socioambientais frente ao lucro. Reitera que a agricultura urbana precisa estar comprometida com grandes transformações socioeconômicas e com a formação de comunidades capazes de construir seu próprio destino alimentar, o que deve ser feito em rede com as agriculturas das zonas periurbanas e rurais (McClintock e Simpson 2018).

Assim, como indica a literatura especializada, existem diferentes sentidos e fazeres associados à agricultura urbana e periurbana, o que demanda atenção às motivações implicadas. Em contexto de crise ambiental, enquanto política pública, considero que a agricultura urbana e periurbana deve estar aliada à superação da desigualdade e injustiça fundiária e à promoção da soberania e segurança alimentar; se fortalecida em suas dimensões “faça você mesmo” e radical pode proliferar modos de existir afins ao cuidado, à vida comum e marcar paisagens com a beleza da fartura.

***

A região metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) é composta por 34 municípios e outros 16 compõem seu colar metropolitano. Apresentava em 2010 uma população de 4.883.970 habitantes, com apenas 96.402 (1,97%) residentes em áreas rurais (IBGE 2010). Em 2022 sua população cresceu, indo a 5.127.694 habitantes (IBGE 2022).

A capital do estado e polo regional, Belo Horizonte, perdeu 2,6% de sua população de 2010 a 2022, indo de 2.375.151 a 2.315.560 habitantes (IBGE 2010; IBGE 2022). Municípios conurbados ao polo, como Betim, Ibirité, Contagem, Sabará e Ribeirão das Neves, por sua vez, cresceram no mesmo intervalo 8,9%, 36,7%, 3,1%, 13,8% e 11,3%, respectivamente, incentivados por imóveis mais acessíveis e menor custo de vida (IBGE 2010; IBGE 2022).

Municípios da RMBH e Colar Metropolitana

- RMBH: Belo Horizonte, Betim, Caeté, Contagem, Ibirité, Lagoa Santa, Nova Lima, Pedro Leopoldo, Raposos, Ribeirão das Neves, Rio Acima, Sabará, Santa Luzia, Vespasiano, Brumadinho, Esmeraldas, Igarapé e Mateus Leme, Juatuba, São José da Lapa, Florestal, Rio Manso, Mário Campos, São Joaquim de Bicas, Sarzedo, Baldim, Capim Branco, Jaboticatubas, Taquaraçu de Minas, Itaguara, Matozinhos, Nova União, Itatiaiuçu.
- Colar Metropolitano: Barão de Cocais, Belo Vale, Bonfim, Fortuna de Minas, Funilândia, Inhaúma, Itabirito, Itaúna, Moeda, Pará de Minas, Prudente de Morais, Santa Bárbara, São José da Varginha, Sete Lagoas, Bom Jesus do Amparo e São Gonçalo do Rio Abaixo.

A população rural da RMBH é mais expressiva em municípios distantes de Belo Horizonte, alcançando seus maiores percentuais em Taquaraçu de Minas (54%), Nova União (49%) e Rio Manso (47%) (IBGE 2010). Em alguns municípios, como Belo Horizonte, Confins e Vespasiano, a população rural é de 0% e, em outros como Ibirité, Betim, Contagem, Ribeirão das Neves e Santa Luzia, esse percentual não chega a 1% (IBGE 2010). Cabe ressaltar que o critério adotado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para a distinção entre rural e urbano é a localização do domicílio em relação aos planos diretores, zoneamentos e outros instrumentos legais municipais, como prevê o decreto-lei 311/1938 (IBGE 2017b:25). O rural, nessa definição, é a área não incluída no perímetro urbano a partir da legislação municipal. Por esse critério, mesmo perímetros de cidades e distritos com poucos habitantes e com baixa densidade demográfica podem ser considerados urbanos, o que revela como tais delimitações sofrem coações de toda ordem, não se tratando, portanto, de uma definição estritamente técnica. A situação, nesse sentido, é mais complexa do que os dados conseguem revelar, já que em algumas de suas porções territoriais a distinção entre o que é urbano e o que é rural não é tão radical como postulam os dispositivos legais,

Áreas urbanizadas

As áreas urbanizadas (IBGE 2017a) são classificadas em duas categorias: densa e pouco densa. As áreas densas apresentam pouco espaçamento entre as construções e um maior número de vias, sendo as áreas mais consolidadas das concentrações urbanas. Já as áreas pouco densas apresentam feições urbanas, mas com uma ocupação mais espaçada, podendo englobar áreas em processo de ocupação, áreas de condomínios ou loteamentos (IBGE 2017a:13).

abarcando situações intermediárias (*cf*. Almada 2010; Almeida, Costa 2014; Almeida *et. al.* 2014b; Almeida 2016; Almeida *et. al.* 2022).

De modo geral, a expansão do tecido urbano da RMBH tem ocorrido de forma dispersa e fragmentada, sendo impulsionada pela implantação de loteamentos de alta, média e baixa renda e pelas grandes atividades realizadas em seus vetores de norte a sul[13] (Almeida *et. al*. 2022:18). Suas áreas urbanizadas são marcadas por uma expressiva heterogeneidade relacionada aos processos de ocupação, o que conforma diferentes maneiras de produzir o espaço.

As desigualdades nos municípios e entre os municípios da RMBH são marcantes. Os dados da PNAD contínua[14] indicam queda do Índice de Desenvolvimento Municipal (IDHM) da região de 2019 a 2021, indo de 0,816 a 0,797. Os maiores valores são encontrados nos municípios de Nova Lima (0,813), Belo Horizonte (0,810) e Pedro Leopoldo (0,757); e seus menores estão nos municípios de São Joaquim de Bicas (0,662), Ribeirão das Neves (0,684) e Vespasiano (0,688).

IDHM

O IDHM é um indicador que combina longevidade, educação e renda; e está dividido em cinco faixas que vão de 0,000 a 1,000, sendo: 0,000 a 0,499, muito baixo; 2) 0,500 a 0,599, baixo; 3) 0,600 a 0,699, médio; 4) 0,700 a 0,799, alto; 5) 0,800 a 1,000, muito alto. Quanto mais elevado, melhores são os indicadores sociais associados.

Em relação às condições de habitação, 90,81% da população da RMBH reside em domicílios com abastecimento de água; 93,63% têm coleta de lixo em domicílio; e apenas 79,27% estão ligados à rede de esgoto (PNAD 2017). As disparidades de renda, raça e gênero seguem presentes na RMBH: em 2010 o IDHM da população residente em área urbana era 0,781, enquanto o da população rural era 0,667. Em 2021, a população negra apresentava um IDHM menor do que a população branca (0,762 e 0,834, respectivamente). Cabe ressaltar que a maior parte da população com empregos formais é masculina e branca, enquanto os postos de trabalho com rendimento de até um salário-mínimo são ocupados pela população feminina e negra. O Índice de Gini é um indicador que mensura a concentração de renda, sendo 0 a total igualdade e 1 a máxima concentração.

[13] Os vetores de expansão são uma tentativa de facilitar o entendimento da dinâmica territorial de produção do espaço. Para conhecer os vetores de expansão definidos pelo Macrozoneamento da RMBH, consultar: https://www.ipea.gov.br/redeipea/images/pdfs/governanca_metropolitana/rel1_1_rmbh.pdf e a tese de doutorado de Daniela Almeida (2016), dedicada a pensar as diferentes agriculturas presentes na RMBH e o papel do planejamento urbano e das políticas públicas para seu fomento.

[14] As informações sobre a RMBH e PNAD contínua foram extraídas em: http://www.atlasbrasil.org.br/perfil/rm/63100. Acesso em: 06/09/2023.

No quatro trimestre de 2023 o valor estimado para a RMBH foi de 0,53, enquanto no Brasil, no mesmo período, o Índice de Gini era 0,626 (Salata, Ribeiro 2024).

Como em outras regiões metropolitanas brasileiras, a expansão urbana e industrial, somada à especulação imobiliária, tem reduzido as áreas agrícolas e de preservação ambiental (Alencar, Ornelas, Costa 2020:292). A tabela abaixo, sobre uso e cobertura do solo na RMBH, elaborada a partir de informações do MAP Biomas[15] de 1985 a 2022, reitera tal tendência ao indicar queda na cobertura florestal e das áreas de agropecuária ao passo que áreas não vegetadas aumentam com a expansão do tecido urbano:

Tabela 1. Uso e cobertura do solo RMBH (MAP Biomas)

uso e cobertura do solo	**1985**	**2022**
cobertura florestal	33,91%	30,77%
formação natural não florestal	8,55%	8,49%
agropecuária	52,13%	48,70%
área não vegetada	4,68%	11,34%

(Tabela elaborada a partir de dados do Map Biomas de 1985 a 2022)

O nível de integração à dinâmica de metropolização de municípios da RMBH e colar metropolitano em relação ao polo, Belo Horizonte, é um indicador[16] que situa as relações rural-urbano e as atividades econômicas predominantes (Agência de Desenvolvimento da RMBH 2013). A dinâmica de metropolização está relacionada ao processo de urbanização e implica na "*concentração e difusão de artefatos econômicos, políticos, sociais e culturais em determinados aglomerados metropolitanos*" (Ribeiro *et. al.* 2012). De modo geral, quanto mais distantes e menos integrados estão os municípios em relação ao polo da RMBH, maior o número de domicílios localizados em áreas rurais, como indica a figura 1:

[15] Plataforma MAP Biomas Brasil. Disponível em: https://plataforma.brasil.mapbiomas.org/. Acesso em: 28/09/2023

[16] Segundo o Observatório das Metrópoles (2012), os níveis de integração à dinâmica de metropolização foram definidos a partir de "análise estatística que utiliza indicadores relativos ao porte populacional, econômico e funcional, grau de urbanização, densidade, ocupação e mobilidade populacional, foi possível agrupar os municípios conforme níveis de integração à dinâmica da metropolização – que vão desde a identificação dos polos das unidades e municípios de elevada integração até àqueles com integração muito baixa. Sendo assim, os núcleos das 59 unidades analisadas foram considerados como polos e os demais níveis de integração identificados foram: extensão dos polos, muito alto, alto, médio, baixo e muito baixo." Para maiores informações, consultar: www.observatoriodasmetropoles.net.br/dinamica-da-metropolizacao-no-brasil. Acesso em: 11/11/2024.

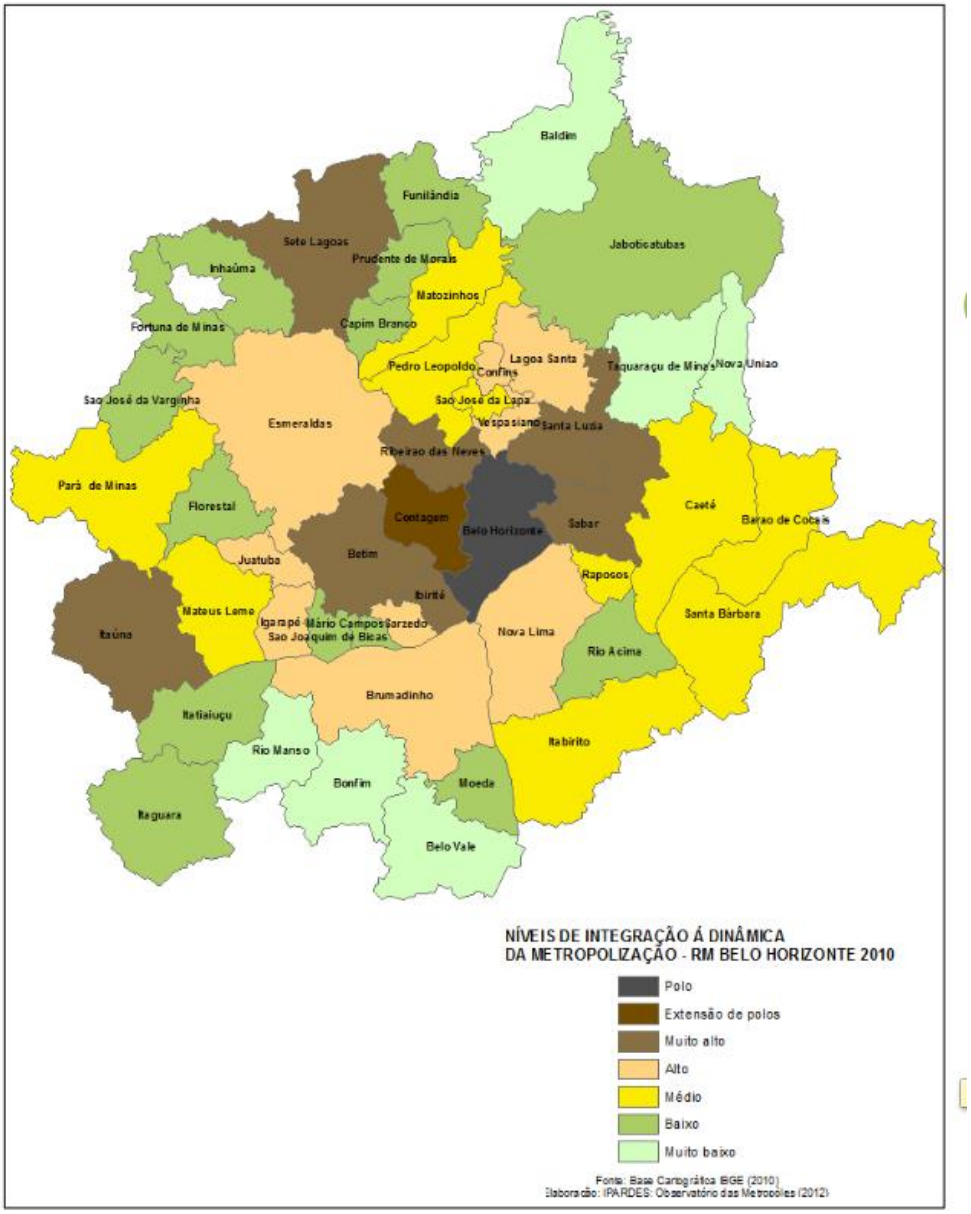


Figura 1: Níveis de integração da RMBH e Colar Metropolitano: Fonte: Observatório das Metrópoles (2012). Disponível em: Agência de Desenvolvimento da RMBH (2013:19).

Nos municípios com maior integração à dinâmica de metropolização têm destaque as indústrias, a mineração e o setor de serviços. Os municípios de menor integração estão, em grande maioria, localizados nas bordas da região e são marcados por uma extensa zona rural. Nesses municípios, em especial em suas zonas rurais, a agricultura familiar é a atividade econômica predominante, sendo realizada em assentamentos da reforma agrária, em pequenas propriedades e em comunidades quilombolas (Agência de Desenvolvimento da RMBH 2013). O Censo Agro 2017 assinala a presença de 14.321 estabelecimentos agropecuários na RMBH e Colar Metropolitano, sendo 8.472 voltados à agricultura familiar (59,2%). É importante ressaltar que parte da população rural da RMBH se dedica também a

atividades tipicamente urbanas, o que compõe as estratégias de sobrevivência das famílias (Costa, Santos, Costa 2013:113).

A RMBH é marcada pela diversidade de espaços agrícolas manejados e de pessoas que se envolvem nos seus cuidados. As agriculturas praticadas nas zonas rurais incluem "*a produção e o beneficiamento de hortaliças, verduras, frutos e grãos, formando um cinturão verde; a criação de animais de pequeno, médio e grande porte; e a produção, o extrativismo e o beneficiamento de plantas medicinais*", produção voltada a abastecer a região de produtos hortifrutigranjeiros (Agência de Desenvolvimento RMBH 2013:74). Tem destaque as safras de: alface, chuchu, mandioca, tomate, couve-flor, milho verde, pimentão, abobrinha, inhame, berinjela, brócolis, jiló, pepino, repolho, cebolinha, salsa, couve, almeirão, quiabo, acelga, agrião, abóbora, espinafre, beterraba, vagem, mostarda, ervilha, cenoura, alho, cebola. Entre as frutíferas, destacam-se a banana, mexerica, laranja, manga, limão, abacate, maracujá, goiaba, lichia, uva, acerola e pitaya (Emater 2020 *apud* Almeida *et. al.* 2022:94-95).

A partir de iniciativas mapeadas[17] nos últimos anos e de dados disponíveis para a RMBH, o *1º Anuário das agriculturas metropolitanas...*[18] foi organizado pelo AUÊ! – Estudos em Agricultura Urbana (UFMG), em 2022. Como indica, a atividade agropecuária na região acontece em diferentes espaços, como quintais, lotes, áreas cedidas, shopping, ocupações urbanas, comunidades quilombolas, assentamentos e acampamentos da reforma agrária e em sítios, chácaras e fazendas. Há, ainda, um rico conjunto de agriculturas não mapeadas na RMBH, como as agriculturas de povos indígenas e as agriculturas de povos de matriz africana (Almeida *et. al.* 2022). Por mais que essas práticas, muitas vezes, sejam julgadas como "*não científicas, residuais, inferiores, locais e improdutivas*" (Almeida 2016:30) ou como irrelevantes, inviáveis e incompatíveis (Tupy et. al. 2015), elas ainda marcam a paisagem urbana e periurbana.

Ainda que a agricultura de maior escala seja realizada nas zonas rurais da RMBH e colar metropolitano, minha atenção nesta tese está voltada aos pequenos espaços manejados em municípios com maior integração à dinâmica de metropolização por envolverem práticas e

[17] Como apresentam: "*Os municípios que mais tiveram agriculturas caracterizadas e mapeadas foram Rio Manso (com 137 agriculturas), Belo Horizonte (94), Caeté (70), Baldim (66), Nova União (65), Juatuba (51), São Joaquim de Bicas (47), Pedro Leopoldo (46), Capim Branco (45), Ribeirão das Neves (34), Vespasiano (33) e Matozinhos (31) (...). Em alguns municípios, como Confins, Mário Campos, Santa Luzia e Sarzedo, ainda não foi possível levantar informações* (Almeida *et. al.* 2022:81).

[18] 1º Anuário das Agriculturas Metropolitanas: uma publicação sobre a Região Metropolitana de Belo Horizonte, 2022. Disponível em: https://aueufmg.wordpress.com/anuario-das-agriculturas-metropolitanas-primeira-edicao/. Acesso em: 23/05/2023.

saberes agrícolas que persistem e se reinventam mesmo em contexto de intenso e desordenado adensamento.

De modo geral, as agriculturas que acontecem em áreas urbanas e periurbanas na RMBH são realizadas em espaços reduzidos, públicos ou privados, de forma individual, familiar ou coletiva. São cultivadas espécies alimentícias (hortaliças, frutíferas, aromáticas) combinadas com espécies medicinais e/ou ornamentais, sendo característica a diversidade de espécies. Em sua maioria envolvem práticas que acontecem de forma espontânea e algumas iniciativas contam com algum apoio institucional. Em alguns casos essas atividades se somam à criação de pequenos animais e a atividades de beneficiamento. A pequena produção está voltada ao autoconsumo e doações, mas também existe comercialização, em especial para complementação da renda (*cf.* Almeida 2006; Gomes 2009; Almada 2010; Coutinho 2010; Coutinho, Costa 2011; Paixão, Almeida 2012; Almeida, Morais, Paixão 2012; Costa, Santos, Costa 2013; Melgaço 2014; Almeida, Costa 2014a; Almeida *et al.* 2014b; Costa 2015; Tupy, Almeida, Melgaço 2015; Silva 2015; Almeida 2016; Ornelas 2017; Alencar 2018; Alencar, Ornelas, Costa 2020; Araújo 2020; Kern 2021 entre outros). Em contexto urbano tem destaque uma agricultura de pequena escala e uma microagricultura (cf. Regaldo 2013; Müller 2013) que nem sempre está voltada ao mercado e que, quando está, não costuma ser referida como a renda principal das famílias. Há, no entanto, casos em que essas práticas têm características próximas à agricultura familiar. Vale destacar que as agriculturas que acontecem em contexto urbano e periurbano apresentam diferenças no que diz respeito ao acesso à terra, tamanho das áreas, disponibilidade de água, acesso às vias de transporte e mesmo regras municipais diferenciadas, já que em contexto periurbano, por exemplo, a presença de animais de maior porte é possível enquanto em contexto urbano é proibida ou restrita.

Entre os municípios que compõem a RMBH, Belo Horizonte e Contagem têm conferido destaque à agricultura urbana e periurbana como parte de uma política de enfrentamento à fome e ao desemprego, para o manejo de resíduos orgânicos e para ampliação de áreas verdes. Belo Horizonte apresenta iniciativas institucionalizadas direcionadas à agricultura urbana desde a década de 1990 (Santandreu, Lovo 2007; Telles 2009; Almeida, Morais, Paixão 2012; Paixão, Almeida 2012; Almeida 2016; Araújo 2020; Kern 2021; Sá, 2021, entre outros). Em diálogo com ONGs, como a Rede de Intercâmbio de Tecnologias Alternativas (REDE)[19], organizações da sociedade civil, como a Articulação Metropolitana de Agricultura

[19] Rede de Intercâmbio de Tecnologias Alternativas (REDE). Disponível em: https://redemg.org.br/. Acesso em: 10/04/2023.

Urbana (AMAU)[20], e grupos de pesquisa e extensão, como o grupo Aroeira[21] e o grupo AUÊ/UFMG, tem se constituído como uma referência em agricultura urbana no Brasil e na América Latina.

Em contexto atual, por meio da Subsecretaria de Segurança Alimentar e Nutricional (SUSAN), vinculada à Prefeitura de Belo Horizonte (PBH), dois programas de apoio às práticas agrícolas no município são executados: o Sistemas Agroecológicos e o Territórios Sustentáveis. O primeiro está voltado a oferecer suporte técnico e insumos para hortas coletivas em escolas, instituições e comunidades, enquanto o segundo busca desenvolver pomares, quintais, viveiros de mudas e casas de sementes em quatro localidades em Belo Horizonte: nas comunidades Vitória, Esperança e Rosa Leão, situadas na ocupação Izidora, e no quilombo de Mangueiras (Araújo 2020:36-37). Em apoio às práticas foi criada em 2021 a feira de produtos da agricultura urbana no centro de Belo Horizonte.

Além dessas ações, desde 2018 é ofertado semestralmente pelo Centro de Referência em Segurança Alimentar e Nutricional (CRESAN) o curso de formação *Trilha da Agroecologia*, voltado à agricultores da RMBH, profissionais da educação, servidores e demais interessados na promoção dessa temática[22].

Em fevereiro de 2021 a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do estado de Minas Gerais (Emater) emitiu a primeira Declaração de Aptidão ao Pronaf (DAP) em contexto urbano para a horta comunitária Vila Pinho, situada na região do Barreiro. Ao total, estão cadastrados 333 agricultores urbanos em Belo Horizonte[23] (Emater 2021).

Declaração de Aptidão ao Pronaf

A Declaração de Aptidão ao Pronaf (DAP) atesta que o agricultor é um pequeno produtor e é um instrumento indispensável para acesso ao Programa de Aquisição de Alimentos, Merenda Escolar e Habitação Rural. Para maiores informações sobre a DAP, acesse: https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/agricultura-familiar/dap/manuais/folder-sobre-a-dap.pdf. Acesso em: 18/10/2021.

Em 2021, Belo Horizonte apresentava: 41 hortas comunitárias em espaços cedidos pela prefeitura; 44 hortas em equipamentos públicos como centros de saúde, centros culturais, entre outros; e 151 hortas em escolas

[20] Articulação Metropolitana de Agricultura Urbana. Disponível em: https://amau.org.br/wp-content/uploads/2016/09/Carta-Pol%C3%ADtica-AMAU-compactado.pdf. Acesso em: 20/10/2021
[21] Grupo Aroeira. Disponível em: https://www.facebook.com/grupoaroeira/. Acesso em 20/10/2021.
[22] Informações sobre o curso Trilha da Agroecologia estão disponíveis em: https://prefeitura.pbh.gov.br/smasac/susan/gastronomia-e-qualificacao-profissional/trilha-agroecologica. Acesso em: 18/02/2022.
[23] Emater emite primeira DAP para agricultor urbano em Belo Horizonte. Disponível em https://www.emater.mg.gov.br/portal.do/site-noticias/emater-mg-emite-primeira-dap-para-agricultor-urbano-em-bh/?flagweb=novosite_pagina_interna&id=25412. Acesso em 25/06/2021.

(Emater 2021). Tal conjunto encontra-se em crescimento a partir do credenciamento de novas unidades produtivas[24], espaços que procuram

> "[...] *promover a produção de alimentos saudáveis, a geração de renda e o desenvolvimento local sustentável, contribuindo para a segurança alimentar e nutricional da população e para potencializar a coletividade nas comunidades. Estes espaços podem ser constituídos por diversos tipos de cultivos, chamados de Sistemas Agroecológicos, tais como: hortaliças, frutíferas, sistemas agroflorestais, plantas medicinais, aromáticas, condimentares, PANCs, flores, compostagem, criação de animais, entre outros*".

Em Contagem, o Centro Municipal de Agricultura Urbana e Familiar (CMAUF), ligado à Coordenadoria de Segurança Alimentar e de Abastecimento, foi inaugurado em 2010 para apoio às práticas agrícolas, ações educativas e produção de mudas, com destaque às hortaliças tradicionais e plantas medicinais. Em 2021, em parceria com a PUC Minas, teve início o mapeamento das agriculturas do perímetro urbano e periurbano com o intuito de oferecer apoio técnico em parceria com a Emater.

O termo agroecologia com frequência aparece mobilizado junto às iniciativas de agricultura urbana e periurbana na RMBH. Cabe enfatizar que, de modo geral, a agroecologia tem sido propagada como alternativa ao sistema globalizado de alimentos por priorizar a heterogeneidade de conhecimentos e práticas agrícolas na produção familiar e nos cultivos de variadas espécies nos agroecossistemas (Londres, Petersen, Martins 2017). É um modelo produtivo que tem ganhado destaque[25] por dispensar insumos químicos, em especial agrotóxicos, e por englobar ambientes manejados a partir de conhecimentos ecológicos desenvolvidos e atualizados por agricultores e agricultoras em encontro (e desencontros) com a agronomia e outras áreas do conhecimento. Coloca-se, assim, tanto como movimento social como uma área do conhecimento que valoriza relações entre a academia e os saberes locais. Como ressaltam Daniela Almeida e colaboradores (2022:15), a agroecologia

[24] Ver trâmites para instalação de Unidades produtivas e comunitárias disponível em: https://prefeitura.pbh.gov.br/smasac/susan/fomento/sistemas-de-producao/coletivas-e-comunitarias. Acesso em: 29/05/2023.

[25] A Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), com a iniciativa *Agroecologia nos Municípios*, desde as eleições municipais de 2020 tem realizado o mapeamento de políticas públicas, programas e legislações específicas voltadas à promoção da agroecologia em todo o Brasil com o intuito de trazer exemplos de mobilização que inspirem ações futuras e compromissos políticos. Ver: https://agroecologia.org.br/2022/05/18/mapa-da-iniciativa-agroecologia-nos-municipios-apresenta-quase-60-experiencias-de-incidencia-politica-em-todo-o-pais/ e https://midianinja.org/agroecologia-nos-municipios/. Acesso em 23/11/2023.

> "*oferece outras lentes para reconhecer o potencial de práticas agrícolas de pequena e média escalas pautadas pela promoção da agrobiodiversidade, pela recuperação dos biomas, das águas, das nascentes, pela valorização da cultura local, por relações sociais mais justas, incluindo a construção social de mercados. Em síntese, práticas comprometidas com a reprodução da vida, e não com a reprodução do capital*".

No âmbito do planejamento metropolitano da RMBH, a agroecologia tem sido destacada por ser compatível e recomendada para a recuperação de áreas degradadas ao mesmo tempo em que defende a justiça social, o encontro entre diferentes saberes e a geração de alternativas socioeconômicas para agricultores e agricultoras em contexto urbano e periurbano, muitos em situação de vulnerabilidade e insegurança fundiária (*cf.* Almeida 2016; Alencar, Ornelas, Costa 2020). Sua defesa parte de um arranjo institucional inédito em Minas Gerais e no Brasil para a gestão metropolitana, com objetivo de definir diretrizes para o *Macrozoneamento da RMBH*[26] (Alencar, Ornelas, Costa 2020:296). O Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado da RMBH (PDDI-RMBH) tem

> *"o propósito de tomar o uso residencial como estruturante do espaço metropolitano; a perspectiva de estimular a criação, a manutenção e o uso dos espaços públicos, articulando-os em uma rede de áreas verdes e cursos d'água; a intenção de estimular o aproveitamento de terrenos vazios e a recuperação de imóveis e áreas degradadas para atividades como a agricultura urbana, o lazer, a habitação de interesse social e a economia solidária; a proposta de promover a descentralização policêntrica do tecido urbano, reduzindo a necessidade de deslocamentos por parte da população e diminuindo a pressão sobre as áreas protegidas e os espaços rurais; e a perspectiva de implementação de uma rede de mobilidade eficiente e de baixo impacto ambiental (UFMG 2015 apud Euclydes 2016:150)*.

Ao menos no papel, tal instrumento assinala a importância de fortalecer a diversidade biocultural e de reestruturar a região a partir da produção de diferentes polos (Euclydes 2016:236).

A agricultura urbana e periurbana aliada à agroecologia integra, em especial, a Trama Verde e Azul (TVA) prevista pelo macrozoneamento, uma proposta

[26] Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado da RMBH (PDDI-RMBH). http://www.agenciarmbh.mg.gov.br/pddi-macrozoneamento/. Acesso em: 23/11/2023.

> "*que tem como objetivo assegurar a continuidade entre áreas de interesse ecológico, ambiental e paisagístico a partir de elementos morfológicos do território, tais como serras, topos de morro, vales, redes hidrográficas, dentre outros. Na RMBH, foram incorporadas à essa malha de corredores verdes uma diversidade de usos do solo, como as atividades agrícolas, industriais e de ocupação urbana e periurbana, atividades e manifestações culturais, áreas de turismo ecológico, áreas degradadas passíveis de recuperação ambiental, entre outras. A contribuição na geração de renda e na segurança alimentar e nutricional da população metropolitana também foram ressaltadas*" (UFMG 2014 *apud* Almeida 2016:302).

Vale enfatizar que a TVA é uma proposta que nasce na França para fortalecer a gestão ambiental ao associar "*espaços verdes de todo tipo às bacias hidrográficas de forma integrada com a malha urbana, utilizadas para garantir saneamento e recuperação do solo, ar e água de forma articulada*" (Barbalho 2015:34). Na RMBH, é mobilizada como possibilidade de "*reestruturação do espaço metropolitano a partir de uma rede de espaços que envolve áreas verdes, áreas protegidas, estrutura viária, produção em bases agroecológicas, manifestações culturais e lazer*" (Euclydes 2016:27-28). Nesse contexto, as agriculturas que se perpetuam aliadas à agroecologia são percebidas como potencializadoras da "*(re)organização do sistema alimentar, para a descentralização e acesso a bens comuns*" (Almeida *et. al.* 2022:21).

Áreas verdes e áreas protegidas

As áreas verdes e as áreas protegidas são espaços cedidos pela sociedade urbana industrial para que a natureza possa existir e devem ser entendidos também a partir de seus duplos, as áreas não verdes e as áreas não protegidas (Euclydes 2016). As áreas verdes incluem parques urbanos, praças, hortas comunitárias, quintais, jardins e arborização urbana enquanto as áreas protegidas estão voltadas à conservação dos ecossistemas nativos, com acesso restrito à exploração direta pela população (Euclydes 2016). De modo geral as áreas verdes estão situadas nas cidades e são marcadas pelo componente da domesticação. Em seus espaços predomina, em especial nas áreas de lazer, um paisagismo que produz "*jardins geométricos, de flores e canteiros cuidadosamente aparados, enaltecedores da habilidade humana de manipulação das espécies e paisagens*" (Euclydes 2016:21). As áreas verdes, além de servirem ao lazer e ao embelezamento urbano, também têm sido atravessadas por objetivos ecológicos. As áreas protegidas estão, de um modo geral, situadas em contexto rural e encontram-se ameaçadas à medida que o tecido urbano se expande. Essas categorias guardam relação com as hierarquias estabelecidas no âmbito do Estado para classificar as diferentes naturezas, uma a ser preservada e outra mais ordinária (Euclydes 2016).

Do ponto de vista institucional, o projeto de lei nº3.676/2022[27] (em tramitação), apresentado pela deputada estadual Leninha (PT-MG), tem como intuito instituir o *Polo Agroecológico e de Produção Orgânica da Região Metropolitana de Belo Horizonte e do Colar Metropolitano.* Voltado aos contextos rurais, contempla questões como: a defesa da "*soberania e segurança alimentar e nutricional";* a promoção da *"diversidade agrícola, biológica, territorial, paisagística e cultural";* a *"valorização da agrobiodiversidade e incentivo à implantação e ao fortalecimento de sistemas de produção diversificados";* o *"estímulo à diversificação da produção agrícola e da paisagem rural";* o *"reconhecimento dos sistemas agroecológicos e orgânicos como passíveis de retribuição por serviços ambientais prestados pelos agricultores";* o *"fomento à agroindustrialização, ao turismo de base comunitária, com vista à geração e à diversificação de renda no meio rural"*.

A agroecologia mobilizada como estratégia de recuperação na TVA tem implicações em contextos rurais e urbanos (Euclydes 2016:150; Almeida 2016). No campo, remete à adoção de práticas de manejo e ao resgate e disseminação de saberes agrícolas locais. Em contexto urbano recupera o valor de fertilidade do solo, o que permite se relacionar com as plantas, com a terra e transformar paisagens. Em exercício otimista, a geógrafa Ana Euclydes (2016) especula como a RMBH poderia se transformar caso a agricultura de base agroecológica se expandisse: poderia levar à "*revisão da estrutura de propriedade do solo",* à *"ressignificação dos espaços não edificados",* à *"expansão do cultivo em áreas construídas e não-construídas"* e ao *"fortalecimento das relações sociais baseadas em trocas e ajuda mútua*" (Euclydes 2016:229). A trama formada não seria apenas verde e azul, e sim multicolorida, capaz de potencializar criatividades e junções diversas entre vida cotidiana e natureza (Euclydes 2016:229).

Nos cinco últimos anos é notável o crescimento de famílias, organizações e movimentos sociais envolvidos com o fortalecimento de redes de agroecologia, agricultura familiar e agricultura urbana na RMBH. Nota-se, ainda, no mesmo período, o aumento de seminários, cursos e oficinas voltadas à difusão dessas temáticas (Almeida *et. al.* 2022:56-57). Ainda que pareça haver certa mudança em curso, a agroecologia em contexto urbano, periurbano e rural está longe de ser hegemônica. Outro desafio, além de sua difusão, é a disputa de seus sentidos, uma vez que não deve ser entendida apenas como um conhecimento técnico voltado a produzir sem agrotóxicos como a agricultura orgânica, atendendo assim apenas quem pode pagar. A agroecologia, em seu viés radical, deve seguir aliada às pautas

[27] Polo Agroecológico e de Produção Orgânica da Região Metropolitana de Belo Horizonte e do Colar Metropolitano: https://www.almg.gov.br/atividade-parlamentar/projetos-de-lei/texto/?tipo=PL&num=3676&ano=2022. Acesso em: 23/11/2023.

transformadoras, como acesso à terra e moradia, fundamentais para que as pessoas tenham o direito de existir e sonhar.

Inspirada pela trajetória e conhecimentos compartilhados pelo mestre Joelson Ferreira[28], meu interesse, expresso nessa tese, é pela agroecologia que transforma vidas e paisagens ao se preocupar em combater a injustiça fundiária e promover as soberanias alimentar, energética, hídrica e cognitiva dos povos e comunidades. O assentamento Terra Vista (sul da Bahia), onde o mestre Joelson vive, com pouco mais de vinte anos de transição agroecológica, reflorestou a terra e é hoje um modelo de cuidado, fartura e beleza que precisamos com urgência multiplicar. Como destaca César Guimarães (2022:19), coordenador da Formação Transversal em Saberes Tradicionais da UFMG: "*antes região improdutiva e desmatada, hoje fértil e próspera, reflorestada e cultivada com pujança, desde que foi ocupada em 1992, amparada e defendida pelas 55 famílias que ali permaneceram*":

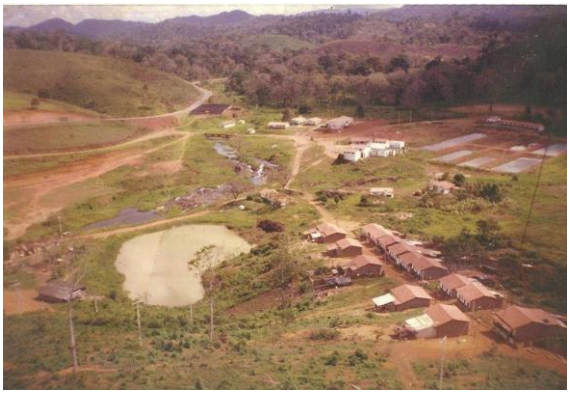


Figura 2: Assentamento Terra Vista em 1998. Imagem disponível em: https://www.facebook.com/469164093201675/photos/a.533044873480263/646116885506394. Acesso em: 14/12/2021.

Figura 3: Assentamento Terra Vista em 2014. Imagem disponível em: https://www.facebook.com/469164093201675/photos/a.533044873480263/646116885506394. Acesso em: 14/12/2021.

O encontro de Joelson com a dimensão técnica da agroecologia é recuperado por Rosângela Tungy (2022): "*Em 2000 ninguém queria produzir cacau. Quanto mais botavam adubo, fertilizante, mais dava errado. A planta enfraquecia e a vassoura de bruxa dominava. Lendo o livro de Ana Primavesi sobre a questão do enriquecimento do solo, da planta sadia e do homem sadio, começamos a fazer a experiência*" (*apud* Ferreira 2022:62). Além da dimensão técnica, a agroecologia é percebida como um modo de produzir transformações importantes na cultura do consumo e do imediatismo se sua devoção à vida inclui o combate

[28] Em 2022 seu dossiê foi aprovado na UFMG e recebeu o título de Notório Saber, regulamentado pela Resolução Complementar n.01/2020 de 28 de maio de 2020. Para maiores informações: UFMG diploma 15 novos doutores por 'notório saber': https://ufmg.br/comunicacao/noticias/ufmg-diploma-15-novos-doutores-por-notorio-saber. Acesso em: 10/12/2022.

à fome, à pobreza e à concentração de terras. Como enfatiza Joelson: "*Temos a agroecologia como um processo e uma ciência que pode nos ajudar a reconstruir a destruição do capitalismo e do agronegócio. Também queremos trabalhar para restituir a terra aos povos que foram dela deserdados*" (Ferreira 2022:124-5). Nosso horizonte grandioso deve ser viver com abundância:

> "*Então, cada pedacinho de terra, cada território que conquistamos, temos que transformar com a ciência da agroecologia na prática, no dia a dia. Aprender com as formigas, aprender com os passarinhos, aprender com as árvores: elas nos ensinam como se faz a transição, como morrem para dar vida a outras, como se faz a biodiversidade. No nosso assentamento, estamos construindo o paraíso na terra*" (Ferreira 2022:137).

Joelson tem uma trajetória importante na luta pela terra e na agroecologia e tem sonhado e construído, junto à Teia dos Povos[29], a *Aliança Preta, Indígena e Popular*, uma rede que reúne povos e dialoga com as questões individuais e coletivas no sentido do cuidado e do fazer[30]. A teia procura, como indica, superar as pequenas diferenças que nos dividem a partir das coisas simples e que são grandiosas que nos reúnem. Como destaca Spensy Pimentel (2022:36), a "*Agroecologia na Teia dos Povos assume um sentido cosmológico*". A partir dessa aliança, se esforça em "*buscar pontos de encontro entre um mundo que inclui negros, indígenas e mestiços, católicos, evangélicos ou adeptos do candomblé em suas várias expressões ou do culto aos Encantados, ocupando territórios comuns como assentamentos, quilombos, aldeias e periferias urbanas*" (Pimentel 2022:35).

Como enfatiza Joelson, é urgente servir aos que têm fome e mostrar saídas concretas a partir da terra para que brote vida também nas periferias e centros das cidades. Ao invés de falar das lamúrias e da dor, é fundamental convidar as pessoas para organizar e fazer a fartura (Ferreira 2022). A universidade, nesse contexto, deve reconhecer o papel "*central dos territórios negros, indígenas e camponeses na construção de alternativas diante dos efeitos desastrosos do Antropoceno – e o reconhecimento dessa relevância é uma das tarefas mais importantes que a universidade pode assumir para si neste momento histórico*"

[29] A Teia dos Povos surgiu em 2012 a partir da aliança estratégica de comunidades, territórios, povos, organizações políticas rurais e urbanas, extrativistas, ribeirinhos, povos originários, quilombolas, periféricos, sem-terra, sem-teto e pequenos agricultores que combina emancipação e reciprocidade. Sua expansão tem sido favorecida pela internet e as redes sociais, e encontros, cursos, jornadas, mutirões em diferentes partes do país. Ver: https://teiadospovos.org/. Acesso em: 30/05/2023

[30] Notas da roda de conversa: *A sobrevivência das sementes*, com Joelson Ferreira (BA), Maria Muniz Andrade Ribeiro (BA), Japira Pataxó (BA), Valdemar Xakriabá (MG) e Seu Badu (MG), realizada no âmbito da *Universidade aberta aos saberes dos povos indígenas e afro-brasileiros*, organizado pelo Saberes Tradicionais da UFMG no dia 18/10/2022, em Belo Horizonte.

(Pimentel 2022:41). Tugny (2023), em sentido próximo, ressalta como as universidades têm condições de contar histórias de pão, trabalho e festa ao lado de pessoas que cuidam e que são uma biblioteca viva.

Vale ressaltar que para diferentes populações firmadas à terra, como indígenas, quilombolas, camponeses e populações tradicionais, a agroecologia é "*o que sempre foi feito*" em termos de manejo da vida. Em contextos altamente perturbados, ou quando se muda o padrão territorial das pessoas, no entanto, a agroecologia em suas múltiplas dimensões pode ser mobilizada como técnica e como política pública aliada à justiça fundiária para recuperar paisagens.

Antropoceno

A percepção de que a espécie humana é um agente geológico natural que perdeu o controle das consequências de suas ações, mudando suas próprias condições de existência, foi em 2000 apontada em um artigo de Crutzen e Stoermer (2015) como uma nova era geológica, o Antropoceno. A essa abordagem soma-se outras descrições, análises e ponderações, como as de Bruno Latour (2014), Deborah Danowski e Eduardo Viveiros de Castro (2014), Donna Haraway (2016).

Atenta a tais questões, esta tese destaca farturas, fazeres e emoções que agricultura urbana e periurbana de base agroecológica podem fomentar. Pequenos espaços manejados, como hortas e quintais, podem favorecer encontros, doações e criatividades, inspirando outras maneiras de existir e de se relacionar com a terra, com as plantas, com a vizinhança e assim produzir paisagens biodiversas nas cidades e suas periferias.

iii) As histórias que contamos

Reativar o cuidado e seu potencial de transformação também requer atenção às armadilhas embutidas ao modo de existir neoliberal. Marcado pela aliança entre empresas globais e governos a partir da década de 1970, o neoliberalismo tem intensificado desigualdades dentro e entre países, escalado a injustiça ambiental e oferecido o contexto ideal para a ascensão de regimes autoritários e ultranacionalistas (Chatzidakis *et. al.* 2020). Sua expansão tem se baseado em arrasar a terra e destruir grupos e comunidades que se ancoram em "*práticas de apoio mútuo e de subsistência autossuficiente*" (Crary 2023).

Em 2019, cerca de dois mil indivíduos "*detinham mais riqueza do que 4.6 bilhões de pessoas*" (Oxfam 2020:6). A ideologia que legitima uma desigualdade imoral, destaca Noam

Chomski (2002), opera como um "*socialismo para ricos*", ou seja, um estado forte na proteção de interesses empresariais e que, ao mesmo tempo, se mantém mínimo aos pobres e vulneráveis. Na lógica neoliberal, como enfatiza o ensaísta Jonathan Crary (2014:23-24), até mesmo o sono está sob ataque pois "o *tempo para descanso e regeneração dos seres humanos é caro demais"* e "*dormir é, acima de tudo, para os fracos".* Marcado pelo tempo da máquina e de um mercado que permite o consumo 24 horas por dia, 7 dias por semana (24/7), é parte "*inseparável da catástrofe ambiental, em sua exigência de gasto permanente e desperdício sem fim, e na interrupção fatal dos ciclos e estações dos quais depende a integridade ecológica do planeta"* (Crary 2014:19). Nesse cenário, sonhar é uma perda de tempo.

O filósofo Mark Fisher (2009) destaca que o *realismo capitalista* - "*a crença de que não há alternativa ao capitalismo*" - foi implantado com sucesso e mesmo o que antes era impossível, como a privatização de serviços estatais de saúde e educação, podem ser convertidos em lucro para a oligarquia dominante. Enquanto um seleto grupo ostenta sua riqueza, pregam que as pessoas precisam ser autônomas, empreendedoras, resilientes e responsáveis pelo próprio sucesso (Chatzidakis *et. al.* 2020). Embora crises e guerras indiquem seu fracasso, como enfatiza o antropólogo David Graeber (2015:182), "*conseguiram convencer o mundo magnificamente de que o capitalismo é o único sistema econômico viável – e não apenas o capitalismo, mas precisamente o capitalismo financeiro e semifeudal que por acaso temos hoje*". Com apoio midiático e poder policial, ideias que visam mudar o mundo são tratadas como fantasias impossíveis: "*estamos falando do assassinato de sonhos, da imposição de um aparelho de desesperança concebido para esmagar qualquer ideia de um futuro alternativo*" (Graeber 2015:183). Exercem, assim, uma "*campanha implacável contra a imaginação humana*" (Graeber 2015:183).

Um sentido individualizado relacionado ao cuidado tem sido apropriado pelo capitalismo como parte de seu marketing moral. O cuidado, no entanto, é o tecido da vida e precisa ser entendido como tudo que é feito para manter, continuar e reparar o mundo para que se possa viver nele da melhor forma possível (Bellacasa 2017:161). Em diálogo com o pensamento intelectual feminista, o cuidado tem sido alargado como "*uma ética das relações mais que humanas"* (Maizza 2020:224). Andreas Chatzidakis e colaboradores (2020) em *The Care Manifesto*... reiteram a urgência em se disseminar um "*senso de cuidado universal*" atento ao íntimo, ao distante, aos não-humanos e ao próprio planeta, ou

seja, dedicado à vida e à produção de vínculos e interdependências. Para que o sentido ampliado do cuidado se dissemine, importam as histórias que contamos.

Em tempos marcados pela desigualdade global, perda da biodiversidade, extinções, mudanças climáticas e por tragédias evitáveis que refletem o modo perigoso de viver de uma parcela da população mundial, como nos alerta Tsing (2019), é preciso disputar até os espaços mais degradados. Duas ações são importantes nesse contexto: a primeira é *ocupar a comida* com diversidade produtiva e comércio justo contra os desertos monocultores da agricultura industrial que se disseminou pós-II Guerra[31]; a segunda é *ocupar a boa fortuna*, ressaltando preciosidades fora da lógica do individualismo e do empreendedorismo neoliberal (Tsing 2019:88). Como enfatiza Tsing (2019:88),

> "*Em um mundo colonizado pelo espírito empreendedor, é difícil saber como resistir "Não ganhe dinheiro" dificilmente funciona, e "Ganhe dinheiro (nosso jeito)" é ainda pior. Mas ainda não há um lugar para outros tipos de fortuna — a atração pela curiosidade; o prazer de trabalhar com estranhos; o mistério do mundo em toda a sua exuberância selvagem? Quando a segurança e o dinheiro são o senso comum de todos, ficamos entorpecidos. Ocupe o familiar. Recuse e recupere a vida cotidiana. Aprenda mais idiomas e pratique outras formas de dançar. Lançar nossa fúria contra o senso comum; alcançar o que eles dizem que não podemos ter: o comum*".

As fábulas de progresso e as fábulas das ruínas "*não nos ensinam como pensar sobre a sobrevivência colaborativa*" (Tsing 2019:6), sendo fundamental, nesse sentido, propagar histórias que ativem nossa imaginação, uma vez que as histórias que contamos sobre as relações que nos produzem têm efeitos presentes e futuros. Tsing (2017) sugere atenção às maneiras de existir que percebem a natureza não como objeto ou recurso a ser explorado, e sim como parte e condição da nossa própria existência. A tarefa de descrever o Antropoceno "*em todos os seus fragmentos e manchas"*, como destaca Tsing (2021:177),

Atlas Feral

Ao lado de Jennifer Deger, Feifei Zhou e Alder Saxena, Tsing (2021:180) tem experimentado a proliferação de estórias no projeto digital *Atlas Feral*: o *Antropoceno Mais-que-humano*, no qual são enfatizados "*quatro programas de desenvolvimento infraestrutural: invasão, império, capital e aceleração"* vinculados às marchas antropogênicas na paisagem. Atlas Feral: https://feralatlas.supdigital.org/. Acesso em: 10/10/2023.

[31] Ver Capítulo 2.

requer *"todo tipo de participantes, desde anciões indígenas até artistas, cientistas sociais e cientistas naturais, tanto do Norte quanto do Sul global*".

A bióloga e filósofa Donna Haraway (2014) tem reforçado como precisamos de dramaturgias que não enfatizem a guerra, e sim histórias capazes de reunir humanos e não humanos "*em um tipo de bem viver agora, quer funcione ou não para resolver um certo tipo de problema*". Como destaca, não se trata apenas de contar histórias pró-vida, mas histórias que enfatizem processos de viver e morrer juntos e que ajudem a tornar o presente e o futuro possíveis. Em diálogo com Tsing, reitera a importância em cultivar as artes da vida no sentido de uma "cura parcial", ou seja, uma reconstrução feita a partir de uma herança que torna visível o que ainda nos resta, destrói outras que não deveriam mais existir e experimenta fazer coisas novas. Ainda que a denúncia sobre a devastação que se prolifera seja importante, há que se inventar e sonhar "*o que ainda não é, mas deveria ser*"[32] (Haraway 2020b:13-14) e sugere atenção para participar, aprender e descrever ao lado dos que reagem ao hiperextrativismo, à agricultura industrial, à pecuária intensiva. Assim, é preciso trabalhar em alianças que nos façam pensar melhor e nos façam produzir um composto fértil que cresça pomares, alimentos e faça reparar solos de florestas, campos e águas ao invés de gerar mais lixo e degradação. Além disso, é importante ter como horizonte a produção do melhor parentesco possível, pautado em relações de solidariedade duradouras e no conforto em exigir uns aos outros. Não se trata, porém, de reiterar que todas as conexões são válidas e se desdobram sem limites, até porque nossa capacidade de assumir responsabilidades uns em relação aos outros também é limitada (Haraway 2016, 2020a, 2020b).

Em defesa da alimentação e da terra, a química e filósofa Isabelle Stengers (2018) ressalta ações ambientalistas heterogêneas que tem se espalhado pela Europa e em outras partes do mundo em diferentes escalas, como a permacultura, as ecovilas e as hortas, ações que relembram que cultivar envolve vínculos entre humanos e plantas, que têm diferentes temporalidades, e envolve grandes decisões. Distantes da monocultura, envolvem ações que experimentam co-produzir formas de resistir: "*ainda que muito silenciosamente, eles mostram que existe uma mudança em curso*" (Stengers 2016:73). São práticas que experimentam agora e podem inspirar experimentos futuros que recuperem a dimensão da terra em nossas ações, mesmo nas cidades.

A resposta para um futuro não bárbaro, como destaca Stengers (2015:38), deve "*resistir à tentação de uma oposição brutal entre as ciências e os saberes chamados de 'não-*

[32] Para facilitar a leitura, os trechos citados ao longo da tese foram traduzidos.

científicos', cuja articulação será necessária se tivermos que aprender como responder o que já começou". A antropóloga Marisol de la Cadena (2018) tem enfatizado como mundos diferentes podem compor alianças, já que podem ter interesses em comum, ainda que não sejam os mesmos interesses. A urgência das questões apontadas pede pesquisadores e pesquisadoras capazes de levar a sério e dialogar com os conhecimentos que trazem aportes à manutenção da vida em sua diversidade (*cf.* Blaser 2011; Stengers 2015). Nesse sentido, devem ser destacadas formas de pensar, sentir e ocupar o mundo que produzam novas relações entre humanos, humanos e não-humanos, e humanos e natureza. Haraway (2020b:38) recupera como o feminismo teve um importante papel em destacar que o próprio pensamento precisa ser uma prática de cuidado, já que pensamentos criam pensamentos. Pensar com cuidado exige o melhor de nós e precisa ser uma ação. O compromisso científico, nesse sentido, deve ser assumido como um *ir fazendo*, um processo sempre em andamento e aberto às práticas e criatividades locais.

Haraway (2020b:70-71) se interessa, sobretudo, por uma ciência que se relaciona com a arte e que não se subordina ao capitalismo e ao militarismo. E se interessa também pelas invenções especulativas por fortalecer a criatividade e a tarefa que temos que fazer aqui agora, como faz, por exemplo, a escritora Ursula Le Guin. Le Guin (2020), em seus romances, reúne coisas diversas como uma coletora, o que sempre conduz a novas estórias. No texto "A teoria da bolsa da ficção", enfatiza como o heroísmo individual é abundante e provoca uma captura tão intensa da subjetividade que influencia até mesmo a forma como contamos do passado. Como exemplo, destaca a figura do caçador de mamutes. Ainda que em regiões tropicais e temperadas a base da alimentação fosse diversa, foram os caçadores que assumiram um lugar de destaque no imaginário:

> "*Os caçadores de mamutes ocupam espetacularmente as paredes das cavernas e as mentes, mas o que realmente fizemos para nos manter vivos e de barriga cheia foi coletar sementes, raízes, brotos, rebentos, folhas, nozes, bagas, frutos e grãos, além de insetos e moluscos, assim como capturar aves, peixes, ratos, coelhos e outros pequenos animais indefesos para aumentar a quantidade de proteínas"* (Le Guin 2020:17).

Le Guin (2020:19) completa:

> "*já ouvimos tudo sobre todos os paus e lanças e espadas, sobre as coisas para esmagar e espetar e bater, as longas coisas duras, mas ainda não ouvimos nada sobre a coisa em que põem coisas dentro, sobre o recipiente*

> *para a coisa recebida. Essa é uma estória nova. Isso é novidade. E, no entanto, antiga*".

Para ela, ainda que tais romances sejam menos emocionantes, podem ampliar nosso repertório e sensibilidade: "*nos deixamos envolver com a estória do assassino, e assim podemos acabar junto com ela. Por isso, é com certo sentimento de urgência que procuro a natureza, o sujeito, as palavras de outra estória, a estória não contada, a estória da vida*" (Le Guin 2020:21). A filósofa e escritora Susan Sontag (2015), em sentido próximo, destaca como a escrita é uma forma de produzir novos sentimentos e fazer que persistam e, quem sabe, marquem outras pessoas. As fábulas do futuro e, incluo aqui as do passado, "*são, ao mesmo tempo, ensaios sobre o presente*" (Sontag 2015:110).

Para que nossa presença deixe outras marcas na paisagem e na atmosfera, a botânica Robin Kimmerer (2013) sugere que as histórias são ferramentas que podem restaurar a terra e o nosso relacionamento com ela, uma vez que as histórias se conectam e são tecidas com fios antigos e do presente. Para seu povo, os Potawatomi, a terra é *emingoyak*, ou seja, o que nos foi dado, e se lembra do que dissemos e fazemos. A terra dá de graça o vento, sol e água, presentes à vida, e precisa ser reverenciada. Em inglês, no entanto, a terra é entendida como recurso natural ou serviço ecossistêmico, como se a vida de outros seres fossem nossa propriedade (Kimmerer 2013).

Assim, em um mundo marcado por guerras, desastres e narrativas de bilionários e celebridades, as que procuro proliferar nesta tese são as histórias das belezas, da vida simples e das farturas que nutrem e que as pessoas guardam com cuidado em suas bolsas e sacolas.

Figura 4: Fartura de um dia na roça, para Dona Catarina (giz pastel seco). 2022. Autoria: Mariana Oliveira

v) Esta tese

Atenta ao que a antropóloga Marylin Strathern (2014) apresenta sobre as práticas reveladoras e os lugares que ocupam na nossa imaginação e na escrita a partir do campo, procuro nesta tese abordar a persistência do plantar nas cidades e suas periferias, a beleza da fartura partilhada, as marcas biodiversas na paisagem e as histórias que as produzem. Na década passada, quando estava na região do médio Solimões (AM), na fartura de cada época as famílias ribeirinhas saiam para *vizinhar*: a fartura era alimento e motor de encontros, celebrações e alegrias. Em contexto de urbanização, mesmo em situações em que a situação fundiária é precária, a beleza da fartura, em alguma escala, ainda se perpetua e é capaz de emocionar e movimentar a vida. Para abordar suas diferentes dimensões e sentidos, esta tese está dividida em três capítulos.

No primeiro capítulo, *Percursos*, apresento as abordagens teóricas e metodológicas, e as atividades e os encontros com cuidadores e cuidadoras que me levaram a aprender com a terra e com as plantas na RMBH. Procuro, nesse sentido, explicitar como este trabalho foi realizado.

No segundo capítulo, *Defender a comida*, em diálogo com a literatura pertinente e com mestres e mestras dos saberes locais e tradicionais, procuro destacar a estética das cidades, da agricultura industrial, dos supermercados e dos alimentos ultraprocessados e a urgência em construir a maior fartura possível para o presente e para o futuro.

No terceiro capítulo, *A beleza da fartura na RMBH,* desloco a atenção aos pequenos espaços manejados. Em diálogo com seus cuidadores e cuidadoras, ressalto a dimensão afetiva e criativa proporcionada pela convivência cotidiana com as plantas e o que ela produz, já que envolve um trabalho árduo que alimenta e dá orgulho. Seus fazeres, além de promover boas fortunas, marcam a paisagem urbana e periurbana com a beleza da fartura. Por fim, reitero como a agricultura urbana e periurbana aliada à agroecologia, à reforma agrária popular, à recampesinação e ao planejamento urbano e metropolitano podem capturar o desejo de plantar que ainda persiste para desenhar paisagens biodiversas e colaborar com a organização da fartura.

Capítulo 1 – Percursos

Em sua palestra intitulada *Everyday Learning* (2012) a antropóloga Jean Lave destaca que publicou muitos livros e que cada um é como se fosse uma introdução ao anterior, referindo-se ao sentimento que temos de aprender depois, trabalhando com outra coisa, algo que gostaríamos de ter aprendido antes. Ela reitera como longos e lentos anos de trabalho de campo etnográfico e de investigação teórica moldaram um ao outro, tanto em seu trabalho como em sua vida, mudando também sua percepção da aprendizagem e da prática (Lave 2012, 2019). Nesse sentido, além de ter o aprendizado como tema de seus trabalhos, se coloca como *aprendiz* de suas próprias práticas, já que pessoas são alteradas pela sua participação nas práticas cotidianas e as práticas mudam conforme seus participantes mudam (Lave 2011, 2012, 2015, 2019). Inspirada pelo seu movimento de pensar a sua própria prática em movimento em um mundo também em movimento, procuro trazer como o cuidado com a terra e com as plantas têm capturado minha atenção nos últimos anos e como diferentes encontros, atividades e abordagens teóricas e metodológicas que compõem o percurso desta tese, com destaque para as temáticas que envolvem as paisagens, as interações entre pessoas e plantas, a estrutura fundiária e a soberania alimentar. De maneira geral, busco integrar a bibliografia acadêmica com a produção sociopolítica, associada aos movimentos sociais e políticas públicas, contextualizando e analisando as realidades vividas. Entendido como um aprendizado, este capítulo é também um pouco sobre como aprendemos o que aprendemos.

1.1. Atenção às plantas

Embora brincasse em quintais e tivesse algum convívio com as plantas, meu interesse acadêmico pelas relações que elas estabelecem com as pessoas veio depois. Um marco nesse sentido foi o ciclo de palestras que a antropóloga Manuela Carneiro da Cunha proferiu durante sua passagem pela UFMG em março e abril de 2011, nas quais, além de ressaltar pontes possíveis entre saberes tradicionais e saber científico, destacou a diversidade de plantas manejadas por agricultoras de diferentes povos indígenas no alto Rio Negro, em especial das famílias linguísticas Tukano, Arawak e Maku. Pouco tempo depois defendi minha dissertação de mestrado sobre a questão indígena no médio Solimões (AM) no PPGAN-UFMG e me mudei novamente para essa região para realizar uma pesquisa no Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (IDSM) sobre a segmentação de comunidades na região do baixo curso do Rio Japurá (AM).

Por mais onze meses procurei aprender sobre esse contexto e, inspirada pelo levantamento que Deborah Lima, Angela Stewart e Barbara Richers conduziam sobre as variedades de mandioca cultivadas na região[33], comecei a prestar mais atenção na diversidade de espécies cultivadas e acessadas pelas populações indígenas e ribeirinhas e na circulação de conhecimentos e espécies que ocorriam entre indivíduos e famílias, informadas muitas vezes pelas relações de parentesco e de vizinhança. Foi nessa época também que comecei a cuidar de uma pequena horta no terraço em que vivia em Tefé (AM). A partir desse interesse comecei a entrar em contato com referências que relacionavam as dinâmicas locais à diversidade manejada na caracterização dos diferentes sistemas agrícolas presentes na Amazônia, em especial com os trabalhos de Laure Emperaire e Ludivine Eloy sobre a diversidade agrícola no alto Rio Negro, que procuro destacar a seguir.

Agrobiodiversidade

Segundo Pascale de Robert e colaboradores (2012:341), a agrobiodiversidade envolve o "*conjunto das plantas cultivadas, cuidadas ou manejadas e os conhecimentos tradicionais que as pessoas têm sobre essas plantas, seus nomes, as formas de cultivá-las, as suas histórias. Nesse sentido a agrobiodiversidade é produzida e circula em um espaço sociocultural onde se compartilham saberes, valores e normas locais, mas que se alimenta também de trocas com o exterior, sendo elas mais ou menos impactantes segundo as épocas e os lugares*"

Com base em um levantamento das principais espécies cultivadas no interior e nas cidades, Emperaire e Eloy (2008) mostram como a intensa mobilidade da população indígena nessa região contribui para a diversidade agrícola manejada e enfatizam os aspectos cosmológicos que, relacionados ao parentesco, contribuem para ampliar a agrobiodiversidade local e regional. São descritas as *roças*, espaços mais distantes das casas que são referência para as atividades agrícolas das famílias nucleares, e os *quintais*, também chamados de terreiros, que, em espaço delimitado próximo à casa, abrigam "*plantações pluri-estratificadas, compostas de fruteiras, medicinais e, na cidade, de numerosas ornamentais*" e contribuem com a alimentação da família (Emperaire, Eloy 2008:201-203).

As autoras destacam os trânsitos de sementes e mudas entre esses espaços, agenciadas principalmente pelas mulheres, em referência às redes de circulação nas quais se inserem. Há, nesse sentido, uma correlação positiva entre alta diversidade de espécies e a

[33] Este levantamento foi publicado no Dossiê Agriculturas Amazônicas, do Museu Emílio Goeldi, com o título: "Trocas, experimentações e preferências: um estudo sobre a dinâmica da diversidade da mandioca no médio Solimões, Amazonas" (2012).

socialidade, sendo interessante destacar como os quintais operam como repositório de espécies quando comparado às roças. É relatada ainda como as mulheres apresentam expressiva curiosidade botânica e satisfação estética por suas *coleções*, entendidas como conjuntos com alta diversidade de espécies e variedades vinculada à ampla rede de relacionamentos (Emperaire, Eloy 2008). Tal gosto pela diversidade nas roças e quintais não envolve apenas as plantas nativas, mas também as exóticas (Carneiro da Cunha 2018).

Revolução Verde

A revolução verde é um sistema de conhecimento e produção em larga escala após a II Guerra para substituir as práticas tidas como atrasadas de povos e camponeses ao redor do mundo. Incluiu transformações como: a padronização dos cultivos, mecanização, insumos químicos (como agrotóxicos e fertilizantes), sementes de alto rendimento e ampliação da irrigação.

Em trabalho posterior, Emperaire e Eloy (2014) se dedicam a pensar os movimentos populacionais temporários ou circulares das populações indígenas entre cidades e florestas que tem marcado o processo de urbanização na Amazônia. Como em outros contextos, como na região do médio Solimões, a multilocalidade compõe as estratégias de reprodução das famílias que combinam o acesso a bens e serviços às atividades produtivas e relações sociais que mantém com seus locais de origem, o que faz circular também materiais e conhecimentos de um espaço a outro. Em contexto urbano, onde as terras são mais escassas, a pressão sobre elas é maior, o que requer adaptações aos sistemas agrícolas indígenas, como o cuidado com espécies perenes que podem ser beneficiadas, tal como o açaí. As autoras ressaltam que sistemas agrícolas que se reinventam nas cidades amazônicas muitas vezes não têm seus valores ecológicos e culturais reconhecidos, sendo questionados mesmo por agências e instituições que deveriam promovê-los (Emperaire, Eloy 2014).

As abordagens presentes nesses trabalhos, ainda que direcionadas às populações indígenas e tradicionais em um contexto bem diverso à RMBH, destacam as socialidades, diferentes espaços manejados e os trânsitos entre eles, os aspectos cosmológicos que informam a alta diversidade de espécies e variedades manejadas e as estratégias que adotam em contexto urbano e periurbano. Foi em especial a partir dessas abordagens que o tema da agrobiodiversidade ganhou minha atenção, assim como as discussões sobre a alimentação e os sistemas agrícolas.

Embora existam mais de 7000 plantas alimentícias no mundo, apenas 30 são a base da alimentação planetária (Carneiro da Cunha 2018). Tais plantas foram escolhidas pela dimensão produtiva, mas para que possam se desenvolver na velocidade que deseja o

mercado, demandam correções com insumos químicos que tem se disseminado após a II guerra com a revolução verde. A agricultura industrial praticada em larga escala tem levado à erosão genética com a perda de variedades locais adaptadas a fatores como temperatura, chuva, solo, pragas, entre outros. Ainda que a conservação em bancos de germoplasma (conservação *ex situ*) seja importante, a conservação *in situ* por instituições científicas e *on farm* por agricultores é fundamental para permitir a coevolução das plantas às condições adversas (Carneiro da Cunha 2018; Carneiro da Cunha 2024). Nesse sentido, é importante garantir que a agrobiodiversidade tenha condições de existir e seja ampliada, o que coloca as populações indígenas, quilombolas, tradicionais e os agricultores familiares como protagonistas da soberania e segurança alimentar.

Logo após retornar do médio Solimões para Belo Horizonte tive uma breve passagem como estudante no curso de arquitetura e urbanismo na UFMG, ocasião em que conheci *Morte e Vida nas Grandes Cidades,* da ativista e escritora Jane Jacobs*.* O livro, publicado em 1961, procura apresentar de forma descritiva o funcionamento de grandes cidades norte-americanas e faz um importante ataque aos fundamentos ortodoxos do urbanismo modernista, em especial na sua defesa de uma organização espacial por setores com funções específicas. Para Jacobs os problemas que envolvem as cidades são complexos e demandam hesitação frente às simplificações e generalizações muito abstratas: demandam atenção às peculiaridades (2014:494). A vitalidade das cidades está ancorada na sua diversidade de usos, sendo um desafio, nesse sentido, o manejo dessa complexidade de modo a favorecê-la. Como ressalta: "*Acho que as zonas urbanas malsucedidas são as que carecem desse tipo de sustentação mútua complexa e que a ciência do planejamento urbano e a arte do desenho urbano, na vida real e em cidades reais, devem tornar-se a ciência e a arte de catalisar e nutrir essas relações funcionais densas*" (Jacobs 2014:28). Jacobs (2014:31) alerta que seu livro não pretende ser um manual: deve ser confrontado com o nosso conhecimento sobre as cidades e o seu funcionamento real para "*adquirir e aplicar o mais rápido possível todo o conhecimento sobre as cidades que seja útil e verdadeiro*". Para tanto, sugere observar as cidades pelo ponto de vista de quem a vive cotidianamente. As "pessoas comuns", em contato estreito com determinadas localidades, não pensam nelas de forma genérica ou abstrata: suas percepções se ancoram no concreto e podem ser valiosas. Não se trata aqui de seguir seus caminhos teóricos ou de realizar um mergulho em sua obra[34], mas enfatizo como o encontro com Jacobs me fez cultivar uma atenção maior às peculiaridades da própria cidade que habito e seus arredores, com especial atenção às formas de habitar e de produzir vida presente nesses espaços.

[34] Para maiores informações sobre a trajetória intelectual de Jane Jacobs, consultar o trabalho do urbanista Vinicius Netto (2016).

De 2013 a 2015 atuei como professora substituta no Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET-MG). O interesse pelos sistemas agrícolas na Amazônia e a breve passagem pela arquitetura acabaram por deslocar minha atenção à agricultura de pequena escala que era praticada em Belo Horizonte, principalmente em quintais que ainda sobreviviam em contexto urbano e em suas periferias. Interessada em ampliar minha própria coleção, conheci floras e feiras locais onde plantas eram comercializadas, e comecei a pedir e pegar mudas e sementes com mais frequência para amontoá-las em vasos, em um corredor minúsculo. A adubação que recebiam vinha de um conjunto de caixas para a compostagem doméstica feita pelo coletivo Rastafari Roots Ativa que compramos na Feira Terra Viva[35]. Nela, minhocas e outros decompositores transformam resíduos orgânicos em chorume (biofertilizante) e húmus. A convivência precária com as plantas me levou ao desejo de plantar diretamente na terra.

Em 2014, ao abordar o tema da indústria cultural, solicitei às turmas de ensino médio um trabalho sobre a publicidade abusiva voltada às crianças e seus vínculos com as indústrias transnacionais e com o agronegócio[36]. Foi também nesse contexto que entrei em contato com a publicação de Déborah Danowski e Eduardo Viveiros de Castro *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins* (2014) e com as discussões sobre o Antropoceno. O contexto da crise e o contato direto com a criatividade de estudantes do ensino médio me animaram a rabiscar utopias e distopias. Nessa época criei um *blog* e um perfil (já desativados) em que postava histórias, desenhos e tirinhas, como estas abaixo:

[35] A feira Terra Viva teve início em 2013 e atua na construção da agroecologia e do comércio justo na RMBH. A maioria dos produtos é ofertada semanalmente é produzida por agricultores/as, associações, cooperativas e assentamentos da reforma agrária.
[36] O tema será retomado no item 2.2.

Figura 5: crianças do futuro desenham suas comidas favoritas (aquarela e nanquim). 2014. Autoria: Mariana Oliveira

Figura 6: Floresta e cortisol (aquarela e nanquim). 2014. Autoria: Mariana Oliveira

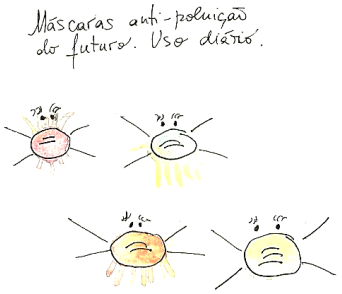


Figura 7: máscaras no futuro (aquarela e nanquim). 2014. Autoria: Mariana Oliveira

Figura 8: crianças do futuro levantam com seus avôs frutas que não existem mais (aquarela e nanquim). 2014. Autoria: Mariana Oliveira

Para além da fotografia, os desenhos passaram a me interessar como uma linguagem visual para temas urgentes, em um percurso próximo às experimentações da *virada gráfica* no âmbito da antropologia e outras áreas do conhecimento.

Vale destacar que na última década o interesse pelos desenhos tem se renovado na antropologia como "*método de pesquisa/forma de exposição do conhecimento*" que tenta conectar experiências de observação e descrição (Azevedo 2016:22). Os desenhos estiveram presentes nas primeiras expedições antropológicas para "*registro de paisagens, fenótipos, cultura material, expressões do folclore etc*" (Magni *et. al.* 2018:137) e procuravam: "*a) compreender, através dos registros gráficos do desenho, esses objetos e o contexto de onde eles surgiam, e b) demorar-se neles e aceitá-los (construir aquela 'boa distância' que o convívio com a estranheza exige)*" (Cabau 2016:4). Como observa a antropóloga Aina Azevedo (2016:18), o desenho não era uma habilidade contemplada na formação antropológica nas primeiras décadas do séc. XX, com exceção da Rússia. Ainda

que possa ter tido lugar em alguns trabalhos, "*não foi totalmente desenvolvido como um método específico da etnologia*", diferente de outras práticas como a fotografia, as entrevistas, o levantamento de genealogias, entre outras.

Em contexto recente, quando mobilizados, se ancoram no interesse e no conhecimento prévio do pesquisador em diálogo a "*outras tradições tais como a botânica, a arqueologia ou a ilustração de viagem*", áreas do conhecimento que nunca o abandonaram (Greismar 2014 *apud* Azevedo 2016:18). A ilustração botânica, por exemplo, combina apelo visual à precisão científica ao retratar detalhes de cada espécie e do seu ciclo de vida[37], uma redução do real que a fotografia não foi capaz de substituir.

A renovada atenção aos desenhos na antropologia procura recuperar elementos como a "*sensibilidade, subjetividade, criatividade, espontaneidade, espírito, fluxo, experiência, pulsão, vida, totalidade, singularidade*", expulsos pela configuração mais científica que a disciplina assumiu por muito tempo (Kuschir 2016:4). A antropóloga Claudia Magni e colaboradores (2018:143) enfatizam como o ato e o processo de desenhar podem servir

> "*a acuidade do olhar, no caso de desenhos de observação; a experimentação de outra linguagem para além da escrita; a exploração de diferentes suportes, instrumentos de inscrição e superfícies; a construção de sentidos diversos para o tempo despendido em campo; a partilha de olhares e materiais com interlocutores; o incentivo à imaginação criadora no processo de elaboração de saberes etc*".

Há, como observa o antropólogo Tim Ingold (2016), uma aproximação fundamental entre o gesto da escrita e o gesto do desenho: ele nos ajuda e ensina a ver. Como ferramenta a ser experimentada, pode despertar uma atenção demorada e produzir certa síntese parcial atenta ao que fazemos, sentimos e observamos (Kuschir 2016; Azevedo 2016; Cabau 2016; Magni 2018). Os cuidadores e cuidadoras aqui em destaque, por sua vez, desenham na terra, a partir dos gestos e fazeres cotidianos em seus espaços.

Embora a interface desenho e antropologia não seja o tema específico deste trabalho, fazem parte do meu percurso como atenção, como descrição, como humor e como desejos que me ajudam a pensar. Os desenhos que acumulamos ao longo do tempo contam nossa história, revelando o que nos marca. Nesse sentido, estão presentes nesta tese para

[37] Botanical Art & Artists. *What is Botanical Art?.* Disponível em: https://www.botanicalartandartists.com/what-is-botanical-art.html. Acesso em: 20/05/2023.

"*recordar ou fixar uma impressão, uma forma, um acontecimento; outras para refletir sobre o já visto – a partir de memórias ou de notas sucintas*" (Cabau 2016:6). Alinhada ao que tem destacado a antropóloga Karina Kuschir (2016:7): não estão aqui para "*substituir outros suportes imagéticos, mas para somar, multiplicar*" as formas que sentimos os espaços e suas histórias.

.

Estão, também, como experimentações estéticas e especulativas associadas aos saberes e fazeres aqui em destaque. A antropóloga Suely Kofes (2020) destaca como a estética, entendida como campo do sensível e da percepção, se faz presente na antropologia de forma tensa, já que a disciplina tem um compromisso histórico com a cientificidade. Para ela, no entanto, a inspiração estética é "*intrínseca à experiência antropológica"* (Kofes 2020:22). A antropologia, como disciplina, se constitui como um modo de conhecimento com interface com a arte e a literatura. Por ser uma área do conhecimento produzida a partir de "*experiências e expressões múltiplas, não pode ser reduzida ao que ela mesma se deixou reduzir, à escrita. Deslocar a grafia é reconhecer a escrita como uma – e o valor predominante que pode ter – entre outras maneiras de descrever, narrar e analisar*" (Kofes 2020:21). A aliança com a arte é aqui pensada como mais uma maneira de conhecer e sentir. Me interessa neste trabalho o desenho como uma ferramenta de atenção, experimentação e descrição que, ao lado das palavras e fotografias, tentam projetar a antropologia para fora de seu próprio mundo:

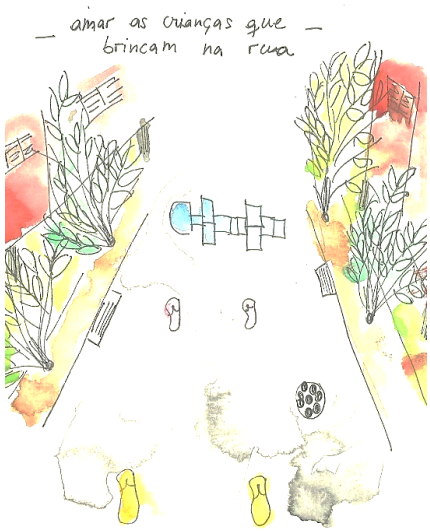


Figura 9: crianças ainda brincam na rua (aquarela e nanquim). 2014. Autoria: Mariana Oliveira

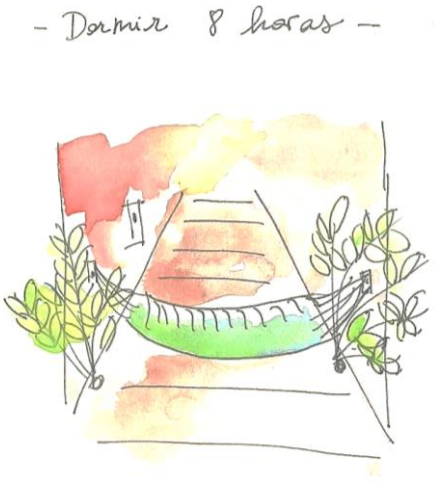


Figura 10: Regra geral (aquarela e nanquim). 2014. Autoria: Mariana Oliveira

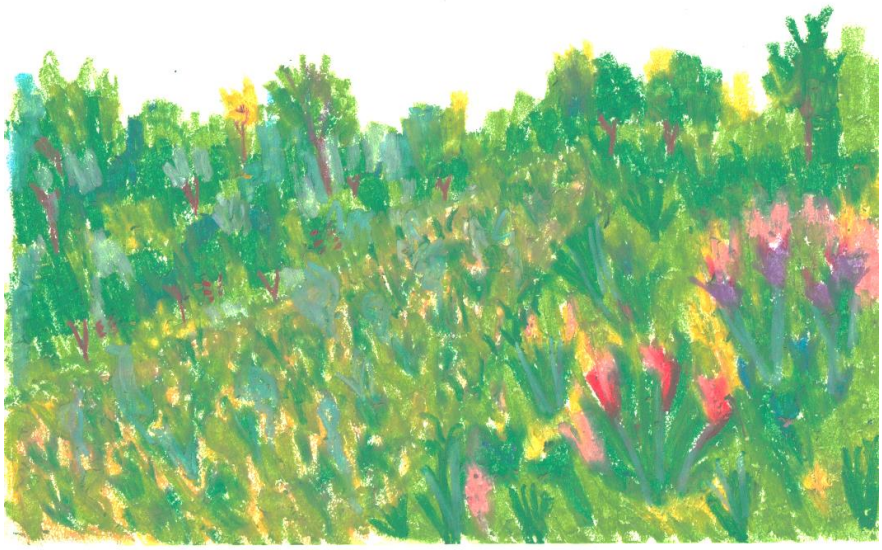


Figura 11: A agricultura que desejo (giz pastel oleoso). 2021. Autoria: Mariana Oliveira

1.2. De Belo Horizonte a Ibirité e de Ibirité para outros pontos da RMBH

Em 2015 assumi um cargo como docente efetiva para ministrar aulas de Antropologia em cursos de formação de professores na unidade da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) em Ibirité. Ibirité é um município da RMBH que faz divisa com Belo Horizonte, Contagem, Betim, Brumadinho e Sarzedo. A unidade onde trabalho funciona nas instalações da Fundação Helena Antipoff (FHA), no passado uma Escola Agrícola de formação de professores para zonas rurais[38]. Ainda hoje, próximo ao prédio principal, há uma horta diversa que é cultivada por funcionários e funcionárias da FHA com finalidade pedagógica e para atender a demanda da cantina e comunidade local por hortaliças. A partir do diagnóstico produzido em 2020 pelo GT-Covid Unidade UEMG Ibirité, seu corpo discente é constituído principalmente por mulheres, a maioria negra; 33% são residentes em Ibirité, 25% em Belo Horizonte, 13% em Contagem, 7% em Betim e 4% em Sarzedo. São, de modo geral, oriundos de famílias de baixa renda: 72,9% têm renda familiar de no máximo três salários-mínimos. Apenas uma pequena parcela das respostas indicava atividades voltadas ao autoconsumo, como a agricultura e a pecuária.

[38] Fundação Helena Antipoff. Disponível em: http://fha.mg.gov.br/pagina/fha/linha-do-tempo. Acesso em: 25/06/2021.

A consolidação do vetor industrial a oeste da RMBH está relacionada ao crescimento populacional dos municípios de Contagem, Betim, Ibirité, Sarzedo, Mário Campos, São Joaquim de Bicas, Igarapé, Juatuba e Mateus Leme nas últimas décadas. Tal crescimento tem ocorrido a partir da "*ocupação de áreas já parceladas e dotadas de infraestrutura: tanto os bairros operários e os loteamentos populares são intensivamente lançados quanto loteamentos para 'sítios de recreio' e lazer*" (Lages 2020:208). Cabe ressaltar que a expansão, no entanto, ainda não foi capaz de prover "*habitação e direito pleno à cidade para todos*" (Lages 2020:211).

Duas paisagens diferentes me levam de Belo Horizonte para Ibirité. Um caminho margeia o que deveria ser o leito do rio Arrudas que, contido pelo concreto, nas chuvas fortes transborda marcando presença. A avenida sinuosa com buracos abriga pontos com pequenos comércios, casas, conjuntos de prédios de baixa renda, galpões, fábricas, ocupações antigas que de longe exibem suas bananeiras e mangueiras, ocupações recentes pequenas e precárias, alguns cavalos e carroças, campos, muito capim colonião, leucenas e algumas árvores. Cabe enfatizar que embora Belo Horizonte tenha 100% de seu território como perímetro urbano, o rural ainda marca a paisagem com "*fragmentos de campos e de culturas, sedes de antigas propriedades rurais coexistindo com o tecido urbano e caminhos tortuosos em desarmonia com a cidade"* (Borsagli 2023:77), como na paisagem descrita. Belo Horizonte "*guarda em seus limites inúmeras reminiscências que remetem a um passado não tão distante, onde fazendas, sítios, pastos, criações e lavouras alimentavam e coexistiam com uma urbe que desde sempre almeja a modernidade, mas que possui fortes raízes com a terra, tanto culturais quanto afetivas*" (Borsagli 2023:78).

Ao sair do bairro Tirol, no Barreiro, a descida fresca pela rodovia Renato Azeredo que dá acesso a Ibirité tem como vista a Serra do Rola Moça. Comércios e equipamentos urbanos dividem espaço com pequenas casas amontoadas, casas com quintais, lotes abandonados com pequenas hortas, pequenos sítios, córregos poluídos e pequenas áreas com matas.

Outro caminho possível passa por Contagem, uma das porções mais industrializadas da RMBH. São elementos da paisagem grandes exaustores, galpões, fumaça, barulho, grandes vias de maior velocidade, muitos carros, motos e caminhões. Na divisa com Betim começam a aparecer pequenos campos e matas que se intensificam ao entrar em Ibirité pela estrada da Petrobrás. Nesse caminho a refinaria e o complexo industrial de Ibirité intercalam suas estruturas com matas, áreas de pasto, casas e pequenos comércios.

Pelos dois caminhos, vez ou outra estão vacas e cavalos pastando nas ruas. Em diferentes partes é possível encontrar pequenas embaúbas em lugares esquecidos ou abandonados que começam a se recuperar.

Figura 12: Embaúba (lápis de cor). 2022. Autoria: Mariana Oliveira

Belo Horizonte e Ibirité são municípios conurbados que apresentam indicadores discrepantes. Belo Horizonte apresenta a maior densidade demográfica[39] da RMBH (IBGE 2010)[40] e, como indicado anteriormente, apresenta um IDHM considerado muito alto. Em 2021 (PNAD), o salário médio dos trabalhadores formais era 3,5 salários-mínimos, sendo a maior parte dos empregados homens e brancos. Em 2010, cerca de 27,8% da população tinha rendimento menor que meio salário-mínimo[41]. Em 2017, 94,43% da população apresentava abastecimento de água em domicílio; 91,90% dos domicílios estavam ligados à rede de esgoto; e 96% tinham acesso a serviço regular de coleta de resíduos sólidos[42]. Cerca de 44,2% de suas vias apresentam urbanização adequada, como bueiros, calçada, pavimentação e meio-fio (IBGE 2010). A verticalização e o adensamento populacional marcam a paisagem urbana, em especial nos bairros mais valorizados e com maior renda per capita.

O município de Ibirité, por sua vez, é menos denso e tem um IDHM de 0,704, considerado alto, mas inferior ao de Belo Horizonte (IBGE 2010)[43]. Em 2021 (PNAD), o salário médio dos trabalhadores formais era de 2,2 salários-mínimos e cerca de 34% da população

[39] A densidade demográfica é a razão entre o número de habitantes por metro quadrado. Quanto maior a razão, mais povoada é determinada região.
[40] Panorama de Belo Horizonte IBGE. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/belo-horizonte/panorama. Acesso em: 23/10/2023.
[41] Belo Horizonte. http://www.atlasbrasil.org.br/perfil/municipio/310620#sec-renda. Acesso em: 23/10/2023.
[42] Idem.
[43] Ibirité. http://www.atlasbrasil.org.br/perfil/municipio/312980. Acesso em: 23/10/2023.

apresentava domicílios com renda de até meio salário-mínimo por pessoa[44]. Em 2017, 84,11% dos domicílios tinham abastecimento de água; 68,86% eram ligados à rede de esgoto; e 91,77% tinham acesso à coleta de resíduos sólidos. Apenas 15,5% dos domicílios estão localizados em vias públicas com urbanização adequada[45].

Assim, Belo Horizonte é o município mais denso, verticalizado e urbanizado da RMBH em suas porções centrais e centralidades regionais, enquanto em Ibirité predominam pequenos prédios, casas, casas geminadas e áreas livres (como matas e campos). Em termos de infraestrutura urbana, Ibirité apresenta menor acesso à abastecimento de água, ligação à rede de esgoto e urbanização de vias, além de ter menor renda média per capita.

Em relação ao uso e cobertura do solo, vale enfatizar que Belo Horizonte é uma das capitais com o menor índice de cobertura florestal do país. Segundo dados de 2022 disponíveis no MAP Biomas[46], apresenta apenas 6,20% de florestas em seu território e 5,61% de formação natural não florestal, o que indica seu elevado grau de impermeabilização e de alteração na cobertura do solo. São Paulo, em contraste com Belo Horizonte, tem 27,26% do seu território de floresta, 11,12% de agropecuária e 57,60% de área não vegetada (MAP Biomas 2022).

Um recorte temporal na mesma plataforma permite perceber como o aumento da área não vegetada ocorre ao mesmo tempo em que há uma redução da área voltada à agropecuária, o que pode ser percebido em Belo Horizonte, Contagem, Betim e Ibirité e também em Sabará e Ribeirão das Neves. Em 1985, Belo Horizonte apresentava 62,15% de área não vegetada e 23,48% de uso agropecuário; em 2022, a área não vegetada aumentou para 81,44%, enquanto o uso agropecuário caiu para 6,06%. A tabela a seguir indica como o avanço da urbanização altera o uso e cobertura do solo, o que promove transformações na paisagem das cidades e suas periferias:

[44] Panorama de Ibirité IBGE. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/ibirite/panorama. Acesso em: 23/10/2023.
[45] http://www.atlasbrasil.org.br/perfil/municipio/312980. Acesso em: 23/10/2023.
[46] MAP Biomas 2020. Disponível em: https://plataforma.brasil.mapbiomas.org/. Acesso em: 15/10/2021.

Tabela 2. Uso e cobertura do solo (MAP Biomas)		
Belo Horizonte		
uso e cobertura do solo	**1985**	**2022**
cobertura florestal	6,09%	6,20%
formação natural não florestal	7,42%	5,61%
agropecuária	23,48%	6,06%
área não vegetada	62,15%	81,44%
Contagem		
uso e cobertura do solo	**1985**	**2022**
cobertura florestal	26,12%	19,25%
formação natural não florestal	1,33%	0,92%
agropecuária	43,64%	19,25%
área não vegetada	27,40%	53,26%
Betim		
uso e cobertura do solo	**1985**	**2022**
cobertura florestal	29,15%	24,86%
formação natural não florestal	1,15%	0,86%
agropecuária	59,23%	45,72%
área não vegetada	9,08%	27,45%
Ibirité		
uso e cobertura do solo	**1985**	**2022**
cobertura florestal	22,70%	20,87%
formação natural não florestal	16,57%	12,76%
agropecuária	47,20%	29,78%
área não vegetada	10,75%	36,35%
Sabará		
uso e cobertura do solo	**1985**	**2022**
cobertura florestal	48,53%	47,89%
formação natural não florestal	14,78%	16,44%
agropecuária	32,73%	25,50%
área não vegetada	3,31%	10,25%
Ribeirão das Neves		
uso e cobertura do solo	**1985**	**2022**
cobertura florestal	23,02%	21,65%
formação natural não florestal	6,52%	0,55%
agropecuária	69,87%	43,32%
área não vegetada	6,52%	35,35%

(Elaborada a partir de informações disponíveis no MAP Biomas de 1985 a 2022)

A arborização no entorno das residências também tem efeitos na paisagem. Belo Horizonte apresenta 82,7% de suas vias públicas arborizadas, enquanto Ibirité tem apenas 38,5% (IBGE 2010). No entanto, embora Belo Horizonte apresente um índice considerado alto, não se trata de uma presença uniforme. As populações de baixa renda, de modo geral, habitam regiões periféricas que viveram rápido adensamento, com elevado parcelamento do solo. Como em outros contextos, a baixa arborização no entorno das residências é um marcador da desigualdade de acesso à infraestrutura urbana. São localidades, assim, privadas de benefícios ambientais públicos presentes em bairros mais abastados (Duarte *et. al.* 2017a; Duarte, Angeoletto, Santos 2017b; Guerrish, Watkins 2018).

Arborização urbana

Em 2010, pela primeira vez, o Censo IBGE levantou informações sobre a arborização presente no entorno das residências. No Brasil em 68% das residências em contexto urbano nota-se esta presença. Quando se considera a renda, quanto maior a renda, maior a arborização (78,5% de arborização no entorno- mais de dois salários-mínimos; 56,8% de arborização no entorno - até ¼ salário-mínimo). Quanto piores as condições da moradia, pior é a arborização no entorno. A região sudeste tem os maiores índices de arborização urbana no entorno das residências, com 73,5%.

Ibirité cresceu nas últimas décadas a partir da abertura de loteamentos populares em locais onde antes estavam hortas, roças, matas e campos. Seus moradores, de modo geral, trabalham em municípios vizinhos, em especial Belo Horizonte e Contagem, o que faz de Ibirité uma cidade dormitório (Simões 2007). O meu percurso, no entanto, foi o oposto, e antes de assumir o cargo na UEMG, nada sabia da cidade. Aos poucos, e principalmente a partir de atividades de ensino, pesquisa e extensão com estudantes, técnicos, agricultores e cuidadores de quintais, hortas, canteiros, jardins, terreiros, comecei a perceber que mesmo estando a apenas 40 minutos da minha casa de carro (ou 70 minutos de ônibus), Ibirité em muitos aspectos lembrava os quintais das minhas avós, dos tempos que passei no médio Solimões e das pequenas cidades do interior de Minas Gerais que visitei para registrar e/ou inventariar celebrações, saberes, lugares e formas de expressão (patrimônio cultural imaterial) nos últimos anos, em contrato com suas prefeituras.

Na UEMG-Ibirité, ao lado de colegas professores, estudantes bolsistas e voluntários, faço parte do grupo de pesquisa e extensão Kaipora – Laboratório de Estudos Bioculturais, criado em 2013 pelo Emmanuel Almada, um biólogo próximo à antropologia que realiza atividades junto a povos tradicionais e das periferias. O grupo tem sua atuação voltada à educação popular e à promoção da biodiversidade junto a mestres e mestras de diferentes práticas e saberes, residentes principalmente na RMBH e em outras porções de Minas

Gerais. O vínculo institucional tornou possível a realização de diferentes projetos com a assistência de estudantes bolsistas e voluntários, voltados em especial ao patrimônio cultural imaterial, conservação ambiental, soberania alimentar e saúde popular em Ibirité e cidades próximas.

A primeira pesquisa que participei no grupo foi um desdobramento qualitativo de um projeto anterior que procurava levantar a agrobiodiversidade presente em quintais situados nos bairros São Pedro, Jaçanã e Jardim Rosário, próximos à UEMG em Ibirité, e que foi realizado pelos discentes Yan Silva, Geisa Silva e Carine Oliveira, com coordenação do Emmanuel Almada. Esse trabalho mostrou, entre outros aspectos, que nos bairros mais urbanizados, como Jaçanã (177 espécies) e São Pedro (159 espécies), o número de espécies cultivadas e espontâneas (medicinais, ornamentais e alimentícias) nos quintais era menor do que no bairro Jardim Rosário (244 espécies), menos urbanizado e com lotes maiores (Silva *et. al.* 2015).

Patrimônio cultural imaterial

A Constituição Federal (CF) de 1988 reconhece que diferentes formas de expressão, modos de criar, existir, fazer, viver e conferir sentido ao mundo compõem o patrimônio cultural imaterial e são importantes para diferentes indivíduos e grupos que constituem a sociedade brasileira, instituindo ainda mecanismos legais e políticas públicas que possam favorecer seu reconhecimento, valorização e salvaguarda. O Decreto n.3.551, de 4 de agosto de 2000, regulamenta o que está disposto na CF de 1988 ao instituir o "Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial" e o "Programa Nacional do Patrimônio Imaterial", que visa criar instrumentos adequados à salvaguarda do patrimônio imaterial junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). O Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial envolve um estudo sistemático sobre o item que, ao fim, caso seja aprovado, será inscrito em algum dos Livros de Registros, sendo eles: Livro de Registro de Saberes ("conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades"), Livro de Registro de Celebrações ("rituais e festas que marcam a vivência coletiva"), Livro de Registro das Formas de Expressão ("manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas") e Livro de Registro dos Lugares (espaços diversos "onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas") (Brayner, Iphan 2012: 23). A inscrição em algum dos Livros confere ao bem o título de Patrimônio Cultural do Brasil e busca contribuir, assim, para reconhecimento junto ao Estado e valorização da manifestação na cultura brasileira. Os dispositivos acima mencionados, em maior ou menor grau, estão de acordo com Convenções internacionais da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco) que versam sobre o tema.

Em 2015 e 2016[47] foram realizadas visitas a quintais biodiversos pré-selecionados para descrever as histórias de vida de seus moradores e moradoras e suas trajetórias de migração; os conhecimentos e memórias associadas ao manejo das espécies; e as redes de

[47] Projeto*: Quintais urbanos: memórias, atores e redes*, apoiado pelo Programa de Programa Institucional de Apoio à Pesquisa – PAPq/UEMG com bolsa para estudante nos editais 08/2015 e 02/2016.

trocas de mudas, sementes e cuidados entre vizinhos, amigos e parentes que participam[48]. Além da diversidade de espécies presente em pequenos espaços, nos chamou a atenção como plantas e outros seres que habitam os quintais, como insetos e passarinhos, apresentam suas agências e capacidades de agir no mundo realçadas. Assim, as plantas não são descritas apenas por seus usos, mas também pelas relações que criam com outras espécies (plantas-insetos-passarinhos), relações que criam entre elas (planta-planta), histórias de circulação (doador-receptor) e preferências e demandas que podem ser observadas. São, ainda, espaços de convivência com diferentes seres e de aprendizados, tanto para crianças como para adultos:

Figura 13: Quintal (aquarela e guache). 2016. Autoria: Mariana Oliveira

Com os relatos e visitas aos quintais foi possível perceber trânsito de espécies entre esses espaços e as roças no interior com as quais os moradores e moradoras já moraram e/ou mantêm relações de proximidade, o que contribui tanto para manter e ampliar a agrobiodiversidade manejada como permite perceber como certas plantas materializam memórias. Um exemplo foi uma senhora baiana muito receptiva em apresentar a diversidade de plantas em seu quintal e o cuidado que tem com elas. Em um terreno acidentado, cultivava frutíferas, hortaliças e plantas medicinais. Em algumas porções, mostarda, beldroega e almeirão roxo nasciam espontaneamente. Nas caminhadas pelo quintal contava de seu trabalho fora de Ibirité, da escassez de água, das mudanças no bairro com o avanço da urbanização e da saudade que sente da sua vida na Bahia e de

[48] Uma análise deste material foi elaborada por Yan Leal da Silva no seu trabalho de conclusão de curso em 2015. A pesquisa teve continuidade no ano seguinte e contou com a colaboração de outra bolsista, Karine Silva, e de um voluntário, Ismailton Martins.

seus parentes. No percurso assinalou espécies que vêm há anos trazendo de suas viagens para sua terra natal: variedades de mandioca, pequenos pés de cacau e muito feijão guandu, este último empregado em pratos da culinária baiana que aprecia. O trânsito de espécies oferece pistas sobre o papel das trocas para a construção da agrobiodiversidade em diferentes espaços manejados. As plantas, assim, lembram pessoas e lugares[49].

Além do levantamento em quintais em Ibirité, em 2016 comecei a participar das atividades de extensão do *Saberes do Quintal*, realizado no âmbito do Kaipora com a coordenação do Emmanuel Almada, contribuindo em especial nos Ciclos de Encontros com detentores e detentoras de diferentes práticas e saberes relacionadas aos quintais e outros espaços manejados em contexto urbano e perirubano, e na organização de um informativo periódico[50]. O Saberes no Quintal tem operado como um guarda-chuva para as atividades organizadas pelo grupo e aglutina, sempre que possível, outros projetos.

De 2017 a meados de 2018 coordenei outro projeto que consistia em um levantamento preliminar do patrimônio cultural imaterial de Ibirité[51], tendo conferido destaque nesse momento às benzedeiras e aos saberes e práticas de agricultores e agricultoras. Boa parte das roças de maior porte que ainda resistem em Ibirité estão situadas na zona de amortecimento do Parque Estadual da Serra do Rola Moça[52], um dos nichos agrícolas[53] do município. Nesses espaços inúmeros problemas são apontados pelos agricultores e agricultoras, como os atravessadores, a especulação imobiliária e o assédio para a volta da mineração[54]. Duas empresas têm tentado obter licenças de exploração, a Mineradora Santa

[49] Este trabalho nos levou em 2017 à organização de um livro, *Quintais: memória, resistência e patrimônio biocultural,* aprovado em um edital de publicação da Editora UEMG (ALMADA, SOUZA 2017). O livro trata de quintais em diversos contextos da América Latina e dois capítulos específicos, escritos por componentes do grupo de pesquisa, abordam os quintais urbanos e periurbanos como espaços importantes para conhecimentos, experimentações, trocas, relações e resistência frente aos processos de urbanização e especulação imobiliária que reduzem cada vez mais esses espaços nas cidades.

[50] O informativo Saberes do Quintal é divulgado na internet e de 2016 a 2019 foi afixado em ônibus de circulação municipal, comércios, postos de saúde e escolas da rede básica em Ibirité. Alguns exemplares estão disponíveis em: https://uemg.br/component/content/article/211-proex/jornal/2245-jornal-saberes-do-quintal?Itemid=437 . Acesso em:16/05/2023.

[51] Projeto: L*evantamento preliminar do patrimônio cultural imaterial em Ibirité (MG): saberes e formas de expressão*, apoiado pelo edital 03/2017 pelo Programa Institucional de Apoio à Pesquisa (PAPq/UEMG). A bolsista deste projeto foi Jaqueline Prata, discente da licenciatura em Letras. Nesse trabalho, além de agricultores e benzedeiras, também conversamos com gestores municipais e conhecemos mestres e mestras de diferentes manifestações (guardas de congado, folia de reis, capoeira e artesanato). Em 2018 coordenei a continuidade do projeto até junho, quando entrei em licença maternidade, e transferi a coordenação para Emmanuel Almada.

[52] O Parque Estadual da Serra do Rola Moça engloba uma região de vegetação endêmica e de muitas nascentes responsáveis pelo abastecimento de água de parte da RMBH. Mais informações disponíveis em: http://www.ief.mg.gov.br/component/content/198?task=view. Acesso em 26/10/2021.

[53] O 'nicho agrícola' é entendido como "áreas onde tal atividade persiste, condicionadas pela redução da área agrícola, porém compensada pela intensificação das atividades e produção" (Bicalho 1992 *apud* Tubaldini e Rodrigues s/d:2).

[54] Para maiores informações, ver: https://www.brasildefato.com.br/2020/03/12/artigo-reativacao-de-mina-em-ibirite-mg-ameaca-parque-estadual-e-as-aguas-de-bh e https://www.cedefes.org.br/carta-aberta-em-defesa-da-vida-e-contra-a-mineracao-em-ibirite-mg/. Acesso em: 14/01/2022.

Paulina e Mineradora Geral do Brasil (MGB), o que tem mobilizado diferentes agentes públicos e da sociedade civil. Cabe ressaltar que, por fazer divisa com Brumadinho, Ibirité foi impactada pelo rompimento da barragem da Vale que aconteceu no início de 2019, gerando um rastro de destruição ambiental e a morte de mais de 260 pessoas. Uma agricultora atingida em Brumadinho, relata como tinha grande "*satisfação e orgulho em trabalhar com a agricultura e como o rompimento acabou com tudo*"[55].

Pela extensão da atividade mineradora na RMBH, o temor de quem vive perto de suas estruturas se estende à uma preocupação mais ampla da população em geral pelos impactos ambientais, em especial nos cursos hídricos que abastecem a região. Nesse contexto, movimentos sociais e da sociedade civil têm reiterado o potencial da agricultura de base agroecológica como uma alternativa econômica à mineração, pois gera renda, valoriza o trabalho árduo dos produtores locais, recupera nascentes e respeita o ambiente[56].

No entanto, a urbanização de áreas em conurbação com Belo Horizonte, Contagem e Betim, e o parcelamento do solo, muitas vezes realizado a partir de loteamentos irregulares em áreas mais afastadas do centro, têm diminuído os espaços de cultivo em Ibirité. Esses processos causam problemas como a impermeabilização do solo, acúmulo de lixo em locais impróprios e rejeito de resíduos domésticos em cursos hídricos do município.

Ainda que com recuos, atrelada ao seu passado rural, a agricultura ainda é uma das atividades econômicas mais significativas em Ibirité e tem como carro chefe a venda de hortaliças, principalmente salsa e cebolinha, para o CEASA -MG (Centrais de Abastecimento de Minas Gerais SA). Tal produção, porém, é marcada pelo uso inadequado de insumos químicos como agrotóxicos, o que afeta tanto a saúde dos trabalhadores como o meio ambiente com a contaminação dos solos, dos lençóis freáticos e dos cursos hídricos[57] (Fernandes *et. al.* 2012).

Uma localidade tem se destacado na produção e experimentação: o sítio Demétrio, situado na divisa do parque. O sítio é alugado pela Associação Agricultores Agroecológicos e

[55] Entrevista com Maria Betânia, agricultora em Brumadinho, dois anos após o rompimento da barragem da Vale. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=tp54aljHsyU&ab_channel=PressenzaNoticiasPortugu%C3%AAs. Acesso em: 12/10/2021.

[56] Ecologia Integral - SSAN x Mineração (Agricultura Urbana e Periurbana + Agricultura Familiar) realizada em 5/10/2021. Participantes: - Leleco, Sandra Freitas e Marcia Vallone (PUC Minas), Padre João, Elvira e Nini (Associação Horizontes Agroecológicos), Fernanda Perdigão (Atingida pelo Crime da Vale em Brumadinho; Coordenadora do Comitê Popular da Zona Rural de Brumadinho) e Eulália (Superint. SSAN Contagem-MG). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=mMWZdwRJWjc. Acesso em: 12/10/2021.

[57] Esse tema será retomado no item 2.1.

Biodinâmicos da Serra do Rola Moça (AABD - Rola Moça), fundada em 2014 por agricultores e agricultoras para ofertar hortaliças sem insumos químicos para o mercado local e regional. Nesse sítio participei de oficinas sobre defensivos naturais, biofertilizantes e seleção de sementes e acompanhei, a convite da Prefeitura de Ibirité em 2017, docentes da rede municipal que participavam do projeto Escola Sustentável[58].

Além dos projetos de pesquisa e extensão, também tenho aprendido sobre Ibirité e cidades próximas com as turmas que leciono. Em seus anos
na docência no Brasil, o antropólogo Claude Lévi-Strauss pedia às turmas que realizassem uma etnografia de onde viviam, um tema referido como apaixonante[59]. Inspirada por ele, desde 2016 solicito aos discentes um trabalho sobre a rua onde moram e suas transformações como uma maneira de aprender sobre seus modos de existir e para incentivar um olhar descritivo e crítico de suas realidades. Em 2022, além da descrição da rua, pedi que prestassem atenção em diferentes aspectos de seus bairros e sugerissem melhorias para os caminhos que percorrem todos os dias.

O conjunto de trabalhos permite dizer que, de modo geral, os discentes das turmas que lecionei residem em bairros urbanos e periurbanos de Ibirité, Contagem, Betim, Sarzedo, Brumadinho e Mário Campos. São recorrentes as trajetórias familiares de migração e a transformação de áreas rurais com sítios, fazendas e matas em loteamentos financiados até mesmo na base da confiança. Nesses locais, primeiro chegam as casas, e só depois de muita cobrança chegam luz, água, transporte, comércios, equipamentos públicos (como escolas, postos de saúde, entre outros) e, às vezes, saneamento básico.

O passado é referido como a época das matas, das minas e dos córregos limpos, das amenidades entre vizinhos, dos quintais de terra batida, das brincadeiras na rua e de uma infância próxima ao que colocaríamos como rural e que até pouco tempo era vivida até mesmo em bairros periféricos de Belo Horizonte. O presente, por outro lado, é a época das ruas asfaltadas, da violência, dos comércios diversificados, do tempo escasso e, de modo geral, das crianças dentro de casa. Em alguns locais, principalmente os que persistem menos urbanizados e mais periféricos, as crianças ainda brincam na rua e as relações entre a vizinhança continuam ativas. Matas, pastos e áreas plantadas também persistem, mas em

[58] Projeto coordenado pela Secretaria de Educação de Ibirité voltado à comunidade escolar sobre coleta seletiva, horta escolar e compostagem. Para mais informações: https://www.ibirite.mg.gov.br/detalhe-da-materia/info/escolas-programas-e-projetos-acoes-da-secretaria-de-educacao/6529. Acesso em 05/05/2021.
[59] Entrevista com o antropólogo Claude Lévi-Strauss realizada por Fernando Eichenberg em 2005. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6-fIxtRW9wY&ab_channel=Prof.RafaelKenjiKuriyama. Acesso em: 08/10/2023.

menor escala e mais fragmentadas. Em relação às vidas presentes, citam tangará, gambá, teiú, arara, cobra, até onça, bem-te-vi, maritaca, mico, bicho preguiça, rato, borboleta, vaca, cavalo, gato, cachorro, porco, morcego, galinha, abelhas, besouros, joaninhas, tatuzinho, barata, barbeiro, grilo, lesma. E manga, abacate, seriguela, banana, romã, ipê, dama da noite, pata de vaca, feijão, milho, mandioca, cebolinha, salsinha, couve e muitas outras. Assim, ainda que a urbanização padronize paisagens, pequenos fragmentos biodiversos indicam outras histórias em curso.

1.3. Antropologia, educação e encontro de saberes

Apresentar uma disciplina envergonhada do seu passado colonial, com críticas a perder de vista, mas que ainda assim mantém seu potencial encantador na medida em que treina nossa sensibilidade e abre portas para outros mundos tem suas pequenas alegrias. A presença da disciplina *Antropologia e Educação* nos currículos das licenciaturas está longe de ser a regra, como acontece com a Sociologia da Educação. Na UFMG, por exemplo, é uma disciplina obrigatória apenas na licenciatura em Pedagogia. Assim, de tempos em tempos, nas reformulações dos Projetos Pedagógicos dos Cursos (PPCs) na UEMG, preciso defender suas possíveis contribuições à formação docente.

Durante minha formação acadêmica a contribuição da disciplina à área da educação foi um tema ausente. Foi como docente, em especial no curso de Pedagogia, que comecei a entrar em contato com uma literatura voltada às micro-histórias, aos processos de aprendizagem e à ontogênese, em especial a partir dos trabalhos de Cristina Toren, Jean Lave e Tim Ingold. Apenas em 2020, durante o doutorado, tive a oportunidade de conhecer o tema com a disciplina *Etnografia de Práticas de Aprendizagem,* oferecida pelos docentes Ana Maria Gomes, Adriana Drummond, Eliene Faria e José Bebortoli no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação (FaE/UFMG).

Foi também como docente, em especial no curso de Ciências Biológicas, que percebi como discussões que consideramos fundamentais e repetidas no âmbito da antropologia estão, na verdade, muito distantes de outras áreas do conhecimento e documentos oficiais que, quando muito, vão mobilizar o naturalismo e seu par, o relativismo cultural, como leitura da diversidade humana. Vale reiterar que o relativismo cultural, como destaca Thom van Dooren, Eben Kirksey e Ursula Münster (2016:8), é um jeito fácil de resolver uma questão que é muito mais complexa:

> "*Esse tipo de relativismo – 'você tem a sua verdade e eu a minha', 'você habita o seu mundo e eu habitarei o meu' – é acomodado e perigoso. No final do dia precisam ser tomadas decisões sobre como vamos conviver em um mundo que é, embora múltiplo, também compartilhado, finito e (em muitos aspectos) difícil. Os recursos devem ser distribuídos, reivindicações de direitos e justiças serão ouvidas ou ignoradas. Os moldes de produção de sentido, de avaliação e de verificabilidade, sob os quais as deliberações são feitas ou as respostas rotineiras executadas, são importantes. Lutar por mundos melhores requer aprender a levar os outros a sério em sua alteridade, encontrando modos de confundir que evitam a fantasia da tradução universal ou de um critério singular – geralmente 'nosso' – de avaliação ou verificação".*

Nesse contexto, em acordo ao que tem sugerido Ingold (2019:63), é fundamental que a antropologia se esforce para construir uma nova imagem pública e que colabore com diferentes áreas, valendo-se da "*nossa experiência com outros povos"* para "*especular sobre quais poderiam ser as condições e possibilidades de vida*". Na sua percepção, para que esse reconhecimento aconteça, é preciso superar três obstáculos, sendo eles: 1) a ideia perpetuada de que a antropologia é o estudo da cultura, o que a coloca em uma posição marginalizada, especialmente em tempos difíceis, e reitera a grande divisão cultura e natureza que persiste como regra para fora dela; 2) a noção equivocada de que o relativismo cultural é um imperativo máximo da disciplina que justifica até mesmo comportamentos humanos grotescos e abomináveis, enquanto o que a disciplina procura fazer é dialogar de forma generosa e crítica; 3) o último obstáculo que menciona é sua relação íntima com a etnografia, o que impede que a disciplina atue de forma mais ativa em debates urgentes, em especial os que se dedicam a pensar: "*Como, então, devemos viver agora, para que haja vida para as gerações futuras?*" (Ingold 2019:9).

Como ressalta Ingold (2019:71), "*como a arte, a antropologia não precisa se comprometer apenas com a descrição e a análise das coisas como elas são. Ela também pode ser experimental e aberta à especulação*". Sua defesa é por uma antropologia futura, "*que seja especulativa e experimental, assim como descritiva e analítica*", com potencial para transformar vidas e qualificar debates (Ingold 2019:65). A partir de tais questões, considero fundamental que a presença da antropologia em cursos de licenciatura seja a regra, e não casos isolados. Tal presença pode ser um caminho para construir sua imagem pública e qualificar docentes para a abordagem de temas afins à disciplina no contexto escolar, em museus e outros ambientes educacionais.

A preocupação com a formação docente e em promover discussões contemporâneas da antropologia me reuniu com Tainah Leite, Ana Paula Rodrigues, Marcelo Lazzarin, Bruno

Guimarães e Deborah Lima, o que deu início a uma linha de pesquisa e extensão no Núcleo de Estudos em Comunidades Quilombolas, Indígenas e Tradicionais (NUq-UFMG), o Antropologia na Escola (AnE). A linha, criada no final de 2017, tinha como intuito trazer temas que procuram ir além da tolerância e do relativismo cultural para outros públicos, em especial à educação básica, em diálogo com autores como Roy Wagner, Mario Blaser, Marisol de la Cadena, Eduardo Viveiros de Castro e Isabelle Stengers.

Entre nossas inspirações para atuação no AnE estava o *Curso de Formação de Professores na Temática das Culturas e História dos Povos Indígenas* (CUPI), realizado a partir da parceria entre a UFMG e Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação (SECADI-MEC), com a coordenação da profa. Karenina Andrade, também integrante do AnE. De 2014 a 2016 o CUPI ofereceu vagas para docentes da rede pública municipal e estadual de ensino para contribuir com o cumprimento da lei 11.645/2008[60], referente à obrigatoriedade da temática *História Cultural Afro-Brasileira e Indígena* no currículo oficial das redes de ensino.

Em meados de 2018, após tatear possibilidades de atuação junto ao Saberes Indígenas na Escola (SEI-FaE/UFMG), coordenado pela profa. Ana Gomes, recebemos um convite do Espaço do Conhecimento da UFMG para organizar uma exposição sobre a questão indígena. A partir de uma construção colaborativa com curadores e curadoras dos povos Yanomami, Ye'kwana, Xakriabá, Tikmũ'ũn (Maxakali) e Pataxoop, em dezembro de 2019 a exposição *Mundos Indígenas* foi inaugurada com o intuito de promover o encontro e o conhecimento sem tradução com seus mundos. Davi Kopenawa e Joseca Yanomami apresentaram o conceito *në ropë*; Júlio David Magalhães e Viviane Cajusuanaima Rocha trouxeram o conceito *weichö*; Célia Xakriabá, Edvaldo Xakriabá e Vicente Xakriabá escolheram o conceito *corpo-território*; Isael Maxakali e Sueli Maxakali apresentaram a noção de *yãy hã mĩy*; e Kanatyo Pataxoop e Liça Pataxoop mobilizaram o conceito *o grande tempo das águas*[61].

Embora não tenha participado das conversas iniciais por estar de licença maternidade, atuei na organização da exposição e mantive diálogos com o educativo do museu, fundamental às ações que pretendíamos desenvolver junto aos mediadores, docentes e escolas que

[60] Lei 11.645: altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 27/04/2023.
[61] Ver: Catálogo da exposição Mundos Indígenas. Disponível em: https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/wp-content/uploads/2018/03/ec-ufmg_2020_mundos-indigenas_catalogo_web.pdf. Acesso em 27/04/2023.

visitam o espaço. Atuei ainda junto à curadora Célia Xakriabá, minha colega de turma do doutorado. Prevista para durar seis meses, foi interrompida pela pandemia da Covid 19 em março de 2020. A exposição recebeu uma versão online[62] e em dezembro de 2021, com a flexibilização das medidas sanitárias, foi reaberta e seguiu em cartaz até setembro de 2023. Ainda que a exposição não seja o tema desta tese, oferece um repertório conceitual importante para desnaturalizar o modo de viver e existir nas cidades[63], e partilha o desejo de produzir uma antropologia direcionada ao público em geral.

No âmbito da UEMG, em 2019 submeti um projeto de pesquisa[64] dedicado a levantar saberes e fazeres de raizeiras e benzedeiras de Ibirité e cidades limítrofes. O projeto priorizou o contato com raizeiras que já haviam participado dos Ciclos de Encontros do Saberes do Quintal ou que entramos em contato a partir da rede formada por elas em abril de 2018 com apoio da AMAU, grupo que também participo. Batizada de Articulação Embaúba[65], a rede reúne parteiras, raizeiras e benzedeiras da RMBH e convidados de instituições como a própria UEMG, a REDE, a Emater-MG e a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), que atuam próximas às plantas medicinais, agroecologia, segurança e soberania alimentar. Seu nome toma como referência a embaúba, árvore que tem ação pioneira ao se dispersar rapidamente, atuando na recuperação de áreas degradadas.

A convite de ONGs, instituições públicas e de forma autônoma, a Articulação Embaúba promoveu em 2019 rodas de conversas e oficinas e, de 2020 a 2021, em função da pandemia, apenas encontros remotos. Uma das lives, *Afetos do Mato*, contou com a participação de Aparecida Arruda, Maria Catarina de Souza, Mãe Rita (Mam'etu Ria Nkise Oiacibelecy) e Adriana Fernandes Carajá (Korã, Povo Kariri-Sapuyá Pataxó Hã-Hã-Hãe), com a minha mediação. O encontro foi realizado em julho de 2020 e foi editado como texto para a compor o livro *Roça Grande: Diversidade Biocultural das Cidades* (2023), organizado por Emmanuel Almada.

Com a Articulação Embaúba aprendi sobre extratos, xaropes, sabão, pomadas, shampoos, receitas com hortaliças tradicionais na região (como serralha, ora-pro-nóbis, taioba, caruru,

[62] Visita online à exposição Mundos Indígenas. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=XjQ64Wv6WGE&ab_channel=Espa%C3%A7odoConhecimentoUFMG. Acesso em 27/04/2023.
[63] O tema será retomado no Capítulo 2.
[64] Bolsistas Bruna Luiza e Lorena Helmer.
[65] Para maiores informações, consultar: "Afetos do mato: saberes e práticas de cuidado na Região Metropolitana de Belo Horizonte", por Mariana Oliveira e Souza, Adriana Fernandes Carajá (Korã), Maria Catarina de Souza, Aparecida Arruda, Mãe Rita (Mametu dya nkise Oiacibelecy), Flávio Henrique de Oliveira Santos, Laura Barroso Gomes, Emmanuel Duarte Almada. Livro: Roça Grande: diversidade biocultural das cidades. ALMADA, Emmanuel (org.). Porto Alegre: Ed. Sbee, 2023.

azedinha) e com outros alimentos da época. Em Ibirité, suas atividades, que muitas vezes começavam com elas narrando lembranças mediadas pelas plantas que queriam apresentar, contavam com a presença de moradores próximos, discentes da universidade, feirantes da FHA, docentes da rede pública básica e discentes dos ensinos fundamental e médio das redondezas. O contato com elas e com outros cuidadores e cuidadores na RMBH, e outros mais distantes, nos mobilizou a construir a oferta de cursos e disciplinas em parceria na UEMG, no formato do encontro de saberes.

As iniciativas voltadas ao encontro de saberes têm sido implementadas em diferentes universidades brasileiras desde 2009, ocasião em que o então coordenador do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia (INCT) de Inclusão no Ensino Superior, o Prof. José Jorge de Carvalho, estabeleceu convênio com o Ministério da Cultura para a oferta de disciplina na Universidade de Brasília (UnB) em que mestras e mestres atuariam na condição de professores e professoras (Carvalho 2020). Como destaca Edgar Neto, Isabel Rose e Marcio Goldman (2020:12), o termo remete a um conjunto de experiências com especificidades regionais e institucionais que, em comum, contemplam a remuneração "*de mestres e de mestras dos saberes tradicionais como professores e professoras de universidades públicas federais e estaduais*".

Na UFMG, o Programa de Formação Transversal em Saberes Tradicionais (FT Saberes Tradicionais) foi criado em 2014 e é coordenado pelo prof. César Guimarães. O programa oferta cursos em parceria com mestres e mestras das culturas afro-brasileiras, indígenas e populares de diferentes partes do país, abertos a estudantes de todas as graduações e pós-graduações da UFMG (Brasil, Guimarães, Aspahan 2020:129). Como destaca a arquiteta Renata Marquez (2020), trata-se de um *deslocamento reverso* no qual os docentes anfitriões recebem mestres e mestras na universidade para aprender, fazer e pensar. São iniciativas que têm permitido experimentar alianças que fazem "*ciência desconfiando da ciência*" e fazem "*arte desconfiando da arte*" (Marquez 2020:231). O encontro de saberes, ao mesmo tempo em que remete à celebração e à abertura a outros modos de existir, também requer cuidado e atenção às equivocações (Marquez 2020:218; Neto, Santana de Rose, Goldman 2020:16; Lima 2020).

A construção do programa na UEMG teve início no segundo semestre de 2019 junto a docentes das unidades de Ibirité, João Monlevade, Escola de Design e Escola Guinhard[66] e da FT Saberes Tradicionais na UFMG, coordenado pelo prof. Emmanuel Almada. Apenas

[66] O programa envolve mais de 20 docentes vinculados às unidades referidas e à Unidade de Divinópolis e Escola de Música (Esmu).

no segundo semestre de 2021 as primeiras atividades foram ofertadas em formato remoto: uma disciplina voltada aos estudantes da UEMG e dois cursos livres de extensão, com a participação de 12 mestras e mestres residentes em Minas Gerais. No âmbito do programa, atuei na organização[67] do curso de extensão *Saberes e Fazeres da Cura e do Cuidado* junto ao mestre Altino Silva, geraizeiro da comunidade Baixa Grande (Rio Pardo de Minas/MG); Maria Catarina de Souza, agricultura, raizeira e participante da AMAU e Articulação Embaúba (Contagem/MG); Pedrina de Lourdes Santos, capitã da Guarda de Massambique de Nossa Senhora das Mercês (Oliveira/MG).

Figura 14: Peça de divulgação do curso de extensão. Na imagem, Pedrina, Dona Catarina e Seu Altino. 2021. Autoria: GT de Comunicação do Encontro de Saberes UEMG

O curso contou com a participação de estudantes da UEMG e de outras universidades, professores da rede básica de ensino, ativistas em movimentos sociais, representantes de povos e comunidades tradicionais. E acabou sendo meu último momento de proximidade com a Dona Catarina e seu amor contagiante pelas plantas, mestra que conhecia desde 2016 devido a sua atuação na agricultura urbana e agroecologia, e que faleceu no começo de 2022. Regida pelo cuidado como doação, conviveu com crianças e adolescentes, presidiários, idosos, pessoas em sofrimento mental e sempre conta como aprendeu a ouvir a partir desses encontros. Por sua participação importante na defesa da soberania alimentar e da saúde popular na RMBH, recebeu o prêmio Efigênia Francisca organizado pela Prefeitura de Contagem em 2021, indicação que ajudei a construir junto ao Kaipora, à

[67] A atividade foi organizada junto aos docentes Mario Fonseca, Sérgio Romero e Tawani Paiva, e às estudantes Letícia Rocha e Lorena Helmer.

Articulação Embaúba e à REDE[68]. Dona Catarina nos convida a colocar nossas mãos na terra onde for possível e assim experimentar uma conexão que pode mudar nossa sociedade.

Em 2022, no mesmo programa, participaram das atividades, dessa vez presenciais, 60 mestres e mestres residentes no estado, o que foi possível tanto pela capilaridade da UEMG como a partir de parcerias com docentes da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes) e da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). Nesse ano organizei, em colaboração com oito mestres e mestras da RMBH, o curso de extensão *Cuidar e cultivar a terra – saberes e práticas agrícolas na RMBH*.

Figura 15: Peça de divulgação do curso de extensão. 2022. Autoria: GT de Comunicação do Encontro de Saberes UEMG

Seis encontros foram conduzidos por Aparecida Arruda[69] (Ervanário São Francisco, Sabará), Alexandra Assis (Horta da Ocupação Paulo Freire, Belo Horizonte), Lúcia Souza (Horta da Ocupação Tomás Balduíno, Ribeirão das Neves), Veranilta Alves (Quintal, Belo Horizonte), José Adão (Horta na Comunidade Vitória, Belo Horizonte) e Luiz Lima (Horta do Petrovale, Betim). Um encontro foi realizado na UEMG Ibirité com a Shirlene Santos, raizeira do quilombo do Açude, e Nelita Santos, agricultora da comunidade rural Rio Vermelho, ambas do município de Jaboticatubas:

[68] Prêmio Efigênia Francisca. Ver: https://www.portal.contagem.mg.gov.br/portal/noticias/0/3/63644/fotografias-das-ganhadoras-do-premio-efigenia-francisca-2021-sao-projetadas-em-predios-de-contagem. Acesso em: 27/10/22.
[69] Vale destacar que Tantinha participou como mestra na formação transversal da UFMG na disciplina *Artes e ofícios dos saberes tradicionais: curas e cuidados* em 2017.

Figura 16: Mestres e mestras: Aparecida (Tantinha), Seu Luiz, Lúcia e Alexandra. 2022. Autoria das fotos: Mariana Oliveira e Lucas Bois.

Figura 17: Mestres e mestras: Shirlene, Nelita, Seu Adão e Dona Vera. 2022 Autoria das fotos: Shirlene, Nelita e Mariana Oliveira.

Participaram do curso estudantes, autônomas, do lar e aposentadas, em grande maioria mulheres com experiência com a terra. Juntas, percorremos hortas e quintais com diferentes características e histórias, e mais uma vez me encantei por eles e seus cuidadores e cuidadoras. Os encontros, que demandaram outros e conversas prévias, permitiram conhecer a diversidade presente nos espaços que cuidam e também seus projetos de vida e de futuro, como movimentos de moradia e direitos, cozinhas solidárias, circuitos de comercialização alternativos, acesso à terra. Para além da finalidade produtiva, suas práticas emocionam com a beleza da diversidade e com a força da luta e da comunidade. Para os participantes foi a oportunidade de conhecer e circular entre diferentes espaços e aprender com suas práticas e saberes. E foi, também, uma oportunidade de doar, trocar e dispersar plantas.

A experiência junto ao AnE, em especial com sua proposta de uma antropologia capaz de encantar, me fez retomar meu interesse em abordar, por este caminho, os pequenos espaços biodiversos nas cidades e suas periferias. Submeti, então, o projeto de extensão *Retratos de espaços cultivados na RMBH*[70], ainda em andamento, voltado a aprender e experimentar a produção colaborativa junto a cuidadores e cuidadoras da RMBH. Para tanto, foi criada uma coleção de livretos intitulada *Cuidar e Plantar a Terra*, voltada à educação básica e demais interessados[71]. Os livretos foram produzidos a partir de visitas aos espaços em 2022 e 2023 para fotografar, levantar depoimentos e as plantas presentes. Correspondem, assim, a atenção mais direcionada ao tema desta tese. Nos livretos procuramos destacar como as plantas têm história e marcam as histórias de quem se relaciona com elas com intimidade. São eles:

Livreto 1 – As plantas oferecem um cuidado
Livreto 2 – Vou fazer uma horta ali
Livreto 3 – As plantas são uma história
Livreto 4 – As hortas nos dão confiança
Livreto 5 – A gente reparte
Livreto 6 – Nunca parei de plantar
Livreto 7 – Cada pedacinho é bem aproveitado.

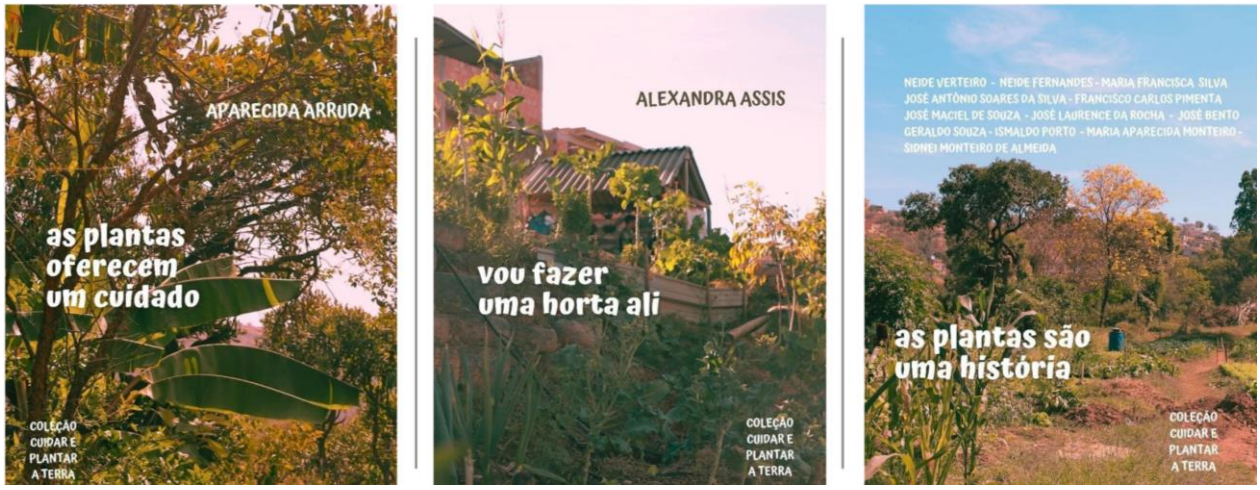


Figura 18: Capas dos livretos 1, 2 e 3. Montagem: Mariana Oliveira

[70] Aprovado no edital PAEx 01/2022 com bolsa para docente e bolsa para estudante. Phliper Santos participou como bolsista e Lucas Silva e Cátia Pereira como voluntários, sendo os três estudantes do curso de Ciências Biológicas na UEMG Ibirité.
[71] A coleção está disponível no Anexo II e no link: Coleção Cuidar e Plantar a Terra (uemg.br).

Figura 19: Capas dos livretos 4 e 5. Montagem: Mariana Oliveira

Figura 20: Capas dos livretos 6 e 7. Montagem: Mariana Oliveira

A coleção foi pensada como um modelo reduzido[72] de relações entre plantas e pessoas nas cidades e periferias atravessadas por relações que produzem fartura, beleza e paisagens biodiversas. Sua produção, que implica na produção de textos a partir da oralidade, prolifera o que a academia gosta, ou seja, textos, mas textos que, como destaca Marquez (2020:22), podem alcançar diferentes públicos e produzem uma "*ocupação bibliográfica pelo afeto*". Nesse sentido, como experiência e como *bibliografia*, dialogo com a coleção de livretos ao longo da tese[73].

[72] Uso o termo em sentido próximo ao que apresenta Lévi-Strauss (1989:39). Seu conteúdo será retomado no item 3.4.
[73] Os sete livretos finalizados estão disponíveis na íntegra no anexo II e serão citados ao longo da tese. Ressalto que este projeto está vinculado à tese mas também a excede, já que outros livretos ainda serão produzidos.

Além dos diferentes encontros junto a agricultores e agricultoras, raizeiras e cuidadores e cuidadoras de quintais e hortas, de 2021 a 2023 realizei três cursos de extensão: *Viver e Aprender com o Mundo Natural* e *Introdução à Botânica*, na Escola de Botânica, e a *Trilha da Agroecologia*, ofertado pela Prefeitura de Belo Horizonte. Os cursos de botânica contemplaram características gerais do reino vegetal e sua evolução, além de noções básicas de nomenclatura científica, ilustração botânica, morfologia vegetal, fisiologia vegetal e tendências futuras da disciplina. Foram cursos fundamentais para a organização das listas de plantas em quintais e hortas visitados na RMBH em destaque no item 3.3 desta tese. O curso de agroecologia abordou temas como: manejo agroecológico de agroecossistemas, fertilidade do solo, manejo agroecológico de pragas e doenças, agrobiodiversidade, manejo agroecológico das águas, plantas medicinais e agroecologia, gastronomia, plantas alimentares não convencionais (PANCs)[74], políticas públicas em agroecologia e o contato com algumas experiências em agricultura urbana na RMBH. Como trabalho final elaborei um pequeno livreto ilustrado para experimentar uma produção voltada para o público em geral. Intitulado *Sentir as Plantas*[75], dialoga com dimensões que serão abordadas no terceiro capítulo desta tese.

Plantas Alimentícias não convencionais (PANC)

Como destaca Guilherme Ranieri (2017:11), o termo PANC "*refere-se apenas ao uso alimentar. Por isso, uma PANC pode ser nativa ou trazida de outros países, ser espontânea ou cultivada*". A padronização alimentar tem mobilizado a inserção das PANCs na alimentação por estarem disponíveis ao longo do ano, demandarem baixa manutenção, a despeito de serem nativas ou não.

No retorno às aulas presenciais em 2022, conseguimos para o Kaipora em Ibirité um pequeno espaço anexo à horta da FHA, a *muvuca*, cuidada para acolher mestres e mestras que recebemos na UEMG e plantar mudas e sementes que trocamos e ganhamos em encontros, de estudantes e funcionários, outras que compramos quando temos oportunidade, outras de nossos quintais. A coleção exposta combina plantas cultivadas com atenção às que vêm espontaneamente. Situada próxima ao prédio principal da UEMG, a muvuca recebe cuidados individuais e cuidados compartilhados em "*mutirinhos*".

[74] Este tema será abordado novamente no item 3.4 desta tese de forma crítica.
[75] Disponível no Anexo I.

Figura 21: área da entrada roçada em abril de 2022. Foto: Mariana Oliveira

Figura 22: área da entrada em novembro de 2022. Foto: Mariana Oliveira

Figura 23: área da entrada em setembro de 2023. Foto: Mariana Oliveira

Figura 24: área posterior em setembro de 2023. Foto: Mariana Oliveira

Figura 25: área posterior em setembro de 2023. Foto: Mariana Oliveira

1.4. Virada vegetal

Em tempos de maiores restrições devido à pandemia, com um filho pequeno e em casa como antes nunca estive, no meu quintal plantei, cavei, observei, montei e desmontei canteiros, fotografei insetos, escrevi um diário, inventariei plantas e passarinhos, percebi transformações, desenhei, troquei mudas com minha mãe e amigas.

Figura 26: Amostras do quintal. 2020. Autoria: Mariana Oliveira

Figura 27: Pandemia (aquarela e nanquim). 2020. Autoria: Mariana Oliveira

Interessada nos estudos multiespécie, em especial no trabalho de Tsing, comecei a aprender com e sobre as plantas a partir do que tem sido chamado de *virada vegetal* (Mancuso 2019; Cabral de Oliveira *et. al*. 2020; Coccia 2021, entre outros). Tecida a partir de diferentes áreas do conhecimento, a virada vegetal enfatiza particularidades das plantas, relações que estabelecem com diferentes seres e como dependemos delas, como procuro indicar a seguir.

Em "*Vegetar o pensamento: manifesto e hesitação*", vegetar é apresentado como um desaceleramento ao monocultivo industrial que perturba o ambiente com a padronização e mecanização (Cabral de Oliveira *et al.* 2020:11-12). Vegetar também é apresentado como uma forma de resistir que se inspira nas plantas e em sua potência de transformação:

"*Vegetar é crescer em contiguidade com o mundo, coabitar lugares, aderir e fazer espaços, engajar-nos com aquilo que nos circunda - ou antes, nos atravessa*" (Cabral de Oliveira *et. al.* 2020:11-12). O manifesto ressalta como é preciso aprender com as plantas e com suas formas de produzir alianças, uma vez que são seres expostos e em "*continuidade absoluta com aquilo que as circunda*" (Coccia 2013:211).

O antropólogo francês Bruce Albert (2023:150) enfatiza como a sensibilidade dos vegetais anunciada por diferentes povos indígenas, em especial pelos Yanomami, com quem nutre colaboração há décadas, tem sido pesquisada no âmbito da biologia e "*questionam muitos de nossos preceitos sobre o mundo vegetal, borrando cada vez mais a fronteira da vida entre plantas e animais*". Como destaca, "*essas vozes nos ensinam também que nossa hierarquização antropocêntrica (e até zoocêntrica) dos seres vivos deve ser desconstruída a fim de dar novamente ao mundo vegetal – ao qual devemos nada menos que a atmosfera – a atenção e a centralidade que lhe cabem desde a origem da vida*" (Albert 2023:156). A excepcionalidade da inteligência humana é uma construção que ignora milhões de anos de complexas interações entre seres que nos precederam e moldaram mundos.

A inteligência que as plantas apresentam envolve um conjunto dinâmico de interações contínuas com o ambiente, seus seres, suas disponibilidades, suas faltas (Calvo, Lawrence 2023). Envolvem experiências distintas, uma vez que tecem relações a partir de suas fisiologias próprias e o ambiente ao seu redor. Como os animais, apresentam diferenças comportamentais consistentes ao longo do tempo. As plantas com flores flertam e alimentam seus polinizadores para produzir suas sementes. Os fungos ofertam às plantas nutrientes do solo como fósforo e nitrogênio enquanto recebem açúcares que necessitam para prosperar. São também os fungos que, conectados às suas raízes, permitem a circulação de materiais úteis e de mensagens importantes (*cf.* Simard 2022; Calvo, Lawrence 2023). As plantas em ambiente doméstico, muitas vezes com raízes isoladas em vasos, têm uma vida muito diferente das que estão no solo: são plantas de estimação que cuidamos e fazem companhia (Calvo, Lawrence 2023).

O geneticista de plantas israelense Daniel Chamovitz (2012) enfatiza que flores e árvores são máquinas sensoriais sofisticadas. Para serem capazes de resistir às mudanças em seus ambientes e aos ataques que sofrem de fungos, bactérias, insetos e outros animais, desenvolveram complexos sistemas sensoriais e regulatórios. Embora não consigam ver, conseguem procurar e capturar a luz para se alimentar e, a partir disso, alimentam todos os outros animais. Como indica, percebem o mundo ao seu redor, diferenciam e respondem ao tipo de luz que acessam, sabem quando são tocadas, estão cientes da gravidade e seus

efeitos no crescimento de brotos e raízes e sabem de seu passado, mobilizado para modificar sua fisiologia atual (Chamovitz 2012).

O botânico italiano Stefano Mancuso (2019:13) destaca como as plantas combinam solidez com flexibilidade. Ainda que plantas e animais compartilhem de um ancestral comum, adotaram estratégias evolutivas bem distintas: os animais se movimentam e as plantas fixam suas raízes no solo. Quando os problemas surgem, os animais fogem enquanto as plantas planejam soluções e as executam para sobreviver. Embora não sejam capazes de se mover no decorrer da vida, as plantas, de geração em geração, foram "*capazes de conquistar terras mais distantes, áreas mais inacessíveis e regiões menos hospitaleiras, com uma obstinação e uma capacidade de adaptação das quais muitas vezes senti inveja*" (Mancuso 2021b:11).

As plantas são uma forma de vida marcada pela descentralização, pelos arranjos complexos, pelas estratégias e pela sensibilidade nas percepções para antecipar e planejar soluções. As plantas aprendem com suas experiências e as colocam em ação, caso precisem, em contextos futuros. Assim, sua inteligência "*se desenvolveu mesmo sem um órgão dedicado a ela*" (Mancuso 2021b:16). São, ainda, "*comunicadoras de primeira linha*" e "*organismos genuinamente sociais*" (Mancuso 2021b:11).

A silvicultora canadense Suzanne Simard (2022:78), a partir de observações e experimentos em florestas temperadas da Columbia Britânica (Canadá), destaca como as árvores estabelecem com os fungos micorrizas uma "*ligação de vida e morte*": "s*em essa parceria, nem o fungo e nem a planta poderiam sobreviver*". Filha de extratores de madeira em pequena escala, aprendeu a tirar "*apenas o necessário",* com *"brechas para que as árvores pudessem voltar*" (Simard 2022:97).

Os experimentos de Simard (2022) indicam como nutrientes são passados entre plantas aparentadas e que existe fluxo de carbono também entre plantas não aparentadas e entre espécies distintas, com o intuito de favorecer a prosperidade da própria comunidade que habitam. A cooperação aparece entre os seres que compõem a floresta como um instinto que promove seu equilíbrio a partir da auto-organização (Simard 2022:228).

As árvores antigas e de grande porte são referidas por Simard (2022:344) como árvores mãe. Sobreviventes de diferentes tipos de estresse e alterações ambientais, são fundamentais em tempos de mudanças climáticas, uma vez que "*podem disseminar suas sementes nas áreas perturbadas e transmitir seus genes, sua energia e sua resiliência para*

o futuro". Além delas, é importante prezar por uma "*variedade de espécies, de muitos genótipos, parentes e não aparentados – uma mistura natural para que a floresta seja variada e adaptativa*" (Simard 2022:344).

O tempo que constrói o solo e a prosperidade da floresta a partir de relações fundamentais entre liquens, musgos, algas e fungos é negado quando a extração da madeira é realizada de forma veloz e em larga escala. A mortalidade elevada e rápida perturba a paisagem e devasta a complexa rede que sustenta a vitalidade da floresta (Simard 2022:339). Antes da chegada do colonizador, poucas árvores eram derrubadas: aproveitavam árvores caídas ou extraiam tábuas de árvores vivas com cuidado.

Desde tempos imemoriais os povos originários apresentam uma compreensão profunda da floresta e outros ambientes. As árvores são referidas como seres com agência, percepção, comunicação e que "*cooperam, tomam decisões, aprendem, recordam – qualidades que normalmente atribuímos a senciência, sabedoria, inteligência"* (Simard 2022:75). Os Coast Salish, por exemplo, destacam como "*a floresta é composta de muitas nações que vivem lado a lado em paz, e que cada uma tem uma contribuição para esta Terra"*" (Simard 2022:75). As árvores são como pessoas e "*no subsolo da floresta, existem fungos que mantêm as árvores conectadas e fortes*" (Simard 2022:85). Como outros povos originários, conhecem a importância da diversidade para a prosperidade do ambiente.

Kimmerer (2013) destaca como para seu povo, a nação indígena Potawatomi, as plantas são anciãs, as professoras mais antigas. Como irmãos mais novos da criação, os humanos precisam aprender com quem teve muito mais tempo para descobrir o mundo. Para as pessoas que vivem perto da terra e conhecem suas ondas de abundância e escassez, a generosidade que as plantas exemplificam é um imperativo moral e material. Para seu povo e outros povos tradicionais, riqueza é ter o suficiente para doar, é semear um pacto de reciprocidade (Kimmener 2013).

A ênfase na inteligência e comunicação das plantas, como pondera Catriona Sandilands (2019), canadense estudiosa das ciências humanas ambientais, tem ignorado o contexto no qual as relações entre plantas e pessoas têm sido tecidas, em especial quando marcado pela violência do colonialismo. Além disso, é fundamental que as plantas sejam percebidas em suas especificidades e agência, e não apenas como recursos para captura de carbono e produção de alimentos. Ao reconhecê-las assim, podemos atuar como facilitadores na recuperação e no equilíbrio dos ecossistemas (*cf.* Calvo, Lawrence 2023). Como defende Mancuso (2019), as plantas podem oferecer um outro modelo para pensar a vida ao

conciliar solidez e flexibilidade, o que implica no descentramento na tomada de decisões, na resposta lenta mas efetiva aos problemas e na cooperação nas ações, aspectos que podem ser mobilizados em múltiplas esferas, da política a tecnologia.

Há, em especial nas cidades, grande desinteresse em relação às plantas, o que é preocupante pois "*só vivemos neste planeta porque as florestas estabilizam a biosfera, sequestrando carbono e produzindo o oxigênio que respiramos*" (Salatino, Buckeridge 2016:180). Nesse processo agem de forma invisível, sendo parte fundamental e indispensável para garantir as condições para a vida, enquanto nossa existência é muito mais frágil. O filósofo italiano Emanuelle Coccia (2013; 2021) sugere como o "*analfabetismo vegetal*", principalmente nas cidades, é percebido como normal e positivo, o que se revela uma escolha suicida. O escritor Evando Nascimento (2021) pondera que a virada vegetal como uma atenção no século XXI, na verdade, é algo que compõe os saberes indígenas e as culturas de matriz africana ao longo dos séculos. Para fora desses mundos a "fitofobia" tem destaque, termo que usa para se referir a certa aversão às plantas e que justifica seu sacrifício por qualquer motivo.

Os botânicos Antônio Salatino e Marcos Buckeridge (2016) levantam explicações sobre o desinteresse sobre as plantas. A primeira mobiliza a "*cegueira botânica*", termo cunhado por James Wandersee e Elisabeth Schussler (1999) para se referir à incapacidade humana de perceber a importância das plantas em suas dimensões estéticas e biológicas devido a nossa maneira de processar a imagem que prioriza "*movimento, padrões salientes de cores, elementos conhecidos e ameaçadores*" (Salatino; Buckeridge 2016:178). Suzana Ursi e Saladino (2022:3), em nota científica recente, indicam que a expressão "*impercepção botânica*" procura superar o caráter capacitista do termo cegueira botânica.

Outra explicação é certa predileção na própria biologia e na mídia pelos animais, o "*zoocentrismo*" (Salatino, Buckeridge 2016). Os animais correspondem a apenas 0,3% da biomassa do planeta, mas tem seu arranjo centralizado como inspiração na política, no design e na tecnologia (Mancuso 2019:12; Mancuso 2021a). São elencados ainda por Salatino e Buckeridge (2016) "*fatores culturais*" relacionados, sobretudo, ao modo de viver urbano. Em outros contextos, como em zonas rurais e comunidades indígenas e tradicionais, as plantas são estimadas e conhecidas a partir de uma convivência cotidiana. Para Mancuso (2021a; 2021b) o amor pelas plantas é muito diferente para quem não nasceu em um ambiente totalmente vegetal e não teve proximidade imediata com sua potência. Assim, para ele, nas grandes cidades o amor pelas plantas tende a ser mais limitado, despertado na vida adulta.

Com o intuito de atentar docentes e discentes sobre as plantas e sua importância, Salatino e Buckeridge (2016:182) estabelecem metas de curto, médio e longo prazo. Em uma de suas metas sugere destaque ao valor cultural e econômico das plantas, associando assim o ensino de botânica "*à geografia, à história, à sociologia, à climatologia, à agricultura, aos alimentos, aos remédios etc*". E por que não, ressalto aqui, à antropologia, uma vez que nos últimos anos têm sido elaboradas discussões e materiais que poderiam ser empregados com esta finalidade, um recurso que apresentaria não só o conhecimento que diferentes povos e comunidades têm sobre as plantas, mas também seus conhecedores e conhecedoras.

As plantas servem à nossa saúde e alimentação e apresentam uma série de outros usos, compondo ainda parte de nossas histórias e memórias. Representam 85% da biomassa de seres vivos do planeta: "*elas estão em toda parte e suas aventuras se entrelaçam às nossas de maneira inevitável*" (Mancuso 2021a:10). As histórias de pessoas e plantas podem ampliar nosso repertório sobre o cuidado como um modo de compor mundos. Apenas as plantas, na história do planeta, foram capazes de transformar de forma tão intensa a atmosfera terrestre, sendo fundamental, assim, que ocupem nossas descrições.

***

Ao longo deste capítulo procurei explicitar o percurso desta tese. Marcada pela pandemia da Covid 19, foi produzida a partir de um conjunto heterogêneo de experiências, temporalidades, criatividades e *bibliografias*. Combinou uma atenção prolongada ao tema, relacionada à minha trajetória pessoal e profissional, a atividades de campo em 2022 e início de 2023 junto a cuidadores e cuidadoras da RMBH reconhecidos em escala local e/ou regional por suas práticas e saberes agrícolas.

Sem perder de vista a relevância da questão produtiva privilegiada pelas políticas públicas voltadas à agricultura urbana e periurbana de base agroecológica mencionadas na Introdução, em diálogo com a antropologia e outras áreas do conhecimento procuro nos capítulos seguintes reiterar fortunas e farturas possíveis em quintais, hortas e outros pequenos espaços onde as plantas são cultivadas, cuidadas e acessadas, com destaque às que combinam uma variedade de espécies e que perpetuam um modo de existir em comunidade (ou com expectativa de ser comunidade).

Capítulo 2: Defender a comida

Em diálogo com mestres e mestras dos saberes locais e tradicionais e literatura pertinente, procuro neste capítulo apresentar as monoculturas rurais e urbanas que precisamos consertar, a aliança em defesa da comida e a urgência em se apaixonar por *në ropë*. São abordadas tanto questões referentes ao sistema global e nacional de produção e comercialização de alimentos como particularidades percebidas na RMBH.

2.1. Monoculturas urbanas e rurais

Milhares de seres trabalham para que a cidade exista: "*é preciso demolir uma montanha para fazer uma cidade. É preciso cimento, ferro e tudo o que a cidade vai buscar fora para crescer. A cidade só cresce comendo o mundo ao seu redor*" (Krenak 2022a:217). Ainda que existam diferentes materiais e formas de habitar, como lembra Ailton Krenak (2022a:221), as cidades não têm imaginação:

> "*falamos da monocultura na produção do agro, somos capazes de achar grotesco e fazer uma crítica à monocultura, mas e a monocultura do urbano? Por que toda cidade é a mesma gramática? (...). Os blocos de ferro e cimento e os bunkers dialogam, são a mesma episteme, a mesma gramática, e instituem um tipo de sociedade, uma sociedade de exclusão"*.

Presas às narrativas do progresso, sendo elas próprias a "*máquina de produzir progresso*" (Krenak 2022a:215), as cidades deixam manchas no corpo da Terra enquanto devoram "*o planeta com fúria*" (Krenak 2022b:52).

A crítica à cidade também é feita por Davi Kopenawa. Em sua visita a Nova York em 1991, reiterou suas impressões sobre seus habitantes: "*olham sempre para o chão e nunca veem o céu*". Como relata:

> "*Quando cheguei a Nova York, fiquei surpreso, pois aquela cidade parece um amontoado de montanhas de pedra onde os brancos vivem empilhados uns sobre os outros! E a seus pés, multidões de pessoas andavam muito depressa, em todos os sentidos, tão numerosas como formigas! Disse a mim mesmo que aqueles brancos deviam ter construído suas casas como penhascos depois de terem derrubado todas as suas florestas e começado a*

> *fabricar, pela primeira vez, mercadorias em enormes quantidades*" (Kopenawa 2015:430).

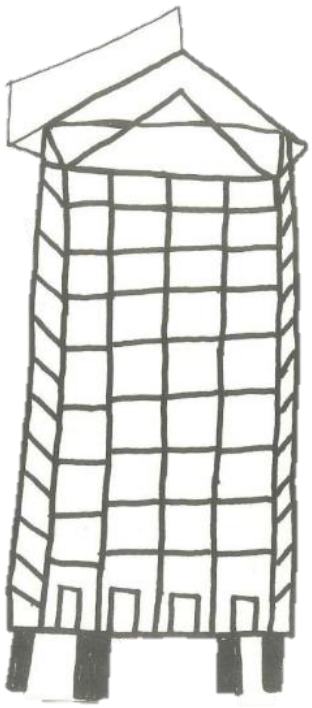


Figura 28: Na cidade, por Davi Kopenawa (2015:421).

O que conheceu no centro da cidade era bem diferente do que viu em suas periferias:

> "*se no centro dessa cidade as casas são altas e belas, nas bordas, estão todas em ruínas. As pessoas que vivem nesses lugares afastados não têm comida e suas roupas são sujas e rasgadas. Quando andei entre eles, olharam para mim com olhos tristes. Isso me deu dó. Os brancos que criaram as mercadorias pensam que são espertos e valentes. Mas eles são avarentos e não cuidam dos que entre eles não têm nada. Como é que podem pensar que são grandes homens e se achar tão inteligentes? (...) Fiquei assustado de ver aquilo!*" (Kopenawa 2015:431).

Sua percepção, em visitas posteriores, era de que Nova York

> "*devia ser o lugar onde os brancos começaram, antigamente, a arrancar o metal da terra, a encher suas casas de mercadorias e a inventar as peles de papel do dinheiro. Ouvi dizer que é lá que fabricam aquelas coisas de ferro brilhante que passam no céu como cometas e que chamam de satélites. Vi também que os olhos das pessoas daquela terra estão mais estragados do*

> *que em outros lugares pela fumaça do metal e seu pó de cegueira* (Kopenawa 2015:433).

O modo de existir da cidade o aflige:

> "*Para mim, não é nada agradável viver na cidade. Meu pensamento lá fica irrequieto e meu peito apertado. Não durmo bem, só como coisas estranhas e vivo com medo de ser atropelado por um carro! Nunca consigo pensar com calma. É um lugar que realmente provoca muita aflição. Os brancos pedem dinheiro para tudo o tempo todo, até para beber água e urinar! Aonde quer que se vá, há uma multidão de gente que se apressa para todos os lados sem que se saiba por quê. (...) Eles estão sempre impacientes e temerosos de não chegar a tempo a seus empregos ou de serem despedidos. Quase não dormem e correm sonolentos durante o dia todo. Só falam de trabalho e do dinheiro que lhes falta. Vivem sem alegria e envelhecem depressa, sempre atarefados, com o pensamento vazio e sempre desejando adquirir novas mercadorias. Então, quando seus cabelos ficam brancos, eles se vão e o trabalho, que não morre nunca, sobrevive sempre a todos. Depois, seus filhos e netos continuam fazendo a mesma coisa*" (Kopenawa 2015:436).

Para Davi Kopenawa (2015) as cidades são tão barulhentas que seus habitantes "*não sabem mais sonhar com os espíritos*":

> "*Os brancos dormem deitados perto do chão, em camas, nas quais se agitam com desconforto. Seu sono é ruim e seu sonho tarda a vir. E quando afinal chega, nunca vai longe e acaba muito depressa. Não há dúvida de que eles têm muitas antenas e rádios em suas cidades, mas estes servem apenas para escutar a si mesmos. Seu saber não vai além das palavras que dirigem uns aos outros em todos os lugares onde vivem. As palavras dos xamãs são diferentes. Elas vêm de muito longe e falam de coisas desconhecidas pelas pessoas comuns. Os brancos, que não bebem yãkoana e não fazem dançar os espíritos, as ignoram. Não são capazes de ver Hutukarari, o espírito do céu, nem Xiwãripo, o do caos. Tampouco veem as imagens dos ancestrais animais yarori, nem as dos espíritos da floresta, urihinari. Omama não lhes ensinou nada disso. Seu pensamento fica esfumaçado porque eles dormem amontoados uns em cima dos outros em seus prédios, no meio dos motores e das máquinas* (Kopenawa 2015:461).

Ao menos desde o começo do século XX edifícios com muitos andares têm despontado no horizonte das grandes cidades, em especial nos EUA (Nova York e Chicago), como

símbolos de progresso e prosperidade, ao mesmo tempo em que os subúrbios se proliferam em contraste. Compõem o modo de existir americano, um modo "*feio, violento e infeliz*" (Sontag 2015:127), sempre disposto a alcançar novas fronteiras.

A cidade e seu modo de existir também é referido pelo lavrador quilombola Antônio Bispo dos Santos (2023). Como conta, conheceu a cidade aos dezoito anos: "*A cidade era outro mundo. Nas cidades, as pessoas não sabiam fazer suas próprias casas, como sabíamos fazer no lugar de onde viemos*". Na cidade "*percebi que era preciso pagar para fazer a casa, pagar o terreno, pagar por tudo*" (Bispo dos Santos 2023:20). Os povos da cidade, ainda que nem todos, pensam apenas em "*acumular dinheiro, acumular coisas. Estão desconectados da natureza, não se sentem como natureza*" (Bispo dos Santos 2023:21). Além de destruírem as matas e os campos, as cidades não tomam cuidado nem com o lixo que produzem: "*no lixo se jogava tudo: o que apodrecia e o que não apodrecia. Tudo misturado*" (Bispo dos Santos 2023:28). Nesses termos, não sabem viver bem: "*Para nós, quem não sabe dançar e cantar no batuque, quem não sabe fazer uma comida, quem não se emociona com a cantiga de um pássaro não tem um modo agradável de viver*" (Bispo dos Santos 2023:23).

***

A vida nas cidades, de modo geral, tem se difundido como único destino possível à humanidade. Em 1950, 70% da população mundial residia em contextos rurais e estima-se que em 2050 haverá uma inversão: 68% da população viverá em áreas urbanas (ONU 2019:1). A expansão do tecido urbano implica em drástica conversão do uso do solo que abarca não apenas a área ocupada por elas, mas também os espaços externos que abastecem sua demanda crescente por recursos e energia (Angeoletto, Santos, Sanz 2015; Mancuso 2021a; Tavares 2022). Embora ocupem apenas 3% da superfície do planeta, "*geram dois terços da demanda de energia primária e 70% das emissões de dióxido de carbono"* (FAO 2020:8). As cidades do norte global e as grandes cidades chinesas consomem cerca de 78% da energia mundial e produzem mais de 60% dos gases do efeito estufa[76].

Com distintos arranjos e processos, a expansão do tecido urbano tem compreendido "*megalópoles, cidades menores de rápido crescimento, núcleos urbanos de menor tamanho, conurbações, bairros residenciais de periferia, aldeias rurais e zonas de influência das*

[76] *Cities and Pollution.* Disponível em: https://www.un.org/en/climatechange/climate-solutions/cities-pollution. Acesso em 13/09/2021.

cidades" (FAO 2020:8). Estima-se que em 2030 o número de megalópoles (cidades com mais de 10 milhões de habitantes) sairá de 31 para 4070 (FAO 2020).

No Brasil, a urbanização é um processo recente que está longe de ser considerado homogêneo, sendo marcado tanto pela desigualdade socioeconômica como pela desigualdade entre os lugares e a capacidade de planejar e implementar políticas públicas (Costa 2015:49). Nas décadas de 1950 a 1980 as políticas de industrialização conduzidas pelo país para substituição de importação diversificaram o mercado de trabalho urbano, em especial na região sudeste. De 1960 a 1970 o êxodo rural foi tão expressivo que o sudeste perdeu 42,2% de sua população rural e, de 1970 a 1980, perdeu 40,3%, o que se reflete nas elevadas taxas de urbanização da região (Alves, Souza, Marra 2011:82).

Ainda que a promessa fosse de empregos formais, direito à previdência social, educação para os filhos e oportunidades de lazer, expulsos do campo e sem qualificação profissional foram habitar favelas e regiões periféricas das cidades e trabalhar sobretudo "*na construção civil, nas fábricas, no pequeno comércio, nos transportes, nos serviços domésticos, na limpeza urbana e numa série de trabalhos eventuais e não-formais*" (Monteiro 2007:162). As favelas e regiões periféricas, de modo geral, são caracterizadas "*por direitos de posse frágeis, infra-estruturas inadequadas e um acesso limitado a serviços básicos, água potável e instalações de saneamento, o que se traduz em baixos níveis de inocuidade dos alimentos, criando riscos constantes para os meios de subsistência e saúde da população pobre urbana"* (FAO 2020:16).

Nas cidades do sudeste, a verticalização desponta como tendência em suas porções centrais e mais abastadas a partir da década de 1950, atrelada ao avanço da urbanização e industrialização, à falta de espaço nos centros urbanos, à especulação imobiliária e à ausência do governo no planejamento e democratização do espaço. A tendência à verticalização está relacionada, ainda, ao "*fascínio visual e tecnológico exercido pela concentração de edifícios no centro urbano"* (Oliveira *et. al.* 2015:15).

Tal estética a ser perpetuada nas cidades, como observa Charles Monteiro (2007), era incentivada pela grande imprensa, dominada por famílias ricas e influentes. A partir de revistas ilustradas da época - *Cruzeiro*, *Globo* e *Manchete,* Monteiro (2007) indica como as fotorreportagens associavam o poder de consumo e as rápidas transformações na paisagem urbana ao progresso e à modernidade; suas imagens aéreas e panorâmicas permitiam visualizar a expansão do tecido urbano e seus principais marcadores espaciais. Como indica Monteiro (2007:164),

> "*as fotorreportagens permitem através de um 'dar a ver a cidade' uma educação do olhar e a elaboração de uma nova estética nesse processo de expansão horizontal e vertical urbana. Mas também difundiram uma nova cultura urbana, com novos parâmetros de sociabilidade, civilidade e consumo, que deveriam ser almejados e buscados pelos leitores desses periódicos que quisessem ser modernos*".

As cidades aparecem nas fotorreportagens com ruas e largas avenidas, carros, arquitetura modernista, prédios com mais de dez andares, edifícios públicos ou comerciais e grandes obras federais e estaduais (Monteiro 2007:172). Não contemplavam, no entanto, as vilas e periferias desordenadas que eram também produto da urbanização:

> "*Quando a revista apontava os problemas urbanos de falta de água, energia e habitação, pedia providências aos poderes públicos. As casas populares aparecem em imagens com ângulos fechados, descontextualizadas da cidade, e os bairros populares não são temas de fotorreportagens. Tudo aquilo que não combina com os significados de uma cultura urbana moderna tende a ficar de fora do quadro fotográfico, como os trabalhadores informais, as carroças e os bairros pobres, periféricos ou mais centrais"* (Monteiro 2007:174).

Por escolha própria ou ausência de escolha, nas últimas décadas têm crescido o número de famílias dispostas a trocar casas térreas por apartamentos. O arquiteto Marcelo Tramontano (2006), em referência aos dados do IBGE para São Paulo, destaca que: em 1980, 14,2% dos domicílios eram apartamentos, mas em 1991, eram 16,9% e em 2000, 25,16%. Como observa, o mercado dos apartamentos cresceu em "*uma variedade maior de bairros, com metragens e serviços calculados em função do investimento do cliente*" (Tramontano 2006:7). Tal crescimento guarda relação com as estratégias adotadas pelos agentes imobiliários com as crises econômicas de 1980: ofertar apartamentos pequenos e simples aos setores populares e ofertar apartamentos de alto padrão, em áreas valorizadas, para a elite. As coberturas dos prédios, nesse contexto, são um distinto marcador de classe. Maria Costa (2021), ao analisar o filme *Um lugar ao sol* (2009), de Gabriel Mascaro, enfatiza como a vida em coberturas é desejada pela elite pernambucana, o que também pode ser estendido a outras capitais e cidades médias[77]. Como enfatiza Costa (2021), a cobertura

[77] As cidades médias abrigam uma população de 100.000 a 500.000 habitantes (Angeoletto, Santos, Sanz 2015:121). Essas cidades são marcadas por uma série de especificidades e, em comum, cumprem funções de intermediação entre grandes núcleos urbanos, cidades pequenas e áreas rurais (Scherer, Amaral 2020:3).

permite que um apartamento tenha "*cara de casa*" e ao mesmo tempo ofereça conforto, segurança, lazer, vista definitiva e privacidade aos seus moradores.

Enquanto o pós-II guerra na Europa foi marcado pelo estado de bem-estar social que incluía algum planejamento das cidades, o que se nota no Brasil no mesmo contexto é um crescimento urbano desordenado de bairros espalhados do centro, muitos informais, para abrigar a população que chegava do campo, bem como um urbanismo a serviço da elite:

> "*O Brasil é um país em que a elite conservou privilégios históricos desde a colônia. Esses privilégios foram reorganizados, mas sempre mantidos. O privilégio do automóvel, por exemplo, sempre existiu, então, a aspiração se dá pela propaganda, pelo design, mas também pelas relações sociais. Nossas cidades priorizaram e continuam priorizando isso – não temos um mapa do transporte coletivo, mas temos todas as placas de rua indicando os caminhos para os automóveis e não para os pedestres. A própria iluminação de rua, por exemplo, foca no leito carroçável*" (Duarte 2022:143).

A arquiteta Joice Berth (2023:13) reitera como a cidade, de modo geral, apresenta "*símbolos que estimulam o individualismo e reafirmam a continuidade das supremacias e hierarquias sociais*". São espaços "*de consolidação de convicções, ideias, práticas e, ainda, de articulação das tecnologias de opressões usadas e aprimoradas no decorrer do tempo*" (Berth 2023:21). Sua desigualdade é marcada no espaço, uma vez que a própria existência de áreas nobres implica na existência das periferias e favelas, habitadas em especial pelos negros, indígenas e pobres (Berth 2023).

A desigualdade e a estratificação social também marcam a paisagem de Belo Horizonte. Inaugurada em 1897 com um novo traçado moderno, a cidade produziu territórios distintos em termos estéticos, morfológicos e simbólicos: o núcleo monumental, marcado pela arquitetura erudita e pelo planejamento urbano, e os núcleos espontâneos, marcados por construções populares tidas pelas elites e pelo poder público como pobres, perigosas e insalubres (Andrade 2018). Como observa Ângela Gomes (2009:189), a construção da capital "*priorizou o concreto e as populações de maior poder aquisitivo. Cerrado, Mata Atlântica e pobres ficaram do lado de fora dos limites da Avenida Contorno de Belo Horizonte, como ficaram fora dos limites de tantas outras cidades modernas do Brasil".*
A capital foi construída por cima de numerosas fazendas do então Curral Del Rey. Vale ressaltar que a ocupação colonial na região teve início em 1701 na Fazenda do Cerrado, dedicada à lavoura agrícola e criação de gado. O local era ponto de parada para viajantes e aos poucos se tornou referência na região e cidades próximas, como Sabará e Vila Nova

Lima, atraindo novos moradores (Araújo *et. al.* 2023:6). O arraial comercializava principalmente farinha, carne seca, fubá, cachaça, milho, ovos, frangos e frutas (Padovani 2020:86). Ao menos até 1940, a alimentação dos moradores da nova capital não era tão distante do antigo arraial, sendo marcada pelo preparo de alimentos em casa e pela produção agrícola familiar nos quintais (Araújo *et. al*. 2023:6).

Em 1940 sua população era de 211.377 habitantes; em 1950, triplica e passa a 639.328; em 1970 quase dobra, e vai a 1.235.030; em 1980, eram 1.758.855 habitantes (IBGE *apud* Barbosa, Fernandes 2015:90). Como em outras cidades, a informalidade urbana cresceu em meados da década de 1950 associada "*à industrialização, ao crescimento acelerado, e à chegada do 'homem do campo' na cidade*" (Oliveira 2022:224). Intensifica-se nessa época a pobreza urbana nas "*áreas ocupadas com 'cafuas', casas operárias improvisadas*" (Oliveira 2022:229). Tratadas como problemas estéticos e sanitários, sofreram intervenções em diferentes gestões municipais interessadas tanto em direcionar os fluxos migratórios para regiões periféricas como liberar áreas de ocupação informal às noções vigentes de progresso. O desfavelamento, nesse cenário, "*significava retirar os moradores das condições 'sub-humanas' e a disseminação dos bens de consumo civilizados*" (Oliveira 2022:247). A região do Barreiro, reconhecida pela produção de gêneros alimentícios, é uma das que recebe incentivo ao crescimento nesse contexto.

Além do desfavelamento, intensifica-se o viés higienista dos órgãos municipais de fiscalização em favor da "*desruralização*" do perímetro urbano (Souza 2020:49). Como indica Lays Souza (2020:46), um exemplo foi a Lei n.721 de 1958, que proibiu a criação de animais para autoconsumo (carne, leite e ovos) na capital: "*a prática de criar animais em residências para o consumo remetia ao perfil sociocultural da antiga capital que passou a ser considerado rústico demais para uma cidade republicana"*. A proibição, no entanto, não impede que galinhas, porcos, cabras, vacas e outros animais ainda hoje sejam encontrados pelas ruas da capital, em especial em suas porções periféricas.

A partir da década de 1970, a paisagem de Belo Horizonte passa por grandes transformações. Nas áreas centrais as construções horizontais e casas isoladas são substituídas pelos "*edifícios altos – destinados à habitação coletiva, serviços e instituições"* (Andrade 2018:15). Já as porções afastadas da área delimitada pela Av. do Contorno experimentam crescimento intenso e desordenado com o parcelamento do solo a partir de loteamentos regulares e irregulares e com a abertura de grandes avenidas sanitárias onde antes corriam rios. Como destaca Yan Silva e colaboradores (2023:242-244), Belo Horizonte e cidades do entorno receberam imigrantes do interior de Minas Gerais e de outros estados

com "*baixo grau de escolaridade e alto nível de analfabetismo",* o que "*impossibilitou sua inserção no mercado de trabalho em pé de igualdade com famílias de maior poder aquisitivo".* Sem recursos, foram habitar espaços vagos públicos ou privados distantes do centro, "*áreas desamparadas de serviços urbanos básicos como acesso a água encanada e gestão sanitária".* Suas condições de vida eram precárias; enquanto no campo "*vigorava a lógica: 'plantando, tudo se come', na cidade os novos habitantes passaram a enfrentar a lógica capitalista, na qual é preciso ter dinheiro para se viver e comer"* (Silva *et. al*. 2023:244*).*

A partir da década de 1980 a paisagem de Belo Horizonte encontra-se vinculada às novas políticas de uso e ocupação do solo, contexto assinalado pela "*verticalização e concentração das atividades econômicas*" em determinadas regiões (Barbosa, Fernandes 2018:89). Em especial entre 1990 e 1996, respaldados pela Constituição de 1988, objetivos mais democráticos, ao menos no papel, passam a compor o planejamento urbano da capital, como a criação de novas centralidades, melhoramento de assentamentos informais, entre outros (Barbosa, Fernandes 2015:89). Além do crescimento de bairros pobres e periféricos já destacado, como em outras capitais no mesmo contexto, os problemas urbanos levaram as classes média e alta às "*moradias em condomínios residenciais horizontais nos subúrbios*" que ofereciam como atrativo "*a segurança e a significativa presença da paisagem natural*" (Andrade 2018:18). Eram, assim, uma fuga do urbano e seus desdobramentos.

A desigualdade e o racismo marcam a distribuição espacial da cidade. Leonardo Silveira (2014:68), por exemplo, observa como a regional norte de Belo Horizonte tem a "*maior concentração da população negra e mais pobre de toda a RMBH*", o que *"diminui as chances dos grupos apartados terem contatos que lhes facilitem o acesso a capital social, melhores condições de vida e demais elementos que resultam em melhores índices à população negra das metrópoles*". Nesse cenário, a segregação espacial precisa ser levada em consideração na construção de políticas de promoção de igualdade racial (Silveira 2014; Berth 2023).

Em contexto recente, a violência urbana, tanto concreta como exagerada, tem ampliado o desejo de viver em condomínios verticais e em condomínios horizontais afastados. A segurança, nesse sentido, passa a ser uma "*mercadoria capaz de ser adquirida e consumida*" (Cerqueira 2015:197). Em estudo sobre as periferias da RMBH, Eugênia Cerqueira (2015) enfatiza como empreendimentos residenciais fortificados têm se expandido à medida que as relações de vizinhança que produziam a segurança local são erodidas.

Antes caracterizadas pela ocupação popular e muitas vezes informal, a interação de agentes imobiliários, proprietários de terra e o estado, somados ao desejo de mais segurança e qualidade de vida urbana, têm transformado contextos periféricos a partir da oferta de empreendimentos como condomínios verticais de média renda e habitações sociais voltadas às populações de baixa renda[78]. Nesse sentido, a nova paisagem nas periferias da RMBH tem combinado autoconstruções, edificações unifamiliares, casas geminadas, pequenos edifícios, condomínios residenciais e áreas livres. Como em outros contextos, a urbanização avança e é marcada "*pela concentração de investimentos em zonas privilegiadas, segregação social, pela otimização dos investimentos privados, e por ações estatais de caráter clientelista e patrimonialista"* (Wehmann 2019:77). Como abordado em trabalho anterior,

> "*os inúmeros programas de urbanização de vilas e favelas, alguns deles como desdobramento da realização de grandes eventos, tais como a olimpíadas e a copa do mundo, também deixaram suas marcas gentrificadoras. Comunidades que construíram suas vidas em comum em torno de quintais, habitados por plantas, animais e gentes, foram forçadas a se mudar para apartamentos ou pequenas moradias que nada tinham a ver com seus modos de existir e habitar a cidade. Cria-se uma falsa premissa de que o acesso a serviços fundamentais, como a moradia e saneamento básico, só seriam possíveis em troca do abandono do atraso representado por uma vida produzida por uma relação tão íntima com as naturezas urbanas"* (Almada, Souza 2023:26-27).

Em Belo Horizonte e região, a especulação imobiliária, aliada à política urbana, tem favorecido uma "*metrópole dispersa e de relativa baixa densidade, tendo suas áreas remanescentes ocupadas – formal e informalmente – por processos e tipologias heterogêneos, variando desde grandes condomínios fechados a pequenas fábricas e galpões, aumentando a fragmentação do espaço da metrópole contemporânea*" (PBH/SMURFE 2009 *apud* Barbosa, Fernandes 2015:89). Ainda hoje a ocupação suburbana persiste como vetor de alargamento da capital mineira, como evidencia o crescimento populacional de cidades da grande BH no último censo assinalado acima, na Introdução desta tese (IBGE 2022).

Atreladas à especulação imobiliária e a certa noção de progresso, a verticalização, a impermeabilização do solo e a periferização seguem como tendências dominantes. Embora

[78] ver Santos, Martins 2020; Dourado, Fernando Sobrinho 2020.

exista certo consenso entre urbanistas de que a expansão horizontal das cidades não é sustentável, sendo recomendado o adensamento e verticalização para reduzir custos de infraestrutura e permitir melhor mobilidade, a verticalização exagerada, agenciada de forma imoral pela especulação imobiliária, não tem compromisso com a "*função social que o processo de verticalização deve ter*" (Oliveira *et. al.* 2015:17). Nesse sentido, tanto a verticalização como a dispersão de novos bairros precisam ser contempladas no planejamento urbano, tanto para evitar a verticalização exagerada como a periferização de baixa densidade e monofuncional (Silva, Silva 2016).

Como ressalta o arquiteto Wellington Cançado (2022:245): "*seguimos brincando de comparar o tamanho dos nossos arranha-céus*". A construção de enormes edifícios atende, em especial, aos empreendedores e aos que compram apartamentos para especular e seus efeitos incluem o aumento da temperatura, impermeabilização do solo, poluição, escassez de áreas verdes, entre outros (Oliveira *et. al.* 2015:17). Como observa Berth (2023:226-227), o que os grandes prédios têm reafirmado é o "*poder pátrio e a masculinidade supremacista*":

> "*prédios cada vez mais altos e arranha-céus ou a verticalização que envolta em um discurso, aparentemente legítimo, de otimização do espaço, camuflam que em verdade são símbolos do poder socioeconômico, que silenciosamente imprimem nas cidades o discurso imperativo e sufocante*".

***

A promessa de melhoria de vida propagada pelos agentes da urbanização ainda não foi cumprida e nem será sem atenção ao que se passa no campo. Como destaca Joelson (Ferreira 2021:176):

> "*O povoamento exacerbado das cidades é projeto do capitalismo e do racismo. Fica claro como os povos marginalizados da cidade são cercados por uma violência policial intensa, uma pobreza estrutural que os prende ao trabalho precário e uma intoxicação ideológica que os faz crer que, se tiverem esforço pessoal, as coisas podem melhorar. Isso é um projeto. O esvaziamento do campo tornou mais fácil a predação das riquezas pelos grandes empreendimentos e a cooptação de lideranças de comunidades para aceitarem os impactos ambientais e sociais. Enquanto fomos inundados de matérias jornalísticas falando da precariedade da vida no campo, de novelas mostrando a melhoria de vida nas cidades para as pessoas que vinham do interior, vimos um fluxo migratório aceitar a cidade como opção e deixar o terreno livre para uma ocupação acelerada do campo por uma elite ávida por*

> *terra. O cerrado é a prova concreta. Região de povos originários e quilombolas, sempre teve uma presença forte de população não branca, mas se viu em poucas décadas mudando a cor da paisagem e da cidade com uma nova colonização branca – só que agora sulista. Aos povos que ali viviam, nenhuma assistência técnica para gerar mais renda no campo, nenhum empréstimo com boas condições para que produzissem mais riquezas. Aos novos colonos, parcerias internacionais, universidades na região e tudo mais"*.

Em sentido próximo, Ailton Krenak (2022b:58) ressalta como:

> "*Muita gente saiu da zona rural para liberar a área para o agronegócio e foi passar fome nas cidades. Ainda segundo Viveiros de Castro, o Brasil se especializou na produção de pobres. Nossa tecnologia para produzir pobreza é assim: a gente pega quem pesca e colhe frutos nativos, tira do seu território e joga nas periferias da cidade, onde nunca mais vai poder pegar um peixe para comer, porque o rio que passa no bairro está podre"*.

A intensa migração da população rural para as cidades reflete o caminho conservador que a modernização agrícola adotou ao se aliar ao latifúndio (Wanderley 2009:36). Atrelada às políticas de integração e de desenvolvimento da Ditadura Militar (1964-1985), a modernização agrícola nos moldes da revolução verde expulsou uma parcela significativa da população rural ao favorecer grandes proprietários de terras e empresas. Crédito, assistência técnica e outras políticas públicas ampliaram ainda mais a concentração fundiária e de renda[79] (*cf.* Martins 2001; Brandão 2007; Costa, Santos, Costa 2013).

No Brasil, de 1967 a 1975, "*a utilização de fertilizantes aumentou 6 vezes, e a de defensivos 4 e a de tratores 3*" (Araújo Costa 2015). Ao priorizar a oferta de insumos e maquinário de grande porte, inacessíveis economicamente e inviáveis às áreas menores, acirrou ainda mais a desigualdade e a violência no campo (Goldfarb 2007; Saes, Nunes 2021; Stédile 2023a, 2023b). Como observam Maria Saes e Rubens Nunes (2021:15):

> "*O modelo de modernização tecnológica, em função dos seus custos e altos investimentos, necessita de escala que acaba por excluir grande parte dos produtores rurais. Em consequência, a intensificação tecnológica promove a concentração e aumento da desigualdade social no campo brasileiro".*

[79]"Como afirma Graziano da Silva, baseado nos dados dos censos de 1975, 1980 e 1985, (...) *menos de 10% dos estabelecimentos agropecuários brasileiros estariam integrados a essa moderna maneira de produzir"* (*apud* Wanderley 2009:37).

De acordo com o Censo Agro IBGE 2017, tal desigualdade persiste: "*68% dos estabelecimentos rurais se apropriam de apenas 4% do valor bruto total produzido, enquanto menos de 1% é responsável por mais de 50% do valor bruto total produzido"* (*apud* Saes, Nunes 2021:53).

Desde a década de 1980, em diferentes municípios e regiões do Brasil, a intensificação da urbanização e a produção de novas regionalizações com o crescimento de cidades pequenas e de porte médio estão relacionadas à expansão do agronegócio globalizado[80], modelo que avança no país aliado à tecnociência[81] e à dinâmica que atribui aos países da América do Sul o extrativismo e a exportação de *commodities* agrícolas (Elias 2017).

As atividades do agronegócio estão cada vez mais integradas à economia urbana, sendo as cidades um importante espaço para sua gestão local e regional (Elias 2017). Os dados preliminares do Censo IBGE 2022 indicam que a região Centro-Oeste do país foi a que mais cresceu em número de habitantes: 1,23% impulsionada pelo agronegócio e pela possibilidade de emprego nas indústrias e no setor de serviços; em contraste, no país a taxa geral de crescimento foi de 0,52%. Tal incremento populacional pressiona ainda mais o cerrado, que nas últimas três décadas perdeu mais da metade de sua área para a monocultura de soja (Silva *et. al.* 2019; Montenegro, Simoni 2021).
As monoculturas cultivadas em latifúndios apelam ao discurso de eficiência, inovação, tecnologia e se apresentam como uma consequência óbvia da ciência moderna e da racionalidade. Seu modo de produzir opera, no entanto, como uma atualização da violência das *plantation* e estão distantes do cuidado que deveria reger a relação não igualitária que envolve matar e comer (Haraway 2020; Tsing 2015, 2019).

Plantation

Modo de produção inventado pelos colonizadores portugueses voltado à exportação de cultivos padronizados produzidos em latifúndios com mão de obra escrava nas colônias. Patrocinadas em larga escala pela Europa, simplificaram ecologias "*para fazer uso do trabalho humano coagido, trabalho conquistado pela escravidão"* (Tsing 2021:183). Para uma análise contemporânea do sistema *plantation*, ver: Tsing 2015.

[80] Denise Elias (2017:6) define como agronegócio globalizado: "*modelo econômico, social, político e territorial de produção agropecuária preconizado com a mundialização financeira*".
[81] Conceito que remete à certa associação entre ciência e técnica no contexto do neoliberalismo. Ver: Castelfranchi 2008.

A partir de uma análise de diferentes fontes relacionadas ao agronegócio, Caio Sampaio (2020:208) enfatiza como a noção de *agribusiness*[82] tem procurado "*angariar credibilidade perante parte da opinião pública, e, com isso, obter maior potencial de convencimento e pressão sobre o Estado"*. O componente agregador, defendido em diferentes frentes, é a contribuição das atividades à movimentação da economia nacional e o aporte à segurança alimentar (Sampaio 2020). Em 2019, peças publicitárias amplamente veiculadas traziam o mote "*agro é tudo*". Sampaio (2020) destaca um trecho emblemático da campanha na voz da atriz Giovanna Antonelli:

> "*Você sabia que no Brasil todo mundo tem uma fazenda? É, uma fazenda. A minha fica bem aqui, na cidade, bem no meio da minha cozinha. É só abrir a geladeira. Lá eu tenho o meu pomar, o meu gado de corte, a minha soja. Aqui eu tenho a minha floresta plantada. Até a roupa que eu visto vem da minha fazenda. Da minha plantação de algodão. Na minha fazenda tem até canavial. E eu amo essa fazenda chamada Brasil. Sou agro. Agrobrasileira"* (Nova/SB 2019 *apud* Sampaio 2020:217).

Nesses moldes, capturam a atenção e o apreço da população em seus próprios veículos de publicidade, como canais de rádio e TV, sites, blogs, perfis em redes sociais e em veículos pagos. São elementos de suas divulgações os tratores, aviões, sementes modificadas, fertilizantes, agrotóxicos, *startups*, controle de irrigação pelo celular, enfim: o que associam ao progresso. No anseio de lucrar cada vez mais, os problemas que suas atividades causam são referidos como externalidades que podem ser resolvidas com mais tecnologia. Para tais setores a modernidade é um direito que não deve ser desfeito, por mais que as ruínas do capitalismo estejam cada vez mais evidentes (*cf.* Latour *et. al.* 2018).

[82] Como indica Sampaio (2020), o termo *agribusiness* foi criado nos EUA na década de 1950 e em 1990 foi mobilizado no Brasil pela empresa Agroceres; desde então tem sido empregado para legitimar monoculturas de trigo, milho e cana produzidas em larga escala para exportação.

Ainda que o agronegócio tenha prometido segurança alimentar planetária, qualidade de vida nos campos e condições para que a urbanização se desenvolvesse, a fome continua a violentar de 720 a 811 milhões de pessoas no mundo e, no contexto da pandemia, afetou 21% da população da África, 9,0% da população da Ásia e 9,1% da população da América Latina e Caribe (FAO 2021). Embora o Brasil tenha saído do Mapa da Fome da ONU em 2014, em 2022 eram, mais uma vez, 125 milhões de pessoas em grau leve, moderado ou grave de insegurança alimentar, o que se deve "*à ineficiência, negacionismo e irresponsabilidade governamental, sobretudo de âmbito nacional, relativamente à gestão da pandemia de Covid-19*" (PENSSAN 2022:25).

Segurança alimentar e agronegócio

Em diferentes países do sul global os debates sobre a segurança alimentar têm sido ancorados no aumento da produção agrícola rural, o que favorece o agronegócio, a indústria de alimentos globalizada e as grandes redes varejistas, símbolos da modernização, do desenvolvimento e do progresso. Enquanto a população de média e alta renda consegue ter uma alimentação mais diversificada e equilibrada em termos nutritivos, a população de baixa renda tem consumido cada vez mais alimentos processados e ultraprocessados (Davis *et. al*. 2021).

Segundo o *Relatório Insegurança Alimentar e Covid-19 no Brasil* (2022), produzido pela Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar (PENSSAN 2022:6), "*as dimensões de raça e de gênero são determinantes e reveladoras da persistência das profundas desigualdades - no acesso à alimentação, assim como para todos os indicadores sociais aplicados à realidade brasileira"*. Como indica o relatório, lares chefiados por mulheres e, em especial por mulheres negras, *"viviam em situação de mais iniquidade relativa ao acesso aos alimentos*", o que indica como a fome é um flagelo atravessado pelo gênero e pela raça (PENSSAN 2022:35). Tal cenário requer a promoção de "*políticas públicas destinadas à redução das desigualdades sociais, em especial aquelas destinadas às mulheres, à população negra e aos grupos sociais de baixa renda, com o intuito de redução da fome e outras manifestações de insegurança alimentar no nosso país*" (PENSSAN 2022:84). O estudo matemático recente conduzido por José Baccarin e colaboradores com dados da PNAD contínua para 2023 observa tendência positiva na redução da insegurança alimentar no país. Apesar disso, a alimentação adequada e em quantidade suficiente ainda precisa ser defendida, bem como os caminhos para alcançá-la.

Além de perpetuar a fome, o agronegócio é um modelo produtivo diretamente vinculado à crise ambiental de nosso tempo. Ao combinar em suas monoculturas a alienação humana e a alienação ecológica, tem favorecido o aparecimento de novos patógenos e infestações. Para exterminar inimigos do lucro como ácaros brancos, ácaros rajados, pulgões, cochonilhas, tripis, formigas, moscas brancas, lagartas, traças do tomateiro, percevejos, moscas dos frutos, besouros, serra-paus e outros, são pulverizados inseticidas que matam também espécies benéficas, além de contaminar a água, os alimentos e o solo. Assim, o emprego contra os insetos, "*além de gerar resistência nas pragas, pode matar ou afetar o desempenho dos predadores e parasitóides, insetos polinizadores, decompositores e ao mesmo tempo contaminar os alimentos que consumimos e poluir o ambiente*" (Montenegro, Simoni 2021:21). Para resistir, tais seres têm sofrido adaptações e mutações genéticas, o que, por sua vez, tem ampliado a oferta de inseticidas de toxicidade maior.

Vale destacar que com as mudanças climáticas, aumento de áreas agrícolas e urbanas, maior incidência de patógenos e o sucesso de algumas espécies invasoras, estima-se queda de 40% na população de insetos nas próximas décadas, o que têm efeitos diretos à biodiversidade e à segurança alimentar. Ainda que a população seja, de modo geral, indiferente aos insetos, sem eles "*não há comida na mesa*" (Montenegro, Simoni 2021:6). Uma única abelha é capaz de polinizar até 3.800 flores no dia, o que dá a dimensão da sua atuação na abundância dos ambientes: "*todos os ecossistemas do mundo dependem dos insetos para funcionar corretamente, pois a diversidade de insetos no planeta é responsável pelo provimento de uma ampla gama de serviços diretamente relacionados ao bem-estar humano*" (Montenegro, Simoni 2021:20).

Insetos

Percebidos como vilões, os insetos correspondem a "*cerca de 70% das espécies animais do mundo"* (Montenegro, Simoni 2021:10). O Brasil, além da maior diversidade de plantas, apresenta também a maior diversidade de insetos: 9% dos que são conhecidos no mundo. Estimativas indicam que esse número pode chegar a quase um milhão de espécies. Os insetos são responsáveis "*pela regulação e suporte de serviços ecossistêmicos, tais como o controle biológico, a polinização e a ciclagem de nutrientes, indispensáveis à fertilidade do solo e à vida no planeta*" e pela polinização de 75% dos plantios mais importantes (Montenegro, Simoni 2021:8-27).

Além dos inseticidas, os agrotóxicos também compreendem os herbicidas, usados para supressão de plantas espontâneas (as chamadas ervas daninhas), e os fungicidas e bactericidas, empregados contra patógenos que adoecem as plantas (Montenegro, Simoni 2021).

No Brasil, as monoculturas de soja, cana e milho voltadas à exportação correspondem a 72% das vendas de agrotóxicos (Bombardi 2017:34). Com o lobby de multinacionais europeias como a Bayer, BASF e Syngenta junto a deputados e setores do agronegócio, o país tem hoje uma das legislações mais permissivas do mundo. Nas duas últimas décadas, o uso de agrotóxicos multiplicou seis vezes, com crescimento notável nos anos de ofensiva conservadora (Bombardi, Changoe 2022). Como destaca o relatório produzido por Larissa Bombardi e Audrey Changoe (2022:3), "*juntas, Bayer e BASF tiveram 45 novos agrotóxicos aprovados nos últimos três anos, sendo que 19 deles contêm substâncias proibidas na União Europeia".* Trata-se, assim, de um colonialismo químico.

O custo desse crescimento tem efeitos na saúde humana e no ambiente: "e*nquanto a indústria europeia de agrotóxicos busca maximizar seus lucros, uma pessoa morre de envenenamento por agrotóxicos no Brasil a cada dois dias, e cerca de 20% dessas vítimas são crianças e adolescentes com idade entre 0 e 19 anos"* (Bombardi, Changoe 2022:3). Em regiões de uso elevado no Brasil, como no Mato Grosso, os agrotóxicos deixam resíduos que podem ser mensurados até mesmo no leite materno (Palma 2011).

De acordo com o Instituto Nacional de Câncer (INCA), são efeitos agudos provocados por intoxicação por agrotóxicos: irritação na pele, ardência, desidratação, alergias, dor de cabeça, transpiração anormal, tremores, irritabilidade, câimbras, dor de estômago, irritação na garganta, tosse, coriza, dor no peito, dificuldade para respirar, diarreia, fraqueza. Os efeitos crônicos por longa exposição incluem:

> "*dificuldade para dormir, esquecimento, aborto, impotência, depressão, problemas respiratórios graves, alteração do funcionamento do fígado e dos rins, anormalidade da produção de hormônios da tireoide, dos ovários e da próstata, incapacidade de gerar filhos, malformação e problemas no desenvolvimento intelectual e físico das crianças. Estudos apontam grupos de agrotóxicos como prováveis e possíveis carcinogênicos"* (ANVISA 2018)[83].

Com sintomas comuns a outras doenças, o médico Marcos Polignano (2019)[84] ressalta que nas zonas rurais, onde o contato com o agrotóxico é mais próximo, os efeitos agudos e crônicos associados à intoxicação acabam subnotificados. Dessa forma, seus efeitos mais

[83] Agrotóxico. Disponível em: https://www.gov.br/inca/pt-br/assuntos/causas-e-prevencao-do-cancer/exposicao-no-trabalho-e-no-ambiente/agrotoxico. Acesso em: 28/09/2023.
[84] Reportagem de Guilherme Gurgel: Danos à saúde podem demorar anos até serem sentidos. Disponível em: https://www.medicina.ufmg.br/agrotoxicos-causam-problemas-que-so-serao-percebidos-no-futuro/. Acesso em: 27/08/2023.

amplos na vida humana e no ambiente parecem próximos ao que Rob Nixon (2011) apresenta como violência lenta: são menos visíveis, mas persistentes ao longo do tempo.

Tal como outras controvérsias nocivas, como a segurança relacionada ao consumo de cigarros no passado e o aquecimento global no presente (*cf.* Latour 2014), a defesa insistente do agrotóxico como única alternativa interessa apenas aos que lucram ao socializar seus riscos. Assim, as alianças entre multinacionais, grandes produtores e agentes do estado expandem no país um modelo agroexportador no qual os riscos são socializados, em especial com as populações mais marginalizadas, enquanto os benefícios são para poucos. Em nome do lucro são sacrificados rios, campos, florestas e seus habitantes.

Vale ressaltar ainda que a produção de novos insumos favorecida pela revolução verde tem sido concomitante ao empobrecimento do conjunto de variedades cultivadas no mundo (perda da agrobiodiversidade) e às transformações no melhoramento de plantas. Emperaire (2020:69) destaca como a manipulação genética que se vale de alta tecnologia tem sido realizada de forma apressada, enquanto os instrumentos jurídicos que deveriam promover sua regulamentação são sempre mais lentos.

Melhoramento de plantas

Emperaire (2020) destaca que até os 1950 os sistemas tradicionais e os sistemas modernos de seleção, ainda que mantivessem tecnicidades diferentes, eram capazes de manter algum diálogo. Os sistemas tradicionais selecionavam novas variedades a partir do conhecimento empírico e assim mantinham e ampliavam a variabilidade genética. Os sistemas modernos de melhoramento começam a marcar um novo campo a partir da segunda metade do século XIX, mas nesse contexto a seleção também acontecia a partir de processos aleatórios, o que demandava tempo e experimentações. A partir da década de 1960 o trabalho científico se intensifica e se volta para a produção de mutações a partir de meios físicos ou químicos (Emperaire 2020:67). Nas décadas de 1980/90, com o desenvolvimento da engenharia genética e da biologia molecular, "*o melhoramento se apoia na identificação e na localização de genes funcionais de interesse produtivo*", em especial para os cultivos de milho, soja, algodão e eucalipto (Emperaire 2020:67). Esse processo de transgênese é aleatório e demanda empirismo para alcançar a característica desejada. O interesse em ampliar a produtividade alia cada vez mais a engenharia genética ao capital (Cabral de Oliveira 2020) e, em especial a partir dos anos 2010, com o avanço da engenharia genômica, tem destaque a transgênese dirigida, uma técnica de baixo custo que permite a transmissão do gene modificado "*em um indivíduo, animal ou vegetal, a uma população inteira*" (Johnson 2019 *apud* Emperaire 2020:68). Não existe ainda uma compreensão precisa do impacto dessa prática, já que as espécies existem em conexões ecossistêmicas. A última etapa, que marca nosso tempo, é a da *Digital Sequence Information,* contexto em que "*o recurso fitogenético acaba dematerializado em uma série de aminoácidos, codificáveis por sua vez em séries numéricas colocadas em bancos de dados, muitas vezes de livre acesso e na base de produtos patenteáveis*" (Emperaire 2020:69).

De modo geral, a agricultura industrial preconizada pelo agronegócio implica em um "*padrão tecnológico de artificialização da relação da agricultura com a natureza*" que é lucrativo para poucos e nociva para muitos (Montenegro, Simoni 2021:30). Sua estética "*prefere a homogeneidade à diferença*" (Cabral de Oliveira 2020:89). Ao trabalharem com a padronização, atentam contra a diversidade, fundamental à resiliência dos sistemas agroflorestais. As agriculturas tradicionais e agroecológicas, por outro lado, lidam com interações e com a "*diversidade dos processos naturais como aliadas, e não como obstáculo*" (Emperaire 2020:75).

Nos sistemas agroflorestais, por exemplo, a diversificação vegetal e ambiental é prezada por ampliar a oferta de abrigo, néctar, pólen, presas e hospedeiros alternativos, o que é favorecido com "*a) introdução de árvores e arbustos (perenes) com características favoráveis aos inimigos naturais; b) uso de plantas de cobertura e adubos verdes nas entrelinhas; c) consórcio com plantas aromáticas; e d) manejo de plantas espontâneas*" (Montenegro, Simoni 2021:35). Seus cuidados incluem: "*o manejo da luminosidade, da produtividade primária, da sucessão natural, da reciclagem de nutrientes e das relações ecológicas"* (Streenbock, Vezzani 2013:7).

Agrofloresta

Nos sistemas agroflorestais, à medida que a diversidade de plantas é ampliada, a diversidade da fauna acompanha seu crescimento. A cobertura do solo com podas cortadas e/ou trituradas facilita a decomposição e a disponibilização de nutrientes mais profundos do solo para as plantas que foram recém-introduzidas: *"em uma agrofloresta diversificada, o conjunto de raízes das diferentes plantas forma um compartimento especializado em solubilizar e acessar diferentes nutrientes para o sistema e contribuir para a estruturação física e para a vida do solo"* (Streenbock, Vezzani 2013:70). A diversidade de plantas cultivadas *"potencializa as relações não lineares entre os componentes e, consequentemente, a formação de estrutura do sistema mais complexa tanto acima como abaixo da superfície do solo"* (Streenbock, Vezzani 2013:68). Nesse sentido, são sistemas guiados pelo incremento da fertilidade e da biodiversidade, o que requer cuidados cotidianos e atenção ao ambiente.

A agrofloresta abriga tanto plantas cultivadas como as que nascem a partir da regeneração natural, "*muitas das quais são cuidadas e promovidas intencionalmente"* (Streenbock, Vezzani 2013:84). Sua diversidade demanda renovação e atenção para descobrir "*novas possibilidades de práticas de manejo"* (Streenbock, Vezzani 2013:90):

> "*Entrar em uma agrofloresta com alguns anos de vida é como entrar em um quarto que se arruma constantemente. Quem vem manejando a área sabe onde está cada espécie, pois cada planta, proveniente do plantio ou da regeneração natural, foi plantada e monitorada por meio das capinas seletivas*

> *e das podas desde a implantação da agrofloresta"* (Streenbock, Vezzani 2013:127).

Assim, a atenção à biodiversidade é uma maneira eficaz de aumentar as espécies benéficas às plantas e favorecer o equilíbrio entre as populações. Os agrotóxicos, nesse sentido, ignoram outras opções, como o controle biológico, a diversificação dos ambientes e o uso pontual, como última opção.

Nas últimas centenas de anos o espaço foi transformado pelas pessoas de diferentes maneiras: "*ao mesmo tempo que os humanos podem transformar áreas em ilhas de recurso, de florestas, podem transformar florestas em campos desertos ou campos de pastagem que têm produtividade muito pequena*" (Levis 2022:24). Na Amazônia, como indica a literatura especializada (Neves, Heckenberger 2019; Pardini 2020; Gomes 2021), os contornos e formatos da paisagem estão relacionados à diversidade de alimentos presente. Trata-se, assim, de uma diversidade gerada, como aponta Carolina Levis (2022:30),

> *"Por meio de práticas de cuidado, de zelo ou práticas de manejo. Há diversas formas de zelar pelas plantas, uma delas é protegendo-as de formigas-cortadeira, outra forma é tirando cipó para que possam crescer melhor, outra forma é plantando, outra forma é interagindo com os animais. As práticas de manejo são diversas e indicam uma relação de cuidado*".

Em outros biomas também é notável a relação entre os povos originários e a terra, que se manifesta, por exemplo, na domesticação de plantas como "*pequi, jabuticaba, erva-mate, araucária, mangaba, umbu, goiaba*" (Levis 2022:34-35), entre outras. A natureza intocada dos ambientalistas conservacionistas, na verdade, não existe; tal mito foi derrubado há quase meio século. A conservação dos biomas e seus remanescentes, bem como a recuperação de áreas degradadas, envolve atenção às suas potencialidades e pode ser favorecida por cuidadores e cuidadoras historicamente dedicados à terra.

***

O modelo produtivo que nos trouxe a esse ponto tem tornado o planeta cada vez mais simplificado. A extinção de espécies tem sido concomitante ao aumento assombroso da população de outras, como milho, soja, trigo, gado, porco, frango. O último, em pesquisa de Carys Bennet e colaboradores (2018), tem sido apontado como uma característica definidora do Antropoceno. Os frangos de corte moderno são as espécies de vertebrados hoje mais numerosas no planeta e apresentam "*uma biologia moldada por humanos*", sendo

um “*símbolo de nossa biosfera transformada*”. São seres que nos últimos 70 anos sofreram uma transformação radical em seus corpos associada a produção industrial e a distribuição global de alimentos, que por sua vez está implicada ao agronegócio pela demanda de ração. Tal modo de produzir “*barateia a produção e oferece mais previsibilidade ao sistema produtivo*” e o faz destruindo campos, matas e florestas em nítida desconexão com os diferentes ciclos que marcam a vida das plantas e outros seres (Cabral de Oliveira 2020:89).

As monoculturas urbanas e rurais marcam a paisagem com grandes prédios, “*grandes plantações, subúrbios, complexos industriais, instalações logísticas e muito mais”* (Tsing 2021:178). A combinação de grandes cidades, plantações padronizadas, tecnologias industriais, extrativismos predatórios e governança estatal tem produzido transformações tão intensas que são capazes de promover extinções e de mudar o clima do planeta. Suas implicações nas temperaturas, na umidade, na segurança alimentar e nutricional, na disponibilidade de água, nos rendimentos econômicos e no aumento do nível dos mares têm sido reiteradas nos últimos anos pelo Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) e pelas Conferências do Clima das Nações Unidas (ONU).

Queimadas, ventanias, ondas de calor, nuvens de poeira, ondas de frio, chuvas intensas concentradas e secas prolongadas tanto nas cidades como em regiões distantes delas indicam como eventos climáticos extremos são, como observa Ailton Krenak (2021), não “*mais um anúncio*”, e sim “*uma realidade cotidiana*”. A velocidade das transformações, somadas ao crescimento populacional, têm efeito perigoso às gerações futuras e à própria perpetuação da vida de outros seres, o que requer conscientização sobre a urgência da crise climática em curso.

Em um contexto em que o desperdício, o consumismo e a padronização ganham destaque, as soluções demandam, inevitavelmente, proliferar modos de existir onde o cuidado com a vida em suas múltiplas dimensões esteja à frente do lucro. Nesse cenário, práticas e saberes agrícolas que se perpetuam em contexto urbano e periurbano podem ser aliadas ao favorecerem a beleza da fartura, a solidariedade e a generosidade. Ainda que partam de interesses e contextos distintos, coincidem no experimentar fazer e transformar o lar, a rua, o bairro e a cidade. Expressam, em alguma medida, “*uma desconformidade com o modelo dominante de cidade, assim como dos estilos de vida induzidos por ela”* (Oliveira, Alves, Dala Paula 2018:213). Assim infladas, apontam a *“uma nova forma de coexistência do verde urbano, o verde produtivo”* (Santos *et. al.* 2020:6), marcado tanto pela dimensão estética, educacional e recreativa como pela otimização do uso do solo e recuperação de espaços.

2.2. “*O supermercado vende mais a morte do que dá vida*”

Como destacado no item anterior, as mudanças de vida e alimentação impulsionadas pela urbanização estão vinculadas a um sistema produtivo que tem produzido “*danos ambientais sem precedentes, contribuindo com grande parte das emissões de gases de efeito estufa e causando desmatamento, degradação do solo e perda de biodiversidade”* (Louzada *et. al.* 2023:2). Suas formas de “*produção, distribuição, comercialização e consumo afetam de modo desfavorável a cultura, a vida social e o meio ambiente”*, além de concentrar renda, ampliar a desigualdade e comprometer a oferta de alimentos seguros e saudáveis (Guia Alimentar da Sociedade Brasileira 2014:39).

Seu Badu (2022), agricultor do quilombo Matição, situado em Jaboticatubas (RMBH), pontua contribuições do sistema de produção e comercialização de alimentos à crise atual:

> “*Eu quero muito explicar para as pessoas o nosso modo de plantar, porque estamos precisando muito de mudar o jeito de cuidar da natureza, da planta, da fruta. Estão ficando muito contaminados. Eu cuido muito. Quem já foi na minha rocinha conhece lá, meu trabalho é orgânico. Orgânico é o que? Não colocamos nada químico na lavoura. Tanta gente que faz tanta falta aqui para a gente está morrendo porque a comida está contaminada. Eu sou agricultor e trabalho na agricultura desde os 7 anos. Eu sei tudo que acontece com a terra. O repolho é uma planta condenada. O grande das hortaliças trabalha é com agrotóxico, e quem ‘paga o pato’ é o consumidor. Alface, repolho, tomate, couve-flor é o que pega mais agrotóxico. O supermercado vende mais a morte do que dá vida, tem pessoa que não tem amor ao próximo não. A ganância é tanta que ele não está incomodando que o ser humano vai perder a vida”*[85].

Em diálogo com Seu Badu, Joelson (2022) ressalta: “*Compramos no supermercado o que vem do agronegócio*. *(...) Nós trocamos a saúde pela doença. O capitalismo não é sadio”*[86].

Os supermercados e hipermercados, assim como os automóveis e grandes prédios, também ocupam um lugar de destaque no imaginário urbano. Como certa vez ressaltou uma agricultora, “*muitos acreditam que o supermercado tem produtos com qualidade superior*”:

---

[85] Notas da roda de conversa: *A sobrevivência das sementes*, com Joelson Ferreira (BA), Maria Muniz Andrade Ribeiro (BA), Japira Pataxó (BA), Valdemar Xakriabá (MG) e Seu Badu (MG), realizada no âmbito da *Universidade aberta aos saberes dos povos indígenas e afro-brasileiros*, organizado pelo Saberes Tradicionais da UFMG no dia 18/10/2022, em Belo Horizonte.
[86] Idem.

"*não compra aqui na horta, compra lá no supermercado e vai embora com a sacola cheia de alface envenenada*".

Dona Catarina (2021), que tanto reverenciava a comida, gostava de contar dos seus cuidados. Como dizia, levava

> "*o milho até o moinho d'água e trazia a canjiquinha e a farinha. Me lembro de plantar no tempo certo, da hora certa para colher e transformar o milho em farinha, a mandioca em polvilho, e são coisas que não existem mais. Hoje é mais fácil ir ali no supermercado e comprar um quilo de empacotado sem saber a procedência. Naquela época lá a gente já praticava a agroecologia sem saber que era agroecologia, só praticava. O que a gente fazia era pura agroecologia. Hoje eu agradeço muito a Deus por isso, porque eu já fazia e tenho consciência da importância"*.

A grande questão para Dona Catarina é que a comida que nutre é também remédio, mas hoje não sabemos mais o que estamos comendo. Essa é, de modo geral, uma preocupação compartilhada por cuidadores e cuidadoras de pequenos espaços na RMBH, bem como uma motivação à prática: ainda que seus espaços não possam prover tudo que consomem, oferecem incremento e diversificação à alimentação e perpetuam receitas que prezam em consumir[87].

Atenta a tais questões, destaco a seguir a expansão dos supermercados e hipermercados em contexto global e local e sua relação com o aumento do consumo de alimentos industrializados e os efeitos desse modelo de produção e distribuição à saúde e ao ambiente. Ressalto, ainda, como pequenos espaços manejados nas cidades e suas periferias são um repositório da inteligência alimentar que precisamos com urgência disseminar.

***

Cada guerra mundial terminou com novas opções de enlatados e desidratados para o mercado crescente (Barruti 2018). As transformações associadas ao consumo e processamento de alimentos se intensificaram a partir de 1950 com o avanço da urbanização e refletem ainda a modernização do campo nos moldes da revolução verde, como em destaque no item anterior. A produção em larga escala das indústrias de alimentos

[87] Esse tema será retomado no item 3.4.

foi "*redimensionada para aumentar a produção e a produtividade e, dessa forma, garantir alimentos em quantidades suficientes para alimentar os moradores dos centros urbanos*" (Cruz, Schneider 2010:24). Vale ressaltar que a indústria de alimentos é responsável por reunir, processar, elaborar e agregar

> "*valor à matéria-prima agrícola e aos insumos/ingredientes básicos e intermediários que são fornecidos por outros setores da indústria. Transforma produtos indiferenciados ou pouco elaborados com base em recursos tecnológicos com diferentes graus de sofisticação. E utiliza o design e a identidade da marca para seduzir e fidelizar o consumidor final*" (Palmieri Jr. 2017:100).

O advento dos supermercados nos EUA ampliou o consumo de alimentos processados inflados como liberdade, democracia e mais tempo livre às mulheres: eram parte importante do "*american way of life*" (Hoi-Fei *et. al.* 2013). Suas propagandas incentivavam o consumo de preparações padronizadas que poupavam tempo na cozinha, como sopas em lata, tortas, pães, biscoitos e sucos. Na Austrália, como em outros países, as classes abastadas se encantaram com as compras em supermercados, seus produtos coloridos e deslumbrantes, e suas comodidades (Hoi-Fei *et. al.* 2013; Barruti 2018). Por toda parte, em diferentes tempos, os contextos locais passam a ser invadidos por uma alimentação monótona e padronizada.

No Brasil, o fluxo migratório para os centros urbanos do sudeste leva ao crescimento dos supermercados. Ao lado da recém-chegada televisão e dos automóveis, passam a compor as fábulas do progresso. A inauguração do Supermercado Sirva-se em São Paulo em 1953 introduz um novo modelo de varejo pautado no autosserviço que prometia "*baratear preços e popularizar o acesso às mercadorias a amplas camadas da população*" (Palleta, Marin 2014:12). Como destacam Daniel Palleta e Sérgio Marin (2014:9): "*os supermercados eram vistos com enorme curiosidade e com o sentimento de que representavam um pedaço do futuro que estaria por vir. Personalidades políticas do mundo inteiro mostravam-se interessadas em conhecer os templos do consumo que começavam a tomar conta do mundo*". Os trechos selecionados pelos autores situam os sentidos associados aos supermercados no Brasil nesse contexto:

> *"Ouvi de muitas pessoas que tinham que se arrumar, que se aprontar, ou seja, trocar de roupa e calçar sapatos, para irem ao supermercado. Consideravam deselegante entrar com trajes de afazeres domésticos num ambiente colorido, muito bem iluminado e com muito público, raramente gente*

> *conhecida. Era como se se aprontassem para ir à missa, festa ou alguma visita. Já não era mais possível aquela facilidade de sair de chinelo, principalmente a empregada doméstica, andar alguns metros na calçada ou dobrar a esquina do açougue, à quitanda ou à mercearia. E junto com a preocupação de chegarem à loja bem-apresentados, sentiam até um certo orgulho em adentrar o novo tipo de comércio (Nelson Veiga, um dos nomes mais marcantes do supermercadismo brasileiro)"* (Fundação ABRAS 2002:93 *apud* Palleta, Marin 2014:11)
>
> *"No começo, o cliente não sabia se tinha de pagar ou não pelo uso do carrinho. Certa vez presenciei uma história na inauguração de uma loja nossa que nunca esquecerei. Um senhor de aparência simples e humilde tirou o sapato para entrar no supermercado. Talvez achasse o lugar muito limpo e bonito para os padrões de vida que levava. Deixou o par de sapatos sujos de terra do lado de fora e entrou na loja, como se entrasse num lugar sagrado. Também acontecia de, em vez de empurrarem os carrinhos, eles o puxarem atabalhoadamente, derrubando mercadorias por onde passavam. Tínhamos que colocar funcionários especialmente dedicados a essa tarefa de familiarizar os clientes com a novidade que chegava. Às vezes, era o próprio consumidor que chegava até nossos funcionários e perguntava: "Eu pago antes ou depois? Como é mesmo que funciona isso?" (Lerry Nogueira, Via Brasil, ex-presidente da Associação Brasileira de Supermercados – ABRAS)* (Fundação ABRAS 2002:94 *apud* Palleta, Marin 2014:11).

O crescimento dos supermercados no Brasil, de modo geral, foi incentivado pelos governos militares a partir da década de 1960, acompanhando tendências globais (Wegner, Belik 2012:195). Em 1968, já existiam 1.714 supermercados no Brasil. Na década de 1970 é inaugurado o primeiro hipermercado em São José dos Campos (SP), o Peg-Pag, um local que além de alimentos comercializava "*eletrodomésticos, roupas, tapetes e artigos finos para presentes"* (Palleta, Marin 2014:21). São instalados também em São Paulo redes internacionais como a Makro (holandesa) e o Carrefour (francesa). Na RMBH, foram construídos na década de 1970 o Carrefour e o Jumbo (Araújo *et. al.* 2023). Em 1974 foi inaugurada a CEASA-MG em Contagem, como parte do Sistema Nacional de Centrais de Abastecimento (SINAC) (Souza 2020; Araújo *et. al.* 2023).

Como em outras partes do país, "*os supermercados e hipermercados se constituíram como os donos do mercado de alimentos*" ao propagar praticidade, impessoalidade e modernidade (Araújo *et. al.* 2023:11). Além disso, como afirma o economista Valter Palmieri Jr. (2017:161), seu crescimento se relaciona à posição superior que alimentos internacionais presentes em suas prateleiras ocupam no imaginário da população urbana.

Nesse cenário, enquanto grandes empreendimentos comerciais prosperavam, pequenos e médios como feiras, armazéns, mercearias, quitandas e outros, enfrentavam dificuldades: "*não tinham como competir com a poderosa concorrência que anunciava estacionamentos amplos e seguros, instalações sofisticadas e enorme variedade de itens*" (Palleta, Marin 2014:22). Trata-se, assim, de um modelo de comercialização aliado à indústria alimentar e ao agronegócio que aos poucos se expande e consagra tais locais "*bem iluminados e capazes de satisfazer qualquer tipo de desejo do consumidor*" como centrais às dinâmicas alimentares (Palleta, Marin 2014:21). Os supermercados e suas propagandas, nesse sentido, exercem enorme influência no modo de vida urbano a ser disseminado. Como destacam Maria Elisa de Paula e Eduarda Garavello (2021:15-16), o campo, em contraste, é construído como "*atrasado, não civilizado, não tecnificado, não industrializado".* Os supermercados, por sua vez, oferecem "*limpeza e organização, variedade de produtos e marcas, ofertas e promoções, qualidade dos produtos, facilidade de pagamento, estacionamento, atendimento, entre outros*" (Araújo Costa 2015:123).

Assim, o avanço dos supermercados também responde a um apelo higienista. Em Belo Horizonte, por exemplo, tal preocupação promoveu a retirada de feiras livres que aconteciam nas ruas pois "*atrapalhavam o trânsito de veículos e pedestres, além de deixar as vias públicas com quantidade enorme de sujeira*" (Souza 2020:92-93). Nesse mesmo contexto foram criados quatro mercados distritais nos bairros de Santa Tereza, Cruzeiro, Barroca e Padre Eustáquio. Com o crescimento dos supermercados e hipermercados, no entanto, os mercados distritais aos poucos perderam lugar na comercialização de alimentos em suas regionais (Souza 2020).

De modo geral, a expansão das grandes redes varejistas "*favoreceu ainda mais os grandes produtores agroindustriais, além de associar de modo muito particular o progresso de vida moderno com os alimentos industrializados que surgiam"* (Palmieri Jr. 2017:99). Desde a década de 1980 o acesso a alimentos industrializados tem se intensificado no Brasil enquanto o processamento de alimentos em pequena escala, associado à unidade familiar, tem perdido lugar.

Além do impacto em pequena escala, a expansão dos supermercados e hipermercados impactou a comercialização de hortifruti ao priorizar fornecedores exclusivos, o que ampliou ainda mais sua hegemonia na distribuição de alimentos (Wegner, Belik 2012; Cunha, Campos 2022). Suas exigências e certificações dificultam a participação da agricultura familiar o que, por sua vez, impacta a "*oferta de produtos regionais ou típicos que ainda não lograram alcançar uma escala comercial ou técnica*" (Cunha, Campos 2022:89).

Como reflexo de uma economia voltada a atender interesses da elite e setores econômicos abastados, no final da década de 1970, "*um terço da população brasileira vivia na faixa de pobreza absoluta, despendendo entre 60% e 80% dos rendimentos com produtos alimentícios. Isso gerou um grave problema social, além de uma queda de vendas nos supermercados"* (Palleta, Marin 2014:23). Nesse contexto, além de instituir uma nova modalidade de supermercados com custo operacional reduzido, as redes de distribuição "*investiram maciçamente em publicidade, principalmente na tevê e nos jornais. Também passaram a patrocinar concertos musicais em estacionamentos de lojas, corridas de bicicleta, gincanas e outros eventos esportivos*" (Palleta, Marin 2014:23).

Na América Latina, em especial a partir da década de 1990, o setor varejista foi ainda mais invadido pelo capital estrangeiro, "*sobretudo em direção às grandes redes já existentes*", o que aprofundou sua concentração (Wegner, Belik 2012:195). No Brasil, são ampliadas as "*fusões e aquisições de empresas do setor, entrada de grandes grupos internacionais e expansão de cadeias varejistas pré-existentes*" (Araújo Costa 2015:123). Vale ressaltar que ainda hoje os quatro maiores supermercados do Brasil são controlados por capital estrangeiro, sendo eles: Companhia Brasileira de Supermercados (Extra/Pão de Açúcar), controlada pelo grupo francês Casino; Carrefour; Walmart (EUA); e Cencosud (Chile) (Cunha, Campos 2022:93).

Os circuitos longos de comercialização apresentam elevado "*número de intermediários entre o produtor e o consumidor, as centrais de abastecimento e distribuição"* (Instituto Escolhas 2020b:14). Pequenos mercados, para conseguir prosperar, têm recorrido à formação de redes para acessar fornecedores a um melhor preço (Wegner, Belik 2012; Palleta, Marin 2014; Araújo Costa 2015). A expansão dos supermercados, favorecida pelas novas tecnologias de informação e comunicação adotadas pelo setor a partir dos anos 2000, tem ampliado a presença junto ao público de baixa renda com a abertura de lojas em bairros periféricos de grandes centros e em locais distantes deles (Wegner, Belik 2012:195).

Produzidos em larga escala com elevado investimento de capital, os alimentos industrializados têm sido distribuídos no Brasil a partir de supermercados e hipermercados. Além disso, também estão presentes em

> "*estações de metrô e terminais rodoviários, redes de fast-food, pequenas vendas e locais onde alimentos não eram comumente comercializados, como farmácias, postos de gasolina, bancas de jornal, cinemas, escolas e hospitais.*

> *Alimentos ultraprocessados são também vendidos por ambulantes nas ruas e nas praças"* (Guia Alimentar da População Brasileira 2014:106).

A presença desses alimentos, como observa Maria Louzada e colaboradores (2023:5), cresceu de 2008 a 2018, sobretudo nas regiões sul e sudeste. Como em outros países, o maior consumo ocorre entre crianças e adolescentes, e entre grupos socialmente vulneráveis, "*o que se deve à redução dos preços relativos desses alimentos, à ampliação da sua oferta nos mais diversos locais de compras e à crescente penetração das indústrias transnacionais em áreas mais remotas do país"* (Louzada *et. al.* 2023:10).

A partir de pesquisa realizada para o Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor (Idec), o médico Carlos Monteiro e a nutricionista Inês Castro (2009:57) reiteram que lanches como 'bolinhos' e 'salgadinhos' amplamente consumidos por crianças e adolescentes "*apresentavam conteúdo de açúcar, gorduras e sal que excedia em várias vezes o máximo recomendado para uma alimentação equilibrada e saudável. Uma única porção de alguns desses alimentos continha quase todo o sal, açúcar ou gordura saturada que uma criança poderia consumir ao longo de todo o dia*".

Cabe ressaltar que os ultraprocessados são invenções relativamente recentes. Produzidos em larga escala a partir de commodities agrícolas, apresentam custos reduzidos, são ainda mais duráveis do que os processados, estão prontos para o consumo e são de grande aceitação por serem amplamente manipulados.

De acordo com o Guia Alimentar da Sociedade Brasileira (2014), elaborado pelo Ministério da Saúde, a maioria dos anúncios publicitários de alimentos no país estão direcionados às crianças e adolescentes que "*são levados a acreditar que os alimentos ultraprocessados têm qualidade superior a dos demais ou que tornarão as pessoas mais felizes, atraentes, fortes, 'supersaudáveis' e socialmente aceitas ou, ainda, que suas calorias seriam necessárias para a prática de esportes"*. As

Ultraprocessados

Junto à sua equipe na USP, Monteiro propôs em 2009 a inclusão dos ultraprocessados como uma nova categoria alimentar. Em 2019, junto a colaboradores, produziu para a FAO um relatório voltado a consolidar um novo sistema de classificação - o NOVA, composto por quatro grupos: alimentos não processados ou minimamente processados; ingredientes culinários processados; alimentos processados; alimentos ultraprocessados. Os ultraprocessados contém "*aditivos cosméticos e substâncias industriais extraídas de alimentos que nunca são encontrados numa cozinha doméstica, como isolados de proteínas ou amido modificado. Estas substâncias são obtidas por técnicas extremas de processamento alimentar (rachadura, extrusão, hidrogenação)*" (Monteiro 2023).

propagandas mobilizam ainda "*personagens, heróis, pessoas famosas, músicas, brinquedos, jogos e coleções"*. Sua regulação, nesse sentido, precisa compor as estratégias para o combate à fome e à promoção do direito humano à alimentação adequada (Guia Alimentar da Sociedade Brasileira 2014:118). O Observatório Brasileiro de Hábitos Alimentares (OBHA) alerta que a publicidade infantil favorece o consumo de alimentos ultraprocessados ao padronizar

> "*gostos, marcas e produtos, independentemente do contexto familiar e da cultura alimentar em que as crianças estão inseridas. Ao fazer isso, o mercado da propaganda viola direitos fundamentais dessa parcela sensível da sociedade e traz consequências devastadoras para a saúde pública*" (Bortoletto; Ekaterine s/d).

Em Belo Horizonte, por exemplo, Leonardo Bianchi, Eliane Jeunon e Eloísa Guimarães (2021), a partir de entrevistas com pais e crianças de 7 a 11 anos de escolas públicas, apresentam informações sobre o consumo infantil em supermercados. Segundo os pais, os itens mais escolhidos pelos filhos e filhas são:

> "*balas, chicletes e doces, batata frita, Rufles, chips e Doritos, bolachas, biscoitos, biscoito de chocolate e biscoito recheado, Waffles e torradas, brilho e esmalte, brinquedos, cereal e Sucrilhos, chocolate, chocolate em barra, caixa de bombom, granulado, Nutella e Toddy, frutas, guloseimas, iogurte, leite condensado, leite em pó, Nuggets, ovos, qualquer coisa com chocolate, revistinha, só besteiras, sorvete, suco, suco de caixinha, suco de uva, açaí, Easy Ice e refrigerantes"* (Bianchi, Jeunon, Guimarães 2021:8).

Em contraste, a análise dos 94 desenhos produzidos pelas crianças sobre o que pensam sobre as prateleiras dos supermercados enfatiza a presença do setor de hortifruti (20,79%), com destaque ao "*abacaxi, abóbora, banana, batata, chuchu, laranja, maçã, manga, melancia, milho verde, morango, pêra, uva e verdura".* Em seguida, aparecem os laticínios (7,36%) e mercearia (6,06%), com destaque ao "*arroz, feijão, leite condensado, macarrão, manteiga, Toddy e todinho"* (Bianchi, Jeunon, Guimarães 2021:12).

Ainda que a regulação sobre a publicidade infantil esteja em voga ao menos desde 2006, ainda hoje novos abusos são cometidos. Juliana Matos, Ludmylla Mota e Paula Horta (2023), a partir da análise de denúncias pelo Conselho Nacional de Autorregulação Publicitária (CONAR) de 2010 a 2020, indicam como o segmento da alimentação correspondia a 31,8% dos abusos. Desses, 74,8% estavam direcionados a alimentos

ultraprocessados. Como indicam, ainda que as denúncias no âmbito do CONAR tenham reduzido ao longo do tempo, desde 2007 o país pouco avançou na regulamentação estatal da publicidade de alimentos não saudáveis para crianças e adolescentes (Matos, Mota, Horta 2023).

Os ultraprocessados, de modo geral, produzem uma alimentação com alta densidade energética e pobre em micronutrientes que tem inibido "*nossos reflexos de saciedade e regulação alimentar adquiridos ao longo de milhares de anos e está obviamente envolvida no desenvolvimento de epidemias de doenças crônicas, como diabetes ou obesidade"* (Monteiro 2023). Trabalhos publicados pela equipe de Monteiro na USP de 2011 a 2018 mostram como os ultraprocessados geram uma dieta desequilibrada (Monteiro 2023). Como reitera a FAO (2021:4):

> "*uma das causas subjacentes a esse aumento – além da redução da prática de atividade física — tem sido uma mudança nos padrões alimentares para uma dieta rica em alimentos altamente processados (ricos em sal, açúcar e gordura), em detrimento de um regime nutricional que inclui grãos integrais, raízes, legumes, frutas e vegetais frescos. Maus hábitos alimentares estão entre os principais fatores de risco para a Carga Global de Doenças e o aumento dos gastos com saúde relacionados*".

Desde 2015, trabalhos de acompanhamento de grandes coortes em diferentes países têm notado como os ultraprocessados comprometem a saúde, o que independe das tradições alimentares locais, já que sua expansão ocorre por substituição.

A primeira pesquisa padrão ouro (*randomized controlled trial*) que comprova a relação entre ultraprocessados e obesidade, que por sua vez está associada a outras condições crônicas, foi conduzida em 2019 por Kevin Hall e colaboradores. A equipe investigou 20 adultos por 14 dias em condições controladas no *NIH Clinical Center* (EUA). Divididos em dois grupos, podiam comer à vontade, mas um grupo teve acesso a uma dieta composta predominantemente por alimentos ultraprocessados, enquanto o outro consumiu alimentos não-processados. Como indicam, o custo semanal para um consumo de 2.000 kcal/dia foi estimado em $106 para a dieta de alimentos ultraprocessados, enquanto as refeições não processadas custaram $151 (Hall *et. al.* 2019:69).

Embora tenham sido ofertadas dietas equiparadas em calorias, fibras, açúcar, sal e outros componentes, o grupo que teve acesso às dietas ultraprocessadas ingeriu em média

500kcal/dia a mais do que o grupo que recebeu alimentos não-processados (Hall *et. al.* 2019:67). O estudo indica que os ultraprocessados precisam ser reformulados. Alertam, ainda, que não basta apenas restringir seu consumo: é preciso entender o contexto da sua expansão, relacionado à renda familiar, tempo disponível para o preparo e acesso desigual a alimentos não processados ou minimamente processados (Hall *et. al.* 2019:75). Além disso, é importante ressaltar que a alimentação de baixa qualidade costuma estar associada a outras questões, como acesso à educação, trabalho, saúde, segurança e moradia, o que demanda políticas públicas integradas (Padovani 2020).

Indústria global de alimentos

No Brasil, as dez maiores indústrias de alimentos em 2015 foram: JBS, Ambev, Bunge, BRF, Cargill. Marfrig, LDC Brasil, Amaggi, Minerva, Minerva Foods, Coca Cola Femsa (Palmieri Jr. 2017:128). Em cenário global, como indica levantamento da Forbes (2023), as maiores empresas em vendas, lucros, ativos e valor de mercado eram: Nestlé, Anheuser-Busch InBeV, Pepsico, Coca-Cola, Mondelez, Kraft Heinz, General Mills, Tyson Foods, Danone e JBS. Juntas, faturaram R$2,563 trilhões. Suas propagandas assertivas e milionárias estão vinculadas ao aumento do consumo de alimentos industrializados no Brasil e no mundo. Disponível em: https://forbes.com.br/forbesagro/2023/06/forbes-global-2000-10-maiores-empresas-de-alimentos-faturam-us-523-bilhoes/#foto1. Acesso em: 30/04/2023.

Ainda que os supermercados e hipermercados apresentem diferentes produtos e embalagens, tal diversidade existe apenas como propaganda, uma vez que por dentro os ultraprocessados são repetições derivadas de trigo, milho, arroz e soja produzida pelo agronegócio (Aguirre 2022). Por trás de rótulos estão produtos pobres em nutrientes e histórias; um mercado antes tímido, guiado pela ganância hoje movimenta fortunas (Barruti 2018; Aguirre 2022). Ao lado da agricultura industrial e suas monoculturas, a indústria alimentar nesses moldes tem destruído a inteligência alimentar e a saúde humana e do ambiente em nome do lucro.

Direcionado inicialmente às classes médias e abastadas, nos últimos anos tem tido destaque o "*desenvolvimento de ultraprocessados especialmente destinados a consumidores de baixa renda de países emergentes*", que os consomem por serem baratos, com calorias abundantes e de fácil preparo (Monteiro, Castro 2009:58). Assim, com o intuito de ampliar o lucro, a indústria de alimentos tem produzido ultraprocessados tanto para ricos como para pobres e, assim, avança nas cidades, periferias e mesmo em locais isolados. As distinções alimentares refletem a desigualdade do país. Como observa Palmieri Jr. (2017:206-207), "*dentro de cada grupo de alimentos foi observada uma grande diferenciação entre os estratos de renda familiar*". A alimentação fora de casa, a alta gastronomia e o acesso a alimentos frescos, por exemplo, continuam mais expressivos nas

famílias de renda superior. Para atender ao consumo diferenciado, linhas *premium* e *gourmet* dos mesmos produtos têm crescido: "*a simples palavra 'gourmet' passou a significar algo que identifica um estilo de vida, que simboliza uma maneira diferenciada de cuidar da alimentação num contexto social delimitado, e passou a ser muito utilizada pela indústria de alimentos para conquistar consumidores"* (Palmieri Jr. 2017:217).

Tal contexto vai ao encontro do que Mary Douglas e Baren Isherwood (2004:110) enfatizam sobre o consumo: existe um padrão no qual as pessoas, a partir do uso da informação, se conformam e fazem suas escolhas. Mesmo o consumidor individual está preso em uma teia de determinações frouxas impostas pelo padrão de consumo, já que "*nenhum ser humano existe senão fixado na cultura de sua época e lugar".* Como indicam, "e*m vez de supor que os bens sejam em primeiro lugar necessários à subsistência e à exibição competitiva, suponhamos que sejam necessários para dar visibilidade e estabilidade às categorias da cultura"* (Douglas, Isherwood 2004:105). Nesse sentido, o consumo de determinados alimentos e marcas consagradas pela publicidade reflete diferenças sociais.

Desde a década de 1990, com a abertura comercial aos produtos e valores da alimentação globalizada, tem crescido no Brasil, como reação, o interesse pelas tradições culinárias locais e pela gastronomia, o que se verifica tanto no aumento de programas e séries com esse tema como pelo aumento dos festivais gastronômicos locais (Palmieri Jr. 2017:156). A indústria de alimentos e os grandes varejistas, por sua vez, também têm se valido de tal valorização como mais uma possibilidade de lucrar, e "*têm procurado se apropriar dessa tendência, adotando propagandas e rótulos que associam os produtos a 'novos' atributos da qualidade* (Cruz, Schneider 2010:29).

Como mais um nicho a explorar, os supermercados têm ampliado a oferta de alimentos in natura e alimentos minimamente processados, até mesmo orgânicos. O trabalho de Djalma Santos (2014), por exemplo, oferece um panorama sobre a construção do mercado de alimentos orgânicos na RMBH. Como indica, os itens mais comprados em supermercados, feiras e lojas especializadas situadas em Belo Horizonte foram: alface (47,8%), banana (8,3%), cenoura (5,6%), tomate (4,7%) e couve (4,6%) (Santos 2014:151). Como mensura, os bairros de maior poder aquisitivo em Belo Horizonte[88] apresentam maior oferta de orgânicos e correspondem a 65% dos consumidores (Santos 2014:144). Marcado, assim, pela desigualdade, Santos (2014) enfatiza que as políticas públicas devem se guiar pela oferta de orgânicos a um preço possível às populações de menor poder aquisitivo. A

[88] Buritis, Funcionários, Castelo, Belvedere, Sion, Gutierrez, Lourdes, Serra, Luxemburgo, Santo Antônio, São Pedro, Santa Lúcia e Santa Efigênia (Santos 2014).

agroecologia e sua difusão, nesse cenário, é ainda mais interessante, por aliar a produção de alimentos saudáveis à justiça social.

***

Como em outros contextos da América Latina, mesmo com o crescimento dos supermercados e hipermercados, o abastecimento urbano ainda apresenta caráter plural, englobando também "*feiras livres, pequenos mercados, mercados municipais e centrais de abastecimento que têm função varejista*" (Cunha, Campos 2022:89). Assim, coexistem em mosaico: sistemas tradicionais, caracterizados por circuitos curtos e alimentos não processados ou minimamente processados; sistemas mistos, onde estão presentes alimentos fora da época e ultraprocessados de longa duração; e sistemas modernos, caracterizados por alimentos processados e ultraprocessados, alguns inclusive de escala global, comercializados em grandes cadeias de supermercados e restaurantes *fast food* (Araujo *et. al.* 2023:4). Nesse sentido, as transformações nos sistemas alimentares locais não são homogêneas, "*o que reafirma a importância das políticas inovadoras, intersetoriais e efetivas capazes de contemplar a promoção de sistemas alimentares mais justos e saudáveis*" (Araújo *et. al*. 2023:13).

A produção tradicional de alimentos que ainda persiste, como de embutidos, queijos, temperos, conservas, molhos, bebidas, biscoitos, compotas, geleias, doces e outros é comercializada localmente e está ancorada "*na proximidade e em relações de confiança entre produtores e consumidores como meio para legitimar a qualidade desses produtos"* (Cruz, Schneider 2010:28). Vale destacar que o processamento em pequena escala é parte fundamental da nossa história e sobrevivência, sendo realizado há séculos, em especial pelas mulheres, para aumentar durabilidade, garantir segurança alimentar, facilitar o preparo de alimentos e maximizar alguma característica ou propriedade do alimento (Cruz, Schneider 2010; Monteiro 2019).

Em análise das dinâmicas de abastecimento alimentar em Belo Horizonte de 2019 a 2022, Melissa Araújo e colaboradores (2023:4) indicam a presença de quatro tipos de comercialização predominantes: "*comércio varejista, comércio atacadista, empresas especializadas em alimentos e políticas públicas de comercialização e acesso aos alimentos*". Belo Horizonte, em enfrentamento a um cenário de pobreza e fome, apresenta um conjunto articulado de políticas públicas voltadas à alimentação desde a década de 1990. Ampliadas, englobam hoje equipamentos públicos como restaurantes populares, feiras-livres, feira orgânica, sacolões ABasteCer (ABC), banco de alimentos, alimentação

escolar, direto da roça, cozinha comunitária, comboio do trabalhador, hortas, unidades produtivas, Centros de Vivência Agroecológica (CEVAE), mercados públicos, entre outros (PBH 2023; Souza 2020; Araújo *et. al.* 2023; Jardim 2020). A partir de dados coletados em 2019, Mariana Jardim (2020:29) quantifica os equipamentos públicos voltados à segurança alimentar e nutricional em Belo Horizonte, sendo eles: "*19 sacolões do tipo ABasteCer, 38 pontos Direto da Roça, 50 Feiras-Livres, 6 Feiras- Orgânicas e 3 Mercados Municipais, totalizando 116 Equipamentos*". Tais políticas, de modo geral, têm procurado "*fortalecer os circuitos curtos de comercialização, os alimentos locais produzidos pela agricultura familiar e agricultura urbana e periurbana, e promover a alimentação saudável baseada no consumo de alimentos frescos, in natura ou minimamente processados*" (Araújo *et. al*. 2023:8).

Ainda que tais políticas tenham efeitos no consumo diário de frutas e hortaliças em Belo Horizonte e região, é preciso atenção à tendência global de substituição de alimentos frescos por alimentos industrializados nas cidades e mesmo em locais distantes delas. Como observa Tereza Campello (2021:34), a transição alimentar, em curso, ao reduzir a qualidade das dietas, tem consequências de médio a longo prazo à saúde humana e do ambiente que não devem ser desconsideradas.

Mesmo com o avanço dos ultraprocessados, em muitos lugares do Brasil e da América Latina ainda são dedicados tempo ao preparo e consumo de vegetais frescos, ovos e frutas. Algumas receitas chegam a ser consideradas sagradas. Em seu trabalho sobre a história social da comida, a antropóloga Patricia Aguirre (2017) ressalta como o ato de cozinhar é propriamente humano, sendo permeado de processos e significados. Como destaca, buscar, selecionar, criar, combinar, lavar, picar, cortar, misturar, cozinhar, decorar, servir, lidar com os restos, compartilhar e transmitir tais conhecimentos são ações que não estão apenas preocupadas com a quantidade de nutrientes que será ingerida: elas dizem respeito às maneiras que construímos mundos. Assim, não basta apenas ingerir a quantidade de nutrientes que precisamos para sobreviver: importa de que maneira fazemos isso. Como enfatiza Aguirre (2021), não é possível separar a maneira de se alimentar da própria sociedade em que vivemos. É a partir de um prato de comida que se percebe se há abundância ou déficits alimentares.

Valorizar o que as pessoas localmente têm o costume de comer pode movimentar outros modelos de agricultura, beneficiamento e distribuição. Aguirre (2017, 2021) nos convida a não entregar a comida, parte fundamental da nossa vida, à indústria de alimentos. Para tanto, é preciso organizar o preparo da alimentação, o que requer melhores condições de trabalho, divisões de tarefas domésticas e envolvimento das crianças no processo. De

acordo com o Censo IBGE 2022, as mulheres dedicam em média 6,8 horas a mais que os homens nos trabalhos domésticos e/ou cuidado de pessoas, o que demanda atenção, uma vez que a disparidade de gênero no trabalho de cuidado é evidente. Em cenário de exaustão das mulheres, a indústria alimentícia vendeu a praticidade, mas sem compromisso com a saúde das pessoas e do ambiente. A saída, inevitavelmente, requer que o cuidado seja entendido como um trabalho de toda a sociedade, e não apenas das mulheres.

Fabiana Cruz e Sergio Schneider (2010:35) indicam como estratégias conjuntas entre o estado, produtores e consumidores deve balizar o reordenamento do sistema agroalimentar para a oferta de alimentos de boa qualidade e que "*levem em conta a diversidade e as características de cada região*". É necessário, ainda, evitar que tais "*qualidades diferenciadas seja mais um recurso dentro da lógica dos impérios alimentares*".

Assim, a reação às monoculturas e à agricultura industrial requer reconhecer a inteligência de outros modelos produtivos, como as agriculturas indígenas e tradicionais e seus conhecimentos sobre os melhores alimentos para colher, plantar e comer em cada local (Barruti 2018:217). Além disso, é importante recuperar e valorizar um conjunto variado de receitas produzidas com ingredientes locais[89]. O típico, o artesanal e o produto de pequena escala podem ter um efeito importante na valorização dos equipamentos tradicionais de abastecimento, além de associarem lazer e alimentação (Cunha, Campos 2022:97). Um esforço recente nesse sentido é a nova cesta básica definida pelo governo federal, que privilegia alimentos in natura ou minimamente processados e apresenta uma lista mais extensa de produtos da sociobiodiversidade para contemplar as realidades regionais e a agricultura familiar[90].

[89] A discussão será retomada no item 3.4.
[90] Agência Brasil. Conheça os alimentos que compõem a nova cesta básica. 07/03/2024. Disponível em: https://agenciagov.ebc.com.br/noticias/202403/conheca-os-alimentos-que-compoem-a-nova-cesta-basica. Acesso em: 20/03/2024.

A agricultura urbana e periurbana, nesse cenário, pode diluir uma dicotomia muito marcante entre campo/cidade e pode compor um sistema agroecológico maior. A agricultura urbana, realizada em áreas menores, inclui as hortas coletivas/comunitárias e os quintais manejados para consumo próprio, doações e comercialização. A agricultura periurbana, por sua vez, pode ter uma escala maior e é uma possibilidade concreta de autonomia familiar.

Com a intenção de apoiar outros circuitos de comercialização, a associação Horizontes Agroecológicos, que abarca a RMBH e municípios do colar metropolitano, foi formalizada no início da pandemia da covid 19 para "*promover a agroecologia, construir e viabilizar a certificação de produtos orgânicos através do Sistema Participativo de Garantia (SPG) e fortalecer a rede de produtoras/es da região a partir dos princípios e práticas da agroecologia em um contexto urbano/metropolitano*"[91]. A associação foi criada a partir de esforços anteriores de agricultores, beneficiadores e instituições parceiras, como a AUÊ-UFMG, Emater e Agência Metropolitana da RMBH. Destaco que boa parte dos agricultores e agricultoras referidos nesta tese está envolvida em maior ou menor grau com a associação.

A associação participa da Central de Abastecimento da Agricultura Familiar e Urbana (CAFA), localizada no bairro Padre Eustáquio, em Belo Horizonte[92].

Sistema Participativo de Garantia (SPG)

O SPG é um modelo de certificação orgânica previsto pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento que tem sido construído a partir da autorregulação e trocas entre agricultores e rede de parceiros em diferentes regiões do país. O SPG assegura ao consumidor a origem agroecológica do produto, resguardada por visitas periódicas de técnicos e agricultores às propriedades. Nas visitas são observados não apenas se há ou não uso de insumos químicos, mas também se há áreas de refúgio (matas e florestas) para minimizar pragas, os cuidados com a produção e como as relações de trabalho acontecem. O SPG é valorizado por ser um modelo colaborativo que proporciona encontros e trocas de experiências. Como ressaltam Almeida e colaboradores (2022:56): "*Esse mecanismo assegura a qualidade da produção orgânica e agroecológica e é também o instrumento para grupos de agricultores e agricultoras obterem a certificação, por meio do controle social e da responsabilidade solidária. Além da certificação, o SPG propicia o fortalecimento das ações coletivas de organização social, a troca de sementes, produtos e saberes, incentiva a construção de mercados justos e solidários e favorece a articulação em redes das agriculturas metropolitanas".*

[91] Elvira Peruhype (Associada Fornecedora e Conselheira Fiscal da Horizontes Agroecológicos). Encontro sobre Certificação Orgânica (Sistema Participativo de Garantia – SPG) e Finanças Solidárias realizada em 13/10/2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=zbiJ3J31CIA&t=8s&ab_channel=EntrepostoAgroecol%C3%B3gicoeCultural. Acesso em: 18/10/2021.

[92] Ver: Giro Agroecológico - Rede Sisal e Central de Abastecimento da Agricultura Familiar e Urbana https://www.youtube.com/watch?v=rTAcSwfYOY0&ab_channel=RededeInterc%C3%A2mbio

Com atuação em 120 municípios, a CAFA favorece diretamente cerca de 840 famílias e tem como objetivo:

> "*proporcionar suporte comercial para as organizações da Agricultura Familiar e Urbana vinculadas à redes de cooperação, produtores e suas comunidades. A atuação na prática acontece por meio do acesso a infraestruturas de agroindústria, cozinha pedagógica, espaço de armazenamento e de estoque, câmara fria, uso do caminhão e prestação de serviços, numa perspectiva de rompimento com o individualismo para o fortalecimento da solidariedade e da agroecologia, estruturando o apoio logístico para a realização de atividades econômicas no comércio institucional, varejista e/ou atacadista de gêneros e produtos da agricultura familiar e urbana, bem como atividades de promoção do cooperativismo e a produção agroecológica e orgânica*" (PBH 2023[93]).

Voltada a atender bancos de alimentos e alimentação escolar, tem procurado se estruturar para fornecer alimentos agroecológicos *in natura*, minimamente processados e processados para restaurantes e sacolões, alcançando um público maior. A agricultura urbana e periurbana, nesse sentido, pode se organizar junto ao campo para comercialização da produção, o que favorece a agricultura familiar realizada em diferentes escalas e as comidas regionais.

As nutricionistas Suellen Martinelli e Suzi Cavalli (2019:4257) destacam que "*o patrimônio cultural, a qualidade dos alimentos e as habilidades culinárias são considerados aspectos-chave para os padrões alimentares sustentáveis e a segurança alimentar*". Cavalli (2023), coordenadora do Observatório de Estudos em Alimentação Saudável e Sustentável (OBASS), se pergunta se o que comemos "*hoje que as nossas avós reconheceriam como comida*". Como reitera: "*Temos que começar a penalizar quem está produzindo comida ruim, sem qualidade, insegura. As cadeias dos produtos têm que começar a serem enfocadas e responsabilizadas".* Para que a comida se liberte do modelo predatório vigente, sugere regulamentar a indústria alimentar e ampliar o financiamento para a produção agroecológica. Aguirre (2023) enfatiza que a comida do futuro precisa da ciência e das tradições locais, o melhor de ambas, o que situa a antropologia como disciplina afim à promoção de sistemas alimentares que não devastem o planeta. Parte da sabedoria alimentar que precisamos perpetuar envolve cozinhar e criar histórias com os alimentos disponíveis com fartura em cada época. Para tanto, é preciso transformar a estrutura agrária

[93] Central de Abastecimento da Agricultura Familiar e Urbana (CAFA). Disponível em: https://prefeitura.pbh.gov.br/smasac/susan/cafa. Acesso em: 03/10/2023.

e política que permite que um país com tanta terra agricultável e espaços para recuperar ainda tenha fome.

2.3. Se apaixonar por *në ropë*

Em 2019, em um dos encontros do curso de extensão *Sonhar a Terra*[94], atividade de preparação para a exposição *Mundos Indígenas*, Célia Xakriabá reforçou a importância da autonomia alimentar. Seu convite foi por uma aliança em defesa da alimentação, com atenção especial aos que colocam as mãos e os pés na terra e defendem a vida em sua diversidade. Como destaca no texto elaborado no ano seguinte para o catálogo:

> "*Quase todo mundo tem o consenso de que um prato de sustança é um prato colorido: beterraba, cenoura... Verde, amarelo e vermelho, é um prato de sustança. Por que ninguém entende que uma terra para ter sustança tem que ser uma terra que tem diversidade também? Sem isso, acaba morrendo. Por que as pessoas não fazem a reflexão de que uma sociedade para ser sustentada, precisa da diversidade de corpos, culturas, tradições? A gente precisa pensar que a mesma sustança da sociedade e da terra é como a sustança do prato que cada um quer comer colorido a cada dia"* (Xakriabá 2020:92).

O arquiteto Wellington Cançado (2022:245) conta que o xamã Davi Kopenawa, "*em um encontro com economistas na UFMG, instado a dar uma definição instantânea para essa ciência abstrata que rege vidas reais, respondeu categórico: 'Economia é comida!'*". Assim, mais uma vez é preciso defender a comida.

Central à nutrição e perpetuação da vida, *në ropë* foi o conceito escolhido por Davi Kopenawa na exposição *Mundos Indígenas* para adentrar seu mundo e ensinar os *napëpë*, em especial as crianças e jovens da cidade, sobre sua beleza e urgência. Como destaca, se apaixonar por *në ropë* precisa ser uma prioridade máxima: "'*Filhos, vocês fiquem espertos! Quando vocês crescerem nessa terra, nesse solo, façam në ropë crescer! Façam në ropë ser uma autoridade. Se não tivermos në ropë, não iremos viver bem e com saúde!*'". *Në*

[94] O curso foi organizado pelo AnE, Saberes Indígenas e Espaço do conhecimento da UFMG e teve como público prioritário docentes da rede básica de ensino. Os conteúdos abordados podem ser consultados em: https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/wp-content/uploads/2019/07/Material-Curso-Mundos-Ind%C3%ADgenas.pdf. Acesso em: 09/10/2023.

ropë, como alerta, é fundamental "*para que todos do mundo inteiro possam se alimentar*" (Kopenawa 2020:36).

Como explica, foi junto aos Yanomami que *në ropë* nasceu e foi de lá que se espalhou por todo o mundo. Quem escolheu seu nome foi *Omama*, o criador dos Yanomami, como uma segurança contra a fome:

> "S*e vocês morarem na terra-floresta com në ropë, vocês ficam alimentados, vocês vivem bem e com saúde! Vocês ficarão bem e saudáveis para fazer suas festas, vocês farão seus filhos crescerem saudáveis também! Por isso, por vocês acordarem bem e com saúde, vocês despertem para esse nome: në ropë. Vocês peguem esse nome. Quando os alimentos crescem, quando vocês querem fazer festa, vocês se convidam uns aos outros, conversam uns com os outros, vocês se alimentam uns aos outros'. Assim disse Omama"* (Kopenawa 2020:26).

Seu recado, transmitido pelos espíritos auxiliares dos xamãs, vem de quem pertence à floresta e aprende com sua sabedoria.

Në ropë é o que faz as plantas nas roças e nas florestas crescer, é o que "*mata nossa sede, nos faz ter água limpa, faz os rios onde tomamos banho serem limpos*" (Kopenawa 2020:27). Ele está em todos os lugares e é porque existe e se movimenta pelas raízes que nos alimentamos: sem ele não adianta plantar, as plantas não crescem, é *në ropë* que propicia abundância (Kopenawa 2015:471). Onde os *napëpë* moram também tem *në ropë*, e por isso "*vocês se alimentam*", mas se estraga a terra, *në ropë* foge (Kopenawa 2020:31). Quando *në ropë* foge a terra fica sem umidade, tudo fica "*seco e murcho*" e *Ohinari*, o ser da fome, toma seu lugar (Kopenawa 2015:468).

É muito difícil que *në ropë* morra, o que ele faz é fugir: "*Quando o solo rachar, quando o céu acabar, só assim në ropë irá acabar*!*"* (Kopenawa 2020:33). Quando vão abrir suas roças, escolhem

> "*onde mora a imagem da fertilidade në ropë, onde a terra é bela, onde o solo é seco e um pouco elevado, a salvo de inundações. (...) Escolhemos os locais onde vemos que há uma roça posta no solo da floresta. Assim, preferimos os lugares onde crescem cacaueiros, sumaúmas, árvores e grandes folhas*" (Kopenawa 2015:470).

Cuidar de *në ropë* é uma ação: "*vamos trabalhar, vamos limpar a roça, vamos trabalhar com nossos braços, nossas mãos*". Como enfatiza: "*Se eu não trabalhar, o alimento não cresce, pois o alimento não cresce sem razão*" (Kopenawa 2020:27-32). É *në ropë* que faz as plantas crescerem, mas os *napëpë* acham que seus trabalhadores podem fazer crescer só com o próprio esforço e tratores (Kopenawa 2015:469).

Os *napëpë* também ficam felizes pela comida, mas, como aponta:

> "*o dinheiro também os deixa muito felizes. Petróleo os deixa felizes! Voar de avião os deixa felizes! Eles ficam felizes com os carros. Ter uma casa bonita e brilhante os deixa felizes. Água gelada também deixa os napëpë felizes. Fazer os outros trabalharem para eles ou fazer com que os homens influentes lhes deem empregos, isso os deixa felizes. São muitos os napëpë que vivem felizes! Mas në ropë não os deixa felizes"* (Kopenawa 2020:27).

Para Davi Kopenawa é espantoso que os *napëpë* não acreditem em *në ropë* e percebam a beleza da floresta e seu sopro longo de vida. Como destaca,

> "*Os brancos já desmataram quase toda a sua terra. Mantiveram apenas alguns retalhos de sua floresta e puseram cercas em volta deles. Acho que agora pretendem fazer o mesmo com a nossa. (…) Os xapiri não querem nos ver vivendo em cacos de floresta, e sim numa grande floresta inteira*" (Kopenawa 2015:485).

Em contraste, "*Nós a desmatamos [a floresta] muito pouco, para abrir nossas roças. Plantamos bananeiras, mandioca, taioba, cará, batata-doce e cana-de-açúcar. Em seguida, após um tempo, a deixamos crescer de novo. Uma vegetação emaranhada invade nossas roças e depois as árvores tornam a crescer*" (Kopenawa 2020:60). As árvores, no entanto, quando presentes nas cidades, crescem "*em estado de fantasma*" (Kopenawa 2015:471).

Alguns *napëpë* da cidade até se interessam e procuram aprender o caminho de *në ropë*, mas é preciso expandir sua importância para que mais *napëpë* se apaixonem por ele: "*tendo clareza sobre në ropë, saberão cuidar, proteger*!" (Kopenawa 2020:30). Além de proteger as florestas, é preciso fazer alianças para *në ropë* prosperar em todos os lados, inclusive nas cidades. Tais alianças implicam em (re)construir belezas firmadas na terra.

A beleza, como afirma Dário Kopenawa e Estevão Senra (2023), é a maneira pela qual "*os yanomami afirmam a sua humanidade no mundo*":

> "*Viver com a floresta é uma arte e requer uma sabedoria que não pode ser fabricada em laboratório. Os yanomamis manejam mais de 160 espécies vegetais silvestres comestíveis, conhecem minuciosamente o comportamento de mais de 80 animais de caça, pescam cerca de 50 tipos de peixes, coletam 30 variedades diferentes de mel silvestre, 11 espécies de cogumelos, dezenas de invertebrados e cultivam mais de uma centena de alimentos, com destaque para a banana, a mandioca, a batata-doce, a taioba, o cará, a cana e o milho. (...) Um povo cujas crianças podem nomear mais de duzentos tipos de flores durante uma brincadeira é um tesouro. E é desse tipo de tesouro de que o Brasil e a humanidade precisam"* (Kopenawa, Senra 2023).

Entendida nesses termos, é componente da sensibilidade e da vida, condição para sua perpetuação. Ativar uma inteligência coletiva que produza o desejo de cuidar e de se encantar por belezas inspiradas em boas fortunas, requer produzir novas existências, mesmo em condições nada favoráveis. O recado de Davi Kopenawa é incisivo: é preciso aprender a ser feliz com *në ropë* e apreciar sua fartura e beleza.

Outros curadores e curadoras da *Mundos Indígenas* também apresentam suas considerações às cidades, aos brancos e aos seus modos de destruir mundos. Como indica Deborah Lima (2020:176) no catálogo:

> "*Os recados clamam por mudanças no modo como o mundo moderno se relaciona com a Terra. (…) Oferecem um contraponto ao mostrarem que nem a destruição planetária é inevitável, nem a tecnologia moderna é sempre avançada, sobretudo na questão ambiental. Enquanto o mundo moderno é responsabilizado pela crise ambiental e epidemiológica, os mundos indígenas ostentam a capacidade em potencial de prover sua sobrevivência de modo sustentável, integrada material e conceitualmente ao planeta. Mesmo que o mundo moderno não queira – ou possa – transmutar sua existência, pode questionar seu modelo, tomando o modelo indígena como referencial"*.

É urgente cuidar da Terra. A curadora Sueli Maxakali e o curador Isael Maxakali (2020:122-123) contam que "*a terra, as águas, o céu, o sol e o vento hoje estão doentes*". Como explicam,

> "*A terra está quente por dentro e por isso as sementes se queimam antes de brotar. Mesmo se molharmos, não crescem tão rápido como crescem com a água da chuva. A mata hoje está fraca. Não há mais árvores altas e fortes*

> *como as que viviam aqui antigamente. A chuva e os ventos estão com raiva e não querem mais cair ou soprarem por aqui. Por isso a terra está tão quente. Quando a água dos lagos evapora, se transforma em nuvens vermelhas, que também estão doentes e esquentam a terra. Chove forte, mas a chuva que cai hoje em dia adoece as nossas crianças e destrói as cidades dos brancos também. (…) os brancos chegaram e derrubaram toda a mata, poluíram os rios, construíram barragens e acabaram com os peixes. Nossos avós viviam até os cem anos. Mas nós não chegaremos nesta idade, porque hoje temos doenças que não conhecíamos e já não comemos mais como antigamente* (...). *Ainda assim, nós sabemos curar a terra. Nós podemos trazer de volta a mata, as frutas e os bichos. Porque nós, os Tikmu'un, somos filhos da terra, nós surgimos dela"*.

O curador Kanatyo Pataxoop e a curadora Liça Pataxoop (2020:141) enfatizam que a religião que seguem é a natureza:

> "*Nós temos o braço dado com a Natureza porque somos parentes dela. Por isso não vendemos, não trocamos e nem damos a terra que é sagrada para nós. Imõxa não respeita, vê montanha e quer acabar, vê rio e quer acabar, vê mata e quer acabar, usando mão e boca de ferro. Para nós a Natureza é sagrada, porque tudo foi Topa que criou. Tudo tem um protetor, uma divindade, e tudo segue o grande Topa. Natureza não faz mal a ninguém, só quer viver, produzir para nos servir. O Iyihi não sabe usar a Natureza. Não canta, não dança e nem faz festa para a Natureza. Só quer tirar dela, sem retornar o que é importante para a continuação da sua vida. Na Natureza tudo tem o poder de Deus, a sua mão, na sua criação*".

A terra, assim, não é qualquer coisa: é uma fonte de vida muito importante e, por isso, um assunto muito sério. Sua exploração está relacionada às grandes cidades, que são produto e causa do que estamos vivendo hoje. A transformação desse modo de existir, nesse sentido, é condição para futuros habitáveis. Como destaca o artista Denilson Baniwa (2022:118), as cidades precisam ser mais plurais, acolhedoras e agregadoras do que suas "*grandes armações de metal, concreto e pedra portuguesa*". Em sentido próximo, observa Dona Vera (Anexo II - livreto 6): "*O ser humano tem mania de cimentar tudo, mas ninguém vive sem a terra. A gente nasceu com a terra e nela vamos morrer".*

Em depoimento a Barruti (2018:316), Fabriciano Ortiz, um agricultor argentino, destaca como viver bem tem sido mais uma excentricidade do que a regra: a situação é tão grave que muitos nem se lembram ou conhecem o que é viver bem. Guardião de sementes e da

agrobiodiversidade, conta como a verdadeira liberdade é a comida: a semente, se cuidar, nunca acaba. Cada uma é como "*um microchip que conserva como memória genética uma história de superação*". Além disso, "*a comida de verdade é forte, diversa, deliciosa e nos dá autonomia. E ainda, olhe, é grátis. Eu te dou essas sementes e você tem comida para sempre*".

Em sentido próximo, a artista Yunuen Díaz (2022:12) desloca a atenção aos horizontes emancipatórios que se abrem no cotidiano a partir da alimentação. A comida compõe o patrimônio biocultural de uma região e apresenta dimensões epistemológicas, políticas e poéticas. Além disso, molda paisagens que podem alterar a estética da modernidade industrial, cinza e falida.

Díaz, em diálogo com Silvia Rivera Cusicanqui, "*uma pensadora que cozinha todos os dias*", destaca como é preciso "*comer para pensar e pensar para comer*" (Díaz 2022:36). Ainda que o feminismo ocidental tenha se preocupado em tornar as mulheres visíveis e ativas no espaço público, Díaz (2022) enfatiza como a cozinha de nossas avós era trabalho, mas também refúgio, espaços de criação e criatividade com liberdade. Fora da captura do tempo que marca o capitalismo, a comida e suas etapas podem ser expressão artística e fonte de prazer cotidiano.

A ONU (2022) estima que em 2050 teremos uma população mundial de 9,7 bilhões de pessoas; em 2080, serão 10,4 bilhões[95]. Para que a população tenha como se alimentar com a quantidade adequada e com qualidade, estima-se que até 2050 será necessário ampliar a produção de alimentos em 50% (ver Saes, Nunes 2021). Nesse contexto, importa o caminho que tal ampliação irá percorrer, já que é preciso, ao mesmo tempo, conter a gravidade das mudanças climáticas já em curso. O Brasil, por suas dimensões territoriais e condições ambientais, pode assumir importante protagonismo se atento à *në ropë* e à soberania alimentar: a alimentação não é apenas um conjunto de nutrientes combinados, e sim uma ideia de mundo. A beleza de *në ropë* contrasta com as monoculturas da agricultura industrial, seus agrotóxicos, suas indústrias transnacionais, seus supermercados, suas publicidades e seus grandes aparatos de distribuição global. É sobre a beleza de *në ropë* que ainda não fugiu totalmente da cidade e de suas periferias que o próximo capítulo irá se dedicar.

[95] População mundial chegará a 8 bilhões em novembro de 2022. ONU, 11 de julho de 2022. Disponível em: https://brasil.un.org/pt-br/189756-popula%C3%A7%C3%A3o-mundial-chegar%C3%A1-8-bilh%C3%B5es-em-novembro-de-2022. Acesso em: 25/05/2023.

Figura 29: Jacobina e e tansagem brotando na calçada e na rua. 2023. Foto: Mariana Oliveira

Figura 30: Amora brotando na rua. 2023. Foto: Mariana Oliveira

Figura 31: Goiabeiras brotando em estacionamento. 2024. Foto: Mariana Oliveira

Capítulo 3 – A beleza da fartura na RMBH

Pequenos espaços como quintais, hortas, terreiros e canteiros colaboram para que a terra não fique coberta e morta, e sim viva e generosa. Em diálogo com cuidadores e cuidadores que mantém reverência à terra e intimidade com as plantas em seus quintais e/ou em hortas familiares/comunitárias situadas em regiões periféricas de Belo Horizonte, Ibirité, Contagem, Betim, Ribeirão das Neves e Sabará (RMBH) apresento histórias de pessoas e plantas, e as dimensões do cuidar, plantar e *sentir as plantas* que marcam a paisagem urbana e periurbana com a beleza da fartura. Como em outros contextos urbanos e metropolitanos, as histórias firmadas na terra são marcadas por questões de raça, classe e gênero, uma vez que a negação do direito à cidade e do direito à terra marcam a história do nosso país. Apresento, ainda, como políticas públicas e o acesso à terra são fundamentais para que o cuidado enquanto modo de existir perdure, transforme espaços e seja promovido em maior escala.

Figura 32: Municípios em destaque (lápis de cor) 2024. Autoria: Mariana Oliveira

3.1. Cuidar, plantar e *sentir as plantas*

Figura 33: Hortas e quintais RMBH (lápis de cor). 2022. Autoria: Mariana Oliveira

Sentir as plantas era apresentado por Dona Catarina (2018) como uma sensibilidade cultivada para aprender e se encantar com elas. Como dizia:

> "*Eu vejo que é muito eu e planta, é muito sentir. Eu sempre falo que não sei explicar as plantas em palavras, eu só sei sentir elas. E esse sentir é muito bom. É muito gostoso essa troca de energia, de querer. Eu olho para ela e ela me diz 'eu estou aqui, olha eu bonita aqui'. Parece que o tempo todo ela me chama atenção pela sua beleza. Aí, eu e essa planta, a gente vai criando um certo refinamento. Plantas, ervas medicinais, saúde, alimentação saudável, isso tudo para mim é junto e isso tudo vai de cada um. (...) A planta traz para mim uma certa tranquilidade se eu toco nela, porque ela traz para mim uma segurança, uma certeza de que você e eu, eu e a planta, a gente é amigo, a gente é irmão. A planta tem vida. E aí eu fui descobrir que tudo que é vivo tem alma, tem espírito e por isso dialoga comigo, porque eu também sou isso. Eu sou um ser vivo aqui. (...) Eu e as plantas, não tem explicação. Não tem palavras que definem, é coisa muito minuciosa, muito delicada, mas que está com a gente, está comigo"*[96].

Em outra atividade, Dona Catarina (2020) comenta:

> "*Quando você procura uma planta, é ela que te encontra, não é você que encontra ela. Você sai à procura e ela que te encontra. Ela está ali, não*

[96] Depoimento em mesa redonda no Seminário Roça Grande, organizado pelo Kaipora em outubro de 2018 no Centro de Referência da Juventude, em Belo Horizonte.

> *precisa de você andar muito longe para encontrar. Ela está bem próxima. (...) Eu cheguei à conclusão de que planta e tudo que há na natureza, como a água, a terra, como o sol, como a chuva, como tudo, como a noite e o dia, manhã e tarde, e eu - e eu acredito que não é só eu, é eu e toda a humanidade - a gente é um. E aí, por sermos um, tem que haver essa troca e essa conexão para tudo girar. E se a gente parar para analisar que somos um, nesse imenso que é, a gente vê que é real. A gente só precisa saber dessas coisas, as proporções, os horários de colher, tempo de colher, a lua para plantar. Tudo isso a gente precisa entender. Ao entender tudo isso, nós só vamos colher coisas boas. E o bem que nos faz é o que a terra nos dá. E essa consciência de ser um, de todos sermos um, quando a gente consegue ela, você consegue paz de espírito, porque sabe que está ali, é só você ir pegar, está ali fora. É uma outra relação de respeito, de admiração mesmo"*[97].

No ano seguinte, no Programa Encontro de Saberes da UEMG, Dona Catarina (2021) deu o seguinte depoimento: "*minha relação com as plantas é como se fosse alguém do meu lado. A planta comigo, ela sente o que eu sinto, ela fala a minha linguagem, um toque meu - ela agradece… Se estou triste, parece que elas têm um entendimento do meu entender e do meu sentir"*[98].

Quando menina, Dona Catarina saia com sua bisavó nas matas para buscar plantas. Com sua avó materna aprendeu sobre propriedades das plantas e acompanhava suas benzeções que movimentavam a casa de segunda a sexta, até o fim do dia. O benzimento, como se recorda, também era dirigido às plantas nas hortas e quintais. Como conta:

> "*Minha avó benzia as plantas olhando a lua, benzia a roça antes do plantio. Lembro-me de um cruzeiro de madeira que ficava na porta dos mais velhos da comunidade, que no caso era minha tia, e lá eles se reuniam para combinar o que plantar. Lembro-me deles fazendo o trabalho do cortejo, oferecendo o trabalho do dia. Algumas áreas eram delimitadas e nos lotes vagos usavam para plantar. Depois meu pai começou a trabalhar na Belga [Mineira] e com isso minha mãe, eu, e meu irmão continuamos com as plantações* (entrevista 2019)*".*

[97] Depoimento no encontro "O Cuidado da vida: biodiversidade e saúde popular" realizado no dia 01/06/2020. Participantes: Mariana Oliveira, Flávio Santos, Aparecida Arruda, Rita de Cássia, Maria Catarina de Souza.
[98] Entrevista: Experiências e desafios das rezas e benzeções nas PICS realizada em agosto 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=zkuZOWEjOm4&feature=youtu.be. Acesso em: 20/08/2023.

Suas avós "*contavam muita história, falavam da escravidão, colocavam medos na nossa cabeça. Parece que perdeu isso de família, pai e mãe, horas conversando"*.

No final dos anos 1960, contexto da ditadura militar, sua mãe saia em missões nos arredores de João Monlevade (MG) pois "*ficava louca de ver tanta fome, tanta necessidade das pessoas".* Ela falava: *"a gente pode ajudar com qualquer coisa"*. Como recorda:

> "*Quando em João Monlevade, já na minha adolescência, meu pai foi co-fundador da comunidade de base. Naquela época usava-se abrir comunidade - fazer comunidades - para acolher as pessoas. Mesmo as pessoas do bairro e outros bairros também faziam para se ajudar. Meu pai dizia: "Mesmo que a gente não tenha nada, a gente ainda tem o que doar". Eu falava para ele: "Mas pai, eu sou uma pessoa que nada tenho e o senhor já é um senhor e já tem o que doar, mas eu nada tenho". Ele falava para mim assim:" Não, filha, você tem seu sorriso, você tem ouvidos, você tem palavras, você tem tudo para poder doar". Eu ficava encucada com aquilo e não conseguia entender, mas aí eu fui percebendo, porque lá na comunidade, que hoje leva o nome do meu pai, tem a foto dele lá na parede. Meu pai ajudou a construir e a erguer as paredes e os alicerces dali. Ele e minha mãe e muitos moradores de lá ainda vivem nesse contexto em que todo mundo é compadre e é comadre. De um lado e do outro da rua ainda vive isso lá. Algumas pessoas na rua do meu pai vivem assim, como irmãos. E nesse contexto de doar, tudo era festa e tudo era celebrado com oração, fosse ocasião alegre ou triste"* (Souza 2023:212-213).

Aprendeu, como enfatiza, "*a rezar por tudo, a agradecer por tudo, e sempre com os ensinamentos de pai e de mãe. Eles falavam que nós recebemos tudo de graça, o ar que respiramos, a água, a terra. Precisamos tratar com cuidado e agradecer*".

Após seu casamento, na década de 1970, Dona Catarina se mudou para uma região pouco urbanizada de Contagem e da sua casa viu o entorno se transformar com a diminuição dos campos e áreas verdes à medida que novas casas e prédios eram construídos. Ela cultivava, assim como sua família fazia, uma relação de proximidade com seus vizinhos, em especial com os antigos, já que nem todos os novos moradores são afeitos à generosidade que deveria marcar essa relação.

O cuidado com a casa, saúde e comida era algo que Dona Catarina (2021) fazia atenta:

> "*Sempre cante, se for momento triste ou feliz. Nunca deixe de cantar. Escutei minha vizinha cantando e assobiando, e isso me trouxe uma paz. Se tiver lavando roupa, cante. Se tiver lavando a casa, cante. Fazendo a comida, canta. Minha mãe, que era do Filhas de Maria, passava o dia cantando. Quando chovia, cantava para que a chuva viesse e não causasse problema, pois vivíamos na beira rio. Qualquer situação eles cantavam e em qualquer situação eles sabiam o que cantar, o que pedir na canção. Eu amo Adélia Prado, eu vejo nela um pouco do que sou. O poema dela que mais gosto é esse: "Minha mãe cozinhava todos os dias. Arroz, feijão roxinho e batatinha. Mas, cantava"*.

Em Contagem, criou histórias com as plantas no seu quintal e em um lote que alugou com seu marido em um bairro próximo para plantar uma horta. Na horta cultivava mais de 30 plantas medicinais e aromáticas enquanto seu marido cuidava de hortaliças e frutíferas para consumo da família, doações e venda. Em seu quintal tinha carinho especial com o alecrim, sua "*planta amiga*", e cuidava ainda de outras plantas medicinais, aromáticas, frutíferas e ornamentais e produzia mudas que cuidava e via crescer para doar, transplantar para a horta ou para a roça de seu irmão situada em Bonfim (RMBH). Ela destacava como é preciso "*ter cuidado com as plantas porque elas cobram. Então eu planto aqui em casa, eu faço mudinhas, levo para a horta para plantar e multiplicar*".

Figura 34: Encontro Promotoras da Agroecologia na horta da Dona Catarina. Foto: REDE, 2019

Figura 35: Dona Catarina. 2019. Foto: Mariana Oliveira

Figura 36: Encontro Promotoras da Agroecologia na horta da Dona Catarina. Foto: REDE, 2019

Figura 37: Compostagem na horta da Dona Catarina. Foto: REDE, 2018

A conexão com as plantas, como destaca Dona Catarina (2021), pode ser trabalhada: "*elas te falam de forma simples, só precisa saber ouvir* (...) *Primeiro tem que ter a consciência que tudo que tem na natureza, é você também. A água é você. A terra é você. O ar que você respira é você. Animal, pessoa e natureza, a gente é um. A gente só tem que escutar*".

Dona Catarina (2021) se preocupa com o mundo que a sua geração deixou e como é urgente "*cuidar da casa, cuidar do corpo, cuidar da natureza*". Durante uma de suas apresentações no curso de extensão do Encontro de Saberes da UEMG, mostrou duas fotografias que fez: uma a caminho da roça do seu irmão e a segunda logo quando chegou. Sua sensibilidade vai ao encontro às belezas e curiosidades que precisamos perpetuar:

> "*Aí eu vejo a árvore que vai dar um passo, eu fico pensando qual passo ela vai dar. Eu achei logo que era uma mensagem. Quando cheguei na roça encontrei esse ninho de João graveto, eu fiquei encantada: ele faz duas entradas, uma de cada lado, que usa para se proteger do predador. É tão pequeno e faz uma casa grande de graveto, tudo tão bem encaixado, nada sai fora do lugar. A natureza é tudo de bom. Eu queria que todo mundo tivesse um tempo para parar e prestar atenção nessas coisas. Eu acho que isso tudo é um encontro*".

Figura 38: Árvore dando um passo. 2021

Figura 39: ninho do João Graveto. 2021 Foto: Maria Catarina

Aparecida Arruda, conhecida como Tantinha, reside em uma chácara na área periurbana de Sabará, o Ervanário São Francisco. Nasceu em Ferros (MG) e ainda pequena se mudou para o bairro Dona Clara, em Belo Horizonte, na época pouco urbanizado. Sua mãe trabalhava como doméstica e criou os filhos praticamente sozinha. Com ela aprendeu com as plantas e com as histórias que contava da sua avó materna (Arruda 2020). Como destaca:

> "*Hoje eu faço uma reflexão que naquela época eu não conseguia fazer. Quando criança morava em uma casinha simples em uma vila com outras famílias onde hoje é o bairro Dona Clara, em Belo Horizonte. Minha mãe era solteira e trabalhava fora como doméstica. Sou a mais velha das filhas e cuidava até de sarar o umbigo dos meus irmãos: ela tinha neném e ia trabalhar três dias depois porque a gente precisava comer. Lá não tinha terreiro, então eu punha na comunheira da casa as minhas mudinhas, minhas vasilhas com cebolinha e salsinha e quem passava na beira da rua achava bonito. Os nenéns nasciam na vizinhança e era eu que estava ali: "oh Tantinha, vem cá". Eu tinha uns doze-treze anos e dava banho no neném, dava banho na mulher que chegou do hospital, eu cuidava. Para mim isso era normal, mas hoje vejo que não é: fazia intuitivamente. Não conheci minha avó materna que sabia das plantas, benzia e era parteira, mas minha mãe falava muito dela*" (anexo II - livreto 1).

Sobre o *sentir as plantas*, Tantinha (2021) enfatiza:

> "*Você só vai conhecer a planta e só vai entender dela quando você colocar o pé na terra, quando você tocar na planta, sentir o cheiro dela. Quando você começa a se envolver com as plantas, começa a tocar, começa a manipulá-la, preparar o cuidado do outro através daquela planta, você começa a sentir uma conexão tão grande com ela, que ela começa a comunicar com você. (...) Não precisa ter muito espaço. Basta um canteirinho ali com duas plantas, você plantou duas mudinhas ali, começa a pesquisar sobre ela, estudar, se conectar com aquela plantinha e aí daí a pouco vai chegando outra, vai chegando outra e quando você menos esperar, você já tem um canteiro (...). Estou abrindo portas aqui para agricultura em pequenos vasilhames, em pequenos espaços. O importante é você ter essa conexão com a terra"*[99].

Assim como Dona Catarina, Tantinha destaca como sua conexão com as plantas é íntima, o que aparece em suas histórias. Certa vez, como conta, antes de se mudarem para Sabará, fizeram

> "*um canteiro muito grande em forma de espiral com plantas secas no meio da nossa chácara. A gente juntava os matos ali, mas não chegamos a plantar nele porque naquela época fazia era vir e voltar, pois não morávamos aqui ainda. Veio uma época de chuva e choveu 15 dias consecutivos em que não conseguimos ir à chácara. Quando nós chegamos aqui, a primeira coisa que eu observei naquele monte de terra que a gente tinha feito em forma de espiral... sabe quem nasceu, gente? O nosso pacari! Foi a primeira mudinha que surgiu naquele meio. (...)*
>
> *Hoje de manhã eu olho ela daqui de cima da minha porta e vejo ela lá no meio do espiral esplendorosa, cheia de flores e sementes dispersando e nascendo nos quintais dos vizinhos. Eu fiz esse relato para mostrar esse afeto e esse carinho, essa questão muito grande que a gente tem com as plantas. Isso nos faz refletir que a natureza comunica com a gente o tempo todo"*[100].

[99] Depoimento no encontro "O Cuidado da vida: biodiversidade e saúde popular" realizado no dia 01/06/2020. Participantes: Mariana Oliveira, Flávio Santos, Aparecida Arruda, Rita de Cássia, Maria Catarina de Souza.
[100] Depoimento no encontro: "Os afetos do mato: memórias e emoções entre gentes e plantas", realizado no dia 30/07/2021. Participantes: Mariana Oliveira, Aparecida Arruda, Rita de Cássia, Adriana Pataxó, Maria Catarina de Souza.

Figura 40: Ervanário São Francisco, Sabará, 2022. Foto: Mariana Oliveira

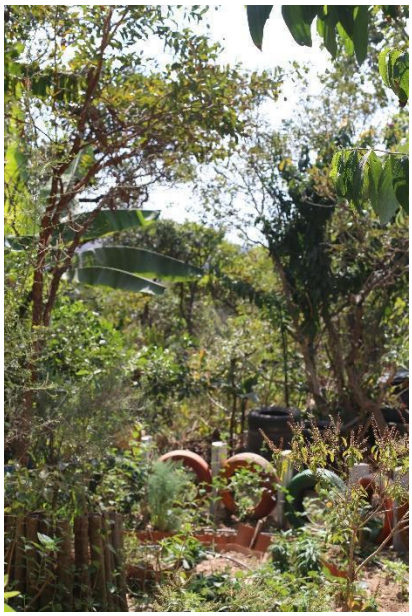


Figura 41: Ervanário São Francisco, Sabará, 2022. Foto: Mariana Oliveira

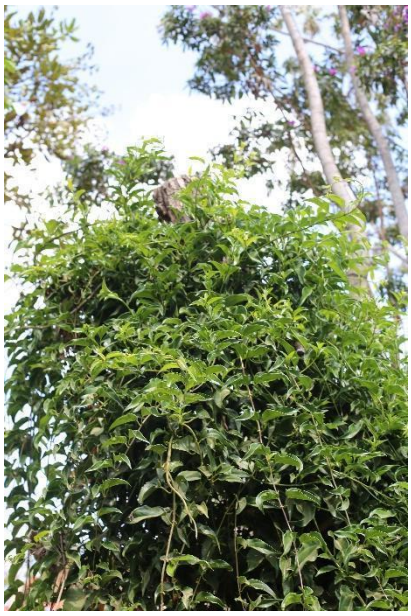


Figura 42: Ervanário São Francisco, Sabará, 2022. Foto: Mariana Oliveira. Mais fotos estão disponíveis em: anexo II - livreto 1.

As plantas, como aponta Tantinha, são percebidas com nossa intuição e observação:

> *"É muito bom plantar e a terra te dar alimento e cura. A planta é um ser vivo que nasce para se desenvolver e que serve a nós se pegar com respeito. (...) Entro no meio do cerrado seco e esturricado, e nele nasce um cacho de flor. Essa terra era só pedra e areia, mas a transformação já está aqui pois*

> *quando dou uma enxadada encontro minhoca e tatuzinho. Se tem ser vivo é porque a terra está boa. (...)*
> *Com a nossa intuição e observação percebemos como a planta comunica com a gente de uma forma muito sutil com seu cheiro, com sua beleza e às vezes aparece em sonho. Quando você começa a se envolver com as plantas, começa a tocar, começa a manipulá-la, preparar o cuidado do outro através daquela planta, você começa a sentir uma conexão tão grande com ela que ela começa a se comunicar com você. Então busque a planta primeiro para você cuidar dela e a partir daí ela começa a cuidar de você"* (anexo II - livreto 1).

Embora tivesse contato com as plantas quando menina, Tantinha conta como viveu forte reconexão com elas no pequeno quintal no bairro Alto Vera Cruz que começou a cultivar para melhorar a alimentação da família e as crises respiratórias de seu filho. Tantinha destaca como o cuidado, mesmo em um pequeno espaço, relembrou sua paixão e alegria com as plantas e com as transformações que fazem a vida prosperar. A paixão pelas plantas e pelo cerrado, por onde muito caminhavam, os levou para Sabará para um terreno acidentado hoje marcado pela alta diversidade de espécies frutíferas, hortaliças, aromáticas, ornamentais, medicinais e nativas presentes, como pacari, jatobá e embaúba. Ali, além de cultivar um conjunto de plantas, preza também por deixar viver o que quis nascer. Como enfatiza Tantinha (2022), para sentir a alegria de colher é preciso plantar e cuidar:

> "*Se eu não plantar eu não colho? Se eu não cuidar também eu não colho. Se eu não proteger e cuidar também eu não vou ter. Para mim não é só importante eu plantar pois isso já faz parte da minha vida. Acho que o desafio maior é ensinar outras pessoas a plantar. Conseguir colocar outros para plantar tem sido ultimamente a minha conquista. A agricultura é um trabalho especial porque faz parte da nossa ancestralidade e raízes. Quando você planta ou quando você colhe você está em conexão direta com a mãe Terra, com a natureza. E você está ali fugindo desse contexto que a vida impõe a gente, por isso é muito especial.*
> *O que que você sente quando você planta... é inexplicável. Me sinto eu mesma e é uma sensação tão boa, de gratidão. Você olha para a terra e agradece que ela está te dando fruto. Você pega uma plantinha e sente que está dando remédio, está dando a cura. Então, assim, a única coisa que eu tenho que fazer é proteger e cuidar para que ela dê continuidade. Quando é uma planta nativa você tem só que proteger mesmo, às vezes nem precisa desse cuidado de manejo...*
> *Precisamos proteger as plantas e todas as formas de vida, não tem jeito, elas precisam da gente. E o respeito também na hora de colher, de lidar com essa*

> *planta. Eu fico num cuidado tão grande quando eu vou coletar qualquer planta. Eu fico angustiada quando alguém chega e tira de qualquer jeito, chega lá e puxa sem nenhum cuidado. O pessoal não entende... às vezes eu estou sozinha lá no quintal e eu converso com elas: 'você está bonitinha demais'"* (entrevista 2022).

Dona Catarina e Tantinha relatam uma intimidade com as plantas que está em nítido contraste com o desinteresse por elas presente nas cidades e com a destruição que marca nossos tempos. Elas especulam como essa conexão poderia ser uma entrada para boas fortunas, como a generosidade, o prazer em aprender mais e em nutrir uma diversidade de vidas. Beleza é plantar sem saber se irá colher, é ter um conjunto variado de plantas, é conhecer suas histórias e as ver crescer. Relatam prazer em aprender sobre e com elas, em encontrar sementes que não conhecem germinando, de fazer mudas com sementes que ganham, de imaginar quais dessas novas plantas irão vingar. Nesse sentido, envolve ação e contemplação.

Atenta a tais pontos, destaco a seguir depoimentos de cuidadores e cuidadoras vinculados a projetos e iniciativas da sociedade civil e do poder público e/ou movimentos sociais dedicados à luta pela terra, moradia digna e promoção da agroecologia e da agricultura urbana e periurbana. A observação e criatividade marcam suas práticas cotidianas e moldam espaços onde também se relacionam de forma íntima com as plantas.

Em 2021, Alexandra Assis abriu uma horta na ocupação Paulo Freire, situada em Belo Horizonte, na região do Barreiro. A comunidade foi fundada pelo Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas (MLB) há quase 10 anos em um grande terreno abandonado, à espera de valorização, e conta com mais de 200 famílias[101]. Alexandra conta como a horta transformou sua vida e o espaço:

> "*Se não existisse agricultura ninguém vivia: ela é parte fundamental do mundo. Plantar é um dom que você nasce e depois é você trabalhar e ficar bom nele. Hoje não me vejo fazendo outra coisa, plantar é o que realmente gosto de fazer. Sou formada em administração, mas nunca exerci a profissão e hoje minha renda é a horta. A horta me deu vida, me deu saúde e me deu esperança. Não sei viver sem as plantas: são parte de mim. A ocupação Paulo Freire existe na região do Barreiro (BH) tem sete anos e nasceu da luta pela terra e pela moradia digna. Moro aqui desde o começo.*

[101] Ocupação Paulo Freire: exemplo de luta coletiva. Thales Viote, 25 de julho de 2020. Disponível em: ttps://averdade.org.br/2020/07/ocupacao-paulo-freire-exemplo-de-luta-coletiva/. Acesso em 14/11/2024.

Na minha laje comecei com plantas ornamentais e virou uma floresta. Tinha de tudo, até minha hortinha em vasos. Com a ajuda do meu marido começamos a vender algumas plantas repetidas na rua aos sábados, mas ficava com dó por não saber se a pessoa que comprou ia mesmo cuidar. O espaço onde fica a horta era para ser um parque para a comunidade, mas nunca mexeram e nunca conseguiram apoiador.

Abandonado acabou virando um bota fora: era só capim colonião e muito lixo, e isso começou a me incomodar. Da minha varanda via e falei: 'vou fazer uma horta ali'. Eu já não tinha mais espaço na minha casa para plantar e queria botar em prática o que sabia e o que eu estava aprendendo em cursos. Então conversei com o pessoal do movimento, que super apoiou a ideia. Em abril de 2021 pedi doação para os que tinha mais intimidade e meu marido que é pedreiro deu as madeiras para cercar. Primeiro fechamos para não entrar mais lixo, nem cachorro e nem nada. Um amigo veio na sua hora do almoço e passou um trator e então começamos a mexer, roçar, levantar os canteiros, peneirar a terra.

Embaixo onde estavam os coloniões a terra estava melhor, mas em cima era só lixo mesmo e pedra. Mas não existe terra ruim: se você joga com carinho, ela melhora. Na minha casa já tinha um minhocário e dele tirei muita terra. No começo eu e meu marido pegávamos sobras no sacolão e fomos enterrando aqui para ir decompondo e ajudar no processo. E teve também esterco de boi e cavalo que ganhamos, foi uma estercação rica mesmo. Em alguns lugares já tinha minhoca e tatuzinho e no fim a transformação da terra foi até muito rápida. (...)

Logo no começo da horta foram sacas e sacas de tomate grande e pequeno, e muito almeirão. Foi muita fartura. Muita gente achou que essa horta não ia dar em nada, mas hoje elogiam e compram, pegam doações. Muitos agora comem melhor. Sempre tem muito o que fazer na horta e tem algumas coisas que é preciso fazer a prestação, mas às vezes chego aqui e não quero fazer nada. Eu não tenho essa obrigação de ficar aqui todo dia me acabando para ganhar dinheiro. Eu não quero isso, eu quero sentar aqui e se eu não quiser plantar, eu não planto. Então a agroecologia é isso: é amor, é vida, é cuidado. E é contemplação: a contemplação é necessária (anexo II – livreto 2)

Figura 43: Horta na ocupação Paulo Freire, Belo Horizonte, 2022. Mais fotos estão disponíveis em: anexo II - livreto 2. Foto: Mariana Oliveira

Figura 44: Horta na ocupação Paulo Freire, Belo Horizonte, 2022. Foto: Mariana Oliveira

Em depoimento na série *Giro Agroecológico*[102], Alexandra destaca como:

> "*A horta tem sido um diferencial na comunidade e dentro do movimento. E é um divisor de águas em muitas vidas. Vidas que vêm aqui comprar, que vem aqui buscar um remédio para fazer chá, porque é coisa que a gente não*

[102] *Giro Agroecológico*, produzido pela REDE e parceiros (2023). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=21mQ2l-XhdQ&ab_channel=RededeInterc%C3%A2mbio. Acesso em: 03/10/2023.

> *encontra na cidade. Eu vejo a horta hoje como uma necessidade. É resgatar na cidade esse campo. Ter uma roça assim dentro da cidade, tão pertinho, é maravilhoso. Eu falo sempre para todos que precisamos plantar. (...). Não tem explicação a satisfação que é querer comer um tomate e ir à horta pegar. É lutar contra o sistema, eu não fui ao supermercado comprar*".

Na horta comunitária dos Borges, em Sabará, a relação íntima com as plantas é vivenciada há quase 20 anos. A horta está situada na margem direita do Rio das Velhas e a associação tem um acordo de uso da terra com o dono do terreno.

Neide Verteiro, coordenadora da horta, conta como plantar muda seu humor:

> "*Eu posso estar lá em casa chateada, mas venho para cá e esqueço da vida. Você saber que está colhendo e comer o que você está plantando é muito bom: produzir alimento é a melhor coisa, eu planto e me apaixono. Precisa fazer que mais pessoas se interessem"* (anexo II – livreto 3).

Outros agricultores e agricultoras da horta também experimentam tal intimidade. José Silva, por exemplo, relata prazer em plantar e se movimentar pelo espaço:

> "*Às vezes você sai de casa nervoso, mas chega aqui na horta e você brinca, acha uma pessoa: você vem para a horta e fica tranquilo. A pessoa suar é bom demais. E como que fico em casa parado? Está cheio de menino aqui para olhar eles, essa meninada plantada aí. Planta é igual menino, tem que cuidar, não dá para plantar e não cuidar. O que planto aqui na horta sei que posso levar e comer sem medo. E o que sobra, se aparecer uma pessoa interessada em comprar, eu vendo. Eu como uma coisa que eu sei que é garantida e ainda salvo um dinheirinho de vez em quando. Quando você planta uma muda, daqui a pouco você vê ela crescendo e isso dá uma alegria tremenda. Você vê uma couve verdinha lá no pé: 'isso está bonito'. A agricultura é praticamente uma arte: você pega e vai cuidando, tem uma arte para deixar aquilo no ponto. Tem que ir capinando com cuidado porque se você cortar um pé acabou, já era. É igual uma pessoa tentando fazer um boneco de madeira: ele vai cortando devagarzinho porque se errar o corte, estraga a peça. Precisa ser com capricho"* (anexo II – livreto 3).

Figura 45: Horta dos Borges, Sabará, 2022. Foto: Mariana Oliveira

Figura 46: Horta dos Borges, Sabará, 2022. Foto: Mariana Oliveira

Figura 47: Horta dos Borges, Sabará, 2022. Foto: Mariana Oliveira Mais fotos estão disponíveis em: anexo II - livreto 3.

José Souza, o seu Mamão, relata como a horta e o contato com as plantas o tocam:

> *"A gente chega aqui na horta e chega uma pessoa estranha, chega uma conhecida e aí a gente conversa e se distrai. Aqui faz caminhada, movimenta alguma coisa para cuidar do pé de planta e a gente mexendo é bom para gente também. As plantas gostam que mexa com elas, que conversa com elas" (*anexo II – livreto 3*).*

Para Francisco Pimenta a horta dá satisfação:

> "*Quando você planta e vai colher a primeira vez, a satisfação que dá. A horta é uma terapia para nós e é um colírio para os olhos. Aqui você não precisa de*

> *academia. E é uma arte mesmo, você vai moldando. Igual o pé de couve, você precisa ir tirando os brotinhos menores que vão nascendo para ela crescer. Uma sementinha de alface que coloco na bandeja vejo uma salada na mesa de alguém. É um prazer plantar"* (anexo II – livreto 3).

José Rocha destaca a dimensão artística presente no cuidado com as plantas: *"Mexer com planta é a mesma coisa que fazer uma moldura. Se você errar um pouquinho, você corta, você estraga. E aquela moldura que você estava fazendo, se você errar ela, você tem que fazer outra".* Neide Fernandes, um pouco antes de falecer, destacou a horta e o plantar em sua vida:

> "*Na minha casa não tem lugar para plantar... tem um terreiro bem pequeno com tudo cimentado. Não tem jeito de plantar nada, eu moro na beira da br. Estou aqui na horta tem muitos anos. Quando comecei ainda trabalhava fora, mas trabalhava era meio horário de faxineira. Depois que aposentei fiquei foi só aqui mesmo. Eu adoro mexer na horta, sinto de não aguentar pegar mais. Não consigo plantar mais muita coisa, mas quando tenho o que vender, vendo tudo, não fica nada. Eu já tenho os meus fregueses, é só levar que eles querem. Eu já fico com eles: 'daqui uns dias tem'. Eu não planto uma coisa só no canteiro não. Plantei alface, plantei salsinha, plantei mostarda, couve picadinha, tudo misturado. Quando planta a alface roxa também no meio fica um canteiro bonito, fica enfeitado. Essa couve picadinha mesmo com dois dias feita ela ainda fica verdinha, como se tivesse feito na hora. Esta alface aqui está com 15 dias, eu já vou logo começar outro canteiro para não ficar sem ela. Vou plantar também repolho, alho poró, cebolinha. Eu não planto muito, mas não fico sem plantar. Quando um canteiro completa 15 dias já quero plantar outro, que aí quando um está saindo, o outro está chegando"* (anexo II – livreto 3).

Enfatizo como a dedicação de aposentados e aposentadas nas hortas e quintais é significativa. Na horta dos Borges, por exemplo, são a grande maioria. Seu Geraldo, um dos agricultores, enfatiza que a horta é fundamental pois "*se a gente ficar quieto em casa vai morrer mais rápido, pegar na terra é bom*". Seu Bento conta que fica "*mais na horta do que em casa, na terra tem muito o que trabalhar. Sempre tem uma coisa para fazer e assim vamos levando, tem que chegar e fazer o que precisa. Cada coisa tem seu tempo de plantar, senão a verdura não sai".* A coordenadora da horta relata como o espaço tem sido ponto de apoio para acesso a políticas públicas e direitos. Como explica:

> "*Sempre estive na direção [da horta], às vezes como secretária, às vezes como presidente. Lembro dos mutirões que eram feitos para cuidar de tudo no começo, das festinhas, das dinâmicas que tinha com o pessoal do CRAS (Centro de Referência da Assistência Social). Hoje em dia ficaram na horta mais os idosos e vejo o prazer que eles sentem de estar aqui. Na convivência aprendi muito a ver a necessidade deles de trocar ideia e de pedir opinião. Se estão com problema, muitos vêm até mim para ver se consigo ajudar, que seja um tratamento médico, pedido de aposentadoria, um problema que está com o filho. A gente vira psicóloga, amiga, braço direito. Eles confiam para pedir ajuda e eu procuro o CRAS, que é um grande parceiro nosso aqui na horta. Então quando penso na importância da horta, penso muito neles, porque aqui tem um lugar para passar uma parte do tempo e assim vivem melhor e não ficam deprimidos. Eles estão ali plantando, colhendo, vendendo, conversando. Isso é muito importante para a comunidade e para a sociedade. Aqui na horta a gente tem uma vida saudável porque quem está aqui está fazendo o que gosta, plantando o que gosta. Eu me sinto feliz em fazer parte da horta e da vida deles, é uma parceria muito boa, graças a Deus. Temos que lutar para ter melhorias na horta e dar uma melhor qualidade de trabalho".*

Lúcia Rodrigues é agricultora na Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA) Ora-pro-nóbis, localizada na ocupação Tomás Balduíno, em Ribeirão das Neves. Fundada em 2014, a ocupação abriga mais de 250 famílias. Lúcia descreve como o trabalho com as plantas é totalmente diferente de outras atividades:

> "*Sou de Santa Maria do Suaçuí e nunca tinha mexido com horta, sempre trabalhei foi de empregada doméstica. Quando você trabalha assim você tem um horário para ir, para largar, para fazer. Era bom, era o que tinha para fazer na época. Horta é um trabalho totalmente diferente, você pegar numa enxada... Eu não tinha nada plantado onde eu morava no bairro Fortaleza, só tinha galinha. Nós tivemos aqui o pessoal do agroecologia na periferia que começou a fazer as hortas nos quintais. Eles conversaram comigo.*
> *A Tomás Balduíno fica em Ribeirão das Neves e já tem nove anos. Tem uns cinco anos que mexo com a horta embaixo da linha de transmissão. Começamos mexendo mais longe, aproximou delas foi depois. A horta do Paulinho tem sete anos, a do Felipe tem seis. Como tem a linha não pode ter plantas muito altas e a horta fez um bem danado para esse espaço que estava abandonado. Até um vizinho que no começo não gostou agora começou a plantar. A gente planta para vender para fora e também fazemos doação dentro da comunidade. Tem sido meses puxado lá dentro e o que*

> *alivia eu e mais dois agricultores são as hortas que a gente tem. As hortas nos dão confiança para continuar lutando e isso segura a ocupação.*
> *Esse espaço para mim foi mais do que uma terapia. Quando vêm os cursos, as visitas nas hortas, é muito gratificante. É uma coisa que não tem explicação e como ficar falando, só quem está ali mesmo e participa vê o quanto é bom. O pessoal vem buscar coisa na horta e muitos cimentaram o quintal. Vou e pergunto: 'por que cimentou seu quintal, seu quintal é imenso'. Infelizmente é assim... Fartura primeiramente é Deus, o apoio que a gente recebe, os conhecimentos que são trocados e assim vamos tendo farturas e farturas"* (anexo II – livreto 4).

Sobre a experiência de viver em uma ocupação, enfatiza:

> *"A ocupação mudou muita coisa na minha vida. Conhecimentos políticos, o relacionamento com as pessoas. Quando você mora em um bairro tradicional, você tem contato com seus vizinhos, mas não tanto quanto é na ocupação. Aqui, a gente se vê sempre, troca ideias com os vizinhos sobre as plantas, criação de galinhas, é uma troca de saberes que a gente vive"*[103].

Figura 48: Horta na ocupação Tomás Balduíno. Ribeirão das Neves, 2022. Foto: Cátia Oliveira

[103] Ocupação Tomás Balduíno, na Região Metropolitana de BH, luta contra ameaça de despejo. Wallace Oliveira. 27 de junho de 2019. Disponível em: https://www.brasildefatomg.com.br/2019/06/27/ocupacao-tomas-balduino-na-regiao-metropolitana-de-bh-luta-contra-ameaca-de-despejo. Acesso em 14/11/2024.

Figura 49: Horta na ocupação Tomás Balduíno, Ribeirão das Neves, 2022. Foto: Mariana Oliveira. Mais fotos estão disponíveis em: anexo II - livreto 4.

A horta do Petrovale está situada em Betim, na divisa de Ibirité, embaixo da linha de transmissão da refinaria da Petrobrás há quase três décadas, sendo Dona Sebastiana e Seu Luiz os agricultores mais antigos. Como destaca a bióloga Cleciana, filha de Seu Luiz:

> "*Conseguimos da refinaria um documento que garante usar a horta enquanto estiverem vivos: a horta é boa para eles pois cuidamos do espaço. Hoje atende 15 famílias e temos um acordo de convivência. Vendemos tanto na própria horta como fazemos entregas pelo bairro. Temos uma clientela local boa, pois tem muito tempo que estamos no mesmo lugar*" (anexo II – livreto 5).

No trecho abaixo, Seu Luiz conta como a sua história e a história da horta estão relacionadas:

> "*tem 28 anos que mexo aqui na horta. Isso aqui era um campo de cerrado, aí um tal Pedro Rosa, então presidente da associação, conversou com um pessoal da Petrobrás que autorizou de plantar e aí a gente foi plantando. Começou foi plantando milho, mandioca, batata, coisas assim que não precisava de água. Depois que veio a água aí já dava para ser horta: plantamos couve, alface e continua até hoje plantando. Já passamos por muita coisa, de ficar sem água, de perder tudo. (...)*
> *A dona Sebastiana também é bem antiga aqui e cuida com a sua família. Hoje a gente planta repolho, alface, fava, pimentão, milho, um pouquinho de*

> *feijão, um pouco de cada coisa: é meio bagunçado. Agora vieram aqui e deram um direito melhor para nós. Eles colocaram um piquete aumentando a horta e disseram que a gente podia plantar fruta e o que quisesse nesse novo espaço fora da linha de transmissão. Eu nasci em Ibirité e onde eu moro é Ibirité, mas do outro lado da rua já é Betim. Nasci ali onde hoje é o bairro Cascata e o lugar que a gente morava chamava fazenda Palmeira. Lá naquela época era uma casinha longe uma da outra e a estrada era os trilhos. Da minha família muita gente mora lá ainda no local onde minha mãe morou por muitos anos. O lugar onde hoje é a termoelétrica, a Ibiritermo, era uma mata e onde está a Petrobras era tudo fazenda. A lagoa nessa época era limpa, ia muita gente tomar banho, lavar roupa, pescar. Hoje tem o tratamento, mas mesmo assim é muito esgoto ainda. (...)*
> *Eu mexo todo dia e não é só aqui não. Eu tenho criação, tenho seis vacas, mais para leite mesmo. Todo dia passo o capim na máquina e levo, e daqui para lá dá quase um km"* (anexo II – livreto 5).

Sua relação com as plantas e com a agricultura vem desde criança:

> "*Minha vida quase toda foi mexendo com horta mesmo. Meu pai faleceu e a gente era bem novo quando foi ajudar a família. Desde menino que eu planto horta. Eu tinha um irmão que trabalhava com isso também e ele hoje está com 89 anos. Vou fazer 80 anos, se fosse ruim mexer com horta eu já tinha morrido. (...) Muita gente chega lá na minha horta e fala que está muito bonita. Eu falo: 'é porque eu cuido demais, está bonita porque eu cuido muito'. Eu sempre cubro com capim, vou mudando onde eu planto"* (anexo II – livreto 5).

Cleciana acompanha seu pai na horta desde criança. Ela conta do apreço e do capricho que nutrem pelo espaço, situado próximo de onde residem:

> "*Meu pai adora quando falam que a horta está bonita. Nesses 28 anos já teve muita coisa que a gente não achou que ia dar, mas deu bem. E coisa que a gente achava que ia muito bem, não foi muito bem. Couve-flor mesmo, é difícil de dar lá. O pai tenta, mas a flor mesmo não forma direito, mas consumimos as folhas, está ótimo. Já o café, um pé bem pequeno, produz demais. Lá tem quiabo de metro, o pai até faz uma guia porque ele dá em rama, como o chuchu. Tem que ir vendo bem na prática o que dá certo e o que precisa. (...)*
> *Aqui aparece gavião, anu branco. Os teiús fazem ninho sempre perto das bananeiras, sempre voltam para reproduzir. A gente que invade o espaço deles. Tinha um lugar lá ao lado da horta que era um lixão. Em parceria com*

a CDM (Cooperação para o Desenvolvimento e Morada Humana [104]), *em 2022 conseguimos solicitar que a prefeitura limpasse o lugar, aí organizamos uma ação para plantio de árvores. Plantamos ipê, quaresmeira, pitanga. Lá é só eucalipto e tem muitos animais. É triste, os micos atravessam por cima dos fios e vão comer na minha casa. Corriam todo esse risco para comer abacate, porque não tinha outro alimento. Ia na casa do vizinho comer manga. Então se lá começar a ter fonte de alimento eles não vão precisar passar por isso. Vamos plantar mais para o outro lado, em direção aos eucaliptos. Precisa plantar outros tipos de árvores*" (anexo II – livreto 5).

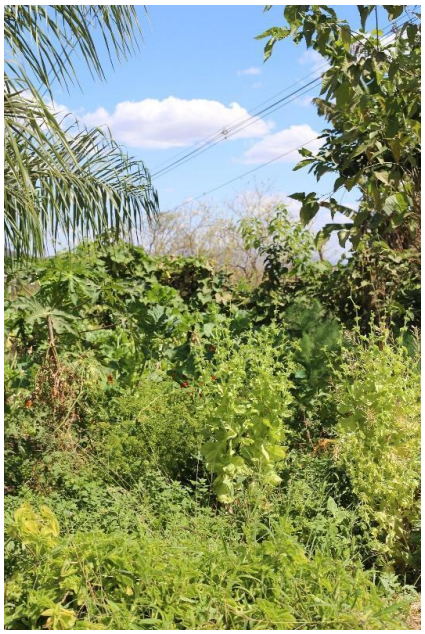


Figura 50: Horta do Petrovale, Betim, 2022. Foto: Mariana Oliveira

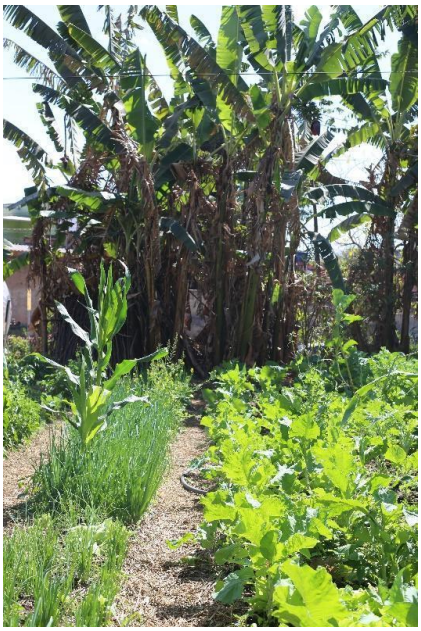


Figura 51: Horta do Petrovale, Betim, 2022. Foto: Mariana Oliveira

[104] A CDM tem prestado assistência à horta do Petrovale em convênio com a Petrobrás nos últimos dois anos.

Figura 52: Horta do Petrovale, Betim, 2022. Foto: Mariana Oliveira. Mais fotos estão disponíveis em: anexo II - livreto 5.

No bairro Ribeiro de Abreu, em Belo Horizonte, Dona Vera cuida do seu quintal há décadas. Como conta, nunca deixou de plantar (anexo II – livreto 6):

> "*Moro em Belo Horizonte tem 35 anos, mas sou de Coronel Murta, no Vale do Jequitinhonha. Lá minha mãe trabalhava na roça e meu pai em lavra. Eu ia na roça com a minha mãe desde pequena: ficava embaixo do pé de mandioca olhando minha irmã enquanto ela ia plantando. Lá não tinha hortaliça, agora que o pessoal está aprendendo a plantar. Plantava e comia era mandioca, milho, feijão, arroz, mamão verde cortadinho, abóbora, quiabo.*
> *Então desde pequena que mexo com horta, não vivo sem a terra não. Quando eu cheguei aqui em Belo Horizonte em 1979 eu fui morar em um barracãozinho e eu fiquei perdida com isso. Não tinha uma cebolinha, não tinha nada. Fui trabalhar com uma menina e perguntei a ela: 'onde eu consigo uma mudinha de cebolinha?'. Aí ela: 'ah, eu vou trazer para você', ela era de Sabará. Ela trouxe e eu plantei em uma bacia, e plantei também salsa e um pé de couve. Ganhava uma muda e ia plantando. Eu morava em um cômodo só, não tinha lugar, então plantava tudo em vaso.*
> *Em 1983 eu comprei aqui no Ribeiro de Abreu. Foi um sacrifício, mas meu pai aceitou e compramos. Eu vim primeiro, construí três cômodos e aí trouxe meus pais. Quando mudei o ônibus nem vinha aqui, era só lá embaixo na br. A luz era emprestada de uma casa lá de cima. Aqui tinha muito mato e córrego próximo, e era tudo caminhos, não tinha rua. Foi ter rua foi quando o Patrus ganhou como prefeito e aí veio o orçamento participativo. Ficamos sempre lutando e cobrando, tudo eu participava.*
> *Quando minha mãe chegou, a primeira coisa que fez aqui foi plantar, ela gostava. Ela já chegou e falou: 'vou fazer uma horta'. Aqui nem tinha água,*

> *mas ela ia guardando a mais limpa de quando lava a roupa para molhar o quintal. A primeira coisa que plantou foi mandioca, que era o costume da gente lá, e também feijão guandu, milho e arroz, tudo de lá: era o que tinha para plantar. Aqui era um brejo e colhemos quase uma saca de arroz. Minha mãe também começou a criar galinhas porque a gente tinha lá na roça. Até porco já criamos aqui, agora nem pode mais. Lourdinha minha vizinha tinha vaca: a gente comprava leite era na mão dela. Minha mãe e meu pai faleceram, e eu continuei plantando. Eu nunca parei de plantar, eu toda vida plantei. Fico feliz demais com as plantas, nem gosto de ficar muito tempo fora de casa: fico ligando para saber se molhou e se deu comida às galinhas. É muito importante a planta porque ela dá sombra, dá vida, dá alimentação. Eu não sei viver sem mexer na terra. Eu sempre converso com as plantas, converso com todo mundo: 'olha como está bonita, Deus abençoa, fica bonita'. Peço para vingar e ficar sadia. Precisa pedir a Deus para nascer bem, não é a gente. Quando estou pegando, pego só um pouco e agradeço, 'obrigada'. Quando está cheia de pulgão eu cuido e peço para ficar boa. (...) A agricultura é um pouco de tudo: é terapia, é arte, é vida. Você plantando você sente que está bem: plantar é tudo na vida da gente. É uma alegria você amanhecer e ver que tem uma planta bonita, saiu um tomatinho, ver a flor bonita da vinagreira, ver o alecrim crescer... Tudo isso é uma vida".*

Seu quintal é refúgio e complemento à aposentadoria. Além do que produz, como participa regularmente de feiras, leva o que seus vizinhos têm de excedente: "*aqui todo mundo tem um quintal, então quando tem um ovo, alguma coisa que tem, eu levo para a feira. Cada um faz uma coisa, aí vamos inteirando*".

Figura 53: Quintal da Dona Vera, Belo Horizonte, 2022. Foto: Mariana Oliveira. Mais fotos estão disponíveis em: anexo II - livreto 6.

Figura 54: Quintal da Dona Vera, Belo Horizonte, 2022. Foto: Mariana Oliveira

Figura 55: Quintal da Dona Vera, Belo Horizonte, 2022. Foto: Mariana Oliveira

Na comunidade Vitória, situada na região do Izidora, em Belo Horizonte, Seu Adão (2023) cuida de seu quintal e de uma horta. A ocupação, como relata, começou em 2013. Os espaços que cuida, como destaca, são especiais:

> "*toda vida mexi com horta. Sou lá do Norte de Minas, de Coração de Jesus, um lugar muito seco. Sempre a gente mexia, só que lá mexia era com produto químico. Também já trabalhei em transportadora, em fábrica de esmalte de*

unhas, já trabalhei de vaqueiro. Vim pra Belo Horizonte em 1993 porque minha mãe morava aqui. Vim e fiquei, eu não conhecia minha mãe.
Depois que mudei pra cá fui para o bairro São Benedito e lá a gente pagava aluguel. Minha esposa arrumou uma bacia de plástico e começou plantando uma cebolinha. Quando surgiu esta ocupação aqui em 2013, viemos. Não tinha rua, não tinha nada, mas só via mais gente chegando e aumentando. Em 2014 apareceu a Agroecologia na Periferia por aqui. Hoje em dia estamos mais é doando direto para cozinha comunitária que abriu em julho de 2022. Eu acho bonito pegar um pé de alface e mandar para lá porque eu sei que aquilo dali não vai ser só para uma pessoa: elas vão saber de onde veio, que foi bem cuidada. Antes aqui na comunidade pegava muita doação de cesta básica, mas agora diminuiu demais, então o que vem de doação de fora vai direto para a cozinha. Minha esposa ajuda na produção de marmitas e cada dia tem uma turma para fazer a comida para uma variedade de gente que vai pegar.
Esse espaço da horta é de muita importância, é muito tranquilo e eu ocupo muito a minha cabeça com o plantar. Para minha esposa ficar mexendo aqui também foi ótimo. Tenho muito prazer e muita alegria em estar mexendo com a terra" (anexo II – livreto 7).

Figura 56: Horta na comunidade Vitória, Belo Horizonte, 2022. Foto: Mariana Oliveira. Mais fotos estão disponíveis em: anexo II - livreto 7

Figura 57: Horta na comunidade Vitória, Belo Horizonte, 2022. Foto: Mariana Oliveira

Figura 58: Horta na comunidade Vitória, Belo Horizonte, 2022. Foto: Mariana Oliveira

Como os depoimentos indicam, se relacionar de forma íntima com as plantas transforma vidas e produz diferentes texturas, cores, formas e sabores. Ainda que a lida com os espaços seja cansativa, o cuidado cotidiano com os espaços pode trazer prazer e satisfação. Cada espaço tem algo que emociona seus cuidadores e cuidadoras, refletindo os cuidados despendidos, as características do terreno, os conhecimentos envolvidos e o tempo disponível. Assim, para além da dimensão produtiva (alimentação e geração de renda), são espaços de interação, negociações e lazer. E é onde se movimentam e desenham a paisagem a partir de transformações cotidianas feitas na terra para que o espaço prospere, fique bonito e tenha fartura.

.

***

O cuidado com a terra e com as plantas demanda esforço, observação e criatividade. Para os cuidadores e cuidadoras aqui em destaque, o convívio com as plantas começou ainda criança ao acompanhar os ritmos e atividades de produção e reprodução nos quintais, hortas e roças tanto nos arredores das cidades como nas áreas rurais, práticas que em alguma medida procuram perpetuar e reconstruir em seus pequenos espaços no presente. Há, também, os que se encantaram e foram se relacionar com as plantas mais tarde.

Ainda que tratados em conjunto, vale destacar que quintais e hortas situados nas periferias das cidades apresentam especificidades. Os quintais são espaços privados, próximos à moradia que podem ou não conter uma pequena horta. De modo geral, recebem menos apoio institucional. As hortas, quando comunitárias, seguem regras locais de organização e na maioria das vezes apresentam canteiros individuais ou familiares e áreas comuns. O que é coletivo, relativo à manutenção do espaço, muitas vezes é feito em mutirão.

As hortas e quintais aqui em destaque são cercados e contém estruturas com sombrite ou sombreamento para berçário de mudas. Em locais com maior apoio institucional há ainda áreas protegidas para hortaliças folhosas. O apoio técnico junto às iniciativas é realizado pela SUSAN/PBH, REDE, Emater, Projeto Manuelzão, Grupo AUÊ/UFMG e/ou CDM com base na promoção da agricultura urbana e periurbana de base agroecológica. Para a maioria, a produção está voltada ao autoconsumo e a doações; a renda obtida é apenas complementar. Para outros, no entanto, trata-se da única renda disponível.

A passagem das estações implica em mudanças nas chuvas e temperaturas que precisam ser levadas em consideração pelos cuidadores e cuidadoras. A época da seca, que começa geralmente em abril, é acompanhada de temperaturas mais baixas, contexto em que as plantas se desenvolvem mais devagar. A partir de agosto, quando a temperatura aumenta e a secura está demais, a chuva é aguardada e comemorada: "*a chuva tem magia! Quando chove, encharca a terra. Água com cloro na planta não presta, as plantas não toleram. Com irrigação você molha, molha e molha e quando você cava por baixo está seco. Já a chuva penetra em tudo. Quando chove é uma fartura*".

Em dezembro e janeiro, quando chove em excesso, os cuidadores e cuidadoras ficam em alerta. As chuvas de granizo também causam preocupação e são recorrentes os relatos de perda de produção; regiões próximas a rios e cursos hídricos sofrem ainda com enchentes. Assim, a fartura demanda equilíbrio sutil para acontecer: "*Quando o tempo está quente demais as plantas começam a murchar. Quando está chovendo demais, elas não gostam de muita água também*".

Em cada época, a fartura que a terra dá é consumida, doada e, nos casos aqui em destaque, escoada em feiras, entrega de cestas, grupo de compras, vendas no próprio local e outras estratégias de comercialização, como a CSA. As CSA são iniciativas que permitem renda mensal aos produtores e acesso a alimentos frescos pelos consumidores. Lúcia, por exemplo, participa da CSA Ora-pro-nóbis junto a outras famílias da ocupação Tomás Balduíno. Juntas, realizam entregas quinzenais de cestas em Belo Horizonte e Contagem, o

que “*é bom para escoar a produção, ter uma estabilidade”.* Os participantes da CSA recebem cestas “*com o que tem na horta*: *é sempre uma cesta diversificada com coisas de época e que quem recebe não está acostumado a comer”.*

A fartura de cada época, quando beneficiada, pode oferecer maior incremento à alimentação e à renda. Produzidas principalmente pelas mulheres, incluem compotas, doces, antepastos, geleias, temperos, sabonetes de plantas medicinais, cosméticos, entre outros. Além do que produzem, a partir de vínculos duradouros com áreas rurais e periurbanas, acessam alimentos que também compõem receitas e vendas, como o umbigo de banana usado em antepastos e recheios.

Atenção, dedicação e paciência são fundamentais para que os plantios prosperem. O trabalho, como relatam, “*nunca acaba, é como serviço de casa*”: há sempre algo que ainda querem mudar, uma tarefa que ficou para ser feita depois que o sol esfriar, outras mais pesadas que precisam de alguém para ajudar. Como destaca Seu Adão (2022), “*tem dia que não faço nada, mas horta tem serviço toda hora que você olhar. Fico o dia inteiro aqui. Tem dia que pego cedo, mexo o dia inteiro, sobra para o outro dia e não termina ainda*”. Como em outros contextos, o orgulho do trabalho de transformação é evidente.
Mutirões são organizados pelas famílias, grupos, comunidades e coletivos, com apoio ou não da sociedade civil e do poder público, quando precisam promover transformações maiores nos espaços. Abertos ou restritos aos organizadores, têm sido chamados para a limpeza de novas áreas, renovação de canteiros, plantio de árvores nativas e frutíferas, construções de estruturas de apoio, entre outros. Para os participantes externos, as motivações incluem: se movimentar, encontrar ou fazer amigos, aprender, “*lembrar da roça*”, deixar a “*cidade mais bonita*”, “*plantar frutas para as crianças*”. Muitas vezes a presença está vinculada ao desejo de plantar e estar em contato com a terra, de querer participar de algo que parece relevante e que chega mesmo a ter certa dimensão de caridade e voluntarismo. Trata-se, ainda, de uma visita que permite experimentar uma realidade e conhecer novas paisagens[105]. Enquanto aos participantes externos é um vínculo efêmero, para quem o propôs é um compromisso e responsabilidade com sentido próximo aos mutirões que acontecem em comunidades rurais.

Parte do cuidado cotidiano inclui atenção às características dos lugares como luminosidade, inclinação do terreno, tipos de solo, disponibilidade de água. A rotina de cuidados, de modo geral, envolve observar com atenção: “*a minha análise é no olho para saber o que está*

[105] Alexandre Amaral, Gustavo Toffoli e Elvira Peruhype (2022) têm avaliado o potencial turístico de hortas e quintais da RMBH.

precisando e o que não está". O trabalho inclui: levantar, limpar e cobrir canteiros; germinar, semear, fazer mudas; molhar, capinar, adubar; controle de pragas, podas, entre outras. São trabalhos que combinam diferentes intensidades e procuram se adaptar ao que é possível em termos de tempo e força. As podas, por exemplo, abrem caminho para que a luz entre com mais intensidade; galhos e folhas colocados em contato com a terra aumentam a disponibilidade de matéria orgânica e reduzem a necessidade de irrigação. Em locais acidentados, comuns na RMBH, há ainda preocupação com a estruturação do solo em curvas ou leiras de matéria orgânica para reter água e nutrientes.

De modo geral, o plantio é realizado diretamente na terra, mas plantas frágeis como ervas, temperos e ornamentais são plantadas em vasos ou em outros recipientes reaproveitados para que "*vinguem*". É comum que espécies com ciclos diferentes sejam plantadas "*misturadas*". Como destaca Seu Luiz:

> "*tem muita planta que a gente pode fazer assim: se eu vou plantar uma couve, eu já vou e planto alface no meio, pode plantar um coentro... porque alface é uma planta que sai rápido. Eu plantei lá brócolis, couve-flor e repolho, aí fui e plantei alface e almeirão tudo no meio. A alface já deu foi muita. Tirando a alface eu vou adubar o repolho e cobrir. Dá para ir fazendo assim. Eu planto milho, aí na cova dele eu já planto feijão. O milho vai demorar, mas o feijão com uns três meses já dá para colher. (...)*
> *Mexer com a terra dá trabalho, mas é bom. Já teve época que usava agrotóxico aqui: a gente não sabia que fazia mal. Hoje sabemos que aplicando inseticida a produção pode diminuir porque as abelhas e outros bichos que fazem a polinização das flores vão morrendo, então essa área depois vai produzir menos. Tem gente que vê um sapo na lavoura e mata ele: não pode matar! O sapo come uma quantidade de insetos que pelo amor de Deus, como que mata! Calango também. Eles vão ajudando. Deixo milho para as maritacas e gralhas comerem. Também tem sorgo que planto para os passarinhos*" (anexo II – livreto 5).

Seu Adão relata cuidado parecido:

> *"O mamão sempre deixo amadurecer para os passarinhos: é a gente que está ocupando o lugar dos bichos, não são eles que estão ocupando nosso espaço. Se eles estão comendo é porque estão com fome. Essa semente que eles comem aqui depois eles espalham e vai e nasce um pé de mamão em um outro quintal. Pulgão e lagarta sempre têm na horta, isso só combate com produto químico, mas o que a gente faz aqui é convivência com eles. Não*

> *quero mais jogar produto químico para não atrapalhar as abelhas, borboletas, joaninhas"* (anexo II – livreto 7).

A observação atenta às interações locais e às características das espécies e variedades procura manter o máximo de vidas em colaboração. Para tanto, combinam locais com diferentes intensidades de cuidados com atenção às questões locais para que seus espaços fiquem bonitos e produzam com fartura.

Nos quintais e hortas visitadas as estratégias de diversificação produtiva, adubação e construção do solo são levadas muito a sério. Os principais cuidados incluem: guardar e trocar sementes; revezar os plantios; afofar a terra; plantar *"misturado*"; adubar com esterco de boi, cavalo e/ou galinha (sendo o de boi o mais apreciado); cobertura de solo com folhas secas, capim, grama ou poda picada ou triturada. A compostagem de matéria orgânica direta na terra e em canteiros também é empregada, assim como a compostagem em minhocário para acelerar o processo e usar húmus das minhocas e chorume como biofertilizante. Em alguns locais usa-se ainda melado fermentado, biofertilizante de banana, repelente de mamona e outras receitas preparadas localmente para colaborar com os plantios.

De modo geral, os cuidadores e cuidadoras aqui em destaque são receptivos, atentos e experimentadores quando o assunto é cuidar das plantas e da terra. Um exemplo recente é a captura local e uso de microrganismos construtores e decompositores, os EM (*efficient microoganisms*), que tem sido propagada a partir de oficinas que participam, assessorias técnicas que recebem e trocas entre agricultores. Vale ressaltar que a utilização dos EM na agricultura tem aumentado nos últimos anos para auxiliar no crescimento das plantas e no controle biológico de pragas e doenças. Trata-se de uma técnica que pode ser feita em pequena e larga escala e que pode, potencialmente, substituir insumos químicos, o que traz efeitos positivos à sustentabilidade dos sistemas agrícolas (Avila *at. al.* 2021).

Seu Badu (2022) conta que aprendeu a trabalhar com o EM a partir de um curso da UFV. Sua terra no Matição, como diz, "*é um cerrado cheio de pedra. Eu agradeço a Deus muito por ter me dado esse pedaço de terra; eu cultivei foi de tudo. Foi alface, tomate, tudo que eu planto lá dá, graças a Deus".* Para pegar microrganismos na mata próxima, usa arroz vermelho bem cozido em uma telha enterrada. Quando colhe o EM, descarta os decompositores na mata e separa os construtores para fazer crescer com rapadura, açúcar mascavo ou garapa. Uma vez multiplicados, são diluídos e voltam à terra para construir o solo. O EM é referido por ele como uma maneira de:

> "*recuperar a nossa mãe Terra, a força da terra. O adubo faz a terra produzir muito, mas ela cansa e daqui a pouco precisa abandonar o local. A terra fica cheia de imundície, de praga. A terra enfraquece. E o EM não, cada ano que você usa, a terra fica mais forte. Se você usar o EM três anos na terra pode ficar um ano sem usar, não precisa colocar adubo nenhum, a terra está recuperada. Tem pessoa que queima a terra, a roupa da terra. Muita gente pega a matéria orgânica e vai queimando. Não pode ficar queimando a terra não, estamos queimando é nossa mãe. A terra é nossa mãe e não gosta de ficar descoberta*"[106].

Seu Luiz e sua filha Cleciana, a partir do que tem aprendido e experimentado na horta do Petrovale, ministraram uma oficina voltada aos cuidados com a terra na UEMG-Ibirité em 2022. O EM que fazem foi adaptado para ter menor custo e sua captura é feita com arroz branco bem cozido em uma garrafa PET enterrada. Como indicam, é bom que a captura não seja feita em local muito afastado de onde será usado para potencializar o que já existe no solo. O EM construtor diluído e um derivado dos EM decompositores, um bokashi sólido[107], são empregados localmente para adubação e para melhorar a saúde das plantas. Cleciana destaca que o EM é uma alternativa aos insumos químicos:

> "*o apoio à horta sempre foi por projetos. O primeiro que teve eles passavam maquinário, davam sementes, faziam adubação química. Agora estamos em transição agroecológica com o apoio da CDM e depois queremos certificação orgânica. Uma alface com adubo químico com 15 dias você colhe. Quando a produção é em larga escala eles priorizam muito essa questão de tempo, mas estamos falando aqui é de ter qualidade e saúde. De tudo, se você for olhar bem, o agrotóxico é pior do que a adubação química, porque ainda que a adubação química não seja a ideal - o que a gente sabe que não é, você joga um composto de coisas já presentes no ambiente mesmo. O agrotóxico é muito mais problemático porque você está colocando um pesticida em um alimento que vai ser consumido. Além de matar os insetos, contamina as pessoas também"* (anexo II – livreto 5).

[106] Notas da roda de conversa: *A sobrevivência das sementes*, com Joelson Ferreira (BA), Maria Muniz Andrade Ribeiro (BA), Japira Pataxó (BA), Valdemar Xakriabá (MG) e Seu Badu (MG), realizada no âmbito da *Universidade aberta aos saberes dos povos indígenas e afro-brasileiros*, organizado pelo Saberes Tradicionais da UFMG no dia 18/10/2022, em Belo Horizonte.

[107] Para maiores informações sobre a produção de Bokashi, consultar: https://www.embrapa.br/busca-de-solucoes-tecnologicas/-/produto-servico/805/fabricacao-de-composto-anaerobico-de-farelos-bokashi-solido. Acesso em: 03/11/2023.

Locais com presença regular em feiras e outros circuitos de comercialização demandam maquinário como roçadeira, tratorite e triturador, além de cisternas, irrigação e sistemas para captação da água da chuva para reduzir o esforço e viver melhor. Tais demandas vão ao encontro ao que tem sido reiterado pelo mestre Joelson (Ferreira 2021) e pelo líder do Movimento Sem Terra (MST), João Stédile (2023a, 2023b): em um contexto em que a transição agroecológica em diferentes escalas tem sido inflada como alternativa ao agronegócio monocultor, o acesso ao maquinário e tecnologias sustentáveis pode ampliar a recuperação de áreas degradadas, a renda com a agricultura, aumentar o envolvimento dos familiares nas atividades e melhorar as condições de trabalho. A ampliação da produção, por sua vez, requer apoio logístico para ser escoada e beneficiada, o que coloca iniciativas locais e regionais, como a associação Horizontes Agroecológicos e a CAFA, mencionadas anteriormente, em destaque.

A preocupação com o manejo da matéria orgânica está presente em todos os espaços aqui destacados. Trata-se de uma atividade sempre reforçada pela agroecologia e que, na verdade, compõe um modo de perceber e cuidar do mundo que é muito mais antigo. Como diz Tantinha, "*a natureza não produz lixo, ela transforma tudo, ela usa tudo. A gente é quem produz lixo e joga nela*". Há sempre maneiras de aproveitar a matéria orgânica. Em sentido próximo, Antônio Bispo (2023:28) relata que sua avó e mestra "*ensinava que aquilo de que a gente não precisa, mas sabe que apodrece, deve ser jogado no quintal. E aquilo que não é mais necessário, mas não apodrece, a gente guarda até o dia que for necessário. Dessa forma, nada ia para o lixo, não conhecíamos a palavra lixo*".

Além da compostagem realizada nos quintais e nas hortas, vale ressaltar que iniciativas que recolhem resíduos orgânicos para compostagem têm crescido em Belo Horizonte. O Roots Ativa, por exemplo, é uma comunidade rastafari que gere um espaço no Aglomerado da Serra e o Núcleo Lixo Zero, no bairro Santa Tereza[108]. Juntos trabalham com alimentação natural, tecnologias de saneamento, manejo de resíduos, produção de mudas e farmacinha.

O costume de guardar e reutilizar todo e qualquer recipiente está em contraste com o descarte e desperdício que marca nosso tempo. Em muitas casas tal hábito se mantém para guardar restos, repartir comidas especiais com a rede de relacionamento próxima e, em alguns casos, também para multiplicar e doar plantas, principalmente em garrafas PET e embalagens *tetrapak*.

[108] Giro Agroecológico, REDE, 2023. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=QzFNUYjXy-g&ab_channel=RededeInterc%C3%A2mbio. Acesso em: 03/11/2023.

Em contexto urbano, onde o espaço disponível para o plantio é escasso, a renda gerada pela agricultura é mais limitada do que em contexto periurbano. Mesmo assim, ainda pode trazer aportes diretos e indiretos que impactam positivamente a alimentação e a saúde da família e de suas redes de relacionamentos. Ao mesmo tempo em que tais práticas se inserem em algum grau ao mercado, seguem atentas aos princípios da reciprocidade, da redistribuição, da domesticidade e do cuidado com a terra.

Assim, cada espaço manejado revela um pouco de seus mundos, preferências e destrezas. Por mais que grandes cidades sejam abastecidas pela produção agrícola rural e periurbana, pequenos espaços persistem como atividades especiais que permitem acessar chás, temperos, frutas e hortaliças que prezam e promover em algum grau a "*vida na roça*", tida como uma "*boa vida".*

***

Quando conheci Dona Sebastiana, da horta do Petrovale, estava bem frio e mesmo com 90 anos o que escolheu fazer no mutirão organizado foi capinar "*para esquentar*". Por sugestão do técnico da CDM, uma nova área de experimentação seria aberta e, depois, abrigaria o viveiro. À medida que a área era roçada, leiras eram montadas para segurar a água no declive. Com muitas enxadas e clima festivo, logo a área foi aberta e foi então que Dona Sebastiana, entusiasmada, disse: "a *verdadeira religião é o mutirão*" (2022). Era assim quando menina e continua sendo.

Para Dona Catarina os mutirões, doações e festas produzem um senso de comunidade que se opõe ao jeito egoísta de existir que a cidade perpetua como valor. Como dizia:

> *"O ano inteiro tinha festa. Em maio, mês de Maria; junho e julho, mês de São João. E depois São Pedro, em janeiro São José. Tudo era comemorado e tudo era doado. Meu pai era quem fazia os leilões das festas e das quermesses. Leiloava-se o que o povo da rua doava. Eu fui secretária dessa comunidade de base e deixei de ser em uma quinta-feira para casar no sábado. Fui embora com o coração batendo forte, mas com esperança. Isso me traz muitas memórias, muitas coisas boas, muitas lembranças, me lembro até do cheiro desses momentos. Na festa de São João, o cheiro de torrar o amendoim da canjica, de fazer o biscoito, de acender o forno e varrer. Tudo isso me traz ainda muita saudade, muita lembrança. E eu me lembro tanto dessa doação com tanta presença. (...).*

> *Me lembro dos hinos cantados antes da entrega do pão de Cristo, pois a gente entregava cantando. A gente ficava alegre cantando e sempre ficava um pouco de perfume nas mãos porque eram oferecidas também rosas. Nossas mãos sabem ser generosas e essa coisa bate forte tem hora e bate uma saudade porque já não existe mais, infelizmente. Ainda assim era sofrido, era doído, porque tinha o trabalho pesado do dia a dia, as coisas que tinha dentro de casa para fazer. Eu me lembro das dificuldades também, que eram grandes. Me lembro da divisão das coisas para ninguém ficar sem (...). É capaz de passarmos por toda essa bagunça que estamos vivendo agora [pandemia Covid-19] e ainda sairmos disso mais egoístas. Ninguém se doa, ninguém tem tempo para ninguém. Hoje a gente não conhece nem os vizinhos que têm. Tenho grandes lembranças dos meus vizinhos e dos vizinhos dos meus pais lá em João Monlevade porque a gente é assim, foi assim. Quando os pais já tinham batizado um de lá, era um dos filhos mais velhos quem batizava e é assim que eu fico imaginando hoje. A gente não pode voltar atrás e nem ficar parado, mas se a gente se amasse mais, se a gente tivesse mais respeito uns pelos outros... Isso tudo me deixa pensativa porque se a gente não mudar esse nosso jeito egoísta de ser, a gente vai se destruir"* (Souza *et. al.* 2023:213-2015).

Como observa Gomes (2009:102), é comum que os pequenos espaços cultivados nas periferias sejam atravessados por uma "*ética da cura*", na qual as plantas que são remédio são sempre doadas a quem precisa como um

> "*um serviço público que pode satisfazer a todos; um bem, uma virtude de uso comum. A comunidade promove a troca, o encontro da saúde, no qual não há espaço para a mercadoria. Planta-se individualmente, colhe-se coletivamente: solidariedade, cooperação e a magia da generosidade".*

É notável como os quintais e hortas aqui em destaque perpetuam um modo de existir que valoriza elementos associados à 'campesinidade'. Vale enfatizar que a ética camponesa, como indica Klass Woortmann (1990:11), está disposta em diferentes graus, valoriza cuidados mútuos e vincula terra, família, trabalho e liberdade. Tais noções, por sua vez, ao mobilizar a reciprocidade, se pautam pela negação do espírito do lucro e pela generosidade que rege relações entre famílias, vizinhos e amigos (Woortmann 1990; Woortmann 1995). Ao mesmo tempo, a família nuclear exerce importante papel na manutenção e cultivo da terra, com relativa autonomia para definir a organização do trabalho e suas estratégias de reprodução.

Em contexto rural, a comunidade tem um espaço definido que reúne unidades familiares, aparentadas ou não, que colaboram umas com as outras com compromisso e responsabilidade. Mesmo com uma comunidade bem definida para participar, o vínculo comunitário não está dado de partida e demanda trabalho de cuidado para ser nutrido, o que envolve participar de reuniões, de mutirões, zelar pelos espaços, ajudar quem precisa, trocar trabalhos. Quem não participa dessas atividades é, em alguma medida, estigmatizado, embora as pessoas também sejam compreensivas.

Razoabilidade

Como enfatiza Graeber (2015:134), a "*razoabilidade implica uma capacidade muito mais sofisticada de alcançar um equilíbrio entre diferentes perspectivas, valores e imperativos, nenhum dos quais, em geral, poderia ser reduzido a fórmulas matemáticas*". Mesmo com conflitos, as comunidades nos mostram como as pessoas podem "*vencer o ódio em nome do bem comum*" (Graeber 2015:147). Assim, a noção de igualdade a ser colocada como horizonte é a que garante "*acesso igual aos recursos necessários à busca de uma variedade infinita de valores. E a democracia, nesse caso, seria simplesmente nossa capacidade de nos reunir, como seres humanos razoáveis que somos, e tentar resolver os problemas comuns decorrentes - sempre haverá problemas*" (Graeber 2015:195).

A comunidade, nesse sentido, demanda trabalho e produção constante de interdependências entre as famílias que, obrigadas umas às outras, estão melhor posicionadas a tomar decisões razoáveis, o que precisamos com urgência disseminar (*cf.* Stengers 2021; Graeber 2015).

Para Ingold (2019:31), a comunidade é o espaço onde as pessoas vivem e doam juntas. Como destaca: "*Pertencemos a comunidades porque cada um de nós, sendo diferente, tem algo a oferecer. Assim, a identidade em comunidade é fundamentalmente relacional: quem somos é um índice de onde nos encontramos, em um dado momento, no toma lá dá cá da vida coletiva".* O estado moderno, no entanto, não percebe a identidade como pertencimento "*aos outros, à comunidade ou ao lugar*", e sim como um atributo individual que requer "*igualdade nas obrigações e direitos*". Em crítica, Ingold (2019:32) pergunta:

> "*quem são essas pessoas, ao mesmo tempo moralmente obrigadas a ninguém, habitantes de nenhum lugar e comprometidas com a universalidade em pensamento e expressão? Eles são, naturalmente, os representantes arquetípicos da Modernidade, os cidadãos do que chamamos de 'Ocidente'*".

Em contexto distante, Christina Toren (2010), em trabalho sobre as expectativas futuras das crianças fijianas, enfatiza como percebem a dinâmica das obrigações com suas famílias e

com a coletividade, que são colocadas à medida que crescem. Como em outros contextos rurais, suas expectativas futuras tanto se vinculam à vida na comunidade e aos valores atribuídos à ajuda mútua como às transformações pautadas pelo dinheiro, mudanças históricas mais recentes. Nesse sentido, crescer e se fazer parte de uma comunidade demanda tempo e dedicação.

Jerá Guarani (2022:11), moradora da terra indígena Tenondé Porã, no extremo sul de São Paulo, desistiu de ser professora para se tornar agricultora. Para ela plantar é uma forma de ter o que compartilhar: "*hoje eu consigo tempo para plantar, para continuar plantando, continuar compartilhando, para dividir até com os agricultores orgânicos juruá da região de Parelheiros, a fim de divulgar a cultura, a importância da terra indígena na região*". Plantar e cuidar compõem o cotidiano:

> "*agora temos todas essas aldeias novas, onde as pessoas acordam, tomam café e depois têm o que fazer: têm as roças para cuidar, têm as bananeiras para cuidar, têm as mandiocas para cuidar, têm as batatas para cuidar, têm os milhos, os amendoins. Tudo isso depende de nós, de nosso tempo de afazeres, fortalecendo a nossa cultura*" (Jerá Guarani 2022:13).

Para os Guarani Mbya, bem viver é "*viver com o suficiente*", um modo de perceber o mundo e a existência que:

> "*engloba o conceito de mborayvu, que é a generosidade em sua grandiosidade superando a si mesma, é às vezes se deparar com alguém que precisa de alguma coisa que só resta uma a você, mas você a doa para o outro. É isso que faz a vida comunitária, a vida coletiva ser o que é hoje na aldeia. Acho que isso é o que faz com que as aldeias guarani não tenham casa de abrigo para idosos, casa de abrigo para crianças – nunca, jamais se viu ou vai se ver ninguém em situação de rua nas aldeias guarani*" (Jerá Guarani 2022:18).

De modo geral, a cidade padronizada, tida como racional, isola os núcleos familiares, ao mesmo tempo em que amplia a oferta de comunidades desterritorializadas para se participar. Ainda assim, elementos de campesinidade e da vida em comunidade, pautadas por relações de reciprocidade e generosidade entre vizinhos, parentes e amigos, persistem nas cidades, e em especial em suas periferias, como modo de existir.

Os cuidados dedicados às hortas e quintais situados em contexto urbano e periurbano, no entanto, se estendem às suas redes de relacionamentos e ao próprio ambiente que

transformam. São práticas que produzem fartura ao vincular pessoas e plantas e que, em alguma medida, resistem ao avanço do individualismo que marca a paisagem e enfraquece os vínculos de vizinhança, a comunidade local. Assim, de forma residual, certa campesinidade persiste nas periferias urbanas como boa fortuna.

3.2. *"É preciso ter histórias com as plantas"*

No livreto *As plantas oferecem um cuidado* (anexo II – livreto 1)*,* Tantinha destaca como por todo lado o que se encontra em praças, prédios públicos e espaços privados é um "*formato de paisagismo sem graça*", um "*paisagismo padronizado que parece que coloca uniforme nas plantas*" e impede a percepção de que a diversidade também pode existir nas cidades. Como destaca: "*a diversidade é excelência, é mistureba. Cores, cheiros, cada folha trabalhada de uma forma".* E pergunta: "*como é que a pessoa vai ter noção que está dentro do urbano e que existe essa diversidade*"?

As "*plantas de uniforme*" compõem a estética da urbanização e estão vinculadas ao mercado de plantas em ascensão. Em casas e prédios abastados e de classe média, como marcadoras de *status,* formam um pequeno conjunto de plantas decorativas autorizadas a habitar entradas, áreas *gourmet* e espaços livres. De modo geral, compõem cenários que não foram planejados e nem são cuidados diretamente por seus moradores e moradoras.

Nos últimos anos o consumo de flores e plantas ornamentais tem crescido como "*expoentes de vida, bem-estar e reaproximação da natureza*". Em 2013, estima-se que o mercado nacional tenha movimentado R$5,22 bilhões (Sebrae 2016:9). Em 2021, de acordo com a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), o mercado de flores faturou R$10,9 bilhões, com crescimento de 15% em relação ao ano anterior[109]. Os segmentos que mais cresceram foram: decoração (30% dos rendimentos), autosserviço (21%) e paisagismo (20%), com destaque ao crescimento de vendas em super e hipermercados (CNA 2022). No Brasil, 8.000 produtores cultivam cerca de 2.500 espécies de flores e plantas ornamentais (IBGE), com maior faturamento nos dias das mães e dos namorados[110]. São Paulo é o estado que mais produz e consome e em Minas Gerais, Ceará, Rio de Janeiro e Rio Grande

[109] Mercado de Flores no Brasil atingiu R$10,9 bilhões em 2021. Disponível em: https://cnabrasil.org.br/noticias/mercado-de-flores-no-brasil-atingiu-r-10-9-bilhoes-em-2021. Acesso em: 15/11/2023.
[110] Espécies de flores e plantas ornamentais cultivadas. Disponível em: https://cnabrasil.org.br/noticias/voce-sabia-que-o-brasil-cultiva-mais-de-2-5-mil-especies-de-flores-e-plantas. Acesso em: 15/11/2023.

do Sul trata-se de um setor em crescimento (CNA 2022). As plantas mais comercializadas no Brasil em 2021 foram plantas de vaso, com destaque às orquídeas, flor da fortuna (kalanchoe), antúrios e astromélias[111]:

Figura 59: Plantas de vaso mais vendidas no Brasil em 2021 – CNA (elaborado a partir de montagem com banco de imagens do Canva).

As floriculturas, entendidas "*como o conjunto de atividades produtivas e comerciais relacionadas ao mercado de espécies vegetais cultivadas com finalidades ornamentais*", têm sido exploradas comercialmente no Brasil desde 1950, com destaque ao trabalho de imigrantes holandeses e japoneses no estado de São Paulo (nas cidades de Holambra e Atibaia) e alemães e poloneses no sul do país. Nas décadas de 1970 e 1980, associados e produtores da Cooperativa Veiling Holambra, expandiram suas cadeias de abastecimento para capitais e outros polos regionais. Tal expansão é marcada pela homogeneização no consumo de flores e plantas ornamentais, com destaque à produção padronizada da "*floricultura mais profissional e competitiva das Regiões Sul e Sudeste do Brasil*" (Sebrae 2016:17). Assim, a despeito da enorme riqueza de flores e plantas regionais, o consumo de flores e plantas ornamentais no país apresentava nesse contexto uma "*reduzidíssima pauta de produtos, praticamente indistinta desde o Sul até o Norte do Brasil*" (Sebrae 2016:17).

O conjunto de espécies ornamentais comercializadas tem sido ampliado nos últimos anos com a consolidação de novos pólos de produção e abastecimento, o que inclui o estado de Minas Gerais. Como apresenta Sebrae (2016:23):

> "*A floricultura mineira pode ser considerada bastante diversificada, incluindo a exploração econômica de produtos de todos os segmentos da horticultura*

[111] Idem.

> *ornamental. Apesar disso, há que se destacar a sua notória especialização na produção de mudas e plantas ornamentais para o mercado de paisagismo e jardinagem, a qual concentra 70,7% da área total cultivada no estado (mudas de plantas, 43,33%; árvores e arbustos, 19,23%; palmeiras, 7,51%), sendo bastante superior à média observada para o Brasil (50,40%)"*.

Como em outras partes do país, o crescimento do setor de plantas para paisagismo e jardinagem está relacionado ao

> "*dinamismo da indústria de construção civil nacional, a qual vem incorporando crescente importância às áreas verdes e a projetos paisagísticos, considerados não apenas como diferenciais para a valorização das edificações, mas como verdadeiramente essenciais à qualidade de vida urbana na atualidade e à cultura de consumo contemporânea*" (Sebrae 2016:13).

Entre as principais espécies cultivadas para paisagismo e jardinagem no estado, tem destaque: "*mussaenda, hibisco, dracena, roseira, palmeiras diversas, buganvília, pingo-de-ouro, ixora, antúrio e podocarpo*":

Figura 60: Espécies mais cultivadas para paisagismo e jardinagem em Minas Gerais (Sebrae 2016). (elaborado a partir de montagem com banco de imagens do Canva)

Entre as flores e plantas envasadas, destacam as rosas, sempre-vivas, copos-de-leite, cravos, helicônias, crisântemos, orquídeas, suculentas, bromélias, antúrios, gérberas, samambaias, chifres-de-veado, violetas e begônias (Sebrae 2016:23):

Figura 61: Flores e plantas envasadas mais comercializadas em Minas Gerais (Sebrae 2016) (elaborado a partir de montagem com banco de imagens do Canva)

O crescimento do mercado de flores e plantas ornamentais encontra-se vinculado ainda à pandemia da covid 19 e aos novos hábitos urbanos propagados nesse contexto, como cuidados com alimentação e com o ambiente doméstico. No município de Dona Euzébia (MG), maior produtor de plantas para comercialização no estado, como aponta a pesquisa de Mariana Souza e colaboradores (2022), 72% dos produtores locais aumentaram suas vendas durante a pandemia, em especial para a região sudeste. A maioria cultiva espécies ornamentais, frutíferas e árvores simultaneamente. Entre as espécies comercializadas, 37% eram ornamentais, 27% frutíferas cítricas, 7% ornamentais e frutíferas, 13% árvores, 13% frutíferas e 3% ornamentais alimentícias. A maior procura é por plantas de fácil cuidado, que ocupem pouco espaço e que possam ficar em ambientes internos (Souza *et. al*. 2022). Em 2020, as plantas mais procuradas pelos brasileiros no *Google* foram: jiboia, zamioculca, echeveria, suculentas, costela-de-adão, espada de são Jorge, clorofito, filodendro, singônio, cactos, pacová, tillandsia (bromélia), lírio, orquídeas, samambaia[112]:

[112] 15 Plantas mais populares no google em 2020. Disponível em: https://revistacasaejardim.globo.com/Casa-e-Jardim/Paisagismo/noticia/2020/09/15-plantas-mais-populares-no-google-em-2020-e-dicas-de-cuidados.html. Acesso em: 04/09/2023.

Figura 62: Plantas mais procuradas no Google em 2020. (elaborado a partir de montagem com banco de imagens do Canva)

O paisagista Ricardo Cardim (2022) destaca como no paisagismo e nas áreas verdes construídas no Brasil predomina um pequeno conjunto de "plantas comerciais globais". Nele estão incluídas espécies como agave (*Agave* sp.*),* areca-bambu (*Dypsis lutescens*)*,* buxinho (*Buxus sempervirens*), capim do texas (*Pennisetum setaceum*), cica (*Cycas revoluta*), dracena tricolor (*Dracaena marginata*), fórmio (Phormium tenax), moreia branca (Dietes *iridioides*), palmeira azul (*Bismarckia nobilis*), palmeira fênix (*Phoenix roebelenii*), panâno (*Pandanus veitchii*), pata de elefante (*Beaucarnea recurvata*), pingo de ouro *(Duranta erecta*), pinheiro kaizuka *(Juniperus chinensis)*, árvore do viajante (*Ravenala madagascariensis*) e yuca (*Yucca* sp.). Replicadas em viveiros, são mercadorias consumidas no país e em diferentes partes do planeta.

Assim, a dimensão do consumo que marca a vida na cidade alcança as relações com as plantas também em suas periferias. Tenho procurado levantar as "*plantas de uniforme*" expostas nos meus percursos mais recorrentes em Belo Horizonte e em Ibirité. De modo geral, as espécies mais recorrentes nas áreas expostas de casas e prédios públicos e privados são: buxinho (*Buxus sempervirens*), azaleia (*Rhododendron simsii*), pingo de ouro (*Duranta erecta*), cica (*Cycas revoluta*), crótons (*Codiaeum variegatum*), dracena tricolor (*Dracaena marginata),* agave (*Agave attenuata*), moréia (*Dietes bicolor*), clúsia (*Clusia orthoneura*), estrelícia (*Strelitzia reginae*), helicônia (*Heliconia rostrata*), pinheiro kaizuka (*Juniperus chinensis torulosa*), palmeira fênix (*Phoenix roebelenii*), palmeira rafis (*Raphis excelsa)* e podocarpo *(Podocarpus macrophyllus*). Dessas, apenas o pingo de ouro, clúsia e helicônia são nativas do Brasil e América do Sul, enquanto as outras têm a seguinte origem: azaleia (leste asiático), agave (México), moréia (África do Sul), estrelícia (África), buxinho (Oriente), cica (Ásia), crótons (Ásia), dracena tricolor (Madagascar), pinheiro kaizuka (Ásia),

palmeira fênix (sudeste asiático), palmeira rafis (China) e podocarpo (Ásia). Entre o conjunto de “plantas comerciais globais” (Cardim 2022), marcam presença: pingo de ouro, buxinho, dracena tricolor, agave, pinheiro kaizuka e cica. Além de padronizadas, tais plantas são afins ao anseio de segurança pública, por gerarem pouco sombreamento.

Os jardins padronizados exibem outras características do capitalismo urbano, como construções e mobiliários alinhados às tendências de mercado, as parafernálias de segurança e o isolamento entre vizinhos. As montagens a seguir procuram ilustrar como essas plantas compõem áreas externas expostas em localidades percorridas em Belo Horizonte:

Figura 63: Plantas de uniforme nos bairros Lourdes e Padre Eustáquio (Belo Horizonte). Fotos: Mariana Oliveira

Figura 64: Plantas de uniforme nos bairros Funcionários, São Luiz, Funcionários e na regional do Barreiro (Belo Horizonte). Fotos: Mariana Oliveira

Figura 65: Plantas de uniforme nos bairros Funcionários e Lourdes (Belo Horizonte). Fotos: Mariana Oliveira

Figura 66: Plantas de uniforme nos bairros Funcionários (Belo Horizonte). Fotos: Mariana Oliveira

Em contextos periféricos, no entanto, as "*plantas de uniforme*" são menos notáveis. Quando presentes, estão reunidas a outras plantas com histórias ou, assim como nos bairros abastados, estão acompanhadas de grandes muros, grades, vidros e cercas, o que comunica certo distanciamento ao passado periférico e aos valores da vida junto à terra. Assim, certo conjunto de plantas, a grama baixa e arbustos modelados sinalizam a ascensão social.

***

Os jardins como marcadores de renda e status têm uma história mais antiga. Em sua evolução histórica, espaços compostos por plantas e flores de valor ornamental são concebidos como projeção da casa e do indivíduo, e se proliferaram na Europa com diferentes sentidos e formatos no século XIX. Os jardins franceses e italianos eram compostos por uma vegetação baixa, geométrica e simétrica (Bragança 2023:5). O jardim francês combinava elementos como "*eixos de simetria, uma fonte no centro, a repetição de módulos, o emprego de topiárias e a constituição de parterrés*" (Aragão 2014:2). O jardim inglês tentava produzir um retorno à natureza idealizada e bucólica com "*traçados sinuosos, a vegetação disposta como na natureza, o trabalho com maciços arbóreos e a criação de*

cenários, com cascatas artificiais, gazebos, pontes de cimento imitando a madeira, entre outros elementos empregados com o objetivo da cenarização" (Aragão 2014:2-3).

Nos três primeiros séculos de colonização portuguesa no Brasil, as casas e as cidades eram "*muito simples, de cultura e conhecimento rudimentar, as praças (ou os antigos adros das igrejas) não eram mais do que espaços vazios em meio ao tecido urbano – sem pavimentação, sem árvores, sem iluminação pública*" (Aragão 2014:2). Os jardins eram "*sem qualquer ordem ou requinte, onde tudo se misturava – flores e ervas, legumes e árvores de fruto*" (Aragão, Sandeville Júnior 2014:164). Os quintais e hortas domésticas, espaços voltados à subsistência, precedem os jardins privados desenhados por paisagistas profissionais.

A casa e suas extensões

A casa é um espaço que expressa "*um tempo, uma cultura. Reflete a dinâmica econômica, as desigualdades sociais. Diz muito da política, em sua acepção mais ampla*" (Maia 2012:340)
A casa e suas extensões, como os jardins, hortas e quintais, são espaços onde: "*comunicamos aos outros nossa identidade; buscamos segurança e privacidade; gozamos de momentos íntimos; deixamos o 'mundo' em suspenso; demarcamos nosso 'pedaço'; exibimos nossas prioridades, gostos e desejos. Em seu interior, exercemos o direito à liberdade ou, ao contrário, aprisionamo-nos no mundo que construímos*. *Nela estabelecemos vínculos familiares, recuperamos a energia para mais um dia de trabalho ou enveredamos por uma labuta incansável"* (Maia 2012:240).

O século XIX, seguindo tendência europeia, é marcado por transformações nas cidades em crescimento no Brasil:

> "*as ruas (com algumas exceções de séculos anteriores) começaram a ser calçadas, iluminadas e arborizadas, as praças passaram a ser ajardinadas – algumas receberam tratamento paisagístico; o jardim, que antes ficava nos fundos do lote passou para a lateral do terreno e, em seguida, para o recuo frontal, adquirindo um valor estético em detrimento do sentido útil que o caracterizou nos três primeiros séculos de colonização*" (Aragão 2014:2).

Os jardins europeus, em especial o francês e o inglês, informaram certa noção de modernidade genuína a ser seguida no Brasil nesse contexto (Bragança, Rezende, Costa 2018:6). Junto ao novo hábito das elites chegam profissionais europeus e uma curadoria de plantas exóticas a serem exibidas nas casas abastadas:

> *"o jardim da casa brasileira do século XIX não abriga, em sua maior parte, as árvores e flores da floresta, mas as espécies exóticas advindas de outras paisagens, que transformam a nossa paisagem nesse processo de*

> *substituição da flora nativa (ainda pouco valorizada pelos brasileiros nesse momento) pelas plantas valorizadas pelos europeus, seja por seu sentido útil (especialmente durante o período colonial e nas primeiras décadas do século XIX), seja por seus aspectos ornamentais (principalmente, a partir da chegada da Corte em 1808 e da abertura dos portos às nações amigas, que possibilita uma influência mais acentuada da França e da Inglaterra em nossa paisagem habitada, em nossas casas e jardins)"* (Aragão, Sandeville Júnior 2014:172).

Assim, a paisagem se transforma "*seja pela devastação da floresta, seja pela difusão do jardim*" (Aragão, Sandeville Júnior 2014:165).

Um paisagismo sem diálogo com a vegetação nativa é persistente. O apreço pelas plantas exóticas e sua estética, consciente ou inconsciente, ainda se manifesta em certo repúdio ou desconsideração em relação às plantas locais e regionais. Como mercadorias a serem consumidas, padronizam paisagens e obliteram a riqueza florística do país. Aragão e Sandeville Júnior (2014:171) apontam que é:

> "*no mínimo interessante constatar que nem mesmo um movimento como o romantismo, com toda a repercussão que teve na sociedade brasileira, levou as flores da floresta para o jardim. Ao contrário, difundiam-se, nas áreas ajardinadas, rosas e camélias, denunciando a valorização das flores comuns ao jardim europeu ao invés das tropicais"*.

O destaque às plantas nativas tem sido conferido por paisagistas importantes, como Roberto Burle Marx (1909-1994) e seu paisagismo tropical moderno[113]. O trabalho de Burle Marx era "*pautado no entendimento e respeito com a natureza incorporando a flora brasileira e, consequentemente, a fauna em seus jardins. Burle Marx dizia que apenas iniciava o trabalho dos jardins, pois o tempo e o corpo completam a ideia"* (Bragança, Rezende, Costa 2018:7).

O paisagista Roberto Carneiro, idealizador do *Legado Verde*[114], apresenta um conjunto de espécies nativas com potencial estético para projetos e comercialização. Parte das plantas elencadas estão presentes em diferentes contextos urbanos e periurbanos da RMBH, tanto

[113] O arquiteto e paisagista Roberto Burle Marx, ao longo de 50 anos, reuniu um acervo de mais de 3500 espécies tropicais e subtropicais, sendo a maioria delas nativas e realizou mais de 2000 projetos paisagísticos no Brasil e no mundo. Para mais informações, consultar: Sítio Roberto Burle Marx: https://sitioburlemarx.org/. Acesso em 01/11/2023.

[114] O levantamento de Roberto Carneiro pode ser consultado em: https://legadoverde.com.br/. Acesso em 09/09/2023.

públicos como privados, como a azulzinha (*Evolvulus glomeratus*), maranta pena de pavão (Maranta leuconeura var. kerchoveana), lantana-amarela (*Lantana camara* 'Lutea'), coração magoado (Iresine hernstii 'Acuminata'), grama amendoim (*Arachis repens*), falso íris (*Neomarica caerulea*), flor de maio (*Schlumbergera truncata*), filodentro pendente (*Philodendron hederaceum),* bouganvile (*Bougainvillea spectabilis*), caliandra (*Calliandra tweediei*), tinhorão (*Caladium bicolor*), chanana (*Turnera subulata*), camará (*Lantana câmara*), onze horas (*Portulaca grandiflora*), maranta cinza (*Ctenanthe setosa*), pitanga (*Eugenia uniflora*), mulungu (*Erythrina verna*), maranta tricolor (*Stromanthe thalia* 'Triostar'), dinheiro em penca (*Pilea nummulariifolia*), tostão (*Callisia repens*), manacá de cheiro (*Brunfelsia uniflora*), alamanda (*Allamanda cathartica*), cipó esqueleto (*Ipomoea quamoclit*), lanterna chinesa (*Callianthe striara* e *Abutilon megapotamucum*), peperonia filodendro (*Peperomia serpens* 'variegata'), goiaba (*Psidium guajava*), brinco de princesa (*Fuchsia hybrida*), morango silvestre (*Rubus rosaefolius).* Outras mencionadas, como ipê roxo (*Handroanthus avellaneade*), ipê do cerrado (*Handroanthus ochraceus*), sibipiruna (Cenostigma pluviosum), quaresmeira roxa (*Pleroma granulosum*), paineira (*Ceiba speciosa*), jacarandá (Dalbergia sp.), sapucaia (*Lecythis pisonis*) e monguba (*Pachira aquatica*) são empregadas na arborização urbana, em especial em Belo Horizonte.

Como reiteram Carneiro e Cardim, os projetos de paisagismo públicos e privados podem potencializar o encontro com plantas da biodiversidade local e regional. Assim feitos, podem reduzir a presença hegemônica das "*plantas de uniforme*" e proliferar plantas que criam histórias com as pessoas e com outros seres do ambiente.

***

Ainda que a modernização tenha transformado as histórias entre pessoas e plantas, espaços de plantar, cuidar, esperar e se encantar com o que a terra dá ainda estão presentes em todo o país (Gomes, 2009; Reis 2015, Almada, Souza 2017; Bragança 2023). Na RMBH, jardins, pomares, quintais, terreiros e canteiros marcados pelo cuidado pessoal cotidiano e pelo plantar "*misturado*" combinam as mais apreciadas frutas, flores, hortaliças, ervas, legumes, árvores, cipós. As árvores, plantas mais longevas, fazem amarrações diversas entre território e histórias pessoais. Nesses espaços as plantas participam das vidas das pessoas. Neide, da horta dos Borges, certa vez apontou a um pé de goiaba que plantou quando estava grávida do seu filho, hoje adulto. E completou: "*as plantas são uma história e temos que ter história com elas".* Destaca, ainda, como na horta "*cada um planta o que gosta*" e sente alegria quando prosperam. Como conta:

> "*de 2019 para cá acolhemos na horta várias famílias haitianas. Quando eles vieram, nos ensinaram muito sobre a cultura deles e puderam plantar na horta o que eles comiam lá. E como a terra foi generosa com eles (....). Eles migram muito e a que ficou aqui plantando e cultivando é a Elizabeth. Ela é uma pessoa muito trabalhadeira e aprendeu em seu país a valorizar plantas que não são valorizadas aqui. Ela planta na horta o que gosta de comer e leva também para os conterrâneos dela. A gente foi aprendendo e entendendo algumas coisas que eles falam com o tempo e a convivência com eles é muito bonita. É por tudo isso que a horta é tão importante para tantas pessoas aqui"* (anexo II – livreto 3).

As plantas podem ser, nesse sentido, acolhedoras[115].

Quando começamos a mexer na muvuca, comecei também a prestar mais atenção na horta da FHA, situada bem ao lado. Era início de 2022 e fazia pouco tempo que um antigo funcionário havia falecido, o Seu Toló, e estavam todos abatidos. Certo dia, após a colheita de milho, reparei que o campo estava limpo, mas havia ficado uma mandioca. Perguntei sobre ela e me falaram que ninguém queria tirar pois tinha sido ele que havia plantado. Ele também tinha muito cuidado com uma parreira de chuchu, mas foi falecer que secou tudo, não adiantou outra pessoa cuidar. Tinha, como disseram, pleno reconhecimento de que a planta era um ser vivo e que precisava ser tratada com cuidado: não era para fazer as coisas de qualquer jeito. Era assim que ele fazia e é assim que continua sendo lembrado.

Figura 67: Horta da FHA. 2022. Foto: Mariana Oliveira

Figura 68: Horta da FHA. 2022. Foto: Mariana Oliveira

[115] Em diferentes contextos imigrantes procuram maneiras de acessar seus alimentos tradicionais. John Taylor e Sarah Lovell (2014), por exemplo, abordam como hortas urbanas domésticas de famílias afro-americanas, chinesas e mexicanas em Chicago contribuem com o orçamento doméstico, para a biodiversidade urbana e para a identidade cultural à medida em que são cultivados alimentos que estão na base alimentar dos seus países de origem.

As plantas, assim, lembram pessoas. Ao mostrar seu espiral de ervas, Tantinha (2022) destaca a arruda e o alecrim bem ao centro, no espaço mais elevado. Arruda é a planta que carrega seu sobrenome e alecrim foi a planta que ganhou de sua amiga bem no dia que o seu marido e companheiro de caminhada com as plantas, Fernando, faleceu: "*eu falo que esse espiral aqui é Fernando e Tantinha, o alecrim do Fernando e a arruda da Tantinha. Olha ela dando flor lá em cima".* Comenta que tem feito mudas para plantar novamente: "*estou vendo que ele está ficando meio lenhoso, é porque ele está perto de acabar. Ele não dura a vida inteira, não é uma árvore que dura. Ele está com cinco anos já o meu, desde quando Fernando morreu que eu plantei. Eu já estou fazendo mudinha dele porque quando ele for, já tenho muda dele*".

Outra planta que Tantinha fala com carinho é da negramina:

> "*quando nós chegamos aqui em Sabará em 2010 logo que desci vi a negramina e aquele foi o cheiro da minha infância, porque era uma planta que eu pegava muito para mamãe banhar as pernas. Ia nos arredores e sentia o cheiro das plantas: aprendi a identificar assim. Eu ia descendo com o Fernando aqui pela mata fechada e nós encontramos carqueja, barbatimão, jatobá. Cada planta que a gente encontrava era uma alegria muito grande, como se fosse aquela companheira antiga. Uma hora sentamos no chão e choramos juntos: vocês não sabem a alegria que era ter o nosso para preservar. Fernando no começo nem queria saber das plantas, mas foram elas que melhoraram a saúde do nosso filho mais novo e o transformaram. Ele acabou partindo em 2017 pelo problema que tinha nos rins desde novo, mas foram as plantas que o tiraram da tristeza e deram a ele mais anos de vida. O pequeno quintal de 50m^2 cheio de entulhos onde a gente morava no alto Vera Cruz, em Belo Horizonte, se transformou em uma farmácia viva que chegou a ter 170 plantas e atendia a comunidade. Hoje lá arborizou tudo, está bonito: olhando de cima é um ponto verde. Foi de lá que veio o desejo de ficar ainda mais perto do cerrado e da terra"* (anexo II – livreto 1).

Conhecida também como folha santa ou folha de Xangô, sempre que recebe algum grupo ou coletivo em seu quintal percebe a importância que a planta apresenta para diferentes religiões e rituais (ver Gomes 2009).

Tantinha (2020) conta que os espaços cuidados, principalmente os quintais e terreiros, além de importantes para a saúde e alimentação, estão relacionados às trajetórias de vida:

> "*Tenho algumas experiências de alguns trabalhos que a gente andou fazendo lá no Alto Vera Cruz onde a maioria dos quintais que a gente frequentava eram pessoas vindas do interior e ela plantava no seu quintal alguma coisa que remete ao seu passado. Muitas traziam algumas plantas que eram para aquelas doenças que eram frequentes, por exemplo: 'Eu tenho em casa artemísia porque tenho muito problema com cólica menstrual'; 'tenho boldo para problemas de estômago'. Em cada quintal cada um tinha o seu remedinho porque trouxe lá da sua ancestralidade, do seu lugar lá onde ele morava. Então assim, o nosso território, o nosso pedacinho de terra, a nossa casa, precisa ser extensão da gente como um quintal, não importa o tamanho que seja"*[116].

A partir de atividades de extensão realizadas em quintais e horta comunitária no Aglomerado da Serra em Belo Horizonte, Luana Oliveira, Cristiana Alves e Bruno Dala Paula (2018:217) destacam como:

> "*cultivar a terra reconecta os migrantes com sua história de vida. Além disso, por meio do trabalho coletivo, criam-se laços de sociabilidade e amizade, assim como o resgate de valores solidários. Os imigrantes desenvolvem novas conexões com o lugar, experimentam a sensação de pertencimento que possibilita a construção de um novo processo de territorialização. Nas hortas, a comunicação principal ocorre por meio da linguagem da terra".*

Distantes das suas roças, *"sentem falta da doação mútua, de celebrar festas, ir a lugares juntos e socializar com os vizinhos. Por isso, torna-se importante a criação de capital social para o processo de integração e sentimento de pertencimento, o qual é análogo ao processo de enraizamento de uma planta"* (Oliveira, Alves, Dala Paula 2018:217).

Para os que são do interior ou viveram uma cidade muito mais rural do que nos dias de hoje, as hortas e quintais permitem reviver tempos de criança quando perambulavam com os pés na terra, brincavam, buscavam água, debulhavam feijão, milho e quiabo para plantar, molhavam, varriam, colhiam.

Sobre a relação entre plantas e infância, Alexandra conta que:

> *"lembro desde a infância que lá em casa sempre teve muita planta. Minha mãe plantava no quintal: sempre tinha quiabo de metro. Esse quiabo é*

[116] Depoimento em: O Cuidado da vida: biodiversidade e saúde popular, encontro realizado no dia 01/06/2020. Participantes: Mariana Oliveira, Flávio Santos, Aparecida Arruda, Rita de Cássia, Maria Catarina de Souza.

> *maravilhoso, estou até para ganhar umas mudas para plantar aqui. Ele cresce mesmo um metro e é muito gostoso. Eu me lembro de plantar junto com mainha, de mexer nas plantas junto com ela. Sempre gostei de mexer com a terra"* (anexo II – livreto 2).

Ela conta também que na infância, "*quando era férias de Natal, a gente ia para o interior, em uma ilha. Lá ia para a roça buscar mandioca então levava, descascava e ralava para fazer farinha e beiju, eu ficava sonhando com isso".* Natural da Bahia, sempre está atenta para encontrar plantas de lá e os diferentes nomes que as mesmas plantas recebem em um lugar e outro.

O senhor Ismaldo, um dos cuidadores da horta dos Borges, conta como o lugar, para ele, lembra a roça:

> "*sou o caçula aqui da horta, entrei tem uns oito meses, mas até já colhi. Moro em Belo Horizonte e estou aqui pelejando para plantar, fazendo capina. Agora plantei feijão e plantei também açafrão, cana caiana, mandioca. Com verdura mexo menos. Eu chamo aqui de roça. A gente que está nessa idade que está precisa de alguma coisa para envolver nossa mente. É isso que acontece: eu fico aqui e não vejo a hora passar, eu fico feliz. Mesmo quando eu planto alguma coisa e não dá nada, isso tomou meu tempo e eu estou envolvido com as coisas. Quando estou aqui fico recordando dos tempos antigos, porque eu nasci na roça, eu sou de João Pinheiro. Lá a gente plantava e colhia muito. Eu fico lembrando dos meus irmãos, da minha mãe, do meu pai. Lá a gente tinha uma terra e a gente fazia criação de gado, de porco, de galinha. A gente plantava, colhia, fazia rapadura. Era um movimento de roça, de tudo um pouco. Gosto que venho aqui e fico capinando, plantando... Plantei milho, colhi muito milho. Está terminando, mas também produziu muito quiabo aqui, só com três pés deu para sustentar a minha casa. Isso aqui é uma terapia, isso aqui é bom demais. Ninguém quer sair de jeito nenhum"* (anexo II – livreto 3).

José Silva, também da horta dos Borges, conta que viveu a infância no rio das Velhas:

> *"Nesta parte do rio das Velhas tem muita capivara. Elas não vêm aqui dentro da horta porque tem a cerca, mas elas estão aí. Vai começar a escurecer você já escuta o barulho delas andando e caçando um jeitinho de entrar. Tem sessenta anos que estou por aqui. Já nadei muito nesse rio, subia e descia nadando. O rio era baixinho e plano, e isso aqui era uma praia natural. Quando chovia a gente pegava um pau leve, como a piteira, e fazia*

> *jangadinha nela. Mas tem anos que acabou o rio: interessa para o pessoal é só sujar, cortar e desmatar. Até para aterrar um pé de mexerica eu tenho dó, porque é casa de passarinho, de marimbondo. E esse ano mesmo, foi muita fruta que deu. Mas tem gente que compra um pedacinho de terra e a primeira coisa que faz é meter a motosserra"* (anexo II – livreto 3).

Nas lembranças de Dona Catarina as plantas também estão vinculadas à infância:

> "*Eu me lembro de muita coisa boa, de sabores, de casa de avó, da gangorra de fundo de casa, do cafezal onde a gente brincava de pique, eu e as minhas primas. Me lembro do moinho de água que moía fubá e a gente ficava lá olhando aquela transformação devagarzinho. Me lembro de muita coisa boa de se fazer, muita coisa gostosa, brincadeiras de roda, coisas legais que hoje em dia não se vê. Fico pensando que a total doação ainda hoje existe, mas não com aquela inocência. Essas coisas eu sinto falta nos dias de hoje, porque se a gente se amasse mais, se a gente se respeitasse mais, se a gente entendesse mais o nosso estar aqui... Nossa memória é só um acúmulo do que a gente viveu lá atrás sem perder as nossas raízes*" (Souza *et. al.* 2023:214-215).

A filha da Dona Sebastiana, da horta do Petrovale, comenta que o espaço é pequeno, "*mas tem muita coisa. Era tudo pequeninho assim e agora já está dando manga, e vai só melhorar, se Deus quiser. Deus vai colocar bençãos mesmo, essas plantinhas é o sonho da gente. Essa horta ajuda muito a gente, porque é uma coisa natural, não coloca agrotóxico. Eu gosto de mexer com horta".* O gosto pela horta atravessa gerações: "*Olha para você ver: minha mãe entrou, eu comecei ajudando e dela peguei um espaço para mim e hoje meus meninos vem cá e me ajudam".*

Assim, ainda que sejam práticas limitadas devido ao espaço reduzido, com criatividade e atenção cotidiana fazem brotar plantas e animais. Nas hortas comunitárias e quintais não *"se cultiva só o alimento, mas o prazer de plantar resgatando-se valores, saberes, costumes e hábitos referentes à vida no campo. A agricultura não se caracteriza somente por uma intencionalidade produtiva; ela transcende o significado de alimentação orgânica para as famílias e passa a nutrir o 'ser cultural'"* (Oliveira, Alves, Dala Paula 2018:219).

Ainda que a urbanização, a verticalização e a pavimentação sejam tendências dominantes, os quintais e outros pequenos espaços cuidados em contexto urbano e periurbano a partir de um engajamento cotidiano ocupam o imaginário, as lembranças e o cotidiano de parte da sua população. Como um espaço situado entre a casa e a horta, nele as observações são

contínuas e relações de intimidade entre pessoas e plantas são tecidas a partir de um cuidado cotidiano pessoal. Em alguma medida, podem ser estruturados moldados como um modelo reduzido da roça. Diferentes trabalhos abordam sua relevância, aprendizados proporcionados e sentidos associados (Almada, Souza 2017).

Figura 69: Quintal (aquarela e guache). 2017. Autoria: Mariana Oliveira

O escritor Benedito Nunes (1994:263), por exemplo, destaca que o quintal, de qualquer tamanho, é "*enclave do rural no urbano ou um espaço desurbanizado. A casa, que pela fachada abria-se para a rua, pelo seu quintal estava sempre meio fora da cidade*". Era nos quintais que as crianças colhiam frutas, subiam em árvores, plantavam flores, descobriam caminhos e exercitavam sua imaginação e sensibilidade a partir da "*convivência com o quieto e mágico mundo vegetal*". Seu desaparecimento, dessa forma, impacta uma "*das fontes principais de nosso imaginário, talvez entre nós o único espaço privado, domiciliar, limítrofe da cultura, a pôr-nos em contato com o ilimitado espaço da natureza*" (Nunes 1994:263).

Antônio Bispo dos Santos (2023:59), por sua vez, reitera como a arquitetura do quilombo é pensada em função da comida, da festa, das formas compartilhadas de vida, o que contempla os quintais. Sobre esses espaços, enfatiza:

> "*o quintal é essencial porque é onde as crianças aprendem a fazer tudo. É também onde guardamos espaço para construir a casa de quem vai nascer, as casas das próximas gerações. Na casa da minha filha, por exemplo, há*

> *espaço para fazer a casa do filho dela. Nossas casas são pensadas com espaço para fazer outras casas"*.

Narrativas associadas aos quintais em duas gerações de famílias residentes em Salvador (BA) são apresentadas por Wanderlene Reis (2015) a partir de uma abordagem etnográfica e autoetnográfica. Como observa, a casa, e por extensão o quintal, é o "*espaço da formação de identidade, onde a experiência com múltiplas implicações culturais, sociais, psicológicas, morais e afetivas acontecem*". Espaços remanescentes nas cidades e presentes sobretudo em suas periferias, os quintais são referidos como "*recursos icônicos e simbólicos importantes para a socialização e transmissão de cultura para as famílias e seus descendentes, portanto, são ambientes de desenvolvimento; além de serem reconhecidos em sua função etnobotânica e etnoecológica, garantindo a sustentabilidade social e econômica de diversas famílias"* (Reis 2015:25). Ao se referir ao contexto das periferias de Salvador, Reis (2015:37) destaca como os quintais não são unidades isoladas, e sim parte de uma forma própria de existir que ainda preza pelo encontro e convivência com os que vivem na mesma rua, o que pode ser observado também na RMBH. São, em alguma medida, espaços ambíguos: ao mesmo tempo que privados, podem espalhar vida para fora de suas cercas.

A partir de experiências em Olinda (PE), Juliana Loureiro (2017) enfatiza como os quintais podem ser compostos por espaços distintos, como hortas e jardins. Nas hortas são cultivadas, de modo geral, espécies alimentícias e medicinais, enquanto os jardins, por sua vez, prezam pela estética e abrigam mais plantas ornamentais (ver Loureiro 2008).

A vinculação afetiva aos quintais urbanos do nordeste do Brasil é tratada por Alexandre Amorim, Denis Carvalho e Roseli Barros (2015). Como indicam, seus cuidados cotidianos são realizados em especial pelas mulheres para adequar o lugar "*àquilo que corresponde às suas expectativas*". Como argumentam, "*os quintais urbanos são importantes para as pessoas, para as residências, e para as cidades, na medida em que permitem a humanização do espaço mesmo diante da impessoalidade tradicional urbana*" (Amorim, Carvalho, Barros, 2015:7).

O trabalho de Gabriela Leandro (2022:82) aborda a relação dos moradores que vieram da roça com seus quintais em uma região periférica de Salvador aberta a partir da luta das mulheres. Os quintais, nesse contexto, abasteciam a comunidade e eram locais de abrigo aos que chegavam e às novas gerações. Assim vividos, os "*quintais de avós*" são um pequeno pedaço de terra que assegura continuidades e vínculos comunitários. A

observação de Leandro (2022) é válida para diferentes contextos periféricos, o que inclui a RMBH.

Em contexto rural, a partir de pesquisa realizada junto a comunidades negras no Vale do Ribeira (SP), Carolina Taqueda (2009) destaca como a composição botânica dos jardins-quintais está vinculada aos seus processos de formação histórica e social. Situados ao redor da casa, "*de acesso fácil e cômodo*", compõem a unidade doméstica familiar e ornamentam as casas, regulam o microclima, controlam a erosão do solo, oferecem sombra e alimento às pessoas e animais. Como destaca Taqueda (2009): "*Seu layout e manejo não apenas refletem o conhecimento local, mas também são produtos das diferenças no que se refere a papéis e expectativas de gênero (principalmente no caso das mulheres)*" (*apud* Lok *et al.* 1998). Com diferenças no que diz respeito ao tempo e espaço físico, os jardins-quintais são uma "*extensão da agricultura nas áreas rurais*" com usos e sentidos que vão além da segurança e diversidade alimentar que oferecem às famílias (Taqueda 2009:33; Murrieta e WinklerPrins 2003).

A partir de três territorialidades, Gomes (2009) aborda dimensões etnobotânicas de terreiros de candomblé, quilombos (Marinhos, Sapé e Rodrigues) e quintais na Grande BH. Os últimos, situados no bairro Havaí, Belo Horizonte, são "*comuns no entorno da casa dos negros e pobres*" e em "*calçadas, becos de vilas e lajes*", espaços onde a socialização e as relações de vizinhança podem resistir (Gomes 2009:122). Como nas áreas rurais, os quintais em contexto urbano são cuidados em geral pelas mulheres, com destaque ao cultivo de espécies alimentares, condimentos e ervas medicinais para cuidado da família e vizinhança. Em contexto de avanço da urbanização e persistência do racismo, tais espaços "*se tornaram o refúgio, o lugar do possível. Fala-se de ervas e plantas, conversam entre si pelas raízes, pelas copas*" (Gomes 2009:154). Ainda que na cidade, guardam temporalidades rurais, a cura com as plantas e permitem algum incremento na renda familiar. E abrigam festas, encontros, rituais, atividades domésticas. Nesses espaços, diversidade biológica, cultural e a magia estão vinculadas (Gomes 2009:145). Como sugere:

> *"Essas formas de manejo, a partir dos princípios agroecológicos, comprovam o patrimônio ecológico que os negros-africanos possuem e as diversas formas de contribuição que os saberes etnobotânicos oferecem na construção de um novo paradigma. A cosmovisão das populações de baixa renda, negra, teve um papel fundamental na conservação da biodiversidade e conservação dos ecossistemas nas áreas rurais e urbanas"* (Gomes 2009:177).

A pesquisa da arquiteta Luciana Bragança (2023) em pontos da bacia do rio Arrudas, em especial no bairro São Geraldo, em Belo Horizonte, enfatiza os jardins comuns, abundantes nas cidades brasileiras. Periférico em relação ao planejamento urbano, trata-se de um bairro marcado pela incompletude, improvisação e por certa organização socioespacial que relaciona urbano e rural (Bragança 2023:6). Conserva, ainda, "*fortes relações de vizinhança e as pessoas costumam conhecer umas às outras, mesmo que de vista"* (Bragança, Rezende, Costa 2018:18).

No bairro estão presentes tanto jardins privados como áreas comuns construídas pelos moradores, presença que garante uma permeabilidade da água pluvial maior do que a legislação costuma exigir, que é de 20% (Bragança 2023:7). O levantamento florístico dos jardins indica predominância de espécies ornamentais e espécies comestíveis e medicinais para consumo próprio e doações. Nos cultivos realizados nas ruas e outros espaços livres se destacam árvores frutíferas, nativas e exóticas. As nativas incluem jabuticaba, palmito juçara, goiabeira e pitomba, mas são mais recorrentes as exóticas, como manga, ameixa amarela, limão, banana, laranja e romã (Bragança 2023:11). Ainda que os homens também cuidem de jardins domésticos, o cuidado cotidiano é realizado principalmente pelas mulheres como extensão dos cuidados com a casa e com a família. São espaços que evocam a sabedoria dos "*jardins de vó*". Bragança (2023:13) destaca que a motivação para os manter "*está mais relacionada ao prazer, memória, religiosidade, convivência e em trocas mais baseadas em afetos e afinidades do que na economia".*

Em contexto de acelerado processo de urbanização e fragmentação dos ecossistemas naturais, os quintais não pavimentados que sobrevivem podem atuar em contexto urbano e periurbano para ampliar a permeabilidade de água, para o deslocamento da fauna entre diferentes fragmentos e "*podem funcionar como ilhas de biodiversidade e atuar de forma positiva para a manutenção das funções ecossistêmicas*" (Almada, Souza 2017:23). Assim constituídos, podem ser refúgios da biodiversidade urbana (Gaston *et. al*. 2005; González-García, Sal 2008; Bernholt *et. al.* 2009; Gomes 2009; Almada 2010; Coutinho 2011; Castelo Branco 2011; Amaral 2014; Angeoletto *et. al.* 2015; Silva 2015; Almada, Souza 2017; Peroni *et. al.* 2016; Zabotto, Periotto 2021; Bragança 2023, entre outras). Outros trabalhos têm apontado ainda como suas áreas somadas podem alcançar dimensões consideráveis sendo, em algumas regiões, inclusive superiores às áreas ocupadas por praças e parques urbanos (ver Angeoletto *et al.* 2015:120). Alessandro Ossola e colaboradores (2021), a partir de levantamento realizado em Adelaide (Austrália), afirmam que pequenas manchas de vegetação nos arredores dos ambientes residenciais são capazes de reduzir a temperatura

da superfície urbana durante as ondas de calor cada vez mais frequentes com as mudanças climáticas.

Podem, nesse sentido, serem incentivados no planejamento urbano por seu aporte à mitigação dos efeitos negativos das temperaturas extremas. Os quintais e outros pequenos espaços manejados podem contribuir com a cobertura vegetal nas cidades e periferias e fazer coincidir conservação da biodiversidade com melhorias imediatas na qualidade de vida. Além disso, são espaços que disseminam outras temporalidades que não a 24/7 (*cf.* Crary 2014): "o *tempo que passa livre, o descanso, os cuidados e as satisfações, a vinculação das experiências humanas à fenologia das plantas, o espaço de brincadeiras e encontros representados pelos quintais são elementos de fuga de uma sociedade cada vez mais mediatizada pelas redes virtuais e em que tudo se transforma em mercadoria"* (Almada, Souza 2017:25-26).

Entendidos como patrimônio biocultural das cidades, os quintais e outros pequenos espaços manejados apresentam "*diferentes sentidos, dimensões, arranjos espaciais e finalidades, sendo importantes espaços de convivência, histórias, serviços e cultivos*" (Almada, Souza 2017:18). São espaços onde histórias e intimidades entre pessoas e plantas podem ser tecidas a partir do encontro e cuidado cotidiano pessoal.

***

Uma vez que as relações com as plantas são estabelecidas, elas ficam impressas na paisagem. As plantas carregam histórias de quem deu, quem plantou, quem ainda não tinha nascido e depois nasceu, e tantas outras. Há plantas que lembram épocas da vida, plantas que lembram pessoas, plantas que lembram lugares. Existem ainda plantas que resgatam situações que gostaríamos de esquecer.

Criar histórias com as plantas não é apenas aprender sobre elas, é se dedicar para melhor percebê-las e atendê-las. Os cuidadores e cuidadoras aqui em destaque, por diferentes caminhos, procuram favorecer o contato de crianças com as plantas para que marquem suas lembranças e aprendam a cuidar. Hortas e quintais são espaços onde as crianças estão presentes ou por perto.
Como conta Tantinha (2022):

> "*trabalhei numa escola aberta e para mim era uma alegria, eu só tive que deixar porque foi na mesma época que nós compramos aqui o terreno, mas*

> *trabalhei lá pelo menos cinco anos. E a minha alegria era ver a parte de baixo do pé de vinagreira sempre comida pelos meninos, eles comiam o tempo todo. E a escola vinha reclamar comigo que o que os meninos estavam comendo as folhas. Falei 'uai gente, não é para comer? É, uai' (...) É importante é porque as crianças são nossas sementes que vão germinar amanhã. Então a gente está fazendo muita coisa aqui agora e elas dão frutos (...) o que eles vivem na primeira infância marcam a vida deles. O contato com a terra, com a alimentação natural. Tudo isso aí fica marcado".*

Dona Vera (2022) destaca como as crianças precisam ser cuidadas nesse sentido:

> "*Hoje os pais estão criando os filhos com medo de galinha, de cachorro, de terra, de porco... os pais precisam ensinar que isso faz parte também: precisa ter os bichos, as plantas, precisa plantar para comer. Tem criança que acha que o ovo vem do sacolão. As pessoas não têm essa coisa de plantar e por isso o grande ganha muito, porque ele bate muito veneno, exporta o bom e o ruim fica para nós. As escolas tinham que ensinar mais as crianças a plantar e cuidar das plantas (...) Não é porque você não mora em uma casa que você não pode plantar uns dois pés de couve, cebolinha, salsinha, coentro e um pé de jiló. Tudo que você planta dá um tiquinho".*

Os desencontros com as plantas compõem certa educação sanitária que começa a ser incutida à criança desde cedo, o que a faz ignorar e em alguns casos até temer a natureza. Como enfatiza Ailton Krenak (2022b:110), essa educação, há décadas, tem construído

> "*uma mentalidade em que uma criança não deve mexer na terra para não sujar as mãos. Que se você arranca uma batata do chão, não deve levar para dentro de casa, pois está suja. (O ideal é pegar uma batata lavada e empacotada no supermercado). Quando foi que a terra virou sujeira?*"

A educação nesses moldes, como enfatiza Dulce Whitaker (2008:286):

> "*a) é urbanocêntrica, isto é, voltada para conteúdo que informam e são informados no processo de urbanização; b) é sociocêntrica, isto é, voltada para interesses de certas classes sociais; c) é etnocêntrica, isto é, privilegia a cultura relativa ao mundo ocidental – a chamada racionalidade do capitalismo, fortemente atrelada ao avanço científico tecnológico"*.

Sua abordagem desconsidera que mesmo a população urbana "*tem um substrato rural porque seus pais, ou no mínimo seus avós, nasceram e viveram na zona rural*" (Whitaker

2008:286). Assim, ainda que o Brasil não seja um país rural, "*também não é um país moderno como querem os economistas que transitam (de avião) no eixo Rio-São Paulo-Brasília-Nova York e nunca viram um igarapé ou uma escola rural do Mato Grosso a 300 Km da Delegacia de Ensino mais próxima*" (Whitaker 2008:292-293).

Para além da formulação de políticas públicas mensuráveis por indicadores, destaco nesta tese como práticas que demandam uma relação íntima com as plantas contribuem para a construção de paisagens biodiversas e para a captura pelo interesse pela terra. Entende-se, assim, o cuidado com a terra e com as plantas como algo que pode ser contagioso para as questões urbanas e agrárias que precisamos consertar. Cobrir a terra desnuda com diversidade é um trabalho cotidiano que precisa de aliados, apoio institucional e vontade política. O desejo de produzir paisagens biodiversas precisa ser nutrido e apoiado como um compromisso com o futuro.

O cuidado como forma de produzir fartura também deve ser entendido como parte da vida das cidades e em especial de suas periferias. Como destaca Ailton Krenak (2023) em conversa com Nastassja Martin: "*A gente não precisa esperar o povo da floresta se deslocar da sua vida para fazer essa mudança, ela pode ser feita por aqueles que estão dentro da cidade, fazendo um furo no muro da cidade. Esse furo, ele é vegetal*".

Como procurei destacar, cuidadores e cuidadoras de hortas e quintais biodiversos podem ser reconhecidos e mesmo formados nesse propósito. Seus espaços reavivam outros modos de existir e favorecem a diversidade biocultural enquanto doam para suas comunidades e redes de relacionamentos. Como destaca Levis (2022:37):

> "*Por mais que pareçam áreas pequenas, que não têm tanta importância ao planejar uma cidade inteira, os quintais ainda são locais de experimentação de plantas, são locais de trocas com outras espécies, são locais que concentram, às vezes, plantas que têm um valor cultural enorme para diversos grupos. Os quintais podem ser vistos como laboratórios de experimentação de manejo, criação da diversidade e manejo da abundância, porque o processo de criação de diversidade ou de agrobiodiversidade, como também é falado, envolve a interação entre quem cuida do quintal e a planta*".

A convivência cotidiana com as plantas pode ter um efeito positivo na urgente tarefa de recuperar todos os espaços possíveis, o que pode ser favorecido no planejamento da cidade e suas periferias. Plantar é um trabalho de cuidado que vai ao encontro ao desejo que as pessoas ainda têm e que também pode ser germinado e brotar.

Figura 70: Paisagens (giz pastel seco). 2022. Autoria: Mariana Oliveira

3.3. “*Aqui tem um pouco de tudo*”

O levantamento que apresento neste item foi realizado ao longo do segundo semestre de 2022 em oito quintais e hortas familiares e comunitárias situadas em contexto urbano e periurbano em Belo Horizonte, Betim, Sabará e Ribeirão das Neves junto a referências locais no conhecimento e cuidado com as plantas. Não se trata de uma amostra representativa da diversidade presente nos espaços cuidados na RMBH. São, na verdade, experiências diversas que, em comum, partem do cuidado com a terra e com as vidas que ela faz brotar e reiteram como a diversidade de vidas é possível mesmo em pequenos espaços:

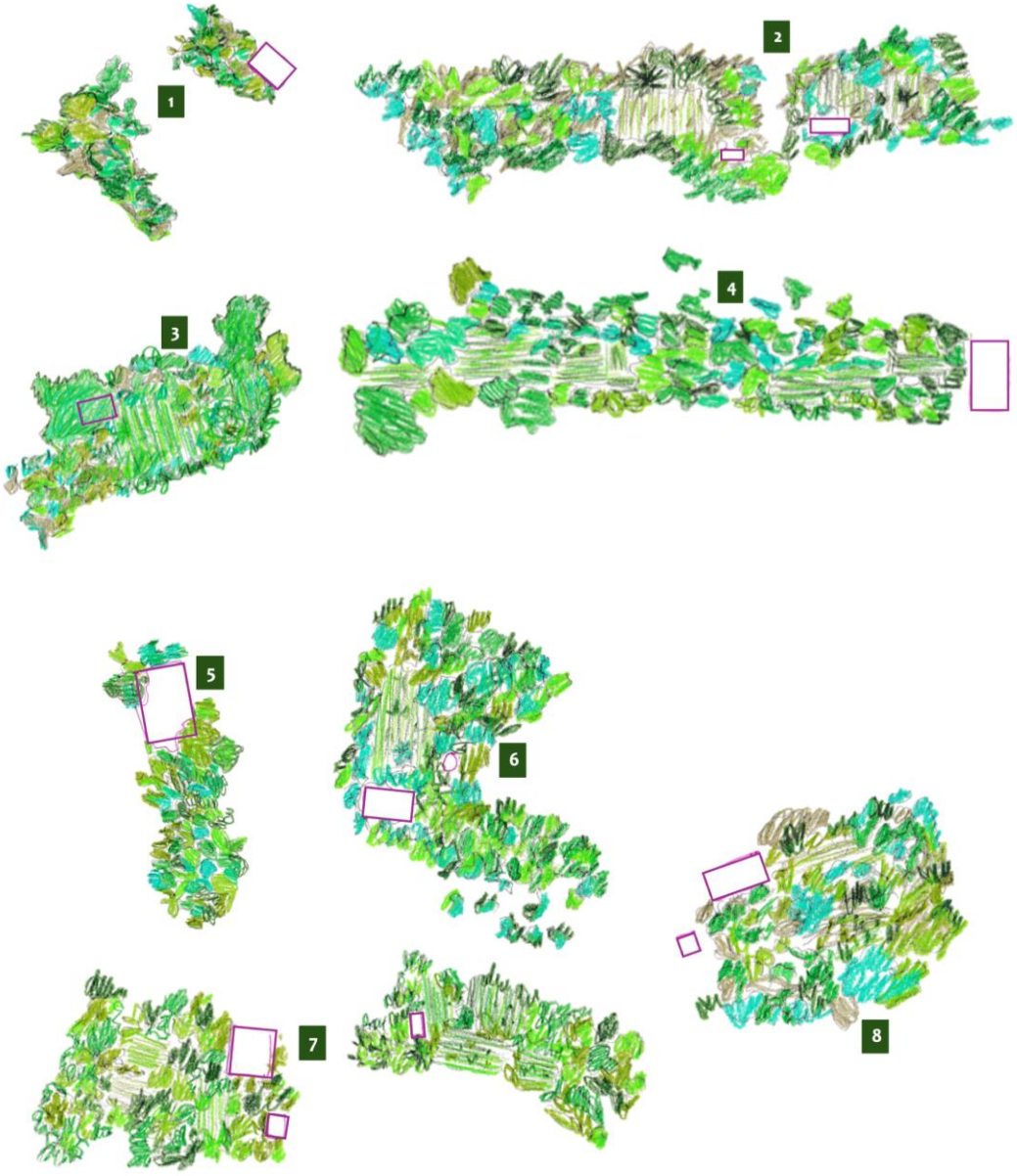


Figura 71: Croquis de hortas e quintais manejados na RMBH (espaços 1 a 8) (lápis de cor). 2024. Autoria: Mariana Oliveira

O levantamento das coleções locais, aqui entendidas como a comunidade de espécies e variedades presente em quintais e hortas, foi realizado a partir de visitas e caminhadas nos espaços manejados ao lado de seus cuidadores e suas cuidadoras para levantar os nomes populares das espécies, as variedades presentes e as histórias e dimensões afetivas relacionadas a elas. As variedades são aqui entendidas como plantas de uma mesma espécie do ponto de vista da biologia molecular que são prezadas e cuidadas por apresentarem funções e aspectos morfológicos distintos, como aroma, sabor, forma e cor. Cada coleção local diz algo dos lugares, das motivações, da possibilidade concreta de plantar na terra e das preferências de cada cuidador e cuidadora um. Vale destacar que as plantas, de modo geral, estão inseridas em uma comunidade dinâmica, profundamente

vinculada aos seres que coexistem nos espaços, como minhocas, formigas, abelhas, pássaros e muitos outros que não foram sistematicamente levantados neste trabalho.

As plantas foram fotografadas para facilitar a identificação futura, em especial as menos comuns. As listagens foram conferidas posteriormente e alguns casos geraram surpresa e orgulho pela diversidade presente: "*a gente olha assim e nem imagina*". Como não se tratou de um levantamento exaustivo, é bem provável que as coleções que cuidam e dispersam sejam ainda maiores.

A partir da listagem de cada espaço elaborei a tabela abaixo com o conjunto total de espécies e variedades levantadas, suas famílias botânicas, nome científico, nomes populares e presença nos locais. A presença nos locais foi uma marcação simples com oito faixas em porcentagem, na qual: 100% indica que a espécie está presente nos oito locais em destaque e 12,5% indica presença em apenas um lugar. A tabela geral foi classificada a partir dessa coluna, para que sejam percebidas as espécies mais comuns e as menos comuns.

Os nomes científicos e as famílias botânicas foram levantados a partir de consultas nos sites Reflora – Flora e Funga do Brasil[117], Tropicos[118] e Global Biodiversity Information Facility (GBIF)[119], Herbário Prof. Jorge Pedro Pereira Carauta – HUNI[120], Horto Didático de Plantas Medicinais do HU/CCS[121], Centro Especializado em Plantas Aromáticas, Medicinais e Tóxicas da UFMG (CEPLAMT)[122] e em publicações como o *Manual de Identificação de Plantas Infestantes – Cultivos de Verão* (Moreira, Bragança 2010), *Manual de Identificação de Plantas Infestantes – Hortifrúti* (Moreira, Bragança 2010), *Catálogo Brasileiro de Hortaliças* (Embrapa 2010), Hortaliças não-convencionais (tradicionais) (MAPA 2010), *Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) no Brasil* (Kinupp, Lorenzi 2014) e *Botânica Sistemática: guia ilustrado para identificação das famílias de Fanerógamas nativas*

[117] Reflora - Jardim Botânico do Rio de Janeiro: JARDIM BOTÂNICO DO RIO DE JANEIRO. Reflora. Disponível em: http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/listaBrasil/ConsultaPublicaUC/ConsultaPublicaUC.do#CondicaoTaxonCP. Acesso em: 10/05/2023.
[118] TROPICOS. Disponível em: https://tropicos.org/home. Acesso em: 10/05/2023.
[119] GLOBAL BIODIVERSITY INFORMATION FACILITY (GBIF). Disponível em: https://www.gbif.org/. Acesso em: 10/05/2023.
[120] Herbário Huni - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO): UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (UNIRIO). Disponível em: http://www.unirio.br/ccbs/ibio/herbariohuni. Acesso em: 10/05/2023.
[121] Horto Didático da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC): UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC). Horto Didático. Disponível em: https://hortodidatico.ufsc.br/. Acesso em: 10/05/2023
[122] Museu de História Natural e Jardim Botânico (MHNJB) - UFMG: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG). Museu de História Natural e Jardim Botânico (MHNJB). Disponível em: https://www.ufmg.br/mhnjb/ceplamt/plantas-medicinais-2/. Acesso em: 10/05/2023.

e exóticas no Brasil, baseado em APG IV (Souza, Lorenzi 2019). Na coluna 'nome popular', listei as variações apontadas pelos cuidadores e cuidadoras[123]:

Tabela 3: Inventário de espécies e variedades de plantas presentes em quintais e hortas da RMBH (2022)

Quadro geral

	Nome popular	família	nome científico	presença
1	alecrim	Lamiaceae	*Rosmarinus officinalis*	100%
2	arruda	Rutaceae	*Ruta graveolens*	100%
3	boldo	Lamiaceae	*Plectranthus barbatus*	100%
4	caninha de macaco	Costaceae	*Costus amazonicus*	100%
5	capim limão / capim cidreira	Poaceae	*Cymbopogon citratus*	100%
6	capuchinha laranja	Tropaeolaceae	*Tropaeolum majus*	100%
7	cebolinha	Alliaceae	*Allium fistulosum*	100%
8	coentro	Apiaceae	*Coriandrum sativum*	100%
9	espada de São Jorge	Asparagaceae	*Sansevieria trifasciata*	100%
10	funcho	Apiaceae	*Foeniculum vulgare*	100%
11	mamão	Caricaceae	*Carica papaya*	100%
12	manjericão comum	Lamiaceae	*Ocimum basilicum*	100%
13	ora-pro-nóbis	Cactaceae	*Pereskia aculeata*	100%
14	salsa	Apiaceae	*Petroselinum crispum*	100%
15	serralha	Asteraceae	*Sonchus* spp.	100%
16	taioba	Araceae	*Xanthosoma sagittifolium*	100%
17	abacate	Lauraceae	*Persea americana*	87,50%
18	alface crespa	Asteraceae	*Lactuca sativa*	87,50%
19	alface crespa roxa	Asteraceae	*Lactuca sativa*	87,50%
20	alface lisa	Asteraceae	*Lactuca sativa*	87,50%
21	almeirão	Asteraceae	*Hypochaeris chillensis*	87,50%
22	bálsamo	Crassulaceae	*Sedum dendroideum*	87,50%
23	capuchinha vermelha	Tropaeolaceae	*Tropaeolum majus*	87,50%
24	cebola da roça	Alliaceae	*Allium cepa*	87,50%
25	cebola de cabeça	Alliaceae	*Allium cepa*	87,50%
26	chuchu	Cucurbitaceae	*Sechium edule*	87,50%
27	couve manteiga	Brassicaceae	*Brassica oleracea*	87,50%
28	espinafre	Aizoaceae	*Tetragonia tetragonoides*	87,50%
29	manjericão folha larga	Lamiaceae	*Ocimum basilicum*	87,50%
30	salsão	Apiaceae	*Apium graveolens*	87,50%
31	acerola	Malpighiaceae	*Malpighia emarginata*	75%

[123] A tabela geral foi gentilmente revisada pelo biólogo Emmanuel Almada. Erros que porventura estejam presentes são de minha responsabilidade.

32	almeirão roxo	Asteraceae	*Lactuca canadensis*	75%
33	azedinha	Polygonaceae	*Rumex* spp.	75%
34	beldroega	Portulacaceae	*Portulaca oleracea*	75%
35	beterraba	Amaranthaceae	*Beta vulgaris* L.	75%
36	cenoura	Apiaceae	*Daucus carota*	75%
37	comigo ninguém pode	Araceae	*Dieffenbachia seguine*	75%
38	coração magoado	Amaranthaceae	*Iresini herbstii*	75%
39	feijão guandu marrom	Fabaceae	*Cajanus cajan*	75%
40	mamona	Euphorbiaceae	*Ricinus communis*	75%
41	manga	Anacardiaceae	*Mangifera indica*	75%
42	milho	Poaceae	*Zea mays*	75%
43	peixinho da horta	Lamiaceae	*Stachys byzantina*	75%
44	quiabo comum	Malvaceae	*Abelmoschus esculentus*	75%
45	rúcula	Brassicaceae	*Eruca vesicaria*	75%
46	tiririca	Cyperaceae	*Cyperus* ssp.	75%
47	tomatinho	Solanaceae	*Solanum pimpinellifolium*	75%
48	traproeba roxa	Commelinaceae	*Tradescantia pallida*	75%
49	urucum	Bixaceae	*Bixa orellana*	75%
50	abóbora moranga	Cucurbitaceae	*Cucurbita maxima*	62,50%
51	alfavaca	Lamiaceae	*Ocimum* spp.	62,50%
52	alfavaca cravo	Lamiaceae	*Ocimum gratissimun*	62,50%
53	algodão	Malvaceae	*Gossypium* spp.	62,50%
54	berinjela	Solanaceae	*Solanum melongena*	62,50%
55	caruru	Amaranthaceae	*Amaranthus blitum*	62,50%
56	coentrão	Apiaceae	*Eryngium spp.*	62,50%
57	dente de leão	Asteraceae	*Sonchus asper*	62,50%
58	erva de santa maria / mastruz	Amaranthaceae	*Chenopodium ambrosioides*	62,50%
59	gerânio rosa	Geraniaceae	*Pelargonium hortorum*	62,50%
60	jiló	Solanaceae	*Solanum aethiopicum*	62,50%
61	losna	Asteraceae	*Artemisia absinthium*	62,50%
62	mandioca	Euphorbiaceae	*Manihot esculenta*	62,50%
63	mandioca amarela	Euphorbiaceae	*Manihot esculenta*	62,50%
64	mandioca cacau	Euphorbiaceae	*Manihot esculenta*	62,50%
65	maria gondó / capiçova	Asteraceae	*Erechtites hieraciifolius*	62,50%
66	metiolate	Euphorbiaceae	*Jatropha multifida*	62,50%
67	mostarda	Brassicaceae	*Brassica juncea*	62,50%
68	orégano	Lamiaceae	*Origanum vulgare*	62,50%
69	paixão de cristo amarelo e vermelho	Lamiaceae	*Coleus scutellarioides*	62,50%
70	paixão de cristo roxo	Lamiaceae	*Coleus scutellarioides*	62,50%
71	paixão de cristo roxo e verde	Lamiaceae	*Coleus scutellarioides*	62,50%

72	paixão de cristo verde e rosa	Lamiaceae	*Coleus scutellarioides*	62,50%
73	pimenta caiena	Solanaceae	*Capsicum annuum*	62,50%
74	pitaia	Cactaceae	*Hylocereus undatus*	62,50%
75	pitanga	Myrtaceae	*Eugenia uniflora*	62,50%
76	repolho	Brassicaceae	*Brassica oleracea*	62,50%
77	tomate comum	Solanaceae	*Solanum lycopersicum*	62,50%
78	abacaxi	Bromeliaceae	*Ananas comosus*	50%
79	acelga	Amaranthaceae	*Beta vulgaris* L. var. *cicla*	50%
80	agrião	Brassicaceae	*Nasturtium officinale*	50%
81	alface americana	Asteraceae	*Lactuca sativa*	50%
82	alho nirá	Alliaceae	*Allium tuberosum*	50%
83	alho poró	Alliaceae	*Allium porrum*	50%
84	almeirão	Asteraceae	*Hypochaeris radicata*	50%
85	assapeixe	Asteraceae	*Vernonanthura* sp.	50%
86	babosa	Xanthorrhoeaceae (recentemente asphodelaceae)	*Aloe maculata*	50%
87	babosa	Xanthorrhoeaceae (recentemente asphodelaceae)	*Aloe vera*	50%
88	babosa	Xanthorrhoeaceae (recentemente asphodelaceae)	*Aloe arborescens*	50%
89	banana caturra	Musaceae	*Musa* spp.	50%
90	batata doce casca roxa	Convolvulaceae	*Ipomoea batatas*	50%
91	brócolis de rama	Brassicaceae	*Brassica oleracea*	50%
92	camomila	Asteraceae	*Matricaria recutita*	50%
93	cana	Poaceae	*Saccharum* spp.	50%
94	cana caiana	Poaceae	*Sacharum officinarum*	50%
95	capim	Poaceae	*Urochloa plantaginea*	50%
96	capuchinha amarela	Tropaeolaceae	*Tropaeolum majus*	50%
97	carrapicho, picão	Asteraceae	*Bidens pilosa*	50%
98	caruru	Amaranthaceae	*Amaranthus retroflexus*	50%
99	couve saia de bailarina	Brassicaceae	*Brassica oleracea*	50%
100	espada de são jorge pequena	Asparagaceae	*Sansevieria trifasciata*	50%
101	falsa serralha	Asteraceae	*Emilia fosbergii*	50%
102	feijão de vagem	Fabaceae	*Phaseolus vulgaris*	50%
103	goiaba vermelha	Myrtaceae	*Psidium guajava*	50%
104	guaco	Asteraceae	*Mikania glomerata*	50%
105	guaco	Asteraceae	*Mikania cordifolia*	50%
106	hortelã pimenta	Lamiaceae	*Plectranthus amboinicus*	50%
107	hortelã, menta	Lamiaceae	*Mentha spicata*	50%

108	insulina	Vitaceae	*Cissus sicyoides*	50%
109	jaborandi	Rutaceae	*Pilocarpus microphyllus*	50%
110	lágrima de nossa senhora	Poaceae	*Coix lacryma-jobi*	50%
111	limão capeta	Rutaceae	*Citrus limonia*	50%
112	manjerona	Lamiaceae	*Origanum majorana*	50%
113	ora-pro-nóbis sem espinho	Cactaceae	*Pereskia bleo*	50%
114	picão	Asteraceae	*Bidens* subalternans	50%
115	picão preto	Asteraceae	*Bidens alba*	50%
116	pimentão	Solanaceae	*Capsicum annuum*	50%
117	poejo	Lamiaceae	*Mentha pulegium*	50%
118	quebra pedra	Phyllanthaceae	*Phyllanthus niruri*	50%
119	quebra pedra	Phyllanthaceae	*Phyllanthus amarus*	50%
120	quebra pedra	Phyllanthaceae	*Phyllanthus tenellus*	50%
121	quiabinho	Malvaceae	*Abelmoschus esculentus*	50%
122	rosa rosa	Rosaceae	*Rosa spp.*	50%
123	samambaia	Davalliaceae	*Nephrolepis* sp.	50%
124	serralha	Asteraceae	*Sonchus oleraceus*	50%
125	tomilho	Lamiaceae	*Thymus vulgaris*	50%
126	trapoeraba	Commelinaceae	*Commelina benghalensis*	50%
127	trapoeraba	Commelinaceae	*Commelina diffusa*	50%
128	trapoeraba	Commelinaceae	*Commelina erecta*	50%
129	trapoeraba roxa	Commelinaceae	*Tradescantia zebrina*	50%
130	abóbora da roça	Cucurbitaceae	*Cucurbita moschata*	37,50%
131	abóbora menina	Cucurbitaceae	*Cucurbita moschata*	37,50%
132	abobrinha	Cucurbitaceae	*Cucurbita pepo*	37,50%
133	alho	Alliaceae	*Allium sativum*	37,50%
134	amora	Moraceae	*Morus nigra*	37,50%
135	batata iacome	Asteraceae	*Smallanthus sonchifolius*	37,50%
136	beldroegão	Portulacaceae	*Talimun paniculatum*	37,50%
137	bertalha coração	Basellaceae	*Anredera cordifolia*	37,50%
138	cana índica	Cannaceae	*Canna indica*	37,50%
139	capeba	Piparaceae	*Piper umbellatum*	37,50%
140	capim colonião	Poaceae	*Megathyrsus maximus*	37,50%
141	carqueja	Asteraceae	*Baccharis* spp.	37,50%
142	chanana	Turneraceae	*Turnera subulata*	37,50%
143	chicória	Asteraceae	*Cichorium endivia*	37,50%
144	chuchuzinho de conserva	Cucurbitaceae	*Sechium edule*	37,50%
145	citronela	Poaceae	*Cymbopogon winterianus*	37,50%
146	clorofito	Agavaceae	*Chlorophytum comosum*	37,50%
147	confrei	Boraginaceae	*Symphytum officinale*	37,50%
148	cosmos	Asteraceae	*Cosmos caudatus*	37,50%
149	cosmos	Asteraceae	*Cosmos sulphureus*	37,50%
150	couve prateada	Brassicaceae	*Brassica oleracea*	37,50%
151	crista de galo	Amaranthaceae	*Celosia argentea*	37,50%

152	cróton	Euphorbiaceae	*Cadiaeum variegatum*	37,50%
153	cúrcuma (açafrão da terra)	Zingiberaceae	*Curcuma longa*	37,50%
154	dinheiro em penca	Commelinaceae	*Callisia repens*	37,50%
155	erva cidreira de árvore	Lamiaceae	*Lippia alba*	37,50%
156	erva cidreira, melissa	Lamiaceae	*Melissa officinalis*	37,50%
157	ervilha	Fabaceae	*Pisum sativum*	37,50%
158	espada de são jorge borda amarela	Asparagaceae	*Sansevieria* sp.	37,50%
159	fumo	Solanaceae	*Nicotiana tabacum*	37,50%
160	guiné	Phytolacaceae	*Petiveria foetida*	37,50%
161	ipomeia roxa	Convolvulaceae	*Ipomoea cairica*	37,50%
162	ipomeia roxa	Convolvulaceae	*Ipomoea nil*	37,50%
163	íris	Iridaceae	*Neomarica caerulea*	37,50%
164	jambú	Asteraceae	*Acmella oleracea*	37,50%
165	jamelão	Myrtaceae	*Syzygium cumini*	37,50%
166	lantana	Verbenaceae	*Lantana camara*	37,50%
167	lavanda	Lamiaceae	*Lavandula* ssp.	37,50%
168	leucena	Fabaceae	*Leucaena* spp.	37,50%
169	levante	Lamiaceae	*Mentha viridis*	37,50%
170	lírio	Amaryllidaceae	*Eucharis grandiflora*	37,50%
171	macelinha	Asteraceae	*Achyrocline satureioides*	37,50%
172	manjericão roxo	Lamiaceae	*Ocimum basilicum*	37,50%
173	maracujá azedo	Passifloraceae	Passiflora edulis	37,50%
174	maracujá doce	Passifloraceae	*Passiflora alata*	37,50%
175	melão de são caetano	Cucurbitaceae	*Momordica charantia*	37,50%
176	ora-pro-nóbis de árvore	Cactaceae	*Pereskia grandifolia*	37,50%
177	palma amarela	Iridaceae	*Gladiolus* sp.	37,50%
178	pariri	Bignoniaceae	*Arrebidaea chica*	37,50%
179	peperômia	Piparaceae	*Peperomia argyreia*	37,50%
180	peperômia	Piparaceae	*Peperomia caperata*	37,50%
181	peperômia	Piparaceae	*Peperomia scandens*	37,50%
182	pepininho picles, pepininho vermelho	Cucurbitaceae	*Coccinia grandis*	37,50%
183	rosa vermelha	Rosaceae	*Rosa spp.*	37,50%
184	sabugueiro	Adoxaceae	*Sambucus* sp.	37,50%
185	saião	Crassulaceae	*Kalanchoe brasiliensis*	37,50%
186	sálvia	Lamiaceae	*Salvia officinalis*	37,50%
187	singônio	Araceae	*Syngonium angustatum*	37,50%
188	suculenta	Crassulaceae	*Sedum morganianum*	37,50%
189	tanchagem	Plantaginaceae	*Plantago lanceolata*	37,50%
190	tanchagem	Plantaginaceae	*Plantago major*	37,50%
191	trevinho	Oxalidaceae	*Oxalis latifolia*	37,50%
192	trevinho, azedinha	Oxalidaceae	*Oxalis debilis*	37,50%
193	trevinho, azedinha	Oxalidaceae	*Oxalis corniculata*	37,50%

194	vinagreira roxa	Malvaceae	*Hibiscus acetosella*	37,50%
195	vinagreira verde	Malvaceae	*Hibiscus subdariffa*	37,50%
196	alecrim do campo	Asteraceae	*Baccharis dracunculifolia*	25%
197	almeirão pão de açúcar	Asteraceae	*Chicorium intybus*	25,00%
198	amendoim	Fabaceae	*Arachis* spp.	25%
199	araruta	Marantaceae	*Maranta arundinacea*	25%
200	arnica	Asteraceae	*Solidago chilensis*	25%
201	bardana	Asteraceae	*Arctium lappa*	25%
202	begônia	Begoniaceae	*Begonia coccinea*	25%
203	begônias	Begoniaceae	*Begonia* spp.	25%
204	beijinho	Balsaminaceae	*Impatiens balsamina*	25%
205	bertalha	Basellaceae	*Basella* spp.	25%
206	boldinho	Lamiaceae	*Plectranthus ornatus*	25%
207	boldinho borda branca	Lamiaceae	*Plectranthus ornatus*	25%
208	brilhantina	Urticaceae	*Pilea microphylla*	25%
209	bromélia	Bromeliaceae	*Neoregelia* spp.	25%
210	bucha	Cucurbitaceae	*Luffa* spp.	25%
211	café	Rubiaceae	*Coffea arabica*	25%
212	capuchinha rajadinha	Tropaeolaceae	*Tropaeolum majus*	25%
213	caruru	Amaranthaceae	*Amaranthus hydridus*	25%
214	caruru	Amaranthaceae	*Amaranthus viridis*	25%
215	caruru com espinho	Amaranthaceae	*Amaranthus spinosus*	25%
216	caruru sem espinho	Amaranthaceae	*Amaranthus deflexus*	25%
217	cavalinha	Equisetaceae	*Equisetum giganteum*	25%
218	cebolinha fina	Alliaceae	*Allium schoenoprasum*	25%
219	chifre de veado	Polypodiaceae	*Platycerium bifurcatum*	25%
220	cipó de são joão	Bignoniaceae	*Pyrostegia venusta*	25%
221	cordão de frade / cordão de são francisco	Lamiaceae	*Leonotis nepetifolia*	25%
222	couve picada	Brassicaceae	*Brassica oleracea*	25%
223	couve-flor	Brassicaceae	*Brassica oleracea*	25%
224	cravo de defunto	Asteraceae	*Tagetes* ssp.	25%
225	dois amores	Euphorbiaceae	*Euphorbia tithymaloides*	25%
226	dracena	Asparagaceae	*Dracaena fragrans*	25%
227	dracena	Asparagaceae	*Dracaena marginata*	25%
228	dracena	Asparagaceae	*Dracaena* sp.	25%
229	filodendro	Araceae	*Philodendron* spp.	25%
230	flor de maio	Cactaceae	*Schlumbergera truncata*	25%
231	gerânio vermelho	Geraniaceae	*Pelargonium inquinans*	25%
232	goiaba branca	Myrtaceae	*Psidium guajava*	25%
233	graveto	Euphorbiaceae	*Euphorbia tirucalli*	25%
234	graviola	Annonaceae	*Annona muricata*	25%
235	hibisco vermelho	Malvaceae	*hibiscus rosa-sinensis*	25%
236	hortelã	Lamiaceae	*Mentha piperita*	25%

237	inhame	Araceae	*Colocasia esculenta*	25%
238	ipê amarelo	Bignoniaceae	*Handroanthus albus*	25%
239	jaboticaba	Myrtaceae	*Plinia trunciflora*	25%
240	jaboticaba	Myrtaceae	*Plinia cauliflora*	25%
241	jurubeba	Solanaceae	*Solanum paniculatum*	25%
242	limão taiti	Rutaceae	*Citrus latifolia*	25%
243	lírio da paz	Araceae	*Spathiphyllum wallisii*	25%
244	lírio do brejo	Zingiberaceae	*Hedychium coronarium*	25%
245	losna branca	Asteraceae	*Parthenium hysterophorus*	25%
246	malva	Malvaceae	*Malva* spp.	25%
247	maracujá nativo	Passifloraceae	*Passiflora* spp.	25%
248	maravilha amarela	Nyctaginaceae	*Mirabilis jalapa*	25%
249	maravilha rajada	Nyctaginaceae	*Mirabilis jalapa*	25%
250	maravilha rosa	Nyctaginaceae	*Mirabilis jalapa*	25%
251	margarida	Asteraceae	*Leucanthemum vulgare*	25%
252	mastruço, mentrusto	Brassicaceae	*Lepidium virginicum*	25%
253	maxixe	Cucurbitaceae	*Cucumis anguria*	25%
254	mentrasto	Lamiaceae	*Mentha rotundifolia*	25%
255	mexerica	Rutaceae	*Citrus reticulata*	25%
256	milho pipoca	Poaceae	*Zea mays*	25%
257	mini rosa	Rosaceae	*Rosa chinensis*	25%
258	moringa	Moringaceae	*Moringa oleifera*	25%
259	noni	Rubiaceae	*Morinda* sp.	25%
260	onze horas	Portulacaceae	*Portulaca grandiflora*	25%
261	orquídea	Orchidaceae	*Phalaenopsis spp.*	25%
262	orquídea	Orchidaceae	*Epidendrum spp.*	25%
263	panaceia	Solanaceae	*Solanum cernuum*	25%
264	pata de vaca	Fabaceae	*Bauhinia forficata*	25%
265	penicilina	Amaranthaceae	*Alternanthera brasiliana*	25%
266	perpétua	Amaranthaceae	*Gomphrena globosa*	25%
267	pimenta biquinho	Solanaceae	*Capsicum chinense*	25%
268	pimenta dedo de moça	Solanaceae	*Capsicum baccatum*	25%
269	quiabo estrela	Malvaceae	*Abelmoschus esculentus*	25%
270	quitoco	Asteraceae	*Pluchea sagittalis*	25%
271	rabanete	Brassicaceae	*Raphanus sativus*	25%
272	repolho roxo	Brassicaceae	*Brassica oleracea*	25%
273	rosa amarela	Rosaceae	*Rosa grandiflora*	25%
274	rosa do deserto	Apocynaceae	*Adenium obesum*	25%
275	rosinha, mini rosa	Rosaceae	*Rosa bracteata*	25%
276	samambaia	Dennstaedtiaceae	*Pteridium* sp.	25%
277	samambaias	Nephrolepidaceae	*Nephrolepis* spp.	25%
278	tamarilho	Solanaceae	*Solanum betaceum*	25%
279	tumbérgia	Acanthaceae	*Thunbergia* sp.	25%

280	urtiga	Urticaceae	*Urtica dioica*	25%
281	vique	Lamiaceae	*Mentha arvensis*	25%
282	abacaxi roxo	Commelinaceae	*Tradescantia spathacea*	12,50%
283	agapanto	Amaryllidaceae	*Agapanthus africanus*	12,50%
284	alface roxa escura	Asteraceae	*Lactuca sativa*	12,50%
285	alfavacão	Lamiaceae	*Ocimum* spp.	12,50%
286	alfavaquinha da roça	Lamiaceae	*Ocimum* spp.	12,50%
287	alfazema (erva-santa)	Verbenaceae	*Aloysia gratissima*	12,50%
288	alho paulista	Alliaceae	*Allium ascalonicum*	12,50%
289	almeirão	Asteraceae	*Hypochaeris* sp.	12,50%
290	almeirão com recorte	Asteraceae	*Cichorium intybus*	12,50%
291	almeirão folha branca	Asteraceae	*Cichorium intybus*	12,50%
292	almeirão folha recortada	Asteraceae	*Lactuca canadensis*	12,50%
293	almeirão liso	Asteraceae	*Chicorium intybus*	12,50%
294	almeirão verde folha lisa	Asteraceae	*Lactuca canadensis*	12,50%
295	amaranto, rabo de gato	Amaranthaceae	*Amaranthus caudatus*	12,50%
296	ambrosia	Asteraceae	*Ambrosia* spp.	12,50%
297	amor perfeito	Violaceae	*Viola* sp.	12,50%
298	antúrio	Araceae	*Anthurium* sp.	12,50%
299	aperta ruão	Piparaceae	*Piper aduncum*	12,50%
300	arrebenta cavalo	Solanaceae	*Solanum palinacanthum*	12,50%
301	artemísia folha fina	Asteraceae	*Artemisia vulgaris*	12,50%
302	artemísia folha grossa	Asteraceae	*Artemisia vulgaris*	12,50%
303	árvore da felicidade	Araliaceae	*Polyscias fruticosa*	12,50%
304	árvore guarda-chuva	Araliaceae	*Schefflera actinophylla*	12,50%
305	aveia preta	Poaceae	*Avena strigosa*	12,50%
306	avenca	Pteridaceae	*Adiantum* spp.	12,50%
307	bambu da sorte	Asparagaceae	*dracaena sanderiana*	12,50%
308	banana nanica	Musaceae	*Musa* spp.	12,50%
309	banana prata	Musaceae	*Musa* spp.	12,50%
310	barbasco	Scrophulariaceae	*Verbascum thapsus*	12,50%
311	barbatimão	Fabaceae	*Stryphnodendron adstringens*	12,50%
312	baroa	Apiaceae	*Arracacia xanthorrhiza*	12,50%
313	batata doce branca	Convolvulaceae	*Ipomoea batatas*	12,50%
314	batata doce laranja	Convolvulaceae	*Ipomoea batatas*	12,50%
315	begônia	Begoniaceae	*Begonia cerosa*	12,50%
316	beijinho	Balsaminaceae	*Impatiens hawkeri*	12,50%
317	beijinho	Balsaminaceae	*Impatiens walleriana*	12,50%
318	bico de papagaio	Euphorbiaceae	*Euphorbia pulcherrima*	12,50%
319	bolsa de pastor	Bignoniaceae	*Zeyheria montana*	12,50%
320	botão de ouro	Asteraceae	*Galinsoga parviflora*	12,50%
321	botão de ouro	Asteraceae	*Jaegeria hirta*	12,50%
322	bouganvile bonina	Nyctaginaceae	*Bougainvillea* spp.	12,50%

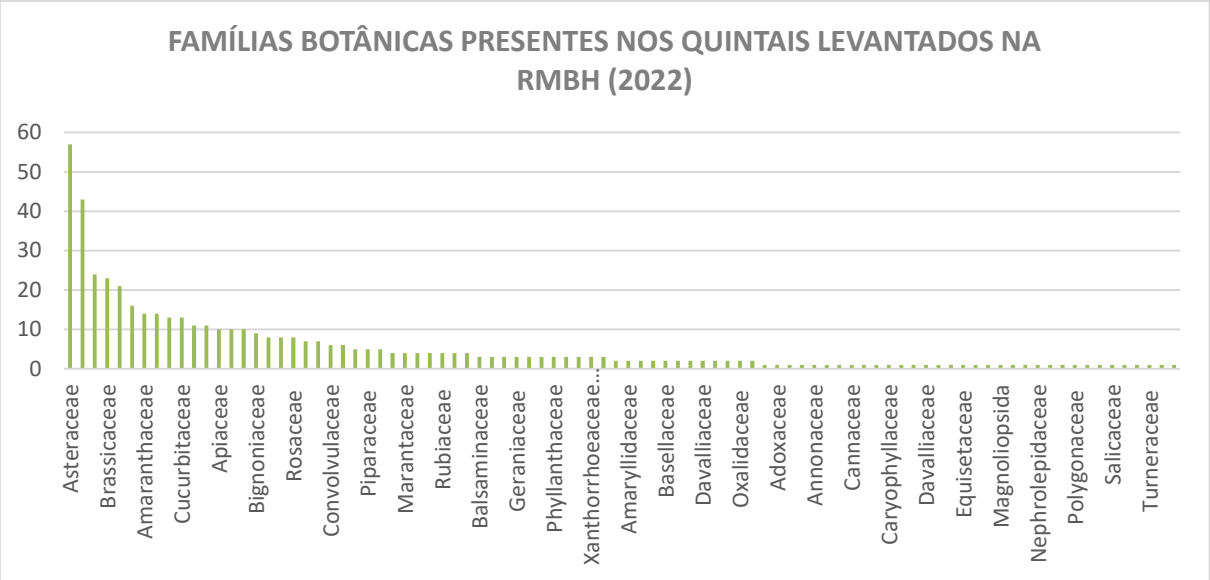
323	bouganvile branca	Nyctaginaceae	*Bougainvillea* spp.	12,50%
324	bouganvile laranja	Nyctaginaceae	*Bougainvillea* spp.	12,50%
325	bouganvile roxa	Nyctaginaceae	*Bougainvillea* spp.	12,50%
326	brócolis ninja	Brassicaceae	*Brassica oleracea*	12,50%
327	cacto macarrão	Cactaceae	*Rhipsalis cereuscula*	12,50%
328	calêndula	Asteraceae	*Calendula officinalis*	12,50%
329	canela	Lauraceae	*Cinnamomum verum*	12,50%
330	canela de ema	Lamiaceae	*Vellozia squamata*	12,50%
331	canela de perdiz	Euphorbiaceae	*Croton antisyphiliticus*	12,50%
332	canela de velho	Melastomataceae	*Miconia albicans*	12,50%
333	canola	Brassicaceae	*Brassica napus*	12,50%
334	capim rabo de gato	Poaceae	*Setaria parviflora*	12,50%
335	cará moela	Dioscoreaceae	*Dioscorea bulbifera*	12,50%
336	carqueja do cerrado	Asteraceae	*Baccharis* sp.	12,50%
337	centelha asiática	Apiaceae	*Centella asiatica*	12,50%
338	chapéu de napoleão	Apocynaceae	*Thevetia peruviana*	12,50%
339	charuteira	Solanaceae	*Nicotiana glauca*	12,50%
340	cipó cravo	Bignoniaceae	*Tynanthus fasciculatus*	12,50%
341	cipó esqueleto	Convolvulaceae	*Ipomoea quanoclit*	12,50%
342	cipó prata	Malpighiaceae	*Banisteriopsis* sp.	12,50%
343	clitória	Fabaceae	*Clitoria ternatea*	12,50%
344	coentro folha pequena	Apiaceae	*Coriandrum sativum*	12,50%
345	coentro que alastra	Apiaceae	*Coriandrum sativum*	12,50%
346	colher de vaqueiro	Vochysiaceae	*Salvertia sp.*	12,50%
347	congonha de bugre	Rubiaceae	*Rudgea viburnoides*	12,50%
348	copo de leite	Araceae	*Zantedeschia aethiopica*	12,50%
349	coqueiro de vênus	Asparagaceae	*Cordyline fruticosa*	12,50%
350	coqueiros	Arecaceae	*Cocos nucifera*	12,50%
351	couve borda branca	Brassicaceae	*Brassica oleracea*	12,50%
352	couve chinesa	Brassicaceae	*Brassica pekinensis*	12,50%
353	couve talo roxo	Brassicaceae	*Brassica oleracea*	12,50%
354	cravínea	Caryophyllaceae	*Dianthus chinensis*	12,50%
355	crisântemo	Asteraceae	*Argyranthemum frutescens*	12,50%
356	crotalária	Fabaceae	*Crotalaria* sp.	12,50%
357	dólar	Lamiaceae	*Plectranthus coleoides*	12,50%
358	embaúba	Urticaceae	*Crecropia* spp.	12,50%
359	erva baleeira	Boraginaceae	*Varronia curassavica*	12,50%
360	erva botão de cachorro	Malpighiaceae	*Heteropterys* sp.	12,50%
361	erva de lagarto	Salicaceae	*Casearia* sp.	12,50%
362	espada de são jorge fina	Asparagaceae	*Sansevieria* sp.	12,50%
363	eucalipto	Myrtaceae	*Eucalyptus* sp.	12,50%
364	fava branca	Fabaceae	*Vicia faba*	12,50%
365	feijão carioquinha	Fabaceae	*Phaseolus vulgaris*	12,50%

366	feijão de porco	Fabaceae	*Canavalia ensiformis*	12,50%
367	feijão guandu roxo	Fabaceae	*Cajanus cajan*	12,50%
368	feijão preto	Fabaceae	*Phaseolus vulgaris*	12,50%
369	ficus	Moraceae	*Ficus* sp.	12,50%
370	figueira	Moraceae	*Ficus carica*	12,50%
371	fisalis	Solanaceae	*Physalis angulata*	12,50%
372	fisalis falso	Solanaceae	*Physalis* spp.	12,50%
373	flamboyant	Fabaceae	*Delonix regia*	12,50%
374	gabiroba	Myrtaceae	*Campomanesia* spp.	12,50%
375	gazânia	Asteraceae	*Gazania rigens*	12,50%
376	gengibre	Zingiberaceae	*Zinziber sp.*	12,50%
377	gervão	Verbenaceae	*Stachytarpheta* spp.	12,50%
378	ginseng	Araliaceae	*Panax ginseng*	12,50%
379	girassol	Asteraceae	*Helianthus annuus*	12,50%
380	guataconga	Magnoliopsida	*Casearia sylvestris*	12,50%
381	hera	Araliaceae	*Hedera helix*	12,50%
382	hera	Araliaceae	*Hedera canariensis*	12,50%
383	hortênsia	Hydrangeaceae	*Hydrangea macrophylla*	12,50%
384	incençadeira	Lamiaceae	*Plectranthus coleoides*	12,50%
385	ingá	Fabaceae	*Inga* sp.	12,50%
386	ipê branco	Bignoniaceae	*Tabebuia roseoalba*	12,50%
387	ipê mirim	Bignoniaceae	*Tecoma stans*	12,50%
388	ipê rosa	Bignoniaceae	*Tabebuia rosea*	12,50%
389	ipê roxo	Bignoniaceae	*Handroanthus avellanedae*	12,50%
390	iuca	Asparagaceae	*Yucca* spp.	12,50%
391	jaca	Moraceae	*Artocarpus heterophyllus*	12,50%
392	jade	Crassulaceae	*Crassula ovata*	12,50%
393	jambo amarelo	Myrtaceae	*Syzigium jambos*	12,50%
394	jambo vermelho	Myrtaceae	*Syzygium malaccense*	12,50%
395	jatobá nativo	Fabaceae	*Hymenaea stigonocarpa*	12,50%
396	jequiri	Solanaceae	*Solanum alternatopinnatum*	12,50%
397	jiboia	Araceae	*Epipremnum aureum*	12,50%
398	juá bravo	Solanaceae	*Solanum viarum*	12,50%
399	jurema alfazema	Fabaceae	*Mimosa* sp.	12,50%
400	lalo	Malvaceae	*Corchorus* sp.	12,50%
401	laranja azeda	Rutaceae	*Citrus sinensis*	12,50%
402	laranja da terra	Rutaceae	*Citrus aurantium*	12,50%
403	laranja serra d'água	Rutaceae	*Citrus sinensis*	12,50%
404	laranjinha	Myrtaceae	*Eugenia speciosa*	12,50%
405	leiteira	Euphorbiaceae	*Euphorbia heterophylla*	12,50%
406	limão galego	Rutaceae	*Citrus aurantifolia*	12,50%
407	limão siciliano (jamaicano)	Rutaceae	*Citrus limon*	12,50%

408	limonete	Verbenaceae	*Aloysia triphylla*	12,50%
409	losna arbusto	Asteraceae	*Artemisia absinthium*	12,50%
410	louro	Lauraceae	*Laurus nobilis*	12,50%
411	malva branca	Geraniaceae	*Pelargonium graveolens*	12,50%
412	malvavisco	Malvaceae	*Malvaviscus arboreus*	12,50%
413	mamona roxa	Euphorbiaceae	*Ricinus communis*	12,50%
414	mandioca de seis meses	Euphorbiaceae	*Manihot esculenta*	12,50%
415	mandioca pequena	Euphorbiaceae	*Manihot esculenta*	12,50%
416	manjericão branco	Lamiaceae	*Ocimum basilicum*	12,50%
417	manjericão folha pequena	Lamiaceae	*Ocimum basilicum*	12,50%
418	manjericão talo roxo	Lamiaceae	*Ocimum basilicum*	12,50%
419	maranta	Marantaceae	*Maranta leuconeura*	12,50%
420	maranta cinza	Marantaceae	*Ctenanthe setosa*	12,50%
421	maranta-pavão	Marantaceae	*Calathea makoyana*	12,50%
422	maria pretinha	Solanaceae	*Solanum americanum*	12,50%
423	mastruço, mentrusto	Brassicaceae	*Coronopus didymus*	12,50%
424	melancia	Cucurbitaceae	*Citrullus lanatus*	12,50%
425	melão	Cucurbitaceae	*Cucumis melo*	12,50%
426	milho amarelo	Poaceae	*Zea mays*	12,50%
427	milho branco	Poaceae	*Zea mays*	12,50%
428	milho roxo	Poaceae	*Zea mays*	12,50%
429	milho verde	Poaceae	*Zea mays*	12,50%
430	mirra (falsa mirra), borda branca	Lamiaceae	*Tetradenia riparia*	12,50%
431	mirra com a borda branca	Lamiaceae	*Tetradenia riparia*	12,50%
432	morango	Rosaceae	*Fragaria* sp.	12,50%
433	mostarda amarela	Brassicaceae	*Brassica alba*	12,50%
434	murici	Malpighiaceae	*Byrsonima* spp.	12,50%
435	nabo	Brassicaceae	*Brassica rapa*	12,50%
436	negramina	Siparunaceae	*Siparuna guianensis*	12,50%
437	novalgina	Asteraceae	*Achillea millefolium*	12,50%
438	paixão de cristo rosa	Lamiaceae	*Coleus scutellarioides*	12,50%
439	palma cacto	Cactaceae	*Nopalea cochenillifera*	12,50%
440	palmeirinha	Arecaceae	*Chamaedorea elegans*	12,50%
441	papiros	Cyperaceae	*Cyperus papyrus*	12,50%
442	papoula	Papaveraceae	*Papaver* sp.	12,50%
443	pata de vaca	Fabaceae	*Bauhinia variegata*	12,50%
444	pau doce	Rhamnaceae	*Hovenia dulcis*	12,50%
445	pau santo	Calophyllaceae	*Kielmeyera coriacea*	12,50%
446	pequi	Caryocaraceae	*Caryocar brasiliense*	12,50%
447	pimenta de bode	Solanaceae	*Capsicum chinense*	12,50%
448	pimenta malagueta	Solanaceae	*Capsicum frutescens*	12,50%
449	pimenta preta	Solanaceae	*Capsicum* spp.	12,50%
450	pingo de ouro	Verbenaceae	*Duranta* sp.	12,50%

451	quiabo de metro	Cucurbitaceae	*Trichosanthes cucumerina*	12,50%
452	renda portuguesa	Davalliaceae	*Davalia fejeensis*	12,50%
453	romã	Lythraceae	*Punica granatum*	12,50%
454	rosa branca	Rosaceae	*Rosa alba*	12,50%
455	rosa buque de noiva	Rosaceae	*Spirea cantoniensis*	12,50%
456	rosinha de sol	Aizoaceae	*Aptenia cordifolia*	12,50%
457	rosmaninho	Asteraceae	*Santolina* sp.	12,50%
458	saião, folha da fortuna	Crassulaceae	*Kalanchoe pinnata*	12,50%
459	samambaia	Polypodiaceae	*Microsorum punctatum*	12,50%
460	samambaia	Polypodiaceae	*Phlebodium decumanum*	12,50%
461	samambaia	Polypodiaceae	*Phymatosorus* sp.	12,50%
462	sete marias	Cleomaceae	*Cleome* sp.	12,50%
463	sombrinha chinesa	Cyperaceae	*Cyperus alternifolius*	12,50%
464	sorgo	Poaceae	*Sorghum bicolor*	12,50%
465	stevia	Asteraceae	*Stevia rebaudiana*	12,50%
466	suculenta	Crassulaceae	*Graptopetalum paraguayense*	12,50%
467	taioba gigante	Araceae	*Leucocasia gigantea*	12,50%
468	taioba roxa	Araceae	*Xanthosoma violaceum*	12,50%
469	tamarindo	Fabaceae	*Tamarindus indica*	12,50%
470	tinhorão	Araceae	*Caladium spp.*	12,50%
471	tomate andrea	Solanaceae	*Solanum lycopersicum*	12,50%
472	tomate santa cruz	Solanaceae	*Solanum lycopersicum*	12,50%
473	toranja	Rutaceae	*Citrus paradisi*	12,50%
474	transagem	Plantaginaceae	*Plantago tomentosa*	12,50%
475	uva	Vitaceae	*Vitis* spp.	12,50%
476	vassourinha de botão	Rubiaceae	*Spermacoce verticillata*	12,50%
477	veludo branco	Commelinaceae	*Tradescantia sillamontana*	12,50%
478		Araceae	*Aglaonema* spp.	12,50%
479		Fabaceae	*Albizia julibrissin*	12,50%
480		Urticaceae	*Pilea peperomioides*	12,50%

O conjunto geral indica a presença de 480 espécies e variedades que criam histórias e relações com e entre as pessoas. As espécies e variedades levantadas pertencem a 90 famílias botânicas, sendo as famílias mais representativas numericamente: Asteraceae (57), Lamiaceae (43), Solanaceae (24), Brassicaceae (23), Fabaceae (21), Poaceae (16), Amaranthaceae (14), Euphorbiaceae (14), Araceae (13), Cucurbitaceae (13), Myrtaceae (11), Rutaceae (11), Apiaceae (10), Bignociaceae (9), Malvaceae (8) e Rosaceae (8), Commelinaceae (8), Allioideae (antiga Alliaceae) (8), dispostas no gráfico abaixo:



Famílias botânicas

Apresento, a seguir, características das famílias botânicas mais numerosas a partir de informações compiladas por Vinicius Souza e Harri Lorenzi (2019) na publicação *Botânica Sistemática*.

A família Asteraceae, a mais numerosa do levantamento, apresenta cerca de 24 a 30 mil espécies. Por seu valor alimentar, medicinal e ornamental, são cultivadas no Brasil e em diferentes partes do mundo. São destaques: alface, girassol, crisântemo, calêndula, stevia, guaco, camomila (Souza, Lorenzi 2019). Plantas como o picão, serralha e dente de leão fazem parte dessa família e podem se comportar como invasoras, já que são eficientes em se dispersar, em especial em campos abertos (Souza, Lorenzi, 2019: 687).

A família Lamiaceae apresenta mais de sete mil espécies em diferentes partes do mundo e são cultivadas com finalidade condimentar, ornamental e medicinal. São destaques: alfavaca, lavanda, manjericão, hortelã, menta, alecrim, sálvia, tomilho e poejo (Souza, Lorenzi 2019: 642).

Com 3.000 espécies, a família Solanaceae tem distribuição cosmopolita e está, de modo geral, mais presente em regiões neotropicais. Inclui espécies fundamentais à alimentação, como o tomate, pimentão, berinjela e jiló e outras relevantes à medicina popular, nas culturas tradicionais, na farmacologia e na ornamentação (Souza, Lorenzi, 2019: 615). Outros exemplos são o fumo e a petúnia.

A família Brassicaceae tem distribuição cosmopolita e apresenta cerca de 3700 espécies. Do ponto de vista alimentar, compreende uma diversidade de espécies hortícolas, com destaque à espécie *Brassica olaracea*. A partir de melhoramento genético, apresenta variedades horticulturais, como a couve-manteiga, repolho, couve-flor e brócolis. São destaques, ainda, as mostardas, rabanete, almeirão, agrião e rúcula. As poucas espécies nativas estão, principalmente, em regiões frias do sul e sudeste (Souza, Lorenzi 2019: 494).

A família Fabaceae é marcada pela presença de plantas com frutos do tipo vagem, ainda que com diferentes portes. É o terceiro maior grupo de plantas, com mais de 19 mil espécies. Seus usos são diversos: alimentação, medicina popular, adubação verde (por fixarem nitrogênio ao solo) e arborização urbana. São destaques: o feijão, amendoim, tamarindo, feijão guandu, crotalária, pata de vaca, jatobá e barbatimão (Souza, Lorenzi 2019: 266).

A família Poaceae tem cerca de dez mil espécies, 1500 delas presentes no Brasil, com grande relevância à alimentação. Apresenta distribuição cosmopolita. São destaques: arroz, milho, aveia, cana-de-açúcar, capim cidreira e citronela. E também tipos de capim, como o capim colonião, o vetiver. Essa família tem "*um papel importantíssimo na prevenção dos processos erosivos*" (Souza, Lorenzi 2019: 229).

A família Amaranthaceae tem distribuição cosmopolita, com exceção de regiões frias, e apresenta cerca de 2000 espécies. Algumas, como a crista-de-galo e a perpétua, são usadas

> com finalidade ornamental. Outras, como o caruru e erva de Santa Maria, apresentam aspecto ruderal (Souza, Lorenzi 2019: 516).
> A família Euphorbiaceae apresenta cerca de 6000 espécies, com distribuição em geral pantropical. Engloba plantas com látex e é uma das principais famílias da flora brasileira, com cerca de 900 espécies. Pertencem a essa família a mandioca, mamona, bico de papagaio e croton (Souza, Lorenzi 2019:352-354).
> A família Araceae tem distribuição cosmopolita e apresenta cerca de 3300 espécies, muitas com potencial ornamental, como os antúrios, filodendros, copo de leite, costela de adão e jiboia, e outras com finalidade alimentar, como a taioba e o inhame (Souza, Lorenzi 2019:98-99).
> A família Cucurbitaceae tem distribuição tropical e subtropical, com cerca de 850 espécies. São destaques a melancia, melão, pepino, abobrinha, abóboras, chuchu, bucha, maxixe e melão de são caetano (Souza, Lorenzi 2019: 334).
> A família Myrtaceae apresenta distribuição pantropical e subtropical e engloba cerca de 4000 espécies. Apresenta dois centros de diversidade, um na Oceania e outro na Região Neotropical. No Brasil, é uma das maiores famílias botânicas, com cerca de 1000 espécies. São exemplos o eucalipto, pitanga, goiaba, gabiroba, jabuticaba, jambo e jambolão (Souza, Lorenzi 2019:426-428).
> A família Rutaceae apresenta cerca de 2000 espécies com distribuição Pantropical. As mais comuns são as laranjas, limões e mexericas. Outras plantas que também fazem parte dessa família são a arruda e o jaborandi (Souza, Lorenzi 2019:457).
> A família Apiaceae apresenta distribuição cosmopolita com cerca de 4000 espécies, com 80 delas no Brasil. São exemplos: cenoura, baroa, salsão, funcho, salsa e coentro (Souza, Lorenzi 2019:732).
> A família Asparagaceae tem distribuição cosmopolita e apresenta cerca de 2500 espécies. Compreende plantas como espada de são Jorge e dracenas (Souza, Lorenzi 2019: 173).
> A família Malvaceae apresenta distribuição pantropical e engloba cerca de 4200 espécies, com 750 presentes no Brasil. São destaques: algodão, cacau, quiabo, hibisco e malvavisco (Souza, Lorenzi 2019:469-470).
> A família Bignoniaceae apresenta distribuição pantropical e tem cerca de 800 espécies, sendo 400 delas no Brasil (Souza, Lorenzi 2019: 663). São exemplos os ipês e o cipó de são joão.
> A família Allioideae (antiga Alliaceae) apresenta cerca de 750 espécies e estão distribuídas principalmente no hemisfério Norte. Tem destaque o alho, a cebolinha, a cebola e o alho-poró.
> A família Rosaceae apresenta distribuição cosmopolita com cerca de 3000 espécies, com maior número presente no hemisfério norte. No Brasil, apenas 25 espécies são nativas. Destacam-se o morango, a maçã e as rosas (Souza, Lorenzi 2019: 314).
> A família Commelinaceae apresenta cerca de 650 espécies com distribuição pantropical. São destaques a trapoeraba roxa, o lambari e diferentes trapoerabas (Souza, Lorenzi 2019:185).

Cabe enfatizar que o conjunto levantado, em termos numéricos, não está muito distante do compilado realizado por Emperaire (2021:18-19) em 22 artigos[124] que abordam a agrobiodiversidade manejada em diferentes biomas brasileiros, uma vez que o acervo agrobiológico levantado apresenta "*475 espécies de várias origens, americanas ou outras*", o que sugere a relevância da conservação local para a diversidade agrícola. Nesse sentido, ações voltadas à conservação da agrobiodiversidade presente em contexto urbano e periurbano poderiam ser incentivadas, como programas de apoio aos guardiões de sementes, a construção de casas de sementes, a distribuição de mudas e a promoção periódica de encontros entre agricultores e agricultores.

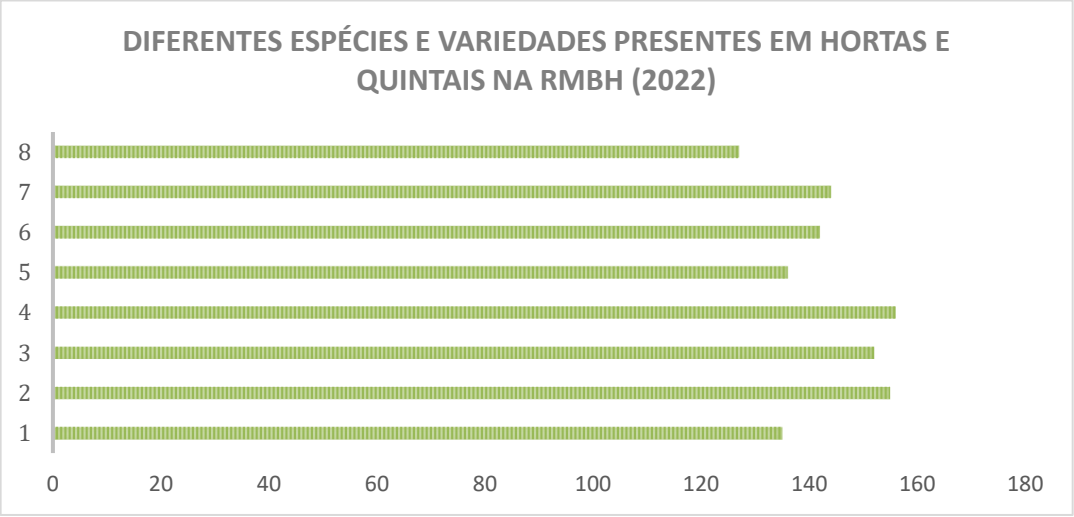
[124] Para maiores informações, consultar: Emperaire 2021.

A tabela abaixo apresenta informações sobre o contexto, tipo de espaço, situação da terra, tempo de existência (em anos), áreas verdes remanescentes no entorno e tamanho das coleções locais:

Tabela 4 – Características gerais e quantitativo das espécies e variedades presentes nos quintais e hortas levantadas na RMBH (2022)

lugar	contexto	tipo	situação da terra	tempo (anos)	áreas verdes remanescentes no entorno	espécies e variedades
1	urbano	quintal	posse	40	sim	135
2	periurbano	horta	cessão de uso	28	sim	155
3	urbano	horta	cessão de uso	30	sim	152
4	periurbano	horta	comodato	18	sim	156
5	periurbano	quintal	posse	10	sim	136
6	periurbano	horta	ocupada	10	não	142
7	periurbano	horta	ocupada	6	não	144
8	urbano	horta	ocupada	2	não	127

De modo geral, as coleções locais têm em média 143 espécies e variedades, com 127 o menor registro e 156 o maior registro. O gráfico abaixo ilustra como as diferenças entre os tamanhos das coleções presentes em cada espaço são discretas:



Como destacado acima, as variedades são prezadas pelos cuidadores e cuidadoras por suas distintas qualidades e pelo apreço que nutrem pela diversidade. Algumas variedades observadas são: coentro (comum, que alastra, da folha pequena); cebola (de cabeça, da roça); artemísia (folha fina, folha grossa); losna (losna arbusto, losna); tipos de almeirão (almeirão folha branca, folha com recorte, pão de açúcar, liso, pão de mel); tipos de almeirão de árvore (roxo, folha recortada, folha lisa); tipos de alface (roxa escura, crespa roxa,

crespa, americana, lisa). As variações da *Brassica oleracea*, como brócolis ninja, brócolis de rama, couve prateada, couve talo roxo, couve saia de bailarina, couve picada, couve borda branca, repolho roxo, repolho, couve-flor, couve manteiga são acentuadas.
E tem destaque as cores da batata doce (casca branca, casca roxa, laranja); das mandiocas (de seis meses, cacau, amarela, pequena); das mamonas (verde e roxa); dos feijões guandu (marrom, roxo); dos feijões (preto, de vagem, carioquinha); dos chuchus (comum, chuchuzinho de conserva); dos manjericões (folha larga, talo roxo, roxo, folha pequena, branco, comum); das alfavacas (alfavaquinha da roça, alfavacão, alfavaca comum), das mentas (vick, hortelã, poejo, menta, mentrasto, levante); dos boldinhos (comum, borda branca; das paixão de cristo (amarelo e vermelho, rosa, roxo, verde e rosa), falsa mirra (comum, borda branca); dos quiabos (comum, quiabinho, quiabo estrela); das bananas (caturra, prata e nanica); dos bouganville (branca, bonina, roxa, laranja), maravilha (rajada, rosa, amarela); das canas (caiana, comum); dos milhos (amarelo, roxo, pipoca, branco, verde); das laranjas (azeda, serra d'agua); dos tomates (comum, andrea, santa cruz); e das capuchinhas (rajadinha, laranja, vermelha, amarela). São, nesse sentido, variedades consideradas significativas na alimentação, na medicina popular e na ornamentação. Prezadas por suas diferenças e qualidades, circulam como mudas e sementes para que sejam incorporadas em outras coleções.

Cabe enfatizar que o cuidado com a perpetuação das variedades, em diferentes contextos, tem sido associado às mulheres. O trabalho de Taqueda (2009:30) junto a populações quilombolas no Vale do Ribeira (SP), por exemplo, indica que as mulheres conferem "*características qualitativas altamente específicas às etnovariedades do seu jardim-quintal (mesmo sendo essas incrivelmente semelhantes)*". Ressalta, ainda, como têm papel central no plantio, colheita, capina seletiva, processamento, estocagem e trocas de mudas, sementes e informações entre vizinhos, amigos e parentes. Pela atenção despendida aos elementos que integram a unidade doméstica, cultivam de forma efetiva e minuciosa. Tal observação também é válida para os quintais e hortas aqui em destaque, em especial no processamento da fartura para comercialização. Vale ressaltar, no entanto, que nos espaços visitados também existem agricultores dedicados em ampliar e disseminar as coleções de plantas.

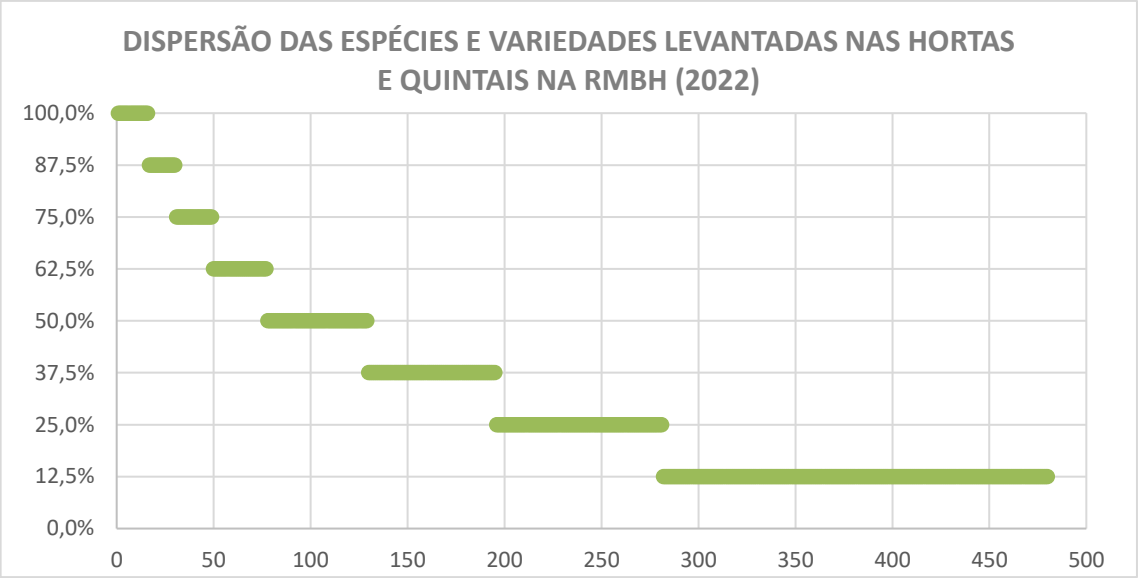
Predominam nas hortas e quintais a ocupação de diferentes estratos verticais com o intuito de dispor do maior número possível de espécies em pequeno espaço. São predominantes os estratos herbáceo e arbustivo, com espécies inferiores a cinco metros. Entre as espécies arbóreas cultivadas, as mais presentes são as frutíferas, que enchem sacolas com fartura.

De modo geral, as hortas comunitárias e os quintais mais antigos apresentam coleções discretamente maiores, mas mesmo locais mais recentes também já apresentam uma quantidade considerável de espécies e variedades, uma vez que o levantamento foi realizado junto a cuidadores e cuidadoras que apreciam a diversidade e estão vinculados a uma rede de agroecologia e agricultura urbana e periurbana. Como em outros contextos (ver Peroni *et. al.* 2016), não foram percebidas diferenças significativas no número de espécies presentes em contexto urbano e periurbano. Em contexto periurbano, onde nota-se no entorno a presença de áreas verdes remanescentes, observa-se maior número de espécies do cerrado e de áreas de transição do cerrado com mata atlântica que brotam, como macelinha, almeirão (*Hypochaeiris* spp.), arnica, guaco, quitoco, botão de ouro, assapeixe, begônias, ipês (branco, amarelo e roxo), cipó de são João, erva baleeira, ora-pro-nóbis, pequi, flor de maio, pau santo, canela de perdiz, pata de vaca, jatobá, barbatimão, íris, erva cidreira de árvore, canela de ema, cipó prata, erva botão de cachorro, canela de velho, gabiroba, goiaba, pitanga, jaboticaba, bouganvile, maracujá, peperômia, congonha de bugre, erva de lagarto, embaúba, alfazema, panaceia e jurubeba.

A diversidade manejada tem efeitos positivos à conservação das principais abelhas nativas brasileiras. De acordo com a listagem elaborada pela Embrapa[125] para tal finalidade, são observadas nos quintais e hortas da RMBH levantados: ipês, jurubeba, pata-de-vaca, tumbérgia-azul, urucum, assa-peixe, cosmos, abóbora, moranga, camará, cipó prata, erva botão de cachorro, ipomeias, solanáceas, orquídeas, hibisco, malva, quiabo, acerola, cipó de são joão, bouganvile, fumo, crotalária, girassol, goiabeira, entre outras. As abelhas nativas são importantes para polinizar os cultivos de algodão, berinjela, abobrinha, maracujá azedo e doce, tomate, crotalária, pimentão, abóbora, moranga, quiabo, acerola.

De modo geral, quanto à composição e dispersão das espécies e variedades: 16 estão presentes em 100% dos espaços; 14 estão presentes em 87,5% dos espaços; 19 estão presentes em 75% dos espaços; 28 estão presentes em 62,5% dos espaços; 52 estão presentes em 50% dos espaços; 66 estão presentes em 37,5% dos espaços; 86 estão presentes em 25% dos espaços; e 199 estão presentes em apenas um espaço (12,5%). O gráfico abaixo ilustra tal dispersão:

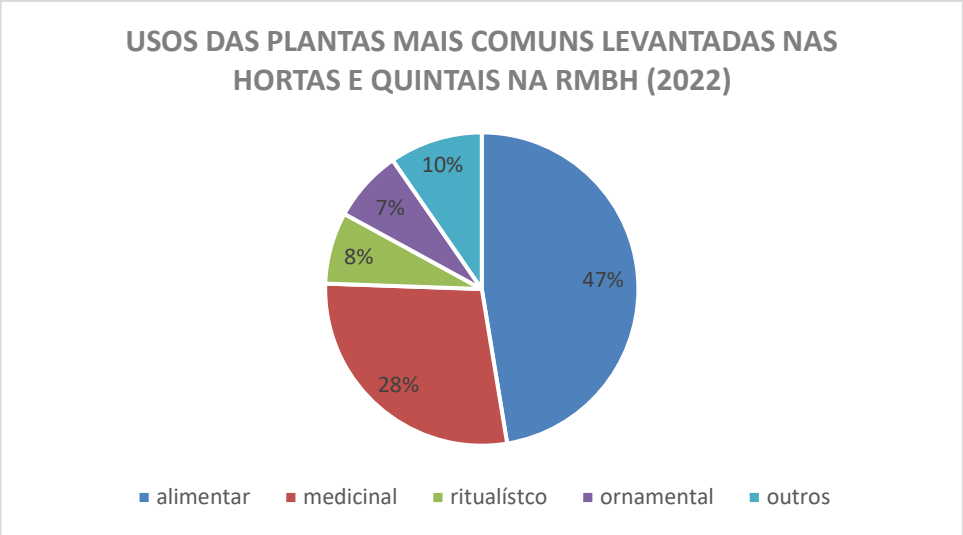
[125] Acervo de Abelhas: Conheça as principais espécies de abelhas nativas brasileiras. Disponível em: https://www.embrapa.br/meio-ambiente/abelhas-nativas/abelhas-e-plantas#:~:text=Plantas%20visitadas%3A%20a%C3%A7oita%2Dcavalo%20mi%C3%BAdo,tipuana%2C%20urucum%2C%20dentre%20outras. Acesso em: 10/10/2023.



Assim, como as combinações locais são únicas, mais de 350 espécies e variedades aparecem em menos da metade dos lugares, o que indica o apreço pela diversidade, ao modo como as coleções estão intimamente relacionadas aos locais onde estão inseridas e às motivações, preferências e trajetórias de seus cuidadores e cuidadoras. Mesmo espaços com situação fundiária frágil apresentam coleções locais expressivas, o que indica como o desejo de cuidar e plantar persiste e poderia ser potencializado a partir de políticas públicas voltadas ao acesso à terra, moradia digna e recuperação de espaços.

Espécies e variedades presentes em mais da metade dos locais (50%) foram aqui classificadas como plantas comuns, empregadas, de modo geral, na alimentação, saúde, ritualística, ornamentação, entre outros usos. Numericamente, esse conjunto é formado por 129 espécies e variedades (ver tabela 3).

No conjunto das plantas mais comuns, estão presentes tanto plantas cultivadas como as que nascem espontaneamente, são mantidas e passam a ser cuidadas. Entre as espécies e variedades mais comuns, 47% são empregadas na alimentação, 28% são medicinais, 8% têm uso ritualístico e de proteção, 7% são ornamentais e 10% têm outros usos, como adubação e cobertura do solo, como indica o gráfico abaixo:

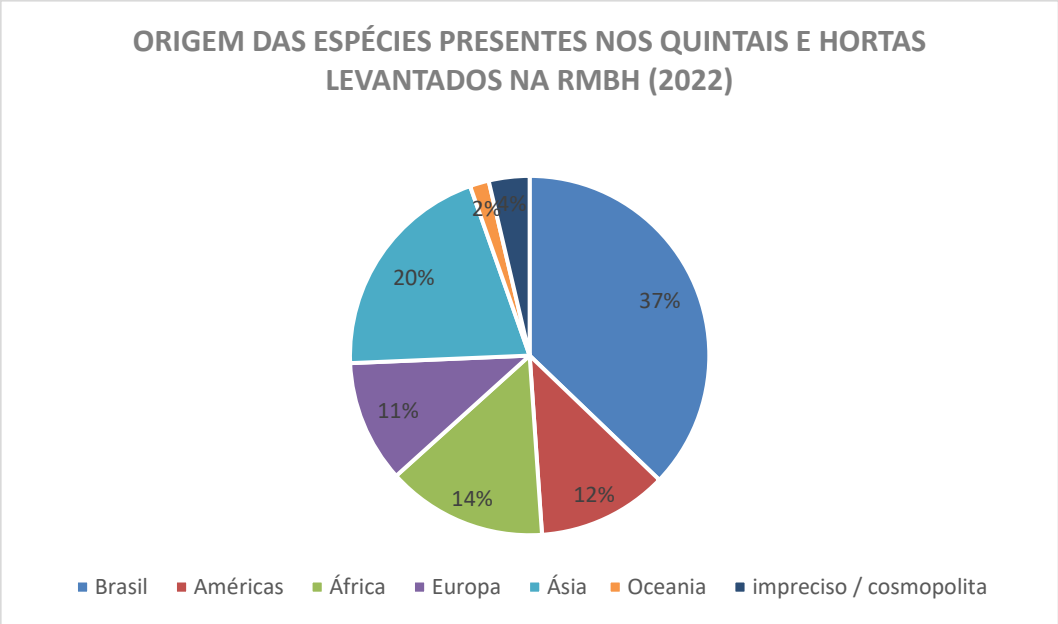


Vale ressaltar que cerca de 35% das plantas mais comuns foram classificadas apresentando mais de um uso, como o alecrim, gengibre, urucum, hortelã e outras.

Plantas que são generosas e produzem com fartura, como ora-pro-nóbis, taioba, vinagreira, abóbora, manga, abacate, feijão guandu, amora, goiaba, pitanga, batata doce e mandioca são apreciadas para a alimentação da família e para a doação. O conjunto apresentado também contém hortaliças folhosas que são comercializadas em feiras e cestas, com destaque para alface, couve, cebolinha, salsa e coentro. Como reitera uma das cuidadoras: "*alface é o que tem mais saída, mas geralmente de tudo vende um pouquinho*". Alface, como destacam, é uma hortaliça de ciclo curto com bom potencial de comercialização, o que justifica essa produção. Tal cenário vai ao encontro do diagnóstico da produção de hortaliças na RMBH produzido por Wellington Silva e colaboradores (2015:371), no qual destacam que as mais comercializadas são: alface (60%), tomate (10%) e outras em menor porcentagem, como "*cenoura, pimentão, pepino, feijão-vagem, couve-chinesa, agrião, repolho, quiabo e chuchu respectivamente*".

O conjunto geral levantado neste trabalho não está muito distante do levantamento etnobotânico realizado por Gomes (2009) em terreiros de candomblé, quilombos e quintais pobres e negros na Grande BH. Seu trabalho registra a presença total de 539 espécies vegetais, 163 sem identificação botânica. Os quintais, desse conjunto, apresentavam 177 espécies. As vinte mais comuns eram: rosa, quebra pedra, arruda, orquídea, alfavaca, antúrio, mamão, limão, erva-doce, algodão, hortênsia, tomate, samambaia bailarina, goiaba, jequeri, babosa, cidra, capim cidreira, figo, quiabo. A maioria dessas plantas são ainda encontradas nos quintais e hortas levantados na RMBH.

De modo geral, as espécies medicinais encontradas nos quintais e hortas vieram da Europa, África e Ásia ao longo do processo de colonização (Almada, Souza 2017:22). A elas se somam "*um expressivo número de espécies nativas de uso medicinal, espontâneas e cultivadas*". O gráfico abaixo apresenta o conjunto geral levantado na RMBH quanto à origem das espécies:



Como em outras pesquisas realizadas em quintais e pequenos espaços manejados (Silva, Andrade 2005; Trotta *et. al.* 2012; Medeiros, Ladio, Albuquerque 2013; Prado 2014), as espécies de origem exótica são predominantes, com 59% do conjunto levantado na RMBH. As espécies nativas correspondem a 37% e as imprecisas ou cosmopolitas correspondem a 4%. Entre as exóticas, 20% são da Ásia, 14% da África, 12% são das Américas, 11% da Europa e 2% da Oceania.

A presença de plantas em lugares diferentes de sua origem é um fato que não deve ser descolado do capitalismo colonial e seus desdobramentos na história do país e do mundo. O trabalho de Bernardo Tomchinsky e Lin Chau Ming (2019), ao levantar as plantas comestíveis no Brasil dos séculos XVI e XVII a partir de 18 relatos de época[126], apresenta contribuições interessantes nesse sentido. Como destacam, a colonização europeia foi marcada pela introdução de espécies exóticas que foram incorporadas à alimentação ao

[126] Sendo eles: "*Pero Vaz de Caminha, Pero Lopes Souza, Hans Staden, Manuel da Nobrega, José de Anchieta, André Thévet, Jean Léry, Pero de Magalhães Gandavo, Frei Vicente de Salvador, Gabriel Soares Sousa, Ambrósio Fernandes Brandão, Fernão Cardim, Claude d'Abeville, Frei Cristovão de Lisboa, Jorge Marcgrave e Guilherme Piso, Gaspar Barléu e Simão de Vasconcelos. Os trabalhos de Marcgrave e Piso foram analisados conjuntamente, pois os dois estiveram envolvidos no mesmo projeto colonizador e publicaram obras semelhantes em seu conteúdo".* (Tomchinsky, Ming 2019:2).

passo que plantas nativas e das Américas caíram em desuso. Além disso, plantas daqui foram compor a flora de outras partes do planeta (Tomchinsky, Ming 2019:2).

Para identificar a origem das plantas Tomchinsky e Ming (2019-2-3), as classificaram como:

> "*endêmicas (quando só ocorrem naturalmente no Brasil), americanas (ocorrem naturalmente no Brasil e/ou em outros países das Américas) e exóticas (com origem em outro país extra-americano). Foi adotada a categoria nativa para qualquer espécie que originalmente é de algum país americano, incluindo ou não o Brasil, a fim de se evitar equívocos, já que o que é reconhecido como o território brasileiro moderno, não existia naquela época*".

A partir de tal classificação, as plantas nativas e/ou das Américas corresponderiam a 49% do conjunto levantado na RMBH. A classificação dos autores, dessa forma, leva em consideração que mesmo antes da chegada do colonizador, a população nativa realizava intercâmbios de espécies vegetais. São exemplos, a batata doce, o milho, as pimentas e os feijões que sugerem "*introdução durante o período pré-colombiano"* e "*intensa troca entre as populações durante o período pré-colombiano"* (Tomchinsky, Ming 2019:12-14). Não por acaso essas são também as plantas com o maior número de etnovariedades, o que indica que estavam, provavelmente, em um "*processo mais avançado de domesticação e possuíam maior importância local*" (Tomchinsky, Ming 2019:11).

A mandioca e suas etnovariedades são citadas em todos os trabalhos analisados pelos autores, sendo a planta mais importante na alimentação no contexto assinalado. Além dela, tem destaque nos relatos analisados: "*o abacaxi, batata-doce e jenipapo, citadas em 13 trabalhos cada uma; feijões/favas, banana e pimentas, citadas em 12 trabalhos cada; caju, taias/taiobas, inhames (Dioscorea), sapucaia, cana-de-açúcar e milho em 11 trabalhos cada; e mangaba, laranja, maracujás e uvas em nove trabalhos*" (Tomchinsky, Ming 2019:10). A sapucaia, planta que aparece em 11 relatos, está em maior desuso em contexto contemporâneo. Outras referidas, como jenipapo, taiobas, mangaba e inhames são ainda hoje encontrados, mas apenas em contexto regional (Tomchinsky, Ming 2019:11).

A atenção aos relatos de época permitiu levantar 827 plantas comestíveis nos séculos XVI e XVII no Brasil. Desse total, 183 espécies, de 61 famílias botânicas, foram identificadas. Dessas, 14% são endêmicas do Brasil, 55% são nativas das Américas (ocorrem no Brasil e/ou outros países do continente) e 37% são exóticas das Américas (Tomchinsky, Ming 2019:12-13). Como indicam:

> "*As famílias com maior número de citações foram a Areaceae, seguida pela Fabaceae, Cucurbitaceae, Poaceae, Solanaceae, Myrtaceae e Rutaceae. Estas famílias também correspondem a algumas das com maior número de espécies ocorrendo no Brasil (BFG 2018). Já Rutaceae e Poaceae, que também estão entre as mais citadas, possuem entre seus representantes diversas espécies com origem exótica do Brasil*" (Tomchinsky, Ming 2019:10).

Tomchinsky e Ming (2019:13) elaboram uma cronologia a partir da presença de determinadas espécies exóticas, que reproduzo abaixo acrescentando os nomes populares:

Tabela 5 - Primeira citação de espécies das Américas no Brasil, por Tomchinsky e Ming (2019:3)

Ano do trabalho e autor	Plantas	Nome popular
1548 (Manuel da Nobrega):	*Citrus sinensis*	Laranjeira-doce
	Saccharum officinarum	Cana-de-açúcar
	Citrus limon	Limoeiro
	Citrus medica	Limão-cidra
	Vitis sp.	Videira
	Ficus carica	Figueira
	Cucumis melo	Meloeiro
	Cucumis sativus	Pepineiro
	Lactuca sativa	Alface
	Brassica oleracea var. *acephala*	Couve
	Brassica napus	Nabo
	Citrus aurantiifolia	Limão-cravo
	Petroselinum crispum	Salsa
	Lens culinaris	Lentilha
	Cicer arietinum	Grão-de-bico
	Vicia faba	Fava
1555 (André Thévet) e 1556 (Jean Léry):	*Musa* sp.	Banana
	Triticum aestivum	Trigo
	Secale cereale	Centeio
	Lagenaria siceraria	Cabacinha
	Ocimum basilicum	Manjericão
1576 (Pero de M. Gandavo):	*Oryza sativa*	Arroz
	Punica granatum	Romã

1564 (Vicente do Salvador):	*Coriandrum sativum*	Coentro
	Mentha sp.	Hortelã
	Citrullus lanatus	Melancia
	Zingiber officinale	Gengibre
	Beta vulgaris	Beterraba
	Anethum graveolens	Endro
	Borago officinalis	Borragem
	Cydonia oblonga	Marmeleiro
	Satureja hortensis	Satureja
1565 (Gabriel Soares Sousa):	*Foeniculum vulgare*	Funcho
	Cocos nucifera	Coqueiro
	Solanum melongena	Beringela
	Daucus carota	Cenoura
	Cichorium intybus	Chicória
	Nasturtium officinale	Agrião
	Ocimum gratissimum	Alfavaca
	Citrus limonia	Limão-galego
	Citrus aurantium	Laranjeira-amarga
	Allium cepa	Cebola
	Allium sativum	Alho
	Brassica sp.	Brassica (tipo de couve)
	Spinacia oleracea	Espinafre
	Phoenix dactylifera	Tâmara
	Raphanus sp.	Rabanete
	Mentha pulegium	Poejo
1582 (Ambrósio F. Brandão):	*Pisum sativum*	Ervilha
	Sesamum indicum	Gergelim
	Cajanus cajan	Feijão guandu
	Abelmoschus esculentus	Quiabo
	Tamarindus indica	Tamarindo
	Lupinus sp.	Lupino
	Pennisetum sp.	Capim-elefante
	Citrus maxima	Pomelo
1583 (Fernão Cardim):	*Allium schoenoprasum*	Cebolinha
	Hordeum vulgare	Cevada
	Apium graveolens	Aipo
1638 (Marcgrave e Piso):	*Lablab purpureus*	Feijão-de-porco
	Vigna subterranea	Amendoim

(Tabela de Tomchinsky e Ming (2019) adaptada).

Do conjunto de 61 plantas apontado acima por Tomchinsky e Ming (2019), mais de 35 espécies e variedades são recorrentes nos quintais e hortas em destaque na RMBH. Funcho, salsa, cebolinha, manjericão e coentro estão presentes em oito dos espaços levantados. Observa-se, nesse sentido, como espécies introduzidas no país e descritas como exóticas compõem espaços cultivados como roças, hortas e quintais há séculos e estão atreladas às comunidades e tradições locais. Uma vez presentes e cuidadas, criaram histórias com as pessoas.

Vale reiterar que a comparação entre espécies nativas e exóticas na RMBH não é uma grande preocupação para quem planta. Além das plantas nativas que a terra dá, plantas exóticas que compõem coleções de gerações anteriores, de suas mães ou avós, quando associadas às tradições alimentares, cuidados com a saúde, ornamentação, espiritualidade, religiosidade, com a proteção da casa e até já “nascem sozinhas”, podem ser consideradas nativas. Nesse sentido, o que é considerado nativo não coincide necessariamente com o conceito biológico de nativo.

Algo parecido é relatado no trabalho de Mariana Guimarães (2016) sobre plantas úteis em comunidades urbanas de Ouro Preto (MG). A partir de levantamento realizado junto a duas comunidades locais e seus especialistas no cuidado com a terra, enfatiza como as espécies exóticas compõem o conjunto local de recursos vegetais acessados e conhecidos. Seu trabalho identificou 293 plantas úteis, pertencentes a 86 famílias, sendo mais numerosas as espécies de uso medicinal (Guimarães 2016:35). Como na RMBH, as famílias Asteraceae e Lamiaceae são as mais representativas. As plantas exóticas diversificam o conjunto de plantas conhecidas, um valor que “*flora transcende as esferas do utilitarismo, tendo significados mais profundos, que em hipótese alguma podem ser esquecidos ou desrespeitados”* (Guimarães 2016:108). A incorporação das espécies exóticas ao conjunto local de plantas conhecidas e manejadas é entendida *“como produto da evolução natural do conhecimento e de vital importância na resiliência do saber popular sobre o uso dos recursos vegetais*“ (Albuquerque 2006a *apud* Guimarães 2016).

Figura 72: Algumas plantas levantadas na RMBH (lápis de cor). 2022 e 2023. Autoria: Mariana Oliveira

***

A introdução de plantas exóticas em ecossistemas pouco perturbados pela ação humana é tema que tem causado preocupação nas últimas décadas, uma vez que podem se comportar como invasoras. Sobre tal ameaça, apresento o debate travado entre os franceses Francis Hallé, botânico e biólogo, François Letourmeux, engenheiro agrônomo e Guilles Clément engenheiro-horticultor. Para Clemént (2023:23), a mistura de espécies é

inevitável e se intensifica com as atividades humanas em diferentes partes do planeta, o que forma paisagens híbridas, sempre originais. Em alguns casos, tal presença é tão intensa que mesmo em ambientes considerados naturais aparecem as "*chamadas plantas subespontâneas, que ultrapassaram os limites dos jardins ou foram transportadas pelos pássaros, pelo vento ou pelas correntes*". Em tom otimista, Clément (2023) enfatiza que sinergias positivas podem surgir a partir da mistura planetária de espécies.

Hallé (2023:44), no entanto, preocupa-se com o contraste entre as plantas endêmicas e as plantas daninhas invasoras. As primeiras são apresentadas como "*pessoas muito elegantes e um tanto 'frescas', de elite*", que evoluíram em seus ambientes sem predadores e assim não sabem competir. As segundas, por outro lado, sem predadores, têm a incrível capacidade de se recompor e contaminar as últimas florestas e ecossistemas primários.

Letourmeux (2023:89), em tom moderado, reitera como o mais nocivo é o desconhecimento geral sobre ecologia, ecossistemas e plantas, o que tem efeito nocivo à biodiversidade: "*Nosso inimigo é o distanciamento da natureza, a perda do contato diário, é o fato de que esse assunto interessa a pouquíssimas pessoas*". Como exemplo, apresenta estudos científicos realizados no Reino Unido e Estados Unidos que indicam que cada gato doméstico mata cerca de 20 pássaros locais por ano. Ao projetar a média ao contexto francês, Letourmeux (2023) estima que cerca de 30 milhões de pássaros são mortos por ano por gatos domésticos, o que não é percebido pelo público em geral como um problema. Além disso, em diferentes contextos, embora impacte a fauna local, a caça esportiva é legalizada. Sobre a ameaça das espécies invasoras aos ecossistemas, Letourmeux (2023) ressalta que não podemos esquecer o fato de a nossa espécie ser a mais invasora do planeta: é ela que acelera a mistura planetária de espécies. Lembra, no entanto, como "*perambular faz parte da vida*" e que a natureza não deve ser entendida a partir do fixismo, e sim pelo dinamismo. O fundamental, nesse contexto, é a atenção à "*forma que produzimos e consumimos energia, o que comemos, tudo isso tem consequências sobre a biodiversidade, a riqueza e o bom funcionamento de nosso grande jardim comum*" (Letourmeux 2023:95). Plantas, animais e humanos produzem relações que deveriam interessar a todos nós.

Para além das nuances do debate a respeito de plantas consideradas exóticas e plantas consideradas invasoras, há uma questão histórica que não pode ser esquecida ao abordar o trânsito de plantas: a colonização europeia, que levou determinadas plantas a circular tanto intencionalmente, para enriquecer suas metrópoles, como a cana-de- açúcar e o café no Brasil, como não intencionalmente. A natureza, para o colonizador, interessava enquanto

possibilidade de lucro e acumulação. Além disso, como abordado anteriormente[127], os colonizadores percebiam as paisagens locais como perigosas e contaminadas, o que esteve diretamente associado à introdução de espécies exóticas para a produção de novas paisagens. Os problemas ambientais que tais encontros poderiam causar estavam longe de ser uma preocupação e assim relações recíprocas e respeitosas tecidas por milênios entre pessoas e plantas foram rompidas.

Em sentido próximo, a botânica indiana Banu Subramanian (2001) reitera como o trânsito de plantas foi intensificado com a colonização e substituiu um sistema formado pela co-evolução entre espécies, por outra contaminada por animais e plantas exóticas. Como indica, o próprio termo 'exótico' requer considerações. De modo geral, são consideradas exóticas ou "alienígenas" plantas que entram em determinado território pela primeira vez; a partir de certo tempo indeterminado, tais plantas podem ser consideradas adaptadas; após um tempo ainda maior, também não específico, podem ser consideradas naturalizadas (Earthwatch 1996 *apud* Subramanian 2001). Essas definições, no entanto, deixam questões sem resposta: o que de fato torna uma planta nativa? Precisa estar na região há 50, 100, 1000, 5000 anos? Por que algumas espécies exóticas são apreciadas e outras são vistas como ervas daninhas que devem ser destruídas? Para Subramaniam (2022) é fundamental que a botânica se preocupe pelas histórias que as plantas carregam e os interesses de quem as fez transitar para locais tão distantes. Importam, nesse sentido, as perguntas que são feitas, as variáveis consideradas, as historicidades dos deslocamentos e as más gestões ecológicas que causaram problemas às plantas endêmicas de determinados ecossistemas. Subramaniam (2022) reitera como o colonialismo é que deveria ser considerado a invasão biológica original que se desdobra em inúmeras outras, uma vez que para onde os europeus foram, carregaram suas plantas e animais.

Como observa Subramanian (2001), os problemas causados pelas plantas consideradas invasoras se tornaram um grande tema de pesquisa, em especial na biologia da conservação. Nos EUA, onde tais análises têm destaque, a retórica xenófoba evidencia os atributos perigosos associados às plantas, animais e pessoas estrangeiras. Nesses trabalhos, as espécies nativas são vítimas infelizes das plantas exóticas invasoras e da sua capacidade de se expandir. Como enfatiza, os trabalhos argumentam como as espécies exóticas podem contaminar os lugares mais puros e protegidos da Terra, seja por se propagarem rapidamente e/ou seja pela produção de híbridos. Para quem é imigrante (como ela), ou conhece o processo de imigração, a ênfase conferida à pureza e contaminação é

[127] Ver item 3.2.

inconfundível. Há, inclusive, como destaca, uma lista branca/negra relacionada às plantas nativas/exóticas, que até nisso evidencia a dimensão racista (Subramanian 2001:32).

Em contexto atual, os trânsitos das plantas são ainda mais favorecidos pelo desenvolvimento descontrolado, fluxo global e fracos controles ambientais. A bioinvasão, um tema há muito em voga nos EUA, em especial pela direita, aparece como uma reação nacionalista a um mundo cada vez mais globalizado. Ao se combinar com a ideologia bélica e inimigos fantasmagóricos, apresenta como solução fronteiras cada vez mais sólidas (Subramaniam 2022). Sensível à destruição que a introdução de espécies exóticas invasoras pode causar aos ecossistemas locais e espécies endêmicas, Subramanian (2001, 2022) enfatiza como é fundamental reconhecer e responsabilizar as más gestões ecológicas que causaram o problema em primeiro lugar. A questão fundamental a se fazer é: como plantas tidas como invasoras foram parar em tais locais? Apenas declarar guerra a determinadas espécies em um mundo em mudanças mais favorece o racismo e a xenofobia do que de fato contribui para resolver a questão da degradação dos habitats.

Além disso, como observa Subramanian (2001, 2022), a bioinvasão é tratada de forma seletiva, uma vez que as espécies que atendem ao capitalismo não são monitoradas da mesma forma, como a introdução de plantas transgênicas (organismos geneticamente modificados) em diferentes contextos. Nesse sentido, o ataque às plantas exóticas invasoras apresenta-se como uma solução falha a uma questão muito mais séria que demanda preservar a terra, a saúde das comunidades vegetais e dos ecossistemas e romper com a ilusão de um crescimento econômico ilimitado que rege o capitalismo (Subramanian 2001, 2022). Em sentido próximo, Sandilands (2019a; 2019b) chama atenção ao fato de que a grande atenção dada à preservação das plantas nativas e à erradicação das plantas exóticas invasoras está atrelada a uma indústria bilionária de herbicidas, com destaque às empresas Bayer e Monsanto.

Em diálogo com Haraway e outros cientistas dissidentes do arranjo bipartido entre cultura e natureza, Subramanian (2001) recomenda que a ciência feminista deve estar atenta ao mundo natural e ao contexto social, histórico e cultural que a produz e influencia. A conquista colonial retirou povos originários de suas terras e classificou a agência e intencionalidade atribuída por eles aos animais e plantas como ilusões primitivas. Ao mesmo tempo em que refutaram o animismo de suas cosmologias, os colonizadores situaram as plantas e animais como recursos a serem extraídos para uso e melhoria dos brancos. Com violência pilharam mundos vibrantes e criaram rachaduras na terra ao dividir o mundo entre superiores e inferiores, racionais e irracionais, humanos e sub-humanos. Como reitera

Sontag (2015:127), ainda que para outro contexto, "*é a raça branca e somente ela — suas ideologias e suas invenções — que erradica as civilizações autônomas onde quer que chegue, que perturbou o equilíbrio ecológico do planeta, que agora ameaça a existência da própria vida humana*".

Nesse processo, como indica Subramaniam (2022), a botânica foi uma disciplina útil à extração que caracterizou o colonialismo. Em sua infância e juventude na Índia, como conta, sempre esteve rodeada pelo encanto das plantas nos lugares, nas histórias e nos mitos. No modelo colonial de educação, inspirado no modelo britânico, no entanto, as plantas que povoavam seu mundo se transformaram em terminologias abstratas em latim. Assim identificadas, como espécimes em um herbário, as plantas são seres sem história, prontas para serem exploradas.

Os jardins botânicos, nesse contexto, são espaços exemplares de exibição da colonialidade, assim como os zoológicos, uma vez que simbolizam o poder colonial de reunir espécies de diferentes partes do mundo para serem apreciadas e estudadas. Como os museus, no entanto, deveriam revelar as histórias e relações coloniais que os formaram. Defende, assim, que as narrativas das plantas precisam ser refeitas, assim como o debate contemporâneo sobre espécies exóticas invasoras (Subramanian 2001, 2022). Para evitar o neocolonialismo, pondera Subramaniam (2022), é preciso que tais reformulações sejam realizadas em colaboração com diferentes pessoas, o que pode produzir um tipo particular de conhecimento. A interdisciplinaridade, nessa perspectiva, precisa ser um horizonte para intervir no mundo com mais humildade, uma reeducação frente às especializações disciplinares. Além disso, como enfatiza Kimmerer (2013), é preciso se abrir aos estranhamentos que abalam certezas e nos mostram que podemos estar errados.

A bióloga e escritora brasileira Nurit Bensusan (2019:68), reconhecida por sua atuação na divulgação científica, conservação da biodiversidade e das paisagens, destaca como o encontro com os conhecimentos tradicionais e locais podem "*temperar a arrogância da ciência ocidental, limitar nossa prepotência e nos dar a possibilidade de encontrar caminhos nesse mundo cada vez mais perigoso*". Em sentido próximo, a filósofa brasileira Alyne Costa (2022:52) reitera como as negociações diplomáticas entre diferentes saberes estão na ordem do dia:

> "*Agora enxergamos algo que muita gente já sabe há muito tempo: os cientistas estão se dando conta que os modos de vida que dão atenção aos processos e às agências da Terra são muito mais condizentes com a própria*

> *movimentação da Terra e com o próprio modo de ser da Terra do que aquela imagem de uma natureza inerte, acabada, dada de uma vez por todas. Então, os modos dos povos indígenas e tradicionais de atentar, prestar atenção, envolvem uma série de atitudes para que não se desestabilize aquilo que há muito tempo vinha sendo estabilizado à custa de muitos processos e muitas interações. Os cientistas estão começando a olhar para isso e perceber que talvez eles estivessem mais certos do que nós nesse processo*".

Como destacado anteriormente, é preciso recuperar as relações que vinculam pessoas e plantas. As angiospermas com suas flores e sementes têm atraído diferentes animais, o que inclui as pessoas. Como mestras da química, transformam luz solar, água e nutrientes do solo em uma variedade de substâncias. Elas se alimentam, produzem aromas capazes de atrair seres ou repelir ataques de predadores, se comunicam com outras plantas e insetos, cooperam com fungos no solo e transformam paisagens. Devem, nesse sentido, ser pensadas como parceiras, e não como servas: não podem ser tratadas como um recurso inerte e inesgotável (Sandilands 2019; Pollan 2023). A reciprocidade, dessa forma, é a chave para que sejam tecidas boas relações com as plantas (Kimmerer 2013).

As plantas integram uma rede delicada composta por diferentes tipos de vida que não entendemos completamente. As intervenções, como jardins, quintais e fazendas, demandam atenção e sabedoria. Jamaica Kincaid (2020), escritora radicada nos EUA, comenta a sua obsessão com os jardins e com as histórias que guardam. Sua mãe era jardineira e recolhia em suas caminhadas nas florestas de sua ilha natal (Dominica) e na ilha onde vive (Antígua) mudas e sementes que a encantavam: no seu jardim o selvagem e o cultivado ficavam juntos. Sua mãe percebia esse espaço como uma criação que ela podia, inclusive, destruir (Kincaid 2020). Era, dessa maneira, um espaço cuidado para o gerenciamento do excesso de sentimentos, de perturbações e de prazer.

Quando saiu de Antígua para Nova York, Kincaid (2020) relata que plantar era o que lembrava sua mãe e do lugar de onde veio. Quando seus filhos nasceram, tentou plantar sementes que ganhou e nada nasceu. Ainda assim persistiu e isso se tornou uma obsessão. Quando deixou a curiosidade conduzir suas investigações, se atentou ao nome das plantas e de onde vieram, o que a levou a conhecer Carlos Lineu e outros botânicos. Tais encontros a fizeram refletir sobre o papel que nomear desempenha na posse, já que a nomeação do que existe no mundo é uma forma de possuir o mundo. Ao se atentar mais ao jardim, começou a refletir sobre o papel que as plantas desempenharam em vários impérios coloniais, com destaque ao império britânico que se ancorou na relação entre trabalho e plantas, com grandes plantações de açúcar e algodão (Kincaid 2022).

Atenta não apenas ao que os jardins têm de melhor, se ressente pelo lugar que ocupam na colonização e pela dimensão da posse que permitem experimentar. Para ela não há como pensar nos jardins e não recordar da negação do paraíso vivenciada pelos africanos escravizados (Kincaid 2020). Sua reflexão me fez recordar de uma oficina realizada pelo Kaipora em 2017. Como de praxe, todos se apresentaram e contaram de uma planta que estava intimamente relacionada à sua história. Eu falei da cana-de-açúcar que minha avó materna oferecia todos os domingos. Para uma senhora que participava da oficina, a mesma planta simbolizava a exploração e sofrimento que viveu na roça quando menina e adolescente.

Em contexto atual, Sandilands (2019) enfatiza como a jardinagem tem sido usada para deslocar pessoas, para policiar espaços públicos e para estetizar a propriedade privada. Lembra, nesse sentido, que os jardins não necessariamente conduzem à comunidade e à solidariedade como gostaríamos de enfatizar. Ainda que seja uma prática que vincula pessoas e plantas, é importante que a dimensão crítica não se perca, para que os plantios urbanos possam potencializar relacionamentos que nos projetem para outro futuro.

As histórias com as plantas emergem de relacionamentos bons e duradouros (Myers, Middelhoff, Peselmann 2023). Como guias e professoras, as plantas lidam com a terra, clima e cura de traumas: não são máquinas, e sim praticantes curiosas que reorganizam diferentes elementos em escala planetária. As monoculturas plantadas tiveram um papel central no genocídio indígena, na escravidão transatlântica e na exploração do trabalho migrante. As histórias coloniais com as plantas não devem ser esquecidas: como tem reiterado estudiosos e ativistas indígenas e negros de diferentes partes do mundo, é preciso lembrar os brancos que não basta criar jardins para polinizadores em bairros abastados para salvar abelhas e o mundo: é preciso combater de forma séria a injustiça racial (Myers, Middelhoff, Peselmann 2023).

Espaços cultivados com atenção ao co-florescimento e desenvolvimento mútuo são muito diferentes das *plantations* e da agricultura industrial. Como destaca Sandilands (2019b), reconhecer que não somos o auge da vida implica reconhecer que outras espécies ao redor também agem e têm necessidades e desejos. Assim, a atenção à pluralidade pode inspirar formas menos exploradoras de estar no mundo. Com tais questões no horizonte, Sandilands (2019b) sugere aprender com a discussão sobre o cuidado realizada pelas ecofeministas e pela obrigação e reciprocidade com a terra indicada pelos estudiosos indígenas.

Assim, ao invés de contar números e extinções, é preciso pensar de forma mais ampla sobre como podemos sustentar ecossistemas mais vibrantes e como podemos contar a história das plantas, suas evoluções e suas implicações às histórias humanas. As mudanças climáticas precisam ser evidenciadas como uma herança do colonialismo extrativista que se sentia no direito de levar o que quisesse para onde quisesse: não se preocupavam com o que ia acontecer quando terminassem de explorar um lugar e muito menos cogitavam recuperar as paisagens. Em alguns contextos a degradação é tanta que as espécies tidas como nativas não têm mais condições de prosperar.

As espécies exóticas que prosperam em locais perturbados e devastados podem ser tratadas como uma nova chance à terra (Subramanian 2001, 2022). Para esses locais, até mesmo Hallé (2023) adota uma postura menos temerosa: se são as únicas que brotam em um solo destruído e estéril, deveriam ser manejadas para que possam dar lugar no futuro a outras espécies mais exigentes. Alice Di Sacco e colaboradores (2021), em estudo recente, enfatizam como espécies exóticas podem ser aliadas para recuperação de áreas degradadas por crescerem rapidamente e aumentarem a biomassa vegetal, principalmente quando não se comportam como invasoras. Tais misturas requerem monitoramento do grau de invasividade para conter ameaças aos ecossistemas.

À luz dessa discussão, indico que 64 espécies levantadas em quintais e hortas na RMBH marcam presença no *Manual de Identificação de Plantas Infestantes* (Moreira, Bragança 2010). Cabe ressaltar que parte das plantas infestantes contidas no manual podem até mesmo serem consideradas nativas, já que o foco é a identificação de espécies que atrapalham monoculturas agrícolas em média e larga escala. Para os cuidadores e cuidadores dos espaços da RMBH aqui destacados, 51 das plantas tidas como infestantes são prezadas por serem alimento, remédio, condimento ou por serem bonitas. Além disso, das 64 destacadas, 11 espécies são apícolas, ou seja, oferecem néctar e pólen com fartura às abelhas nativas e às abelhas de ferrão (*Apis melífera*) originárias da África, Ásia e Europa. O apreço por elas, no entanto, não quer dizer que os cuidadores e cuidadoras não percebem e precisem ter cuidado com espécies que brotam com vigor e interferem em seus plantios.

Na RMBH espécies como a leucena, o capim colonião, a mamona, ipê-mirim e a tiririca são comuns em espaços perturbados como lotes em especulação, linhas de metrô e espaços vazios em ruas, avenidas, rios e córregos. Em menor ou maior grau, brotam também nas hortas e quintais e constroem relações diferentes com as pessoas.

A leucena (*Leucaena* spp.) é originária da América Central, "*de onde se dispersou para outras partes do mundo devido a sua versatilidade de utilização, podendo ser empregada para forragem, produção de madeira, carvão vegetal e melhoramento do solo"*. É uma planta que produz "*elevadas quantidades de proteína para serem empregadas na alimentação animal*", sendo "*altamente palatável para o gado*"[128]. Como destaca a Embrapa, por ser uma planta tolerante à seca, "*é de grande relevância para ser empregada nos sistemas de alimentação do rebanho no Brasil Central*". Sua invasão, nesse sentido, foi autorizada para atender o agronegócio em expansão. Nas cidades e suas periferias, como produz sementes em abundância, brota em locais onde outras espécies não conseguem acessar. Se devidamente manejadas, poderiam servir de matéria orgânica para sustentar a presença de outras espécies. Além disso, em muitos locais é a única sombra disponível. Em uma das hortas aqui em destaque, algumas leucenas foram mantidas próximas à cerca para sombreamento e como barreira à rodovia que passa em uma de suas margens. Na implantação de novos espaços manejados na RMBH atentos à agroecologia, a leucena é removida para que suas folhas e galhos sirvam de matéria orgânica para o solo enquanto seu tronco é usado para montar canteiros.

O capim colonião (*Panium maximum*) é uma planta de origem africana disseminada nas regiões tropicais e subtropicais. De acordo com a Embrapa:

> "*É uma planta daninha bastante agressiva, com grande capacidade de disseminação; presente em mais de 40 países, infestando mais de 20 culturas; planta hospedeira de vírus como o da "folha-branca-do-arroz"; infesta lavouras anuais e perenes, bem como áreas não agrícolas; planta de difícil controle no manejo para o sistema de plantio direto*"[129].

Como destaca o agrônomo Moacyr Dias-Filho (1995:305), o capim colonião é uma espécie de interesse para pastagem bovina e se comporta como planta pioneira ao ocupar "*áreas cuja cobertura vegetal original sofreu algum tipo de distúrbio (por exemplo, queima, aplicação de herbicida, desmatamento etc.*". Assim, nas pastagens é bem-vinda, mas quando invade outras áreas, é considerada uma planta daninha. Marcelo Xavier e colaboradores (2018:2) reiteram que o manejo do capim colonião em sistemas agroflorestais tem aumentado nos últimos anos para recuperação da fertilidade do solo:

---

[128] EMBRAPA. Leucena: a árvore que é mais que uma forrageira. Disponível em: https://old.cnpgc.embrapa.br/publicacoes/ct/ct13/03leucena.html#:~:text=A%20leucena%20%C3%A9%20origin%C3%A1ria%20da,vegetal%20e%20melhoramento%20do%20solo. Acesso em: 20/09/2023.
[129] Panorama Fitossanitário. Capim colonião. Disponível em: http://panorama.cnpms.embrapa.br/plantas-daninhas/identificacao/folhas-estreitas/capim-coloniao-panium-maximum. Acesso em: 04/08/2023.

> "*Por suas características fisiológicas, o capim colonião, como outras espécies de gramíneas, tem um grande potencial de produção de biomassa, pois o alto índice de luminosidade e umidade nos ambientes de clima tropical, aliados ao eficiente metabolismo desta espécie, favorece um rápido desenvolvimento vegetativo*".

Em muitos espaços da RMBH o capim colonião removido é usado como cobertura do solo, o que favorece o desenvolvimento de outras espécies vegetais.

A mamona (*Ricinus communis*) é uma planta de ciclo curto que consegue lançar suas sementes a vários metros de distância. Por ser tóxica ao gado, é considerada invasora nas pastagens. Com origem provável na África, é considerada invasora nos trópicos do mundo e brota especialmente em áreas perturbadas[130]. Foram trazidas para o Brasil no primeiro século de colonização portuguesa: seu óleo era usado como lubrificante nas peças dos engenhos de cana-de-açúcar. Em contexto atual, é empregada na indústria química para a produção de "*vernizes, corantes, tintas, anilinas, nylon, desinfetantes, germicidas, fungicidas, inseticidas, lubrificantes de alta viscosidade, colas e aderentes, tintas de impressão, biodiesel, até a fabricação de próteses para transplantes em órgãos humanos*"[131]. Mameto de Nkise Oyacibelecy (Mãe Rita) foi uma importante parceira do Kaipora e em diversos momentos destacou a mamona como uma planta fundamental para o candomblé. Em uma oficina sobre comidas de santo em 2019, Mãe Rita preparou Omolokum, uma oferenda para Oxum feita com feijão fradinho, azeite de dendê e camarão seco, que foi servida justamente em folhas de mamona. Nas tradições afro-brasileiras a mamona ocupa um importante lugar. Em quintais e hortas visitadas na RMBH, muitas vezes as mamonas que brotam são mantidas também para serem usadas como fertilizante e pesticida.

A tiririca (*Cyperus* spp.) é outra planta considerada invasora que brota com vigor em espaços manejados na RMBH. De origem indiana, é amplamente distribuída no mundo e chegou ao Brasil com a colonização portuguesa, provavelmente pelos navios mercantes. Seu manejo em grandes áreas agricultáveis é feito com o uso de herbicidas que afetam seus tubérculos. Ana Santos (2014), em análise química e biológica da espécie, destaca como pode ser empregada no tratamento de diferentes patogenias pelas suas atividades

---

[130] Mamona, EMBRAPA. Disponível em: https://old.cnpgc.embrapa.br/publicacoes/livros/plantastoxicas/21mamona.html#:~:text=Arbusto%20pouco%20lenhoso%2C%20copado%2C%20ereto,folhas%20verdes%20e%20outras%20arroxeadas.&text=Perene%2C%20mas%20de%20ciclo%20curto,a%20v%C3%A1rios%20metros%20de%20dist%C3%A2ncia. Acesso em: 04/12/2022.
[131] Mamona. Fundação Joaquim Nabuco. Disponível em: https://pesquisaescolar.fundaj.gov.br/pt-br/artigo/mamona/. Acesso em: 04/06/2023.

antioxidantes, antifúngicas e antimicrobianas. Em um dos quintais visitados da RMBH, foi relatada a procura pela tiririca para ser usada como enraizador de plantas e para a produção de xampu.

Outra espécie classificada como perigosa na RMBH e que é abundante em espaços perturbados é o ipê-mirim (*Tecoma stans*), o falso ipê. Presente no sul dos EUA, México, América Central e na América do Sul, é mundialmente empregado na ornamentação de centros urbanos por ser uma planta rústica que demanda poucos cuidados e por florescer e frutificar durante todo o ano[132]. Em áreas degradadas e em pastagens, é considerada uma planta invasora pela sua ampla capacidade de produzir sementes viáveis e pelo rápido crescimento. Como outras plantas aqui em destaque, poderia ser usada como matéria orgânica na implantação de espaços biodiversos. Em um dos espaços visitados na RMBH o ipê mirim foi plantado em uma área que servia como depósito de lixo justamente por ter o crescimento rápido e ressignificar o lugar.

Em contexto recente, o capim vetiver (*Vetiveria zizanioides*), originário da Índia, tem sido valorizado em hortas e quintais da RMBH por ser uma espécie com diferentes finalidades como contenção de encostas, artesanato, construções e perfumaria. Thiago Chaves e Aluísio Andrade (2013:13) destacam o potencial da espécie para o controle da erosão e na recuperação de áreas degradadas. Como indicam, seus cordões plantados em áreas de encostas "*são capazes de auxiliar na redução do escoamento superficial, retenção de sedimentos, estabilização de terraços, valetas e bacias de captação, bordadura e paredes de voçorocas; na proteção das margens de cursos d'água e, em consórcio com outras culturas, na proteção e melhora das propriedades do solo*". Embora cause receio por ser uma planta exótica, destacam que "*Uma de suas características mais marcantes é o fato de não produzir rizomas ou estolões e, apesar de produzir inflorescências, suas sementes são estéreis, o que a torna uma planta não invasora, característica que possibilita a sua utilização em diferentes biomas sem a preocupação de se tornar praga*" (Chaves, Andrade 2013:6).

Nesse sentido, são plantas que, se manejadas com cuidado, podem colaborar com a produção de paisagens biodiversas.

***

[132] *Tecoma stans*. Horto Botânico. Disponível em: https://museunacional.ufrj.br/hortobotanico/arvoresearbustos/Tecoma%C2%A0stans.html. Acesso em: 04/08/2023.

Quando os cuidadores e cuidadores afirmam que "*aqui tem um pouco de tudo*", fazem referência a uma maneira íntima de se relacionar ao espaço e com as plantas que preza pela saúde do conjunto, uma vez que a diversidade protege e ao mesmo tempo é uma maneira de se ter a beleza da fartura. Suas composições e preferências podem lançar luz à qualificação de espaços verdes capazes de criar histórias com as plantas nas cidades e suas periferias e encher sacolas com fartura.

3.4. A beleza da fartura

Como destacado anteriormente[133], nossa alimentação tem sido cada vez mais padronizada: "*Das verduras e legumes mais vendidos entre os nativos, estão apenas a mandioca, o milho e o maxixe*" (Ranieri 2017:38). Nos quintais e hortas visitados na RMBH, espécies e variedades consideradas PANCs[134] estão presentes com fartura, como almeirão roxo, azedinha, banana, bertalha, bertalha coração, capeba, maria gondó, capuchinha, caruru, feijão guandu, picão, serralha, taioba, tamarilho, vinagreira, ora-pro-nóbis e peixinho. Em pesquisa realizada em diferentes contextos urbanos na RMBH, Oliveira, Alves e Dala Paula (2018:208) destacam como muitas dessas plantas são vistas como "*'alimentos de pobre', o que implica depreciação e, em virtude disso, passam a ser julgadas como 'matos' ou 'ervas daninhas'*". Remetem também, no entanto, como destacava Dona Catarina, aos sabores da infância:

> "*fico pensando nos sabores que a gente tinha. Hoje, flor de abóbora é cambuquira que a gente tanto fala e é cara nos restaurantes. A gente comia essa flor porque era o que tinha. Comia também broto de abóbora, broto de chuchu, broto de bambu, o que a gente nem vê. Me lembro da gente cozinhando mamão verde e hoje eu sinto até saudade: um mamão verde com bastante cheiro verde e pimenta do reino e era só, não tinha opção*" (Souza *et. al.* 2023:214).

As PANCs, como dizia, "*há anos que estão aí, desde que o mundo é mundo. Fala que não é convencional é porque muitas vezes essas plantas não se acham mais, não encontra no*

[133] Item 2.2.
[134] Para maiores informações sobre o tema, consultar o livro *Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) no Brasil* (Kinupp, Lorenzi 2014).

mercado. Então a gente cuida bem delas para não perder. Antes falava mais era hortaliças tradicionais"[135]. Em sentido próximo, Cleciana comenta:

> "*Banana verde, ora-pro-nóbis, capuchinha e outras são muito fartas aqui, não faz sentido não consumir. O que era coisa tradicional de qualquer horta hoje virou uma coisa chique com as PANCs. O pessoal do interior sempre comeu essas coisas. Até umbigo de banana é exótico para quem nunca foi criado com isso"* (anexo II – livreto 5).

Como destacado no item anterior, a preocupação com a alimentação implica em maior presença de espécies alimentícias e suas variedades nos espaços levantados na RMBH, o que evidencia o lugar fundamental que a fartura ocupa para seus cuidadores e cuidadoras: a fartura alimenta, permite a doação e amplia relações. O apreço pela fartura nesses moldes, na verdade, é uma característica recorrente em diferentes contextos camponeses e periféricos, uma vez que o alimento é uma boa fortuna associada à saúde, satisfação e ancestralidade.

A fartura é um componente central na ideologia alimentar entre camponeses das áreas rurais e entre aqueles que migraram para as cidades. O relatório *Hábitos e ideologias alimentares em grupos sociais de baixa renda* (1978), organizado por Klaas Woortmann, apresenta dados dos anos 1970 que comprovam a importância dessa ideologia alimentar que ainda hoje pode ser encontrada em diferentes grupos rurais e urbanos em todas as regiões do Brasil. Carlos Brandão (1976), um dos pesquisadores do projeto, por exemplo, apresenta um retrato da expulsão do camponês do campo para a cidade a partir de pesquisa realizada em Mossâmedes (GO) que se mantém válido e pode ser expandido a outros contextos, como o da RMBH no século XXI. Como indica Brandão (1976:59-60), para o camponês agregado nas fazendas: *"A medida da fartura estava em haver alimento suficiente e garantido durante todo o ano, tanto para a família como para a 'criação': 'a capadaria estava no chiqueiro, arroz tava guardado para o ano todo, tinha roça de milho e feijão'"* (*apud* Woortmann 1978:24).

As transformações nas áreas rurais, de modo geral, restringiram a produção e o acesso ao alimento, o que levou grande contingente da população rural às cidades em busca de melhores condições de vida (Woortmann 1978:25). Ao chegar na cidade, como destacado

[135] Para uma visão crítica sobre o termo PANC, consultar o trabalho da nutricionista Bruna Oliveira, intitulado: "Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) e Globalização: reflexões contra colonialistas sobre a erosão da agrobiodiversidade brasileira". In: Anais do XII COPENE 2022.

anteriormente[136], o alimento é uma mercadoria que precisa ser toda ou quase toda comprada:

> *"sucedeu-se uma época em que não se era rico, mas havia 'fartura', por outra, onde alguns se tornaram ricos mas a maioria se tornou carente. Enquanto ninguém tinha dinheiro na mão, todos tinham uma mesa farta. Hoje, quando há muito dinheiro em circulação, a maioria vive sem poder comprar suficiente 'mantimento', segundo os padrões do passado* (Woortmann 1978:25)*".*

Assim, a cidade não tem a fartura que no campo é possível ter, já que fartura é ter acesso a "*bens alimentícios de origens diversas (animal e vegetal), assim como à quantidade de alimentos que se pode dispor*" (Woortmann 1978:27). Ainda que os supermercados, na época em franco crescimento[137] ofertem ao migrante um repertório maior de alimentos, "*os limites de renda impedem que sejam adquiridos muitos desses artigos*" (Woortmann 1978:30).

Além da pesquisa de Brandão (1976), o levantamento de Maria Tavares (1976) sobre as mudanças de hábitos alimentares em Belo Horizonte compõe o relatório e são notáveis as semelhanças com o contexto atual. Tavares (1976) destaca como 64,4% dos migrantes rurais recebiam na cidade menos de dois salários-mínimos e que quase metade das mulheres não possuía nenhuma renda. Como agora, a baixa renda era um fator que impactava a moradia, o tempo de deslocamento e o acesso à alimentação, gasto principal das famílias. Os principais itens comprados nesse contexto eram café, açúcar, arroz, feijão e macarrão (Tavares 1976:24 *apud* Woortmann 1978:27).

De modo geral, como observa Tavares (1976), "*o aumento da renda disponível pelo grupo doméstico não parece conduzir a uma alteração na ideologia alimentar*" (*apud* Woortmann 1978:30). Nesse sentido, acrescentam novos itens, mas não param de apreciar o que comiam de forma rotineira anteriormente, o que em alguma medida ainda hoje persiste. Além disso, em muitos casos os migrantes moravam em bairros periféricos e podiam desenvolver "*uma pequena 'economia de subsistência', e um pequeno comércio de ovos e verduras, no quintal de casa*". Tavares (1976:26) destaca como entre o grupo pesquisado,

[136] Ver item 2.1.
[137] Ver item 2.2.

> *“as compras de alimentos são complementadas de duas maneiras: através da produção feita no espaço circundante à moradia ou através de recebimento de pequenas quantidades de gêneros. No quintal pode haver também a criação de algum animal doméstico para consumo. A exploração deste pequeno espaço era feita da seguinte maneira: havia uma horta sempre condicionada à existência de água, isto é, aqueles grupos domésticos que não tinham cisternas não cultivavam sua horta, apontando a dificuldade de obtenção de água como motivo para a sua não existência, mas era clara a valorização que se dava a essa maneira de complementar a dieta familiar. Realmente, em todos os casos em que havia acesso fácil à água os quintais estavam plantados com milho, que aparecia também junto com as hortas. Nestas, o espécimen por excelência cultivado era a couve, havendo também jiló, cebolinha, salsa; outras plantas, além do milho, eram a cana, laranja, limão, manga, e chuchu... Um dos grupos domésticos criava porcos e outro criava galinhas*” (*apud* Woortmann 1978:37*).*

Não deixa de ser curioso que, quase cinco décadas depois, as mesmas plantas sejam comuns nos quintais e hortas aqui em destaque, expressando a força dessa tradição alimentar.

Em Belo Horizonte e região adjacente, eram alimentos considerados fortes: galinha, peixe, carne de gado, feijão preto, leite, mandioca, carne de porco, rapadura, ovo, milho. Batata doce e batata inglesa eram consideradas alimentos intermediários enquanto arroz e frutas eram considerados alimentos leves (Tavares 1976 *apud* Woortmann 1978:80). O feijão, em diferentes contextos, era o alimento forte mais acessível para compor refeições.

A alimentação está sempre associada a classificações, combinações e preparos, uma característica que nos marca enquanto humanidade. Lévi-Strauss (2004:25) foi um dos primeiros teóricos a chamar a atenção para o lugar dado ao cozimento dos alimentos na matriz simbólica das culturas humanas: ”*assim como não existe sociedade sem linguagem, não existe nenhuma que, de um modo ou de outro, não cozinhe pelo menos alguns de seus alimentos*”. Nesses termos, a alimentação como sistema classificatório é uma particularidade da nossa espécie: “*Respondendo às exigências do corpo, e determinada nos seus modos pela maneira particular pela qual, aqui e ali, se efetua a inserção do homem no mundo, colocada portanto entre a natureza e a cultura, a cozinha representa acima de tudo a necessária articulação entre ambas*” (Lévi-Strauss 2004:32).

Cada sistema culinário apresenta dimensões sociológicas, econômicas, estéticas e religiosas que associam

> "*homens e mulheres, família e sociedade, aldeia e mato, economia e prodigalidade, nobreza e plebeidade, sagrado e profano etc.. Assim pode-se esperar descobrir, para cada caso particular, em que a cozinha de uma sociedade é uma linguagem na qual ela traduz inconscientemente sua estrutura, a menos que ela se resigne, sempre inconscientemente, a nela desvendar suas contradições*" (Lévi-Strauss 2004:35).

A especificidade cultural é marcada pelos entendimentos do que é o cru, cozido e apodrecido, e "*não se pode supor que será a mesma coisa para todas*" (Lévi-Strauss 2004:25). Para além dessas categorias, Lévi-Strauss (2004:30-32) inclui os alimentos defumados, que resistem ao apodrecimento por mais tempo do que os alimentos fervidos ou assados. No âmbito do cozido também estão incluídos os alimentos fritos ou grelhados.
A partir de variados exemplos da culinária europeia e de povos originários das Américas, Lévi-Strauss (2004:28) destaca como o "*fervido pressupõe na maioria das vezes aquilo que se poderia chamar de uma 'endo-cozinha': feita para o uso íntimo e destinada a um pequeno grupo fechado, enquanto o assado pressupõe a 'exo-comida': a que é oferecida aos convidados*". Em outras, no entanto, "*o fervido é a vida, o assado, a morte*" (Lévi-Strauss 2004:30). Lévi-Strauss ilumina nosso entendimento dos sistemas alimentares locais e seus efeitos no que será cultivado, cuidado e colhido.

Cada preparo culinário, assim, apresenta um contexto maior que reafirma sua possibilidade e valor como alimento. Em Minas Gerais, de modo geral, a cozinha tem um espaço privilegiado na construção identitária que se perpetua, se ressignifica e tem mesmo sido apropriada em festivais de gastronomia nos últimos anos que celebra a "típica comida mineira". Os preparos reúnem mandioca, feijão e farinha. E tem angu, frango ensopado, tutu de feijão, canjica, arroz, taioba refogada, fubá suado, feijoada, canjiquinha com costelinha, quiabo, conservas e doces, como de goiaba e de leite. Incrementada com um conjunto de verduras, temperos e ervas, tanto alimenta como é também remédio. Ainda que os alimentos em destaque não sejam exclusivos do estado, são mobilizados para "*formatar o sentido de referência identitária e a imagem de Minas associada à cozinha e à hospitalidade*" (Abdala 2019:169).

Nos quintais e hortas visitados na RMBH, alguns alimentos, por comporem receitas apreciadas, são plantados ou são cuidados quando brotam, como almeirão roxo, feijão,

feijão guandu, couve, salsa, cebolinha, mostarda, ora-pro-nóbis, maria gondó, jurubeba, milho, taioba, quiabo, umbigo de banana, capeba. Ainda que hortaliças folhosas sejam frequentes nos espaços visitados para venda e doações, as verduras mais apreciadas são as refogadas e/ou cozidas junto a outros alimentos ensopados com carne de frango ou de porco. Como destacou um cuidador, "*eu gosto muito de plantar e cuidar com o maior carinho, mas não gosto de comer folha não. Eu até como, mas não é aquela coisa que eu gosto de comer".* As que dão com fartura, como taioba, serralha e ora-pro-nóbis, podem até ser vendidas em feiras e cestas, mas no geral são consumidas ou doadas para familiares, vizinhos e amigos.

Dona Catarina (2021) gostava de enfatizar como honrar o alimento é também aproveitar o máximo possível do que ele pode oferecer. A horta, próxima à porta da cozinha, era onde se plantava temperos:

> "*Para mim quintal é uma coisa e horta é outra coisa. A horta que nós temos é logo depois que termina a porta da cozinha, é para facilitar, aí já pega a salsinha, a cebolinha. E quintal fica depois da horta. E de tudo você pode tirar para comer e cuidar da saúde. O milho o pai plantava junto da abóbora e com o feijão catador. Eu tenho saudade de comer o feijão catador. E dá tempo de colher um e outro, sem um prejudicar o outro. E hoje em dia a gente chama isso de agricultura consorciada. E dava para colher. O milho a gente usava ele inteiro, tudo. As folhas, a palha, o sabugo, o cabelo do milho é remédio. E a gente tinha tudo isso no quintal, logo ali. Saia pela porta, atravessava a horta e chegava no quintal. Em um espaço de tempo muito pequeno, perdemos uma variedade enorme de milhos. Eu luto para poder plantar, ter sementes crioulas, mas é difícil de conseguir. Às vezes vem para gente que é agricultor pelos correios, de bem longe*".

As cascas de melancia e de melão usava para engrossar geleias, as sementes de capuchinha e jurubeba viravam conservas, a água que cozia a abóbora (sempre com casca) era a mesma que cozia o arroz, as rosas enfeitavam a casa e viravam geleia. Para ela, precisamos aprender a não jogar nada fora e a organizar a fartura.

***

O cuidado com a fartura é um elemento intimamente relacionado ao tamanho e variedade das coleções de plantas observadas nas hortas e quintais da RMBH. Ter diversidade é ter fartura, o que para seus cuidadores e cuidadoras é motivo de orgulho, alegria e beleza. A formação e ampliação das coleções locais, por sua vez, está vinculada a diferentes práticas e processos, como indicam os depoimentos a seguir:

> *“Cada lugar que eu vou eu trago uma mudinha*”.
> *“Cada lugar vamos levando e trazendo”*
> *“Gosto de ir dando mudas: a gente reparte aí se um dia a gente não tiver, a gente vai ter”*
> *“Minha mãe era assim, toda casa que ela ia ela pegava mudas. Tinha lugar que nem precisava pedir, o pessoal já arrumava muda para ela. E quando ia lá em casa a mesma coisa, ela dava muito também”*
> *“Eu divido com minha amiga. Tudo eu divido com ela e tudo ela leva para mim. Fica nessa troca”.*
> *“A gente gosta de plantar muito tipo de coisa”.*
> *“Às vezes nem imagino o que tenho plantado. Eu planto muito misturado”*
> *“Aqui tem umas coisas que eu mesmo nem sei. Vou ganhando, vou plantando, vai nascendo”.*

Seu Adão, por exemplo, destaca como novas plantas e variedades chegam à sua horta e como há um trânsito de plantas entre a horta e seu quintal:

> *“Nesses encontros que costumam ter sempre pego semente do que tem de diferente e eu ainda não tenho, como a de almeirão com a folha amarela que plantei aqui. Quando a comunidade recebe doação para a cozinha solidária, o que vem de semente diferente eu planto. Nem sempre sei o que é, mas fico esperando para descobrir. Os vizinhos também deixam mudas aqui, essa mandioca mesmo foi meu vizinho que trouxe. (...) A gente gosta de plantar muito tipo de coisa e já tem tempo que planto tudo misturado. No quintal tem gengibre, manga, laranja, couve, abacate, limão taiti, limãozinho cravo, limão capeta, açafrão. Tem cana e tem um engenho para moer. Tem muita coisa que vem do quintal para a horta e da horta para o quintal”* (anexo II – livreto 7).

Alexandra, sobre sua coleção, explica:

> “*As primeiras mudas que comprei de hortaliça para a horta foi com o dinheiro do lixo reciclado que tirei daqui. Muita coisa que plantei primeiro eu tinha em casa, como o manjericão, o alecrim e a arruda. Outras continuo ganhando, já que não tem um lugar que eu vou que eu não volto com uma muda”* (anexo II – livreto 2).

Nos lugares visitados o cuidado com as sementes também é notável; algumas que guardam para plantar depois são as de abóbora, feijão, alface, milho e quiabo. Como conta Neide:

> *“A semente crioula que eles chamam hoje, naquele tempo era o que a gente fazia. Meu pai quando colhia as primeiras colheitas ele já tirava e já falava que era pra plantar no próximo ano. Tanto era o feijão, guardava sacos. Pegava saco de milho e tirava o milho separado pra poder guardar pra plantar no outro ano. Tinha um milho de pipoca, guardava também o amendoim. Sempre foi assim”* (anexo II – livreto 3).

Dona Vera conta como guarda o máximo de sementes para doar, trocar e para que não precise comprar:

> “*Esse milho eu cultivei aqui no quintal, vou dando para os outros também plantar. Esse aqui já foi troca. Esse feijão também colhi aqui. Esse outro é de troca (...). Eu gosto de plantar e eu gosto de trocar. Em cada lugar vamos levando e trazendo sementes. Eu também guardo semente, até já fui guardiã. Ganho muita muda, às vezes nem tenho mais onde plantar, mas aí vou dando. Outras vou tirando para plantar depois”.*

Muitas mudas que ganha são ornamentais. Quando visita sua família no norte de Minas, *“o que tem de muda eu trago. E quando elas vêm aqui elas levam. A minha irmã planta na roça para mim”.*

Alexandra também relata cuidado com as sementes e enfatiza como a germinação tem um lugar importante em sua prática:

> “*Aqui ganho muita semente e guardo as mais fortes para plantar depois, como de abóbora e alface. Depois de três gerações a semente é dessa terra. Germinação é uma coisa que pouco agricultor faz, mas eu acho que tem que ter esse tempo: é muito prazeroso você colocar a semente pequeninha e ver crescer. As plantas se comunicam, elas agradecem”* (anexo II – livreto 2).

Há um conjunto de plantas presentes nos espaços que brotam espontaneamente e são conservadas e observadas. Nascem tanto espécies e variedades plantadas pelos pássaros como também sementes que estão guardadas na terra a partir de plantios e cuidados anteriores. Como diz a agricultura Alexandra, “*a terra guarda a semente, é incrível isso. A terra tem esse poder de guardar a semente para na época certa ela estourar”* (anexo II – livreto 2). E assim nasce caruru, serralha, mamona, beldroega, maria pretinha, trevo, tansagem, alfavaca, almeirão roxo, goiaba, mamão, erva de santa maria, quitoco, vinagreira, beldroega, chanana, salsa, funcho, tomatinho e tantas outras. Quanto mais antigo o espaço cuidado, maior o conjunto de sementes que estão na terra e “*brotam sem ninguém plantar*”.

Além disso, quanto mais próximo de áreas verdes, maior o número de espécies nativas que brotam.

Sobre as plantas que "*brotam sozinhas*", Dona Vera diz:

> "*Tudo é de tempo. De agora pra frente nasce muita serralha, muita beldroega, muita vinagreira (sai demais aqui). E essas coisas que saem me ajudam muito. Eu vendo bastante. Aí o povo fica, 'oh dona Vera, arruma maria gondó pra mim' e aí eu digo, 'oh menina, isso daí não adianta plantar, é Deus que me dá, do jeito que ele quer, no dia que ele quer. Não é a gente. Não adianta plantar, não nasce. É a terra que dá"* (anexo II – livreto 6).

Tantinha (Souza *et. al.* 2023) também relata atenção ao que nasce espontaneamente:

> *"No sacolão têm alface, couve, mostarda e outras folhas. Não tem serralha, mas no nosso quintal nasce serralha e beldroega e quantas outras plantinhas nascem. São nativas dali e elas não nascem ali por acaso. O ora-pro-nóbis é muito farto e não precisa de grande cultivo. É muito mais rico em nutrientes do que as outras plantas que às vezes a gente preza em valorizar. Não estou desfazendo dessas plantinhas porque eu também as planto no meu quintal, mas eu não considero 'mato' essas que nascem, eu valorizo todas as nossas plantas nativas que nos vem, e elas nascem espontaneamente nos oferecendo um cuidado. É importante que a gente tenha esse olhar do cuidado e da aceitação para essas plantas. Se ela nasce ali é porque a gente está precisando dela".*

Além das referidas acima, também nasce "*embaúba, gabiroba, cipó cravo. Quando chove nasce muita coisa porque a semente estava perdida na terra e eu fico alegre em ver nascer. Eu valorizo todas as plantas que nos vêm: elas nascem nos oferecendo um cuidado. Cuidar não é apenas plantar, é também observar e preservar o que nasce".* Tal atenção é importante porque "*existem plantas que são assim, nascem apenas de um jeito específico, não adianta plantar. A carqueja é uma dessas plantas e no meu quintal ela gostou de ficar*" (Souza *et. al.* 2023).

O cuidado ao que nasce sozinho também é destacado pela Neide: *"a gente não pode passar planta medicinal não. Deixa as plantas aí. Quando nasce espero para descobrir o que é e deixo quando é útil ou bonitinha"* (anexo II – livreto 2). A atenção ao que a terra oferece é um aspecto cosmológico abordado por Antônio Bispo (2023:91):

> "*Nossa geração avó dizia que a gente planta o que a gente quer, o que a gente precisa e o que a gente gosta, e a terra dá o que ela pode e o que a gente merece. Então jogávamos todo tipo de semente no mesmo local e a terra fazia a seleção das sementes que ela deixaria germinar. Alguns animais conhecidos como insetos preferiam comer uma espécie de planta e deixavam as outras. Essa era a sabedoria cosmológica do nosso povo. Não precisávamos usar veneno porque os animais faziam a seleção. Como todas as plantas eram alimento, aquelas que sobravam eram para nós*".

O cuidado com as sementes envolve tanto guardar para plantar depois como também deixar que as sementes "*pendurem*" e "*brotem na terra sem ninguém plantar*", como coentro, mostarda, almeirão roxo, tomatinho, salsa e funcho. Nesse sentido, além do cultivo intencional, há um cuidado e uma observação atenta da capacidade que algumas plantas têm de se multiplicar: quando brotam, são "*a surpresa da terra*". Como conta Seu Adão:

> "*O que é folhagem deixo dar semente e onde elas caem vai nascendo mais, nem precisa plantar. Com o tomatinho também faço isso e aí ele está sempre nascendo. Aqui nasce muito almeirão roxo e tansagem: eles dão muita semente que espalham e depois ficam nascendo. Então uma vez que você teve um pé deles e ele deu semente, acabou, vai nascer demais"* (anexo II – livreto 7).

Para ele, produzem bem assim, uma vez que nascem onde querem e são mais fortes. Há, ainda, as que brotam em composteiras, minhocários e leiras que tanto podem ser cuidadas, replantadas ou doadas para outros espaços, como tomate, mamão, maracujá, abacate, manga, laranja e limão. Como destacado anteriormente, a preocupação em retornar ao solo a matéria orgânica é comum em todos os espaços visitados, sendo um cuidado fundamental para sua fertilidade[138].

Suas marcas de cuidado extrapolam seus espaços: envolvem uma atenção à comunidade que se estende também à própria cidade e seus múltiplos habitantes. Em algum grau, os encontros que têm com as plantas dizem de saberes e fazeres presentes em outros contextos tradicionais e camponeses. Diferem, assim, de certo *ethos* vitoriano que também se propaga nas cidades e implica em uma forma específica de se relacionar com as plantas pela saúde e pela moral, sem compromisso com a vida em comunidade e com a coletividade. Os cuidadores e cuidadoras aqui em destaque ainda defendem o potencial da terra e a intimidade com as plantas como um modo de existir a ser perpetuado.

[138] Ver item 3.1.

As coleções também podem ser ampliadas com o “pegar” mudas, uma prática que pode ser realizada com ou sem autorização e é difundida não apenas na RMBH como parte de uma hospitalidade local que se recusa a considerar que plantas são uma mercadoria como qualquer outra, e uma propriedade particular. Nesse sentido, há certa licença para “pegar” mudas: com ética e atenção à continuidade da planta, todos podem; quem já pegou geralmente não vê problema que outros peguem se o fazem com cuidado. “Pegar”, nesses moldes, é muito diferente de roubar e pilhar plantas: é assegurar sua continuidade e dispersão.

Assim, as coleções locais são expandidas pelo apreço à diversidade, à fartura e pela busca ativa do que consideram valioso e ainda não possuem em seus espaços, com destaque às alimentícias, medicinais e ornamentais, o que é favorecido pela participação recorrente em eventos voltados à promoção da agricultura urbana e periurbana de base agroecológica, pelas visitas a outros espaços de plantio e pelos vínculos com roças do interior onde residem parentes e amigos. Quando visitam outros espaços, pegam mudas e sementes do que ainda não tem e oferecem o que reparam que ainda não existe.

Há, ainda, a compra de mudas e sementes em floriculturas, viveiros e outros espaços de comercialização. Uma vez compradas e integradas às coleções, podem ser posteriormente dispersadas em outros circuitos locais e regionais não-monetários. Dessa forma, ao mesmo tempo em que existe um mercado bilionário de comercialização de plantas[139], persiste a multiplicação em redes de compartilhamento. Atentos ao papel de colecionadores e dispersores, cuidam para que as plantas não vivam apenas enclausuradas dentro de casa, em varandas, terraços e pequenos quintais, mas alcancem, enfim, outros contextos. Tal dispersão, se potencializada, poderia compor a organização da fartura e a multiplicação de espaços biodiversos nas cidades e suas periferias.

Em sentido próximo, a pesquisa realizada por Gomes (2009:179) na grande BH observa como

> “*cultiva-se toda a variabilidade de plantas, não havendo restrições a qualquer tipo de associações e consórcio entre as espécies. Os critérios de escolha englobam a estética, a adequação ao espaço, a função, alimentar ou medicinal, ou o mero prazer de conviver com as plantas. Nos espaços pesquisados não aparecem relatos do desejo de separar plantas alimentares das flores ou folhagens ornamentais. Isso faz desses espaços exposições*

[139] Ver item 3.2.

> *interativas de plantas e objetos cotidianos, onde cabem o colorido e a dança das roupas dependuradas no varal. Os vasos e vasilhames reciclados emolduram as plantas e constroem estéticas singulares a partir da biodiversidade dos policultivos".*

Como nas hortas e quintais aqui em destaque, combinam espécies gramíneas, herbáceas, arbustivas e arbóreas em pequenos espaços de forma criativa em uma estética muito diferente das monoculturas padronizadas. Para tanto, valem-se de conhecimentos, experimentações, atenção à terra e às plantas para gerir o espaço da melhor maneira possível (Gomes 2009).

Ao contrário de um projeto paisagístico, que é implantado de uma vez, a formação de uma coleção em uma horta ou quintal envolve um trabalho constante de cuidar, acrescentar e combinar diferentes plantas, e assim aprender e criar histórias com elas. A beleza que as plantas exibem é um marcador de seu bem-estar, sendo motivo de orgulho para seus cuidadores e cuidadoras. A variedade vibrante presente em pequenos espaços e suas combinações também são motivos de prazer e alegria.

As emoções que emergem da intimidade com as plantas e da beleza da fartura excedem a dimensão utilitária muitas vezes associada à agricultura, o que também pode ser percebido em outros contextos, como procuro destacar a seguir. Uma agricultura capaz de emocionar é um projeto de futuro que está na contramão das monoculturas padronizadas que, em ritmo devastador, destroem campos, matas e florestas em nosso tempo:

O entendimento de que a agricultura não é apenas útil foi uma mensagem importante apresentada em *Coral Gardens* [1935], por Bronislaw Malinowski, o pai da antropologia econômica e do funcionalismo, ao mostrar como os espaços manejados pelos agricultores nas Ilhas Trobriand não estavam restritos à dimensão da alimentação e da utilidade. Ao contrário, enfatizou como a agricultura promove emoção estética e tem grande ramificação em outros aspectos de suas vidas (Malinowski 1977:67). Os trobriandeses são apresentados como agricultores não apenas por necessidade, mas também por preferência, paixão e pelo lugar que a prática ocupa em seu sistema tradicional de valores (Malinowski 1977:41). Contagiado pelo encantamento que os espaços cultivados por eles promovem, Malinowski (1977) descreve o agricultor trobriandês como um artista que faz seu trabalho com prazer e que dele se orgulha e vê beleza. Como ressalta, sentem uma "*misteriosa alegria*" em cavar a terra, revolvê-la, plantar as sementes, observar seu crescimento e a maturação das plantas para obter a colheita (Malinowski 1977:19).

A agricultura movimenta a vida social trobriandesa pesquisada na primeira década do século XX. Boa parte das atividades públicas descritas estavam relacionadas aos espaços cultivados ou utilizavam alimentos providos por eles. A abundância era prezada e exibida na praça central em grandes pilhas de inhames adornadas com frutas, guirlandas de cocos, taros e bananas. Esses eventos expressavam sua força no prazer comum proporcionado pelo espetáculo da acumulação, o que por sua vez guarda relação com a noção de *malia,* um termo que remete a prosperidade, abundância e saciedade (Malinowski 1977:49). Além de movimentar a vida na aldeia, a agricultura movimentava ainda trocas mais amplas, sendo a cesta de inhame usada como medida de valor (Malinowski 1977:64-65).

Como na RMBH e em distintos contextos, cultivar é uma ocupação que demanda grande dedicação laboral e que lida com eventos imprevisíveis. Malinowski (1977) apresenta com detalhes como os espaços de cultivo são planejados, suas etapas, seus ritmos de trabalho e ressalta como estão atrelados aos ritos mágicos conduzidos pelos *towosi*. A magia e o trabalho prático envolvem classes distintas de técnicas, sendo a primeira importante para prevenir contratempos e trazer boa sorte enquanto a segunda, baseada na teoria empírica, desenvolve com êxito o trabalho de manejo do ambiente. Sua descrição, dessa maneira, ressalta como combinavam em seus cultivos prazer estético e apaixonada emoção, trabalho duro e misticismo mágico (Malinowski 1977:104).

Por mais que Malinowski esteja se referindo a um contexto distinto, no tempo e no espaço, ele nos presenteia com uma dimensão artística e emotiva associada à agricultura que também é percebida em algum grau na RMBH.

Alfred Gell (1999) vai ao encontro da emoção estética indicada por Malinowski. Em seu texto "The Technology of Enchantment and the Enchantment of Technology" procura promover uma ruptura completa com a estética e suas posições prévias sobre os efeitos que a arte produz em determinados contextos. Para justificar a ruptura, ressalta como na sociedade ocidental a arte é vivida como uma religião, um culto de devotos que acontece em teatros, livrarias, museus e galerias de arte e que associam a estética a um discurso moral. Para Gell (2005:45) tal abordagem é limitada, pois não são apenas os objetos de arte que são esteticamente valorizados: "*há belos cavalos, belas pessoas, belos acasos, e assim por diante; mas os objetos de arte são os únicos que são* belamente produzidos *ou* feitos belos". Nesse sentido, objetos são produzidos com diferentes técnicas e há uma multiplicidade de belezas quando não se considera apenas a dimensão estética já previamente reconhecida e valorizada. Ainda que nossa cultura opere depreciando a significância do domínio técnico, a tecnologia e sua execução com destreza apresenta um encantamento imanente a ela e que

exerce em nós um fascínio, "*de modo que vemos o mundo real de forma encantada*" (Gell 2005:45).

Assim, Gell (2005) sugere considerar a arte como uma classe de atividade técnica que demanda perícia e que, pelo envolvimento que promove, potencializa ainda mais seu encantamento. A arte seria então uma tecnologia do encantamento que compõe um sistema mais vasto e não reconhecido, mas que é essencial para a reprodução das sociedades humanas. Sua abordagem traz o encantamento que vem do trabalho humano de transformação e o que isso evoca nas pessoas.

Ao recuperar as descrições produzidas por Malinowski em *Coral Gardens*, Gell (2005:57) apresenta a agricultura como uma atividade técnica inegável que também apresenta outras dimensões associadas. Para Gell (2005), o virtuosismo técnico promove o *towosi* a artista: seus espaços precisam ter as feições certas para crescer e são uma obra de arte coletiva que combina um sistema de conhecimento técnico, o que inclui a magia, para produzir inhames e outros cultivos. A tecnologia da magia representa o domínio técnico de forma encantada, oferecendo, assim, um instrumento ideal para a produção técnica (Gell 2005). Trata-se, nesse sentido, de uma atividade que requer domínio técnico e constante observação para prosperar e que, ao mesmo tempo, é capaz de encantar e produzir beleza.

Enquanto Malinowski ressalta a dimensão estética, a beleza e a emoção implicada no ato de cultivar, Gell reitera como esse ato é atravessado por uma tecnologia do encantamento que produz satisfação como um tipo de arte. Tais dimensões, quando pensadas para o contexto da RMBH, atentam aos saberes e práticas agrícolas que envolvem técnica e criatividade para promover o cuidado com pequenos espaços manejados e que, nesse processo, se encantam pela potência da transformação que as plantas ainda lembram. Para os cuidadores e cuidadoras aqui em destaque as plantas não são pensadas como meros objetos, e sim como seres bem vivos com os quais podemos nos relacionar e afeiçoar em espaços que encantam e alimentam também outros desejos.

O cuidado com os locais manejados requer atenção para aprender com a terra e os seres que a habitam. No caso das plantas, tal atenção requer aprender a responder melhor a elas, para que "*vinguem*" e exibam beleza. Lévi-Strauss destacou em sua obra *O Pensamento Selvagem* (1989:30) a universalidade de uma "*vontade de conhecer pelo prazer de conhecer"* que vai além da mera satisfação de necessidades imediatas e que corresponde a uma exigência intelectual, estética e classificatória presente em diferentes épocas e lugares, atenta também ao futuro. Em acordo, como ressalta Ailton Krenak (2020), *"a ciência existe*

desde que nós iniciamos a nossa formação como espécie: sempre houve o conhecimento e a busca por esse conhecimento". Nesse sentido, o conhecimento intelectual que se coloca como absoluto é um perigoso delírio de onipotência.

A curiosidade humana, segundo Lévi-Strauss (1989), segue dois caminhos: um, próximo à intuição sensível e atenta à dimensão concreta do mundo e dos seres, a que denomina ciência do concreto; e outro que se apresenta como racional e opera a partir de conceitos para se distanciar das percepções, o que conhecemos como ciência moderna. Lévi-Strauss (1989:20) apresenta exemplos de diferentes povos indígenas que atuam como observadores e experimentadores e que, a partir de uma "*atenção apaixonada*" dedicada aos seus ambientes e ao conjunto de espécies presentes, produzem conhecimentos fascinantes que são transmitidos e atualizados sistematicamente.

A "*atenção prolongada e repetida*" e a "*curiosidade assídua e sempre alerta*" se desdobram em uma aguda percepção que pode levar a ordenações verdadeiras e que implicam, como todo ordenamento, em algum senso estético, e em "*resultados de boa postura científica*" (Lévi-Strauss 1989). Ele reitera como o aprendizado guarda relação com as formas locais de cultivar a atenção, aspecto que aparece em destaque em um trecho em que cita Fletcher (1904:34) para trazer o pensamento de um indígena: "*Fomos ensinados a prestar atenção em tudo que vemos*" (*apud* Lévi-Strauss 1989:25). A atenção apaixonada tem implicações para a sensibilidade e para o conhecimento de um grande conjunto de plantas, peixes, insetos, aves, morcegos e outros seres com os quais convivem.

As classificações e ordenamentos realizadas pelos cientistas se valem de um senso estético, mas como ressalta Lévi-Strauss (1989), o prazer em conhecer não é exclusivo deles: tal emoção também é despertada pelas práticas do *bricoleur* e pelo artista. As diferenças entre o *bricoleur* e o cientista não são absolutas e se relacionam aos conjuntos deslocados a partir dos quais atuam. A ciência, ao operar com conceitos, amplia seu conjunto de perguntas e respostas, enquanto o *bricoleur*, ao operar concretamente com signos, oferece respostas rearranjadas a partir de seu tesouro de ideias e do princípio de que "*isso sempre pode servir*" (Lévi-Strauss 1989:33). Nesse sentido, "*sem jamais completar seu projeto, o bricoleur sempre coloca nele alguma coisa de si*" (Lévi-Strauss 1989:37). A bricolagem, assim como pensamento mítico, segue também uma vontade de aprender e pode produzir conhecimentos valiosos. O artista, por sua vez, estaria no meio do caminho entre o *bricoleur* e o cientista, já que com as suas mãos emociona ao produzir um "*objeto material que é também um objeto de conhecimento*" (Lévi-Strauss 1989:39).

Apesar de Lévi-Strauss adotar uma perspectiva mais formalista da arte do que a presente em Malinowski (1977) e Gell (2005), ao abordar a noção dos "*modelos reduzidos*" apresenta uma dimensão artística que pode ser associada aos pequenos espaços biodiversos aqui em destaque. Lévi-Strauss (1989) apresenta o modelo reduzido a partir do *Retrato de mulher,* pintado por Clouet, chamando atenção aos detalhes do colarinho que, em escala reduzida, produzem uma imagem homóloga. A redução, seja de escala ou de propriedades, produz uma inversão no processo de conhecimento ao oferecer, em "*uma só mirada*", uma apreensão sobre o objeto, o que produz certo fascínio (Lévi-Strauss 1989:39). Como sugere, "*todo modelo reduzido tem vocação estética*" e "*a imensa maioria das obras de arte é formada de modelos reduzidos*" (Lévi-Strauss 1989:39).

Há, assim, uma emoção e prazer estético proporcionado pela vocação dos modelos reduzidos ao apresentar um objeto de aparência menos temível por ser "*quantitativamente diminuído*" e "*qualitativamente simplificado*". Tal forma inverte a tendência que temos ao conhecer que é começar pelas partes e a emoção estética é produzida pela experimentação do objeto, seja ele miniaturas de colecionadores, obras de arte ou um jardim japonês (Lévi-Strauss 1989).

Pequenos espaços manejados que se inspiram e se encantam pelas florestas e se produzem como um mimetismo delas, como hortas e quintais, são aqui pensados a partir dos modelos reduzidos apresentados por Lévi-Strauss. Tais espaços operam suas reduções ao preferir espécies que enchem a barriga ou que nos auxiliam de outra maneira, mas também prezam em abrigar um conjunto variado de seres em interação. Ainda que realizados em pequenos espaços, seres como aves, formigas e cogumelos não reconhecem suas fronteiras e se esparramam para fora de seus limites, o que dissemina espécies (Clément 2015; Clément 2021a).

Ivanildes Kerexu, liderança na Aldeia Yakã Porã situada em Ubatuba, em sentido próximo, ressalta como a "*Terra é uma só. É uma Terra só e é para todos. Ela não tem continente, ela não tem separação, ela não tem país*"[140]. Para as plantas, como ressalta o botânico Mancuso (2021b:51), citado anteriormente: "*Deveres, fronteiras, avisos e barreiras vegetais são, felizmente, conceitos sem sentido*". Assim, a partir do cuidar e do plantar, diferentes espaços em contextos urbanos e periurbanos como quintais, terreiros, canteiros, parques,

[140] Depoimento no encontro: MANCUSO, Stefano; NASCIMENTO, Evando. Literatura e Plantas. FLIP - FESTA LITERÁRIA INTERNACIONAL DE PARATY. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=jMGk2YfzPXs&ab_channel=Flip-FestaLiter%C3%A1riaInternacionaldeParaty.Acesso em: 15/12/2021. Acesso em: 15/12/2021.

praças, roças, hortas, campos, matas, beiras de estrada e outros mais distantes são atravessados por conexões entre as vidas que permitem existir e prosperar.

Como procurei destacar nesta tese, os espaços marcados pelo *sentir as plantas* podem produzir emoção e contemplação. A beleza para seus cuidadores e cuidadoras guarda relação com a diversidade de seres que abrigam, com as interações benéficas observadas, com a terra coberta para manter o solo úmido. A associação entre esse modo de existir à ciência do concreto na figura do *bricoleur* é imediata, uma vez que experimentam prazer estético a partir da atenção apaixonada que nutrem sobre o ambiente e sobre o conjunto de plantas que cuidam e observam. Acrescento, ainda, que as práticas e saberes agrícolas envolvidas também têm algo do artista e do cientista.

A dimensão artística se manifesta como uma redução da natureza que encanta e emociona, no gosto pela diversidade e na diversidade como beleza, algo que pode ser relacionado a outros contextos agrícolas. Pascale de Robert e colaboradores (2012), por exemplo, abordam as particularidades da agricultura diversificada praticada pelos Mebêngôkre-Kayapó que segue um caminho oposto ao observado no contexto global marcado pela homogeneização das espécies cultivadas e padronização das técnicas agrícolas. Além de profundos conhecedores dos diferentes ambientes que acessam (Posey 1986), os Mebêngôkre-Kayapó são importantes fabricadores da agrobiodiversidade em suas roças e quintais, produção associada à noção de *mex:* "*beleza que valoriza, além da estética, os esforços dos indivíduos e da sociedade em participar de redes de trocas sempre mais fortes e extensas*" (de Robert *et. al.* 2012:341).

Quanto mais extensa a lista de cultivos que uma mulher cuida, mais bonita será sua roça (*mex kumrex*), o que para ela se constitui como um motivo de orgulho e que confere status de boa conhecedora. A presença de muitas plantas pressupõe mais beleza, sendo a diversidade agrícola uma riqueza em si mesma (de Robert *et. al.* 2012:367). Como as pessoas circulam e com elas também as plantas, as roças são espaços importantes para ativar lembranças, já que permitem rememorar experiências anteriores, histórias de viagens, visitas de parentes, projetos ou eventos que participaram (de Robert *et. al.* 2012:363). Cada nova planta desperta grande curiosidade que se desdobra em um cuidado particular atento às suas características e exigências. A floresta é grande inspiração para as roças que tendem "*a reproduzir, em forma simplificada, a arquitetura e a complexidade do meio florestal circundante*" (de Robert *et. al.* 2012:352).

Outro exemplo em que a diversidade de plantas é vista como beleza é apresentado por Joana Cabral de Oliveira (2020:89) ao destacar como as mulheres wayãpi são orgulhosas de seus roçados onde cultivam variedades de mandioca e demais culturas e os sentem como "*uma extensão de si*". Como reitera: elas "*sabem a procedência de cada variedade e cada uma delas suscita lembranças e permite a nomeação de histórias*" (Cabral de Oliveira 2020:89). Em suas roças a diversidade é uma estética a ser encorajada pelo gosto de suas cuidadoras para formar o que tem como uma roça bonita: "*uma bela roça é hiperdiversa e alegre*" (Cabral de Oliveira 2020:92). A agricultura wayãpi segue o ritmo da vida e leva em consideração as diferentes espécies abrigadas ao longo da sucessão geracional. Assim como entre os Mebêngôkre-Kayapó, os roçados se inspiram e dependem diretamente da floresta. E um dia, quando abandonados, serão novamente convertidos nela.

Emperaire (2020:63), ao trazer as donas das roças tukano do alto Rio Negro, ressalta como se preocupam com as plantas cultivadas e como a diversidade é algo que "*enfeita as roças*". Ela enfatiza como "*dois conceitos impulsionam a existência de uma roça, além dos imperativos produtivos: o de completude para o bem-estar da família ('na minha roça tem de tudo') e o de coleção, principalmente no que se refere às manivas*" (Emperaire 2020:61). A diversidade de plantas manejadas é produzida a partir das movimentações que fazem, em especial junto a parentes e conhecidos, sendo a "*hiperdiversidade*" o "*normal*" dos espaços e das relações sociais no rio Negro (Emperaire 2020:64). A diversidade agrícola, nesses moldes, "*responde a critérios produtivos, afetivos e estéticos*" (Emperaire 2021:49).

Longe da Amazônia e suas particularidades agrícolas, até mesmo perto da capital paulista a agrobiodiversidade é apreciada. Jerá Guarani (2022:13), por exemplo, destaca seu esforço nos últimos anos para reunir sementes tradicionais e uma diversidade de batatas-doces. Como conta:

> "*Há três anos eram 50 tipos mais ou menos, mas não demos conta de cuidar de todas, então algumas perdemos e teremos que trazer de volta de lá, do Paraná. Seguramente temos ainda uns 30 tipos: amarelas, roxas, brancas, redondas, compridas, maiores, de porte pequeno, bolinhas, enfim… uma diversidade muito bonita de batatas-doce!"* (Jerá Guarani 2022:13).

Jerá Guarani (2022) relata que recebeu essa missão de Antônio, sogro de seu irmão por parte de pai, e que desde então tem passado suas mudas "*para muita gente*". Como enfatizado anteriormente, quem planta e cuida tem o que compartilhar, e isso é um presente.

Os exemplos apresentados sugerem como a diversidade manejada pode evocar em si uma beleza e como as matas e florestas podem ser fontes de encantamento e inspiração para espaços manejados. Um espaço biodiverso implica em movimentos na vida social com encontros e redes sendo tecidas o que excede, assim, os termos utilitários que a lógica capitalista associa à agricultura.

Sontag (2015) enfatiza que a arte em sentido amplo se manifesta como certa estética do fazer, criar, experimentar e assim se projetar para o futuro. Como Gell, se distancia da arte como "*um projeto espiritual do mundo ocidental*" que reverbera sua existência a partir de noções como "*ordem, harmonia, clareza, inteligibilidade e coerência"* (Sontag 2015:51). Em contraste, relata o que percebeu em visita realizada ao Vietnã no contexto da ocupação americana na década de 1960:

> "*eles [vietnamitas] possuem – mesmo no quadro da existência de austeridade terrível e materialmente privada em que são forçados a viver – um senso estético vívido e mesmo apaixonado. Inúmeras vezes, por exemplo, as pessoas expressaram bastante sinceramente sua indignação e tristeza pelo desfiguramento da beleza da área rural vietnamita pelos bombardeios norte-americanos*" (Sontag 2015:135).

Conservam no horizonte, mesmo em contexto de enorme adversidade, a perspectiva da melhoria, da reconstrução e da beleza. Ao aliar pensar e fazer, produzem uma estética aberta a novas invenções e a extrair o uso máximo de todas as coisas. Como relata:

> "*Observar, em alguns aspectos de seu funcionamento cotidiano, uma sociedade baseada no princípio do uso total é particularmente impressionante para uma pessoa proveniente de uma sociedade que se baseia no máximo desperdício. Uma dialética perversa entra em funcionamento, em que a grande sociedade do desperdício despeja seu lixo, seus recrutas proletários praticamente não empregáveis, seus venenos e suas bombas sobre uma sociedade diminuta, virtualmente indefesa e frugal, cujos cidadãos, os bastante afortunados para sobreviver, saem então à busca dos escombros, a partir dos quais moldam materiais para o uso diário e a autodefesa*" (Sontag 2015:158).

Ao pensar o que é ou não arte, Ronaldo de Noronha[141] (2011) recupera a questão colocada por Nelson Goodman (1984): interessa mais saber “quando é arte”. No caso da agricultura, talvez seja o caso de pensar quando não são arte. E não são quando perpetuam a violência das *plantation*, promovem monoculturas padronizadas e exploram de forma predatória o trabalho e a terra. Espaços cuidados com atenção apaixonada, no entanto, podem alimentar outras dimensões. O esforço e presença cotidiana não têm apenas a intenção de satisfazer necessidades: seguem um desejo de conhecer e se vinculam a um modo de existir atento à vida em sua diversidade. Envolvem práticas e saberes marcados pelo cuidado, beleza, engenhosidade e atenção ao detalhe.

Por último destaco aqui a dimensão científica mobilizada nesses espaços. Para Lévi-Strauss (1989), a figura do cientista é próxima a do engenheiro, alguém que opera na lógica do projeto, enquanto o *bricoleur,* em sua ciência do concreto, opera na lógica da improvisação. O planejamento é uma dimensão que em algum grau os pequenos espaços aqui em destaque também podem apresentar, em especial os mais próximos à agroecologia em sua dimensão técnica. Cada pequeno pedaço manejado em contexto urbano e periurbano pode ser pensado como um local de convivência e aprendizado sobre as plantas, solos e nutrientes, umidade, luminosidade, estratos e coberturas. Seu manejo, como destacado anteriormente, pode combinar locais mais ativamente cultivados com espaços em pousio, pode trazer cultivos adaptados às inclinações do terreno e outras práticas que buscam com cuidado fazer da vida abundância.

A agricultura é uma apropriação da natureza que envolve criar, observar e cuidar. Nesse processo cada cuidador e cuidadora é um pouco *bricoleur,* artista e cientista. Em cada espaço tais dimensões se combinam com variações, o que guarda relação com o que se planta e quem cultiva, se mais pragmáticas, mais artísticas, mais espiritualizadas. Como os ventos, as águas, os insetos e os animais, cuidadoras e cuidadores dedicados participam ativamente dos processos reprodutivos das plantas com a dispersão de mudas e sementes, o que potencializa a conservação *on farm* da agrobiodiversidade, ainda que em pequenos espaços.

A agricultora e agrônoma Maria Rodrigues dos Santos (2020:97), moradora de um assentamento rural do Movimento Sem Terra (MST) situado perto de Sorocaba (SP), enfatiza que uma boa agricultora deve ser uma “*colaboradora da natureza*”, alguém que deve aprender as ”*regras da natureza*” e segui-las. Para tanto, combina o cuidado com a

[141] Ronaldo de Noronha contesta autoritarismo de quem determina o que é (ou não) arte. Disponível em: https://www.ufmg.br/online/arquivos/020674.shtml. Acesso em: 15/10/2021.

terra herdado de seus pais à agroecologia. Além da atenção ao contexto imediato, está sempre aberta para aprender com outras experiências de cuidado. Tal sensibilidade permite perceber "*que têm várias plantas que gostam de outras plantas para crescer bem, mesmo sendo espécies diferentes*" e como uma planta pode ajudar a outra: isso é trabalhar com a *"natureza em favor da gente, do ser humano*" (Rodrigues dos Santos 2020:101). Sua lógica não se pauta pelo extermínio, mas em produzir combinações que façam todos viver da melhor maneira possível, uma atenção que "*ensina a gente a voltar a entender que os seres vegetais formam a gente*" (Rodrigues dos Santos 2020:104).

Na apresentação da *Suma Etnológica Brasileira (Vol. 1 – Etnobiologia),* o antropólogo Darcy Ribeiro (1986:10) ressalta a urgência em registrar conhecimentos milenares dos povos indígenas que alteraram seus ambientes a partir de métodos racionais que contrastam com a lógica destrutiva que se observa "*no manejo da floresta, por parte dos civilizados*" no Brasil. A antropóloga Berta Ribeiro (1986:12), coordenadora do tomo, enfatiza como os povos indígenas apresentam um saber acumulado "*sobre a sobrevivência humana na floresta tropical úmida, nos campos e nos cerrados*" e como esse conhecimento foi herdado, em diferentes graus, pelas populações rurais. Talvez seja possível estender esses conhecimentos em algum grau também às cidades, em especial em suas zonas periféricas menos urbanizadas que seguem atenção apaixonada em relação às plantas e outros seres com os quais convivem.

A natureza e sua inteligência é um modelo que pode ser adotado em maior escala para a consolidação de sistemas agrícolas que garantam fartura em curto e longo prazo, o que requer: "*intensificação ecológica da paisagem agrícola, formas alternativas de controle e manejo integrado de pragas e doenças, redução do uso de agrotóxicos, produção orgânica e certificação ambiental*" (Montenegro, Simoni 2021:23). Requer, ainda, atenção ao solo, um fator crítico para a garantia da soberania alimentar já que sua recuperação é muito mais lenta do que o tempo produtivista do mercado.

Em acordo ao que enfatiza Bellacasa (2017), a intensificação agrícola que supre o solo com fertilizantes químicos não leva em consideração o ritmo lento que o ambiente ecológico precisa para aprender e se adaptar à prática humana. O tempo do progresso considera que o cuidado com a reprodução, manutenção e reparo do solo é uma perda de tempo. O tempo do cuidado, no entanto, é diferente pois demanda atenção, uma observação de como responder melhor. A agroecologia, nesse contexto, é uma tecnologia a ser promovida pois combina cuidado e produção. Envolve, como destaca Bellacasa (2017:213), bricolagens de "novas" práticas com práticas tradicionais reconstituídas. Assim, ao mesmo tempo em que

remete ao que as pessoas já faziam, é também uma novidade em contraste às práticas produtivistas da agricultura industrial. E é algo que envolve o fascínio de ver a vida e de fazer a vida florescer (Bellacasa 2017:198).

A agroecologia é uma aliada para a organização da fartura ao combinar diferentes conhecimentos, artes e formas de cuidar. Leva em consideração *"tanto uma abordagem científica como práticas e saberes da agricultura de base familiar e de povos e comunidades tradicionais*" (Montenegro, Simoni 2021:30). Os saberes locais são fundamentais aos sistemas diversificados, pois seus praticantes "*detêm um enorme conhecimento sobre os consórcios de plantas que ocorrem na região, sobre a adaptação de cada espécie cultivada a cada tipo de solo ou de relevo e sobre suas relações ecológicas, entre tantos outros saberes"* (Streenbock, Vezzani 2013:96). Além disso, estão atentos e experimentam na intenção de melhorar a composição e o manejo; ao usarem muitas sementes, podem "*forçar o aparecimento de espécies mais adaptadas"* (Streenbock, Vezzani 2013:99).

Ao prezar pela vida em sua diversidade, cuidadores e cuidadoras que partem do sentir as plantas e da atenção apaixonada se afastam da simplificação e da padronização que marca a agricultura industrial. Com trabalho cotidiano recuperam a terra e promovem fartura, beleza, doação e celebração, boas fortunas a serem encorajadas em todos os espaços possíveis.

3.5. *"O princípio é a terra"*

O incremento populacional das cidades de hoje e do passado com os despossuídos da terra revelam mais uma falta de escolha do que uma adesão livre à vida urbana. O Censo Agro de 2017 mensura a presença de 77.027 produtores sem área de lavoura no Brasil e que persistem na atividade agropecuária mesmo sem a terra, seu elemento fundamental. Esse número é apenas parte de um contingente muito maior que almeja terra para fazer território, para viver com dignidade, para cuidar, recuperar e produzir alimentos (*cf.* Sampaio, Girardi, Rossini 2020:18; Oliveira, Felicio 2021; Oliveira 2021).

A negação histórica do acesso à terra a populações marginalizadas precisa ser resolvida, o que requer enfrentamento ao latifúndio e à especulação imobiliária para que a terra nas zonas rurais, periurbanas e urbanas seja recuperada. Com tais questões no horizonte, interessa neste item apresentar um conjunto heterogêneo de experiências políticas e

sociais, incluindo experiências em outros países além do Brasil, que têm capturado o desejo de plantar que ainda persiste e pode transformar vidas e paisagens nas cidades e suas periferias.

As agriculturas urbanas e periurbanas em Cuba são apontadas por Joelson (2023) como inspiração à transformação. Em contexto de grave crise econômica e de abastecimento decorrente da dissolução da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), o país buscou na terra, nas sementes e nos camponeses a possibilidade de continuar existindo. A crise levou cidadãos de Havana a plantar feijões, tomates, bananas e outros alimentos onde fosse possível: "*Em um espaço de dois anos, levantaram-se jardins e granjas em todos os bairros de Havana*" (Marquez 2012).

O apoio estatal às iniciativas agrícolas que brotavam em diferentes partes teve início na década de 1990. Para tanto, em 1992 foi realizado o parcelamento dos solos; em 1994 a agricultura urbana e periurbana passou a ser adotada em maior escala; e em 1997 foi consolidada como política pública. O estado oferecia a terra,

> "*mediante um valor anual fixado por m^2, e a assistência técnica, por meio do recurso pago pelo próprio agricultor à empresa agropecuária do seu município. No sistema do imposto existente na agricultura urbana, periurbana ou rural, o agricultor é o principal produtor e emissor de recursos, pois a anuidade paga pelo uso da terra, calculada em m^2, é revertida para as empresas estatais agropecuárias*" (Santos *et. al.* 2020:6).

Em 2008 o Decreto Lei 259 permitiu "*o acesso de trabalhadores (aposentados, jovens e mulheres, em sua maioria) à agricultura, mediante o direito de usufruto da terra, seja na cidade ou no campo*" (Santos *et. al.* 2020:12).

Ainda hoje o Estado cubano atua diretamente no planejamento da agricultura urbana e periurbana. É o principal comprador da produção via atuação das cooperativas, embora também sejam realizadas vendas diretas pelos produtores em pontos permanentes dispersos pelo território. As práticas agrícolas são incentivadas tanto em cidades maiores, como Havana, como em cidades médias (de 100 a 499.999 habitantes), como Cienfuegos e Camaguey (Marquez 2012; Santos *et. al.* 2020). Em Camaguey, por exemplo, nos *repartos* (conjuntos habitacionais verticais), "*há um maior número de organopônicos e pontos de venda vinculados à agricultura urbana*" (Santos *et. al.* 2020:10), o que deveria ser inspiração para qualquer programa de habitação popular.

Os espaços de produção, de modo geral, se dividem em: cultivo, pecuária e apoio; e mais 30 subprogramas procuram atender demandas específicas. Envolvem práticas realizadas em diferentes espaços, como organopônicos não protegidos, organopônicos semiprotegidos, hortas intensivas, pátios, parcelas, agriculturas de lugar, parcelas de autoconsumo de fábricas ou empresas, *fincas* suburbanas ou periurbanas (ver Santos *et. al.* 2020:7-8). A agricultura periurbana, realizada ao redor das cidades, apresenta maior escala e é marcada pelo: "*a) uso intensivo das terras e uso da tração animal; b) adoção da finca (propriedade) como unidade organizativa; c) adoção de práticas agroecológicas; d) diversificação produtiva e de subprogramas*" (Santos *et. al.* 2020:8). Em contexto periurbano não há restrições para a criação de animais de grande porte, o que não é incentivado na agricultura urbana, o que mais uma vez reitera como é necessário pensar nas diferenças e complementaridades entre as áreas urbanas e periurbanas, e rurais. Em termos de área total ocupada, a maioria é voltada à "*produção de hortaliças e condimentos frescos, raízes e tubérculos tropicais, criação de gado e caprinos*" (Santos *et. al.* 2020:13), o que guarda relação com as preferências alimentares da população.

A produção, de modo geral, é orientada pela agroecologia, entendida como um "*paradigma que valoriza o conhecimento local, as sementes, a terra, a água e todo o ecossistema*" (Santos *et. al.* 2020:4). Dessa forma, além da atenção às estruturas fundiárias urbana e rural, a agricultura urbana e periurbana precisa ser acompanhada por outras políticas públicas, como às voltadas ao ambiente e à saúde pública. Para dimensionar como a prática alcança dimensões expressivas, Cuba é um país com 1,26 milhões de habitantes (2021) e dados oficiais de 2020 (Granma, imprensa oficial cubana) indicam que há cerca de 800.000 pessoas diretamente envolvidas com a agricultura urbana e periurbana, com uma produção de 1.277.517 toneladas de alimentos por ano (Santos *et. al.* 2020:8). Por envolver transformações concretas em larga escala em contexto de escassez, é uma experiência que deve estar no horizonte como possibilidade de organizar a fartura.

Em Rosário (Argentina), a crise econômica de 2001 foi um fator que impulsionou a agricultura urbana. Com apoio do poder público e articulação entre agricultores, grupos de consumidores, instituições educacionais e mesmo restaurantes, "*a cidade converteu lotes vazios em hortas e desempregados, em agricultores*" (Lattuca 2018:41). As famílias interessadas puderam usar parcelas de 600 a 2000 m^2 para produzir, o que foi fundamental para sua segurança alimentar e do próprio município, e para "*melhorar as paisagens dos bairros*" (Lattuca 2018:41)

A produção tem enfoque agroecológico, o que reduz a dependência por insumos externos e leva em consideração questões como trabalho e justiça. Além da oferta de frutas, legumes e verduras, parte da produção é beneficiada na agroindústria, sendo as mulheres cerca de 65% das produtoras (Lattuca 2018). A ampliação da produção e as alianças estabelecidas têm permitido sair de um "*nicho para um mercado de massa*" que escoa a produção com a venda direta na unidade produtiva, em restaurantes, em mercados e realiza a entrega periódica de cestas. Em 2018, eram 600 grupos de em média 10 pessoas envolvidas com a agricultura urbana, além de outros praticantes para a subsistência. O reconhecimento institucional, que vincula a agricultura urbana ao plano estratégico de desenvolvimento da cidade, aliada ainda a outros serviços e equipamentos públicos, tem permitido que agricultores e agricultoras gerem renda, contribuam com o desenvolvimento urbano como "*produtores de alimentos saudáveis e como guardiões do meio ambiente*" (Lattuca 2018:42).

Como as duas experiências indicam, diferentes espaços em contexto urbano e periurbano podem ser ocupados com apoio institucional e criatividade:

> "*As iniciativas de agricultura na cidade ampliam o acesso a alimentos frescos e saudáveis e geram oportunidade de trabalho e renda. Os quintais e hortas comunitárias ajudam a manter um espaço de convivência social e o contato com a natureza, contribui para a saúde das pessoas. O uso agrícola de espaços urbanos proporciona uma melhoria considerável ao ambiente local, seja pela diminuição da quantidade de lixo produzido, manutenção das áreas verdes, aumento da biodiversidade urbana, recuperação de áreas de risco ou embelezamento da cidade*" (Moura, Ferreira, Silveira Lara 2013:8).

Em contexto periurbano, onde maiores extensões territoriais estão disponíveis, o modelo dos *Parques Naturales Agrarios*, espaços criados na Espanha e outras porções da Europa [142] para desenvolver o potencial agropecuário, econômico, ambiental, social e cultural podem ser interessantes para a RMBH, outras regiões metropolitanas e centralidades regionais. Como explica José Serrano (2015:17), trata-se de um modelo que surge a partir da década de 1990 para, a partir de suas particularidades, diversificar a renda e remunerar agricultores e agricultoras pelos serviços prestados à comunidade e à paisagem. Para tanto, são priorizados alimentos locais e de temporada produzidos com atenção aos seus ciclos que, assim, remuneram de forma digna os participantes da cadeia de comercialização.

[142] Locais com destaque: Parque Natural Agrario "Los Carrizales" (Alicante), Parc Agrari del Baix Llobregat (Barcelona), Parc Agrari de Sabadell (Barcelona), Parque Agrícola del Valle del Guadalhorce (Málaga), Parque Agrario de Fuenlabrada (Madrid), Parco di Portofino, perto de Génova, Parco Agrícolo Sud Milano, em Milão, ou Groupe d'Action Locale (GAL) Leader Seine Aval, na área metropolitana de Paris (Serrano 2015:13).

Como em outros exemplos aqui indicados, a agroecologia é mobilizada para garantir soberania alimentar e manejo dos recursos naturais, o que permite que os espaços sejam produtivos e ao mesmo tempo sustentáveis, com atenção ao acesso justo e equitativo da terra.

Enquanto constroem a soberania alimentar, ocupam e cuidam do território com atenção à biodiversidade, mantêm o emprego local, perpetuam um patrimônio cultural valioso e produzem marcas na paisagem que são um ganho ao território e devem ser reconhecidas pela sociedade. Os *Parques Naturales Agrarios* podem ser ainda espaços de turismo, lazer, educação ambiental, gastronomia e pontos de apoio para que a indústria alimentar de base comunitária acesse mercados regionais, nacionais e até mesmo internacionais. Tal inserção ao mercado pode ser realizada em formato de cooperativa agrícola, empresas de economia mista ou mesmo uma combinação entre cooperativas, capital privado e capital público com o intuito de revalorizar os espaços periurbanos (Serrano 2015:27). Carolina Ochoa (2017:12), reitera que a definição dos espaços agrários periurbanos a serem protegidos deve ser papel do município. Ao direcionarem o ordenamento do território de forma democrática, podem recuperar a funcionalidade dos espaços agrários periurbanos e reconhecer o valor do trabalho dos agricultores e agricultoras para abastecer a cidade com alimentos frescos e locais ao mesmo tempo em que cuidam do ambiente e das paisagens.

As práticas rurais e camponesas que se reinventam nas cidades e periferias urbanas podem construir paisagens biodiversas:

> "*A existência da agricultura urbana é um exemplo de como é possível que sujeitos que vivem numa realidade de caráter urbano e industrial possam manter práticas rurais. Quando nos afastamos alguns quilômetros das zonas centrais de São Paulo, não é raro vermos cavalos, hortas, lojas de ração de animais de criação, galinhas etc. Mais comum ainda é ver isso na periferia de cidades como Campinas, Sorocaba ou Ribeirão Preto. Daí a imensa dificuldade nas tentativas de definir os limites do que seja urbano e do que seja rural num município*" (Goldfarb 2007:91-92).

Mesmo na cidade, procuram estabelecer "*redes de solidariedade na vizinhança, tentaram reproduzir a família unida, trazendo, quando se dava a oportunidade, membros de longe para viverem juntos. Isso indica que práticas ou valores da vida camponesa são recriados nas periferias dos grandes centros urbanos*" (Goldfarb 2007:89). Tais modos de existir que marcam a terra, como indicamos ao longo da tese, também estão presentes na RMBH e poderiam ser potencializados com apoio institucional. Para tanto, a agricultura urbana e

periurbana poderia ser formalizada pela Política Nacional de Reforma Agrária e contemplada com programas da agricultura familiar e mercados institucionais (Moura, Ferreira, Silveira Lara 2013).

Movimento Sem Terra (MST)

Yan Silva e Ana Thé (2022:192) destacam como o MST, um movimento de quase 40 anos, apresentou diferentes orientações ao longo da história. Seu primeiro congresso nacional, realizado em 1985, tinha como *Insígnia: terra para quem nela trabalha*. De 1986-1995, se articula em torno das cooperativas coletivistas, do trabalho coletivo e das agroindústrias. Em seu terceiro congresso nacional, realizado em 1995, o tema central foi: *Reforma Agrária: uma luta de tod*os, um momento fundamental para a inclusão da agroecologia como possibilidade de produção de alimentos saudáveis, com cuidado com o ambiente e comercialização em circuitos curtos nas grandes cidades. De 1996-2005, há destaque às cooperativas para alcançar tal objetivo. No quinto congresso nacional realizado em 2014, o lema em destaque era: *Lutar, Construir Reforma Agrária Popular*, e "*indica como um de seus princípios organizativos a produção de alimentos sadios, sem perder a crítica ao latifúndio e a suas contradições*" (Silva, Thé 2022:196).

A retomada da terra é elemento fundamental para superar a injustiça fundiária. A reforma agrária popular defendida pelo MST, de modo geral, tem se pautado pela ampliação da oferta de alimentos de qualidade e em quantidade adequada, e pela produção agrícola aliada à recuperação de áreas degradadas com plantio sistemático de árvores. Como enfatiza Stédile (2023), o objetivo de qualquer distribuição de terra precisa ser a ampliação da oferta de alimentos para o povo. Para tanto, é preciso cuidar do ambiente, seguir os princípios da agroecologia e investir em agroindústria para beneficiamento da produção, o que deve priorizar mulheres e jovens. Os investimentos em educação e em tecnologias, por sua vez, podem melhorar as condições de vida e trabalho para as famílias e comunidades. Como destacam Bárbara Loureiro e Luiz Zarref (2020[143]):

> "*Seja em nossos acampamentos, sejam nos assentamentos populares, nas comunidades de resistência ou nos assentamentos consolidados. Devemos intensificar a produção de alimentos saudáveis, experimentar novos manejos agroecológicos, colher sementes e produzir mudas".*

O *Plano Nacional Plantar Árvores, Produzir Alimentos Saudáveis*, contempla três esforços:

> *"1) com a produção de mudas, coleta de sementes, organização de viveiros artesanais; 2) associado com o embelezamento das nossas áreas, plantar árvores, jardins, trocar bandeiras, pintar murais; 3) intensificar o plantio de*

[143] MST. Produzir alimentos saudáveis e plantar árvores: a Reforma Agrária Popular no combate ao coronavírus. Disponível em: https://mst.org.br/2020/03/29/produzir-alimentos-saudaveis-e-plantar-arvores-a-reforma-agraria-popular-no-combate-ao-coronavirus/. Acesso em: 20/08/2023.

> *árvores em nossos territórios (nas parcelas individuais e nas áreas coletivas), para depois organizar plantios nas cidades, nas praças, canteiros de avenidas, parques. As árvores trazem consigo a simbologia da resistência e da esperança e essa deve ser nossa mensagem para a sociedade. Plantar árvores é recriar ambientes da relação ser humano – natureza, aumentando a resiliência frente a novas pandemias*".

Yan Silva, neto de assentada e membro do Kaipora, enfatiza como a

> "*incorporação da agroecologia como horizonte para os acampamentos e assentamentos da reforma agrária dialoga com a lógica simbólica do trabalho da terra de alguns grupos camponeses no MST, e constituiu um avanço alternativo em relação à concepção modernizante do período anterior*" (Silva, Thé 2022:194).

Nesses termos, a agroecologia é a "*matriz produtiva que estabelece o elo entre o campo da agricultura tradicional, de base camponesa, com a incorporação de tecnologias apropriadas a produção diversificada de alimentos. A ela (agroecologia), implica-se também a necessidade da disputa política, ou seja, pensar outro modelo de produção*" (Silva 2017:21). Sua incorporação, vale reiterar, "*está diretamente relacionada com a atualidade da questão camponesa no século XXI*" (Silva, Thé 2022:186), um grupo que não está em vias de extinção, e sim é diverso, persiste e se projeta para o futuro.

Em 2020, a Articulação Embaúba organizou uma roda de conversa com mulheres do MST/MG intitulada *Terra que cura* [144]. Mediada por Maysa Martins, contou com a participação de Marlene, Terezinha e Débora Borges. Por diferentes caminhos, seus depoimentos apontam à urgência da reforma agrária e da agroecologia. Débora Borges, do Quilombo Campo Grande, destaca como:

> "*Há somente duas alternativas: ou tratamos nossos solos com amor e carinho recuperando-os e produzindo alimentos sadios ou tentamos explorá-los ainda mais e pereceremos por causa da desertificação, da falta de água e dos agrotóxicos em alimentos, ar e água. Anna Primavesi, nossa guerreira, deixou um legado muito especial para nós seres humanos, que é tratar a natureza e aproveitar o que ela tem para nos dar e nos ensinar*. *(...)*

[144] Terra que cura. Articulação Embaúba. Participantes: Maysa Mathias (mediadora), Marlene, Terezinha e Débora Borges. Data da atividade: 29/10/2020. https://www.youtube.com/watch?v=hW-ayKHEoTQ&ab_channel=EmbaubaRMBH. Acesso em: 25/08/2023.

> [O MST] *luta por direito e igualdade, não só o direito das mulheres, mas o direito do ser humano ter um alimento saudável na mesa, de ter o direito de ter uma terra para plantar o seu próprio alimento, comer a sua própria verdura, se cuidar com as suas próprias ervas medicinais que você planta. Por isso que o MST luta também pela não privatização da água, pela não produção transgênica de comida: comida tem que ser comida legítima, não comida de mentirinha*".

Embora estejam na região desde 1998, ainda não foram assentados. No entanto, ressalta como o município passou a apoiar a reforma agrária, bem como a população e os comerciantes, porque

> "*eles entenderam que vale a pena, porque nós estamos aqui é para compartilhar: enquanto um fazendeiro ou meia dúzia de fazendeiro quer usufruir de uma terra que eles não pagaram impostos, nós queremos dividir. Além de cuidar desse solo, queremos produzir e dividir com a nossa população através de feiras, através de festival, através de cultura: nós queremos dividir, nós não queremos nada para nós sozinho*.
> *(...) causa uma indignação na gente um país tão bonito, com tanta qualidade, com um povo tão bonito, com tanta vontade de vencer, ter que outros países olhar pra nós e dizer que a gente é um país de terceiro mundo por conta de gananciosos que estão lá no poder, tirando o pão da boca das crianças... mas a gente tem muita fé, nós enquanto mulheres, nós enquanto família, agricultura familiar, povos tradicionais, nós temos muita fé. Fé na nossa luta, fé nas nossas crenças que nós vamos vencer e nós vamos mudar esse ritmo capitalista. (...)*
> *Nós vamos lutar pela vida, através de tudo que nós construímos que é de bonito e que vai trazer muita fartura, soberania alimentar pra todos nós*".

Terezinha, por sua vez, enfatiza:

> "*Com as mãos de plantar e colher, com as mesmas mãos que arranca as cercas dos latifúndios, te levantamos bandeira da terra, bandeira da vida, bandeira da liberdade, sinal de liberdade. (...) Então com essas palavras eu quero pedir a mãe Terra que manda as energias, as energias cósmicas, as energias do comando maior e que nós possamos ser energizadas pela nossa luta para que a gente dê conta de tocar para a frente e criar, construir um projeto popular, um projeto de reforma agrária, um projeto de classe trabalhadora pra gente amar, viver e ser feliz eternamente"*.

Atenta às especificidades que marcam as relações entre campo-cidade, uma experiência da reforma agrária popular que poderia caminhar para a defesa da terra e da comida é a *comuna da terra*, organizada pelo MST nos últimos anos. Tais espaços são menores que os assentamentos rurais e podem ser implantados em áreas próximas às cidades, com lotes reduzidos.

Comunas da terra

Para que alcancem os objetivos propostos, as comunas da terra devem:
"*• Priorizar para a reforma agrária a desapropriação de terras agricultáveis, de boa fertilidade e próximas às cidades, viabilizando de forma mais fácil e barata o abastecimento e a infraestrutura econômica e social do assentamento.*
• Garantir acesso à terra a todas as famílias que quiserem nela morar e trabalhar.
• Assegurar que nenhum beneficiário da reforma agrária, da colonização ou da regularização de posse poderá vender a terra. A forma de acesso à terra deverá ser a de Concessão Real de Uso, com direito à herança, desde que os herdeiros morem no lote.
• Organizar a produção com base em todas as formas de cooperação agrícola, como mutirões, formas tradicionais de organização comunitária, associações, cooperativas, empresas públicas e cooperativas de prestação de serviços.
• Organizar agroindústrias próximas aos locais de produção agrícola.
• Desenvolver um programa de fomento, disseminação, multiplicação e massificação da agroecologia.
• Cobrar do Estado, medidas que garantam o financiamento para que as comunidades do meio rural desenvolvam programas coletivos de autonomia energética, através de usinas de biodiesel, de óleo vegetal combustível e outras fontes alternativas como a energia solar e eólica.
• Construção e melhoria das moradias no meio rural, conjugando com o acesso à energia elétrica de fontes renováveis e alternativas; à água potável; ao transporte público; à informática em todas as comunidades rurais.
• Orientar para que todas as moradias sejam aglutinadas em povoados, comunidades, núcleos de moradias ou agrovilas, de acordo com sua cultura, de modo a facilitar a implantação desses serviços" (MST, 2006 *apud* Goldfarb 2007:35-36).

Idealizada por Delwek Matheus (2003:3), trata-se de um modelo que, próximo ao mercado consumidor e da infraestrutura urbana, pode "*garantir trabalho e renda aos trabalhadores rurais ou àqueles que desejam voltar ao campo, devendo ao mesmo tempo suprir a população urbana de alimentos saudáveis e baratos*". Como destaca Yamila Goldfarb (2007:21) a partir de entrevista com Matheus (2002), as comunas da terra voltam

> "*sua produção para a segurança alimentar das famílias e para o abastecimento das cidades vizinhas (sobretudo com produtos hortifrutigranjeiros), mas também visa o oferecimento de serviços como lazer, através do turismo rural, ou ensino, através da sua constituição enquanto espaços de formação*".

Seu principal objetivo, como destaca Matheus (2003), "*é a volta de boa parte da população urbana para o campo*" (*apud* Goldfarb 2007:63), o que vai ao encontro do que tem sido defendido por Joelson Ferreira (2022, 2023) e por Lanaspère (2023), a partir da perspectiva da "recamponesificação". Como destaca Matheus (2003:30 *apud* Goldfarb 2007:56): "*A Reforma Agrária é uma solução não apenas para os problemas do meio rural, mas de toda sociedade brasileira e também do meio urbano*". Como os problemas urbanos e rurais estão implicados, é preciso construir alternativas que os contemplem de forma integrada.

A proximidade com os centros consumidores favorece a diversificação da renda ao combinar atividades agrícolas de produção e beneficiamento à realização de atividades não-agrícolas voltadas ao lazer, turismo, pesquisa, sustentabilidade, entre outras (cf. Silva 2002[145]; Gaspari, Khatounian, Marques 2018:87). Trata-se, assim, de uma proposta que amplia o público-alvo da reforma agrária para sua massificação, "*incentivando a participação dos trabalhadores urbanos, principalmente os desempregados*" (Matheus 2003:40 *apud* Goldfarb 2007:37).

A comuna da terra é um "*meio para mobilizar trabalhadores das periferias urbanas de regiões metropolitanas para a causa da reforma agrária*" (Gaspari, Khatounian, Marques 2018:3). É um modelo, nesse sentido, que atende quem já mantém vínculos estreitos e consolidados com a cidade e que anseia por terra e trabalho, e também por escola, saúde, transporte, saneamento, lazer, luz e cultura. Como destaca Goldfarb (2007:82):

> "*Existe, portanto, nos grandes centros urbanos, uma imensa população, com ou sem vivência na agricultura, que é potencial público da reforma agrária, uma vez que não lhes seja ofertada outra alternativa. Nas Comunas da Terra, essa população sem experiência prévia com o trabalho agrícola é bastante expressiva e, no entanto, não significa a não existência de um vínculo com o campo, já que a maioria dos que compõem as Comunas é composta por filhos de migrantes que vieram ainda crianças dos mais diversos estados*".

[145] Em alguma medida tal modelo vai ao encontro da estratégia pluriativa referida por José Graziano da Silva (2002:106), em "O novo rural brasileiro". Como nos países desenvolvidos, os povoados rurais no Brasil precisam ser capazes de gerar mercados de trabalho e produtos, novas áreas de moradia, zoneamento de áreas industriais, compensações aos guardiões ambientais, áreas de preservação ambiental, áreas de uso agrícola, áreas para pecuária. A residência rural, por sua vez, deve ter acesso adequado à infraestrutura, transporte, saneamento, luz, comunicação, educação e saúde, e permitir "*desenvolver atividades de subsistência e autoconstrução, gerando ocupação para os membros mais idosos (ou mais jovens) da família, que são os que geralmente têm maior dificuldade de conseguir trabalho*" (Silva 2002:108).

São espaços que guardam semelhança com as áreas rururbanas propostas pelo Movimento dos Moradores Sem Teto (MTST)[146], espaços destinados à ”*moradia e trabalho simultaneamente, só que de forma mais adensada que em assentamentos rurais e não se restringindo a atividades agrícolas*” (Goldfarb 2007:25). Assim, a comuna da terra é “*um espaço que se propõe a ser rural, posto que de reprodução do modo de vida camponês, e urbano, ou com elementos do urbano, posto que demanda os benefícios que a urbanidade criou ao longo dos séculos*” (Goldfarb 2007:8-9).

As comunas da terra podem barrar “*a expansão da cidade*” ao mesmo tempo em que permitem “*a reprodução e a criação do modo de vida camponês*” (Goldfarb 2007:65). O campesinato, por esse viés, não estaria rumando ao desaparecimento e nem seria um resíduo da agricultura familiar: pode ser uma recriação. Para o movimento,

> “*É a busca da possibilidade, tanto no campo como na cidade, de unir modernização à liberdade, e tentar quem sabe, escapar ao destino ilustrado em tantos filmes e livros de barbárie e tecnologia. É isso que esse aparente paradoxo de recampesinizar e ao mesmo tempo “urbanizar” as famílias assentadas parece nos dizer* (Goldfarb 2007:62).

As questões que impulsionam a recampesinação envolvem, em especial: “*a busca pela liberdade de poder controlar o próprio tempo e pela possibilidade de viver num local em que a família possa se realizar, em especial com relação ao futuro dos filhos*” (Goldfarb 2007:91). Goldfarb (2007:103) reproduz o depoimento de uma acampada, Rosângela (acampamento Irmã Alberta), sobre a sua relação com a terra:

> “*Descobrimos que a agricultura é muito mais que isso. Eu quero tempo pra terra. Eu quero esse contato. Aqui tirou todo meu problema de estresse. Chego lá na [horta] mandala e trabalho o dia inteiro e acabou. A Mandala é a minha cura*”.

Quando a terra é uma garantia, o trabalho é cansativo, mas também pode ser prazeroso, o que vai ao encontro ao relato de uma acampada entrevistada por Goldfarb (207:97), a Maria Alves:

> “*Era ligada à terra, porque já fui da terra. Colhi muito com meu pai. Depois de casada, eu sempre tinha uma horta. Assim, a terra, é uma coisa assim de liberdade, você vê o fruto, colhe o fruto da terra. Mexer na terra. Parece uma*

[146] O MTST é um movimento que surge no vinculado ao MST na preocupação de pensar as relações entre campo e cidade (Goldfarb 2007:17)

> *magia da terra que me faz bem. Tem uma coisa assim, Yamila, meus pais, meus avós, sofreram muito porque eles trabalharam muito na terra e morreram pobres. Eles não tinham, não conseguiram acumular nada trabalhando nas terras dos outros pra chegar na velhice e poder ficar em paz. Muito sofrimento nas terras dos outros. Então dá uma revolta muito grande porque, por que que é assim? Por que que quem trabalha na terra não tem direito à terra, à uma vida boa? Digna? Então a humilhação deles, de meus pais, meus avós, faz com que hoje eu faça a luta. Mas não só deles. Tem todo um povo brasileiro que ta aí pagando a conta desse país*".

Um programa regionalizado de reforma agrária continua necessário à prosperidade e futuro do país. No sul e sudeste, em especial, é preciso caminhar na construção de uma reforma agrária que combine atividades agrícolas e não agrícolas em contexto rural e periurbano, o que vai ao encontro às comunas da terra e às ocupações rururbanas referidas acima. Além disso, como destacado anteriormente, modalidades familiares e coletivas de agricultura têm sido implantadas em ocupações urbanas na RMBH[147].

Na Grande BH, os assentamentos do MST apresentam diferentes portes e vínculos com o urbano. Como em outros contextos, foram criados a partir da persistência das famílias em acampamentos precários e têm se consolidado a partir da estratégia pluriativa (Silva 2002), em especial quando próximos aos centros urbanos, e como alternativa à mineração[148]. De acordo com a Superintendência regional de Minas Gerais (Incra 03/08/2023)[149], os assentamentos[150] reconhecidos na RMBH são:

[147] Ver item 3.1.
[148] MST em Minas Gerais: um oásis de produção no território minerado. Disponível em: https://mst.org.br/2020/04/11/mst-em-minas-gerais-um-oasis-de-producao-no-territorio-minerado/. Acesso em: 20/10/2023.
[149] Reforma Agrária: Assentamentos. Disponível em: https://www.gov.br/incra/pt-br/assuntos/reforma-agraria/assentamentosgeral.pdf. Acesso em: Acesso em: 20/10/2023.
[150] De acordo com o Incra, o PA, Projeto de Assentamento Federal, é uma modalidade de reforma agrária que apresenta as seguintes regras: "1*) Obtenção da terra, criação do Projeto e seleção dos beneficiários é de responsabilidade da União através do Incra; 2) Aporte de recursos de crédito Apoio Instalação e de crédito de produção de responsabilidade da União; 3) Infraestrutura básica (estradas de acesso, água e energia elétrica) de responsabilidade da União; e 4) Titulação (Concessão de Uso/Título de Propriedade) de responsabilidade da União*".

Tabela 6: Assentamentos RMBH Incra, 2023				
Assentamento	**Município**	**Área (ha)**	**Famílias assentadas**	**Ato de criação**
PA Dom Orione	Betim	215,9468	39	28/11/1997
PA Serra Negra	Betim	246,5889	26	21/12/1999
PA Ho Chi Minh	Nova União	784,5824	37	26/10/2005
PA Pastorinhas	Brumadinho	156,4440	20	21/07/2006
PA Dois de Julho	Betim	715,7550	61	19/09/2009

(Elaborada a partir de informações do Incra 2023)

As famílias do assentamento Dom Orione, primeiro a ser criado na RMBH, em 2017 receberam o título de propriedade de seus lotes. Um dos moradores mais antigos, José Nicodemos, tira seu sustento com a produção de hortifrutigranjeiros comercializados em Betim e região, e destaca como "*Receber esse documento é muito importante. Ele nos dá segurança e garantia de um futuro melhor para os nossos filhos. Era o nosso sonho desde o início*" [151].

Também em Betim, o assentamento Serra Negra foi formado por dois grupos: um de origem rural e com experiência com a terra e outro composto por moradores de bairros pobres de Betim e RMBH (Bragança, Porcino 2004:14). O assentamento 2 de Julho foi criado em 2009 e é formado por 61 famílias; tem se destacado nas iniciativas agroflorestais para produção e recuperação da terra e da água.

O assentamento Ho Chi Minh, situado no município de Nova União, em 2020 completou 15 anos. Toninho, morador do assentamento, participou das atividades do Programa Encontro de Saberes da UEMG em 2022 como mestre, e destaca como "*na roça não é fácil não: a responsabilidade dorme com a gente, levanta com a gente, de janeiro a dezembro. (...) No campo você vive uma vida livre, mas que requer muita responsabilidade*"[152]. Durante o curto período em que o curso técnico em agroecologia[153] em regime de alternância funcionou na FHA em Ibirité (2018-2019), contamos com a participação de jovens estudantes assentados

[151] "*O título, garantido pela Lei 8.629, de 1993, transfere o imóvel rural ao beneficiário da reforma agrária em caráter definitivo. Ele é concedido após o cumprimento das cláusulas do "Contrato de Concessão de Uso" e de serem verificadas as condições do assentado cultivar a terra e de pagar o documento em 20 parcelas anuais*". Disponível em: https://www.otempo.com.br/o-tempo-betim/agricultores-familiares-recebem-titulo-de-propriedade-do-incra-1.1491283. Acesso em: 20/09/2023.

[152] Conheça o assentamento Ho Chi Minh. Disponível em: https://www.facebook.com/watch/?v=344681736812900. Acesso em: 20/09/2023.

[153] FHA MG. Plano de Curso Técnico em Agroecologia. Disponível em: http://www.fha.mg.gov.br/sites/default/files/documentos/geral/plano_curso_see_tec_agroecologia_13-11-18.pdf. Acesso em: 20/08/2023.

em Ho Chi Minh em atividades de extensão realizadas pelo Kaipora, principalmente no âmbito do projeto Saberes de Quintal. O assentamento é um dos principais fornecedores de banana caturra para a Ceasa BH. Na agroindústria a cana é beneficiada em rapadura, açúcar mascavo, melado e cachaça. Há ainda "*hortaliças agroecológicas, mel, própolis, farinhas de mandioca e banana, coloral, açafrão, artesanatos, argila, doces, caponata de umbigo de banana, dentre outros*". O viveiro florestal tem produzido "*mudas nativas para a recuperação de áreas degradadas nos acampamentos e assentamentos, aumentando a quantidade e qualidade das águas e demonstrando o compromisso com a Reforma Agrária Popular e com a preservação dos recursos naturais*" [154]. Cerca de 40% do seu território "*é destinada à preservação e recuperação dos recursos naturais, com grande diversidade de fauna e flora*" [155]. Com a presença de grande área verde e nascentes, tem sido um lugar de lazer e turismo aos moradores do município e RMBH[156].

Em Brumadinho, o acampamento erguido em 2001[157] deu origem, em 2006, ao assentamento Pastorinhas, formado por "*trabalhadores e trabalhadoras rurais que atuavam como diaristas ou meeiros nas propriedades próximas*" (MST 2010[158]). Como em destaque,

> *"O Assentamento Pastorinhas nos autoriza a responder "a todo pulmão" àqueles que ainda dizem que a Reforma Agrária não dá certo. Quem ainda duvida, basta olhar do alto do Assentamento Pastorinhas. De um lado, os empreendimentos capitalistas, que "prometem" gerar muitos empregos, mas deixa atrás de si uma enorme destruição e fecha as portas do futuro. Do outro, pessoas que criaram e estão tornando efetivas as oportunidades de trabalho e renda para vinte famílias, tornando-as cada vez mais comprometidas com a comunidade e com o futuro não apenas de seus filhos, mas os de todos – inclusive os filhos de pais de alto poder aquisitivo que agora estão comendo alimento saudável. Comprometidas também com a preservação dos bens naturais, especialmente solo e água, e apostando em atividades que não dão uma safra só"* (MST 2010[159]).

[154] MST. Conheça a história do assentamento mineiro que homenageia Ho Chi Minh. Disponível em: https://mst.org.br/2020/09/02/conheca-a-historia-do-assentamento-mineiro-que-homenageia-ho-chi-minh/#:~:text=O%20assentamento%20Ho%20Chi%20Minh%2C%20com%20grande%20%C3%A1rea%20verde%20e,metropolitana%20em%20per%C3%ADodos%20de%20calor. Acesso em: 20/08/2023.
[155] idem
[156] MST. Para maiores informações sobre o assentamento, ver: https://issuu.com/iarapezzuti/docs/livrotcc_vers_oonline_completo. Acesso em: 20/08/2023.
[157] CEDEFES. 20 anos do Assentamento Pastorinhas: Parabéns a quem coloca comida boa em nossa mesa. Disponível em: https://www.cedefes.org.br/20-anos-do-assentamento-pastorinhas-parabens-a-quem-coloca-comida-boa-em-nossa-mesa/ Acesso em: 20/08/2023.
[158] MST. Assentamento é exemplo de Reforma Agrária em Minas Gerais. Disponível em: https://mst.org.br/2010/01/06/assentamento-e-exemplo-de-reforma-agraria-em-minas-gerais/. Acesso em: 20/08/2023.
[159] Idem.

Além dos assentamentos destacados acima, estão localizadas na RMBH acampamentos do MST em São Joaquim de Bicas (Zequinha Nunes[160] e Pátria Livre) e Itatiaiuçu (Maria da Conceição). Como conta uma das acampadas do Zequinha Nunes, "*com a união, em poucos meses a terra se transformou em verde*"[161]. O acampamento Maria da Conceição foi erguido em 2017 e, desde então, "*as famílias recuperaram e protegeram nascentes, construíram uma escola popular, e seguem em busca da conquista da terra e das transformações sociais na resistência ativa diária, que é mais do que uma escolha política, mas uma necessidade de quem nasceu para lutar*"[162].

Como destaca o Coletivo Agroecologia Paraopeba, os três acampamentos têm sido cuidados como grandes agroflorestas:

> "*É fascinante a magnitude que a visão do agroecossistema na perspectiva agroecológica agroflorestal proporciona, desde a grande diversidade de espécies vegetais presentes, até as inúmeras alternativas de composição dos arranjos agroflorestais, integrando no sistema as espécies condimentares, medicinais, ornamentais e aromáticas com as espécies frutíferas, olerícolas e anuais*" [163].

Sueli, moradora de um dos acampamentos, destaca que se tornou "*uma nova mulher. Guerreira, livre para fazer o que eu quero. Lá fora é difícil a realidade. Hoje me encontrei, aprendi a amar, abraçar a causa. Acho que ganhei quando escolhi a bandeira*"[164].

A recuperação dos territórios tem sido realizada a partir do "*o plantio de árvores para reflorestamento próximo à nascentes, além de ter plantado hortaliças e frutíferas em todo o território do acampamento*" [165]. É fundamental ressaltar que os acampamentos localizados na bacia do rio Paraopeba foram atingidos pelo rompimento da barragem da Vale em Brumadinho em 2019 e tem recorrido aos sistemas agroflorestais e técnicas populares de plantio como alternativa à mineração. Além do rio Paraopeba, ações de reflorestamento com

---

[160] Movimento Sem Terra (MST). Para maiores informações, ver: https://www.youtube.com/watch?v=uJJBeJk1Kzc&ab_channel=MovimentoSemTerra. Acesso em: 20/08/2023.
[161] idem.
[162] MST. Reintegração de posse de acampamento em Itatiaiuçu/MG foi suspensa. Disponível em: https://mst.org.br/2019/08/27/reintegracao-de-posse-de-acampamento-em-itatiaiucu-mg-foi-suspensa/ .Acesso em: 20/08/2023.
[163] MST. Coletivo Agroecologia Paraopeba e o diálogo de saberes no Encontro de Culturas em MG. Disponível em: https://mst.org.br/2022/05/09/coletivo-agroecologia-paraopeba-e-o-dialogo-de-saberes-no-encontro-de-culturas-em-mg/. Acesso em: 20/08/2023.
[164] idem.
[165] MST. MST em MG realiza plantio solidário em enfrentamento à fome e à mineração. Disponível em: https://mst.org.br/2021/12/06/mst-em-mg-realiza-plantio-solidario-em-enfrentamento-a-fome-e-a-mineracao/. Acesso em: 20/08/2023.

agroflorestas e cuidados com as nascentes têm sido realizadas em assentamentos e acampamentos da bacia do rio Doce, região impactada pelo rompimento da barragem da Samarco em Mariana em 2015 (MST 2020[166]).

As ocupações de terras que se multiplicam em um cenário de concentração fundiária trazem em si o potencial de "*transformar latifúndios improdutivos em pequenos paraísos para gente pobre deste país*" (Ferreira 2021:99). Joelson Ferreira (2021:44) destaca como muitos desses locais estão devastados e requerem um "trabalho de cuidado" para torná-lo território: "*estamos falando de transformar pastos em florestas, fazer brotar água onde estava seco, fazer os rios correrem por onde as represas os proibiram de passar*", uma promessa concreta de outro presente e futuro ancorada no princípio da vida, a terra.

Em contextos mais urbanizados e periféricos, outra experiência com potencial a ser escalada são os CEVAEs, implementados em 1995 em Belo Horizonte a partir de parceria firmada entre a REDE e a PBH (Almeida 2018:33). Presente em cinco regionais, o CEVAE procura:

> "*promover o desenvolvimento das comunidades sob sua área de influência de modo sustentável, por meio de intervenções socioambientais participativas. Como política de meio ambiente, o CEVAE representa uma opção de ocupação sustentável e produtiva, aliada à geração alternativa de renda para áreas verdes e degradadas de Belo Horizonte. Como política de segurança alimentar, significa o fomento da agricultura urbana, baseada nos princípios da agroecologia, da economia solidária, da segurança alimentar e nutricional e da equidade de gênero*"[167].

Ampliar os plantios e os cuidados cotidianos demandam, por sua vez, atenção à questão da moradia adequada, um gargalo significativo de cidades que experimentaram um crescimento rápido e desigual. Segundo o Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas (MLB 2023), em Belo Horizonte e RMBH o déficit habitacional é de 107 mil famílias. Apenas em Belo Horizonte, a população em situação de rua é de cerca de nove mil pessoas. De forma imoral, existem 12 imóveis vazios em Belo Horizonte para cada pessoa que não tem onde morar.

---

[166] MST. MST em Minas Gerais: um oásis de produção no território minerado. Disponível em: https://mst.org.br/2020/04/11/mst-em-minas-gerais-um-oasis-de-producao-no-territorio-minerado/. Acesso em: 20/08/2023.

[167] Centro de Vivência Agroecológica (CEVAE). Disponível em: https://prefeitura.pbh.gov.br/fundacao-de-parques-e-zoobotanica/informacoes/cevaes. Acesso em: 20/09/2023.

Apesar de esforços empreendidos na década de 1990 para suprir a demanda por habitação em Belo Horizonte, Marcela Lopes e colaboradores (2023:41) destacam como em 1996 houve a primeira ocupação urbana, movimento voltado à moradia digna, luta que se intensificou a partir de 2010 em Belo Horizonte e em outras cidades do país com "*as ocupações de terrenos ou prédios ociosos*". Na região do Barreiro estão localizadas seis ocupações urbanas, sendo elas: Paulo Freire (em destaque nesta tese), Eliana Silva, Camilo Torres, Irmã Dorothy, Portelinha e Nelson Mandela. Ainda que a instalação das ocupações tenha levado à subtração de parte da vegetação local, "*o verde retornava às ocupações sob a forma de jardins, hortas e pomares, em vários quintais e frentes das casas, por motivos diversos, desde a necessidade alimentar, passando pela composição da renda familiar, até alcançar a memória afetiva associada aos sabores e aos cheiros das plantas*" (Lopes *et. al.* 2023:43). Além disso, com o intuito de cuidar das áreas remanescentes e das nascentes, em 2015 as ocupações e parceiros iniciaram a construção do "Parque das Ocupações do Barreiro"[168] (Lopes *et. al.* 2023:41). Após debates sobre a proposta de arborização, foram definidos critérios que excediam a dimensão meramente técnica, sendo eles:

> "*O primeiro se refere às árvores nativas para as áreas de fronteira com a Área de Preservação Permanente, com o objetivo de recompor a vegetação suprimida, não só pelas ocupações, mas principalmente, pelas indústrias que se instalaram na região. Como segundo critério, foram inseridas também as chamadas "árvores de lei", tendo em vista espécies das quais o corte é regulado por legislações ambientais que dificultam sua supressão. Essas foram implantadas nas vias principais das ocupações devido a seu porte. Por último, foram propostas as "árvores dos afetos", que são frutíferas empregadas em vias menores e que buscam estabelecer uma relação afetiva com os moradores, a partir dos cheiros e sabores que já estão presentes em seus respectivos cotidianos ou em histórias previamente mapeadas* (Lopes *et. al.* 2023:47-48)".

O direito à habitação é fundamental não apenas para que as famílias despossuídas tenham um lugar para se abrigar, mas também que tenham condições de existir, experimentar e transformar o espaço. Assim, além de favorecer espaços comuns para cuidados e plantios, é fundamental ter em mente como a moradia digna e acesso à terra são condições básicas para a multiplicação de histórias de pessoas e plantas e para potencializar formas alternativas ao capital e suas maneiras de desfazer mundos. O acesso à terra é base fundamental para "obrar" o espaço, ou seja, "*ser coprodutor da espacialidade,*

[168] Para maiores informações: http://naturezaurbana.indisciplinar.com/parque-das-ocupacoes/. Acesso em: 04/10/2023.

promovendo espaços inclusivos e de pertencimento social" (Oliveira, Alves, Dala Paula 2018:210).

***

Como em outros contextos do país, as áreas a serem recuperadas na RMBH são abundantes e poderiam ocupar um lugar central no reordenamento do espaço. Rodrigo Leitão e colaboradores (2019:3), a partir de parâmetros ambientais do PDDI da RMBH e outras bases, produziram o mapa abaixo com as seguintes categorias temáticas: áreas preferenciais para uso; áreas preferenciais para conservação e preservação; áreas preferenciais para recuperação. Como indicam, para a sustentabilidade socioeconômica na região, é fundamental

> "*ampliar os espaços públicos, novas centralidades, as áreas verdes, os parques e jardins, os equipamentos de lazer e recreação, com vistas a combater: i) as desigualdades sócio-espaciais; ii) a segregação e a guetificação dos espaços urbanos; iii) a privatização dos espaços públicos*" (Leitão *et. al.* 2019:13).

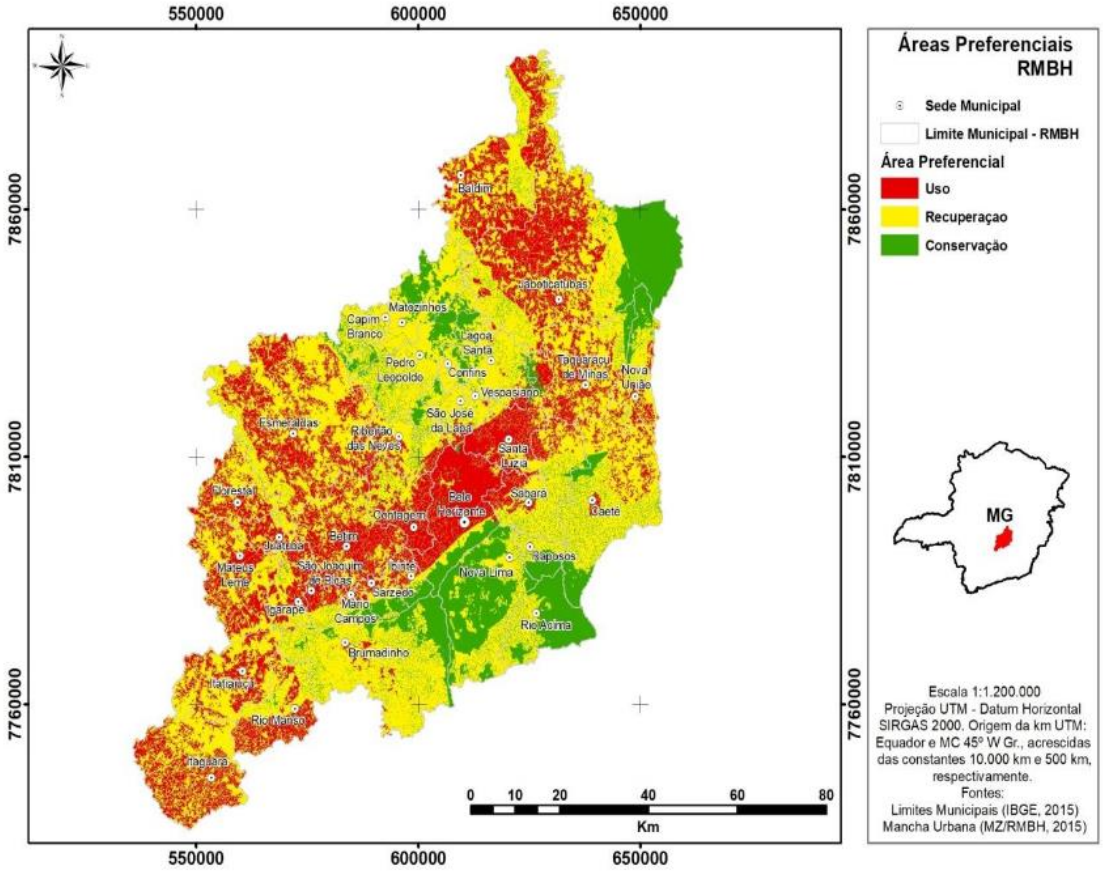


Figura 73: Áreas preferenciais para uso, recuperação e conservação na RMBH. Disponível em: Leitão et. al. 2019:11.

As áreas em amarelo no mapa podem ter suas paisagens transformadas a partir de um cuidado atento e pessoal. Para tanto, espaços manejados, como quintais, hortas e agroflorestas, podem ser potencializados aliados às comunidades locais e apoiados pelo poder público. Além da recuperação dos espaços, são iniciativas que podem reativar e reinventar o senso de comunidade. Vandana Shiva, Eliza Levy, Alberto Acosta e Baptiste Lanaspèze*,* em participação na terceira edição do festival anual destinado a pensar uma sociedade dos vivos, *Agir pour le Vivant*[169], realizado em agosto de 2022, conversaram sobre possibilidades de compor mundos que coloquem a vida, humana e não humana, como prioridade. Em contexto de crises e catástrofes, o fortalecimento da vizinhança é apontado por Acosta (2023:3) como a primeira ação que precisamos tomar:

> "*temos que nos reencontrar com nossos vizinhos e nossas vizinhas, entendermos que somos comunidades humanas. Essa parece ser uma das tarefas fundamentais: começar a compreender com quem vivemos e com quem temos que transformar o mundo. A segunda, que também é fundamental: entender que somos natureza*".

Acosta (2023:10) completa: "*A grande tarefa é como nos organizamos em nossos bairros, em nossas comunidades, e como o fazemos sem esperar que a solução venha do Estado e dos grandes organismos internacionais. Não temos mais tempo para esperar*"". Lanaspèze (2023:10) defende repovoar o campo e promover uma "'recamponesificação' do mundo em contraponto à agricultura industrial e sua padronização alimentar. As mudanças elencadas, como destaca Shiva (2023:8), são urgentes, mas seu sentido de urgência "não *significa velocidade, mas um imperativo ético de mudança*". Assim,

> "*Agir pelo vivo significa praticar o ato de viver, e esse é o verdadeiro significado da palavra 'economia'. Economia é 'a arte de viver', e não se pode praticar a arte de viver sem a vida. O que chamamos de 'economia' hoje, que é a força destrutiva mobilizada por toda parte, é a arte de fazer dinheiro*" (Shiva 2023:4).

Cuidadores e cuidadoras da terra, por sua vez, favorecem a fartura que movimenta redes de ajuda mútua entre vizinhos, parentes e amigos. A 'campesinidade' que persiste e se reinventa nas periferias das cidades pode dar vazão ao desejo de plantar e cuidar e, assim, desenhar e recuperar paisagens.

---

[169] *Agir pour le Vivant.* Disponível em: https://agirpourlevivant.fr/. Acesso em: 20/10/2023.

O trabalho de cuidado, como reitera Graeber (2015:187), ainda que pouco valorizado, é o mais virtuoso que existe:

> "*O que aconteceria se parássemos de agir como se a forma primordial de trabalho fossem as linhas de produção ou os campos de trigo ou as fundições, ou mesmo as baias de escritório, e déssemos prioridade às mães, aos professores e aos cuidadores? Talvez sejamos forçados a concluir que o que verdadeiramente importa na vida humana não é contribuir para uma coisa chamada "economia" (um conceito que nem existia há trezentos anos), mas o fato de que todos somos, e sempre fomos, projetos de criação mútua*".

As atividades de cuidado, no entanto, têm sido sistematicamente negligenciadas e mal remuneradas, embora sejam primordiais para a criação de mundos habitáveis e biodiversos. Nesse cenário, a remuneração para o trabalho de cuidado que traz benefícios às cidades e suas periferias pode ser um caminho a ser levado em consideração. Em diagnóstico e análise de políticas públicas relacionadas à agricultura urbana agroecológica em Belo Horizonte e região, Alexandre Nascimento e colaboradores (2023:80-81) enfatizam como normativas que já existem, como a *Política Nacional de Pagamento por Serviços Ambientais* (lei 14.119/2021) e as compensações ambientais, poderiam ser mobilizadas para remunerar agricultores e agricultoras agroecológicos que colaboram com suas comunidades e recuperam paisagens.

Outro ponto relevante para ampliar a recuperação da terra diz respeito à adoção da diversidade biocultural no planejamento do espaço urbano e periurbano. Paula Gonçalves e colaboradores (2021) defendem que a diversidade biocultural pode ser uma ferramenta de apoio ao planejamento e gestão da infraestrutura verde em atendimento ao ODS 11[170] da ONU para 2030, que visa tornar as cidades e os assentamentos humanos mais seguros, inclusivos, resilientes e sustentáveis. A infraestrutura verde urbana compreende espaços com diferentes contextos sociais e dinâmicas próprias, como matas, pátios escolares, parques urbanos, terrenos baldios, arborização urbana, hortas, telhados verdes. No âmbito privado, acrescento ao mosaico também os quintais e terreiros, principalmente os localizados em localidades periféricas.

Como critério de governança do mosaico, a adoção da diversidade biocultural procura combinar dimensões culturais, associadas aos usos e sentidos locais, às dimensões

[170] Para maiores informações sobre o ODS 11, consultar: https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/11. Acesso em: 09/09/2023.

naturais, associadas às questões ecológicas (Gonçalves *et. al.* 2021:2). Para tanto, é subdividida em três dimensões: a diversidade biocultural materializada, a diversidade biocultural vivida e a gestão da diversidade biocultural. A primeira contempla indicadores como heterogeneidade espacial, estrutura da vegetação, diversidade de usos, saúde da vegetação e estado de regeneração. Considera, ainda, características que conferem identidade ao lugar e elementos com valor histórico, cultural, estético e educacional que perpetuam o valor de espécies-chave ao ecossistema. Os atributos biofísicos de vizinhança mensuram elementos como a complementaridade entre diferentes espaços verdes. A segunda inclui a diversidade do grupo de usuários, diferenciação sociodemográfica, etnicidade, locais de residência. Inclui, ainda, características do bairro, economia local, taxa de criminalidade e condições de saúde. A última trata da participação nos processos de governança e como as pessoas se envolvem com o espaço e se responsabilizam em suas práticas cotidianas. Trata também de regras e normas de uso (formais ou informais), condições de acesso (e quem acessa) e práticas ecológicas comprometidas (Gonçalves *et. al.* 2021:35).

Sem desconsiderar a importância de indicadores gerais no planejamento urbano, o estudo argumenta que a diversidade biocultural, entendida como um conjunto de indicadores desagregados, pode ser valiosa para discutir e implementar soluções que atendam às necessidades e expectativas locais. Pode, nesse sentido, auxiliar os processos de tomada de decisão para a construção de cidades mais habitáveis, equitativas, sustentáveis e resilientes (Gonçalves *et. al.* 2021:10).

Em contexto de mudanças climáticas, espaços que cuidam e produzem diversidade precisam ser apoiados e multiplicados. A diversidade biocultural, para ser devidamente levantada e empregada no planejamento do mosaico, requer investimentos em equipes multidisciplinares compostas por ecólogos, biólogos, arquitetos, geógrafos, historiadores e também antropólogos em diálogo com as tecnologias tradicionais e seus detentores e detentoras com o intuito de organizar a fartura nas cidades e suas periferias. A recuperação biocultural envolve favorecer as oportunidades de plantar e de praticar cuidados cotidianos.

Florestas urbanas

As florestas urbanas podem ser entendidas como "*soma de toda vegetação arbórea a ela associada, existente em assentamentos urbanos ou a eles circundantes. Tanto oriunda de intervenções paisagísticas quanto dos processos de sucessão vegetal, inclui a vegetação ao longo de ruas e em parques urbanos; em áreas abandonadas ou no interior dos lotes; em manchas florestais remanescentes ou em áreas de reflorestamento"* (Amaral *et. al.* 2017:162)

A urgente mitigação de ilhas de calor em contexto urbano e periurbano pode ser favorecida pela vegetação de porte arbóreo e com maior cobertura de dossel. Rubens Amaral e colaboradores (2017:162) apresentam diretrizes gerais para melhorar a fixação de carbono e serviços ecossistêmicos pelas florestas urbanas, sendo eles: plantar mais árvores, preservar as árvores mais antigas, inserir camada de serrapilheira (matéria orgânica com diferentes estágios de decomposição) para disponibilizar nutrientes, introduzir plantas das famílias das leguminosas para substituir adubação química. Em termos paisagísticos, destacam como é relevante às cidades e seus moradores: preservar e pensar em formas de conectar espaços livres e vegetados de parques, vilas, hospitais e outros espaços tanto em contexto institucional como em contexto privado; preservar e recuperar a vegetação original; priorizar a implantação de espécies arbóreas (Amaral *et. al.* 2017:176). Tal fato requer atenção às áreas verdes remanescentes nas cidades e suas periferias e ao plantio sistemático de árvores em todos os lugares possíveis.

Restauração florestal

Di Sacco e colaboradores (2021) enfatizam como nos últimos 30 anos a restauração florestal passou a ser um objetivo alcançável ao combinar uma ciência ecológica sólida, conhecimentos e práticas de povos indígenas e comunidades locais, governança justa e financiamento de longo prazo. O trabalho aponta dez regras de ouro para que as áreas reflorestadas maximizem benefícios para a biodiversidade e para as pessoas, sendo elas: 1) proteger as florestas que já existem; 2) trabalhar em conjunto com todas as partes interessadas; 3) maximizar a recuperação da biodiversidade para que cumpra múltiplos objetivos; 4) selecionar áreas apropriadas para a restauração; 5) empregar regeneração natural sempre que possível; 6) selecionar espécies para maximizar a biodiversidade; 7) utilizar material vegetal com variabilidade genética e procedência apropriada; 8) planejar com antecedência a infraestrutura, capacidade e fornecimento de sementes; 9) aprender fazendo (gestão adaptativa); e 10) garantir a sustentabilidade económica do projeto de reflorestamento, o que requer desenvolver rendimentos diversificados às partes locais interessadas a partir de créditos de carbono, ecoturismo e comercialização da produção agroextrativista. As árvores e florestas fornecem alimentos, medicamentos, materiais de construção, fibras, sombra, proteção do solo, melhorias no ar, menor risco de inundações, proteção das bacias hidrográficas, controle de erosão bem como benefícios recreativos, educacionais, espirituais e culturais. Em locais perturbados pelas atividades humanas de forma mais intensa, são sugeridas a proteção e restauração de elementos nativos inseridos em um mosaico com diferentes usos da terra.

Os espaços livres que ainda restam nas cidades e suas periferias podem ser protagonistas na ordenação do território e da paisagem urbana e periurbana (Barbalho 2015:55). No âmbito do planejamento urbano e metropolitano, é urgente favorecer iniciativas que ampliem a produção de biomassa vegetal de forma suficiente para trazer benefícios como redução da temperatura, controle da drenagem, controle de pragas, redução de ruídos, entre outros. O uso humano, como pisar na terra, plantar e cuidar, *sentir as plantas*, subir em árvores e

colher frutas também deve ser levado em consideração. Com esse intuito, podem ser multiplicadas ações como: recuperação de biomas em pequena escala; valorizar árvores características de cada região; implantar floresta de bolso[171] e jardim de chuva[172]; ampliar arborização urbana adequada com espécies de rápido crescimento e espécies de crescimento lento; plantar árvores em vagas de carros em locais periféricos onde calçadas são estreitas ou inexistentes; apoio e fomento à agricultura urbana e periurbana de base agroecológica; apoio e fomento à implantação de agroflorestas; envolver e transformar áreas verdes de escolas e outros equipamentos públicos, entre outras (Almada, Souza 2017; Cardim 2022; Carneiro 2022; Bragança 2023; Almada, Souza 2023).

Os diferentes exemplos apresentados indicam como a agricultura urbana e periurbana de base agroecológica, a reforma agrária popular, o acesso a moradia, a recampesinação, o planejamento urbano e metropolitano e o apoio institucional podem contribuir com a soberania alimentar, com a organização da fartura e com remuneração justa aos cuidadores e cuidadoras da terra. Combinadas, são ações que podem fazer brotar paisagens biodiversas e outros projetos de futuro.

Figura 74: "A fartura que a terra dá" (lápis de cor). 2024. Autoria: Mariana Oliveira

[171] Floresta de bolso. Disponível em: http://www.cardimpaisagismo.com.br/projetos/floresta-de-bolso/. Acesso em: nov/2023.
[172] Jardins de chuva surgem como alternativa para enchentes na cidade. Disponível em: https://jornal.usp.br/atualidades/jardins-de-chuva-surgem-como-alternativa-para-enchentes-na-cidade/. Acesso em set/2023.

Considerações finais: desenhar paisagens biodiversas

Na sua crítica ao modo de funcionamento do capitalismo contemporâneo, Crary (2014) chama atenção para o fato de as jornadas excessivas e os trabalhos precários desmantelaram movimentos sociais e a própria capacidade de participação na comunidade e vizinhança. O mundo cansado e ocupado contribui com a indiferença "*que exclui radicalmente a possibilidade de cuidado, atenção ou consolo"* (Crary 2014:17). O capitalismo, para se perpetuar, tem se valido de "*formas de separação, isolamento, competitividade e individualismo tóxico que são estimuladas on-line*" por "*um punhado de corporações sociocidas*" (Crary 2023). As estratégias para resistir, no entanto, não estão na internet, e sim nas "*reservas enormes de conhecimentos e de ideias de todas as eras – sobretudo no Sul global e entre os povos indígenas – a respeito de técnicas de subsistência e do cultivo da comunidade que precisam ser recuperadas e adaptadas às necessidades do presente"* (Crary 2023). As expectativas de futuro a serem reiteradas não devem ser mais as do sucesso individual, e sim da "*esperança de um futuro habitável construído e compartilhado em comum*" (Crary 2023).

A reação requer, inevitavelmente, ampliar nossa inteligência coletiva e um engajamento adequado à política do tédio que supere a ansiedade causada pela "*precariedade (econômica, social, existencial) que a governança neoliberal normalizou*", como indica Fisher (2009). Requer também, minar o individualismo atomizado para que uma solidariedade repensada possa emergir, o que implica em construir coalizões de "*grupos de interesse heterogêneos sem a necessidade de uma unidade global*" (Fisher 2009). Graeber (2015) reitera o potencial revolucionário em invadir o senso comum com ideias radicais pensadas coletivamente em movimentos e mobilizações sociais. A revolução, explica, envolve um confronto consciente ou não do senso comum dominante que, se orientada em direção ao cuidado coletivo e ao amor, pode produzir efeitos devastadores à ordem vigente e transformar a maneira como as pessoas pensam e agem no mundo. Assim, é importante que as ideias radicais experimentem formas de alcançar um público mais amplo do que o ativismo, já que podem ampliar o horizonte do que as pessoas consideram possível (Graeber 2015).

Como recomenda Crary (2014), o tempo capturado pelo capitalismo precisa ser recuperado para que outros futuros possam ser sonhados e feitos. Tempo para cuidar das mais variadas formas, o que inclui o cuidado com a terra e com as plantas, é uma demanda legítima e uma obrigação a ser embutida em todos nós: é tempo de organizar a fartura. As atividades de

cuidado, em suas múltiplas dimensões, precisam ser reconhecidas, potencializadas e remuneradas.

Nesse cenário, a cidade, como indica o mestre Joelson, não deve ser tratada como "*um destino inevitável, e sua relação com o campo é uma construção histórica que deve ser repensada e recriada*" (*apud* Guimarães 2022:21). Considera fundamental, com esse propósito, que as cidades se esvaziem para alcançar um novo equilíbrio e organização entre o rural e o urbano. Como destaca: "*Nós viemos para viver em comunidade, só que nós trocamos a comunidade da terra pela comunidade da cidade, superlotamos as cidades e o caos está aí. Uns foram porque foram expulsos da terra outros nem tinham terra, mas nós vamos ter que reverter esse quadro agora*"[173]. Para tanto, é preciso que a luta pela terra se conecte aos grandes centros, uma forma de "*conscientizar as massas urbanas para que uma parte possa fugir da Babilônia*" (Ferreira 2022:125-127).

Ao pensar em diretrizes para os próximos dez anos, Shiva (2023:18-19) reitera como precisamos colaborar para uma economia da abundância, ao invés de uma economia de escassez, o que só será possível a partir de uma "*democracia enraizada com a terra, os seres vivos e a vida cotidiana*". Seu sonho "*é um mundo feito de jardins, e não de guerras*". Lanaspèze (2023:14-15), por sua vez, enfatiza como "*estamos deprimidos, quebrados por um sistema que nos mata*" e que, nesse contexto, "*cultivar a natureza é cultivar esta vida em nós mesmos*". O 'decrescimento', como aponta Acosta (2023), será fundamental para nos "*libertar da religião do crescimento econômico permanente*", o que não será possível sem organização e luta coletiva. Não é possível que ainda hoje se pense que exportar *commodities* é o futuro: isso é um atraso (Stédile 2023).

O Brasil apresenta uma ampla variedade de plantas, algas e fungos. Das 46.097 espécies levantadas até então, 43% são endêmicas (Fioravanti 2016:43). Apresenta a maior riqueza de plantas do mundo, seguido pela China, Indonésia, México e África do Sul e ainda hoje são registradas novas espécies a cada ano. O grupo predominante no Brasil é o das angiospermas (plantas com flores e frutos), com 32.813 registros (Fioravanti 2016). Integra, assim, o grupo dos países megadiversos e pode ser protagonista de um modelo de desenvolvimento que gere renda com atenção à questão socioambiental (Carneiro da Cunha 2009; Carneiro da Cunha, Magalhães, Adams 2021). Como destaca o antropólogo Jeremy Narby (2022), é um país que ainda pode mostrar o que significa valorizar a vida:

[173] Notas da roda de conversa: *A sobrevivência das sementes*, com Joelson Ferreira (BA), Maria Muniz Andrade Ribeiro (BA), Japira Pataxó (BA), Valdemar Xakriabá (MG) e Seu Badu (MG), realizada no âmbito da *Universidade aberta aos saberes dos povos indígenas e afro-brasileiros*, organizado pelo Saberes Tradicionais da UFMG no dia 18/10/2022, em Belo Horizonte.

"*Cultivando sua própria diversidade natural e cultural, o Brasil pode mostrar ao mundo o que realmente importa: a vida em si. E, ao fazer isso, o país se tornaria o centro mundial da vida na Terra. Imagina!".*

Em sentido próximo, como destaca o mestre Joelson, o Brasil é um país rico de terra, sol, água e biomassa e é possível tornar a vida mais agradável. É preciso tomar gosto e ver a beleza das coisas simples e cuidar das crianças com esse valor: é tempo de construir o reino das mulheres e das crianças. É preciso criar lugares que sejam capazes de acolher pessoas em situação de vulnerabilidade e mostrar outras verdades, pautadas pela simplicidade (Ferreira 2022). A agroecologia, enquanto possibilidade concreta de transformação, é uma importante aliada. Como destaca:

> "*O Brasil é um país grandioso, com muita gente sem-terra e poucos donos de tudo. Precisamos desconcentrar a terra. Restitui-la aos povos originários. Garantir terra para todo o povo preto que quiser morar e plantar. E precisamos agora, neste momento, em pleno século XXI. Se queremos equilibrar as cidades, precisamos urgentemente trabalhar a luta pela terra e território como forma de combater a escravidão, o racismo, o preconceito e as injustiças. É preciso retomar a terra e o território*" (Ferreira 2022:118).

A defesa da comida, nesse cenário, é uma emergência que requer mudanças estruturais. A efetivação do direito humano à alimentação adequada e saudável em contexto urbano e periurbano não ocorre apenas a partir da oferta de alimentos: deve também contemplar outras dimensões relacionadas, como "*acesso à água, à educação, à cultura, à saúde, à gestão urbana e ambiental*" (Araújo Costa 2015:18). A saída à crise passa, inevitavelmente, pela atenção às inúmeras injustiças do passado e pela "*reparação daquelas comunidades e daqueles grupos que foram marginalizados, racializados e cujos direitos foram sistematicamente violados através do movimento da máquina estatal capitalista*" (Tavares 2022:194).

A produção da comida boa será a principal riqueza para salvar a humanidade e quem irá produzi-la não será o agronegócio, e sim os que estão firmados à terra e a reverenciam. A reforma agrária popular, bem como o acesso à moradia digna, são reparações inevitáveis para que mudanças mais prósperas possam brotar, uma vez que têm um papel importante por favorecer "*outras dimensões da alimentação como cultura, prazer, hábitos, comensalidade, regionalidade, etnia, gênero, sustentabilidade e biodiversidade*" (Araújo Costa 2015:18). Importa, para tal desfecho, que o termo 'saudável' seja disputado como uma questão coletiva, e não apenas como uma ação individual do consumidor. Alinhada à

perspectiva da soberania alimentar, interessa a produção adequada e soberana da comida, o que vai na contramão da agricultura industrial e sua padronização da alimentação.

***

Por mais que a urbanização tenha transformado as cidades brasileiras em espaços cada vez mais adensados, verticalizados e impermeabilizados, ainda assim em lajes, varandas, terreiros, quintais, terraços, lotes vagos, parques, córregos, brejos, currais, canteiros nas ruas, chácaras, sítios, comunidades quilombolas, ocupações, terreiros de matriz africana, comunidades indígenas, praças, espaços cedidos para hortas comunitárias, assentamentos da reforma agrária, áreas arrendadas ou alugadas, fazendas, entre outros espaços, as plantas são cuidadas, cultivadas e colhidas.

Procurei, nesta tese, reiterar o potencial estético e criativo que saberes e fazeres agrícolas afins à diversidade, à generosidade e à solidariedade oferecem em contraponto às catástrofes, monoculturas e extrativismos de nosso tempo. As atividades de cuidado envolvem observação e atenção às múltiplas relações tecidas entre pessoas e plantas, das plantas entre elas, delas com outros seres. Seus cuidadores e cuidadoras sentem prazer em plantar e cuidar, em reunir "*um pouco de tudo*" e em doar parte do que a terra dá para nutrir suas comunidades e redes de relacionamentos. Ao se relacionar com a terra e com as plantas com intimidade, paciência e dedicação, inscrevem na paisagem urbana e periurbana traços de fartura e beleza.

Pequenos espaços que cultivam alimentos e ao mesmo tempo prezam pelo máximo de vidas podem ser potencializadores de aprendizados que despertam emoção e encantamento. Neles as pessoas podem se atentar às temporalidades das espécies, suas transformações, seus ciclos de nascer e morrer. Percebem as transformações diárias, as estações do ano, o passar dos anos. Dedicados, podem desenhar marcas de vida nas paisagens e se transformar pela convivência cotidiana com a terra, com as plantas e outros seres. Há, assim, uma cidade que planta: as pessoas ainda têm esse desejo. E não são apenas as que deixaram suas roças para viver nas periferias das cidades, mas também outras que anseiam conviver e aprender com as plantas e criar histórias com elas.

Figura 75: Desenhamos na Terra (aquarela). 2024. Autoria: Mariana Oliveira

O desejo de plantar e cuidar que ainda persiste deve ser capturado e apoiado para que se concretize em paisagens biodiversas. Nesse cenário, a agricultura urbana e periurbana, combinada à agroecologia, ao direito à cidade, à função social da terra, à reforma agrária popular e outras políticas públicas, pode favorecer a construção de um sistema alimentar que articule a produção rural, periurbana e urbana. Interessa, para tanto, que a agroecologia seja defendida em seu viés radical, comprometida em transformar vidas e paisagens com atenção especial à questão fundiária. Como política pública direcionada ao contexto periurbano, pode favorecer apoio e assessoria técnica, apoio à comercialização e fomentar condições dignas de trabalho. Em um contexto urbano, onde o vínculo com a terra acontece em espaços reduzidos, a agroecologia pode ser uma forma de (re)lembrar as pessoas sobre a importância da terra. Pode ainda, reforçar belezas desconectadas da padronização da agricultura industrial e ampliar o repertório do que emociona. Defender a comida requer expandir o valor da simplicidade na terra. A beleza da fartura que vincula vizinhanças e comunidades é algo que precisamos (re)aprender a cultivar.

Como defendi ao longo da tese, o acesso à terra é primordial para construir mundos habitáveis e para que as relações entre pessoas e plantas sejam tecidas e escaladas. É na terra que as pessoas constroem histórias e desenham paisagens; desde que a humanidade existe ela desenha na terra a partir do sentir, do tocar e do fazer. Como destaca Ingold (2019), o fazer é movimento, criatividade e improviso e, assim, produz diferentes texturas na paisagem vivida. Desenhar paisagens é um trabalho em processo que demanda engajamento concreto e muscular. A fartura envolve trabalho, relações, esperas, observações e precisa, sobretudo, da terra e do cuidado para acontecer e se perpetuar. É a terra cuidada que propicia a beleza: não tem como visitar uma horta ou quintal sem sair com uma sacola cheia da fartura de cada época.

As histórias que reúnem pessoas e plantas ativam "*desejo, alegria, vida e prazer*" e podem "*reflorestar o nosso imaginário*" (Krenak 2022b:71). As universidades, nesse cenário, podem favorecer e disseminar o potencial da agricultura urbana e perirubana agroecológica em complementaridade à agricultura rural, além de aprender com os mestres e mestras dos saberes e fazeres agrícolas que, com cuidado pessoal cotidiano, desenham paisagens vibrantes em cores, texturas e vidas. Como convoca Ailton Krenak (2022a:278), para que as cidades se reinventem, uma nova poética precisa "*arrebentar essas muralhas e fazer brotar de dentro dessa pedra dura alguma flor*". Davi Kopenawa, em uma de suas visitas a Belo Horizonte, destacou que *në ropë* foge quando os habitantes da cidade deixam a terra desnuda ou coberta de asfalto e de prédio. Pequenas frestas, se manejadas com cuidado, talvez ainda possam propiciar o retorno, ou a manutenção, de *në ropë* nas cidades e suas periferias.

Tal recuperação requer transformar as cidades, campos padronizados e paisagens degradadas a partir de outras estéticas que primem pela diversidade e pela composição de múltiplas alianças que façam o cuidado em sentido amplo invadir o senso comum (*cf.* Graeber 2015; Bellacasa 2017; Chatzidakis *et. al.* 2020). As utopias nem sempre estão tão distantes: às vezes são práticas silenciosas que coexistem com o concreto. Espaços onde brotam apenas capim colonião, tiriricas e leucenas, se manejados e apoiados, podem permitir que as pessoas vivam com dignidade, se movimentem, tenham belezas a apreciar, o direito de transformar e fartura para doar. Espaços cuidados com atenção apaixonada podem ser vibrantes desenhos feitos na terra que abrem possibilidades para a criação de histórias de longo prazo com as plantas. Uma vez vividas, serão perpetuadas e podem ser contagiantes.

Figura 76: Futuros habitáveis 1 (fotomontagem, lápis de cor). 2024. Autoria: Mariana Oliveira

Figura 77: Futuros habitáveis 2 (fotomontagem, lápis de cor). 2024. Autoria: Mariana Oliveira

Referências bibliográficas

ABDALA, Mônica Chaves. "Práticas sustentáveis temperadas por memórias e experiências." Revista Ingesta, São Paulo, v. 1, n. 1, mar. 2019.

AGÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO RMBH. *RMBH: a Região que habitamos.* Agência de Desenvolvimento da Região Metropolitana de Belo Horizonte: Belo Horizonte, 2013.

AGUIRRE, Patricia. Una historia social de la comida. Buenos Aires: Lugar Editorial, 2017.

AGUIRRE, Patricia. *Devorando el planeta.* Ciudad Autónoma de Buenos Aires : Capital Intelectual, 2021.

AGUIRRE, Patricia. *Entrevista* por Guadalupe Oliverio: "Nos estamos devorando un planeta y medio por año". 2023. Disponível em: https://www.laizquierdadiario.com/Patricia-Aguirre-Nos-estamos-devorando-un-planeta-y-medio-por-ano. Acesso em: 07/08/2023.

ALBUQUERQUE, U.P. "Re-examining hypotheses concerning the use and knowledge of medicinal plants: a study in the caatinga vegetation of NE Brazil". In: *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*, 2(30):1-10, 2006.

ALENCAR, Victor Gabriel de Souza Lima. *Agroecologia para além do rural e urbano na RMBH*. Escola de Arquitetura, Urbanismo e Design da UFMG (trabalho de conclusão de curso), Belo Horizonte, 2018.

ALENCAR, Victor Gabriel de Souza Lima; ORNELAS, Gabriel Mattos; COSTA, Heloisa Soares de Moura. Planejar para alimentar as metrópoles: a incorporação da agricultura e da agroecologia no planejamento da Região Metropolitana de Belo Horizonte. In: *Revista Política e Planejamento Regional*. RPPR - RJ - vol. 7, nº 3, setembro a dezembro de 2020, p. 285 – 309.

ALMADA, Emmanuel Duarte. Sociobiodiversidade Urbana: por uma etnoecologia das cidades. In: *Atualidade em Etnobiologia e Etnoecologia* 5: 5-30, 2010.

ALMADA, Emmanuel Duarte. *Entre as Serras: etnoecologia de duas comunidades quilombolas do sudeste brasileiro*. Campinas: Tese de Doutorado em Ambiente e Sociedade, Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais, Universidade Estadual de Campinas, 2012.

ALMADA, Emmanuel Duarte; SOUZA, Mariana Oliveira e (org). *Quintais: memória, resistência e patrimônio biocultural.* Belo Horizonte: Editora UEMG, 2017.

ALMADA, Emmanuel; SOUZA, Mariana. "Quintais como patrimônio biocultural". In: Quintais: memória, resistência e patrimônio biocultural". Org: ALMADA, Emmanuel; SOUZA, Mariana. Belo Horizonte: Ed. UEMG, 2017

ALMADA, Emmanuel (org.). *Roça Grande: diversidade biocultural das cidades*. Porto Alegre: Ed. Sbee, 2023.

ALMADA, Emmanuel Duarte; SOUZA, Mariana Oliveira e. "Roça Grande: a cidade habitada por muitos mundos". In: ALMADA, Emmanuel. *Roça grande: diversidade biocultural das cidades.* Porto Alegre: SBEE, 2023.

ALMEIDA, Daniela Adil Oliveira de. *Agricultura urbana e segurança alimentar: aprendendo com as experiências da Rede.* Belo Horizonte: Rede de Intercâmbio de Tecnologias Alternativas, 2006.

ALMEIDA, Daniela Adil de Oliveira; MORAIS, Lídia Maria de Oliveira; PAIXÃO, Lorena Anahi Fernandes. "Articulação Metropolitana de Agricultura Urbana: espaços e saberes da Agroecologia em Belo Horizonte". In: *Agriculturas*, v.9, n.2, setembro de 2012.

ALMEIDA, Daniela Adil Oliveira de; COSTA, Heloisa Soares de Moura. Agricultura urbana: uma aproximação possível entre a questão ambiental e a questão urbana. In: *APPURBANA* 2014a.

ALMEIDA, Daniela Adil; Oliveira de; MELGAÇO, Luísa; MOURA, Danielle Alves de Lima Ribeiro; COSTA, Heloisa Soares de Moura. "Buscando uma demografia da agricultura urbana na RMBH: primeiras aproximações". In: *XIX Encontro Nacional de Estudos Populacionais*, ABEP, realizado em São Pedro/SP – Brasil, de 24 a 28 de novembro de 2014b.

ALMEIDA, Daniela Adil Oliveira de. *ISTO E AQUILO: agriculturas e produção do espaço na Região Metropolitana de Belo Horizonte*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais (tese de doutorado em Geografia), 2016.

ALMEIDA, Daniela; COSTA, Heloísa; MELGAÇO, Luísa; MARQUES, Jorge; ALENCAR, Victor; FERREIRA, Gabriela. Grupo AUÊ/UFMG. 1º *Anuário das Agriculturas Metropolitanas – Uma publicação sobre a Região Metropolitana de Belo Horizonte*, 2022. Disponível em: https://aueufmg.wordpress.com/anuario-das-agriculturas-metropolitanas-primeira-edicao/. Acesso em: 22/03/2024.

ALVES, Eliseu; SOUZA, Geraldo da Silva e; MARRA, Renner. "Êxodo e sua contribuição à urbanização de 1950 a 2010". In: *Revista de Política Agrícola.* Ano XX – No 2 – Abr./Maio/Jun. 2011.

ALVES, Deise de Oliveira; MOURA, Adeildo de Quadros; SCHULTZ, Glauco. "Agricultura urbana no Brasil: um levantamento sobre a produção científica nas bases *SCOPUS* e *Web of Science"*. In: *DRD – Desenvolvimento Regional em debate*. V.9, p.160-178, 2019.

AMORIM, Alexandre Nojoza; CARVALHO, Denis Barros de; BARROS, Roseli Farias Melo de. "Vinculação afetiva a quintais urbanos do Nordeste Brasileiro". In: *Espacios*, Vol. 36, Nº 16, Ano 2015.

ANDRÉS, Roberto. "O mundo sem carros". In: *PISEAGRAMA*, Belo Horizonte, número 14, página 92-99, 2020.

ANGEOLETTO, Fabio; SANTOS, Jeater Waldemar Maciel Correa; SANZ, Juan "¿Hay flores en al jardín? La vegetación cultivada en patios urbanos a través de un gradiente social" In: *PAISAGEM E AMBIENTE: ENSAIOS* - N. 35 - SÃO PAULO, p. 119 – 135, 2015.

ARAGÃO, Solange. "História da Arte e História do Paisagismo no Brasil – inter-relações na análise de projetos paisagísticos". In: *X EHA - Encontro de História da Arte*, 2014.

ARAGÃO, Solange; SANDEVILLE JÚNIOR, Euler. "A floresta e o jardim no Brasil do século XIX". In: *Paisagem e Ambiente: Ensaios*, n. 31, São Paulo, p. 161-174, 2012.

ARAUJO COSTA, Christiane Gasparini. *Agricultura Urbana e Periurbana na Ótica da Promoção da Saúde.* Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública para obtenção do título de Doutor em Ciências. São Paulo, 2015.

ARAUJO, Juliana Moraes. *Desenvolvimento sustentável e a apropriação do espaço a partir da agricultura urbana em Belo Horizonte, MG*. Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (dissertação de mestrado), 2020.

ARAÚJO, Melissa Luciana; PESSOA, Milene Cristine; HONÓRIO, Olivia Souza; SCHUBERT, Maycon Noremberg; SCHNEIDER, Sergio; GRISA, Catia. "Dinâmicas de abastecimento nos sistemas alimentares em Belo Horizonte". In: Confins, 59, 2023.

ARAÚJO, Melissa Luciana. *Repercussão da segurança alimentar e nutricional sobre o consumo de frutas e hortaliças.* Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Enfermagem. Belo Horizonte 2016.

ARRUDA, Aparecida. *Ervanário São Francisco de Assis: memórias, saberes e práticas de uma raizeira do Cerrado.* Belo Horizonte: REDE Agroecologia no campo e na cidade, 2020.

AVILA, G. M. De A. .; GABARDO, G.; CLOCK, D. C.; LIMA JUNIOR, O. S. De . "Use of efficient microorganisms in agriculture". In: *Research, Society and Development, [S. L.]*, v. 10, n. 8, p. E40610817515, 2021.

AZEVEDO, Aina. G. "Desenho e Antropologia: recuperação histórica e momento atual". In: *Cadernos de Arte e Antropologia*, Vol. 5, n° 2/2016, pag. 15-32.

BACCARIN, José Giacomo; GROSSI, Mauro Del; MAGRO, João Pedro. SILVA, José Graziano da; *Evolução da Segurança Alimentar e Nutricional no Brasil: Indicadores macroeconômicos, preços de alimentos e perspectivas futuras.* Instituto Fome Zero, 11 mar. 2024.

BANIWA, Denilson. "Metro a metro, plantar uma floresta". Mediação Renata Marquez. In: MOULIN, Gabriela; MARQUEZ, Renata; ANDRÉS, Roberto; CANÇADO, Wellington. *Habitar o Antropoceno*. BDMG Cultural / Cosmópolis, 2022.

BARBALHO, Louise. *Cidade, Desenho e Natureza: Uma reflexão sobre os espaços livres de Marabá.* Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará. Belém, 2015.

BARRUTI, Soledad. *Mala leche: el supermercado como emboscada.* Cidade autônoma de Buenos Aires: Planet, 2018.

BELLACASA, María Puig de la. *Matters of Care: Speculative Ethics in More Than Human Worlds*. Minneapolis, London: University of Minnesota Press, 2017.

BENNET, Carys. BENNET, Carys; THOMAS, Richard; WILLIANS, Mark; ZALASIEWICZ,Jan; EDGEWORTH, Matt; MILLER; Holly; COLES; Bem; FOSTER; Alison; BURTON,Emily J.; MARUME, Upenyu. "The broiler chicken as a signal of a human reconfigured biosphere". In: Royal Society Open Science, december 2018.

BENSUSAN, Nurit. *Do que é feito o encontro.* Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

BERNHOLT, Hannah; KEHLENBECK, Katja; GEBAUER, Jens; BUERKERT, Andreas. Plant species richness and diversity in urban and peri-urban gardens of Niamey, Niger". In: *Agroforestry Systems*, 77(3), 159-179, 2009.

BERTH, Joice. *Se a cidade fosse nossa: racismos, falocentrismos e opressões nas cidades*. Rio de Janeiro: ed. Paz e Terra, 2023.

BIANCHI, Leonardo Carlos Dantas; JEUNON, Ester Eliane; GUIMARÃES, Eloísa Helena Rodrigues. "Consumo infantil em supermercados: um estudo na perspectiva de pais e crianças em Belo Horizonte". In: *EMPRAD - Encontro dos Programas de Pós-graduação Profissionais em Administração*. ISSN 2448-3087 - 22 e 23 de novembro de 2021 – FEA/USP - SÃO PAULO/SP.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. *Terra Dá, Terra Quer.* São Paulo: Ubu, 2023.

BLASER, Mario. "Notes towards a political ontology of 'environmental' conflicts". In: GREEN, Lesley. In: *Contested Ecologies*. Cape Town: HSRC Press, 2011.

BOMBARDI, Larissa Mies. *Geografia do Uso de Agrotóxicos no Brasil e Conexões com a União Europeia*. Laboratório de Geografia Agrária, FFLCH – USP. São Paulo, 2017.

BOMBARDI, Larissa Mies; CHANGOE, Audrey. *COMÉRCIO TÓXICO. A ofensiva do lobby dos agrotóxicos da União Europeia no Brasil. Friends of the Earth Europe.* S2B Seattle to Brussels Network, 2022.

BORSAGLI, Alessandro. "Reminiscências de um passado não tão distante: as marcas do rural na paisagem urbana de Belo Horizonte-MG". In: ALMADA, Emmanuel*. Roça grande: diversidade biocultural das cidades*. Porto Alegre: SBEE, 2023.

BORTOLETTO, Ana Paula; KARAGEORGIADIS, Ekaterine. Publicidade infantil: a porta de entrada para produtos ultraprocessados. Disponível em: https://obha.fiocruz.br/?P=463. Acesso em: 03/06/2023.

BRAGANÇA, Luciana; REZENDE, Gabriela; SOUZA, Lorena. “Cartografias afetivas de jardins possíveis”. In: *V Enanparq*, Mesas temáticas. Salvador, 2018.

BRAGANÇA, Luciana Souza. *Jardins Possíveis.* Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (tese de doutorado), 2021.

BRAGANÇA, Luciana Souza. “Possible Gardens: cosmopolitical worlds”. In: *Front. Environ*. Sci., v. 11, 2023.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Crenças e Costumes de Comida em Mossâmedes. Série Sociedades Rurais do Mato Grosso Goiano*, Vol. 5. UFGO, Goiânia, 1976. In: WOORTMANN, Klauss. *Hábitos e Ideologias Alimentares em Grupos Sociais de Baixa Renda: Relatório Final.* Brasília, 1978.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. “Tempos e espaços nos mundos rurais do Brasil”. In: *Ruris*, vol. 1, março 2007.

BRASIL, André; GUIMARÃES, César; ASPAHAN, Pedro. “Pedagogias do vento”. In: *Revista Mundaú*, 2020, n. 9, p. 127-145.

CABRAL DE OLIVEIRA, Joana. “Agricultura contra o Estado”. In: CABRAL DE OLIVEIRA, Joana; AMOROSO, Marta; LIMA, Ana Gabriela; SHIRATORI, Karen; MARRAS, Stelio; EMPERAIRE, Laure. *Vozes vegetais: diversidade, resistências e histórias da floresta.* São Paulo: Ubu Editora / IRD, 2020.

CAMPELLO, Tereza. “É necessário enfrentar e é possível superar a fome de novo.” In: KUNSCH, Margarida Maria Krohling; MACHADO, Maria Aparecida de Andrade Moreira (orgs). *Políticas públicas para o combate à fome.* São Paulo: Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária, 2021.

CANÇADO, Wellington. *Sob o pavimento, a floresta: cidade e cosmopolítica.* Belo Horizonte: Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Minas Gerais (tese de doutorado), 2019.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. *Cultura com aspas e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. Os Guardiões. FRUTO, 2018. Disponível em: https://youtu.be/mcaa-efeqa8. Acesso em: 23/10/21.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela; MAGALHÃES, Sônia; ADAMS, Cristina (orgs.). Povos tradicionais e biodiversidade no Brasil: contribuições dos povos indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais para a biodiversidade, políticas e ameaças. Seção 7. São Paulo: SBPC, 2021.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. A complementaridade entre os saberes. Entrevista concedida à Agência FAPESP. 2024. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?V=mvgi1jczgnm&ab_channel=Ag%C3%aanciafapesp. Acesso em: 20/03/2024.

CARRO, Ester. “Fazendinhando a cidade”. Mediação: Roberto Andrés. In: MOULIN, Gabriela; MARQUEZ, Renata; ANDRÉS, Roberto; CANÇADO, Wellington. *Habitar o Antropoceno.* BDMG Cultural / Cosmópolis, 2022.

CARVALHO, José Jorge de. “Encontro de Saberes, Descolonização e transdisciplinaridade: três conferências introdutórias”. In: TUGNY, Rosângela Pereira de; GONÇALVES, Gustavo (org). *Universidade Popular e encontro de saberes*. Salvador: Edufba, 2020.

CASTELFRANCHI, Yurij. *As serpentes e o bastão: tecnociência, neoliberalismo e inexorabilidade*. IFCH, Unicamp, Doutorado em Sociologia: Campinas, 2008.

CASTELO BRANCO, Marina; ALCÂNTARA, Flávia A. “Hortas urbanas e periurbanas: o que nos diz a literatura brasileira?” In: *Horticultura Brasileira* 29: 421-428, 2011.

CAVALLI, Suzi. Entrevista por Katia Marko e Leonardo Melgarejo (2023). Disponível em: https://www.brasildefato.com.br/2023/06/19/alimentacao-temos-que-penalizar-quem-esta-produzindo-comida-ruim-defende-pesquisadora. Acesso em: 03/08/2023.

CHATZIDAKIS, Andreas; HAKIM, Jamie; LITTLER, Jo; ROTTENBERG, Catherine; SEGAL, Lynne. *The Care Manifesto: The Politics of Interdependence*. Verso, 2020.

CHOMSKY, Noam. *O lucro ou as pessoas.* Bertrand Brasil, 2002.

CLÉMENT, Gilles. *‘The Planetary Garden’ and Other Writings*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2015 [2006].

CLÉMENT, Gilles. “Jardim para uma falha no tempo”. In: *Cadernos Selvagem.* Biosfera: Dantes Editora, 2021a.

CLÉMENT, Gilles. In practice: Gilles Clément on the planetary Garden, 16 february 2021b. Disponível em: https://www.architectural-review.com/essays/in-practice/in-practice-gilles-clement-on-the-planetary-garden. Acesso em: 15/01/2022.

COCCIA, Emanuelle. “Mente e matéria ou a vida das plantas”. In: *Revista Landa*, vol.1, n.2, 2013.

COCCIA, Emanuelle. *A vida das plantas: uma metafísica da mistura*. Institut Français. Embaixada da França no Brasil, 2018.

COSTA, Alyne. “O antropoceno é o nosso tempo”. Mediação: Wellington Cançado. In: MOULIN, Gabriela; MARQUEZ, Renata; ANDRÉS, Roberto; CANÇADO, Wellington. *Habitar o Antropoceno.* BDMG Cultural / Cosmópolis, 2022.

COSTA, Geraldo Magela; SANTOS, Reinaldo Onofre dos; COSTA, Heloisa Soares de Moura. “Reflexões metodológicas sobre a relação rural-urbano a partir da teoria e de evidências socioespaciais da RMBH”. In. *Geografias Artigos científicos*. Belo Horizonte, 01 de Julho - 31 de Dezembro de 2013. Vol. 9, nº 2, 2013.

COSTA, Heloisa Soares de Moura. “Natureza e cidade na periferia: ampliando o direito à cidade”. In: COSTA, Magela Geraldo; COSTA, Heloisa Soares de Moura; MONTE-MÓR, Roberto Luís de Melo (orgs). *Teorias e práticas urbanas: condições para a sociedade urbana.* Belo Horizonte: Editora C/arte:, 2015.

COSTA, Maria Helena Braga e Vaz. “Filmes de Prédio: Espaço, Arquitetura e Heterotopia em Filmes”. In: *Significação*, São Paulo, v. 48, n. 55, p. 74-95, jan-jun. 2021.

COUTINHO, Maura Neves*. Agricultura urbana: práticas populares e sua inserção em políticas públicas.* Dissertação de Mestrado em Geografia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

COUTINHO, Maura Neves; COSTA, Heloísa Soares de Moura. “Agricultura urbana: prática espontânea, política pública e transformação de saberes rurais na cidade”. In: *Geografias Artigos científicos*, Belo Horizonte 07(2) 81-97 julho-dezembro de 2011.

CRARY, Jonathan. *24/7 Capitalismo tardio e os fins do sono*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

CRARY, Jonathan. *Terra arrasada: além da era digital, rumo a um mundo pós-capitalista.* São Paulo: Ed. Ubu, 2023.

CRUZ, Fabiana Thomé da; SCHNEIDER, Sergio. “Qualidade dos alimentos, escalas de produção e valorização de produtos tradicionais”. In: Revista Brasileira de Agroecologia Rev. Bras. De Agroecologia. 5(2): 22-38 (2010) ISSN: 1980-9735

CUNHA, Altivo Roberto Andrade de Almeida Cunha; CAMPOS, Mauro Macedo. “Supermercados famintos, mercados locais resistentes: a dinâmica latino-americana e o comportamento do mercado brasileiro”. In: *Caminhos de Geografia*. Uberlândia-MG v. 23, n. 85, fev./2022

DANOWSKI, Deborah; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*. Florianópolis: Desterro; Cultura e Barbárie; Instituto Socioambiental, 2014.

DI SACCO, Alice; HARDWICK, Kate A.; BLAKESLEY, David; BRANCALION, Pedro H. S.; BREMAN, Elinor; REBOLA, Loic Cecilio; CHOMBA, Susan; DIXON, Kingsley; ELLIOTT, Stephen; RUYONGA, Godfrey; SHAW, Kirsty; SMITH, Paul; SMITH, Rhian J.; ANTONELLI, Alexandre. “Ten golden rules for reforestation to optimize carbon sequestration, biodiversity recovery and livelihood benefits”. In: *Global Change Biology*, [S.l.], 25 jan. 2021.

DIAS-FILHO, Moacyr B. “Colonião como planta pioneira”. In: *ANAIS DO 12º SIMPÓSIO SOBRE MANEJO DA PASTAGEM*, 1995. Tema: O Capim Colonião.

DÍAZ, YUNUEN. *Barro y arroz: tierra, cocica e resistência.* Ciudad de México: Instituto Nacional de Bellas Artes y Literatura / Proyecto Siqueiros: Sala de Arte Público – La Tallera, 2022.

DOUGLAS, Mary. ISHERWOOD, Baron. *O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo.* Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2004.

DRESCHER, A. W.; HOLMER, R. J.; IAQUINTA, D. L. “Urban homegardens and allotment gardens for sustainable livelihoods: management strategies and institutional environments”. In: KUMAR, B. M.; NAIR, P. K. R. (Eds.), *Tropical Homegardens: A Time-Tested Example of Sustainable Agroforestry*: Springer, 2006.

DUARTE, Frederico. “Design enquanto ato político. Mediação: Roberto Andrés. In: Habitar o Antropoceno”. In: MOULIN, Gabriela; MARQUEZ, Renata; ANDRÉS, Roberto; CANÇADO, Wellington. *Habitar o Antropoceno.* BDMG Cultural / Cosmópolis, 2022.

DUARTE, Taise Ernersitina Prestes; ANGEOLETTO, Fabio; RICHARD, Enrique; VACCHIANO, Marcelo; LEADRO, Deleon da Silva; BOHRER, João Fernando Copetti; LEITE, Leandro Bernardo; SANTOS, Jeater Waldemar Maciel Corrêa. “Arborização urbana no Brasil: um reflexo de injustiça Ambiental”. In: *Terr@Plural*, Ponta Grossa, v.11, n.2, p. 291-303, jul./dez. 2017a.

DUARTE, Taise Ernestina Prestes Duarte; ANGEOLETTO, Fabio; SANTOS, Jeater Waldemar Maciel Correa. “O papel da Cobertura Vegetal nos Ambientes Urbanos e sua influência na qualidade de vida nas cidades”. In: *Desenvolvimento em Questão*. Editora Unijuí, ano 15, n.40, jul/se 2017b.

EGZIABHER, Axumite; LEE-SMITH, Diana; MAXWELL, Daniel; MEMON, Pyar; MOUGEOT, Luc; SAWIO, Camillus. *Cities feeding people: an examination of urban agriculture in East Africa.* Ottawa: ON, IDRC, 1994.

ELIAS, Denise. “Agronegócio globalizado e (re)estruturação urbano-regional”. In: *XVII Enanpur*. São Paulo, 2017.

EMPERAIRE, Laure; ELOY, Ludivine. A cidade, um foco de diversidade agrícola no Rio Negro (Amazonas, Brasil)?. In: *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi*, Belém, Ciências Humanas, 3 (2), pp.195- 211, 2008.

EMPERAIRE, Laure; ELOY, Ludivine. Amerindian Agriculture in na Urbanising Amazonia (Rio Negro, Brasil). In: *Journal of the Society for Latin American Studies*. *Bulletin of Latin American Reaserch*, 2014.

EMPERAIRE, Laure. "Dissonâncias vegetais: entre roças e tratados". In: CABRAL DE OLIVEIRA, Joana; AMOROSO, Marta; LIMA, Ana Gabriela; SHIRATORI, Karen; MARRAS, Stelio; EMPERAIRE, Laure. *Vozes vegetais: diversidade, resistências e histórias da floresta.* São Paulo: Ubu Editora / IRD, 2020.

EMPERAIRE, Laure. Coordenadora da Seção 7: Gerar, Cuidar e Manter a Diversidade Biológica. In: CARNEIRO DA CUNHA, Manuela; MAGALHÃES, Sônia; ADAMS, Cristina (orgs*.). Povos tradicionais e biodiversidade no Brasil: contribuições dos povos indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais para a biodiversidade, políticas e ameaças.* São Paulo: SBPC, 2021.

EUCLYDES, Ana Carolina Pinheiro Euclydes. *A HIPÓTESE OTIMISTA: Dialética e utopia das áreas verdes, das áreas protegidas e da trama verde e azul.* Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (tese de doutorado), 2016.

FAO. *Criar cidades mais verdes*. Organização das Nações Unidades para Alimentação e Agricultura (FAO), 2012.

FAO. *Marco da FAO para a Agenda Alimentar Urbana*. Roma, 2020.

FAO, FIDA, OMS, PMA, UNICEF. *El estado de la seguridad alimentaria y la nutrición en el mundo 2021. Transformación de los sistemas alimentarios en aras de la seguridad alimentaria, una nutrición mejorada y dietas asequibles y saludables para todos*. Roma: FAO, 2021. Disponível em: Disponível em: https://www.fao.org/3/cb4474es/cb4474es.pdf. Acesso em: 19/11/2021.

FAO, Rikolto and RUAF. 2022. *Urban and peri-urban agriculture sourcebook – From production to food systems.* Rome, FAO and Rikolto.

FERNANDES, V.A.; SILVA, L.F.; MESQUITA, T.R.R.; CAPETTINI L.S.A.; RODRIGUES, A.L.P.; SANTOS, S.L. "Uso de pesticidas na agricultura – Análise da prática na cidade de Ibirité/MG". In: *Scientia Plena 8*, 030203, 2012.

FERREIRA, Joelson; FELICIO, Erahsto. *Por terra e território: caminhos da revolução dos povos no Brasil.* Arataca: Teia dos Povos, 2021.

FERREIRA, Joelson. *As lutas existem pela nossa terra.* Belo Horizonte: editora NPGAU/UFMG, 2022.

FISHER, Mark. *Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo*. Autonomia Literária, 2009.

GALINDO, Eryka; TEIXEIRA, Marco Antonio; ARAÚJO, Melissa De; MOTTA, Renata; PESSOA, Milene; MENDES, Larissa; RENNÓ, Lúcio. "Efeitos da pandemia na alimentação e na situação da segurança alimentar no Brasil". In: Food for Justice Working Paper Series, n. 4, Berlin: *Food for Justice: Power, Politics, and Food Inequalities in a Bioeconomy*, 2021. DOI 10.17169/refubium-29554.

GAN, Elaine; TSING, Anna; SWANSON, Heather; BUBANDT, Nils. "Introduction: Haunted landscapes of the Anthropocene". In: TSING, Anna; SWANSON, Heather; GAN, Elaine; BUBANDT, Nils (Editors). *Arts of living on a Damaged Planet.* Minneapolis, London: University of Minnesota Press, 2017.

GASPARI, Luciane Cristina; KHATOUNIAN, Carlos Armênio; MARQUES, Paulo Eduardo Moruzzi. "O papel da agricultura entre as famílias pluriativas assentadas em região metropolitana: o caso do assentamento Milton Santos em Americana e Cosmópolis/SP". In: *Rev. NERA*, Presidente Prudente, ano 21, n. 41, pp. 85-101, jan.-abr./2018.

GASTON, Kevin; WARREN, Philip; THOMPSON, Ken; SMITH, Richard. “Urban domestic gardens (IV): the extent of the resource and its associated features”. In: *Biodiversity and Conservation*, 1-23, 2004.

GELL, Alfred. “The technology of Enchantment and the Enchantment of Technology”. In: *The arte of Anthropology: essas and diagrams.* Berg: Oxfor, Ney York, 2006 [1999].

GELL, Alfred. “A tecnologia do encanto e o encanto da tecnologia”. In: *CONCINNITAS.* Ano 6, volume 1, número 8, julho 2005.

GERRISH, Ed; WATKINS, Shannon Lea. “The relationship between urban forests and income: A meta-analysis”. In: *Landscape and Urban Planning*, v. 170, p. 293-308, February 2018.

GOLDFARB, Yamila. *A luta pela terra entre o campo e a cidade: as Comunas da Terra do MST, sua gestação, principais atores e desafios.* Dissertação do Curso de Pós-graduação em Geografia Humana. FFLCH, USP. São Paulo, 2007.

GOMES, Ana Maria R. “Aprender em presença, aprender com”. In: In: GOMES, Ana Maria R; LIMA, Deborah; OLIVEIRA, Mariana; MARQUEZ, Renata (orgs). *Catálogo da exposição Mundos Indígenas.* Belo Horizonte: Espaço do Conhecimento UFMG, 2020.

GOMES, Ana Maria R; LIMA, Deborah; OLIVEIRA, Mariana; MARQUEZ, Renata (orgs). *Catálogo da exposição Mundos Indígenas*. Belo Horizonte: Espaço do Conhecimento UFMG, 2020.

GOMES, Jaqueline. “Desvios e Encantados: Uma outra arqueologia da paisagem na Amazônia”. In: *Revista de Arqueologia*, v. 34, n. 2, maio-agosto 2021, p. 61-73.

GONÇALVES, Paula; VIERIKKO, Kati; ELANDS, Birgit; HAASE, Dagmar; LUZ, Ana Catarina; SANTOS-REIS, Margarida. “Biocultural diversity in an urban context: An indicator-based decision support tool to guide the planning and management of green infrastructure”. In: *Environmental and Sustainability Indicators*, 2021

GONZÁLEZ-GARCÍA, Alberto; SAL, Antonio Gómez. “Private Urban Greenspaces or “Patios” as a Key Element in the Urban Ecology of Tropical Central America”. In: *Human Ecology*, 36(2), 291-300, 2008.

GOODMAN, Nelson. “When is art?” In: *Ways of worldmaking*. Indianapolis, Indiana: Hackett Publishing Company, 1984. P. 57-70.

GRAEBER, David. *Um projeto de democracia: uma história, uma crise, um movimento.* São Paulo: Paz e Terra, 2015.

GUARANI, Jerá. “Para nós, o futuro é indígena”. Mediação: Renata Marquez. In: MOULIN, Gabriela; MARQUEZ, Renata; ANDRÉS, Roberto; CANÇADO, Wellington. *Habitar o Antropoceno.* BDMG Cultural / Cosmópolis, 2022.

GUIA ALIMENTAR PARA A POPULAÇÃO BRASILEIRA. Ministério da Saúde, Secretaria de atenção à saúde, Departamento de atenção Básica. Brasília: Ministério da Saúde, 2014

GUIMARÃES, César. “Construir outra humanidade, fora da perspectiva capitalista”. In: FERREIRA, Joelson. *As lutas existem pela nossa terra.* Belo Horizonte: editora NPGAU/UFMG, 2022.

GUIMARÃES, Mariana Fernandes Monteiro. *Plantas úteis em comunidades urbanas: A importância das espécies exóticas e do gênero na manutenção do conhecimento e uso dos recursos vegetais.* Dissertação (Mestrado em Ecologia) - Programa de Pós-Graduação em Ecologia de Biomas Tropicais, Ouro Preto, 2016.

HALL, Kevin D.; AYUKETAH, Alexis; BRYCHTA, Robert; CAI, Hongyi; CASSIMATIS, Thomas; CHEN, Kong Y.; CHUNG, Stephanie T.; COSTA, Elise; COURVILLE, Amber; DARCEY, Valerie; FLETCHER, Laura A.; FORDE, Ciaran G.; GHARIB, Ahmed M.; GUO,

Juen; HOWARD, Rebecca; JOSEPH, Paule V.; MCGEHEE, Suzanne; OUWERKERK, Ronald; RAISINGER, Klaudia; ROZGA, Irene; STAGLIANO, Michael; WALTER, Mary; WALTER, Peter J.; YANG, Shanna; ZHOU, Megan. “Ultra-Processed Diets Cause Excess Calorie Intake and Weight Gain: An Inpatient Randomized Controlled Trial of Ad Libitum Food Intake”. In: *Cell Metabolism* 30, 67–77, July 2, 2019.

HALLÉ, Francis; LETOURMEUX, François; CLÉMENT, Gilles. *Espécies exóticas: uma ameaça?* São Paulo: Olhares, 2023.

HARAWAY, Donna. Entrevista realizada por: FAUSTO, Juliana; CASTRO, Eduardo Viveiros de; DANOWSKI, Déborah. Colóquio Internacional Os Mil Nomes de Gaia: do Antropoceno à Idade da Terra, 18 set. 2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?V=1x0oxuhola8&ab_channel=osmilnomesdegaia. Acesso em: 15/09/2020.

HARAWAY, D. “Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes”. In: *Vulnerabilidade.* ISSN 2359-4705, ANO 03 - N05, 2016a.

HARAWAY, Donna. *Staying with the trouble: making kin in the Chthulucene.* Duke University Press, 2016b.

HARAWAY, Donna. Ficar com o problema. Conversa entre Donna Haraway e sua tradutora para o espanhol Helen Torres em maio de 2020. N-1 Edições. Disponível em: https://www.n-1edicoes.org/textos/132. Acesso em: mar/2021.

HARDMAN, Michael; LARKHAM, Peter. *Informal Urban Agriculture: The Secret Lives of Guerrilla Gardeners*. London: Springer, 2014.

HIRATA, Aloísia; ROCHA, Luiz. (2020). Disponível em: https://sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/ufs/RN/Anexos/Organicos_Sistemas_Participativos_de_Garantias_do_Brasil.pdf. Acesso em: 03/10/2023.

IBGE. *Censo demográfico 2010: Características Urbanísticas do Entorno dos Domicílios*. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

IBGE. *Regiões de influência das cidades 2018.* Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

INGOLD, Tim. Drawing, writing and calligrapgy. In Ingold Tim, Lines A Brief History. 2016.

INGOLD, Tim. Antropologia: para que serve? Petrópolis: Vozes, 2019.

IPEA. *Governança Metropolitana no Brasil. Relatório de Pesquisa Região Metropolitana de Belo Horizonte.* Rio de Janeiro: IPEA, 2015.

JACOBS, Jane. Morte e vida de grandes cidades. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2014 [1961].

JARDIM, Mariana. *Ambiente alimentar no entorno dos equipamentos públicos de segurança alimentar e nutricional de Belo Horizonte, Minas Gerais*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós- Graduação em Nutrição e Saúde. Universidade Federal de Minas Gerais Belo Horizonte, Minas Gerais, 2020.

JONES, Frances. “A vez da agricultura urbana”. In: *Revista FAPESP* Edição 310, dez/2021. Disponível em: https://revistapesquisa.fapesp.br/a-vez-da-agricultura-urbana/. Acesso em: 03/03/2022.

KERN, Bruno Cimbleis Alkmin. *Agricultura urbana e agroecologia em Belo Horizonte (MG): uma exploração das informações do cadastro municipal de agricultura urbana.* Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais Belo Horizonte (trabalho de conclusão de curso em Ciências Socioambientais), 2021.

KIMMERER, Robin Wall. *Braiding sweetgrass : indigenous wisdom, scientific knowledge and the teachings of plants*. Canada: Milkweed Editions, 2013.

KINCAID, Jamaica. The Disturbances of the Garden, 2020. Disponível em: https://www.newyorker.com/magazine/2020/09/07/the-disturbances-of-the-garden. Acesso em: 28/09/2023.

KINCAID, Jamaica. Gardening is a Kind of Colonialism, 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?V=swfguau2gbe&ab_channel=louisianachannel. Acesso em: 28/09/2023.

KOPENAWA, Dário; SENRA, Estêvão. Precisamos falar sobre a beleza dos Yanomami. Disponível em: https://www.socioambiental.org/noticias-socioambientais/precisamos-falar-sobre-beleza-dos-yanomami#:~:text=Para%20os%20inimigos%20dos%20povos,a%20sua%20humanidade%20no%20mundo.&text=Viver%20com%20a%20floresta%20%C3%A9,pode%20ser%20fabricada%20em%20laborat%C3%b3rio. Acesso em: 28/04/2023.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami.* São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KOPENAWA, Davi. "Në Ropë". In: GOMES, Ana Maria R; LIMA, Deborah; OLIVEIRA, Mariana; MARQUEZ, Renata (orgs). *Catálogo da exposição Mundos Indígenas.* Belo Horizonte: Espaço do Conhecimento UFMG, 2020.

KRENAK, Ailton. A vida não é útil. São Paulo: Ed. Cia. Das Letras, 2020

KRENAK, Ailton. Encontro mediado por: ALMEIDA, Sandra; MAYORGA, Claudia; GOMES, Ana. "A ciência sempre existiu, assim como a escuridão que devemos atravessar". 17 de agosto de 2020. Disponível em: https://ufmg.br/comunicacao/noticias/ailton-krenak-a-ciencia-sempre-existiu-pois-sempre-houve-a-escuridao-que-devemos-atravessar. Acesso em: 10/10/2020.

KRENAK, Ailton. Em encontro com: GOMES, Ana; MONTE-MÓR, Roberto; CANÇADO, Wellington. O potencial urbano da floresta e o devir selvagem da cidade. 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?V=Wb1k6EwaoBQ. Acesso em: 28/10/2021.

KRENAK, Ailton. "Saiam desse pesadelo de concreto". Mediação: Wellington Cançado. In: MOULIN, Gabriela; MARQUEZ, Renata; ANDRÉS, Roberto; CANÇADO, Wellington. *Habitar o Antropoceno*. BDMG Cultural / Cosmópolis, 2022a.

KRENAK, Ailton. *O futuro é ancestral.* São Paulo: Cia das Letras, 2022b.

KRENAK, Ailton. "Ciclo dos sonhos". 2023. Disponível em: https://selvagemciclo.com.br/ciclo-sonhos/. Acesso em: 04/10/2023.

KUSHNIR, Karina. «A antropologia pelo desenho: experiências visuais e etnográficas», Cadernos de Arte e Antropologia, Vol. 5, No 2 | -1, 5-13, 2016 in Dossiê "Antropologia e desenho" – Revista Cadernos de Arte e Antropologia, v.5, n.2 (2016).

LATOUR, Bruno. "Para distinguir amigos e inimigos no tempo do Antropoceno". In: *Revista de Antropologia da USP*, São Paulo, v. 57, n.1, 2014.

LATOUR, Bruno; STENGERS, Isabelle; TSING, Anna; BUBANDT, Nils. "Anthropologists Are Talking – About Capitalism, Ecology and Apocalypse". In: *Ethnos – Journal of Anthropology*, Routledge, 2018.

LATTUCA, Antonio. "Agroecologia urbana promovendo a transformação social na Argentina". In: *Agriculturas*, março 2018.

LAVE, Jean. *Apprenticeship in critical ethnographic practice*. Chicago: Chicago Univ. Press, 2011.

LAVE, Jean. *Everyday life and Learning*, 15 de março de 2012. Palestra disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=FAYs46icCFs. Acesso em: 10/01/2021.

LAVE, Jean. *Learning and everyday life. Access, Participation and Changing Practice*. New York: Cambridge Univ. Press, 2019.

LEANDRO, Gabriela. “A terra como fundamento”. Mediação: Renata Marquez. In: MOULIN, Gabriela; MARQUEZ, Renata; ANDRÉS, Roberto; CANÇADO, Wellington. *Habitar o Antropoceno.* BDMG Cultural / Cosmópolis, 2022.

LEITÃO, Rodrigo Machado Fernandes; MALTA, Guilherme Augusto Pereira. Definição de zonas de interesse metropolitano como subsídio para o planejamento ambiental na Região Metropolitana de Belo Horizonte. In: *CAMINHOS DE GEOGRAFIA - Revista Online.* Uberlândia-MG, v. 20, n. 71, setembro/2019.

LEVIS, Carolina. Projetar novos mundos de coexistência. Mediação Wellington Cançado. In: MOULIN, Gabriela; MARQUEZ, Renata; ANDRÉS, Roberto; CANÇADO, Wellington. Habitar o Antropoceno. BDMG Cultural / Cosmópolis, 2022.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. Campinas: Papirus Editora, 1989 [1962].

LÉVI-STRAUSS, Claude. “O triângulo culinário”. In: O *cru e o cozido***.** *Mitológicas. 1.* São Paulo: Cosacnaify, 2004.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Entrevista por: EICHENBERG, Fernando. 2005 Disponível em: https://www.youtube.com/watch?V=prgg9g5zuie&ab_channel=fernandoeichenberg. Acesso: 13/06/2023.

LEVY, Renata Bertazzi; CLARO, Rafael Moreira; SICHIERI, Lenis; MONDINI, Rosely; MONTEIRO, Carlos Augusto. “Regional and socioeconomic distribution of household food availability in Brazil, in 2008- 2009”. In: *Rev Saúde Pública* 2012;46(1)

LIMA, Deborah; STEWARD, Angela; RICHERS, Bárbara Trautman. “Trocas, experimentações e preferências: um estudo sobre a dinâmica da diversidade da mandioca no médio Solimões, Amazonas”. In: *Dossiê Agriculturas Amazônicas,* Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciênc. Hum. 7 (2), Ago 2012.

LIMA, Deborah. “Um espaço para outro conhecimento”. GOMES, Ana Maria R; LIMA, Deborah; OLIVEIRA, Mariana; MARQUEZ, Renata (orgs). *Catálogo da exposição Mundos Indígenas*. Belo Horizonte: Espaço do Conhecimento UFMG, 2020.

LONDRES, Flávia.; PETERSEN, Peter; MARTINS, Gustavo (orgs.). *Olhares agroecológicos: análise econômico-ecológica de agroecossistemas em sete territórios brasileiros*. Articulação Nacional de Agroecologia. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2017.

LOPES, Marcela Silviano Brandão; BRAGANÇA, Luciana Souza; PEREIRA, Luiz Eduardo Minks; GUINHO, Luiza da Anunciação. “Parque das ocupações: Da natureza objeto à natureza sujeito”. In: ALMADA, Emmanuel*. Roça grande: diversidade biocultural das cidades.* Porto Alegre: SBEE, 2023.

LOUZADA, M. L. C.; CRUZ, G. L.; SILVA, K. A. A. N.; GRASSI, A. G. F.; ANDRADE, G. C.; RAUBER, F. Et al.” Consumo de alimentos ultraprocessados no Brasil: distribuição e evolução temporal 2008–2018”. In: *Revista de Saúde Pública*, 2023.

MACROZONEAMENTO RMBH. *Plano Metropolitano. Produto 4: Definição das zonas de interesse metropolitano*. MONTE-MÓR, Roberto Luis de Melo (coord). UFMG / Cedeplar, dezembro 2014.

MAGANGA, Matthew. Como conciliar criação pecuária e ambiente urbano? 2022. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/991990/como-conciliar-criacao-pecuaria-e-ambiente-urbano. Acesso em: 22/05/2023.

MAGNI, Claudia Turra; HERZOG, Vivian; BENEMANN, Nicole Weber; BARRETO, Eric; RODRIGUES, Guilherme. “Desenhar para quê? Experimentações antropo éticas em pesquisa e ensino. In: *Áltera – Revista de Antropologia*, João Pessoa, v. 1, n. 6, p. 136- 165, jan. / jun. 2018.

MAIA, Rosemere. “Sobre portas, paredes e afetos: casa, territorialidade e identidade entre os segmentos populares”. In: *Terr@Plural*, Ponta Grossa, v. 6, n. 2, p. 339-352, jul/dez. 2012

MALINOWSKI, Bronislaw. *El cultivo de la tierra y los ritos agrícolas em las islas Trobriand.* Barcelona: Taleres Gráficos Ibero-Americanos S.A, 1977 [1935].

MANCUSO, Stefano. *A planta do mundo*. São Paulo: Ubu Editora, 2021a.

MANCUSO, Stefano. *A incrível viagem das plantas*. São Paulo: Ubu Editora, 2021b.

MANCUSO, Stefano. *A Revolução das Plantas*. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

MANCUSO, Stefano; NASCIMENTO, Evando. Literatura e Plantas. FLIP - FESTA LITERÁRIA INTERNACIONAL DE PARATY. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?V=jmgk2yfzpxs&ab_channel=Flip-festaliter%C3%a1riainternacionaldeparaty.Acesso em: 15/12/2021. Acesso em: 15/12/2021.

MÁRQUEZ, Leonardo. “Agricultura urbana: o que Cuba pode ensinar?” 2012. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/01-78672/agricultura-urbana-o-que-cuba-pode-nos-ensinar. Acesso em: 21/04/2023.

MARQUEZ, Renata. “Quase-etnógrafa-etc”. In: Revista Mundaú, 2020, n. 9, p. 209-233.

MARTINELLI, Suellen Secchi; CAVALLI, Suzi Barletto. “Alimentação saudável e sustentável: uma revisão narrativa sobre desafios e perspectivas”. In: *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 24, n. 11, p. 4251-4261, 2019.

MARTINS, José de Souza. “O futuro da Sociologia Rural e sua contribuição para a qualidade de vida rural”. In: *Estudos Avançados* 15 (43), 2001.

MATOS, Juliana de Paula; MOTA, Ludmylla Souza Elias; HORTA, Paula Martins. “Publicidade de alimentos direcionada à criança e ao adolescente no Brasil: análise longitudinal de denúncias no CONAR”. In: *Ciência & Saúde Coletiva*, 28(7):1959-1970, 2023.

MATTOS, Claudemar; MATTOS DE MENDONÇA, Márcio; MASELLI, Morgana; DEPRÁ, Renata Lúcia Souto Nigro. “Panorama da Agricultura Urbana e a construção de Políticas Públicas no Brasil”. In*: Revista Advir*, 34, 2015.

McCLINTOCK, Nathan; SIMPSON, Michael. “Stacking functions: identifying motivational frames guiding urban agriculture organizations and businesses in the United States and Canada”. In: *Agric Hum Values*. DOI 10.1007/s10460-017-9784-x Springer, 2018.

MEDEIROS, P. M.; LADIO, A. H.; ALBUQUERQUE, U. P. “Patterns of medicinal plant use by inhabitants of Brazilian urban and rural areas: A macroscale investigation based on available literature”. In: *Journal of Ethnopharmacology*, 150, 729–746. 2013.

MELGAÇO, Luísa. “Mapeando Espaços e Saberes da Agricultura Urbana na RMBH”. In: *VII Congresso Brasileiro de Geógrafos*. Anais do VII CBG, 2014.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção.* São Paulo: Martins Fontes, 1996 [1945].

MOK, Hoi-Fei; WILLIAMSON, Virginia G.; GROVE, James R.; BURRY, Kristal; BARKER, S. Fiona; HAMILTON, Andrew J. “Strawberry fields forever? Urban agriculture in developed countries: a review”. In: *Agron. Sustain*. Dev. 2013.

MONTEIRO, C. A., CANNON, G., LAWRENCE, M., COSTA LOUZADA, M. L., PEREIRA MACHADO, P. *Ultra-processed foods, diet quality, and health using the NOVA classification system.* ROME, FAO, 2019.

MONTEIRO, Carlos Augusto. CASTRO, Inês Rugani de Castro. “Por que é necessário regulamentar a publicidade de alimentos”. In: Cienc. Cult. Vol.61 no.4 São Paulo 2009.

MONTEIRO, Carlos. Alimentos Ultraprocessados: o que são e por que evitá-los? Palestra proferida no Seminário Fruto, 2019. Disponível em: https://fru.to/palestrante/carlos-monteiro/.Acesso em: 30/04/2023.

MONTEIRO, Carlos. Entrevista concedida a Isabelle do O'Gomes. Publicado originalmente na revista Sciences & Avenir, França, 30 de janeiro de 2023. Disponível em: https://www.fsp.usp.br/nupens/veja-a-traducao-da-entrevista-de-carlos-monteiro-a-revista-francesa-sciences-avenir/.Acesso em: 30/04/2023.

MONTEIRO, Charles. "Imagens sedutoras da modernidade urbana: reflexões sobre a construção de um novo padrão de visualidade urbana nas revistas ilustradas na década de 1950". In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 27, nº 53, p. 159-176 – 2007.

MONTE-MÓR, Roberto Luís de M. "Urbanização Extensiva e Lógicas de Povoamento: um Olhar Ambiental". In: SANTOS, Milton et. Al. (orgs.) *Território, globalização e fragmentação.* São Paulo: Hucitec/Anpur, 1994.

MONTE-MÓR, Roberto Luís de Melo. "Urbanização, Sustentabilidade, Desenvolvimento: complexidades e diversidades contemporâneas na produção do espaço urbano". In: COSTA, Magela Geraldo; COSTA, Heloisa Soares de Moura; MONTE-MÓR, Roberto Luís de Melo (orgs). *Teorias e práticas urbanas: condições para a sociedade urbana.* Editora C/arte: Belo Horizonte, 2015.

MONTENEGRO, Marcelo; SIMONI, Joana (org.). *Atlas dos Insetos: fatos e dados sobre as espécies mais numerosas da Terra,* HEIRINCH BÖLL. 2021.

MOREIRA, Henrique José da Costa; BRAGANÇA, Horlandezan Belirdes Nippes. *Manual de Identificação de Plantas Infestantes: Hortifrúti.* Campinas, SP: FMC Agricultural Products, 2011.

MOUGEOT, Luc J.A. *AGROPOLIS: The Social, Political and Environmental Dimensions of Urban Agriculture. Earthscan and the International Development Reserach Centre* (IDRC), 2005.

MOUGEOT, Luc J.A. *Cultivando mejores ciudades. Agricultura urbana para el desarrollo sostenible.* Centro Internacional de Investigaciones para el desarrollo: Ottawa, El Cairo, Dakar, Montevideo, Nairobi, Vueva Delhi, Sigapur, 2006.

MOURA, Juliano Avelar; FERREIRA, William Rodrigues; SILVEIRA LARA, Luciene de Barros Lorandi. "Agricultura urbana e periurbana" In: *Mercator*, Fortaleza, v. 12, n. 27, p. 69-80, jan./abr. 2013.

MULLER, Christa. "Plante você mesmo". In: *PISEAGRAMA*, Belo Horizonte, número 09, página 112-119, 2016.

MYERS, Natasha; MIDDELHOFF, Frederike; PESELMANN, Arnika. "Stories are seeds. We need to learn how to sow other stories about plants." In: *Narrative Culture*, Volume 10, Number 2, 2023

NARBY, Jeremy. "Brasil, guardião do futuro". In: *Cadernos SELVAGEM.* Publicação digital da Dantes Editora, Biosfera, 2022.

NASCIMENTO, A. T. A.; SILVA LOMBA, T.; PERUHYPE DE AGUILAR, E.; RIBEIRO EVANGELISTA, A. F.; LUA SANTOS FERREIRA, H. "Diagnóstico e análise das políticas públicas de fomento à agricultura urbana e à produção agroecológica e orgânica em Belo Horizonte e Região Metropolitana". In: *REVISTA BRASILEIRA DE AGROECOLOGIA*, v. 18, n. 2, p. 62–84, 2023.

NASCIMENTO, Evando. *O pensamento vegetal: a literatura e as plantas.* Rio de Janeiro: ed. Civilização Brasileira, 2021.

NETO, Edgar Barbosa; ROSE, Isabel Santana de; Goldman. "Encontros com o 'encontro de saberes'. In: *Revista Mundaú*, 2020, n. 9, p. 12-22

NETTO, Vinicius M. “Jane Jacobs”. In: *Revista Políticas Públicas & Cidades*, v.4, n.2, p.9 – 50, ago./dez. 2016.

NEVES, Eduardo G.; HECKENBERGER, Michael J. “The Call of the Wild: Rethinking Food Production in Ancient Amazonia”. In: *Annual Review of Anthropology*, v. 48, p. 371-388, 2019.

NIXON, Rob. Introduction. *Slow Violence and the Environmentalism of the Poor.* London, England: Cambridge, Harvard University Press, 2011.

NOBRE, Ana Luiza. “Aproximar-se do chão”. Mediação: Wellington Cançado. In: MOULIN, Gabriela; MARQUEZ, Renata; ANDRÉS, Roberto; CANÇADO, Wellington. *Habitar o Antropoceno.* BDMG Cultural / Cosmópolis, 2022.

OLIVEIRA, Luana do Carmo Araujo de; ALVES, Cristiana Guimarães; DALA PAULA, Bruno Martins. “Agricultura urbana e migrações: processos de resistência e interculturalidade”. In: *Revista da Universidade Federal de Minas Gerais*, Belo Horizonte, v. 25, n. 1 e 2, p. 198-223, jan./dez. 2018.

OLIVEIRA, Paulo Victor Hipolito de; OLIVEIRA, Pedro Henrique Hipolito de; MENDES, Wander Luiz de Faria; OLIVEIRA, Muriel Batista de; SORAGGI, Marcus Vinícius. “Verticalização consciente: edificar integrando ao meio urbano”. In: *Revista Interdisciplinar do Pensamento Científico.* ISSN: 2446-6778 Nº 1, volume 1, artigo nº 02, Janeiro/Junho 2015

ONU. *Nova Agenda Urbana. Quito 17-20 outubro 2016.* Organização das Nações Unidas, 2017.

ONU. *World Urbanization Prospects: The 2018 Revision*. New York: United Nations. 2019.

ORNELAS, Gabriel Mattos. *Agroecologia e Regiões Metropolitanas: desafios e possibilidades para a gestão local e regional da RMBH.* Belo Horizonte: Graduação em Gestão Pública (trabalho de conclusão de curso), 2017.

OSSOLA, Alessandro; JENERETTE, G. Darrel; MCGRATH, Andrew; CHOW, Winston; HUGHES, Lesley; LEISHMAN, Michelle R. “Small vegetated patches greatly reduce urban surface temperature during a summer heatwave in Adelaide, Australia”. In: *Landscape and Urban Planning*, v. 209, May 2021

PADOVANI, Vinicius Papatella. *Alcances, limites e interfaces entre o Direito Urbanístico e a Agricultura Urbana.* Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Direito. Belo Horizonte, 2020.

PAIXÃO, Lorena Anahi Fernandes da Paixão; ALMEIDA, Marcelo Oliveira de. “Agricultura urbana no Baixo Onça: cultivando uma região mais produtiva, solidária e sustentável”. In: *Agriculturas* v.9, n2, setembro 2012.

PALLETA, Daniel B.; Marin, Sergio. *Do armazém ao supermercado.* São Paulo: ed. Paulus, 2015.

PALMA, Danielly Cristina de Andrade. *Agrotóxicos em leite humano de mães residentes em Lucas do Rio Verde – MT*. Dissertação de mestrado. Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Saúde Coletiva, Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, 2011.

PALMIERI JÚNIOR, Valter. *A gourmetização em uma sociedade desigual: um estudo sobre a diferenciação no consumo de alimentos industrializados no Brasil.* Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Econômico do Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas. Campinas Fevereiro de 2017.

PARDINI, P. “Amazônia indígena: a floresta como sujeito”. In: *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Ciências Humanas, v. 15, n. 1, 2020

PARROT, Laurent; DONGMO, Clovis; NDOUMBE, Michel; POUBOM, Christine. “Horticulture, livelihoods, and urban transition in Africa: evidence from South-West Cameroon”. In: *Agricultural Economics*, 39(2), 245-256, 2008.

PATAXOOP; Kanatyo; PATAXOOP, Liça. “O Grande Tempo das Águas”. In: GOMES, Ana Maria R; LIMA, Deborah; OLIVEIRA, Mariana; MARQUEZ, Renata (orgs). *Catálogo da exposição Mundos Indígenas.* Belo Horizonte: Espaço do Conhecimento UFMG, 2020.

PAÚL, Valerià; MCKENZIE, Fiona. “Peri-urban farmland conservation and development of alternative food networks: insights from a case-study area in a metropolitan Barcelona (Catalonia, Spain)”. In: *Land Use Policy.* Volume 30, Issue 1, January 2013, Pages 94-105.

PAULA, Maria Elisa de; GARAVELLO, Eduarda. “Sistemas agrícolas e soberania alimentar”. In: KUNSCH, Margarida Maria Krohling; MACHADO, Maria Aparecida de Andrade Moreira (orgs). *Políticas públicas para o combate à fome.* São Paulo: Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária, 2021.

PENSSAN, Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar. *II Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da COVID-19 no Brasi*l. São Paulo, SP: Fundação Friedrich Ebert : Rede PENSSAN, 2022

PEREZ, Julian Helio. *Towards an anthropology of urban agricultura: agriculture and ecology as critical and abandoned componentes of the city*. Thesis submitted to the Departament of Anthropology, Princeton University of qthe requirements for degree of Bachelor of Arts, 2021.

PERONI, Nivaldo; HANAZAKI, Natalia; BEGOSSI, Alpina; ZUCHIWSCHI, Elaine; LACERDA, Victoria Duarte; MIRANDA, Tatiana Mota. “Homegardens in a micro-regional scale: contributions to agrobiodiversity conservation in an urban-rural context”. In: Ethnobiology and Conservation, 2016

PIMENTEL, Spensay. “Pensar cosmopoliticamente”. In: FERREIRA, Joelson Ferreira de. *As lutas existem pela nossa terra.* Belo Horizonte: editora NPGAU/UFMG, 2022.

PINHEIRO, Maristela Calvário; FERRARETO, Luciane Cristina. “Política nacional de agricultura urbana: estratégia para o combate à fome e promoção da Segurança Alimentar”. In: *Fome Zero: uma história brasileira* volume 2, 2010.

POLLAN, Michael. *The botany of desire: our surprising relationship with plants.* New York: Young Readers Edition, 2023.

POMPEIA, Caio. “"Agro é tudo": simulações no aparato de legitimação do agronegócio Agribusiness”. In: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 26, n. 56, p. 195-224, jan./abr. 2020.

POSEY, Darrel. A. “Manejo da floresta secundária, capoeiras, campos e cerrados (Kayapó)”. In: RIBEIRO, Darcy (editor); RIBEIRO, Berta G. (coord.). *Suma Etnológica Brasileira Edição atualizada do Handbook of South American Indians* Vol. 1: Etnobiologia. Petrópolis: Vozes, Finep, 1986.

PRADO, A. C. C. *Estudo Etnobotânico com vistas à sustentabilidade local do distrito de São Bartolomeu, Ouro Preto, MG.* [Dissertação]. Programa de Pós-Graduação em Ecologia de Biomas Tropicais. Departamento de Biodiversidade, Evolução e Meio Ambiente. Universidade Federal de Ouro Preto, 2014.

RANIERI, Guilherme. *Guia Prático sobre pancs: Plantas Alimentícias Não Convencionais.* São Paulo: Instituto Kairós, 2017.

REGALDO, Fernanda. Jardim Produtivo. In: *PISEAGRAMA*, número 6, página 41-44, 2013.

RIBEIRO, Darcy; RIBEIRO, Berta G. *Suma Etnológica Brasileira*
Edição atualizada do Handbook of South American Indians Vol. 1: Etnobiologia. Petrópolis: Vozes, Finep, 1986.

RIBEIRO, Luiz César de Queiroz; MOURA, Rosa; DELGADO, Paulo; SILVA, Érica Tavares da. “Níveis de integração dos municípios brasileiros em RMS, RIDES E AUS à dinâmica da metropolização”. In: *Observatório das Metrópoles*, Rio de Janeiro, 2012.

ROBERT, Pascale de; LÓPEZ GARCÉS, Claudia; LAQUES, Anne-Elisabeth; COELHO-FERREIRA, Márlia. “A beleza das roças: agrobiodiversidade Mebêngôkre-Kayapó em tempos de globalização”. In: *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 7, n. 2, p. 339-369, maio-ago. 2012.

RODRIGUES DOS SANTOS, Maria. “Agroecologia e a luta pela terra”. In: CABRAL DE OLIVEIRA, Joana; AMOROSO, Marta; LIMA, Ana Gabriela; SHIRATORI, Karen; MARRAS, Stelio; EMPERAIRE, Laure. *Vozes vegetais: diversidade, resistências e histórias da floresta.* São Paulo: Ubu Editora / IRD, 2020.

RODRIGUES, Lucas Araújo Dutra. *‘Menos amos e mais glifosato, por favor’: uma análise bibliométrica sobre a produção tecnocientífica dos agrotóxicos no Brasil atual.* Trabalho de Conclusão de Curso (Engenharia Ambiental e Sanitária). Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, 2019

ROSTICHELLI, Michele. Entre a Terra e o Asfalto: *A Região Metropolitana de São Paulo no contexto da Agricultura Urbana.* Dissertação de mestrado em Geografia. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2013.

SÁ, Eduardo. Belo Horizonte (MG): três décadas inovando na agricultura urbana e na agroecologia. Articulação Nacional de Agroecologia, 4 de março de 2021. Disponível em: https://agroecologia.org.br/2021/03/04/belo-horizonte-mg-tres-decadas-inovando-na-agricultura-urbana-e-na-agroecologia/. Acesso em: 14/02/2022.

SALATA, Ricardo; Ribeiro, Marcelo. *Boletim Desigualdade nas Metrópoles.* Porto Alegre/RS, n.15, 2024.

SALATINO, Antonio; BUCKERIDGE. “Mas de que te serve saber botânica?” In: *Estudos Avançados*, 30 (87), 2016.

SAMPAIO, Mateus de Almeida Prado; GIRARDI, Eduardo Paulon; ROSSINI, Rosa Ester (orgs). A “expansão do agronegócio no Brasil”: um dossiê composto por olhares diversos. In: *Confins: Revista franco-brasileira de geografia*, número 45, 2020.

SANDILANDS, Catriona. Botanical colonialism and biocultural histories. Entrevista concedida a Kamea Chayne. Green Dreamer. 2019b. Disponível em: https://www.greendreamer.com/podcast/catriona-sandilands-queer-ecologies. Acesso em: 06/07/2023.

SANDILANDS, Catriona. CIELEMĘCKA, Olga; SZCZYGIELSKA, Marianna. “Thinking the Feminist Vegetal Turn in the Shadow of Douglas-Firs: An Interview with Catriona Sandilands”. In: Catalyst: Feminism, Theory, Technoscience, [S.l.], v. 5, n. 2, 2019a.

SANTANDREU, Alain; LOVO, Ivana Cristina. *Panorama da agricultura urbana e periurbana no Brasil e diretrizes políticas para sua promoção. Identificação e caracterização de iniciativas de AUP em Regiões Metropolitanas Brasileiras.* Brasília, 2007.

SANTILLI, Juliana F. R. *Agrobiodiversidade e direito dos agricultores.* Curitiba: Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Direito da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2009.

SANTOS, Ana Lúcia Mendes dos. *Estudo Químico e Biológico de Cyperus rotundus L. Aclimatada no Amazonas.* Tese (Doutorado em Química) - Programa de Pós-Graduação em Química, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2014.

SANTOS, Djalma Eudes. *A construção social do mercado de alimentos orgânicos na região metropolitana de Belo Horizonte.* Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em

Sociologia (PPGS) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), como requisito para a obtenção do título de Doutor em Sociologia. BELO HORIZONTE 09 de Junho de 2014.

SANTOS, Erika Vanessa Moreira; HESPANHOL, Rosangela Aparecida de Medeiros; MORENO LORENZO, Xiomara A." Agricultura urbana nas cidades cubanas de Camaguey e Cienfuegos". In: *Confins: revista franco-brasileira de geografia*. Número 46, 2020

SAVIAN, Moisés; BOFF, Pedro; BOFF, Mari Inês Carissimi. "Pode a agricultura urbana contribuir para o desenvolvimento de cidades e comunidades sustentáveis?" In: *Research, Society and Development*, v. 10, n. 5, 2021.

SCHERER, Clauber Eduardo Marchezan. "O espaço e o lugar das cidades médias na rede urbana brasileira". In: *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, v22, e202001, 2020.

SEBRAE. *Flores e plantas ornamentais do Brasil*, vol. I. Série Estudos Mercadológicos. 2015.

SERRANO, J. A. "Agricultura periurbana, parques naturales agrarios y mercados agropecuarios locales: una respuesta territorial y productiva a la subordinación del campo a la ciudad". In: *Scripta Nova*, Vol. XIX, núm. 502. Universidad de Barcelona. 2015.

SHIVA, Vandana; ACOSTA, Alberto; LEVY, Eliza; LANASPÈZE, Baptiste. "Qual é a coisa certa a se fazer?" Em: *Cadernos SELVAGEM*. Biosfera: Dantes Editora, 2023.

SILVA, A. J. R.; ANDRADE, L. H. C. "Etnobotânica nordestina: estudo comparativo da relação entre comunidades e vegetação na Zona do Litoral – Mata do Estado de Pernambuco, Brasil". In: *Acta Botanica Brasilica*, 19, 45-60 (2005).

SILVA, Andréa Leme da. SOUZA, Cláudia de; ELOY, Ludivine; PASSOS, Carlos Sousa Passos. "Políticas ambientais seletivas e expansão da fronteira agrícola no Cerrado: impactos sobre as comunidades locais numa Unidade de Conservação no oeste da Bahia". In: *Rev. NERA*. Presidente Prudentev.22, n. 47, pp. 321-347 Dossiê -2019, ISSN: 1806-6755.

SILVA, Geovany Jessé Alexandre da; SILVA, Samira Elias. "Cidade e mobilidade: por um novo desenho urbano no Brasil". In: *Revista CEMG* Belo Horizonte v. 34 n. 3 p. 54-79 jul./set. 2016

SILVA, Marco Antonio Baratto Ribeiro da. *Questão Agrária e Luta pela Terra: a consolidação dos assentamentos de Reforma Agrária do MST no Distrito Federal e Entorno.* Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Política Social da Universidade de Brasília. Brasília, março de 2017.

SILVA, Maria Zênia Tavares. "A segurança e soberania alimentares: conceitos e possibilidades de combate à fome no Brasil". In: *Revista de Ciências Sociais configurações*, 25, 2020.

SILVA, Wellington F.; MARQUES, Douglas J.; SILVA, Ernani C.; BIANCHINI, Hudson C.; ISHIMOTO, Fábio A.; PEREIRA JÚNIOR, Marlon JF. "Diagnóstico da produção de hortaliças na região metropolitana de Belo Horizonte". In: *Hortic. Bras.*, 33(3), Jul-Sep, 2015.

SILVA, Yan Victor Leal da. SILVA, Geisa Gabriela da; GONÇALVES, Carine Silva; SILVA, Shayane Fernandes de Morais da; GUIMARÃES JUNIOR, Márcio; STEPH, Larissa; ALMADA, Emmanuel Duarte. "Quintais urbanos: efeitos da urbanização na riqueza de espécies (resumo)". In: *17º Seminário de Pesquisa & Extensão da UEMG*, 2015.

SILVA, Yan Victor Leal da. *Quintais urbanos: saberes, memórias e resistência.* Ibirité: Universidade do Estado de Minas Gerais (trabalho de conclusão de curso em Ciências Biológicas), 2015.

SILVA, Yan Victor Leal da; THÉ; Ana. "As metamorfoses do MST". In: *Confluências*. Niterói/RJ v.24, n.3 agosto/dez de 2022.

SILVA, Yan Victor Leal da; SILVA, Geisa; GONÇALVES, Carine; SOUZA, Mariana; ALMADA, Emmanuel. “Memórias e saberes nos quintais urbanos de Ibirité”. In: *Quintais: memória, resistência e patrimônio biocultural.* Org: ALMADA, Emmanuel; SOUZA, Mariana. Belo Horizonte: Ed. UEMG, 2017.

SILVA, Yan Victor Leal da; ALVES, Cristiana Guimarães; OLIVEIRA, Luana do Carmo Araujo de; SILVA, Geisa Gabriela da. “Esperançar a cidade: vidas, memórias e lutas em experiências de pesquisa-extensão na RMBH”. In: ALMADA, Emmanuel. *Roça grande: diversidade biocultural das cidades.* Porto Alegre: SBEE, 2023.

SILVA, José Graziano da. *O novo rural brasileiro.* Instituto de Economia. Unicamp, 2002.

SIMÕES, Patrícia Mara Lage. *A alteração do Uso do Solo no Município de Ibirité e consequências associadas.* Belo Horizonte: Programa de Pós-Graduação do Departamento de Geografia da UFMG (dissertação de mestrado), 2007.

SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA. *Da monocultura ao agribusiness: a história da Sociedade Nacional da Agricultura I Sociedade Nacional da Agricultura (SNA)*. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2005.

SONTAG, Susan. *A vontade radical.* São Paulo: Cia. Das Letras, 2015.

SOUZA, Joseane de; BRITO, Fausto. *Expansão urbana de Belo Horizonte e da RMBH: a mobilidade residencial e o processo de periferização, nos anos 80 e 90*. 2002.

SOUZA, Lays Silva de. *Viver e Comer na Cidade: políticas públicas para o abastecimento alimentar em Belo Horizonte (século XX)*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

SOUZA, Mariana Cruz de; OLIVEIRA, Mariana Ribeiro; NADAL, Michele Carla; PAIVA, Patrícia Duarte de Oliveira; REIS, Michele Valquíria dos. “Ornamental plant market in Dona Euzébia – MG: production, commercialization and impact of the COVID-19 pandemic”. In: *Ornamental Horticulture*, v. 28, n. 4, 2022, p. 442-452.

SOUZA, Mariana Oliveira e; CARAJÁ, Adriana Fernandes (Korã), SOUZA, Maria Catarina de; ARRUDA, Aparecida; Mãe Rita (Mametu dya nkise Oiacibelecy); SANTOS, Flávio Henrique de Oliveira; GOMES, Laura Barroso Gomes; ALMADA, Emmanuel Duarte. “Afetos do mato: saberes e práticas de cuidado na Região Metropolitana de Belo Horizonte”. In: ALMADA, Emmanuel. *Roça grande: diversidade biocultural das cidades.* Porto Alegre: SBEE, 2023.

SOUZA, V. C.; LORENZI, H. *Botânica Sistemática: guia ilustrado para identificação das famílias de Angiospermas da flora brasileira, baseado em APG III.* 4ª ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2019.

STEDILE, João Pedro. Entrevista concedida a Fabíola Cidral, Leonardo Sakamoto e Chico Alves. 2023a. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?V=baajcghhy9s&ab_channel=UOL. Acesso em: 05/09/2023.

STEDILE, João Pedro. Entrevista no no Flow #225. 2023b. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?V=g0hr1v6qdaw&ab_channel=flowpodcast. Acesso em: 05/10/2023.

STEENBOCK, Walter; VEZZANI, Fabiane Machado. *Agrofloresta: Aprendendo a Produzir com a Natureza.* Curitiba: Fabiane Machado Vezzani, 2013.

STENGERS, Isabelle. “Uma ciência triste é aquela em que não se dança”. Conversações com Isabelle Stengers. In: *Rev. Antropol.* São Paulo, Online, 59(2), p.155-186, agosto/2016.

STENGERS, Isabelle. *No tempo das catástrofes – resistir a barbárie que se aproxima.* São Paulo: Cosac & Naify, 2015.

STENGERS, Isabelle. “Estamos divididos”. In: *N-1 Edições*, 2021. Disponível em: https://www.n-1edicoes.org/estamos-divididos. Acesso: 10/03/2021.

STEWART, Angela. M.; LIMA, Deborah. M. ’We Also Preserve’: *Quilombola* Defense of Traditional Plant Management Practices Against Preservationist Bias in Mumbuca, Minas Gerais, Brazil. In: *Journal of Ethnobiology*, 37(1):141-165, 2017.

SUBRAMANIAM, Banu. “The Aliens Have Landed! Reflections on the Rhetoric of Biological Invasions”. In: *Meridians*, v. 2, n. 1, 2001

SUBRAMANIAM, Banu. Decolonizing Botany. 25 de jan. De 2022. Https://www.youtube.com/watch?V=rm6cnb3l7jc&ab_channel=Basisgruppenb%C3%bcndnisg%C3%b6ttingen. Acesso em: 20/01/2023.

SÜSSEKIND, Felipe. Natureza e Cultura: Sentidos da diversidade. In: Interseções: Revista de Estudos Interdisciplinares, julho 2018.

TAQUEDA, Carolina. *A etnoecologia dos jardins-quintal e seu papel no sistema agrícola de populações quilombolas do Vale do Ribeira*. Dissertação de mestrado. Departamento de Ecologia do Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo. São Paulo. São Paulo 2009

TAVARES, Maria G. *Um Estudo do Processo de Mudança de Hábitos Alimentares em Belo Horizonte.* Unb, Departamento de Ciências Sociais, Brasília, Mimeo (1976). In: WOORTMANN, Klauss. *Hábitos e Ideologias Alimentares em Grupos Sociais de Baixa Renda: Relatório Final*. Brasília, 1978.

TAVARES, Paulo. “Reparação e cura da terra”. Mediação: Wellington Cançado. In: MOULIN, Gabriela; MARQUEZ, Renata; ANDRÉS, Roberto; CANÇADO, Wellington. *Habitar o Antropoceno.* BDMG Cultural / Cosmópolis, 2022.

TAYLOR, John; LOVELL, Sarah. “Urban home food gardens in the Global North: research traditions and future directions”. In: *Agriculture and Human Values*, 31(2), 285-305, 2014.

TELLES, Liliam. *Agricultura urbana agroecológica: tecendo a história da ação da REDE em Belo Horizonte-MG,* 2009.

TOMCHINSKY, Bernardo; MING, Lin Chau. “As plantas comestíveis no Brasil dos séculos XVI e XVII segundo relatos de época”. In: *Rodriguésia*, v. 70, e03792017, 2019.

TOREN, Christina. “A matéria da imaginação: o que podemos aprender com as ideias das crianças fijianas sobre suas vidas como adultos?” In: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 16, n. 34, p. 19-48, jul./dez. 2010.

TRAMONTANO, Marcelo*. Apartamentos, arquitetura e mercado: estado das coisas.* 2006.

TSING, Anna. Margens indomáveis: cogumelos como espécies companheiras. In: *Ilha* 17 (1), p.178-201, 2015.

TSING, Anna Lowenhaupt. A Threat to Holocene Resurgence Is a Threat to Livability. In: M. BRIGHTMAN; J. LEWIS (eds.), *The Anthropology of Sustainability. Palgrave Studies in Anthropology of Sustainabilit,* 2017.

TSING, Anna. *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno.* Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

TSING, Anna. “Antropoceno mais que Humano”. In: *ILHA Ilha*, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 176-191, 2021 Manuscrito da Conferência de Encerramento da VII REACT – Reunião de Antropologia das Ciências e da Tecnologia. Tradução e Revisão Técnica por Leticia Cesarino e Thiago Cardoso, 2020.

TSING, Anna; et al. Feral Atlas The More-Than-Human Anthropocene. A STANFORD DIGITAL PROJECT, 2020 (https://feralatlas.org/)

TUGNY, Rosangela. “Trajetória biográfica”. In: FERREIRA, Joelson. *As lutas existem pela nossa terra.* Belo Horizonte: editora NPGAU/UFMG, 2022.

TUPY, Igor S.; ALMEIDA, Daniela Adil Oliveira de; MELGAÇO, Luisa. “Notas sobre a produção agrícola na Região Metropolitana de Belo Horizonte: para além da irrelevância, inviabilidade e incompatibilidade”. In: *IX Congresso Brasileiro de Agroecologia – Diversidade e Soberania na construção do Bem Viver*. Vol. 10, n3 de 2015.

URSI, Suzana; SALATINO, Antonio. “É tempo de superar termos capacitistas no ensino de biologia: "impercepção botânica" como alternativa para "cegueira botânica"”. In: *Boletim de Botânica da Universidade de São Paulo*, v. 39, p. 1-4, 2022.

VANDEBROEK, Ina; VOEKS, Robert. “The gradual loss of African Indigenous Vegetables in Tropical America: A review”. In: *Economy Botany*, April 2019.

VAN DOOREN, Thom; KIRKSEY, Eben; MÜNSTER, Ursula. Estudos multiespécies: cultivando artes de atentividade. In: *climacom* [online], Campinas, Incertezas, ano. 3,n. 7, pp.39-66, dez. 2016.

VASCONCELOS, Yuri. “Agrotóxicos na berlinda”. In: *Revista FAPESP*, Edição 271, set. 2018.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. “O agricultor familiar no Brasil: um ator social da construção do futuro”. In: PETERSEN, Paulo (org). *Agricultura familiar camponesa na construção do futuro.* Rio de Janeiro: AS-PTA, 2009.

WANDERSEE, J. H.; SCHUSSLER, E. E. “Toward a theory of plant blindness”. In: *Plant Science Bulletin*, v.47, p.2-9, 2002.

WEGNER, R. C.; BELIK, W. “Distribuição de hortifruti no Brasil: papel das Centrais de Abastecimento e dos supermercados”. In: *Cuadernos de desarrollo rural*, 9 (69), 195-220, 2012.

WEHMANN, Hulda. *Habitar a paisagem: o reconhecimento da experiência estética como direito à cidade.* Tese (Doutorado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Área de concentração: Paisagem e Ambiente. São Paulo, 2019.

WHITAKER, Dulce Consuelo. “O rural-urbano e a escola brasileira (ensaio de interpretação sociológica)”. In: *Retratos de Assentamentos*, n. 11, 2008, p. 285.

WOORTMANN, Ellen. *Herdeiros, Parentes e Compadres.* São Paulo: Hucitec; Brasília: Ed.UNB, 1995.

WOORTMANN, Klauss. “‘Com Parente Não se Neguceia”: O campesinato Como Ordem Moral”. In: *Anuário Antropológico*/87. Editora da Universidade de Brasília/Tempo Brasileiro, 1990.

WOORTMANN, Klauss. *Hábitos e Ideologias Alimentares em Grupos Sociais de Baixa Renda: Relatório Final.* Brasília, 1978.

XAKRIABÁ, Célia. “Corpo-Território”. In: GOMES, Ana Maria R; LIMA, Deborah; OLIVEIRA, Mariana; MARQUEZ, Renata (orgs). *Catálogo da exposição Mundos Indígenas.* Belo Horizonte: Espaço do Conhecimento UFMG, 2020.

XAVIER, M. G. B.; RAMOS FILHO, L. O.; CAMPOS, R. J. B. De; MORICONI, W.; SIQUEIRA, M. F. R.; BEVILAQUA, L. J. “Principais fatores de resistência dos agricultores familiares ao uso do capim colonião (Panicum maximum Jacq) em sistemas agroflorestais”. In: *Cadernos de Agroecologia* – ISSN 2236-7934 – Anais do VI CLAA, X CBA e V SEMDF – Vol. 13, N° 1, Jul. 2018.

ZAAR, Miriam Hermi. “Agricultura urbana e periurbana (AUP) no marco da soberania alimentar”. In: *Sociedade e Território* – Natal. Vol. 27, N. 3, p. 26 - 44. Jul./Dez. de 2015.

Anexos

Anexo I – livreto: Sentir as plantas

SENTIR AS PLANTAS

Mariana Oliveira e Souza

Trabalho de encerramento do curso
Trilhas da Agroecologia, oferecido pela Prefeitura Municipal de Belo Horizonte

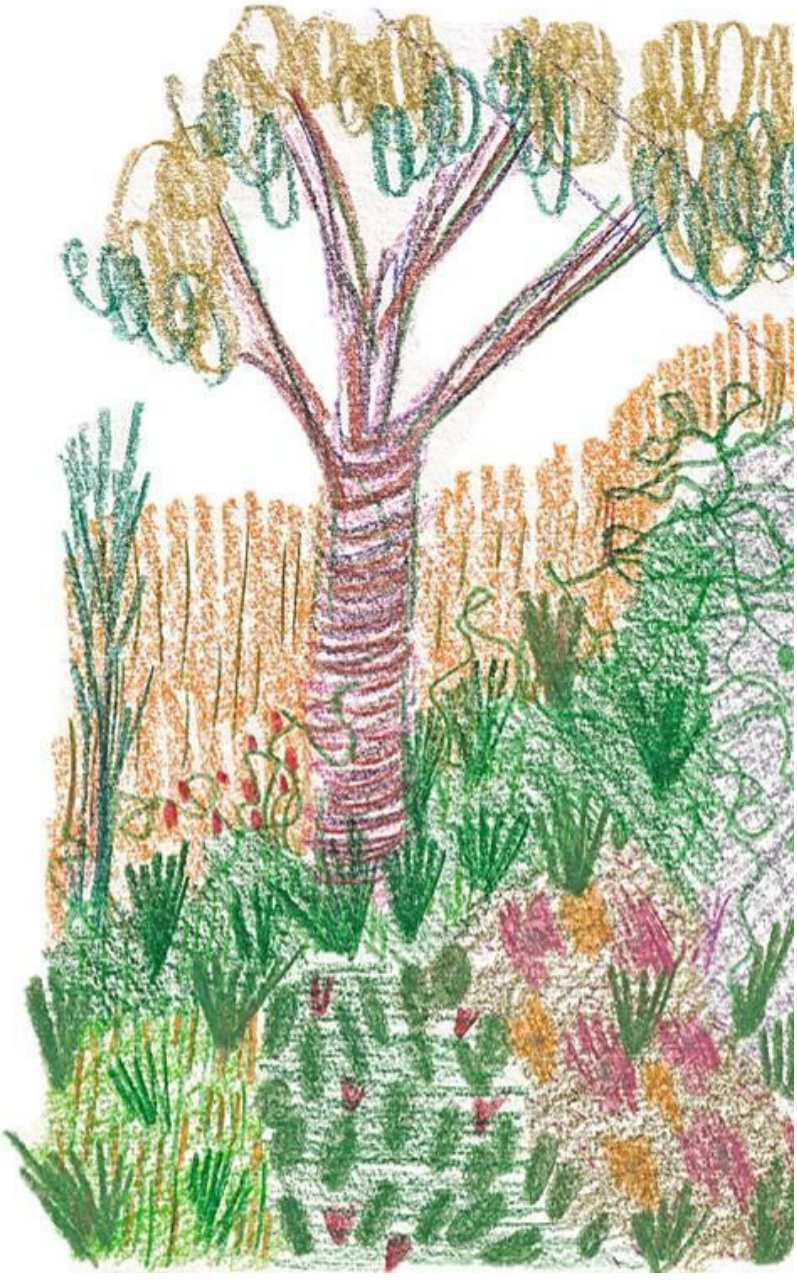
Belo Horizonte
julho/2022

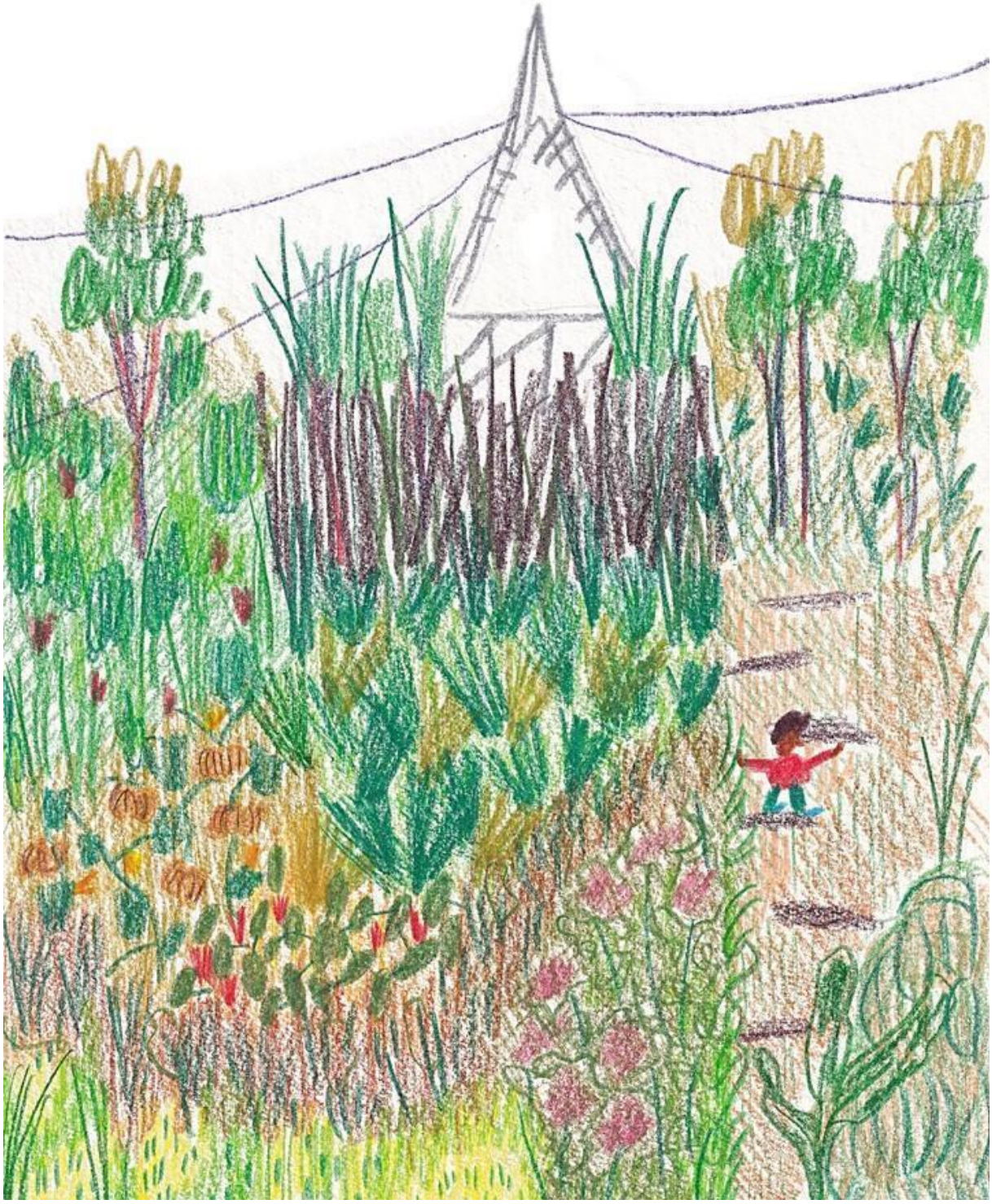
Este livreto se inspira em práticas e saberes presentes em diferentes espaços cultivados na Região Metropolitana de Belo Horizonte em contexto urbano e periurbano. Agradeço todos e todas que com sua criatividade, cuidado e trabalho cotidiano produzem alimento, saúde e beleza em seus cultivos e nos ajudam a sonhar e construir outras formas de habitar o concreto com vida.

Dedico este livreto à agricultora e raizeira
Maria Catarina de Souza (*in memoriam*),
quem tanto me ensinou e inspirou nos últimos anos.

Plantar, torcer e cuidar

Em cada pedacinho por aí há ainda muito o que plantar
para depois colher e contemplar.

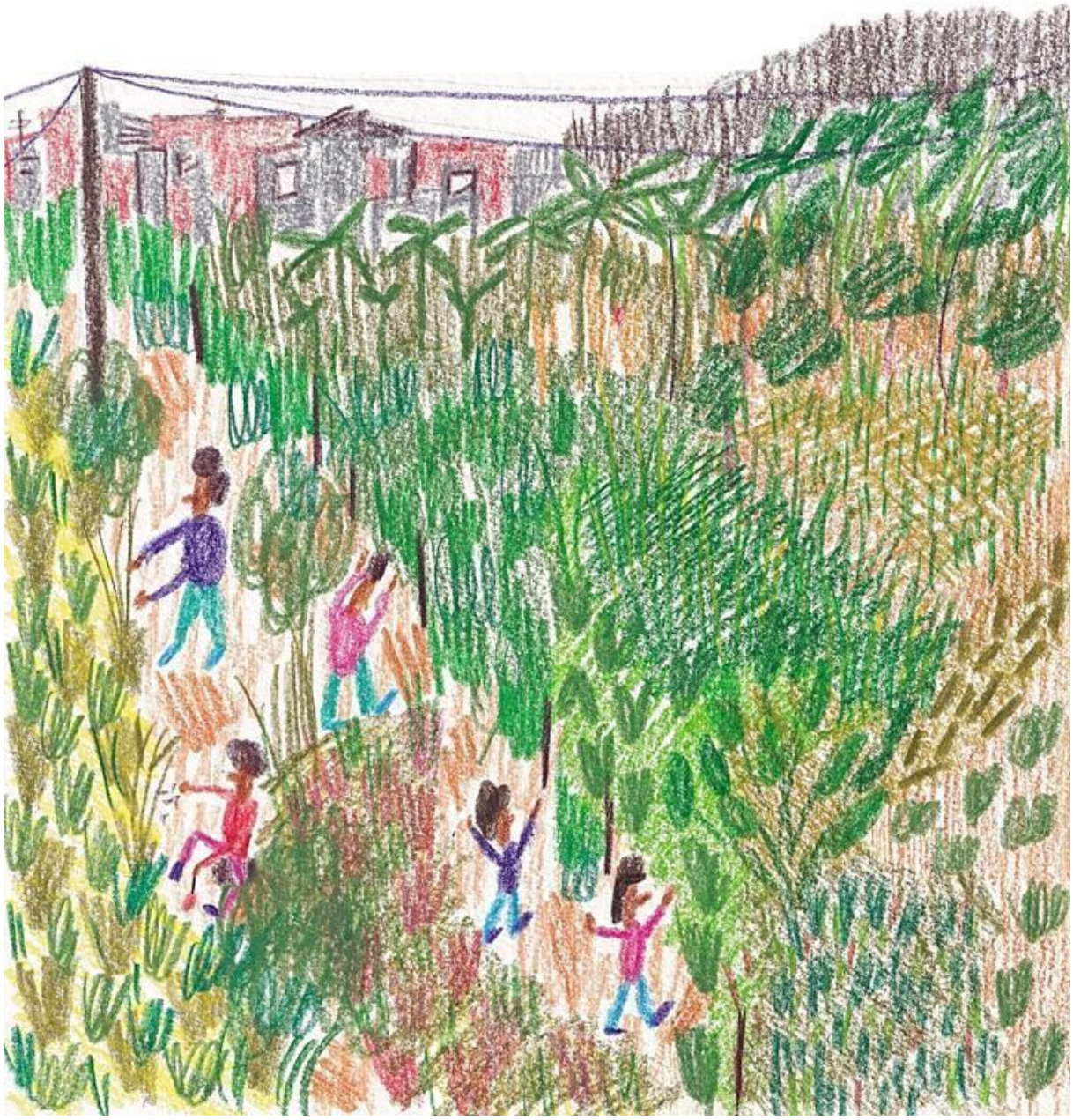




É preciso sentir o que a planta deseja.
É preciso observar para responder melhor.
Talvez essa planta goste de sol, talvez de sombra,
talvez de companhia.

Uma folha seca por ajudar.
Uma terra da composteira.
Uma atenção.

Tem planta que é de comer e de sarar.
Às vezes o que sara é colocar os pés na terra, esquecer, repensar.



Apoio:

Kaipora - Laboratório de Estudos Bioculturais
UEMG

Antropologia na Escola (AnE-NUq)
UFMG

Anexo II – Coleção Cuidar e Plantar a Terra – livretos
Livreto II.1 – As plantas oferecem um cuidado

COLEÇÃO CUIDAR E PLANTAR A TERRA

As plantas oferecem um cuidado
Aparecida Arruda

pesquisa e edição:
Mariana Oliveira

fotografias:
Mariana Oliveira - Cátia Pereira - Phliper Santos

Realização:
Programa Encontro de Saberes UEMG
Kaipora - Laboratório de Estudos Bioculturais UEMG
Antropologia na Escola - NuQ/UFMG

Apoio:
Edital PAEx/UEMG 01/2022
Edital PROEx/UEMG 04/2022

ISBN:
nº 978-65-00-97637-3

setembro
2023

A coleção **Cuidar e Plantar a Terra** é formada por depoimentos de cuidadores e cuidadoras residentes em contexto urbano e periurbano da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH). Cultivados a partir de um cuidado pessoal cotidiano, os espaços que plantam e cuidam com intimidade e criatividade desenham no horizonte paisagens onde a diversidade é percebida como beleza e fartura.

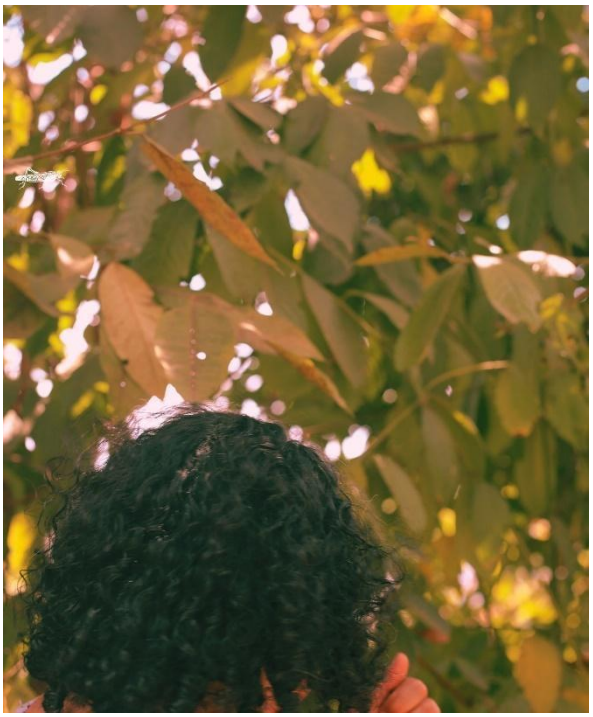
ENCONTRO DE SABERES UEMG · KAIPORA · UEMG UNIDADE MINTE

As plantas oferecem um cuidado
Aparecida Arruda
Ervanário São Francisco, Sabará (MG)

Hoje eu faço uma reflexão que naquela época eu não conseguia fazer. Quando criança morava em uma casinha simples em uma vila com outras famílias onde hoje é o bairro Dona Clara, em Belo Horizonte. Minha mãe era solteira e trabalhava fora como doméstica. Sou a mais velha das filhas e cuidava até de sarar o umbigo dos meus irmãos: ela tinha neném e ia trabalhar três dias depois porque a gente precisava comer.

Lá não tinha terreiro, então eu punha na comunheira da casa as minhas mudinhas, minhas vasilhas com cebolinha e salsinha e quem passava na beira da rua achava bonito. Os nenéns nasciam na vizinhança e era eu que estava ali: "oh Tantinha, vem cá". Eu tinha uns doze-treze anos e dava banho no neném, dava banho na mulher que chegou do hospital, eu cuidava. Para mim isso era normal, mas **hoje vejo que não é: fazia intuitivamente.** Não conheci minha avó materna que sabia das plantas, benzia e era parteira, mas minha mãe falava muito dela.

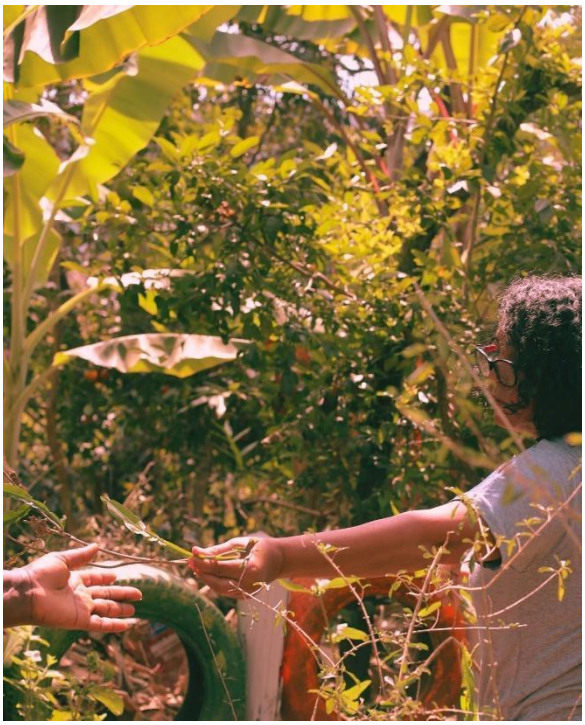
Quando nós chegamos aqui em Sabará em 2010 logo que desci vi a negramina e aquele foi o cheiro da minha infância, porque era uma planta que eu pegava muito para mamãe banhar as pernas. Ia nos arredores e sentia o cheiro das plantas: aprendi a identificar assim. Eu ia descendo com o Fernando aqui pela mata fechada e nós encontramos carqueja, barbatimão, jatobá. **Cada planta que a gente encontrava era uma alegria muito grande, como se fosse aquela companheira antiga.** Uma hora sentamos no chão e choramos juntos: vocês não sabem a alegria que era ter o nosso para preservar.



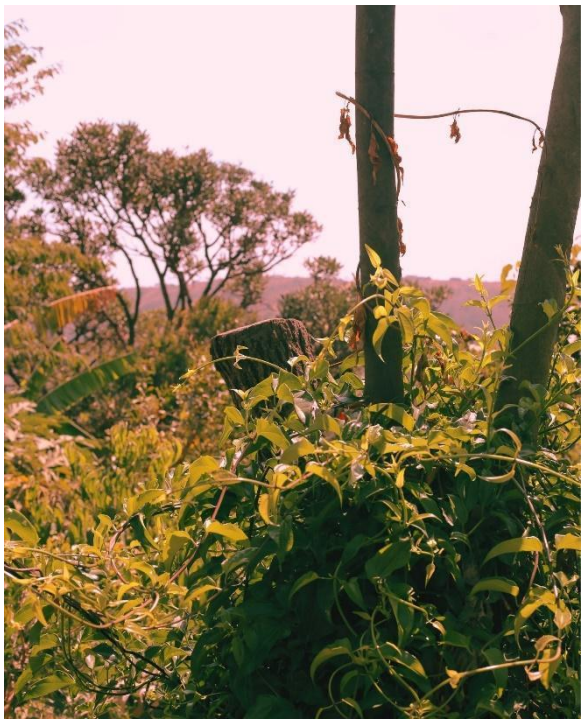
Fernando no começo nem queria saber das plantas, mas foram elas que melhoraram a saúde do nosso filho mais novo e o transformaram. Ele acabou partindo em 2017 pelo problema que tinha nos rins desde novo, mas foram as plantas que o tiraram da tristeza e deram a ele mais anos de vida. O pequeno quintal de 50m2 cheio de entulhos onde a gente morava no alto Vera Cruz, em Belo Horizonte, se transformou em uma farmácia viva que chegou a ter 170 plantas e atendia a comunidade. Hoje lá arborizou tudo, está bonito: olhando de cima é um ponto verde. Foi de lá que veio o desejo de ficar ainda mais perto do cerrado e da terra.

É muito bom plantar e a terra te dar alimento e cura. A planta é um ser vivo que nasce para se desenvolver e que serve a nós se pegar com respeito. Além do que plantamos no nosso quintal em Sabará também nasce serralha, beldroega, dente de leão e quantas outras como embaúba, gabiroba, cipó cravo. Quando chove nasce muita coisa porque a semente estava perdida na terra e eu fico alegre em ver nascer. **Eu valorizo todas as plantas que nos vêm: elas nascem nos oferecendo um cuidado. Cuidar não é apenas plantar, é também observar e preservar o que nasce.**

Eu quero quebrar esse paisagismo padronizado que parece que coloca uniforme nas plantas. A diversidade é excelência, é mistureba. Cores, cheiros, cada folha trabalhada de uma forma, fico contemplando... **A natureza é arte o tempo todo: ela não produz lixo e transforma tudo.** Entro no meio do cerrado seco e esturricado, e nele nasce um cacho de flor. Essa terra era só pedra e areia, mas a transformação já está aqui pois quando dou uma enxadada encontro minhoca e tatuzinho. Se tem ser vivo é porque a terra está boa.



Com a nossa intuição e observação percebemos como a planta comunica com a gente de uma forma muito sutil com seu cheiro, com sua beleza e às vezes aparece em sonho. Quando você começa a se envolver com as plantas, começa a tocar, começa a manipulá-la, preparar o cuidado do outro através daquela planta, você começa a sentir uma conexão tão grande com ela que ela começa a se comunicar com você. Então busque a planta primeiro para você cuidar dela e a partir daí ela começa a cuidar de você.



Livreto II.2 – Vou fazer uma horta ali

COLEÇÃO CUIDAR E PLANTAR A TERRA

Vou fazer uma horta ali
Alexandra Assis

pesquisa e edição:
Mariana Oliveira

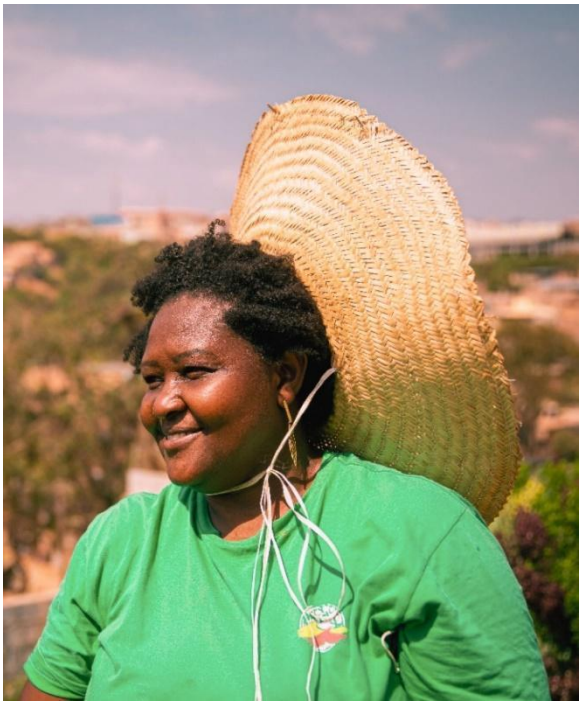
fotografias:
Cátia Pereira - Phliper Santos
Mariana Oliveira - Alexandra Assis

Realização:
Programa Encontro de Saberes UEMG
Kaipora - Laboratório de Estudos Bioculturais UEMG
Antropologia na Escola - NuQ/UFMG

Apoio:
Edital PAEx/UEMG 01/2022
Edital PROEx/UEMG 03/2022 e 04/2022

ISBN:
nº 978-65-00-97637-3

setembro
2023



A coleção Cuidar e Plantar a Terra é formada por depoimentos de cuidadores e cuidadoras residentes em contexto urbano e periurbano da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH). Cultivados a partir de um cuidado pessoal cotidiano, os espaços que plantam e cuidam com intimidade e criatividade desenham no horizonte paisagens onde a diversidade é percebida como beleza e fartura.

ENCONTRO DE SABERES UEMG · KAIPORA · UEMG

Se não existisse agricultura ninguém vivia: ela é parte fundamental do mundo. Plantar é um dom que você nasce e depois é você trabalhar e ficar bom nele. Hoje não me vejo fazendo outra coisa, plantar é o que realmente gosto de fazer. Sou formada em administração, mas nunca exerci a profissão e hoje minha renda é a horta. A horta me deu vida, me deu saúde e me deu esperança. **Não sei viver sem as plantas: são parte de mim.**

A ocupação Paulo Freire existe na região do Barreiro (BH) tem sete anos e nasceu da luta pela terra e pela moradia digna. **Moro aqui desde o começo.** Na minha laje comecei com plantas ornamentais e virou uma floresta. Tinha de tudo, até minha hortinha em vasos. Com a ajuda do meu marido começamos a vender algumas plantas repetidas na rua aos sábados, mas ficava com dó por não saber se a pessoa que comprou ia mesmo cuidar.

O espaço onde fica a horta era para ser um parque para a comunidade, mas nunca mexeram e nunca conseguiram apoiador. **Abandonado acabou virando um bota fora: era só capim colonião e muito lixo, e isso começou a me incomodar. Da minha varanda via e falei: "vou fazer uma horta ali".** Eu já não tinha mais espaço na minha casa para plantar e queria botar em prática o que sabia e o que eu estava aprendendo em cursos. Então conversei com o pessoal do movimento, que super apoiou a ideia.

Em abril de 2021 pedi doação para os que tinha mais intimidade e meu marido que é pedreiro deu as madeiras para cercar. Primeiro fechamos para não entrar mais lixo, nem cachorro e nem nada. Um amigo veio na sua hora do almoço e passou um trator e **então começamos a mexer, roçar, levantar os canteiros, peneirar a terra.**

Embaixo onde estavam os coloniões a terra estava melhor, mas em cima era só lixo mesmo e pedra. Mas **não existe terra ruim: se você joga com carinho, ela melhora**. Na minha casa já tinha um minhocário e dele tirei muita terra. No começo eu e meu marido pegávamos sobras no sacolão e fomos enterrando aqui para ir decompondo e ajudar no processo. E teve também esterco de boi e cavalo que ganhamos, foi uma estercação rica mesmo. Em alguns lugares já tinha minhoca e tatuzinho e no fim a transformação da terra foi até muito rápida.

As primeiras mudas que comprei de hortaliça para a horta foi com o dinheiro do lixo reciclado que tirei daqui. **Muita coisa que plantei eu tinha em casa, como o manjericão, o alecrim e a arruda. Outras continuo ganhando, já que não tem um lugar que eu vou que eu não volto com uma muda.** Lá em Salvador mainha plantava no quintal e sempre tinha quiabo de metro. Aqui na horta tenho o quiabo estrela. O quiabo de metro é maravilhoso, estou para ganhar umas mudas para plantar aqui. Um dia desses tive uma lembrança tão gostosa: na nossa infância, quando era férias de natal, a gente ia para o interior, em uma ilha. Lá ia para a roça buscar mandioca então levava, descascava e ralava para fazer farinha e beiju, eu ficava sonhando com isso.

Aqui ganho muita semente e guardo as mais fortes para plantar depois, como de abóbora e alface. Depois de três gerações a semente é dessa terra. Germinação é uma coisa que pouco agricultor faz, mas eu acho que tem que ter esse tempo: é muito prazeroso você colocar a semente pequeninha e ver crescer. As plantas se comunicam, elas agradecem. Também acho incrível como a terra armazena semente. Aqui aparece muita mamona e o almeirão roxinho. Esse almeirão tinha muito e nem dei conta de catar semente, e agora está brotando um tanto de novo. **A terra tem esse poder de guardar a semente para na época certa ela estourar.**

Na horta tenho um tanto de coisa plantada e revezo o que planto nos canteiros. Se primeiro plantei alface, que dá para fora, quando acaba o ciclo dele planto alguma coisa que dá interno, alguma coisa com raiz profunda ou tubérculos. Tento fazer essa rotação do plantio que é muito bom tanto para terra quanto para produção.

Logo no começo da horta foram sacas e sacas de tomate grande e pequeno, e muito almeirão. **Foi muita fartura**. Muita gente achou que essa horta não ia dar em nada, mas hoje elogiam e compram, pegam doações. Muitos agora comem melhor. Sempre tem muito o que fazer na horta e tem algumas coisas que é preciso fazer a prestação, mas às vezes chego aqui e não quero fazer nada. Eu não tenho essa obrigação de ficar aqui todo dia me acabando para ganhar dinheiro. Eu não quero isso, eu quero sentar aqui e se eu não quiser plantar, eu não planto. **Então a agroecologia é isso: é amor, é vida, é cuidado. E é contemplação: a contemplação é necessária.**

Livreto II.3 As plantas são uma história

COLEÇÃO CUIDAR E PLANTAR A TERRA

As plantas são uma história
Neide Verteiro - Neide Fernandes - Maria Francisca Silva
José Antônio Soares da Silva - Francisco Carlos Pimenta
José Maciel de Souza - José Laurence da Rocha -
José Bento - Geraldo Souza - Ismaldo Porto

pesquisa e edição:
Mariana Oliveira

fotografias:
Cátia Pereira - Mariana Oliveira

Realização:
Programa Encontro de Saberes UEMG
Kaipora - Laboratório de Estudos Bioculturais UEMG
Antropologia na Escola - NuQ/UFMG

Apoio:
Edital PAEx/UEMG 01/2022
Edital PROEx/UEMG 03/2022

ISBN:
nº 978-65-00-97637-3

setembro
2023

A coleção **Cuidar e Plantar a Terra** é formada por depoimentos de cuidadores e cuidadoras residentes em contexto urbano e periurbano da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH). Cultivados a partir de um cuidado pessoal cotidiano, os espaços que plantam e cuidam com intimidade e criatividade desenham no horizonte paisagens onde a diversidade é percebida como beleza e fartura.

UEMG
ENCONTRO DE SABERES
KAIPORA

NEIDE VERTEIRO

Sou do norte de Minas e com uns 18 anos vim para Sabará. **Lá a gente morava na roça mesmo e comia o que plantava.** Plantava arroz, colhia arroz. Plantava amendoim, milho, feijão, tudo isso. A plantação de arroz era a coisa mais linda, plantava era no brejo. Eu falo que era uma vida sofrida, mas era uma vida feliz. Esses dias fiz um arroz em casa que a menina trouxe para mim lá da roça, um arroz vermelho que a minha irmã ainda planta.

A semente crioula que eles chamam hoje naquele tempo era o que a gente fazia. Meu pai, quando colhia as primeiras colheitas, já tirava e falava que era para plantar no próximo ano. Fazia isso com o feijão: guardava sacos. E com milho, amendoim, sempre foi assim. Quando chegou o milho industrializado eu estava lá na roça ainda e lembro da mudança. Foi quando começou a ter os empréstimos em banco e o povo começou a perder tudo.

Acho que todo mundo aqui da horta dos Borges veio da roça. Todo mundo já aprendeu e veio sabendo alguma coisa e é por isso que está aqui até hoje. A horta tem praticamente 20 anos e a associação tem um acordo com o dono do terreno. Antes da horta aqui tinha algumas poucas árvores e era cheio de capim colonião, capivara e assapeixe. Quando mudei para cá ficava só o povo no anzol na beira desse rio afora, mas hoje o rio das Velhas está poluído: até tem peixe, mas não dá mais para comer.

Na horta gosto de plantar tudo que gosto de comer e também nasce muita coisa. O que nasce espero para descobrir o que é e deixo se for alguma coisa útil ou bonitinha. O passarinho também planta, parece até que nasceu para isso. Uma que gosto muito aqui é a alfavaquinha da roça: ela me remete à linguiça caseira de porco que a gente fazia. Fazia o tempero com ela quando matava porco e aí colocava a linguiça na fumaça. A gente nem sabia que era para defumar, a gente só fazia.

Eu posso estar lá em casa chateada, mas venho para cá e esqueço da vida. **Você saber que está colhendo e comer o que você está plantando é muito bom: produzir alimento é a melhor coisa, eu planto e me apaixono. Precisa que mais pessoas se interessem.** Na parte alimentar, alface eu gosto de tudo quanto é tipo, tenho vários. Gosto também de azedinha, peixinho, capuchinha, serralha, maria gondó. Lá em casa no quintal nem cabe mais nada: plantei caqui, abacate, jabuticaba, bananeira. Na janela do meu quarto nasceu uma capeba e virou uma mata: colho e faço farofa. Peguei uma muda de cana na casa da minha irmã e não plantei, só joguei na beirada do muro junto com a pitaia, mas se você reparar como está lá hoje... Lá tem galinha então planta pequena nem tenho, só aqui na horta mesmo: o que aparece de diferente trago para plantar aqui.

Planto de tudo e vou fazendo uma misturada. Gosto de plantar roxo no meio do verde, acho bonito. Este pé de goiaba aqui plantei quando estava grávida do meu menino e hoje ele está adulto. **As plantas são uma história e temos que ter história com as coisas.**

O negócio do agroecológico é a mistura e aqui na horta cada um planta o que é de sua preferência no canteiro. Nosso desafio é comercializar, mas vai dar certo. Alface e couve é o que tem mais saída, mas geralmente de tudo vende um pouquinho. No começo da horta eram umas 30 famílias, mas foi diminuindo e outras se interessaram. Sempre estive na direção, às vezes como secretária, às vezes como presidente. Lembro dos mutirões que eram feitos para cuidar de tudo no começo, das festinhas, das dinâmicas que tinha com o pessoal do CRAS (Centro de Referência da Assistência Social). **Hoje em dia ficaram na horta mais os idosos e vejo o prazer que eles sentem de estar aqui. Na convivência aprendi muito a ver a necessidade deles de trocar ideia e pedir opinião.**

Se estão com problema, muitos vem até mim para ver se consigo ajudar, que seja um tratamento médico, pedido de aposentadoria, um problema que está com o filho. A gente vira psicóloga, amiga, braço direito. Eles confiam para pedir ajuda e eu procuro o CRAS, que é um grande parceiro nosso aqui na horta. Então quando penso na importância da horta, penso muito neles, porque aqui tem um lugar para passar uma parte do tempo e assim vivem melhor e não ficam deprimidos. **Eles estão ali plantando, colhendo, vendendo, conversando. Isso é muito importante para a comunidade e para a sociedade.** Aqui na horta a gente tem uma vida saudável porque quem está aqui está fazendo o que gosta, plantando o que gosta. Eu me sinto feliz em fazer parte da horta e da vida deles, é uma parceria muito boa, graças a Deus. Temos que lutar para ter melhorias na horta e ter uma melhor qualidade de trabalho.

De 2019 para cá acolhemos na horta várias famílias haitianas. Quando eles vieram, nos ensinaram muito sobre a cultura deles e puderam plantar na horta o que eles comiam lá. E como a terra foi generosa com eles. Eles migram muito e a que ficou até hoje aqui plantando e cultivando é a Elizabeth. Ela é uma pessoa muito trabalhadeira e aprendeu em seu país a valorizar plantas que não são valorizadas aqui. Ela planta na horta o que gosta de comer e leva também para os conterrâneos dela. A gente foi aprendendo e entendendo algumas coisas que eles falam com o tempo e a convivência com eles é muito bonita. **É por tudo isso que a horta é tão importante para tantas pessoas aqui.**

Na enchente do começo de 2022 perdemos tudo, a água subiu muito. Nas outras enchentes a água veio e foi embora, mas dessa vez foram dois dias para escoar. Acharam que a gente ia desistir, mas aí o seu Bento, um dos mais antigos, disse assim: "Não dona Neide, isso é coisa da vida. Vamos começar tudo de novo. A gente arruma a cerca e começa a trabalhar". Aí, como é que a gente desiste? **Então acaba, mas a gente faz tudo de novo.**

NEIDE FERNANDES

Na minha casa não tem lugar para plantar... tem um terreiro bem pequeno com tudo cimentado. Não tem jeito de plantar nada, eu moro na beira da br. Estou aqui na horta tem muitos anos. Quando comecei ainda trabalhava fora, mas trabalhava era meio horário de faxineira. Depois que aposentei fiquei foi só aqui mesmo. **Eu adoro mexer na horta, sinto de não aguentar pegar mais. Não consigo plantar mais muita coisa mas quando tenho o que vender, vendo tudo, não fica nada.** Eu já tenho os meus fregueses, é só levar que eles querem. Eu já fico com eles: 'daqui uns dias tem'. Não planto uma coisa só no canteiro não. Plantei alface, plantei salsinha, plantei mostarda, couve picadinha, tudo misturado. Quando planta a alface roxa também no meio fica um canteiro bonito, fica enfeitado. Esta alface aqui está com 15 dias, eu já vou logo começar outro canteiro para não ficar sem ela. Vou plantar também repolho, alho poro, cebolinha. **Eu não planto muito, mas não fico sem plantar.**

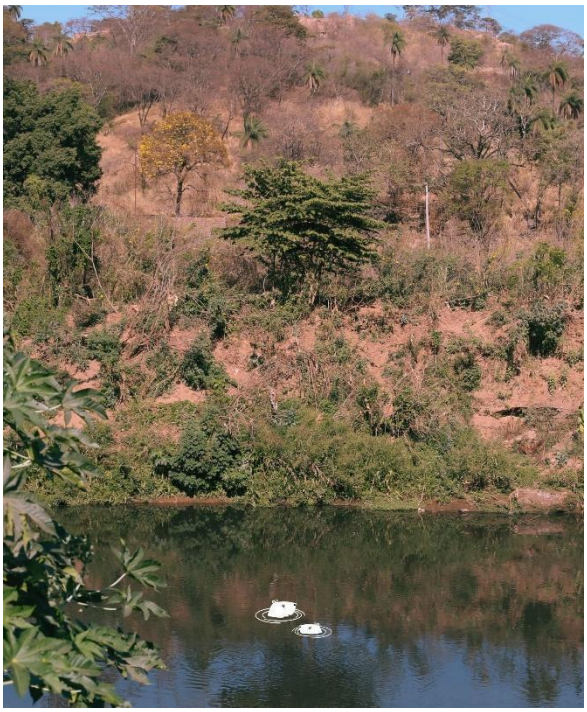
JOSÉ ANTÔNIO SOARES DA SILVA

Nesta parte do rio das Velhas tem muita capivara. Elas não vêm aqui dentro da horta porque tem a cerca, mas elas estão aí. Vai começar a escurecer você já escuta o barulho delas andando e caçando um jeitinho de entrar. Tem sessenta anos que estou por aqui. Já nadei muito nesse rio, subia e descia nadando. O rio era baixinho e plano, e isso aqui era uma praia natural.

Quando chovia a gente pegava um pau leve e fazia jangadinha nele. Mas **tem anos que acabou o rio: interessa para o pessoal é só sujar, cortar e desmatar.** Até para aterrar um pé de mexerica eu tenho dó, porque é casa de passarinho, de marimbondo. E esse ano mesmo, foi muita fruta que deu. Mas tem gente que compra um pedacinho de terra e a primeira coisa que faz é meter a motosserra.

O que planto aqui na horta sei que posso levar e comer sem medo. E o que sobra, se aparecer uma pessoa interessada em comprar, eu vendo. Eu como uma coisa que eu sei que é garantida e ainda salvo um dinheirinho de vez em quando. Quando você planta uma muda, daqui a pouco você vê ela crescendo e isso dá uma alegria tremenda. Você vê uma couve verdinha lá no pé: 'isso está bonito'. **A agricultura é praticamente uma arte: você pega e vai cuidando, tem uma arte para deixar aquilo no ponto.** Tem que ir capinando com cuidado porque se você cortar um pé acabou, já era. É igual uma pessoa tentando fazer um boneco de madeira: ele vai cortando devagarzinho porque se errar o corte, estraga a peça. **Precisa ser com capricho.**

Às vezes você sai de casa nervoso, mas chega aqui na horta e você brinca, acha uma pessoa: você vem para a horta e fica tranquilo. A pessoa suar é bom demais. E como que fico em casa parado? **Está cheio de menino aqui para olhar eles, essa meninada plantada aí. Planta é igual menino, tem que cuidar, não dá para plantar e não cuidar.**



FRANCISCO CARLOS PIMENTA

Quando você planta e vai colher a primeira vez, a satisfação que dá. **A horta é uma terapia para nós e é um colírio para os olhos.** Aqui você não precisa de academia. E é uma arte mesmo, você vai moldando. Igual o pé de couve, você precisa ir tirando os brotinhos menores que vão nascendo para ela crescer. Uma sementinha de alface que coloco na bandeja vejo uma salada na mesa de alguém. Antes tinha aqui mais de três mil mudas em saquinhos, mas perdeu tudo com a enchente. **Mas a natureza leva e volta: já está ficando bonito de novo e vai melhorar ainda mais. É um recomeço.**

GERALDO SOUZA

Se a gente ficar quieto em casa vai morrer mais rápido. **Pegar na terra é bom.**

JOSÉ BENTO

Eu fico mais aqui na horta do que lá em casa, na terra tem muito o que trabalhar. Sempre tem uma coisa para fazer e assim vamos levando, tem que chegar e fazer o que precisa. Cada coisa tem seu tempo de plantar, senão a verdura não sai.

JOSÉ LAURENCE DA ROCHA

Mexer com planta é a mesma coisa que fazer uma moldura. Se você errar um pouquinho, você corta, você estraga. E aquela moldura que você estava fazendo, se você errar ela, você tem que fazer outra.

ISMALDO PORTO

Sou o caçula aqui da horta, entrei tem uns oito meses, mas até já colhi. Moro em Belo Horizonte e estou aqui pelejando para plantar, fazendo capina. Agora plantei feijão e plantei também açafrão, cana caiana, mandioca. Com verdura mexo menos. **Eu chamo aqui de roça. A gente que está nessa idade que está precisa de alguma coisa para envolver nossa mente. É isso que acontece: eu fico aqui e não vejo a hora passar, eu fico feliz.** Mesmo quando eu planto alguma coisa e não dá nada, isso tomou meu tempo e eu estou envolvido com as coisas. Quando estou aqui fico recordando dos tempos antigos, porque **eu nasci na roça, eu sou de João Pinheiro. Lá a gente plantava e colhia muito.** Eu fico lembrando dos meus irmãos, da minha mãe, do meu pai. Lá a gente tinha uma terra e gente fazia criação de gado, de porco, de galinha. A gente plantava, colhia, fazia rapadura. Era um movimento de roça, de tudo um pouco. Gosto que venho aqui e fico capinando, plantando... Plantei milho, colhi muito milho. Está terminando, mas também produziu muito quiabo aqui. Isso aqui é uma terapia, isso aqui é bom demais. Ninguém quer sair de jeito nenhum.

Livreto II.4 – As hortas nos dão confiança

COLEÇÃO CUIDAR E PLANTAR A TERRA

As hortas nos dão confiança
Lúcia Rodrigues

pesquisa e edição:
Mariana Oliveira

fotografias:
Cátia Pereira - Mariana Oliveira - Lucas Bois

Realização:
Programa Encontro de Saberes UEMG
Kaipora - Laboratório de Estudos Bioculturais UEMG
Antropologia na Escola - NuQ/UFMG

Apoio:
Edital PAEx/UEMG 01/2022
Edital PROEx/UEMG 03/2022 e 04/2022

ISBN:
nº 978-65-00-97637-3

setembro
2023

A coleção **Cuidar e Plantar a Terra** é formada por depoimentos de cuidadores e cuidadoras residentes em contexto urbano e periurbano da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH). Cultivados a partir de um cuidado pessoal cotidiano, os espaços que plantam e cuidam com intimidade e criatividade desenham no horizonte paisagens onde a diversidade é percebida como beleza e fartura.

ENCONTRO DE SABERES UEMG · KAIPORA · UEMG

As hortas nos dão confiança

Lúcia Rodrigues
Comunidade Tomás Balduíno, Ribeirão das Neves (MG)

Sou de Santa Maria do Suaçuí e nunca tinha mexido com horta, sempre trabalhei foi de empregada doméstica. Quando você trabalha assim você tem um horário para ir, para largar, para fazer. Era bom, era o que tinha para fazer na época. **Horta é um trabalho totalmente diferente, você pegar numa enxada...** Eu não tinha nada plantado onde eu morava no bairro Fortaleza, só tinha galinha. Nós tivemos aqui o pessoal do Agroecologia na Periferia que começou a fazer hortas nos quintais, e eles conversaram comigo.

A Tomás Balduíno fica em Ribeirão das Neves e já tem nove anos. Antes aqui era uma fazenda que estava há mais de 40 anos sem produzir nada e acabou virando um ponto de coisas erradas. Na ocupação as ruas são bem largas. Não tem rede de esgoto, mas conseguimos convencer os moradores a fazer suas fossas no seu próprio quintal, aí a água é filtrada com círculo de bananeiras. No início fomos ajudando todo mundo nessa parte.

A gente tem muita luta lá dentro, muita mesmo. Um dos projetos que apoia para a ocupação estar lá até hoje é a agroecologia. Tem muita terra nos arredores das cidades que são do Estado e poderiam estar produzindo comida com agroecologia, com agroflorestas.

Tem uns cinco anos que mexo com a horta embaixo da linha de transmissão. A horta do Paulinho tem sete anos a do Felipe tem seis. Começamos mexendo mais longe, aproximou delas foi depois. Como tem a linha não pode ter plantas muito altas. **A horta fez um bem danado para esse espaço que estava abandonado**. Até vizinho que no começo não gostou agora começou a plantar. A gente planta para vender para fora e também fazemos doação dentro da comunidade.

Eu me levanto 4h da manhã, faço café, trato das galinhas, molho as minhas plantas do quintal. Lá tem limão, pé de jaboticaba, mexerica... Tem erva cidreira, gerânio, pata de vaca, ipê roxo, pingo de ouro, um bocado. Depois vou para a horta e vou mexendo aos poucos. **Lá tem vários tipos de ora-pro-nóbis: de árvore, com espinho, sem espinho e de rama. Nasce muita coisa, geralmente espero para identificar o que é e se vou deixar ou não.**

É da horta que tiro a minha renda: organizo as cestas de 15 em 15 dias para o CSA Ora-pro-nóbis, que é comunidade que sustenta a agricultura. O CSA é bom para escoar a produção e ter uma estabilidade. Entregamos a cesta com o que tem na horta, é sempre uma cesta diversificada com coisas de época e que nem sempre quem recebe não está acostumado a comer.

Tem sido meses puxado lá dentro e o que alivia eu e mais dois agricultores de lá são as hortas que a gente tem. As hortas nos dão confiança para continuar lutando e isso segura a ocupação. Esse espaço para mim foi mais do que uma terapia. Quando vêm os cursos, as visitas nas hortas, é muito gratificante. É uma coisa que não tem explicação e como ficar falando, só quem está ali mesmo e participa vê o quanto é bom.

O pessoal vem buscar coisa na horta e muitos cimentaram o quintal. Vou e pergunto: 'por que cimentou seu quintal, seu quintal é imenso'. Infelizmente, é assim...

Fartura primeiramente é Deus, o apoio que a gente recebe, os conhecimentos que são trocados e assim vamos tendo farturas e farturas.

Livreto II.5 – A gente reparte

COLEÇÃO CUIDAR E PLANTAR A TERRA

A gente reparte
Luiz Alves - Cleciana Lima

pesquisa e edição:
Mariana Oliveira

fotografias:
Mariana Oliveira - Cátia Pereira - Lucas Silva

Realização:
Programa Encontro de Saberes UEMG
Kaipora - Laboratório de Estudos Bioculturais UEMG
Antropologia na Escola - NuQ/UFMG

Apoio:
Edital PAEx/UEMG 01/2022
Edital PROEx/UEMG 03/2022 e 04/2022

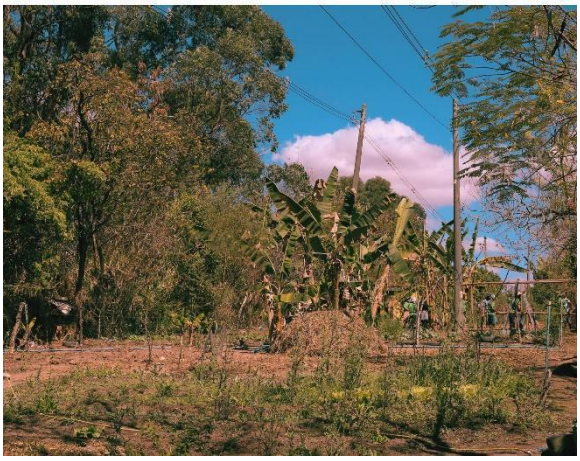
ISBN:
nº 978-65-00-97637-3

setembro
2023

A coleção **Cuidar e Plantar a Terra** é formada por depoimentos de cuidadores e cuidadoras residentes em contexto urbano e periurbano da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH). Cultivados a partir de um cuidado pessoal cotidiano, os espaços que plantam e cuidam com intimidade e criatividade desenham no horizonte paisagens onde a diversidade é percebida como beleza e fartura.

ENCONTRO DE SABERES UEMG · KAIPORA · UEMG UNIDADE IBIRITÉ

A gente reparte
Horta do Petrovale, Betim (MG)
Luiz Alves - Cleciana Lima



LUIZ ALVES

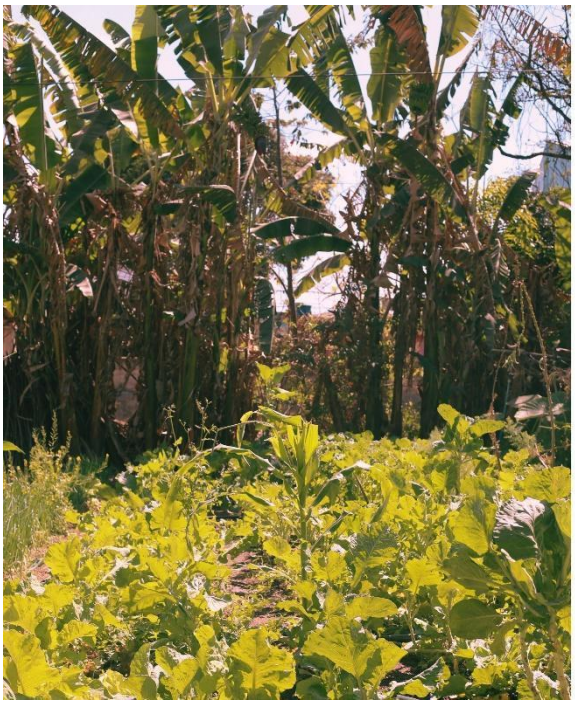
Tem 28 anos que mexo aqui na horta. Isso aqui era um campo de cerrado, aí um tal Pedro Rosa, então presidente da associação, conversou com um pessoal da Petrobrás que autorizou de plantar e aí a gente foi plantando. **Começou foi plantando milho, mandioca, batata, coisas assim que não precisava de água. Depois que veio a água aí já dava para ser horta: plantamos couve, alface e continua até hoje plantando.** Já passamos por muita coisa, de ficar sem água, de perder tudo. Minha filha me ajuda bastante e a gente vai continuando até quando Deus quiser!

A dona Sebastiana também é bem antiga na horta e cuida com a sua família. **Hoje a gente planta repolho, fava, pimentão, milho, um pouquinho de feijão, um pouco de cada coisa: é meio bagunçado.** Agora vieram aqui e deram um direito melhor para nós. Eles colocaram um piquete aumentando a horta e disseram que a gente podia plantar fruta e o que quisesse nesse novo espaço fora da linha de transmissão.

Eu nasci em Ibirité e onde eu moro é Ibirité, mas do outro lado da rua já é Betim. **Nasci ali onde hoje é o bairro Cascata e o lugar que a gente morava chamava fazenda Palmeira. Lá naquela época era uma casinha longe uma da outra e a estrada era os trilhos.** Muita gente da minha família mora lá ainda no local onde minha mãe morou por muitos anos. O lugar onde hoje é a termoelétrica, a Ibiritermo, era uma mata e onde está a Petrobras era tudo fazenda. **A lagoa nessa época era limpa: ia muita gente tomar banho, lavar roupa, pescar.** Hoje tem o tratamento, mas mesmo assim é muito esgoto ainda.

Minha vida quase toda foi mexendo com horta mesmo. Meu pai faleceu e a gente era bem novo quando foi ajudar a família. Desde menino que eu planto horta. Eu tinha um irmão que trabalhava com isso também e ele hoje está com 89 anos. Vou fazer 80 anos, se fosse ruim mexer com horta eu já tinha morrido. Eu mexo todo dia e não é só aqui não. Eu tenho criação, tenho seis vacas, mais para leite mesmo. Todo dia passo o capim na máquina e levo, e daqui para lá dá quase 1 km.

Mexer com a terra dá trabalho, mas é bom. Já teve época que usava agrotóxico aqui: a gente não sabia que fazia mal. Hoje sabemos que aplicando inseticida a produção pode diminuir porque as abelhas e outros bichos que fazem a polinização das flores vão morrendo, então essa área depois vai produzir menos. Tem gente que vê um sapo na lavoura e mata ele: não pode matar! O sapo come uma quantidade de insetos que pelo amor de Deus, como que mata! Calango também, eles vão ajudando. Deixo milho para as maritacas e gralhas comerem. Também tem sorgo que planto para os passarinhos.



Tem muita planta que a gente pode fazer assim: se eu vou plantar uma couve, eu já vou e planto alface no meio. Pode plantar também um coentro no meio, porque alface é uma planta que sai rápido. Eu plantei brócolis, couve-flor e repolho, aí fui e plantei alface e almeirão tudo no meio. A alface já deu foi muita. Acabando a alface eu vou adubar o repolho e cobrir, dá para ir fazendo assim. Eu planto milho, aí na cova dele eu já planto feijão. O milho vai demorar mais, mas o feijão com uns três meses já dá para colher.

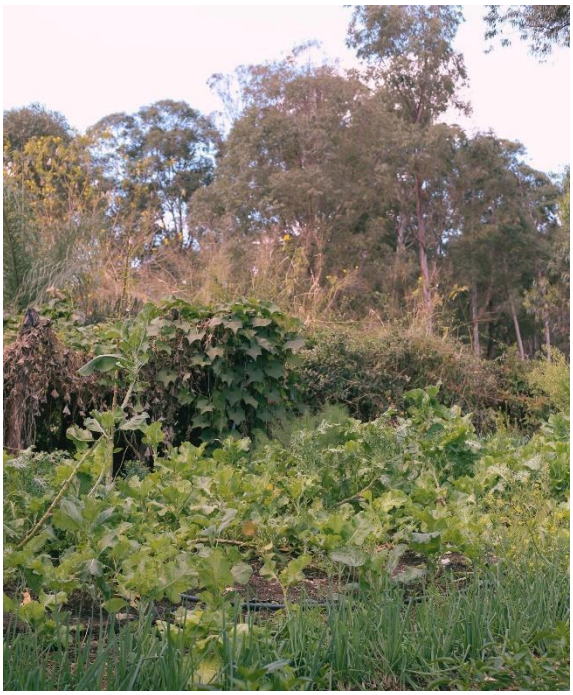
Muita gente chega lá na minha horta e fala que está muito bonita. Eu falo: é porque eu cuido demais, está bonita porque eu cuido muito. Eu sempre cubro com capim, vou mudando onde eu planto... Planto muita coisa. Tenho aqui duas taiobas, da branca e da verde e ganhei uma muda da roxa. Ganho e gosto de ir dando mudas: a gente reparte aí se um dia a gente não tiver, a gente vai ter.

CLECIANA LIMA

Quando começou aqui a horta eu era pequena, tinha uns cinco anos e vinha com meu pai. Conseguimos da refinaria tem pouco tempo um documento que garante o uso da horta: a horta é boa para eles também, pois cuidamos do espaço. Hoje a horta atende 15 famílias e temos um acordo de convivência. Vendemos tanto na própria horta como fazemos entregas pelo bairro. Temos uma clientela local boa pois tem muito tempo que estamos no mesmo lugar, quase 29 anos.

O apoio à horta sempre foi por projetos. O primeiro que teve eles passavam maquinário, davam sementes, faziam adubação química. Agora estamos em transição agroecológica com o apoio da CDM (Cooperação para o Desenvolvimento e Morada humana) e depois queremos a certificação orgânica.

Uma alface com adubo químico com 15 dias você colhe. Quando a produção é em larga escala eles priorizam muito essa questão de tempo, mas estamos falando aqui é de ter qualidade e saúde. De tudo, se você for olhar bem, o agrotóxico é pior ainda do que a adubação química, porque ainda que a adubação química não seja a ideal (o que a gente sabe que não é), pelo menos você está jogando é um composto de coisas já presentes no ambiente mesmo. Mas o agrotóxico é muito mais problemático, porque você está colocando um pesticida em um alimento que vai ser consumido. Aí, além de matar os insetos, você está se envenenando também.

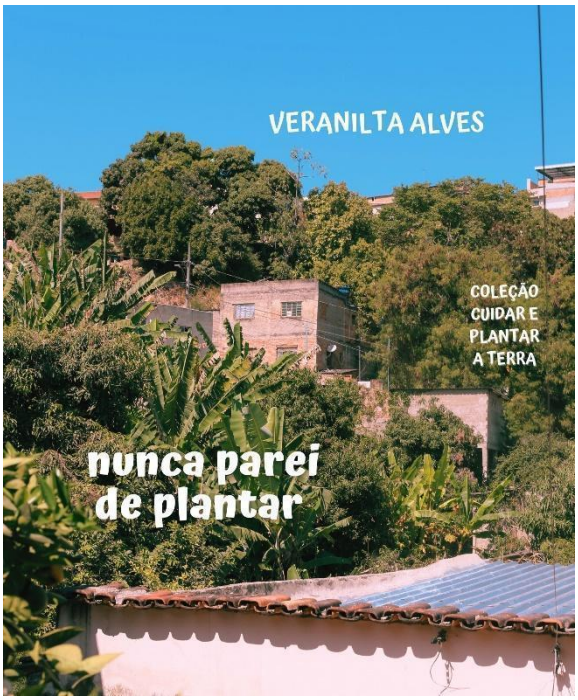


Meu pai adora quando falam que a horta está bonita. Nesses 28 anos já teve muita coisa que a gente não achou que ia dar, mas deu bem. E coisa que a gente achava que ia muito bem, e não deu. Couve-flor mesmo, é difícil de dar lá. Já o café, um pé bem pequeno, produz demais. Tem que ir vendo bem na prática o que dá certo e o que precisa.

Banana verde, ora-pro-nóbis, capuchinha e outras são muito fartas aqui, não faz sentido não consumir. **O que era coisa tradicional de qualquer horta hoje virou uma coisa chique com as PANCs (Plantas Alimentícias Não Convencionais). O pessoal do interior sempre comeu essas coisas.** Até umbigo de banana é exótico para quem nunca foi criado com isso.

Aqui na horta aparece gavião, anu branco. Os teiús sempre voltam para se reproduzir perto das bananeiras. A gente que invade o espaço deles. Tinha um lugar lá ao lado da horta que era um lixão. Em parceria com a CDM em 2022 conseguimos solicitar que a prefeitura limpasse o lugar e organizamos uma ação para plantio de árvores. Plantamos Ipê, ipê-mirim, quaresmeira, pitanga. Lá é só eucalipto e tem muitos animais. Os micos atravessam por cima dos fios e vão comer abacate na minha casa, vão na casa do vizinho comer manga. Se lá começar a ter mais fonte de alimento para eles, não vão precisar passar por isso. Então vamos plantar outros tipos de árvores mais para o outro lado, em direção aos eucaliptos .

Livreto II.6 – Nunca parei de plantar



COLEÇÃO CUIDAR E PLANTAR A TERRA

Nunca parei de plantar
Veranilta Alves

pesquisa, edição e fotografias:
Mariana Oliveira

Realização:
Programa Encontro de Saberes UEMG
Kaipora - Laboratório de Estudos Bioculturais UEMG
Antropologia na Escola - NuQ/UFMG

Apoio:
Edital PAEx/UEMG 01/2022
Edital PROEx/UEMG 04/2022

ISBN:
nº 978-65-00-97637-3

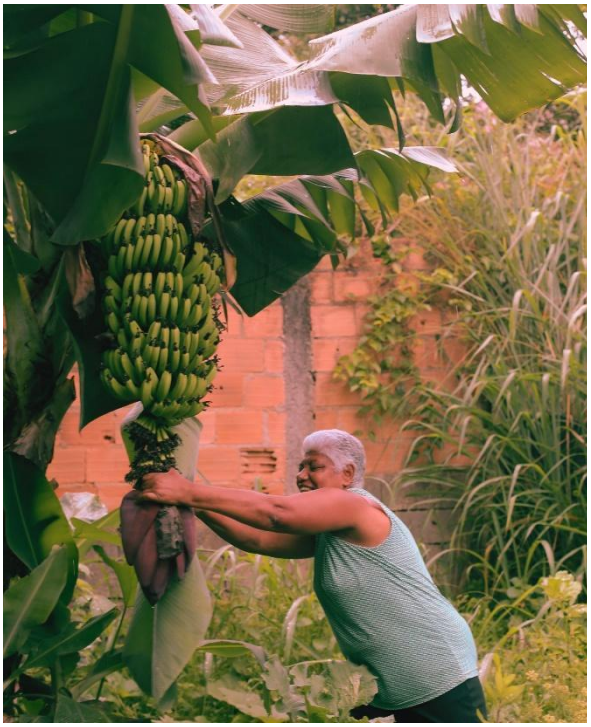
setembro
2023

A coleção Cuidar e Plantar a Terra é formada por depoimentos de cuidadores e cuidadoras residentes em contexto urbano e periurbano da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH). Cultivados a partir de um cuidado pessoal cotidiano, os espaços que plantam e cuidam com intimidade e criatividade desenham no horizonte paisagens onde a diversidade é percebida como beleza e fartura.

Nunca parei de plantar
Veranilta Alves
Quintal e horta no Ribeiro de Abreu, Belo Horizonte (MG)

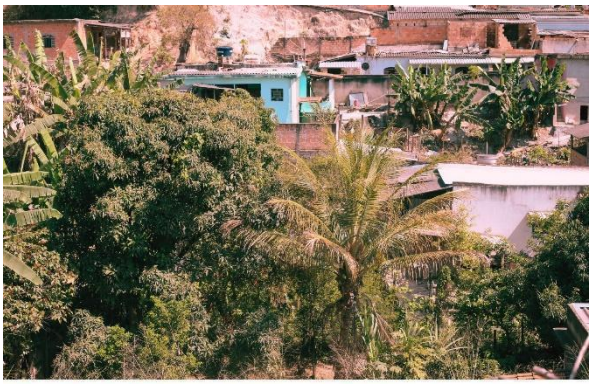
Moro em Belo Horizonte tem 35 anos, mas sou de Coronel Murta, no Vale do Jequitinhonha. Lá minha mãe trabalhava na roça e meu pai em lavra. Eu ia na roça com a minha mãe desde pequena: ficava embaixo do pé de mandioca olhando minha irmã enquanto ela ia plantando. Lá não tinha hortaliça, agora que o pessoal está aprendendo a plantar. Plantava e comia era mandioca, milho, feijão, arroz, mamão verde cortadinho, abóbora, quiabo. **Então desde pequena que mexo com horta, não vivo sem a terra não.**

Quando eu cheguei aqui em Belo Horizonte em 1979 eu fui morar em um barracãozinho e eu fiquei perdida com isso. Não tinha uma cebolinha, não tinha nada. Fui trabalhar com uma menina e perguntei a ela: 'onde eu consigo uma mudinha de cebolinha?'. Aí ela: 'ah, eu vou trazer para você', ela era de Sabará. Ela trouxe e eu plantei em uma bacia, e plantei também salsa e um pé de couve. **Ganhava uma muda e ia plantando.** Eu morava em um cômodo só, não tinha lugar, então plantava tudo em vaso.



Em 1983 eu comprei aqui no Ribeiro de Abreu. Foi um sacrifício, mas meu pai aceitou e compramos. Eu vim primeiro, construí três cômodos e aí trouxe meus pais. Quando mudei o ônibus nem vinha aqui, era só lá embaixo na br. A luz era emprestada de uma casa lá de cima. **Aqui tinha muito mato e córrego próximo, e era tudo caminhos, não tinha rua.** Foi ter rua foi quando o Patrus ganhou como prefeito e aí veio o orçamento participativo. **Ficamos sempre lutando e cobrando, tudo eu participava.**

Quando minha mãe chegou a primeira coisa que fez aqui foi plantar, ela gostava. Ela já chegou e falou: 'vou fazer uma horta'. Aqui nem tinha água, mas ela ia guardando a mais limpa de quando lava a roupa para molhar o quintal. A primeira coisa que plantou foi mandioca, que era o costume da gente lá, e também feijão andu, milho e arroz, tudo de lá: era o que tinha para plantar. Aqui era um brejo e colhemos quase uma saca de arroz. **Minha mãe também começou a criar galinhas porque a gente tinha lá na roça. Até porco já criamos aqui, agora nem pode mais. Lourdinha minha vizinha tinha vaca: a gente comprava leite era na mão dela. Minha mãe e meu pai faleceram, e eu continuei plantando.** Eu nunca parei de plantar, eu toda vida plantei. Minha filha gosta de comer milho assado? Planto. Gosto de comer o feijão verde? Planto. Tem quiabo? Planto. Eu vou plantando.



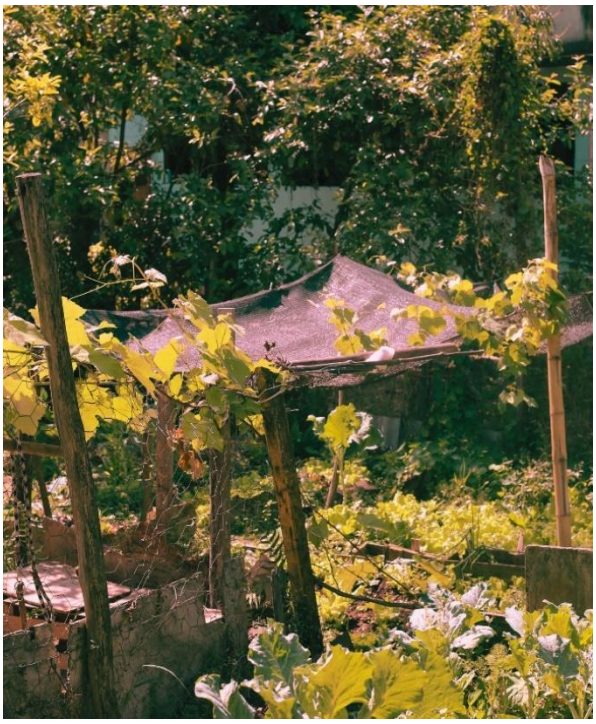
Eu já plantava mas eu nunca vendia: eu doava aquelas sacoladas. Em 2011 para 2012 o Daniel da REDE veio fazer um trabalho aqui de levantamento de quintais. Ele falou como colher para vender, levava os ovos e vendia, foi bom. Comecei foi vendendo cesta e depois que começou a ter feira eu ia de metrô levando as coisas para o Santa Tereza (BH). Eu continuei nisso e estou lá até hoje. Aqui no Ribeiro de Abreu todo mundo tem um quintal, então um ovo ou alguma coisa que tem dos vizinhos eu levo para a feira para vender para eles. **Conheço muitos moradores antigos e cada um faz uma coisa, aí vamos inteirando. É através das plantas que eu vou seguindo a vida e sendo reconhecida.** Sou aposentada e é com a feira que eu ajeito as coisas. Levo o que está tendo, tudo que tem eu levo um pouco.

Então esse tamaninho aí de horta, já me ajudou demais, muito mesmo. Como o espaço é pequeno a terra fica cansada de muito cultivar, então faço rodízio com os canteiros, jogo esterco, capim e folhas para cobrir, faço compostagem em caixa, minhocário, tudo para a terra continuar boa. Encontro sempre minhoca e tatuzinho na terra. De manhã molho as duas hortas. A tarde muitas vezes meu marido molha uma e eu molho a outra. A gente limpa, forra os canteiros, afofa. **Fico feliz demais com as plantas, nem gosto de ficar muito tempo fora de casa: fico ligando para saber se molhou e se deu comida às galinhas.**

É muito importante a planta porque ela dá sombra, dá vida, dá alimentação. Eu não sei viver sem mexer na terra. Eu gosto de plantar e eu gosto de trocar. Em cada lugar vamos levando e trazendo sementes. Eu também guardo semente, até já fui guardiã. Ganho muita muda, às vezes nem tenho mais onde plantar, mas aí vou dando. Coentro, mostarda, almeirão e salsa deixo dar semente e quando chove elas brotam na terra. Outras vou tirando para plantar depois.

Eu sempre converso com as plantas, converso com todo mundo: "olha como está bonita, Deus abençoa". Peço para vingar e ficar sadia. Precisa pedir a Deus para nascer bem, não é a gente. Quando estou pegando, pego só um pouco e agradeço, "obrigada". Quando está cheia de pulgão eu cuido e peço para ficar boa. Aqui nasce muita coisa, tudo é de tempo, é Deus que dá. Maria gondó vem mais quando chove e de setembro para frente nasce muita serralha, beldroega, vinagreira. Essas que saem e são comida e remédio me ajudam muito. O povo fica: 'ô dona Vera, arruma maria gondó pra mim'. Aí eu digo: 'isso daí não adianta plantar, é Deus que me dá, do jeito que ele quer, no dia que ele quer, não é a gente. Não adianta plantar, não nasce'.

7



O ser humano tem mania de cimentar tudo, mas ninguém vive sem a terra. A gente nasceu com a terra e nela vamos morrer. Hoje os pais estão criando os filhos com medo de galinha, de cachorro, de terra, de porco... os pais precisam ensinar que isso faz parte também: precisa ter os bichos, as plantas, precisa plantar para comer. Tem criança que acha que o ovo vem do sacolão. As pessoas não têm essa coisa de plantar e por isso o grande ganha muito, porque ele bate muito veneno, exporta o bom e o ruim fica para nós. As escolas tinham que ensinar mais as crianças a plantar e cuidar das plantas.

Gosto de fazer mudas na caixa de leite para incentivar os outros a plantar: quando dá já produzindo, a pessoa cuida mais. **Acho que se tivesse mais terra, mais gente na cidade plantava, mas também tem gente que tem terra mas não planta.** E tem gente em favelas e comunidade que não tem espaço, mas você vê plantando. Queria muito fazer um projeto para ensinar as crianças a plantar em pequenos espaços. Não é porque você não mora em uma casa que você não pode plantar uns dois pés de couve, cebolinha, salsinha, coentro e um pé de jiló. **Tudo que você planta dá um tiquinho. Eu gosto muito de mexer com a terra. A agricultura é um pouco de tudo: é terapia, é arte, é vida.** Você plantando você sente que está bem: plantar é tudo na vida da gente. É uma alegria você amanhecer e ver que tem uma planta bonita, saiu um tomatinho, ver a flor bonita da vinagreira, ver o alecrim crescer... Tudo isso é uma vida.

Livreto II.7 – Cada pedacinho é bem aproveitado

COLEÇÃO CUIDAR E PLANTAR A TERRA

Cada pedacinho é bem aproveitado
José Adão

pesquisa, edição e fotografias:
Mariana Oliveira

Realização:
Programa Encontro de Saberes UEMG
Kaipora - Laboratório de Estudos Bioculturais UEMG
Antropologia na Escola - NuQ/UFMG

Apoio:
Edital PAEx/UEMG 01/2022
Edital PROEx/UEMG 03/2022 e 04/2022

ISBN:
nº 978-65-00-97637-3

setembro
2023

A coleção **Cuidar e Plantar a Terra** é formada por depoimentos de cuidadores e cuidadoras residentes em contexto urbano e periurbano da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH). Cultivados a partir de um cuidado pessoal cotidiano, os espaços que plantam e cuidam com intimidade e criatividade desenham no horizonte paisagens onde a diversidade é percebida como beleza e fartura.

Cada pedacinho é bem aproveitado
José Adão
Comunidade Vitória, Belo Horizonte

ENCONTRO DE SABERES UEMG · KAIPORA · UEMG

Eu toda vida mexi com horta. Sou lá do Norte de Minas, de Coração de Jesus, um lugar muito seco. Sempre a gente mexia, só que lá mexia era com produto químico. Também já trabalhei em transportadora, em fábrica de esmalte de unhas, já trabalhei de vaqueiro. Vim pra Belo Horizonte em 1993 porque minha mãe morava aqui. Vim e fiquei, eu não conhecia minha mãe. Depois que mudei pra cá fui para o bairro São Benedito e lá a gente pagava aluguel. **Minha esposa arrumou uma bacia de plástico e começou plantando uma cebolinha.** Quando surgiu esta ocupação aqui em 2013, viemos. Não tinha rua, não tinha nada, mas só via mais gente chegando e aumentando. Em 2014 apareceu o Agroecologia na Periferia por aqui.

No quintal de casa eu plantava, mas lá ainda usava adubo químico e agrotóxico. Pegava um canteiro e fazia ele só de alface, outro plantava só cebolinha, e assim ia. Um dia o João Portella estava aqui e disse: 'ô Adão, você planta muito separado assim? É bom plantar com variedade'. **Eu comecei a plantar misturado e achei interessante.** Claro que não é plantar tudo junto. Por exemplo, nesse canteiro aqui eu vou plantar coentro e alface: como a alface sai primeiro, quando ela sair não vai atrapalhar ele. **Vou plantando salteado assim, porque assim um não atrapalha o outro e cada pedacinho é bem aproveitado.** Tem coisa aqui que eu mesmo nem sei: vou ganhando, vou plantando e vai nascendo.

Um dia, tem uns cinco anos, a gente estava fazendo um negócio de combate à dengue e neste terreno aqui tinha lata, pneu, água parada. O terreno estava parado: ia ser um posto de saúde mas acabou que não fez, ficava muito longe. Conversando falaram que podia pegar, aí **juntei uma turma e fizemos um mutirão para limpar e capinar.** Esse pedaço ficou um lugar bom para fazer uma horta e foi assim que começou. Antes tinha mais gente trabalhando, mas como a renda está pouca ficou mais eu e a minha esposa, a Ana. Antes também tinha os jovens, mas agora eles estão na Escola Agrícola.

Recebemos apoio da prefeitura com as mudas e esterco. Recebo também folhas dos bombeiros que uso para fazer cobertura do solo. Já tive apoio da REDE, Manuelzão, Emater, do Agroecologia na Periferia. Em casa tenho minhocário e uso o chorume no quintal e na horta. Também gosto de deixar caldo de cana fermentado para jogar diluído nas plantas, elas gostam. Não ligo muito para isso de época de plantar não, vou plantando. **A terra aqui já era boa quando começamos a mexer e agora está melhor ainda. Vai mexendo com esterco, vai mexendo mais na terra, tem mais folha: isso vai chamando a atenção das minhocas.** Para mim mexer com a terra é um trabalho especial. Tem que gostar: se você planta mas não gosta, elas não vão pra frente. Converso com as plantas e vivo aqui na horta.

Molho as plantas lá no quintal e aí desço para a horta. Tem dia que não faço nada, mas horta tem serviço toda hora que você olhar. Tem dia que pego cedo, mexo o dia inteiro, sobra para o outro dia e não termina ainda. Mexo nos canteiros, coloco esterco, afofo, planto... **a minha análise é no olho para saber o que está precisando de fazer e o que não está**.

Eu gosto de ficar na horta. Sou aposentado e mexo para ter uma renda extra e para não ficar muito tempo parado. Quando começamos aqui na horta, deixamos todas as árvores que já estavam. Queremos fazer uma parte agroflorestal em uma área que tem aqui próxima e lá vai ser mais árvores frutíferas, nativas e quero também abóboras.

Hoje em dia estamos mais é doando direto para cozinha comunitária que abriu em julho de 2022. **Eu acho bonito pegar um pé de alface e mandar para lá porque eu sei que aquilo dali não vai ser só para uma pessoa e elas vão saber de onde veio, que foi bem cuidada.** Antes aqui na comunidade pegava muita doação de cesta básica, mas agora diminuiu demais, então o que vem de doação de fora vai direto para a cozinha. Minha esposa ajuda na produção de marmitas e cada dia tem uma turma para fazer a comida para uma variedade de gente que vai pegar.

Nesses encontros que costumam ter sempre pego semente do que tem de diferente e eu ainda não tenho, como a de almeirão com a folha amarela que plantei aqui. Quando a comunidade recebe doação para a cozinha solidária, **o que vem de semente diferente eu planto. Nem sempre sei o que é, mas fico esperando para descobrir**. Os vizinhos também deixam mudas aqui, essa mandioca mesmo foi meu vizinho que trouxe. Se eu te falar uma coisa você não acredita: eu gosto muito de plantar e cuidar com o maior carinho, mas não gosto de comer folha não. Eu até como, mas não é aquela coisa que eu gosto de comer. De fruta eu gosto.

A gente gosta de plantar muito tipo de coisa e já tem tempo que planto tudo misturado. No quintal tem gengibre, manga, laranja, couve, abacate, limão taiti, limãozinho cravo, limão capeta, açafrão. Tem cana e tem um engenho para moer. Tem muita coisa que vem do quintal para a horta e da horta para o quintal. O que é folhagem deixo dar semente e onde elas caem vai nascendo mais, nem precisa plantar. Com o tomatinho também faço isso e aí ele está sempre nascendo. Aqui nasce muito almeirão e tanchagem: eles dão muita semente que espalham e depois ficam nascendo. Então uma vez que você teve um pé deles e ele deu semente, acabou, vai nascer demais.

O mamão sempre deixo amadurecer para os passarinhos: é **a gente que está ocupando o lugar dos bichos, não são eles que estão ocupando nosso espaço**. Se eles estão comendo é porque estão com fome. Essa semente que eles comem aqui depois eles espalham e vai e nasce um pé de mamão em um outro quintal. Pulgão e lagarta sempre têm na horta, isso só combate com produto químico, mas o que a gente faz aqui é convivência com eles. Não quero mais jogar produto químico para não atrapalhar as abelhas, borboletas, joaninhas. Esse espaço da horta é de muita importância, é muito tranquilo e eu ocupo muito a minha cabeça com o plantar. Para minha esposa ficar mexendo aqui também foi ótimo. **Tenho muito prazer e muita alegria em estar mexendo com a terra.**